

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
PUC/SP

Reuberson Rodrigues Ferreira

**Dom Pedro Paulo Koop:** traços biográficos, atuação no Concílio e a  
recepção do evento conciliar na Diocese de Lins.

Doutorado em Teologia

São Paulo – SP  
2022

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA  
PUC/SP

Reuberson Rodrigues Ferreira

**Dom Pedro Paulo Koop:** traços biográficos, atuação no Concílio e a  
recepção do evento conciliar na Diocese de Lins.

Doutorado em Teologia

Tese apresentada à Banca Examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção do título  
de Doutor em Teologia, sob a orientação do  
Prof. Dr. Ney de Souza.

São Paulo – SP  
2022

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Ney de Souza  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/ SP  
(Orientador)

---

Prof. Dr. Fernando Altemeyer Junior  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/ SP

---

Prof. Dr. José Oscar Beozzo  
Centro Ecumênico de Serviço a Evangelização e Educação Popular - CESEEP/SP

---

Prof. Dr. Rodrigo Coppe Caldeira  
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais PUC/MG

---

Prof. Dr. Wagner Lopes Sanchez  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/ SP

---

Prof. Dr. Agenor Brighenti - (Suplente)  
Pontifícia Universidade Católica de Curitiba/ PR

---

Antônio Genivaldo Cordeiro de Oliveira (Suplente)  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC/ SP

*“A ninguém passa despercebido que neste tempo após o Concílio Vaticano II iniciamos uma nova fase na História da Igreja.”*

*“Pesa sobre nós o dever de dar forma e vida, figura concreta ao Espírito do Concílio. Havemos de congregar-nos, nós todos, no esforço sério de dar forma e vida ao Concílio em nosso país, em nossa região, em nossa paróquia”*

**(Dom Pedro Paulo Koop, M.S.C)**

Dedico este trabalho à memória de José Raimundo Ferreira, Iranilse Rodrigues Ferreira e Padre Luís Risso, MSC.

O presente trabalho foi realizado com apoio da  
Coordenação de Aperfeiçoamento de  
Pessoal de Nível Superior- Brasil (CAPES) – nº  
88887.343884/2019-00

This study was financed in part by the  
Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal  
de Nível Superior – Brasil (CAPES) – nº  
88887.343884/2019-00

Conquanto uma tese possa ser, pela sua especificidade acadêmica, um trabalho pessoal, por vezes solitário, há aportes afetivos, didáticos e metodológicos que não podem deixar de ser vicejados ao cabo de um exercício como este. Desse modo cumpro a prazerosa missão de agradecer a todos, ainda que cite apenas alguns:

À Província de São Paulo da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração que tão somente autorizou-me cumprir esta etapa de aprofundamento teológico.

Ao meu orientador, professor Dr. Ney de Souza pela acuidade metodológica com a qual me conduziu ao longo do desenvolvimento desta tese. Igualmente pela sempre constante confiança no potencial de novos pesquisadores bem como pelo estímulo e desafio à produção e à pesquisa com rigor científico.

Ao Professor Dr. José Oscar Beozzo, luminar brasileiro da pesquisa em história da Igreja e estreito colaborador de Dom Pedro Paulo Koop, com quem eu travei os iniciais contatos sobre esta tese e muito me ajudou dispondo de memórias afetivas, arquivos pessoais, referências bibliográficas, apontamentos e amizade gratuita ao longo deste processo.

Ao professor Hugues Armand Odile Emeric d'Ans (Hugo d'Ans), pela leitura atenta e vibrante dos originais deste texto, pela correção precisa tanto em português quando em francês bem como pelos oportunos e necessários comentários e observações à esta tese.

Ao bispado de Lins, na figura do atual bispo diocesano, Dom Francisco Carlos da Silva. Igualmente ao chanceler do bispado, Padre Dr. Washington Lair Urbano Alves pela sempre pronta e solícita atenção aos meus diversos pedidos de consulta de materiais, arquivos e imagens do bispado.

Ao bispado de Bauru, diocese gestada sob o empenho de Dom Pedro Paulo Koop, na figura do atual bispo diocesano, Dom Rubens Servilha e do chanceler do bispado, Padre Adinan Roniere pelo acesso aos arquivos do bispado e da catedral.

Aos arquivistas da Casa Geral e Provincial de São Paulo dos Missionários do Sagrado Coração (também ao provincial), pelo acesso encômio aos arquivos das respectivas instituições. Igualmente ao superior provincial dos MSC na Holanda, Padre Theo te Wierik, pelo aberto, confiante e irrestrito acesso ao arquivo de sua província.

Ao Centro Universitário Sagrado Coração de Bauru, particularmente as religiosas do Instituto das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus e ao Núcleo de Pesquisas em História (NUPHIS) pelo acesso ao acervo hemerográfico do centro de pesquisa, mormente do Jornal a Fé, do qual o Vigário Forâneo Pedro Paulo Koop foi diretor por longos anos.

Aos confrades, Luís Carlos Araújo Moraes pelas diversas revisões em partes do texto e incentivo a produção acadêmica; Joaquim dos Santos Filho, pela acolhida em sua casa durante pesquisa em Bauru (SP); Air José de Mendonça, pelo acesso aos arquivos da Paróquia São José (SP); Valmir Teixeira, pela pesquisa nos Livros tombos da Paróquia Nossa Senhora da Soledade (MG) e a Leonardo Henrique por ler fragmentos deste texto.

Ao padre do clero de Bauru Carlos Henrique Andrade Siqueira, pároco de Santa Terezinha; do clero de Lins, os Padres Mauro Sirico dos Santos e Padre Sérgio Pereira de Oliveira, respectivamente, párocos em Pirajuí e Presidente Alves, pelo acesso que eles me concederam aos Livros Tombos de suas paróquias, nas quais Padre Pedro Paulo Koop trabalhou.

Agradeço as bibliotecárias da PUC/SP e da “Casa de Pesquisa Religiosa” da Congregação do Santíssimo Redentor, pela sempre acurada indicação bibliográfica e, não raro, por oferecerem condições inusitadas para que tivesse acesso a algumas obras, sobretudo em tempos de pandemia.

Àqueles que compõe a Paróquia e Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração - paroquianos - onde exerço o ministério sacerdotal e na qual foi precedido em anos por Padre Pedro Paulo Koop, pela fraternidade e compreensão de repetidas ausências.

Igualmente aos meus colaboradores mais diretos na gestão do Santuário (Vanda, Roseli, Rita, Débora). Particularmente, Elismara Oliveira, grande amiga que Deus me concedeu, pela solidariedade, pelo trabalho em conjunto, pelo apoio nos momentos de debilidade física e mental bem como pela alegria e vibração com cada passo meu nesta pesquisa.

À professora e paroquiana do Santuário, Rosi Barros, pela revisão de Língua portuguesa aplicada a esta tese.

Aos confrades e sacerdotes que trabalharam comigo no Santuário ao longo desses anos de pesquisa, Milton Tassoni, Angelo Cortez, Francisco Tarcísio e Anderson Pereira, pela fraternidade e disposição em assumir muitos compromissos que tive que remanejar em vista de avançar na pesquisa.

*A Deus - vocatus atque non vocatus, Deus aderit* - princípio e fundamento de nossa história, a quem buscamos ser sacramento do seu Reino.

Por fim, a todos os homens e mulheres de boa vontade que, mesmo sem que estivessem diretamente ligados ao universo desta pesquisa, colaboraram para que esta tese chegasse ao seu termo.



## RESUMO

**Dom Pedro Paulo Koop:** traços biográficos, atuação no Concílio e a recepção do evento conciliar na diocese de Lins.

**Resumo:** A presente pesquisa busca expor a relação entre a biografia de Dom Pedro Paulo Koop, Bispo de Lins, e o processo de recepção do Vaticano II. Para atingir esse objetivo o texto apresenta traços biográfico do personagem. Aponta elementos de sua formação familiar, sacerdotal, religiosa e de sua atuação pastoral do Brasil. O texto aponta, sistematicamente, a ação do personagem no período que antecedeu o Concílio, particularmente sua relação com os movimentos renovadores pré-conciliares e a consolidação do bispado de Bauru. Com a eleição do religioso ao ministério episcopal, aponta-se sua atuação no interior da assembleia conciliar, seus movimentos dentro do Concílio e suas posições defendidas nessa reunião. No movimento pós-conciliar, sob a liderança e o protagonismo desse bispo, busca-se demonstrar como foi recepcionado na diocese Linense as intuições, ideias, definições e proposições conciliares. Evidencia-se de maneira particular, elementos ligados a colegialidade, a eclesiologia do povo de Deus e desenvolvimento humano. A perspectiva de abordagem desta pesquisa é a de revisão de literatura e acesso a fonte sobre o personagem e o Concílio.

**Palavra chaves:** Pedro Paulo Koop – biografia – Vaticano II – Diocese de Lins - Recepção

## **ABSTRACT**

**Dom Pedro Paulo Koop:** biographical aspects, performance in the Council and the reception of the conciliar event in the diocese of Lins

**Abstract:** The present research seeks to expose the relationship between the biography of Dom Pedro Paulo Koop, Bishop of Lins, and the process of reception of Vatican II. To reach this objective, the text presents the biographical traces of the character. It points out elements of his family, priestly and religious formation and of his pastoral work in Brazil. The text points out, systematically, the action of the character in the period that preceded the Council, particularly his relationship with the pre-conciliar renovation movements and the consolidation of the bishopric of Bauru. With the election of the religious to the episcopal ministry, it is pointed out his action inside the conciliar assembly, his movements inside the council and his positions defended in this meeting. In the post-conciliar movement, under the leadership and the protagonism of this bishop, we seek to demonstrate how the conciliar intuitions, ideas, definitions, and propositions were received in the Linense diocese. In a particular way, elements linked to collegiality, the ecclesiology of the people of God, and human development are evidenced. The perspective of approach of this research is that of literature review and access to sources about the character and the Council.

**Keywords:** Pedro Paulo Koop – biography – Vatican II – Diocese of Lins – Reception

## ABREVIATURAS E SIGLAS

**AA:** Acta et documenta concilio oecumenico Vaticano II apparando, series prima (antepreparatoria), Typis Polyglottis Vaticanis 1960-1961.

**AAS:** Acta Apostolicae Sedis

**AAV:** Arquivo apostólico Vaticano

**ACAB:** Arquivo da Cúria Arquidiocesana de Botucatu - São Paulo – Brasil

**ACDB:** Arquivo da Cúria Diocesana de Bauru – São Paulo – Brasil

**ACDESB:** Arquivo da Catedral do Divino Espírito Santo Bauru – São Paulo – Brasil

**ACDL:** Arquivo da Cúria Diocesana de Lins – São Paulo - São Paulo - Brasil

**ACGMSC:** Arquivo da Casa Geral dos Missionários do Sagrado Coração – Roma - Itália

**ACPMSC – PN:** Arquivo da Casa Provincial dos Missionários do Sagrado Coração - Província Neerlandesa

**ACPMSC – SP:** Arquivo da Casa Provincial dos Missionários do Sagrado Coração - Província de São Paulo – Brasil

**ACPMSC-PN/ ENK:** Arquivo da Província Neerlandesa dos Missionários do Sagrado Coração no Erfgoedcentrum Nederlands Kloosterleven

**AG:** Decreto *Ad Gentes*

**AITEL –** Arquivo do Instituto Teológico de Lins “Dom Pedro Paulo Koop” – Lins - São Paulo – Brasil

**ANPRRJ:** Arquivo Nacional da Presidência da República no Rio de Janeiro - Brasil

**ANUPHIS:** Arquivo do Núcleo de Pesquisa em História - Universidade Sagrado Coração Bauru - São Paulo – Brasil

**AP:** Acta et documenta concilio oecumenico Vaticano II apparando, series secunda (preparatoria), Typis Polyglottis Vaticanis 1969.

**APNSS:** Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Soledade – Minas Gerais - Brasil

**APPGA:** Arquivo do Pessoal do Professor Geraldo Aguiar

**APPJOB:** Arquivo do Pessoal do Professor José Oscar Beozzo

**APSCPA:** Arquivo da Paróquia Santa Cecília em Presidente Alves – São Paulo

**APSJC:** Arquivo da Paróquia São José de Campinas – São Paulo

**APSNSSC:** Arquivo da Paróquia e Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração - São Paulo – Brasil

**APSSP:** arquivo da Paróquia São Sebastião de Pirajuí – São Paulo – Brasil

**APSTB:** Arquivo da Paróquia Santa Teresinha em Bauru – São Paulo – Brasil

**ARNSSC:** Arquivo da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração - São Paulo – Brasil

**AS:** Acta Synodalia sacrosancti concilii oecumenici Vaticani II, Typis Polyglottis Vaticanis

**CALMAS:** Comissão Arquidiocesana de Liturgia Música e Arte sacra

**CD:** Decreto *Christus Dominus*

**CDP:** Conselho Pastoral Diocesano

**CEBS:** Comunidade Eclesial de Base

**CET:** Centro de Educacional do Trabalho

**CNBB:** Conferência Nacional dos Bispos do Brasil

**CTA:** Centro de Treinamento de Araçatuba

**IAJES:** Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor

**INTEC:** Instituto Noroestino de Trabalho, Educação e Cultura

**IPPH:** Instituto Paulista de Promoção Humana

**ISPAC:** Instituto Pastoral de Catequese

**ITEL :**Instituto Teológico de Lins ITEL

**LDB:** Lei de Diretrizes e Bases da Educação

**LG:** *Lumen Gentium*

**MMA:** Movimento de Mulheres de Andradina

**MSC:** Missionários do Sagrado Coração

**OFM:** Ordem dos Frades Menores

**PC:** Decreto *Perfectae Caritatis*

**PO:** Decreto *Prebyterorum Ordinis*

**REB:** Revista Eclesiástica Brasileira

**UNESP:** Universidade do Estado de São Paulo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO GERAL</b> .....	24
<b>I CAPÍTULO - O PERSONAGEM:</b> a infância, a formação, a vida consagrada, o ministério sacerdotal e a eleição ao episcopado de Pedro Paulo Koop.....	35
<b>Introdução</b> .....	35
<b>1 Nos Países Baixos, entre as flores de Hillegom:</b> a família, a infância e a vocação .....	37
1.1 O pequeno povoado na Holanda do Sul.....	37
1.2 A família Koop: pais modestos e irmãos numerosos.....	39
1.3 Vida sacramental do pequeno Pedro Paulo Koop: breves notas.....	47
<b>2 Entre Tilburg, Arnhem e Stein:</b> os primeiros passos na formação religiosa, acadêmica e a ordenação sacerdotal .....	48
2.1 Escola Apostólica de Tilburg: o ingresso no outono de 1918.....	53
2.2 Ao final das férias do verão de 1924 a chegada ao noviciado.....	57
2.3 O universo acadêmico e o ministério: os Cursos de Filosofia, Teologia, as ordens menores e a ordenação sacerdotal.....	59
<b>3 Atuação missionária na “Terra bendita”:</b> os primeiros passos no Brasil.....	64
3.1 Itajubá, propedêutico em terras brasileiras.....	70
3.2 Pedro Paulo Koop em Pirajuí: “Deixou vir a si todas as crianças” .....	75
3.3 Presidente Alves, uma página ilegível.....	84
3.4 Campinas e a fama de Propagandista: Vigário coadjutor, fundação da Revista de Nossa Senhora do Sagrado Coração, Arquiconfraria e Pequena Obra.....	88
3.5 São Paulo: o Santuário e a difusão da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração.....	103
3.6 Noroeste Paulista, Bauru: de vigário coadjutor a eleição ao Episcopado.....	121
<b>Conclusão parcial</b> .....	152
<b>II CAPÍTULO - O PERSONAGEM E O CONCÍLIO:</b> O Padre e o Bispo Pedro Paulo Koop sob o pálio do Vaticano II .....	157
<b>Introdução</b> .....	157

<b>1</b>	<b>Entre Pio XII e João XXIII: Pedro Paulo Koop e os movimentos de renovação na (arqui)diocese de Botucatu anteriores ao Vaticano II (1948–1958)</b> .....	160
<b>2</b>	<b>Padre Pedro Paulo Koop e a preparação imediata para o Concílio: fase antepreparatória e preparatória</b> .....	185
<b>3</b>	<b>Abertura, I e II período conciliar: Padre Koop o Bispado de Bauru e a eleição ao Episcopado</b> .....	215
3.1	A reabertura do Concílio, segundo período conciliar.....	233
<b>4</b>	<b>Dom Pedro Paulo Koop, bispo de Lins, e sua atuação no interior do Concílio: III período 1964</b> .....	243
<b>5</b>	<b>Dom Pedro Paulo Koop e a IV sessão conciliar 1965: a celeuma da intervenção</b> .....	256
	<b>Conclusão parcial</b> .....	273
<b>III CAPÍTULO - O CONCÍLIO E O PERSONAGEM: alguns aspectos da recepção Concílio na diocese de Lins sob a liderança de Pedro Paulo Koop</b> .....		277
	<b>Introdução</b> .....	277
<b>1</b>	<b>A recepção do Concílio Vaticano II na diocese de Lins com Dom Pedro Paulo Koop: metodologia e instrumentais</b> .....	279
1.1	Percepções, motivações e “metodologia” .....	279
1.2	Secretariado Diocesano de Pastoral: instrumental a serviço da recepção do Concílio em Lins.....	294
<b>2</b>	<b>ASPECTOS ECLESIOLÓGICOS DA RECEPÇÃO DO CONCÍLIO EM LINS: Igreja Povo de Deus, colegialidade e promoção humana</b> .....	308
2.1	Do cabido ao Conselho presbiteral: Colegialidade Pastoral.....	311
2.2	Regiões Pastorais, Vigararias (Regiões) Episcopais e Vigário Episcopal Pastoral: espectros da recepção kerigmática e prática.....	321
2.3	Comunidades Eclesiais de Base: uma forma de recepção da eclesiologia conciliar.....	329
2.4	Conselho Diocesano de Pastoral: representação comunitária, contribuição à pastoral diocesana.....	338
2.5	Liturgia: da letra ao Espírito conciliar no bispado de Lins.....	344

2.6	Ação sociotransformadora: IPPH, INTEC, CET e a Comissão Diocesana de Direitos Humanos.....	354
<b>3</b>	<b>Ministérios e recepção do Vaticano II em Lins: Laicato e Sacerdócio.....</b>	<b>367</b>
3.1	Laicato no bispado de Lins a partir de Dom Pedro Paulo Koop: da esperança patente ao protagonismo latente.....	368
3.2	Ministério sacerdotal e Dom Pedro Paulo Koop: Um novo padre, para um novo tempo.....	383
<b>4</b>	<b>Voices dissonantes à recepção capitaneada por Koop.....</b>	<b>399</b>
<b>5</b>	<b>Epílogo: Outra vez a colegialidade, a sucessão.....</b>	<b>411</b>
5.1	Seus últimos dias na “Amada diocese de Lins” .....	418
	<b>Conclusão parcial.....</b>	<b>421</b>
	<b>À GUIA DE CONCLUSÃO GERAL: constatações, interrogações e prospecções.....</b>	<b>426</b>
	<b>REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS.....</b>	<b>435</b>
	<b>ANEXO I</b>	<b>472</b>
	<b>ANEXO II</b>	<b>479</b>
	<b>ANEXO III</b>	<b>480</b>
	<b>ANEXO IV</b>	<b>481</b>
	<b>ANEXO V</b>	<b>482</b>
	<b>ANEXO VI</b>	<b>483</b>
	<b>ANEXO VII</b>	<b>486</b>
	<b>ANEXO VIII</b>	<b>487</b>
	<b>ANEXO IX</b>	<b>488</b>
	<b>ANEXO X</b>	<b>489</b>
	<b>ANEXO XI</b>	<b>503</b>
	<b>ANEXO XII - Imagens Diversas</b>	<b>506</b>

## INTRODUÇÃO GERAL

Na obra *Incidente em Antares*, do imortal Erico Verissimo, em meio ao suspense dos mortos que não morrem e revivem, despontam duas figuras sacerdotais: Gerônimo e Pedro Paulo. Ambos, vivíssimos, são antípodas em suas posições e ilustram bem um período singular da Igreja, vivido sobretudo nos anos imediatamente posteriores ao Concílio convocado por João XXIII. De um lado, há o Padre Gerônimo. Figura taciturna, franzina, circunspecta e embatinada, presumivelmente, formado sob o pálio de uma teologia de imposição tridentina, escolástica e manualística. Na ficção, ele acredita que o misterioso fenômeno do reviver dos mortos é o prelúdio do apocalipse. Reclama-se da ausência do latim nas missas e dos rumos da Igreja. É paladino de uma relação vertical, distante e protocolar com o povo. De outro lado, o Padre Pedro Paulo, jovem sacerdote, recém-ordenado. Hipoteticamente, pode-se dizer, formado à luz da pedagogia e da teologia dos movimentos de renovação que fecundavam os passos anteriores ao Concílio ou mesmo dos postulados conciliares. Vive envolto com as questões sociais. Alegria-se com as pequenas comunidades, preocupa-se com as causas operárias e com a juventude. Para as autoridades é um incrédulo e para os vacarianos, um comunista, um vermelho.<sup>1</sup> Esses dois modelos distintos, frutos do realismo fantástico do escritor gaúcho, plastificam um enclave eclesiológico real e não romanceado próprio da segunda metade do século XX: a transição ou a convivência de dois modelos de Igreja no Brasil (e no mundo) após a celebração do Vaticano II.

A metáfora de Verissimo embora não verse exclusivamente sobre questões teológicas, empresta base para afirmar que entre os dois modelos eclesiais – o do Padre Gerônimo e do Padre Pedro Paulo - num nicho intermediário, insere-se uma outra figura,

---

<sup>1</sup>VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Companhia das Letras. 2013, p. 180: “Quando deixei a Igreja o velho me acompanhou até ao centro da praça. É um homem [Pe. Gerônimo] de setenta e poucos anos, embora aparente mais idade na sua magreza pálida, nos olhos líquidos, nas costas encurvadas e no caminhar hesitante. [...] Falamos depois no problema do mal e do pecado no mundo moderno, e na situação atual da Igreja Católica. O pe. Gerônimo diz que respeita e estima João XXIII — um verdadeiro candidato à canonização —, mas acha (‘Deus me perdoe’) que no seu pontificado a Igreja avançou demais em suas reformas. Meu caro professor — diz o pároco com a sua voz débil —, Igreja sem latim, sem o velho ritual e com todas essas novidades... padre sem batina, música profana... não, não é mais a Igreja de Cristo. Vamos acabar na nudez seca do protestantismo. E é uma tristeza! O padre Pedro-Paulo (o senhor o conhece porque já os vi juntos) é desses sacerdotes jovens, ‘pra frente’, como diz o vulgo. Imagine, permite que uns meninos boêmios e esquisitos toquem música de jazz nas suas missas. Pois é. Onde vamos parar com essas modernices? cá para nós (conto com a sua discrição), para o meu gosto, o padre Pedro-Paulo preocupa-se demais com política. Já leu até Marx e Lênin, isso para não falar em outros comunistas ateus. É um bom moço, reconheço, dedicado à sua paróquia, muito querido dos operários, não nego. Mas acho que está deslumbrado com todas essas reformas da nossa Madre Igreja. Agora me diga, doutor, será que ele e os outros que pensam do mesmo jeito estão certos e eu errado, por velho e casmurro? Não sei. Não sei”.



esta não ficcional, mas real, que viveu no século passado: *Petrus Jonnanhes Paulus Koop*, seu nome civil e de batismo. Pedro Paulo Koop – homônimo do personagem de Verissimo – como era chamado comumente no Brasil ou *Piet Koop*, com era conhecido entre os membros de sua congregação religiosa.<sup>2</sup> Trata-se de um holandês natural de Hillegom que se tornou religioso e sacerdote Missionário do Sagrado Coração, posteriormente, bispo de Lins. Viveu como presbítero e bispo, mais de meio século no Brasil. Habitando entre as altas montanhas mineiras, a planície do piratininga e o noroeste paulista. Sua vida sacerdotal trafegou entre uma formação pré-conciliar e uma atuação intra e pós-conciliar. Sendo, como ele mesmo se autodefiniu, bispo da “viragem do Concílio Vaticano II. [Responsável] de criar condições para que a renovação se realizasse[...]”<sup>3</sup> em sua diocese. Essa personagem histórica e sua relação com o Concílio convocado por João XXIII, particularmente o modo como ele o recebeu e lhe deu azo em sua diocese é o escopo desta pesquisa, é o mote de interpelação desta tese.

Esta investigação insere-se num amplo espectro que visa associar de maneira transversal elementos biográficos ao processo de recepção do Vaticano II. Ela busca reconstruir uma biografia pessoal e associá-la à Teologia da Recepção visando entender como opções, convicções e entendimentos pessoais foram capazes de dar curso a recepção do Concílio convocado por João XXIII. Ademais, a pesquisa, além de salvaguardar, reunir e apontar fontes, visa discutir, interpretar e historicizar, como propõe alguns teóricos,<sup>4</sup> a figura de padres conciliares. Neste caso, Dom Pedro Paulo Koop, religioso Missionário do Sagrado Coração e sua relação com o Concílio. De modo especial, quer-se averiguar, mesmo que de maneira parcial, a forma como ele recebeu e implementou as inspirações desse evento eclesial no sólio episcopal que lhe foi confiado. Trata-se de assumir, a perspectiva da terceira geração da escola historiográfica chamada

---

<sup>2</sup>Convém dizer que ao longo desta Tese usar-se-á essas variáveis para referir-se a Dom Pedro Paulo Koop: *Petrus Johannes Jozef Koop*, *Piet Koop*, *Pedro Paulo Koop*, *Padre Pedro Paulo*, *Padre Koop*, *Dom Pedro Paulo Koop*, *Dom Pedro Koop*, *Dom Paulo Koop*, *Dom Paulo* e *Dom Koop*. Sobre a alteração do nome *Petrus Johannes Jozef Koop* para *Pedro Paulo Koop*, não há uma explicação clara sobre o tema. É voz corrente entre alguns Missionários do Sagrado Coração holandeses no Brasil que no princípio da missão no país os nomes eram “abrasileirados.” Talvez nessa ideia resida a razão da mudança, contudo não explica a introdução do nome “Paulo” visto que, literalmente, a tradução do seu nome seria: “Pedro João José Koop” Conclui-se que, por fontes documentais, não se consegue chegar ao motivo dessa mudança.

<sup>3</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 7.

<sup>4</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p.21; Também: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 41; Cf. GIUSEPE, Alberigo e MELONI, Alberto. Per la istorcizazione del Vaticano II. In: GIUSEPE, Alberigo. **Cristianesimo em nela storia**. Bolonha: s/e, v.13. 1992. p. 473-474.

*Écolé de annales*<sup>5</sup> que reviu na biografia um gênero particular a ser explorado em vista da reconstrução da história social e associá-la à Teologia da Recepção que, embora de longínqua tradição, passou a ser sistematizada e muito utilizada para mensurar os efeitos do Vaticano II a partir das três últimas décadas do século passado.

A discussão historiográfica sobre o uso de biografias para reconstrução de personagens históricos é longa e complexa, marcada por vicissitudes e singularidades. Desde o uso excessivo para criar mitos nacionais até o extremo oposto de total aversão por esse modelo investigativo ou a retomada dessa perspectiva mediada por um novo tono metodológico, um grande arco espaço-temporal foi processado. De fato, na perspectiva das escolas historiográficas,<sup>6</sup> sobretudo aquelas que influenciaram o campo do conhecimento histórico nos últimos anos, essa ideia é corroborada. Sob o prisma positivista, as biografias surgiram para fundamentar a criação dos grandes heróis nacionais, narrando seus feitos públicos e construindo uma reputação ilibada, linear e digna de ser replicada; Sob a égide da historiografia marxista, o paradigma dos grandes heróis foi criticado e as vidas pessoais ganharam menor relevo, visto que a história e os personagens eram narradas a partir de super estruturas e não de características individuais; A *Écolé de annales*, embora surgida em oposição ao positivismo histórico, recobrou na, assim chamada terceira fase, a discussão do gênero biográfico, aportando novas características e novos aspectos a serem abordados.

Essa assunção de biografias no cenário das pesquisas vem dotada de um novo sentido e de uma nova perspectiva. O pesquisador, Benedito Bisso Schmit<sup>7</sup>, aponta as naturais mudanças de abordagem entre uma e outra. Se num primeiro momento o uso de biografia destinava-se a construir ou a descrever grandes vultos da história, personagens de máxima envergadura ou de alcance generalizante, nesta nova perspectiva, ela pende para apresentar personagens comuns. Uma outra diferença no atual uso das biografias refere-se aos objetivos a que ambas se propõem. O uso mais recente destina-se a interpretar contextos mais amplos através da vida dos personagens, ao passo que o mais remoto visava enaltecer ou depreciar virtudes particulares propondo-os, ou não, como

---

<sup>5</sup>Cf. LORIGA, Sabina. Biografia como problema. In. RAVEL, Jaques (Org). **Jogos de Escalas**. Rio de Janeiro Editora Fundação Getúlio Vargas. 1998, p. 225-250.

<sup>6</sup>Cf. SCHIMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre Gênero Biográfico**: A trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945). Porto Alegre: UFRGS. 1996, p. 9-34. (Tese doutoral).

<sup>7</sup>Cf. SCHIMIDT, Benito Bisso. Luz e papel, realidade e imaginação: as biografias na história, no jornalismo, na literatura e no cinema **XXII Encontro Anual da ANPOCS**. Caxambu/MG, outubro de 1998.

modelos de vida. Ademais, uma última diferença entre os dois modos de abordar a questão biográfica diz respeito ao modelo de construção da narrativa. Teses mais antigas buscavam construir biografias, numa perspectiva retilínea, traçando características que pareciam presente desde sempre (Ilusão biográfica) na história do indivíduo ao passo que os novos modelos visam analisar a história de vida a partir de suas vicissitudes históricas, sem fixar em seu objeto de estudo um único denominador comum, sem traçar previamente um modo de lê-lo a partir de fatos já conhecidos de sua história.

Largo traços, a emergência da biografia no cenário acadêmico atual, prima, entre outros, por personagens de menor vulto. Destina-se a analisar contextos maiores a partir de histórias pessoais e narra a história numa perspectiva de uma leitura contextual, sem estabelecer fios determinantes da conduta do biografado. Essa postura é a que se assume nesta tese ao buscar relacionar a biografia de Dom Paulo Koop com o Concílio Vaticano II. Quer dizer, um personagem que mesmo sendo ilustre, não é generalizante. Igualmente uma história de vida que permite entender, num grau menor, fragmentos de um acontecimento maior, neste caso, o Vaticano II e sua recepção. Por fim, fazer uma leitura buscando entendê-lo (Paulo Koop) e suas opções a luz do contexto que vivia e não a partir de uma reflexão pautada por um denominador comum previamente estabelecido.

Paralelo ao conceito de biografia, apresenta-se o de Teologia da recepção como mediação desta reflexão. Sobre essa ideia deve-se dizer que ela é uma acepção antiga, ampla e generalizada, tanto como realidade humana quanto com expressão fundamental da fé. Em sentido amplo, recepção, do latim *receptio* ou do grego *δεχεται* (*Dechesthai*, aceitação), designa o fato de acolher ou receber alguma coisa, algum bem. Sua prática, é vivida e sentida desde as origens mais remotas da Igreja. Aquilo que a Igreja é, crê e vive resulta, em última análise, da recepção de postulados de fé a ela outorgados.<sup>8</sup> A fé, portanto, pode-se, dizer bem mais que um exercício de escuta – *fides ex auditu auditus*<sup>9</sup> – é uma ação de recepção, uma acolhida da mensagem apresentada. Na perspectiva bíblica, os evangelhos,<sup>10</sup> os atos dos apóstolos<sup>11</sup> e alguns textos paulinos<sup>12</sup> sustentam essa argumentação.

Do ponto de vista teológico, o conceito de recepção logrou grande impulso a partir da segunda metade do século XIX, sobretudo no período pós Concílio Vaticano II.

---

<sup>8</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 65.

<sup>9</sup>Cf. Rm 10,17.

<sup>10</sup> Mt 4,20; 10,40; Jo 13,20; Mc 10,15 ss.

<sup>11</sup>Cf. At 2, 41-42; At 15,30ss.

<sup>12</sup>Cf. 1Cor 11, 21; 15, 1.

Embora houvesse estudos anteriores sobre esse tema, pode-se creditar a gênese da articulação moderna desse conceito ao jesuíta alemão Aloys Grillmeier.<sup>13</sup> Contudo, foi o teólogo Yves Congar, que dilatou e aprofundou a tese do jesuíta teotônico. Congar apresenta-a como categoria e realidade eclesiológica.<sup>14</sup> A novidade dessa perspectiva assumida pelo teólogo dominicano, que deu ampla base a sistematizações posteriores, reside no fato de situar a reflexão como uma realidade eclesial ampla e própria da Igreja. Todos os processos eclesiais são, portanto, passivos de recepção, dentre os quais normas conciliares, sinodais, jurídicas e litúrgicas. Recepção, portanto, é aspecto constitutivo de toda a teologia e de toda a realidade eclesial.

As bases teóricas lançadas por Grillmeier e Congar desencadearam uma profusão de estudos sobre a recepção. A década de oitenta e noventa difundiu, sistematizou e sintetizou a categoria teológica da recepção impulsionada pelos estudos de recepção do Vaticano II, após vinte anos de sua celebração.<sup>15</sup> O século vinte e um, também, testemunhou um alvorecer de reflexões sobre o processo de recepção do Concílio convocado por João XXIII. Há estudos recentes como o do jesuíta franco-alemão, Christoph Theobald, em língua francesa, que apresenta uma robusta reflexão teórico-conceitual sobre o processo de recepção do Concílio.<sup>16</sup> Em Língua espanhola, particularmente na América Latina, há pesquisa de Santiago Madrigal Terrazas<sup>17</sup> e Rodrigo Polanco<sup>18</sup> que entendem, com suas particularidades próprias, a recepção com um processo de apropriação, num espaço histórico-temporal, de uma norma universal por uma comunidade eclesial local, que no caso específico do continente Latino Americano, revelou-se como um processo criativo e dinâmico. Em Língua portuguesa, embora dos últimos anos do século vinte, impõe-se a obra do teólogo lusitano, José Eduardo Borges Pinho que, na linha do pensamento de Yves Congar, busca apresentar os fundamentos teológicos e hermenêuticos da recepção.<sup>19</sup> No Brasil, há estudos conceituais sobre

---

<sup>13</sup>OTADUY, J. Discernir la recepción. Las acepciones del concepto y su relieve en el derecho. **Fidelium Iura**. Navarra, n. 7, 1997, p. 9.

<sup>14</sup>CONGAR, Yves. A recepção como realidade eclesiológica. **Concilium: Revista internacional de Teologia**. Petrópolis, 1972, n. 7, p. 887ss.

<sup>15</sup>OTADUY, Javier. Discernir la recepción. Las acepciones del concepto y su relieve en el derecho. **Fidelium Iura**. Navarra, n. 7, 1997, p. 9.

<sup>16</sup>Cf. THEOBALD, Christoph. **A recepção do Concílio Vaticano. II**. vol. I. São Leopoldo: Unisinos, 2015.

<sup>17</sup>Cf. TERRAZAS, Santiago Madrigal. La recepción del Concilio Vaticano II. **Revista Iberoamericana de teología**. v.6, n.13, julho-dezembro 2011, p. 57-90.

<sup>18</sup>Cf. POLANCO, Rodrigo. Concepto teológico de recepción com vistas a su aplicación al desarrollo posterior al Concilio Vaticano II. **Revista Teología y vida**. v. 54, n. 2, 2013, p. 205-231.

<sup>19</sup>PINHO, José Eduardo Borges. **A recepção como realidade eclesial e tarefa ecumênica**. Lisboa: Didaskalia, 1994.

recepção<sup>20</sup> bem como existem pesquisas que servem-se da teologia da recepção para analisar o processo de apropriação das ideias conciliares em uma diocese<sup>21</sup> em uma arquidiocese<sup>22</sup> ou em um conjunto de Igrejas particulares.<sup>23</sup> Há, ainda algumas investigações que aplicam o conceito de recepção à personagens do evento conciliar,<sup>24</sup> buscando destacar singularidades do processo capitaneado por indivíduos em suas igrejas particulares.

Ciente desse amplo espectro de pesquisas sobre recepção do Vaticano II, nesta tese opta-se por analisar o processo de recepção à luz do conceito e metodologia defendidos pelo teólogo canadense Gilles Routhier. Esse fato porque em nível de conceitualização, esse teórico apresenta uma forma adensada de análise da recepção das definições conciliares bem como porque goza de grande influência em boa parte das pesquisas sobre esse processo realizadas no Brasil. A obra *La réception d'un Concile*, secundada por outras do mesmo autor, busca “definir e descrever este processo [de recepção] a fim de tornar o conceito mais operacional e mais apto a apoiar as análises relativas a fatos particulares de recepção.”<sup>25</sup>

Routhier, em muitos aspectos, é herdeiro da definição de Congar, entende “recepção como um processo espiritual pelo qual as decisões propostas por um Concílio são recebidas e assimiladas na vida de uma igreja local e se tornam para ela uma expressão viva da fé apostólica.”<sup>26</sup> Esse processo, no entendimento do teólogo canadense é dinâmico, contínuo<sup>27</sup> e envolve, para ser analisado, “as condições sociais, políticas, econômicas e culturais de um determinado lugar, e a ação de várias pessoas ou grupos

<sup>20</sup>Cf. BRIGHENTI, Agenor. Processo de recepção de um Concílio na Igreja: uma conceitualização teológica. **Encontros Teológicos**. Florianópolis. a.17, v.2. n.33. 2002, p.41-56.

<sup>21</sup>Cf. VIEIRA, FÁBIO. **O Concílio no Sertão: As transformações no Catolicismo no norte de Minas a partir do Vaticano II**. Montes Claros: Editora Unimontes, 2014.

<sup>22</sup>Cf. CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Assembleia do povo de Deus (APDs): uma faceta da recepção do Concílio Vaticano II. In: BOSCHI, Caio Cesar; PINHEIRO, Luiz Antônio. **Arquidiocese de Belo horizonte e a Evangelização**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2014, p.208-254.

<sup>23</sup>COUTINHO, Sérgio. **"VERBALIZAÇÃO DO SAGRADO" EM TEMPOS DE FRONTEIRA: A recepção do Concílio Vaticano II no Maranhão, 1959-1979**. Goiânia: Universidade Federal de Goiás - Faculdade de História, 2015(Tese de Doutorado); Cf. CALDEIRA, Rodrigo Coppe(Org.). **Concílio Vaticano: Experiência e contextos**. São Paulo: Paulinas/ Editora PUCMINAS, 2022.

<sup>24</sup>Cf. SOUZA, Ney. SOBRINHO, Felipe Cosme e Damião. Vaticano II e aspectos de sua Recepção no ABC paulista. **ATeo**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 50, maio. /ago.2015, p. 355-372; SOUZA, Ney. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 63, set./dez.2019, p. 730-749; SOUZA, Ney. Lercaro e a Igreja dos pobres. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. 23, n. 99, maio. /ago.2021, p. 11-23; FERREIRA, Reuberson; SOUZA, Ney. Dom Frei Henrique Golland Trindade e a recepção do Vaticano II na Arquidiocese de Botucatu. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 82, n. 322, p. 377-407, 21 jul. 2022.

<sup>25</sup>ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 70.

<sup>26</sup>ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 69.

<sup>27</sup>ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 70.

de pessoas.”<sup>28</sup> Ele, dentro de uma dinâmica processual, defende que a recepção desenvolve-se em etapas, por Routhier definidas, como Prática e Kerigmática.<sup>29</sup> Essas duas grandes fases do processo de recepção podem ser tipificadas. A primeira, define-se como a do esforço feito pelos “pastores para dar a conhecer as decisões de um Concílio.”<sup>30</sup> A segunda, “é o processo pelo qual uma declaração se infiltra e toma forma nas profundezas da vida eclesial,”<sup>31</sup> não como uma simples repetição, mas como uma síntese assumida pela comunidade de fé. Ambas, bem mais do que elencar resultados do Concílio, delimitam o estágio no qual proposições conciliares estão assentadas em Igrejas locais. Essas duas fases, que envolvem diversos atores e condições sociais, não raro e sobretudo no início do processo conciliar, são simultâneas e complementares. Reclamam-se e exigem-se mutuamente até que seja possível uma recepção prática completa.

A perspectiva de Gilles Routhier é a assumida ao longo desta tese, buscando apresentar qual estágio a recepção capitaneada por Dom Pedro Paulo Koop atingiu na sua diocese, situada ao noroeste de São Paulo, sediada na cidade de Lins. Os dados analisados, os personagens apresentados, os fatos narrados, os elementos discutidos ao longo deste texto, buscarão, desse modo, testemunhar como o processo de recepção conciliar se deu no bispado noroestino, particularmente ao longo dos dezesseis anos que o religioso Missionário do Sagrado Coração foi o bispo ordinário local da diocese. Dado que historicamente esse processo situa-se no período imediatamente pos-Concílio, em muitos aspectos, a recepção caminhará entre um anúncio inicial e práticas concretas à altura dos postulados do Vaticano II. Visto que o processo de recepção não é homogêneo e leva em consideração aspectos contextuais, sociais, culturais e históricos, por vezes, as duas fases caminharão juntas, ora com passos mais acelerados, ora com passos mais lentos, mas sempre representam um estágio do processo de recepção. Em resumo, quer-se, além de apresentar o modo como foi vivida partes da recepção naquela diocese, historicizar o modo como essas fases se configuraram no sólio Linense.

Nesse sentido, torna-se singular nesta tese a simbiose que se busca fazer entre biografias pessoais e Teologia da Recepção. Igualmente reveste desse aspecto alvissareiro, o personagem estudado. Sobre ele, assim como muitos outros padres conciliares, não há uma ampla e profunda pesquisa. Sua vida, sua formação e sua atuação

---

<sup>28</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 70.

<sup>29</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 87. 92.

<sup>30</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 87.

<sup>31</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 92.

no interior do Concílio - que se notabilizou pela proposição da ordenação de *vir pobrati* - ou o modo como ele operou o evento conciliar em seu bispado foi pouco analisado, parcimoniosamente estudado.

Igualmente, atesta a especificidade desta tese o nicho pesquisado. Incipientes são as investigações que analisam recortes históricos e geográficos tão específicos. Escassos são os estudos dirigidos sobre recepção conciliar na região noroeste do estado de São Paulo, quiçá do interior paulista como um todo. Agrega-se a isso as fontes acessadas ao longo desse estudo. Elas por não comporem arquivos públicos ou acessíveis a todos pesquisadores, gozam de um ineditismo natural, visto que são desconhecidos por uma grande maioria. Por fim, toa como um dos mais relevantes aspectos desta tese a opção que se faz pela sua transversalidade. Neste estudo, a um só passo, associa-se história, biografia, teologia e hermenêutica conciliar buscando delinear o modo como uma personagem interpretou o Vaticano II e buscou operá-lo em seu bispado.

Sobre as fontes utilizadas para a construção desta tese deve-se dizer que foram várias. Tributário, em muitos aspectos, da teoria da história, servimo-nos de uma ampla, variada e polissêmica quantidade de bases documentais para esta pesquisa, fontes diretas ou indiretas. Desde livros paroquiais passando por diários, literatura especializada e recortes de jornais, diversos elementos foram usados para compor esta pesquisa. Foram visitados Livros Tombos paroquiais e diocesanos de todas as paróquias e bispados onde Dom Pedro Paulo Koop atuou, notadamente Pouso Alegre (Itajubá), Lins (Pirajuí e Presidente Alves), Campinas (São José) São Paulo (Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração e Revista de Nossa Senhora) e Bauru (Santa Terezinha, Catedral, Nossa Senhora Aparecida) na busca de delinear um perfil pastoral. Assomou-se a isso o acesso as *Acta Synodalia* – em grande parte já digitalizadas – bem como, via José Oscar Beozzo, consulta a Busta 529 digitalizada do Arquivo Apostólico Vaticano, na qual estava toda documentação relativa à questão do debate acerca do celibato sacerdotal no Concílio que havia sido excluída no processo de edição das *Acta Synodalia*. Nelas buscou-se, entre outros, entender o movimento conciliar bem como a reflexão executada pelo bispo no interior do evento. Frequentou-se, ainda, os arquivos das Casas Provinciais (Holanda, São Paulo) e Geral (Itália) dos Missionários do Sagrado Coração com o ideal de contemplar a formação religiosa do sacerdote. Por fim, uma imensa gama de arquivos jornalísticos (Fontes hemerográficas) foram consultados, particularmente o Jornal o Bandeirante, A Fé e a Revista de Nossa Senhora do Sagrado Coração que, dos dois últimos, Padre Paulo Koop, foi diretor. Sua atuação nesses periódicos revela muito de suas preocupações,

concepções acerca de temas eclesiológicos, entre outros. Sendo chamado, por essa razão de padre jornalista. Assomou-se a essas fontes, a revisão de literatura, inúmeras produzidas no Brasil e na Europa sobre o Vaticano II e a questão da recepção.

A luz de uma natural crítica interna pode-se pôr em discussão muitas dessas fontes utilizadas, algumas das quais padecente de organização e catalogação. Livros tombos, nem sempre gozam de uma estrutura comum em seus registros e por isso muitas vezes não são capazes de açambarcar muitas nuances. O próprio Dom Paulo, deixou uma lacuna numerosa nos registros da Paróquia Santa Terezinha. Os arquivos diocesanos ou provinciais, com parca exceção, são padecentes de uma metodologia sistematizada de tratamento de arquivos e registros de dados. De Igual modo, as próprias Atas Conciliares, como provou a exclusão das teses de Dom Pedro no processo de sua edição, são suscetíveis a manipulações assim como as fontes hemerográficas suspeitas de atenderem a interesses de quem as dirige, por isso, passíveis de alterações. Enfim, nenhuma fonte é imune a degenerações. Desse modo, conquanto as críticas sejam plausíveis, deve-se dizer que se optou, na medida do possível pelo confronto, a justaposição e a visão sinótica do coligido dessas fontes, para construir um entendimento mais profundo do personagem estudado e do processo de recepção do Concílio (Desse ponto resulta o expressivo número de notas). Seguiu-se esse caminho sem estabelecer conceitos antecipados, extraindo das diversas fontes aquilo que elas confirmavam (ou não) do processo de recepção conciliar ou da história de vida do personagem estudado.

Nossas hipóteses de pesquisa, a partir das fontes consultadas, foi a de que se há, qual é a correlação entre personagens individuais e a recepção do Concílio em Igrejas particulares. Igualmente quais foram (se houve) as colaborações da figura de Pedro Paulo Koop no processo de recepção do Concílio Vaticano II no Brasil (Particularmente em Lins) e como ela ocorreu no bispado, que após trinta anos de ministério sacerdotal, ele foi chamado a pastorear. Naquele justo momento histórico no qual ocorreu a maior guinada eclesiológica da fase recente da Igreja, plastificada no evento convocado por João XXIII e por ele mesmo alcunhado de flor de inesperada primavera,

A fim de refletir a partir de nossas hipóteses, metodologicamente, a tese está organizada em três capítulos correlatos e concatenados, assim denominados: *o Personagem*; *o Personagem e o Concílio*; e por fim, *o Concílio e o Personagem*. O primeiro busca descrever os traços biográficos de Petrus Johannes Jozef Koop, desde o seu nascimento até sua eleição ao Episcopado; O segundo, na continuidade do relato biográfico do religioso, torna agudo e pontual, a relação de Pedro Paulo com o evento



conciliar, desde seus antecedentes, passando por suas intuições acerca da assembleia até seu posicionamento no interior do Concílio – nunca pronunciado. A terceira fração do texto, busca apresentar, ainda que panoramicamente, como as deliberações conciliares foram sendo decantadas e assentadas no humus concreto da realidade do noroeste de São Paulo sob o pálio da leitura e do entendimento que o bispo holandês fez da assembleia convocada por João XXIII. Os capítulos gozam, portanto, de uma estrutura cíclica, isto é, partem de uma figura à um evento e deste às suas consequências recepcionadas pela mesma personagem no ambiente que lhe competia administrar. Mais ainda, revelam uma compreensão gradual do sacerdote e de sua atuação no Concílio culminando com sua capacidade de operar numa realidade concreta os postulados da assembleia conciliar.

Os capítulos, para uma melhor visualização e entendimento, fruem de uma estrutura própria. Os três são dotados de uma breve introdução que visa situar o leitor nos objetivos daquele capítulo em específico, bem como destacar os passos metodológicos e teóricos que cada unidade se serve para atingir sua finalidade, visto que em cada um justifica-se uma abordagem particular. Todos, também, possuem uma conclusão parcial, corolário das reflexões exaradas ao longo do texto. Um ardil pedagógico para munir o leitor de premissas conclusivas em vista da conclusão final da tese.

O primeiro capítulo intitulado ***O personagem: a infância, a formação, a vida consagrada, o ministério sacerdotal e a eleição ao episcopado de Pedro Paulo Koop***, busca-se, largos traços, reconstruir aspectos da vida de Petrus Johannes Jozef Koop, desde seu nascimento na Holanda até sua eleição, já no Brasil, ao Episcopado. Nesse transcurso, busca-se, a partir das fontes disponíveis, revelar sua história familiar, sua opção vocacional por uma congregação religiosa e missionária, aspectos que consolidaram seu processo formativo e elementos que envolveram sua vinda para o Brasil. Igualmente, delineia-se sua atuação pastoral no Brasil, em geral, ligada à vida paroquial em algumas dioceses e arquidioceses do país como Pouso Alegre (Itajubá), Cafelândia( Pirajuí e Presidente Alves), Campinas(Campinas) São Paulo(São Paulo) e Botucatu(Bauru). Também elementos supra paroquiais do seu trabalho, entre outros, sua relação com os meios de comunicação (Imprensa escrita), a consolidação do bispado de Bauru e a atuação junto a imigrantes japoneses e seus descendentes. Esses elementos são apresentados como traços que constituíram a tempera de Pedro Paulo Koop que logo depois será eleito bispo e pelo momento histórico que a Igreja vivia, também se tonará Padre Conciliar.

***O personagem e o Concílio: o Padre e o Bispo Pedro Paulo Koop sob o pálio do Vaticano II*** é o título imposto ao segundo capítulo desta tese. Ele busca apresentar o nex

de Padre (Dom) Pedro Paulo Koop com o Vaticano II. O foco central é reconstruir elementos do ambiente em que esse sacerdote holandês viveu no período que antecedeu e que se celebrou o Concílio Vaticano II. Parte-se, como marco histórico, da chegada de Dom Henrique Golland Trindade ao bispado de Botucatu (1948) e as mudanças que ele propõe das quais o sacerdote Missionário do Sagrado Coração é signatário e finda-se com a intervenção – não pronunciada em aula conciliar – de Dom Pedro Paulo Koop no Concílio. A fim de equacionar e contextualizar o objetivo deste capítulo buscar-se-á apresentar o horizonte pré-conciliar no decanato de Bauru, do qual Padre Paulo Koop, era Vigário Forâneo, particularmente naquilo que os movimentos de renovação bíblico, litúrgico e ecumênico representaram na Igreja do noroeste paulista. Apresenta-se elemento dos dois períodos iniciais do Concílio e seus reflexos na arquidiocese de Botucatu. O terceiro e quarto período do Vaticano II, dos quais Paulo Koop já toma parte na condição de bispo, são apresentados ainda nesta sessão. Busca-se apresentar, a um só passo, as movimentações iniciais do novo bispo no universo da assembleia conciliar e as redes que ele foi tecendo ao longo da sessão das quais muito lhe serão úteis depois. Igualmente, neste fragmento, quer-se apresentar o processo de construção daquilo que se tornou, por razões alheias a própria vontade do autor, a mais celebre participação daquele que já tinha assumido o bispado de Lins no Concílio, isto é, a proposta de criação, sem prescindir dos celibatários, de um clero suplementar formado por homens casados - *vir probati*.

A terceira e última parte desta tese coloca-se sob o título ***O Concílio e o personagem: alguns aspectos da recepção Concílio na diocese de Lins sob a liderança de Pedro Paulo Koop***. Seu objetivo é traçar o modo como Dom Paulo Koop entendeu e propôs algumas deliberações conciliares. Como ele operou o processo de recepção do Vaticano II em sua diocese. Inicialmente apresenta-se o que se configurou como a metodologia que o bispo de Lins usou para ler o Concílio e quais instrumentais serviu-se para operacionalizá-lo. Desse ponto, apresenta-se aspectos eclesiológicos da recepção do Vaticano II no bispado ao noroeste do estado paulista. Privilegia-se, visto a multiplicidade de elementos que o Concílio açambarcou, dados que revelem a recepção do ponto de vista da colegialidade, da eclesiologia do Povo de Deus e da transformação social. Nesta parte, ainda, emulando o princípio natural do direito ao contraditório, pontua-se vozes que divergiram das interpretações de Dom Paulo, que se opuseram ao seu modo de ver e interpretar o Concílio e, com isso, emprestaram força a dinamicidade própria de todo processo de recepção conciliar.

**O PERSONAGEM:** a infância, a formação, a vida consagrada, o ministério sacerdotal e a eleição ao episcopado de Pedro Paulo Koop

### **Introdução**

O presente capítulo, como parte dum mosaico mais amplo que busca estabelecer relação entre biografias pessoais e a recepção do Vaticano II, destina-se a reconstruir aspectos da história biográfica de Pedro Paulo Koop, do nascimento à eleição ao Episcopado. A perspectiva desta narrativa assume a linha daquilo que o historiador, Giovanni Levi, entende como biografias em contexto<sup>32</sup> nas quais se busca manter um equilíbrio entre trajetória individual e sistema social (contexto). Sabendo que ambos se interpenetram, a narrativa biográfica sobre o personagem deste texto, caminhará à luz dessa simbiose, buscando recuperar a “tensão e não a oposição entre o individual e o social”, que é uma das “tarefas fundamentais do gênero biográfico na atualidade.”<sup>33</sup>

Num plano macro, este capítulo está dividido em duas grandes partes, que elipsam frações menores da própria estrutura narrativa e emprestam musculatura à descrição acerca do personagem. Visto que a história do biografado transcorre em dois continentes - Europa e América - buscou-se arquitetar este fragmento da tese em uma única história narrada entre a Holanda e o Brasil. Ambas não são excludentes tampouco adversativas; antes, são complementares e traçam o perfil de um sacerdote que saiu das baixas e alagáveis plagas do, assim chamado, antigo continente para firmar-se, ora nas altas montanhas das Gerais, ora no altiplano de Piratininga, ora na região central do Estado de São Paulo, no novo continente.

A primeira parte, portanto, deste capítulo visa reconstruir a vida de Petrus Johannes Jozef Koop desde o seu nascimento no bucólico e pequeno vilarejo conhecido por sua fecundidade para o cultivo de túlipas, nomeado de Hillegom até sua ordenação sacerdotal na cosmopolita cidade Stein, na região de Limburgo do Sul, divisa com a Bélgica. Busca-se apontar sua raiz familiar e a influência que ela teve na história desse sacerdote. Igualmente, tenta-se descortinar o processo formativo que esse jovem recebeu nas fileiras da congregação que ele elegeu para consagrar sua vocação e como esse processo refletiu em sua história.

---

<sup>32</sup>Cf. LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p. 175ss.

<sup>33</sup>SCHIMIDT, Benito Bisso. Construindo biografias...Historiadores e jornalistas: aproximações e afastamentos. **Revista Estudos Históricos** v. 10, n. 19, 1997, p.16.

A segunda parte deste capítulo, proporcionalmente maior pela quantidade de elementos analisados, atravessa o além-mar e aporta com um jovem sacerdote no cais do brasileiro porto de Santos e estende-se até a eleição ao Episcopado de um experimentado presbítero. Entre um ponto e outro, busca-se reconstruir os passos do sacerdote holandês, sua atuação em várias dioceses, essencialmente no sudeste brasileiro. O texto busca retratar essas experiências como um conjunto de elementos urdidos ao longo da própria vida do personagem. Nada é narrado na perspectiva de pós-fato, no sentido de olhando-os em vista de conclusões posteriores já sabidas. Busca-se, ao máximo possível, descrever e analisar as ações e os eventos à luz do que era vivido no contexto em que eram realizados. Tenta-se reconstruir, com meios analíticos o mais próximo da história e dos fatos que forjaram a figura de Pedro Paulo Koop no Brasil.

De maneira transversal, visto que Pedro Paulo Koop é membro de uma congregação religiosa, sua história também é narrada à luz do Espírito e da evolução de sua família religiosa no Brasil e na Europa. De maneira oblíqua, aquilo que forjou muitos aspectos do personagem descrito nesta tese, também, deve-se à congregação que pertenceu. Por isso, será associado a toda a narrativa partes da consolidação desse grupo, particularmente no que toca a história do sacerdote Missionário do Sagrado Coração.

Deve-se, por fim afirmar que a reconstrução da história desse personagem atenta-se ao risco alertado por Pierre Bourdieu sobre o que ele chama de ilusão biográfica ou noção de trajetória<sup>34</sup> que, não raro, pauta-se por uma visão finalista e retrospectiva que encadeia fatos e acontecimentos cuja “causalidade e implicação são construídos a posteriori, de acordo com o contexto de narração da história.”<sup>35</sup> Consciente disso, o texto a seguir busca apresentar uma descrição mais proximamente fiel e contextualizada da vida do elemento retratado não aplicando-lhe sentido em vista de um futuro já conhecido. Antes o contrário, busca-se lê-lo em seu contexto e suas relações, sabendo que são elas que desvelam legitimamente a figura do personagem em toda sua história, desde o seu início nos Países Baixos.

---

<sup>34</sup>Cf. BOURDIER, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche em sciences sociales**. v. 62-63, jun. 1986, p. 69-72; BOURDIEU, Pierre A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 8ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 183-191; BOURDIER, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

<sup>35</sup>COSTA, Patrícia Claudia da. Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, set./dez. 2015, p. 65.

## 1 **Nos Países Baixos, entre as flores de Hillegom:** a família, a infância e a vocação

### 1.1 O Pequeno povoado na Holanda do Sul

No noroeste do *ancien continente*, numa região nomeada como Europa ocidental, banhada pelo mar ao norte e, ao oeste circunvizinha da Bélgica e da Alemanha, encontra-se o Reino dos Países Baixos, por antonomásia, conhecido como Holanda. Um país famoso pelo cultivo de flores (Tulipas), pela geografia abaixo do nível do mar e pelos inúmeros expoentes culturais que produziu ao longo da história, dentre os quais, Rembrandt (1606-1669) com sua profundidade delineada sob pinturas sacras e van Gogh (1853-1890), com seu pós-impressionismo.

Nesse Reino, atual monarquia parlamentar, que legou diversas colaborações à humanidade, foi que nasceu Petrus Johannes Jozef Koop, religioso Missionário do Sagrado Coração, sacerdote católico e Bispo no período histórico intra e posterior ao Concílio Vaticano II. O lugar que foi berço do nascimento desse sacerdote tem uma história multissecular.<sup>36</sup> História essa que vai de um aglomerado de povoações à consolidação de uma sociedade democrática e plural sob o regime de monarquia constitucional desde 1848. Não passando incólume, ao longo dos séculos, por sujeição a domínios dos Impérios ora romanos, ora franco-germânicos, ora hispânicos e até portugueses.<sup>37</sup>

O atual território holandês era uma área marcada por uma complexa geografia, composta por uma infinidade de rios que buscavam o mar como lugar de desagüe e faziam do solo um sulco pantanoso. Essa característica, não sem razão, tornava inóspita a região. Influía de maneira negativa na produção de alimentos para seus poucos habitantes.<sup>38</sup> Consequentemente, exigia esforços redobrados de toda sua população para garantir a sobrevivência.

Esse fator geológico sempre foi uma constante na história dos Países Baixos, determinando, de tempos em tempos, as intervenções da humanidade sobre a natureza e contribuindo para a constituição do mosaico citadino que é o atual país neerlandês com seus diques de complexa engenharia, suas eclusas que ligam os montantes às jusantes, bem como, seus famosos moinhos movidos a vento para drenar a água. Convém dizer, recordando o cronista português, Ramalho Ortigão, em sua ainda impressionante obra *A*

---

<sup>36</sup>Cf. MINISTÉRIO DE NEGOCIOS ESTRANGEIROS. **História dos Países Baixos**. Haia: s/e, 1998.

<sup>37</sup>Cf. MINISTÉRIO DE NEGOCIOS ESTRANGEIROS. **História dos Países Baixos**. Haia: s/e, 1998.

<sup>38</sup>Cf. MINISTÉRIO DE NEGOCIOS ESTRANGEIROS. **História dos Países Baixos**. Haia: s/e, 1998.

*Hollanda*, na qual descreve minúcias dos Países Baixos no século XIX, que: "Deus fez o mundo, e os Holandeses a Holanda".<sup>39</sup> Tal dístico indica, e a história confirma, a força com que a intervenção dos holandeses é sentida na história do próprio país.

Diz um adágio popular: Deus fez o mundo, e o Hollandez a hollanda. Esta frase, de uma aparência tão meridionalmente arrogante, é a expressão literal de um simples fato geológico. Todos os demais povos modernos da Europa tomaram a anteriores ocupadores o território que possuem. A Hollanda creou o solo que tem. E com o solo creou (*sic*) o clima.<sup>40</sup>

Em sua organização político-administrativa, o Reino dos Países Baixos é composto por províncias. Já no início do século XX, havia doze províncias, zonas administrativas em todo país. Dentre elas, duas gozam de particular relevância histórica e política, as costeiras províncias da Holanda do Norte e do Sul. Desde o século XV, essas regiões fruíam de importante influência econômica, sobretudo no período em que os Países Baixos viviam uma busca de unificação (Formação dos Estados Gerais). Justamente nessa época, pelo florescimento econômico dessa região começou-se a chamar o que hoje são os Países Baixos, por antonomásia, apenas Holanda.<sup>41</sup>

De modo particular, no interior de uma dessas relevantes províncias, especificamente na Holanda do Sul, num pequeno vilarejo conhecido por sua fecundidade para o cultivo de tulipas, nomeado de Hillegom, é que nasceu em 04 de setembro de 1905<sup>42</sup> o filho do casal Jozef Petrus Koop e Berdina Groot: Petrus Johannes Jozef Koop. Ele foi o primeiro rebento de uma prole gestada no matrimônio do senhor Koop e da senhora Groot.<sup>43</sup> Após seu nascimento o casal ainda teve mais oito filhos, sendo que o último deles faleceu logo após o parto.

<sup>39</sup>ORTIGÃO, Ramalho. **A Hollanda**. Lisboa: Parceia Antônio Maria Pereira Livraria e Editora, 1924, p. 35.

<sup>40</sup>ORTIGÃO, Ramalho. **A Hollanda**. Lisboa: Parceia Antônio Maria Pereira Livraria e Editora, 1924, p. 35.

<sup>41</sup>Cf. LUQUE, Inma Montalbán. **Países Bajos**. Disponível em: <http://servicios.educarm.es/templates/portal/images/ficheros/etapasEducativas/secundaria/26/secciones/400/contenidos/6719/paisesbajos.pdf> Acesso em: 30 jan.2020.

<sup>42</sup>ACPMSC-SP - Arquivo da Casa Provincial dos Missionários do Sagrado Coração - Província Brasileira **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 1; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. In Memoriam. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p.1; Cf ROBERTO, Henrique. **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159; Cf. XAVIER, Donizete. Pedro Paulo Koop. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes(org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015, p. 514.

<sup>43</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 365; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 499; Cf. BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

## 1.2 A família Koop: pais modestos e irmãos numerosos

Sobre os pais de Petrus Johannes Jozef Koop, além da fecunda família que constituíram, sabe-se que eram católicos praticantes. Jozef Petrus Koop,<sup>44</sup> pai de Pedro Paulo, nasceu em Hillegom, província da Holanda do Sul, Países Baixos, em 22 de fevereiro de 1871. Filho de Petrus Johannes Koop e Barbára Duidmam.<sup>45</sup> Era um católico fervoroso, membro de uma associação chamada “Blauwe knoop” – Botão azul – na qual seus membros eram identificados como abstêmios.<sup>46</sup> Seu ofício principal era o de carvoeiro,<sup>47</sup> lidando sobretudo com a exploração de turfa que era usada, ora para calefação das casas e armazéns, ora para cozer. Ele, no entanto, trabalhou, também na construção civil,<sup>48</sup> quando o governo holandês avançou na conquista de territórios junto ao mar com a construção do grande dique – Ringvaart - que circundou a área que hoje aloca o principal aeroporto do país, o Schiphol, porta de entrada para conhecer a região Sul da Holanda.

O patriarca da família Koop, quando a região da Holanda do Sul, começou a consolidar-se como um grande polo produtor de flores, de bulbos e de tulpas, trabalhou como cultivador dessas herbáceas.<sup>49</sup> Sua função, naqueles complexos tempos em que não havia máquinas para revolver a terra, era de fiscalizar aqueles que eram contratados para esse trabalho. Tratava-se de um serviço árduo e complexo que entre, outras coisas, previa revolver a terra em fileiras retilíneas por uma profundidade de quarenta a cinquenta centímetros preparando-a para receber os bulbos. Como estímulo ardil à eficiência dos funcionários, era comum, ao fim das fileiras que deveriam ser escavadas, colocar pequenos copos de bebidas alcoólicas (aguardente) que poderiam ser consumidos quando, ao fim do serviço, o operário chegasse. A Jozef Petrus Koop competia listar os funcionários, definir a meta de trabalho (fileiras a serem cavadas) e, como agulhão aos

---

<sup>44</sup>O nome de Jozef Petrus Koop em alguns documentos apresenta corruptelas na grafia. Ora, escreve-se: 1- Joseph Petrus Koop, ora 2- Josef Petrus Koop ou 3- Jozef Petrus Koop. Neste texto opta-se pela grafia: Jozef Petrus Koop. Faz-se essa opção porque os documentos oficiais (Banco de dados e registros holandeses) a grafia aparece em maior ocorrência de acordo com última forma que grafamos).

<sup>45</sup>Cf. KOOP, Jozef Petrus. **Registro de Nascimento**. In: Civil registration birthsArchief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste. Hillegom, archive 0831A. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:29eebcd1-eba8-1ae9-c499-17b811664b6e>. Acesso em: 16 fev.2020.

<sup>46</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

<sup>47</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. In Memoriam. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p.1 Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p.365.

<sup>48</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

<sup>49</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

floricultores, prover a bebida, depositada ao fim das fileiras,<sup>50</sup> ainda que ele mesmo fosse abstêmio.

O cultivo de flores, no entanto, comportava crise e tempos de baixo rendimento financeiro. Esse fato, associado ao oportunismo de alguns empregadores incidia na redução de salários procedida de maneira contumaz e ordinária. Numa dessas oscilações de dividendos e conseqüente redução de ordenados, instaurou-se uma greve contra o patrão de Jozef Koop. Condoído com a situação dos funcionários, Petrus Koop, tomou partido deles e acabou, junto com os demais, sendo demitido de seu ofício de fiscal dos campos de cultivo de bulbos.<sup>51</sup>

Ao ser desligado de seu ofício de fiscal dos trabalhadores no cultivo de bulbos, Jozef Petrus Koop, recebeu um recurso correspondente a uma indenização. Com esse dinheiro organizou, nos fundos de sua residência, uma pequena horta da qual passou a extrair recursos para sua manutenção de sua família. Desempenhou essa função até o fim de sua vida que foi abreviada por um infarto fulminante em 16 de outubro de 1937, conforme registrado na página 24, sob o número 85 do cartório de Registro Civil de Hillegom.<sup>52</sup> Elisabeth Koop, sobrinha de Paulo Koop, que com ele viveu longos anos no Brasil, em entrevista a José Oscar Beozzo em 2005, descreve esse fato nos seguintes termos:

Com a indenização organizou, ele mesmo, uma pequena estufa para produzir verduras e legumes no terreno atrás da casa onde moravam. Passou a família a sobreviver desta pequena renda. Na esquina da casa perto do rio passava o bonde da cidade. Foi ali esperando a chegada de um deles, numa manhã de inverno que o pai desfaleceu e morreu, provavelmente de um enfarte fulminante. A mãe ficou sozinha para criar os filhos.<sup>53</sup>

Acerca da incidência das posturas e ou do caráter do senhor Koop sobre os filhos e, de maneira particular, o mais velho, Petrus Johannes Jozef Koop, é complexo mensurar com exatidão tal influência, pois insere-se numa investigação ampla na linha do que, em termos de biografia, é conhecido como psico-história.<sup>54</sup> No entanto, pode-se aproximar

<sup>50</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

<sup>51</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

<sup>52</sup>Cf. KOOP, Jozef Petrus. **Registro de óbito**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste, Hillegom, archive 0831A, inventory number 47. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:d43cb608-2206-3707-cddb-04443c7aadde>. Acesso em: 16 fev.2020.

<sup>53</sup>BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

<sup>54</sup>Cf. SCHIMIDT, Benito Bisso. O Gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: Trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**. Porto Alegre. n. 16, dez.1996, p. 177-180.



atitudes de ambos, em contextos distintos, e intuir que a postura dos dois, em princípio, foi movida por razões que evocam ideais comuns.

Entre outros, a guisa de exemplo, já no Brasil, Padre Pedro Paulo Koop, como será descrito em allures desta tese, protagonizou ao lado de inúmeros membros do círculo operário aquilo que fora chamado como a “Noite de Nossa Senhora,”<sup>55</sup> vivida no centro de São Paulo, em julho de 1944. Nessa ocasião, capitaneados por Paulo Koop uma multidão de fiéis, celebrando a consagração de São Paulo a Aparecida, caminhou pelas ruas do centro da capital paulista, com “um brado de alerta da consciência católica, em favor dos direitos da pessoa humana na perspectiva da Justiça Social.”<sup>56</sup> Talvez a mesma consciência que moveu seu pai na defesa dos cultivadores de bulbos de Hillegom, Holanda, naqueles primeiros anos do século XX.

Sobre a mãe de Petrus Johannes Jozef Koop, Berdina Groot,<sup>57</sup> era filha de pais protestantes,<sup>58</sup> Maria van Inneveldt e Jan Groot. Nascida no dia 15 de agosto de 1874 na pequena cidade de Velsen na província da Holanda do Norte.<sup>59</sup> Pode-se dizer que se tornou uma católica fervorosa, quando se casou com Jozef Petrus Koop. Ambos se casaram na Igreja de São Martinho em Hillegom no dia 27 de novembro de 1900.<sup>60</sup> Antes do casamento, no entanto, Berdina Groot, segundo consta era de tradição protestante.

Dom Pedro Paulo nasceu numa família em que o pai era católico fervoroso, mas se encantou por uma jovem protestante. Esta tornou-se católica, mas guardou ciosamente o segredo de modo que os filhos não sabiam da anterior confissão religiosa da mãe.<sup>61</sup>

---

<sup>55</sup>ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 3; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>56</sup>ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>57</sup>O nome de Berdina Groot em alguns documentos apresenta corruptelas na grafia. Ora, escreve-se Bernardina Groot; ora Berdina Groot. Neste texto opta-se pela grafia: Berdina. Faz-se essa opção porque os documentos oficiais (Banco de Dados e registros holandeses) a grafia que aparece em maior ocorrência é Berdina Koop. Somente nos arquivos da Província Brasileira dos Missionários do Sagrado Coração o registro apresenta essa variação. Crer-se que foi uma tentativa do copista de criar alguma relação entre o português e a grafia original desse nome.

<sup>58</sup>Cf ACPMSC-PN/ ENK - Arquivo da Província Nerlandesa dos Missionários do Sagrado Coração no Erfgoedcentrum Nederlands Kloosterleven. Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 41.

<sup>59</sup>Cf. GROOT, Berdina. **Registro de Nascimento**. Civil registration births Geboorteakten van de gemeente Velsen, 1874, Velsen, archive 358.127, inventory number 11874, 17-08-1874, record number 120. A. Disponível em: <https://www.openarch.nl/nha:143F6585-B451-4847-9F07-91D8D606A919>. Acesso em: 16 fev.2020.

<sup>60</sup>KOOP, Jozef Petrus. **Registro de Casamento**. Civil registration marriages Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste, Hillegom, archive 0831A, inventory number 24, November27,1900, Huwelijksakten 1893-1902, record number 31. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:5bf0bb51-eb3a-251f-fl1e5-09fc0514ee2b>. Acesso em: 19 fev.2020.

<sup>61</sup>BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

O protestantismo na segunda metade do século XIX e nos anos iniciais do século XX representava parcela significativa da população neerlandesa, cerca de 62% enquanto os católicos eram 32%.<sup>62</sup> Deve-se dizer que os Países Baixos, têm uma história protestante longínqua. Eles foram fortemente marcados pela penetração das ideias protestante de João Calvino. Tal evento concentrou-se nas Províncias do Norte - lugar de origem de Berdina Groot - na época da formação dos Estados Gerais e, posteriormente, expandiu-se para as províncias do sul. As ideias calvinistas tiveram em Guilherme de Orange (1533-1584) seu grande protetor, sobretudo quando este buscava reforçar, contra Filipe II (1527-1598), seu poder sobre partes dos Países Baixos, herança do Conde de Nassau, seu pai. Por insistência de calvinistas radicais, Guilherme de Orange (1533-1584) proibiu o culto católico nas regiões de seu domínio.

Essa restrição durou mais de três séculos. Os católicos, que foram maioria por longo tempo, passaram a ser “cidadãos de segunda classe e mesmo que, em princípio, não fossem forçados a converterem-se ao calvinismo, lhes era proibido exercer qualquer função pública [...]ter uma hierarquia eclesiástica estabelecida ou contato com sacerdotes”.<sup>63</sup> Tal situação paulatinamente foi alterando-se, sobretudo a partir de 1853 quando, após o fim da dominação napoleônica, na monarquia de Guilherme I (1813-1840), a hierarquia católica foi restabelecida e a paridade de direitos a todos os cidadãos, inclusive de liberdade de culto aos católicos, foi incorporada a constituição.<sup>64</sup>

O protestantismo da Senhora Berdina Groot, no entanto, manteve-se oculto por certo tempo. Os filhos, foram educados sob tradição católica. Um episódio ocorrido num templo reformado revela esse aspecto. Seu filho, Jozef Petrus Koop, irmão de Pedro Paulo, havia entrado sem a ciência dos seus genitores em uma Igreja protestante e ao ficar embevecido com a envolvente sonoridade da música sacra protestante, perdeu o horário de voltar para casa. Esse fato fez com que a senhora Groot reprimisse severamente seu filho por tal conduta e o levasse ao pároco para uma expressa admoestação. Nas palavras de Els, transcritas por Beozzo:

---

<sup>62</sup>Cf. ESTEBAN, Enrique Alonso De Velasco. la crisis de la Iglesia católica en los países bajos en la segunda mitad del siglo XX. **Anuario de Historia de La Iglesia**. v.20, 2011, p. 266.

<sup>63</sup>ESTEBAN, Enrique Alonso De Velasco. la crisis de la Iglesia católica en los países bajos en la segunda mitad del siglo XX. **Anuario de Historia de La Iglesia**. v.20, 2011, p. 264.

<sup>64</sup>Cf. ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos em los Países Bajos y las regiones adyacentes de Alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simposio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 371. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/5974> Acesso em: 31 jan.2020.; ESTEBAN, Enrique Alonso De Velasco. la crisis de la Iglesia católica en los países bajos en la segunda mitad del siglo XX. **Anuario de História de La Iglesia**. v.20, 2011, p. 265.

O pai da Els entrou uma vez num templo reformado, ficou encantado com a música e perdeu a hora de voltar para a casa. A mãe passou-lhe a maior reprimenda e o levou ao pároco pois havia ido a uma Igreja protestante. Para o pároco, ele repetiu que a música de lá era muito mais bonita do que na Igreja Católica.<sup>65</sup>

Esse fato, para além da corriqueira travessura do pequeno Jozef Petrus Koop, revela que o protestantismo ao qual a senhora Berdina Groot havia pertencido, certamente por bons anos antes de seu casamento, havia perdido relevância com a aliança conjugal. Além da exprobração materna que seguia a linha clássica de um catolicismo holandês avesso a relações ecumênicas e que primava por um “afastamento do protestantismo”<sup>66</sup>, o fato de levar ao pároco que, naquele tempo, além de pastor de almas era “[...] dirigente sindical, agitador político, assessor em questões familiares e matrimoniais; e zeloso vigilante da moral pública e privada”<sup>67</sup> revelam o empenho de cunho católico da senhora Berdina na educação de seus filhos.

Anos mais tarde, o próprio Jozef Petrus Koop quando fora casar-se, envidando diligências para congregar os documentos necessários para seu enlace, dirigiu-se a Igreja paroquial de Hillegom e descobriu a anterior filiação religiosa da mãe. Ao solicitar o batistério de sua genitora e após inúmeras buscas não o encontrar nos arquivos paroquiais e no livro de registro, compreendeu que não o encontraria porque sua mãe não fora batizada na Igreja católica.<sup>68</sup>

Outro aspecto singular que é possível dizer sobre a mãe de Petrus Johannes Jozef Koop é que, após a morte do seu marido, ela seguramente tornou-se o alicerce da família. Assistiu alguns de seus filhos na vida matrimonial e contemplou outros partirem em missão para distintas regiões missionárias como religiosos consagrados. Ela morreu em 16 de fevereiro de 1954, aos 79 anos de idade.<sup>69</sup> Não chegou a ver Petrus Johannes Jozef Koop ordenado Bispo, fato que ocorrerá dez anos depois.

<sup>65</sup>BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

<sup>66</sup>ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos em los Países Bajos y las regiones adyacentes de alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simposio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 372. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/5974>. Acesso em: 31jan.2020.

<sup>67</sup>ESTEBAN, Enrique Alonso De Velasco. la crisis de la Iglesia católica en los países bajos en la segunda mitad del siglo XX. **Anuario de História de La Iglesia**. v.20, 2011, p. 268.

<sup>68</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop**. Lins 28 dez, 2005, s/p.

<sup>69</sup>Cf. GROOT, Berdina. **Registro de óbito**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregistre, Hillegom, archive 0831A, inventory number 51, February 16, 1954, Overlijdensakten 1951-1955, record number 1. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:523df5ba-dfb2-3c07-94d1-1c684847f54>. Acesso em: 16 fev.2020.

A figura da mãe de Koop parece ter sido algo tão marcante e significativo que, não raras vezes, ele cognominou a congregação de “nossa mãe.”<sup>70</sup> Dado que sua família religiosa, como ele mesmo dizia “o recebeu menino e o formou para vida religiosa e sacerdotal”<sup>71</sup> e foi sua “Segunda Família”<sup>72</sup> pode-se intuir que com essa ideia, ele tacitamente atestava a importância decisiva daquilo que significava mãe em sua história: alguém que moldou seu caráter, ensinou-lhe o valor de família e lhe inspirou na vida.

Paulo Koop cresceu no seio de uma família numerosa. Após seu nascimento, outros filhos foram gestados, seis mulheres e dois homens. Em geral, as famílias holandesas eram numerosas, compostas por grande prole. Como regra, as vocações para os Missionários do Sagrado Coração, vinham usualmente de famílias formadas de muitos membros.<sup>73</sup> Dentre as mulheres da família Koop, a mais velha foi Maria Barbara Koop, nascida em 31 de março de 1907.<sup>74</sup> Casou-se com Johannes Gerardus Christiaan van Dijk em 1932 na capital Amsterdã. Na sequência, entre as mulheres, nasceu Barbara Maria Koop, em 3 de agosto de 1910<sup>75</sup> e Geertruda Hendrika Koop, em 23 de março de 1912,<sup>76</sup> ambas se tornaram religiosas da congregação das irmãs brancas de Nossa Senhora da África. A primeira atuou como Missionária em Taganika, atual Tanzânia e a segunda em Malawi, na África Oriental. Em correspondência<sup>77</sup> datada de 25 de outubro de 1959, o

---

<sup>70</sup>ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 3; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>71</sup>KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru**. s/e: Bauru. 01.09.1964. In: ACPMSC-SP - Escatula **Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p. 6; Também em: KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964 In: ACPMSC - **Escatula Pedro Paulo, Mgr.** Pasta 8, folha 1, p.6.

<sup>72</sup>COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 43.

<sup>73</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. S/l: Verloren Publishing, 2010, p.73: “A vocation seldom came alone. Thus, six of the eleven children of the large Brekelmans family entered the religious life, following their reverend uncle, and their older brother, Ignaas (1925), choosing the MSCs. Countless examples can be given of several vocations within a family. In this respect a remark ought to be made that large families were the rule with the MSCs”.

<sup>74</sup>Cf. KOOP, Maria Barbara. **Registro de Nascimento**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, [archive 0831A](https://www.openarch.nl/elo:2cd8d59e-14c3-b023-2e6a-19c883c72f2c), inventory number 44, October 28, 1918 Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:2cd8d59e-14c3-b023-2e6a-19c883c72f2c>. Acesso em: 16 fev.2020.

<sup>75</sup>Cf. KOOP, Barbara Maria. **Registro de Nascimento**. Civil registration births Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, [archive 0831A](https://www.openarch.nl/elo:137bfc9e-36d9-0e59-7c2c-b1d516ebb549), inventory number 11. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:137bfc9e-36d9-0e59-7c2c-b1d516ebb549>. Acesso em: 16 fev.2020.

<sup>76</sup>Cf. KOOP, Geertruda Hendrika. **Registro de Nascimento**. Civil registration births Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, [archive 0831A](https://www.openarch.nl/elo:98eb07a2-92dd-ec2f-4cb3-42153fe219eb). Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:98eb07a2-92dd-ec2f-4cb3-42153fe219eb>. Acesso em: 16 fev.2020.

<sup>77</sup>Cf. ACPMSC-SP - Correspondência ao Rev. Provincial. Pe. Franciscus Janssen.MSC. Bauru.25.10.1959. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 4, folha 26, p. 1.

Padre Pedro Paulo Koop, indaga ao superior provincial, à época Padre Franciscus Janssen, sobre consulta por ele feita ao conselho da província sobre uma visita a suas irmãs religiosas. Tal visita não se consolidou, nesse ano. Padre Koop, no entanto, as visitaria em 1961<sup>78</sup> e ao tornar-se Bispo, em 1964, após o fim da III sessão do Concílio Vaticano II. Jacoba Koop nata em 1913, a quinta entre as mulheres, foi a sexta filha. A penúltima dentre as mulheres, oitava entre os filhos, é Berdina Maria Koop que nasceu em 1916, manteve-se solteira, ficou junto da mãe – Berdina Koop - até quando esta morreu. Por fim, última entre as mulheres e nono filho na contagem geral, Adriana Petronella Koop faleceu em 28 de outubro de 1918 com apenas 9 meses.<sup>79</sup> Exatos quarenta dias depois que Paulo Koop havia ingressado na Escola Apostólica em Tilburg.

Dentre os homens, o primeiro após Pedro Paulo Koop e o terceiro na contagem geral foi Johannes Petrus Koop, nascido em 9 de dezembro de 1908.<sup>80</sup> Casou-se com Alida Christina de Groot. O mais novo dentre os varões, Jozef Petrus Koop, nascido em 1915. Ele teve quinze filhos. Dos seus filhos, Elisabeth Berdina Maria Koop, viveu por mais de vinte cinco anos no Brasil, contribuindo no campo social com seu tio, assim que ele se tornou Bispo de Lins. Jozef Petrus Koop é o mesmo que protagonizou o episódio na Igreja reformada e que descobriu a filiação religiosa de sua mãe. Ele, nos arquivos da província Brasileira dos Missionários do Sagrado Coração, grafado ora como Jos Koop ora como Jozef P. Koop, durante vários anos permaneceu listado pelo próprio Pedro Paulo Koop, em seu *curriculum vitae*, como referência familiar para contato em casos urgentes.<sup>81</sup>

Sobre a família de Koop percebe-se um típico perfil holandês. Numerosa e, quando católica, marcada por opções vocacionais, consagração. Eram nove filhos, dentre eles uma terça parte seguiu a vida religiosa consagrada. Outros casaram-se e, a julgar pelo fato do mais novo dentre os filhos homens, ver sua filha – Els Koop - partir para o Brasil a fim de desenvolver um trabalho social de inspiração católica, pode-se aquilatar que as

<sup>78</sup>Cf. ANUPHIS – Arquivo do Núcleo de Pesquisa em História - Universidade Sagrado Coração Bauru KOOP, Pedro Paulo. Vou ali... **A Fé**. Bauru, 16 abr. 1961, p. 4.

<sup>79</sup>Cf. KOOP, Adriana Petronella. **Registro de Obito**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, archive 0831A, inventory number 44, October 28, 1918. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:64ec96f2-dddf-9051-575e-23d6acc07e2b>. Acesso em: 16 fev.2020.

Cf. <sup>80</sup>KOOP, Johannes Petrus. **Registro de Nascimento**. Civil registration births Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, archive 0831A, inventory number 11a. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:f6cd7d82-a92c-7edc-3099-435b1d6d156e>. Acesso em: 16 fev.2020.

<sup>81</sup>Cf. ACPMSC-SP - KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 3, folha 2 e 3.

bases religiosas da Família Koop passaram para gerações posteriores. De igual modo, o contato com as irmãs que eram religiosas e a frequente relação com as outras irmãs, após o episcopado, indicam que o seio familiar foi marcado por relações duradouras e profundas.

O historiador e teólogo José Oscar Beozzo, que foi assessor direto, amigo pessoal e membro do presbitério presidido por Dom Paulo Koop, avalia que as relações entre o Bispo e sua família sempre foram intensas, contudo, razões geográficas e o período da segunda grande guerra, causaram um hiato nesse relacionamento. Após a eleição ao Episcopado, no entanto, os laços são restabelecidos de maneira mais contínua:

De vez em quando ele falava do pai, do trabalho que tinha com as flores, que tinha uma família grande. Mas ele teve um grande buraco na relação com a família que foi todo período da guerra. Ele veio [para o Brasil] e depois pegou a Segunda Guerra; aí interrompeu os contatos. Ele demorou para retomar o contato, tanto que ele foi ver sua irmã [religiosa, missionária na África] quando terminou a terceira sessão do Concílio. Ele fez uma viagem para o Malawi para ver essa irmã, que ele tinha visto jovem, agora, ela já tinha uns sessenta anos. Ele reata com a família durante o Episcopado. Depois ele voltou muitas vezes para projetos sociais, buscar financiamento e ele passou a ter um contato mais regular. A sobrinha veio, os irmãos vieram, então ele recompõe a relação a família no Episcopado dele.<sup>82</sup>

Acerca da própria família, Pedro Paulo Koop expressou-se de forma eloquente e grata quando foi eleito Bispo de Lins. Em sua primeira mensagem ao povo da diocese noroestina, num texto em que visava fazer uma saudação e apresentação sua ao povo de Lins, bem como transmitir o programa que junto com os “amados diocesanos”<sup>83</sup> pretendia esboçar, ele definiu sua família. Atestou, ao lado de agradecimentos ao Papa, aos nuncios, a Dom Frei Henrique Golland Trindade, arcebispo de Botucatu, a outros bispos e à Congregação, que sua família foi um “lar entranhadamente cristão” e seus pais foram “modestos, santos e sábios que gravaram em seu coração a devoção eucarística restaurada por São Pio X, no principio do século.”<sup>84</sup> Ele conclui, usando o plural majestático, que ao seu lar cristão, as paróquias de sua infância e a sua congregação deve “toda honra e mérito da [...] elevação ao episcopado e múnus pastoral.”<sup>85</sup>

<sup>82</sup>Cf. FERREIRA, Reuberson. **Entrevista com José Oscar Beozzo sobre aspectos da vida de Dom Pedro Paulo Koop**. São Paulo, 14.ago.2019.

<sup>83</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09.1964, In: ACPMSC-SP - Escatula **Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p. 2.

<sup>84</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09.1964, p. 6. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p. 6.

<sup>85</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p. 6.

### 1.3 Vida sacramental de Pedro Paulo Koop

Não só o episcopado Pedro Paulo Koop deve a sua família, mas toda sua formação cristã-católica inicial. Nela que a base de sua vida cristã foi fundamentada. Sua vida cristã, iniciou-se no mesmo dia em que nascera, 04 de setembro de 1905.<sup>86</sup> O sacramento foi oficiado pelo Padre Johannes Cornelius Grospeel<sup>87</sup> na Igreja de São Martinho, a mesma em que os pais receberam a bênção matrimonial. Serviram de testemunhas, os padrinhos Saimons Adrianus Groot e Joanna Koop.<sup>88</sup> A julgar pelos sobrenomes, parentes diretos do pai e da mãe do neófito. Nesse dia, o livro de batismo da paróquia de São Martinho não registrou nenhum outro batizado.

Sob o signo da fecunda devoção a Eucaristia, patrocinada sob o pontificado do Papa da Eucaristia, Pio X, através do decreto *Quam Singulari* (1910),<sup>89</sup> aos sete anos, em 1912, na mesma capela que outrora o acolhera ao primeiro sacramento cristão, Koop recebeu pela primeira vez a Eucaristia e a confissão, dado que Pio X previa essa prática em seu decreto, também. Para além da normativa eclesiástica, Koop de acordo com suas próprias palavras, atesta que recebeu no seio da sua família uma formação que marcou de modo indelével nele o amor pela Eucaristia.<sup>90</sup> De fato, a vida espiritual dos Holandeses, no início do século XX, era sobretudo influenciada por aspectos devocionais (devoção ao Sagrado Coração de Jesus) e pela prática reiterada da comunhão. “Era costume nas boas famílias ir duas vezes a Igreja aos domingos. Uma primeira vez, pela manhã e depois a missa solene na qual recebiam a comunhão e muitas iam uma terceira vez, à tarde para adoração ao Santíssimo”.<sup>91</sup> Em ambiente de contornos tão religiosos era natural que a primeira Eucaristia tivesse grande influência e profunda penetração mística na vida dos cristãos neerlandeses. Koop ainda recebeu, em 1917 na paróquia São José, na cidade de

---

<sup>86</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 1; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>87</sup>Cf. PAROCHIE ST. MARTINUS. **doopregister 1905 - Registro no livro de batismo: batizado de Pedro Paulo Koop**. – Anexo enviado via e-mail: sechillegom@rkwb.nl. Acesso em: 22 jul.2019.

<sup>88</sup>Cf. PAROCHIE ST. MARTINUS. **doopregister 1905 - Registro no livro de batismo: batizado de Pedro Paulo Koop**. – Anexo enviado via e-mail: sechillegom@rkwb.nl. Acesso em: 22 jul.2019.

<sup>89</sup>Publicado no dia 8 de agosto de 1910 o Decreto *Quam singulari*, do Papa Pio X, estabelecia que se podia admitir as crianças à primeira Eucaristia e a confissão já a partir da idade da razão, isto é, sete anos.

<sup>90</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09.1964. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1 p. 6.

<sup>91</sup>ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos en los Países Bajos y las regiones adyacentes de Alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simpósio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 374. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/5974>. Acesso em: 31 jan.2020.

Haarlem, sede do seu bispado de origem, pelas mãos de Dom Augustinus Josefus Callier, o sacramento do Crisma.<sup>92</sup>

Paralelo à formação religiosa, Petrus Johannes Jozef Koop recebeu a formação educacional primária. Entre os anos de 1911 a 1917, no agrupamento escolar nomeado “B. K Lagere school van Meesters, até os 13 anos”,<sup>93</sup> Koop fez a formação inicial. Estudou fecundos seis anos nessa instituição, onde as bases de sua formação educacional foram construídas até decidir preparar-se para o sacerdócio, junto aos Missionários do Sagrado Coração. Essa congregação já era conhecida na Holanda, popularmente à maneira holandesa, a chamavam de “Rood hart”.<sup>94</sup> Essa família religiosa já estava estabelecida na região desde as últimas décadas do século XIX com algumas obras e centros de formação de novos membros, com especial destaque em Tilburg, Arnhem e Stein, respectivamente Seminário menor, noviciado e Escolasticado.

## 2 **Entre Tilburg, Arnhem e Stein:** os primeiros passos na formação religiosa, acadêmica e a ordenação sacerdotal

Aos treze anos de idade, em 1918, quando findava os assombros da primeira grande guerra, na qual os Países Baixos tinham adotado uma postura de neutralidade e com isso conservado em paz o seu povo, Pedro Paulo Koop ingressou no seminário da congregação religiosa dos Missionários do Sagrado Coração em Tilburg, Holanda.<sup>95</sup> Lugar que formou e forjou o espírito de uma centena de religiosos que singraram continentes com o claro escopo de evangelizar, no espírito da época, terras distantes.

A presença dessa congregação, a qual Pedro Paulo Koop irá pertencer, na Holanda está diretamente associada à figura do francês João Júlio Chevalier (Jean Jules Chevalier), sacerdote diocesano que fundou um grupo de religiosos com uma tempera eminentemente missionária. Deve-se, igualmente sua difusão em solo neerlandês, a política anticlerical deflagrada na França a partir do último quarto do século XIX e, por

<sup>92</sup>Cf. ACPMSC-PN/ ENK. Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 41.

<sup>93</sup>ACPMSC-PN/ ENK - **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 41.

<sup>94</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World:** History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 31: “The MSCs awaited a ripe harvest. Quite quickly it was impossible to imagine the town without the MSCs. For a long time, they were popularly called ‘Red Hearts’ after the heart embroidered on flannel which they - after good French practice - wore on their black soutane”.

<sup>95</sup>ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face:** Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160; ACPMSC-SP - Pedro Paulo Koop. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 1.



fim, o mote que regia a congregação, isto é, fazer conhecido por toda parte o Sagrado Coração - uma espécie de *leitmotiv* do fundador.

Júlio Chevalier, como ficou conhecido,<sup>96</sup> foi um sacerdote francês, nascido em Richelieu, no departamento Indre-et-Loire<sup>97</sup> em 1824. Filho de pais empobrecidos, teve dificuldades para iniciar sua formação sacerdotal por falta de recursos para assumir as custas de sua preparação para o sacerdócio. Tempos depois, secundado por benfeitores, foi admitido ao Seminário Menor São Gaultier, no departamento de Indre em 1842. cursou o Seminário Maior, no antigo convento das irmãs Ursulinas, que passou a ser casa de formação para os seminaristas maiores da diocese de Bourges. Foi ordenado padre do clero secular da arquidiocese de Bourges em 1851.<sup>98</sup> Nos tempos de formação dois elementos nutriam seu coração, a devoção ao Sagrado Coração e o sonho latente de torna-se missionário. O próprio Chevalier assim expressou-se:

Estudando o tratado da Encarnação, nosso professor completou uma tese sobre a devoção ao Sagrado Coração. Desenvolveu-a, com muita sabedoria e piedade. Transcrevi-a na íntegra. Essa doutrina me tocava o coração e quanto mais eu me aprofundava nela, mas crescia em mim o gosto pela sua beleza. Meu confessor me emprestou um livro sobre a vida da Bem-Aventurada Margarida Maria[...].Essa leitura despertou em mim um vivo desejo de me fazer apóstolo dessa devoção que o próprio nosso Senhor apresentava ao mundo, como meio de santificação que desejava ver difundida por toda parte.

A leitura dos Anais da Propaganda da fé despertou em mim o desejo das missões. Estava disposto a qualquer sacrifício para levar a luz do Evangelho aos infiéis. Abri-me a respeito com o Pe. Superior, Padre Ruel que era meu diretor[...] voltei a carga várias vezes até que acabou me dizendo que a diocese tinha necessidade de padres e que se opunha ao meu desejo. Conformei-me com sua decisão e renunciei a meu propósito, aguardando a hora da providência.<sup>99</sup>

Inspirado pela devoção ao Sagrado Coração e pelo ímpeto missionário, Júlio Chevalier envidou meios para consolidar um ideal missionário e devocional. Após trabalhar em três distintas paróquias, foi nomeado vigário de Issoudun no departamento

<sup>96</sup> Cf. PIPPERON, Charles. **Jules Chevalier**: fondateur et premier supérieur général des missionnaires du sacré Coeur.Lille-Paris- Bourges: Société Saint-augustin, Desclé, de Brouwer et cie, 1912, 228p.

<sup>97</sup>Cf. CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés La publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d, p. 2; VERNIN, Henri. **Júlio Chevalier**: Fundador dos Missionários do Sagrado Coração – Estudos sobre sua vida e suas obras (1824-1869): Roma: s.e, s.d, p. 15.

<sup>98</sup>Pode-se aprofundar sobre as nuances da vida de Júlio Chevalier e sua obra Missionária lendo: CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier**: l'homme et sa mission (1824-1907). Roma: s.e, s.d. 325p VERMIM, Henri. **Júlio Chevalier**: Fundador dos Missionários do Sagrado Coração – Estudos sobre sua vida e suas obras (1824-1869): Roma: s.e, s.d., 588p.

<sup>99</sup>CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés à La publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e. s.d, p. 13-14.

de Indre, França, em 1854.<sup>100</sup> Nessa cidade, encontrou um ambiente fecundo para seu empreendimento.<sup>101</sup> Associando-se a outros sacerdotes e com o beneplácito do arcebispo de Bourges, Cardeal Celestino Dupont (1792-1859)<sup>102</sup> fundou a congregação que foi posta sob o nome de Missionários do Sagrado Coração.<sup>103</sup> Ela tinha como objetivo aos olhos do fundador combater as “duas calamidades que assolam nosso século [XIX] infeliz: *A indiferença e o egoísmo*”.<sup>104</sup> Dado esse fato, de modo adjetivado e em linguagem própria do século XIX, o Padre Júlio Chevalier, entendia que o “Remédio para esses males se encontram no coração de Jesus que é só amor e caridade”,<sup>105</sup> mas que é desconhecido pela humanidade. Por essa razão, “seriam necessários, padres que trabalhassem para fazê-lo conhecido.”<sup>106</sup> Tal propósito foi sintetizado sob uma jaculatória em latim: *Ametur Ubique Terrarum Cor Jesu Sacratissimum* - Amado seja por toda parte o Sagrado Coração de Jesus.<sup>107</sup>

O projeto de Júlio Chevalier, embora heterogêneo pela origem dos seus membros e sonhado em vista do ideal missionário, por um bom tempo permaneceu enclausurado nas cercanias de Issoudun. Toda sua obra missionária estava circunscrita a um único país – França – até 1876. A deflagração de perseguições a congregações religiosas nesse país no último quarto do século XIX, durante a terceira república (1870-1940)

---

<sup>100</sup>Cf. CHEVALIER, Júlio. **Notas íntimas...Reflexão sobre o fundador e a tradição da Sociedade** (Não destinada a publicação.). In: FONTES M.S.C. Serie I. Obras de Júlio Chevalier, M.S.C, v.2 São Paulo, s.d, p. 19.

<sup>101</sup>Cf. CHEVALIER, **Julio. Anales de la Pequeña Sociedad**: relación manuscrita hecha entre 1869 y 1901. In: FONTES M.S.C. Estudios del fundador y de la tradicion de la sociedad. Roma. v.1, 1984, p. 2; KERCK, J. **Júlio Chevalier: O homem e sua ideia**. São Paulo: Loyola, 1987, p. 21.

<sup>102</sup>Cf. CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés à la publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, v. 2, s.d, p. 26: “[...] se lève et dit: Messieurs, j’ai réfléchi, j’ai prié. Je ne vais pourtant jamais à l’encontre de votre avis; pour cette fois-ci, je dégoûte à mes habitudes, car je croirais aller contre les desseins de la providence en partageant votre sentiment. J’autorise donc les deux vicaires d’Issoudun à se réunir et à commencer leur oeuvre. Dès aujourd’hui nommons-leur des remplaçants”

<sup>103</sup>CHEVALIER, Julio. **Anais da Pequena Sociedade**: relação dos manuscritos feitos entre 1869 e 1901. In: FONTES M.S.C. Estudos do fundador e a tradição da sociedade. Roma, 1984, p. 4; CHEVALIER, Júlio. **Notas íntimas...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés à la publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d, p. 27; pode-se aprofundar sobre a congregação lendo: KERCK, J. **Júlio Chevalier: O homem e sua ideia**. São Paulo: Loyola, 1987, 212p ou VERMIN, Henri. **Júlio Chevalier: Fundador dos Missionários do Sagrado Coração – Estudos sobre sua vida e suas obras** (1824-1869). Roma, s.e, 588p.

<sup>104</sup>CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés à la publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d, p. 109.

<sup>105</sup>CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés à la publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d, p.109.

<sup>106</sup>CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés à la publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e,s.d, p. 109.

<sup>107</sup>Cf. CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés à la publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d, p. 35.

precipitou a saída dos Missionários do Sagrado Coração para além dos umbrais daquela que outrora fora chamada de a filha predileta da Igreja.

Em novembro de 1880, fomos expulsos em virtude de decretos promulgados por ministros franco-maçons, não somente a nossa Casa-mãe, bem como das outras nossas casas e tivemos de pedir asilo no estrangeiro. Sofri então a maior dor de minha alma ao ver meus confrades dispersos, nossa querida basílica fechada e lacres sacrílegos apostos em suas portas. Contar tudo o que meu coração teve de suportar de angústias e pungentes inquietações é tentar descrever o impossível<sup>108</sup>

Ou

Em 1880, nuvens escuras se formaram para todas as ordens religiosas francesas. Um gabinete anticlerical assumiu o cargo, do qual os MSCs sofreram as consequências em 5 de novembro. A mudança de governo coincidiu com o jubileu de prata da congregação, que na época contava com 29 padres, 29 escolásticos e 5 irmãos. total de 63 membros. [...] Tanto em Issoudun como em Saint Gérard-le-Puy, os MSCs foram expulsos para a rua pela guarda municipal, que imediatamente selou os prédios.<sup>109</sup>

A expulsão de ordens religiosas da França, por via de leis de secularização exaradas pelos seus governos, fez com que muitas congregações religiosas migrassem para países circunvizinhos, menos beligerantes.<sup>110</sup> Nesse processo, os Missionários do Sagrado Coração chegaram à Bélgica, à Suíça, à Áustria e à Holanda.<sup>111</sup> Tudo isso, converge para um novo momento na história dessa família religiosa, à qual, tempos depois, Pedro Paulo Koop se associará.

A chegada e a consolidação dos Missionários do Sagrado Coração nos Países Baixos deram-se de maneira paulatina e a expensas de muito esforço dos padres que resignados marcharam para fora da França. Tratava-se de um grupo pequeno de noviços

<sup>108</sup>CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris**: Traditionisque Societas (Non destinés a La publicite). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d, p. 35.

<sup>109</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 24: “In 1880, dark clouds gathered for all French religious orders. An anticlerical cabinet had come into office, of which the MSCs experienced the consequences on November 5. The change of government coincided with the silver jubilee of the congregation, which by then numbered 29 priests, 29 scholastics and 5 brothers - a total of 63 members. Oth in Issoudun and in St Gérard-le-Puy the MSCs were turned out into the street by the gendarme, who immediately sealed the buildings”. (Tradução nossa)

<sup>110</sup>Cf. ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos em los Países Bajos y las regiones adyacentes de alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simposio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 374. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/5974>. Acesso em: 31 jan.2020.

<sup>111</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 24.27; MISSIONEIRO DEL SAGRADO CORAZÓN. **150 años testimoniando el amor de Dios**. República Dominicana: s.e, 2004, p. 56.105; CHEVALIER, Júlio. **Anais da Pequena Sociedade**: relação dos manuscritos feitos entre 1869 e 1901. In: FONTES M.S.C. Estudos do fundador e a tradição da sociedade. Roma: s.e, 1984, p. 24-25.

e candidatos ao noviciado dos quais quatro eram holandeses, um flamengo e oito franceses, além do superior Padre Charles Piperon. Partindo de Saint-Gérard-le-puy, França onde era o noviciado, passando por Paris, Namur, Liege até chegarem a Sittard, em solo Holandês,<sup>112</sup> no outono de 1880.

Inicialmente os Missionários de Issoudun, como alguns chamavam, foram acolhidos pelas irmãs Ursulinas. Sob o patrocínio do Bispo de 's-Hertogenbosch, Dom Adrianus Godschalk (1819-1892) que, atento às perseguições perpetradas na França contra as ordens religiosas, acolheu os Missionários do Sagrado Coração em sua diocese. Eles estabeleceram-se, inicialmente, na casa de campo do Bispado, chamada Vila Gerra (Huize *Gerra*, em Neerlandês).<sup>113</sup> Nesse prédio, não obstante as intempéries e as inóspitas condições do local, firmou-se o noviciado da congregação<sup>114</sup>. Em setembro de 1881, ocorreu a primeira profissão religiosa da Congregação nos Países Baixos, naturalmente, fora da França, seu nascedouro.<sup>115</sup>

Após o difícil começo e dada a demanda de pessoas que buscavam os Rood hart (Corações vermelhos), foi adquirida em 1882 uma antiga fábrica na cidade de Veldhoven.<sup>116</sup> Esse prédio, após adaptado, deu lugar à primeira casa de formação própria dos Missionários do Sagrado Coração na Holanda. Em 1889, numa área agrícola situada na industrial e cosmopolita Tilburg, construiu-se um imponente prédio que, tornou-se a um só tempo, seminário menor (Escola Apostólica), seminário maior (Escolasticado), bem como noviciado.<sup>117</sup> Tempos depois, consolidou-se como uma espécie de posto avançado para aqueles que partiam em missão e que serviu de base para fundação de outras províncias e da própria província holandesa. Igualmente consolidou-se como

---

<sup>112</sup>Cf. KERCK, J. **Júlio Chevalier**: O homem e sua ideia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 105.

<sup>113</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 27; KERCK, J. **Júlio Chevalier**: O homem e sua ideia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 105; CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier**: l'homme et sa mission (1824-1907). Roma: s.e, s.d, p. 91.

<sup>114</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 27; KERCK, J. **Júlio Chevalier**: O homem e sua ideia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 105; CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier**: l'homme et sa mission (1824-1907). Roma: s/e, s.d, p. 9.

<sup>115</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 30; CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier**: l'homme et sa mission (1824-1907). Roma: s/e, s.d, p. 91.

<sup>116</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 30; KERCK, J. **Júlio Chevalier**: O homem e sua ideia. São Paulo: Loyola, 1987, p. 108.

<sup>117</sup>Cf. CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier**: l'homme et sa mission (1824-1907). Roma: s/e, s.d, p. 92: Em 1882: Tilburg débutait comme fondation MSC avec des élèves de l'Ecole Apostolique, des novices, des scolastiques, et un groupe très encourageant de jeunes gens qui aspiraient à devenir frères MSC manifesta pour la première fois sa vitalité. Tilbourg débutait, et allait croître et se développer jusqu'à devenir la maison centrale d'une florissante province hollandaise.

centro de formação/estudo de toda uma geração de Missionários do Sagrado Coração que nesse lugar viveram nos primeiros anos do século XX.

## 2.1 Escola Apostólica de Tilburg: o ingresso no outono de 1918

Nessa casa de formação em Tilburg, vinte e dois anos após sua construção, pouco menos de quatro décadas da chegada dos Missionários do Sagrado Coração aos Países Baixos, e já ultrapassado a marca do cinquentenário de fundação da Congregação, Petrus Johannes Jozef Koop ingressou na Escola Apostólica dos Missionários do Sagrado Coração sob o propósito de tornar-se sacerdote. Foi em 18 de setembro, uma quarta-feira, primeiros dias do outono holandês de 1918.<sup>118</sup> A pequena Hillegom, havia ficado cento e trinta e cinco quilômetros para trás e agora Koop, com apenas 13 anos, recém-completos, dava passos em direção a formação sacerdotal. Quando nomeado Bispo, Koop recordará essa influência nas seguintes palavras:

a congregação [...] nos recebeu menino e formou para a vida religiosa, sacerdotal e apostólica, imprimiu-nos o selo de sua vocação missionária no Coração de Jesus para que o tornássemos conhecido, amado e servido por toda parte, e nos amparou com verdadeiro zelo materno.<sup>119</sup>

As razões que levaram o jovem Koop a aderir ao Seminário dos Missionários do Sagrado Coração podem ser aduzidas do fecundo ambiente missionário que vivia a Holanda<sup>120</sup>, a fama que essa Congregação (Corações vermelhos) logrou em pouco tempo que havia se estabelecido em solo Neerlandês e, em menor quantidade, pode-se aventar que razões financeiras também se apresentaram como um elemento influenciador da opção pela congregação.

Quem quisesse receber uma formação para o sacerdócio em meados do século XX, na Holanda, poderia escolher entre cinquenta internatos. A consciência de classe e o dinheiro tornaram a escolha mais limitada. Os seminários menores das dioceses tinham, desde o início, a fama de serem distintos e de difícil aprendizado. Exames difíceis de admissão e honorários substanciais de diretoria e de alojamento impediram que se tornassem padres seculares, principalmente meninos de origem simples. Para Gijs de Roij (1926), o sétimo filho de uma família da classe trabalhadora de Tilburg, o

<sup>118</sup>Cf. ACPMSC-SP - Pedro Paulo Koop. **Escátula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 1; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. "In Memoriam" Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 1, p. 1; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159.

<sup>119</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09.1964. In: ACPMSC-SP - Escatula **Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p. 6.

<sup>120</sup>O próprio Koop quando preencheu o questionário inicial para seu ingresso na congregação, entre outras razões, aludia o desejo de ser: "priester in missionarius", um padre missionário. Cf. ACPMSC-PN/ ENK - Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 41v.

seminário da diocese de Den Bosch não era uma opção, 'pelo menos pensávamos'. Popularmente, esse seminário era mais para os filhos dos empresários. "Famílias da classe trabalhadora como a nossa tiveram que recorrer, de acordo com a opinião geral, aos seminários de ordens religiosas". Wim Verhoeven (1930), outro nascido em Tilburg, sabia que o sacerdócio secular "não havia sido concedido a nós, pessoas da classe trabalhadora". Seu pároco propôs então que ele fosse aos MSC, que eram mais próximos.<sup>121</sup>

De fato, tão logo os Missionários do Sagrado Coração estabeleceram-se em solo holandês, sobretudo por conta de um mecanismo chamado Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração, que tinha sua base desde 1867 em Sittard, num convento das irmãs Ursulinas.<sup>122</sup> Sua reputação difundia-se e muitos o procuravam com interesse de adentrar suas fileiras. O ambiente católico, de igual modo, na Holanda era extremamente fecundo e afeito à religiosidade. A devoção ao Sagrado Coração, ao lado de outros elementos de piedade popular era uma marca patente de sua tradição religiosa,<sup>123</sup> o que convergia para uma ainda maior difusão dessa congregação. Ademais, o ideal Missionário tácito ao carisma da família religiosa fundada por Júlio Chevalier, difundido no fértil e comprometido universo missionários dos Holandeses<sup>124</sup>, emprestou força para que muitos jovens quisessem tomar parte de seu grupo religioso.<sup>125</sup> Associa-se a todos esses elementos o fato que desde a fundação dos Missionários de Issoudun, havia um fundo financeiro formado de inúmeras pequenas doações, chamado Pequena Obra do Sagrado Coração,<sup>126</sup> que custeavam as despesas de

---

<sup>121</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 71: Whoever wanted to receive an education to the priesthood in mid-twentieth century Netherlands could choose between fifty boarding schools. Class consciousness and money made the choice more limited. The minor seminaries of the dioceses had from way back the name of being distinguished and learned. Difficult admission examinations and rather substantial board and lodging fees stood in the way of becoming secular priests particularly for boys of simple origin. For Gijis de Roij (1926), the seventh child in a working-class family from Tilburg, the seminary of the Den Bosch diocese was no option, 'at least, we thought so'. In popular thinking that seminary was more for the sons of manufacturers. 'Working class families like ours had to resort, according to the general opinion, to the seminaries of religious orders. Another Tilburg native, Wim Verhoeven (1930), knew that the secular priesthood 'had not been granted to us people of the working class'. His parish priest proposed then that he should go the MSCs nearby. (Tradução nossa)

<sup>122</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 25.

<sup>123</sup>Cf. ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos em los Países Bajos y las regiones adyacentes de Alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simposio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 374. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/5974>. Acesso em: 31 jan.2020.

<sup>124</sup>Cf. ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos em los Países Bajos y las regiones adyacentes de Alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simposio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 372-373. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/5974>. Acesso em: 31.jan.2020.

<sup>125</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 73-74.

<sup>126</sup>Cf. KERCK, J. **Júlio Chevalier: O homem e sua ideia**. São Paulo: Loyola,1987, p. 42-45.

candidatos que não podiam sustentar o sonho de tornarem-se sacerdote. Quando da instalação da congregação nos Países Baixos, essa metodologia também foi aplicada para acolher jovens que não pudessem custear todo o estudo.

Dados esses fatos, levando em consideração as origens familiares de Koop<sup>127</sup> – agricultores - associado ao espírito missionário que o movia e a devoção ao Sagrado Coração que marcará em muitos aspectos sua história, pode-se dizer que a opção pelos Missionários do Sagrado Coração, não obstante a legítima inspiração divina de que toda vocação goza, reúne nessas condições sócio-históricas elementos que convergiram para sua entrada no Seminário Menor (Escola Apostólica) de Tilburg.

A entrada na Escola Apostólica de Tilburg e ou em Driehuis<sup>128</sup> – outra casa de formação dos Missionários do Sagrado Coração - era precedida por um processo detalhado. Esse período incluía indicação escrita de um sacerdote (pároco), a apresentação de documentos relativos à vida religiosa (Batistério e certificado de 1ª Eucaristia), informações de saúde do candidato (Certidão de batismo, certificado de vacinação e atestado médico) e um exame verbal, com um sacerdote da congregação antes do ingresso, que atestasse suas virtudes para uma vida no seminário.<sup>129</sup>

Os arquivos provinciais dos Missionários do Sagrado Coração da Holanda, guardam esses documentos do candidato. No caso de Koop, a carta escrita por Johannes Cornelius Gropel, o mesmo Padre que Batizou Paulo Koop, é dito que o candidato é um “rapaz bom, que aprende com facilidade e tem uma vida de fé vivida em família.”<sup>130</sup> Seu histórico de saúde não atesta nenhuma doença e a avaliação do sacerdote da congregação o descreve como alguém que goza de uma saúde estável e temperamento especialmente melancólico”<sup>131</sup>

Após ser admitido à Escola Apostólica, longos seis anos de formação seguiam-se até a próxima etapa, o noviciado que usualmente era realizado na cidade de Arnhem, província da Guéldria. Esses anos iniciais eram divididos em estratos aos quais os aspirantes ao Sacerdócio eram formados. Tais etapas eram assim constituídas: Sexta,

---

<sup>127</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 73: “Other than the old orders, congregations founded in the nineteenth century like the Mill Hill and the Assumptionists, recruited comparatively more among farmers and workers. Among the 150 MSCs who supplied data for this book, these sectors were very much in evidence as well, but the middle class dominates.

<sup>128</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 83.

<sup>129</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 78.

<sup>130</sup>ACPMSC-PN/ ENK. Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 24.

<sup>131</sup>ACPMSC-PN/ ENK. Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 24.

Quinta, Quarta, Tertia, Poesia e Rhetorica. Cada uma, com sua especificidade, contribuía para compor o mosaico formativo dos estudantes. Línguas clássicas e modernas eram exigidas. Especial acento para o latim, entre as clássicas e o Francês entre as modernas.<sup>132</sup> Nas classes finais, particularmente poesia e rhetorica os alunos eram introduzidos no universo da cultura, da arte e da estética tendo convivido com a leitura de clássicos como Virgílio, Homero, Heródoto e Cícero, para citar apenas alguns.<sup>133</sup> Aos formandos, também era exigido empenho pessoal e disciplina de costumes e hábitos. Seguindo uma tradição herdada da Escola apostólica da França (Chezal-Benoit), Eles recebiam notas semanais e mensais do desempenho acadêmico e pelo comportamento que cada um tinha. Os alunos eram, ainda, inseridos e estimulados em exercícios físicos, aulas de canto, apresentações teatrais e no aprendizado de música<sup>134</sup>. Aliado a tudo isso havia uma intensa vida de fé catalisada sob a forma de “meditação matutina, Santa Missa, exame de consciência, rosário e leitura espiritual estavam no programa diário”<sup>135</sup>

Pedro Paulo Koop, quando ingressou na Escola Apostólica de Tilburg cumpriu as etapas próprias desse regime formativo durante seis anos. Em setembro de 1918, quando ingressou na Escola Apostólica, até a primeira metade de 1919 cursou a Sexta; de setembro de 1919 a junho de 1920 fez a Quinta; a Quarta foi cursada no segundo semestre de 1920 e encerrou-se em 1921; a Tertia foi concluída em 1922 tendo seu início no ano anterior, 1921; a Poesia e Retorica, consideradas classes maiores, foram cursadas entre a segunda metade de 1922 e findaram em 1924, na primeira metade desse ano.<sup>136</sup>

Sobre esse período de sua formação, Padre Koop, conservou reminiscências felizes. Já no Brasil, em julho de 1939, após um retiro orientado para os seminaristas da Escola Apostólica, em Pirassununga, São Paulo, registrou, em um artigo, sentimentos acerca desse período, que seria sucedido pelo noviciado:

Nesses dias fiquei remoçando uns vinte anos, revivendo o tempo saudoso em que, guri de meus doze anos, passava o tempo mais feliz da minha vida na Escola Apostólica de Tilbugo (Hollanda), e lembrei-me como fosse o dia de ontem, o dia da minha entrada triumphal nessa

---

<sup>132</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 91.

<sup>133</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 91.

<sup>134</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 94-95.

<sup>135</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 89: “Morning meditation, Holy Mass, examination of conscience, rosary and spiritual reading were on the daily programme.” (Tradução nossa).

<sup>136</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.



escola, 9 de setembro de 1918, nos últimos meses da grande guerra Europeia.

Com imenso prazer verifiquei de perto que a vida apostólica daquele tempo e a do tempo actual, a mentalidade, o fervor, o idealismo, o espírito de família reinavam naquela escola de então e ainda agora reinam com redobrada intensidade nesta escola de hoje, são os mesmos, perfeitamente idênticos, embora a diferença de paizes e de clima exijam adaptação diferente no que diz respeito à parte material do regulamento e do regime.<sup>137</sup>

## 2.2 Ao final das férias do verão de 1924, a chegada ao noviciado

Ao final dos primeiros anos de formação, os aspirantes a religiosos Missionários do Sagrado Coração eram introduzidos numa nova etapa, o noviciado. Assim, ao final das férias do verão de 1924,<sup>138</sup> Pedro Paulo Koop prosseguiu com a formação à vida religiosa, migrando para o noviciado. Essa etapa foi celebrada na cidade de Arnhem, província da Guéldria. Esse lugar, tempos depois, tornou-se célebre por ter sido palco da batalha entre os Alemães e os Ingleses durante a segunda grande guerra.<sup>139</sup> O noviciado durava pouco mais que um ano. Na linguagem adjetivada da época dizia-se que o “noviciado era a fornalha, de onde a alma sai inteiramente reformada, purificada dos grandes defeitos que marcaram sua beleza” pois nos candidatos aquilo que “estava ligado à vontade pessoal, tornou-se flexível” [aquilo que] era egoísmo; tornou-se auto sacrifício.”<sup>140</sup>

Com regra, o rito de admissão ao noviciado era marcado pela tomada de hábito. Na missa de abertura, os noviços recebiam a batina. Esse rito era festivo e a data era registrada nos arquivos de cada candidato. Koop recebeu o seu hábito, conseqüentemente foi admitido ao noviciado chamado de primeira classe, pois destinava-se à formação de sacerdotes em 21 de setembro de 1924.<sup>141</sup> Cada turma de noviços tinha um Mestre. No

---

<sup>137</sup>ARANSSC – Arquivo da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração - KOOP, Pedro Paulo. Pirassununga: Impressões de um visitante”. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 8. agosto 1939. São Paulo, p. 96. Deve-se fazer uma ressalva, a data que Koop pontua diverge das do arquivo provincial, em 9 dias. Essa divergência pode ser atribuída a data que ele chegou e a data que começou o curso na Escola Apostólica, que normalmente são marcadas nos arquivos provinciais.

<sup>138</sup>Cf. ACPMSC-SP - Pedro Paulo Koop. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 1; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 1; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159.

<sup>139</sup>Cf. HIBBERT, Christopher. **The Battle of Arnhem**. s/l: Literary Licensing, 2012, 224p.

<sup>140</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 104.

<sup>141</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.

ano em que Petrus Johannes Jozef Koop fez seu noviciado, o mestre foi o Pe. Willen Muijser<sup>142</sup> e havia outros dezoito companheiros de noviciado.<sup>143</sup>

Como rotina ordinária do noviciado, repetiram-se os exercícios diários de oração da Escola Apostólica. Associava-se a eles outras práticas de piedade, entre as quais o ofício da Santíssima Virgem. Ao mesmo tempo, “a pressão dos exames preliminares cessou e abriu espaço para reflexão e aprofundamento de vida espiritual”.<sup>144</sup> Os exercícios espirituais de trinta dias de Santo Inácio (chamado “Grande Retiro”) era o ponto nevrálgico da preparação da iniciação à vida religiosa proposta no noviciado.

Ao longo do ano, os noviços precisavam preparar-se para viver conforme as constituições dos Missionários do Sagrado Coração e sobretudo familiarizarem-se com uma vida ascética. O tempo de estudo consistia principalmente na leitura de obras espirituais e na preparação de redações ou palestras, também de cunho místico ou espiritual. Trabalhos comunitários de manutenção da casa e/ou do jardim, bem como, alguns momentos de esporte, compunham o mosaico das atividades no período do noviciado.

Relatórios periódicos e conversas regulares como mestre de noviço formavam o cenário avaliativo. Indagava-se sempre como caminhava a vida espiritual do noviço e se tendo limites quais recursos eles teriam lançado mão para superá-los.<sup>145</sup> Ao fim de um ano de preparação, o mestre de noviço elaborava um relatório e enviava ao conselho da Província. Caso aprovado e tendo parecer favorável da Administração Geral em Roma, o noviço podia emitir seus votos e tornar-se juridicamente Missionário do Sagrado Coração de votos simples.

Sobre Koop, nos arquivos da Província holandesa dos Missionários do Sagrado Coração, constam anotações regulares de avaliação. O Mestre de noviços Padre Willem Muijser, atesta que o jovem candidato é alguém de “constante e convicta vida de oração”. Goza de um profundo senso de “obediência e é estimado pelos colegas”. Igualmente tem um “sincero senso de desapego e mortificação”.<sup>146</sup> Dadas tantas observações positivas,

<sup>142</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 113.

<sup>143</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 297.

<sup>144</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p 106.

<sup>145</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 106-107.

<sup>146</sup>ACPMSC-PN/ ENK - Arquivo da Província Neerlandesa dos Missionários do Sagrado Coração no Erfgoedcentrum Nederlands Kloosterleven. Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 24. 24v.

era natural que o mestre apontasse favoravelmente o noviço Koop para a profissão dos votos. Assim, como elemento constitutivo do seu regime formativo, Paulo Koop emitiu votos religiosos simples de pobreza, obediência e castidade numa celebração Eucarística presidida pelo superior provincial da província Nerlandesa, Mathias Nijsters,<sup>147</sup> em 21 de setembro de 1925 na capela do noviciado de Arnhem, Holanda.<sup>148</sup> Ato contínuo a esse período formativo seriam os cursos de teologia e filosofia e a cabo destes, a ordenação sacerdotal.

### 2.3 O Universo acadêmico e o ministério: os Cursos de Filosofia, Teologia, as ordens menores e a ordenação sacerdotal

Como consequência natural do fim do noviciado e da profissão dos primeiros votos, os novos professos eram encaminhados para uma nova etapa formativa, o curso de Filosofia. Koop, iniciou seus estudos formativos em filosofia na província da Guéldria, na mesma cidade de Arnhem, na Escola Apostólica. Num grandioso prédio situado na “Esquina da antiga Velperweg (96) com a Villa Planttenburg,”<sup>149</sup> construído em 1911 e que servia de acomodação para aqueles que iriam cursar filosofia, além do noviciado. Paulo Koop cursou Filosofia entre os anos de 1925 e 1927. Relatórios do ano que precedeu a chegada de Koop, apontam que havia nessa casa “61 residentes: 25 estudantes de filosofia, 19 noviços, 8 irmãos e 9 padres.”<sup>150</sup> Era, portanto, uma comunidade volumosa, um ambiente voltado para formação filosófica. Na turma de Pedro Paulo Koop constam, excluindo-o, quatorze outros estudantes.<sup>151</sup>

O curso de filosofia era pautado por uma tônica tomista, como era comum nos seminários de preparação sacerdotal na primeira década do século XX. Além das disciplinas estritamente filosóficas como metafísica, ética e história da filosofia, os estudantes do escolasticado, eram formados em outras áreas: biologia, química,

<sup>147</sup>Cf. CONSIGLIO GENERALI SOCIETAS. **Album Societatis Missionariorum SS<sup>mi</sup> Cordi Jesu**. Roma, 1923, p. 18.

<sup>148</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique. Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159.

<sup>149</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 295-292.

<sup>150</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 297.

<sup>151</sup>Cf. CONSIGLIO GENERALI SOCIETAS. **Album Societatis Missionariorum SS<sup>mi</sup> Cordi Jesu**. Roma, 1926, p. 23.

psicologia experimental, economia, estética; exegese do novo testamento e teologia fundamental.

A formação teológica de Koop deu-se em Stein, cidade na região de Limburgo do Sul, divisa com a Bélgica entre os anos de 1927 e 1931.<sup>152</sup> Desde 1922, o “Escolasticado Maior” dos Missionários do Sagrado Coração da província Holandesa estava radicado nesse lugar e aí permanecera até o período pós-conciliar, quando fora fechado e os estudantes transferidos para a Universidade de Nijmegen, onde passariam a cursar teologia com outras congregações e dioceses. Tratava-se, em Stein, de um amplo espaço marcado por lagos e grandes acomodações, “um verdadeiro castelo, com uma fantástica torre em defensiva”.<sup>153</sup>

O curso de teologia frequentado por Koop, como regra, era constituído por aulas de teologia dogmática, moral, liturgia, estética, exegese, direito canônico e história da Igreja. Havia ainda matérias, como hebraico e canto, tidas como opcionais.<sup>154</sup> Em regra, a teologia era manualística e com grande acento em teologia moral. Não obstante renomados professores, a teologia do escolasticado interno dos Missionários do Sagrado Coração não se pautava, nesse momento, por categorias avançadas e pioneiras, como será visto após o Concílio nos círculos formativos dos Missionários do Sagrado Coração holandeses. Assim, pode-se dizer que Koop foi inserido no pensamento teológico clássico, manualista de inspiração tomista, concernente ao contexto de Igreja que vivia.

No escolasticado, tanto a teologia quanto a filosofia, têm-se notícias que tinham publicações.<sup>155</sup> Em Arnhem havia a revista *Jovem Arnhem* (*Jong Arnhem* em holandês) e em Stein havia várias publicações. Entretanto, nos anos de Koop nessa casa (1927-1931) havia uma outra que circulava, chamada o Idealismo. Comportava publicação de professores e alunos. A primeira versava sobre assuntos variados como feminismo, literatura e poesias. A segunda, de cunho teológico, apresentava reflexões sobre

---

<sup>152</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph.** Pasta 1, Folha 1; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 2, folha 2, p. 2; ACPMSC-SP **Escatula Paulo Koop.** Pasta 2, folha 1. 9.

<sup>153</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World:** History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 131: “The latter had also good memories of Stein, where the theology faculty had been located since 1922 in ‘a real castle [ruin] with a terrific defensive tower’. One could skate on the castle moat and pond in winter and sail on it in summer. Moreover, during their theology years the MSCs got a room of their own for the first time.” (Tradução nossa)

<sup>154</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World:** History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 132-133.

<sup>155</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World:** History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p.132.

Agostinho e normas teológicas morais. Em nenhuma das duas conseguiu-se encontrar produção de Koop, as razões não podem ser aduzidas. No entanto, a elaboração de um periódico dentro dos umbrais do seminário, atesta a vitalidade intelectual dentro dessas casas de formação.

Havia também, nos anos de estudo de Filosofia e Teologia, a exemplo do que já era praticado na Escola Apostólica, o que era chamado de clube de missões. Era uma espécie de agremiação que tinha um triplo objetivo: conhecer, apoiar e divulgar as áreas de atuação missionária da província holandesa, estimulando os jovens candidatos ao conhecimento das áreas nas quais que no futuro, poderiam atuar. Havia o clube das Filipinas, do Brasil e da Indonésia (antiga Índia Oriental Holandesa).

Os clubes missionários no escolasticado tiveram um papel importante. Todos ingressaram em um clube de sua preferência: o clube das Filipinas, o clube do Brasil ou uma das áreas das (antigas) Índias Holandesas. [...]. Por meio de correspondência com os confrades que trabalhavam nas áreas em questão, os alunos obtiveram informações em primeira mão, o que aumentou seu envolvimento. Eles tentaram, tanto quanto possível, adquirir conhecimento sobre a área, a fim de disseminá-la, e realizaram ações para ajudar na 'missão' deles.<sup>156</sup>

Pedro Paulo Koop, como todos os seus colegas, participou de um grupo de Missão. Ele frequentava o grupo que buscava ajudar, apoiar e conhecer as Índias Holandesas, Indonésia.<sup>157</sup> Tal fato, talvez, explique porque quando ele chegou ao Brasil, não conhecesse estruturalmente a língua e, tempos depois, tenha confidenciado a um dos padres<sup>158</sup> que com ele trabalhava que, inicialmente estava destinado à Indonésia e, de súbito, tinha sido remanejado para o Brasil a pedido do Provincial. Tal alteração deu-se a partir da súplica que a mãe de um religioso tinha feito ao superior para que seu filho não partisse sozinho para a América. Supõe-se que o pedido foi atendido e que o colega que viajaria sozinho para o Brasil em 1931, era o Padre Alberto Brandts.<sup>159</sup> De fato, os dois

---

<sup>156</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p.132: The mission clubs in the scholasticate played an important role. Everyone joined a club of his preference: the Philippine club, the Brazil club or one of the areas of (former) Dutch Indies. Later a club was added for the work being done in the Netherlands, particularly aimed at Una Sancta. By means of correspondence with the confrères who were working in the areas concerned the students got information firsthand, which raised their involvement. They tried as much as possible to acquire knowledge about the area in order to disseminate it again, and they carried out chores to help 'their' mission. (Tradução nossa)

<sup>157</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.

<sup>158</sup>Cf. FERREIRA, Reuberson. **Entrevista com José Oscar Beozzo sobre aspectos da vida de Dom Pedro Paulo Koop**. São Paulo, 14.ago.2019.

<sup>159</sup>Cf. ANPRRJ - ARQUIVO NACIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA NO RIO DE JANEIRO. **Relação de Passageiro em vapores - Vapor Gelria- 04.10.1931**. BR RJANRIO BS.0.RPV, ENT.23836 – Dossiê. Disponível em: <http://sian.an.gov.br>. Acesso: 25.03.2020.

viajariam juntos. Ambos haviam professado os primeiros votos e cursado o escolasticado (Filosofia e Teologia) ao mesmo tempo, como testemunha o *Album Societatis* de 1926.<sup>160</sup>

Ele contava que [...] foi mandado para o Brasil, ele não teve tempo de conhecer muito o país. Mandaram-no para uma paróquia e no domingo ele já tinha que celebrar a missa. [...]. Sem saber a língua, sem uma comunidade, foi muito pesado e traumatizante. Mas ele enfrentava e o que é admirável, é que de todos os padres estrangeiros que eu conheço, eu nunca conheci nenhum que tivesse um português tão impecável, raramente ele cometia um deslize na língua, raramente. Você não dizia que ele era estrangeiro.<sup>161</sup>

No Escolasticado, após a filosofia, no início do teologado os religiosos em processo formativo para o sacerdócio, progressivamente, recebiam as ordens menores e, até ao final do processo formativo, as chamadas ordens maiores. Após a profissão dos votos perpétuos, era-lhes conferido o ostiariato, leitorato, exorcistato e acolitato, as chamadas ordens menores; o subdiaconato, o diaconato e, por fim, o presbiterado, conhecidos como ordens maiores.

Koop, fugindo a habitual prática do escolaticado, recebeu em 19 de agosto de 1928 duas das quatro ordens menores, isto é, ostiariato e leitorato.<sup>162</sup> Após sua profissão perpétua, que ocorreu em 21 de setembro de 1928, recebeu as outras duas ordens menores faltantes, exorcistato e o acolitato.<sup>163</sup> As ordens maiores particularmente o subdiaconato e o diaconato foram recebidos em 1929, respectivamente, nos dias 21 e 22 de dezembro.<sup>164</sup>

A ordenação sacerdotal de Paulo Koop, ocorreu pouco menos de um ano depois do diaconato, no dia 10 de agosto de 1930.<sup>165</sup> Ele foi ordenado sacerdote com vinte e quatro anos de idade por um conterrâneo e confrade, Arnoldus Johannes Hubertus Aerts,<sup>166</sup> mártir durante a ocupação japonesa em 1942 das ilhas Key, primeiro

<sup>160</sup>Cf. CONSILIO GENERALI SOCIETAS. *Album Societatis Missionáriorum SS<sup>mi</sup> Cordi Jesu*. Roma, 1926, p. 23.

<sup>161</sup>FERREIRA, Reuberson. **Entrevista com José Oscar Bezzo sobre aspectos da vida de Dom Pedro Paulo Koop**. São Paulo, 14.ago.2019.

<sup>162</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.

<sup>163</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.

<sup>164</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.

<sup>165</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1. ACPMSC-SP- Escatula **Paulo Koop**. Pasta 2, folha 1; ACPMSC-SP- ROBERTO, Henrique Batista. In Memoriam. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 43.

<sup>166</sup>Cf. ACDL – Arquivo da Cúria Diocesana de Lins. **Dom Pedro Paulo Koop, MSC -Petrus Johannes Josef Koop**, Folha 1.

vigário apostólico da Nova Guiné Holandesa , mais tarde diocese de Amboina, indonésia. Suas primeiras missas foram celebradas, uma em Stein, a dez de agosto de 1930; Outra no dia quinze de agosto, na Paróquia São José, a mesma Igreja onde havia, tempos atrás recebido o sacramento do Crisma.<sup>167</sup>

Mesmo ordenado, Paulo Koop segue para um último ano de estudo em Stein, uma espécie de etapa final de preparação para as atividades missionárias que haveria de enfrentar. Oficialmente, estava destinado para a Indonésia.<sup>168</sup> No entanto, por razões já aludidas, acabou sendo nomeado para o Brasil. Nesse lugar, mais de cinquenta anos de sua vida foram vividos. Terra, onde, tempos depois, ele mesmo dirá que era seu “habitat”, no qual viveu “dois terços de sua vida de Padre e Bispo.”<sup>169</sup>

O neo-sacerdote, quando ainda gozava de apenas vinte e seis anos recém-completos, chegou ao Brasil e deu os primeiros passos na sua atuação missionária. No alforje e no coração carregava o ímpeto missionário no qual fora formado e para o qual se dirigia sua congregação. Pedro Paulo Koop, de fato, nutriu desde seus primeiros passos vocacionais<sup>170</sup> e, posteriormente, uma experiência missionária e no seminário foi educado para esse propósito.

Outrossim, o universo em que gravitavam a religiosidade católica e a atividade eclesial em solo neerlandês na primeira metade do século XX era extremamente favorável a intentos missionários.<sup>171</sup> Enquadrava-se plenamente sob o pálio do seu contexto e da formação recebida, que Pedro Paulo Koop singrasse o mar do norte, avançasse pelo oceano atlântico e aportasse em terras brasileiras, nomeadamente ambiente de missão.

Além da consciência missionária, pode-se dizer que Koop, chegou ao Brasil imbuído de um asceticismo religioso galgado nos longos anos de sua formação ofertada pelos Missionários do Sagrado Coração, mormente a devoção a Virgem Maria, Nossa Senhora do Sagrado Coração. De igual modo, o culto e a devoção ao Sagrado Coração,

---

<sup>167</sup> ACPMSC-PN/ ENK. Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 06. (Lembrança da primeira missa)

<sup>168</sup> ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.

<sup>169</sup> ACPMSC-SP- Carta ao Superior Provincial Pe. Henrique Roberto, MSC em 15 de julho de 1987, Tilburg. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 3, folha 9.

<sup>170</sup> ACPMSC-PN/ ENK. Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 24.

<sup>171</sup> Cf. ESTEBAN, Enrique Alonso De Velasco. la crisis de la Iglesia católica en los países bajos en la segunda mitad del siglo xx. **Anuario de Historia de La Iglesia**. v. 20, 2011, p. 27.

mote de sua congregação, são elementos que se integravam ao mosaico religioso de Pedro Paulo e também tinham grande lastro nos Países Baixos.<sup>172</sup>

Não menos relevante, associa-se a esses elementos religiosos a formação clássica – conhecimento de línguas modernas e antigas - que aquele missionário detinha pelo estilo de formação que recebera. Mais ainda, tinha a seu favor a dilatada formação teológica de espectro tomista e de rigor moral sem, contudo, perder a sensibilidade com a realidade. Fruto, é claro, do fundamento no qual fora educado no escolasticado de Arhem e Stein e que gozavam de pleno frescor em sua memória.

Cabia, agora, com inteireza e disponibilidade, viver a missão que lhe fora confiada, naquela que ele mesmo diversas vezes, nomeou como a “Terra bendita de nossa Senhora Maria Santíssima, a virgem mãe do Senhor!”<sup>173</sup>, isto é, no Brasil.

### 3 Atuação missionária na “Terra bendita”: os primeiros passos no Brasil

Em setembro de 1931, Pedro Paulo Koop, partiu do porto de Amsterdã para o Brasil. Era dia dezesseis,<sup>174</sup> uma quarta-feira. Acompanhava-o nessa viagem o Padre Alberto Bernard Brandts<sup>175</sup> compondo a vigésima turma<sup>176</sup> de holandeses que viriam trabalhar no Brasil.<sup>177</sup> Eles vieram para a América do Sul, na segunda classe do Vapor comercial, de propriedade da companhia holandesa Koninklijke-Hollandsche Lloyd, chamado Gelria.<sup>178</sup> Na lista de passageiros que chegaram ao Brasil,<sup>179</sup> figuravam outras vinte e duas pessoas, quatorze brasileiros – dentre os quais um era pároco em São Carlos, Padre José Gonçalves Branco – três espanhóis, três portugueses, e um alemão que era pastor protestante, Erasmus Raabe que desembarcou no Rio de Janeiro. Foram

<sup>172</sup>Cf. ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos em los Países Bajos y las regiones adyacentes de alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simpósio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 374. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10171/5974>. Acesso em: 31 jan.2020.

<sup>173</sup>ACPMSC-SP- Carta ao Superior Provincial Pe. Henrique Roberto, MSC em 15 de julho de 1987. Tilburg. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 3, folha 9.

<sup>174</sup>Cf. ACPMSC-PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1. Folha, 1; ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vittae. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1.

<sup>175</sup>Para conhecer um pouco mais sobre este Padre pode-se ler: ROBERTO, Henrique. **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.133ss.

<sup>176</sup>Cf. ACPMSC-SP - **Escatula Província Brasileira - Capítulo I**. Livro, 1 Folha 10.

<sup>177</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 137: Deve-se mencionar que, embora tenha viajado um pouco antes e não junto com os Padres Koop e Brandts, havia ainda nessa turma também um irmão, Angelo Hoefgeest.

<sup>178</sup>Cf. ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vittae. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1.

<sup>179</sup>Cf. ANPRRJ. **Relação de Passageiro em vapores - Vapor Gelria- 04.10.1931**. BR RJANRIO BS.0.RPV, ENT.23836 – Dossiê. Disponível em: <http://sian.an.gov.br>. Acesso: 25.03.2020.



dezessete dias de viagem desde o ponto de partida, passando por Villagarcia (Espanha), Lisboa (Portugal), Salvador (Brasil) até a chegada ao Rio de Janeiro, em três de outubro daquele mesmo ano. Exatos nove dias antes da inauguração de um dos maiores símbolos católicos no Brasil, o Cristo Redentor. Icônica obra edificada no controverso governo Vargas, que mantinha relações, de certo modo, obscuras com a Igreja Católica.<sup>180</sup> Esse feito aponta tacitamente o timbre da relação entre a Igreja e o governo Getúlio naquela primeira metade do século XX, quando aquele jovem religioso chegou.

O destino final de Padre Pedro Paulo Koop, contudo, não era, à época capital Federal, mas sim o estuarino porto de Santos, no litoral paulista, ao qual os missionários aportaram um dia após terem parado no porto da enseada ocidental da baía de Guanabara, isto é, em quatro de outubro de 1931,<sup>181</sup> *dies dominicus*. Do cais de Santos, Padre Koop ainda percorreu, na locomotiva da Companhia Mogiana, pela estrada férrea d'Oeste, quase cento e cinquenta quilômetros até chegar ao noroeste da capital paulista na cidade de Campinas.<sup>182</sup> Esta era desde 1919 a única casa canônica erigida pela província holandesa no Brasil<sup>183</sup> e que por longos anos funcionou, mormente até o início da segunda metade do século XX, como casa mãe dos Missionários do Sagrado Coração no país, razão pela qual os Padres Koop e Brandts foram acolhidos inicialmente nesse local.

A atuação da congregação da qual Padre Pedro Paulo Koop fazia parte,<sup>184</sup> no Brasil, quando da sua chegada, já computava mais de vinte anos e estava presente em algumas cidades do norte e do noroeste paulista bem como do Sul de Minas. Antes dele chegar ao Brasil, dezenove turmas de irmãos e padres holandeses Missionários do Sagrado Coração já haviam vindo para o país.<sup>185</sup> A presença dos missionários

<sup>180</sup>Cf. SILVA, Paulo Julião da. A Igreja Católica e as relações políticas com o estado na Era Vargas. **Anais dos Simpósios da ABHR, V. 13 (2012)**. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/456>. Acesso em: 13 nov.2019.

<sup>181</sup>Cf. ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ACPMSC-SP **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159; COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 43.

<sup>182</sup>Cf. ANPRRJ. **Relação de Passageiro em vapores - Vapor Gelria- 04.10.1931**. BR RJANRIO BS.0.RPV, ENT.23836 – Dossiê. Disponível em: <http://sian.an.gov.br>. Acesso: 25.03.2020.

<sup>183</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p; M.S.C. **100 Anos M. S.C:1854 – 8 de dezembro 1954**. São Paulo: s/e, 1954, p. 66.

<sup>184</sup>Cf. ACPMSC-PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1. Folha, 1; ACPMSC-SP- ROBERTO, Henrique Batista. In Memoriam. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique. **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159.

<sup>185</sup>Cf. ACPMSC-SP- **Província Brasileira- Capítulo I**. folha 1-10.

neerlandeses, quase como uma regra, era fruto da fecunda experiência de remeter religiosos a terras distantes e, no Brasil, já havia da cepa de Júlio Chevalier, um número considerável de consagrados atuantes no país.

Graças ao alto número de vocações para o ministério sacerdotal e a vida consagrada, a Igreja na Holanda - que, representando 1% dos católicos, contribuiu com 10% dos missionários católicos do mundo - possuía um exército inumerável e crescente equipe totalmente disponível para educação e atendimento hospitalar [...].<sup>186</sup>

A presença dos Missionários do Sagrado Coração holandeses no Brasil remonta ao primeiro ano da segunda década do século XX.<sup>187</sup> Com denodo, Adriano Van Iersel, excepcional professor de Teologia Moral,<sup>188</sup> e Ludovico Kauling, poliglota e ilustrado,<sup>189</sup> foram os pioneiros do estabelecimento da Congregação em terras brasileiras. Cronologicamente esses missionários, que partiram de Antuérpia no dia 24 de abril de 1911, chegaram ao Rio de Janeiro em 22 de maio de 1911, após escala em Salvador<sup>190</sup>. Era o período da primeira república (ou República velha). Hermes da Fonseca era presidente do país. O Papa reinante, Pio X que, entre outras coisas, distinguiu o Brasil com a criação do primeiro cardeal do país e da América Latina - Joaquim do Arcoverde<sup>191</sup> - e elevou à condição de nunciatura, a representação de Santa Sé no país.<sup>192</sup>

A chegada dos primeiros membros da congregação fundada por Júlio Chevalier no Brasil foi mediada pelo Bispado da diocese de Pouso Alegre<sup>193</sup> que fora criado no

---

<sup>186</sup>ESTEBAN, Enrique Alonso De Velasco. la crisis de la Iglesia católica en los países bajos en la segunda mitad del siglo xx. **Anuario de História de La Iglesia**. v.20, 2011, p. 27.

<sup>187</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 1.8.13 (Manuscrito).

<sup>188</sup>Sobre Pe. Adriano Van Iersel, pode-se ler: ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Professor até o fim: Padre Adriano Van Iersel (1879-1967) - Fundador da congregação MSC no Brasil. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 69, n. 3, mar. 199, p. 26-27; Ou ROBERTO, Henrique. **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 74-76.

<sup>189</sup>Sobre Pe. Ludovico Kauling pode-se ler: ROBERTO, Henrique, **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 27-29 ou ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Pe. Ludovico Kauling, o outro pioneiro. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 70, n. 9, set. 2017, p. 26-27.

<sup>190</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 6-7 (Manuscrito).

<sup>191</sup>Acerca deste tema pode-se ler: LEITE, Marjone Socorro Farias de Vasconcelos. **Dom Arcoverde: o Cardeal dos Sertões 1870 – 1922**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7832>. Acesso em: 25 mar.2020.

<sup>192</sup>Cf. ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Santa Sé no Brasil entre 1920 e 1937**. 2011. UNESP, 2011. (Tese de doutorado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103109>. Acesso em: 25.mar.2020.

<sup>193</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 255; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. A História continua assim. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 1, jan. 2010, p. 27; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Professor até o fim: Padre Adriano Van Iersel (1879-1967) - Fundador da congregação MSC no Brasil. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 69, n.3, mar. 1999, p. 27.

processo de estadualização das dioceses, à sombra do “progresso da construção da estrada de ferro”<sup>194</sup> em 1900. Na época, Dom Augusto de Assis, era o seu segundo Bispo, sucedendo a Dom João Batista Corrêa Nery, nomeado Bispo da recém criada diocese de Campinas como parte daquilo que ficou caracterizado como processo de romanização do catolicismo no Brasil.<sup>195</sup> Entre outubro de 1910 e novembro de 1911, Dom Augusto de Assis viajou por Portugal, Espanha e Roma, envidando esforços para conseguir padres e recursos para sua diocese.<sup>196</sup> Ele, dentre outras congregações,<sup>197</sup> recorreu ao procurador dos Missionários do Sagrado Coração junto a Santa Sé, Padre Pedro Benedetti – Este, tempos depois, seria nomeado Bispo em Cuba e internúncio no Haiti.<sup>198</sup> O religioso, por sua vez, o apresentou ao Superior Geral da Congregação, Padre Eugênio Meyer, para que fizesse seu pedido.<sup>199</sup> O Superior Geral, atento ao pedido do Bispo da diocese Sul mineira de ofertar-lhes padres-educadores, encaminhou-o à florescente província holandesa, particularmente ao superior provincial, Padre Adriano Brocken. Ele, por seu turno, de comum acordo com o conselho provincial, acolheu o pedido do prelado do interior de Minas Gerais.<sup>200</sup> Assim, enviou Adriano Van Iersel e Ludovico Kauling com a finalidade inicial de reger o colégio e o seminário diocesano.<sup>201</sup> A Adriano Van Iersel competia a faculdade de, após aquilatar *in loco* as propostas do Bispo diocesano, “firmar contrato com a diocese”<sup>202</sup> de Pouso Alegre. Contrato este, em francês, assinado em 02 de junho

---

<sup>194</sup>GOMES, Edgar. **O Catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na primeira república (1889-1930)**. São Paulo: PUC/SP, 2012, p. 102 (Tese de Doutorado).

<sup>195</sup>Cf. OLIVEIRA, Pedro. A. Ribeiro. de. **Religião e Dominação de classe: Gênese, estruturação e função do catolicismo romanizado no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 279-282.

<sup>196</sup>Cf. CARVALHO, Augusto Jose de. **Polianteia Centenário de nascimento de Dom Octavio Chagas de Miranda**. Terceiro Bispo Diocesano de Pouso Alegre. Pouso Alegre: Tipolitografia Escola Profissional, 1981, p. 81; Cf. PERLATTO, J. (Org.). **Pouso Alegre, Diocese Centenária: 1900 - 4 de agosto – 2000**. Pouso Alegre: Grafcenter, 2000, p. 20; OLIVEIRA, João Aristide. **A diocese de Pouso Alegre no ano jubilar de 1950**. Pouso Alegre: Tipolitografia Escola Profissional, s/d, p. 34; FERREIRA, Vonilton Augusto. **Arquidiocese de Pouso Alegre, MG – 50 anos**. Pouso Alegre: Pancron, 2012, p. 20.

<sup>197</sup>Cf. FRANCO, Hiansen Vieira. **A História da Igreja no Sul de Minas: A criação das dioceses de Pouso Alegre, Campanha e Guaxupé**. Jundiá: Paco editorial, 2020, p. 152-153.

<sup>198</sup>Cf. CONSILIO GENERALI SOCIETAS. **SYBOLUM HISTORIAE M.S.C.** Roma: s/e, 1966, p. 49.

<sup>199</sup>ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 64, n. 5, maio. 2001, p. 9; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Em solo Brasileiro. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 2, fev. 2010, p. 27.

<sup>200</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p.3 (Manuscrito).

<sup>201</sup>Cf. KERCK, J. **Cien años de vida Misioneira**. Santo Domingo/República Dominicana: Editora amigo del hogar, s.d, p. 82; OLIVEIRA, João Aristide. **A diocese de Pouso Alegre no ano jubilar de 1950**. Pouso Alegre: Tipolitografia Escola Profissional, s/d, p. 34; FERREIRA, Vonilton Augusto. **Arquidiocese de Pouso Alegre, MG – 50 anos**. Pouso Alegre: Pancron, 2012, p. 20; Cf. PERLATTO, J. (Org.). **Pouso Alegre, Diocese Centenária: 1900 - 4 de agosto – 2000**. Pouso Alegre: Grafcenter, 2000, p. 20.

<sup>202</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 255; APSNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. **A História**

de 1911.<sup>203</sup> Já antes do final desse mesmo ano, chegariam novos missionários para ajudar no trabalho.<sup>204</sup>

No mês de maio de 1911 chegaram ao Brasil os padres Adriano Van Iersel e Ludovico Kauling, os primeiros M.S.C. Foi em consequência de um convite do Bispo de Pouso Alegre, Minas Gerais, para assumir a direção do Colégio diocesano (também Seminário). Nas informações preparatórias, colhidas em 1910 e 1911, pelo P. Adriano Van Iersel, na Bélgica, junto à Ordens e Congregações religiosas que tinham colégios no Brasil, há indícios que inicialmente se pensou, de modo especial, em trabalho em colégios e seminários, sem excluir trabalho paroquial.<sup>205</sup>

Pouco menos de um ano da assinatura do contrato e já instalado à frente do Ginásio diocesano, rugas - não suficientemente esclarecidas<sup>206</sup> - no relacionamento com o bispado e com o clero secular,<sup>207</sup> levaram o superior da missão, Padre Adriano Van Iersel a decidir buscar outro campo missionário. Inicialmente consultou o Bispo de Ribeirão Preto,<sup>208</sup> Dom Alberto José Gonçalves, que respondeu que já tinha padres para o seu Ginásio. Em seguida, tentou contato com o Bispo de Botucatu, Dom Lúcio Antônio de Souza,<sup>209</sup> que lhe deu uma resposta favorável. Em 1912, Ludovico Kauling foi nomeado diretor do Ginásio Diocesano da província eclesiástica de Botucatu e lhe acompanharia o Padre José Heykigers, que em outubro do ano anterior, havia chegado

---

continua assim. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 73, n. 2, fev. 2010, p. 27.

<sup>203</sup>Cf. ACPMSC-SP - **Contrato entre os MSC e o bispado de pouso Alegre.** (Manuscrito); ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. 1911 – 2001. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 64, n. 6, jun. 2001, p. 18; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Em solo Brasileiro. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 73, n. 2, fev. 2010, p. 27.

<sup>204</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 64, n.6, junho. 2001, p. 18; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Em solo Brasileiro. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 73, n. 2, fev. 2010, p. 27; DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC).** s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 259.

<sup>205</sup>ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 1, folha 1, s/p.

<sup>206</sup>Pesquisas recentes dão conta de quão difícil e instável era a figura de Dom Augusto de Assis. Esse fato levou a constantes contendas com o clero e com Congregações. No caso dos Missionários do Sagrado Coração a contenda, como se pode extrair de uma carta do Bispo a nunciatura e o ao prefeito da congregação para vida religiosa, a época cardeal Vives y Tutó, gravitou em torno de questões relativas a modos e costumes, tais como: “Fumar cachimbo em público” ;“dirigir-se ao superiores em público usando o pronome você” e ainda por, “ mesmo na presença de outras pessoas, falar em holandês”; Da parte dos Religiosos, a queixa era que o bispo tratava de maneira desrespeitosa ao superior local da missão, Padre Adriano Van Iersel, a comunidade religiosa e aos alunos do Ginásio. Cf. FRANCO, Hiansen Vieira. **A História da Igreja no Sul de Minas: A criação das dioceses de Pouso Alegre, Campanha e Guaxupé.** Jundiá: Paco editorial, 2020, p. 160-161.

<sup>207</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC).** s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 259.

<sup>208</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 6, folha 4, p. 2 (Manuscrito).

<sup>209</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de La Congregation au Brésil”. p. 6-7. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 6, folha 4, p. 13. (Manuscrito).

com um grupo de outros três Padres e três Irmãos<sup>210</sup> da Holanda para fazer frente às demandas de trabalho no ginásio da diocese Sul-mineira.

Exatos três anos e meio durou a permanência dos Missionários do Sagrado Coração à frente do Ginásio diocesano. Em 1915 a direção foi entregue ao clero diocesano. Os religiosos, no entanto, num movimento de diáspora espraíram pelo interior da diocese de Pouso Alegre, assumindo trabalhos em Piranguçu e Itajubá.<sup>211</sup> Ademais, nos anos seguintes, expandiram-se pelas dioceses de Guaxupé (Alfenas, Machado, “Machadinho”); Botucatu (Bauru); Cafelândia (Pirajuí; Presidente Alves) e Campinas (Campinas).<sup>212</sup> Esta última, entre outras coisas, pela interligação ferroviária, foi escolhida para acolher a fundação de uma casa religiosa que, mais tarde seria a primeira casa canônica no Brasil, em 1919.<sup>213</sup>

Entrementes a chegada de novos missionários e visitas dos superiores holandeses, o olhar futuro dos que trabalhavam no Brasil os forçava a ver, na formação de Missionários do Sagrado Coração autóctones, a continuidade do seu apostolado. Desse modo, ficou estabelecido que a cidade de Pirassununga, à época diocese de Campinas, abrigaria a primeira casa de formação no Brasil, inaugurada em 1932.<sup>214</sup> Outras casas formativas viriam a ser construídas em Itapetininga (Diocese de Sorocaba) e em São Paulo (Arquidiocese homônima) antes do final da primeira metade do século XX.

A esse grupo, com mais de vinte anos de presença no Brasil e sedimentado em dioceses no Estado de Minas Gerais e São Paulo, Pedro Paulo Koop veio associar-se. Tratava-se naqueles primeiros anos da década de trinta do século XX, de um grupo relativamente sólido atuando em quatro dioceses com cinquenta e um membros,<sup>215</sup> trinta e seis sacerdotes e quatorze irmãos.<sup>216</sup> Em geral, o apostolado era marcado pelo

---

<sup>210</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) *Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração*. a. 64, n. 6, jun. 2001, p. 18; DORREN, Gabrielli. *Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)*. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 259.

<sup>211</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. *Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração*. a. 73, n. 3, mar. 2010, p. 27.

<sup>212</sup>Cf. M.S.C. *100 Anos M. S.C.:1854 – 8 de dezembro 1954*. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

<sup>213</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. *Escatula Documentos históricos da Província Brasileira*. Pasta 1, folha 1, s/p.

<sup>214</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) *Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração*. a. 64, n. 5, jun. 2001, p. 19; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. *Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração*. a. 73, n.3, março. 2010, p. 27; DORREN, Gabrielli. *Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)*. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 262.

<sup>215</sup>Cf. ACPMSC-SP - *Província Brasileira- Capítulo I*. folha 1-10.

<sup>216</sup>Cf. ACPMSC-SP - *Província Brasileira- Capítulo I*. folha 1-10.

atendimento a paróquia, capelanias, aulas em escolas diocesanas. Cientes do volume de trabalho e acreditando no envio de mais missionários holandeses – como atesta a chegada de Koop e Brandts – e com a formação que acabara de iniciar, um futuro esperançoso anunciava-se para a congregação. De fato, a história atestou essa tese e, antes do final da primeira metade daquele século, em 13 de outubro de 1946<sup>217</sup> fez-se a ereção canônica de uma província Brasileira dos Missionários do Sagrado Coração.

Diante desse cenário promissor, marcado por um bom grupo e uma demanda significativa de trabalhos, após um período de aclimatação em terras brasileiras ao noroeste de São Paulo, Brandts e Koop são destinados para os ministérios que deverão executar. O primeiro foi nomeado professor na Escola Apostólica em Pirassununga (SP), recém-inaugurada. O segundo, após os poucos meses de sua primeira estada em Campinas, das terras baixas, planas e alagáveis da Holanda, foi designado para as altas montanhas sul mineiras, particularmente para a freguesia de Nossa Senhora da Soledade na cidade de Itajubá.

### 3.1 Itajubá, propedêutico em terras Brasileiras

Após dois meses na cidade de Campinas, ambientando-se e familiarizando-se com a nova língua e com o novo país, Pedro Paulo Koop recebe sua primeira nomeação. O administrador da missão, a época, Padre Leonardo Hendriks,<sup>218</sup> julgou por bem enviar o jovem sacerdote, recém-chegado da Europa, para atuar na paróquia de Nossa Senhora da Soledade em Itajubá,<sup>219</sup> Sul do Estado de Minas Gerais, na diocese de Pouso Alegre, aquela que fora, outrora, o berço da primeira instalação dos Missionários do Sagrado Coração, sob o pátio da regência do ginásio diocesano.<sup>220</sup>

A bordo de um trem que partiu da estação central de Campinas (SP) em janeiro de 1932, Pedro Paulo Koop desembarcou na estação ferroviária de Itajubá no dia 06

<sup>217</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p; Cf. KERCK, J. **Cien años de vida Misionera**. Santo Domingo/República Dominicana: Editora amigo del hogar, s.d, p. 82.

<sup>218</sup>Cf. ACPMSC-SP- **Historie M.S.C em Brésil**: Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne, p. 2.

<sup>219</sup>Cf. ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1; ACPMSC-SP- ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.159; COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 43.

<sup>220</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 9. (Manuscrito).

desse mesmo mês.<sup>221</sup> De Campinas até Sapucaí, divisa com o Estado de São Paulo, o percurso certamente fora feito através do vapor de trem da Companhia Mogiana de Estradas de Ferro,<sup>222</sup> única que cumpria esse trajeto. Desta estação até o município de Itajubá o trecho foi vencido pela recém fundada Viação Mineira,<sup>223</sup> que passou a amalgamar várias estradas férreas em Minas Gerais e que, de igual modo, era a única companhia que fazia o itinerário passando pela estação de Itajubá.

Naqueles idos de 1932, Itajubá era uma pacata cidade de clima ameno no interior de Minas Gerais. Os Missionários do Sagrado Coração já atendiam esse município desde 1915 como capelania e desde 1926 haviam fixado residência nessa localidade. Sua presença aconteceu, paulatinamente, após a diáspora na sede do bispado de Pouso Alegre, fruto das rusgas acerca da direção do Ginásio. Após esse fato, a congregação estabeleceu-se em vários outros campos de atuação, no interior de São Paulo, em outras dioceses sul mineiras e no próprio interior da diocese pastoreada por Dom Augusto de Assis.

Dentre as várias cidades assumidas pela congregação no interior do bispado de Pouso Alegre, o distrito de Piranguçu foi entregue pelo Bispo diocesano aos Missionários do Sagrado Coração tendo na figura do Padre Geraldo Vesters – mais tarde Bispo na Papua Nova Guiné,<sup>224</sup> seu primeiro vigário.<sup>225</sup> Distante mais de oitenta quilômetros da sede do bispado, Piranguçu era um distrito do município de Itajubá desde 1862 quando esta última foi tornada cidade.<sup>226</sup> Estabelecidos em Piranguçu os padres dessa congregação prestavam serviço de capelania às religiosas da congregação da Divina providência de Gap na cidade de Itajubá, particularmente o Padre João Galiard.<sup>227</sup> Possivelmente esta foi a porta para o estabelecimento futuro de uma casa nessa cidade.

---

<sup>221</sup>Cf. ACPMSC-PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph.** Pasta 1, Folha, 1; ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 2, folha 1; ACPMSC-SP- ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 2, folha 2, p.2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração.** São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.159.

<sup>222</sup>Cf. CARDOSO, Wilker e SILVA, Jailson. **Silêncios nos Trilhos: Um capítulo das ferrovias sul mineiras.** Pouso Alegre: Univás, 2013, p. 32.

<sup>223</sup>Cf. CARDOSO, Wilker e SILVA, Jailson. **Silêncios nos Trilhos: Um capítulo das ferrovias sul mineiras.** Pouso Alegre: Univás, 2013, p.13.

<sup>224</sup>ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração.** São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 4.

<sup>225</sup>Cf. COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG.** Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 35.

<sup>226</sup>Cf. IBGE. **Itajubá.** Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/itajuba.pdf>. Acesso em: 02 abr.2020.

<sup>227</sup>Cf. ACPMSC-SP. Congregação dos Missionários do Sagrado Coração de Jesus da Província do Norte no Brasil. 1 de julho de 1917. **Escatula Documentos Históricos.** Pasta 6, folha 1, s/p; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração.** São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 41.

Em 1926, os Missionários do Sagrado Coração estabelecem uma residência em Itajubá,<sup>228</sup> não mais apenas no distrito de Piranguçu, mas definitivamente na sede desta cidade que vertiginosamente crescia. “Por portaria de Dom Octavio Chagas, em 5 de fevereiro de 1926, foi nomeado e efetivado no cargo de Vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Soledade, o Revmo. Padre João Baptista Van Rooyen”.<sup>229</sup> Este religioso ficará a frente do trabalho paroquial em Itajubá por mais oito anos. A ele, em 1932, o Padre Paulo Koop se associará nos serviços de atendimento às capelas, na celebração de missas e confissões, nas benções matrimoniais, nos ofícios fúnebres, enfim, no atendimento religioso da população itajubense.

Embora Koop tenha chegado a Itajubá nos dias iniciais de 1932, sua provisão como vigário coadjutor é datada de 1931, Natal desse ano. Assinada por Dom Octavio Chagas Miranda, que desde 1916 era o terceiro Bispo da diocese de Pouso Alegre. A provisão atendia a solicitação do pároco e rezava as competências que Koop teria no ofício de Vigário Coadjutor. Pautado pelo Código de Direito Canônico e pelas Constituições Eclesiásticas que regiam a província Eclesiástica à qual Pouso Alegre estava ligada, Padre Koop foi investido de quatro ofícios, típicos do ministério Sacerdotal: celebrar, pregar, atender confissões e assistir casamentos.<sup>230</sup>

A vida prática da paróquia, sobretudo os livros oficiais registram uma atividade pastoral intensa do sacerdote. Naquele ano, dos 1049 batizados, Koop celebrou 292.<sup>231</sup> Também oficiou alguns casamentos, precisamente 37 casamentos de um total de 485.<sup>232</sup> e com certeza presidiu muitas missas na, ainda em construção, Igreja Matriz de Nossa Senhora da Soledade e nas capelas da paróquia, normalmente comunidades rurais. Oferecia aos paroquianos possibilidade de confissões e assistia a grupos e movimentos religiosos. Para atestar isso, pode-se citar uma paroquiana que naqueles anos, assim descrevia o trabalho da comunidade religiosa na Igreja da Soledade:

[...] Fundaram diversas associações religiosas e dos mais pequeninos catequizandos, aos mais respeitados senhores, todos faziam parte de alguma irmandade. Assim, a ‘liga Católica de Jesus Maria e José’, para os homens, a ‘Congregação mariana para os rapazes e a Congregação de Santa Ignez’ para meninas, incentivavam também a Congregação das filhas de maria que abrangeu a cidade toda, para as moças, a cruzada Eucaristicaa para as crianças, após a 1ª comunhão. Assim o ‘Apostolado

<sup>228</sup>Cf. PERLATTO, J. (Org.). Pouso Alegre, Diocese Centenária: 1900 - 4 de agosto – 2000. Pouso Alegre: Grafcenter, 2000, p. 101.

<sup>229</sup>APNSS - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Soledade. **Livro tombo**. Itajubá-MG, p. 3-4.

<sup>230</sup>Cf. APNSS - **Livro tombo**. Itajubá-MG, p. 126.

<sup>231</sup>Cf. APNSS - **Livro de Batismo**. Itajubá-MG, *passim*.

<sup>232</sup>Cf. APNSS - **Livro de Casamento**. Itajubá-MG, *passim*.



da Oração' foi aumentando com novas zeladoras e a Irmandade de São Benedito Renovada. Era uma família apenas, 'a família de N<sup>a</sup>. Sr<sup>a</sup> da Soledade.'<sup>233</sup>

Deve-se dizer ainda que o ano de 1932 foi marcado por inúmeros eventos religiosos no sul mineiro e por uma convulsão político-social da qual aquela região foi palco. Do ponto de vista político, foi o ano da Revolução constitucionalista na qual paulistas e mineiros, enfrentaram-se tendo, além do túnel da Mantiqueira, em Pouso Alegre um dos seus principais embates.<sup>234</sup> De Itajubá, os Missionários do Sagrado Coração enviaram Padre Eysbrando Cornélio Paulo Hartgers, que acompanhou o destacamento de Itajubá nas trincheiras “como capelão militar que a todos amparava como ‘bom pastor.’”<sup>235</sup> Padre Paulo Hartgers, certamente testemunhou as vicissitudes do embate entre paulistas e mineiros. De igual modo, dado que ele morou junto com o Padre Koop, naquele ano, é certo que as memórias desta batalha sangrenta devam ter chegado ao conhecimento de Paulo Koop. Textualmente não há precedentes de nenhum comentário de Padre Pedro Paulo acerca deste episódio, mas dadas as proporções da Revolução Constitucionalista, não é improvável que isso tenha sido um fato relevante na história de um sacerdote recém-chegado ao Brasil. O próprio pároco na época, Padre João Baptista Van Rooyen, deixou registrado no livro de tombo a impressão que a revolução havia causado na comunidade religiosa:

A crise econômica e a **revolução política** deram como elementos imprevistos uma feição toda especial a nossa vida religiosa e moral. De um lado foi oferecida aos bons uma ocasião de fazer bem em escala maior aos que sofriam - **soldados, pobres, presos**; do outro lado, propagandistas do mal, protestantes e descrentes não negligenciaram a oportunidade de semear a cizânia no meio do trigo. Decorridos os meses que fomos tantas vezes sobressaltados, resta-nos o dever de gratidão para com Deus, a cuja bondade devemos mais um ano de proteção visível e bênçãos imensuráveis.<sup>236</sup>

Do ponto de vista religioso, como descrito pelo testemunho de uma paroquiana acima (cf. nota 235), a vida paroquial naquele ano movia-se por exercícios de piedade protagonizados por associações religiosas. Naquele ano, a julgar pelo resumo anual descrito no livro tombo,<sup>237</sup> o Congresso Mariano entre os dias 22 e 29 de maio de 1932,

<sup>233</sup>COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 21.

<sup>234</sup>Cf. CARDOSO, Wilker e SILVA, Jailson. **Silêncios nos Trilhos**: Um capítulo das ferrovias sul mineiras. Pouso Alegre: Univás, 2013, p. 56.

<sup>235</sup>COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 21; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 41.

<sup>236</sup>APNSS - **Livro tombo**. Itajubá - MG, p.128v (Grifo nosso).

<sup>237</sup>Cf. APNSS - **Livro tombo**. Itajubá - MG, p.128v.

foi “uma manifestação eloquente do catolicismo em Itajubá.”<sup>238</sup> Tratava-se de uma movimentação religiosa que envolvia, desfiles, procissões, pregações públicas. Esse evento descrito em superlativo pelo pároco fora organizado pela Pia União das Filhas de Maria, que à época contavam com mais de trezentas associadas. As ações do Congresso ultrapassaram os limites de Itajubá e se acercaram da vizinha paróquia de Piranguçu. O próprio Bispo diocesano, Dom Octavio Chagas Miranda, “se dirigiu expressamente a [...] cidade de Itajubá para encerrar os trabalhos do Congresso.” De tão superlativo evento, o jovem Paulo Koop, certamente tomou parte. Aquelas representações religiosas expressões de um catolicismo devoto e piedoso devem ter forjado a têmpera das suas primeiras impressões da tradição religiosa no Brasil.

A influência da estada em Itajubá na história de Pedro Paulo Koop, a partir de seus próprios escritos, não pode ser mensurada. Ele pouco se reporta a sua passagem por esse lugar. Aqueles que narram sua história, pouco dizem desse ano, *an passan* comentam esse período. No entanto, pode-se intuir alguns elementos. Itajubá desponta como um propedêutico em terras brasileiras para aquele sacerdote, um ambiente de mais intensa aclimatação. Tratava-se da mesma diocese que, vinte anos atrás, seus primeiros confrades chegaram e que, agora, acolhia o jovem Paulo Koop. O ambiente bucólico e a vida paroquial que Koop percebe nesses meses iniciais é de uma realidade afeita a sacramentos e assistência a movimentos religiosos de diversos matizes. Por certo, as Semanas Marianas, as Procissões e Festas Patronais corroboram essa impressão. De igual modo, a revolução constitucionalista, anti-getulista imprimia a tônica das relações políticas que se vivia naquele momento histórico no Brasil. Padre Paulo Koop pôde testemunhar uma prática religiosa devotada e uma vida política belicosa e agitada no seu primeiro ano de Brasil. Essas impressões iniciais vão forjando sua imagem deste país.

A provisão de Koop, expedida pelo Bispo de Pouso Alegre, no natal de 1931 tinha como validade apenas um ano, expirava ao final de 1932. Sua estada na paróquia de Nossa Senhora da Soledade, encerra-se exatamente no dia 24 de dezembro.<sup>239</sup> Por razões diversas e a juízo do mesmo superior e conselho que o enviara para o Sul de Minas, o Padre Paulo Koop, recebeu uma nova designação. Desta vez, ele foi nomeado para aquela que, na época, chamava-se diocese de Cafelândia, no noroeste paulista. De

---

<sup>238</sup>APNSS - Livro tombo. Itajubá - MG, p.128v.

<sup>239</sup>Cf. ACPMSC-PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph.** Pasta 1. Folha, 2.

modo particular para uma cidade distante cinquenta quilômetros da sede do Bispado, que havia crescido à sombra da devoção a São Sebastião e da expansão da estrada de ferro, isto é, a cidade de Pirajuí.

### 3.2 Pedro Paulo Koop em Pirajuí: “Deixou vir a si todas as crianças”

Findado o ano no bispado de Pouso Alegre, sob o juízo do delegado do superior da província holandesa e superior local da missão no Brasil, neste período ainda o Padre Leonardo Hendricks,<sup>240</sup> Pedro Paulo Koop recebe nova nomeação. Ele fora designado para a cidade de Pirajuí.<sup>241</sup> Tratava-se do seu segundo ano no Brasil e da sua segunda nomeação.

As razões dessa rápida mudança não são suficientemente esclarecidas. Sabe-se, contudo, que o Padre José Willegin, vigário de Pirajuí, em julho de 1932 havia saído em férias para sua terra natal, Alemanha.<sup>242</sup> Em ato do Bispo diocesano, foi nomeado outro Missionário do Sagrado Coração, Padre Cornélio van Amerong,<sup>243</sup> para a função de vigário substituto/encomendado até o retorno do vigário titular, tendo como colaborador Padre Christiano Pilzercker.<sup>244</sup> Este último permaneceu somente até o final daquele ano, ficando o vigário substituto – e o vigário titular, quando retornasse – sozinho e com uma imensa área pastoral para cuidar.<sup>245</sup> Assim, entende-se que antecipando aos desafios pastorais dessa imensa paróquia, o conselho da missão no Brasil, entendeu que a nomeação de um jovem sacerdote seria uma colaboração prestimosa no trabalho pastoral bem como elemento indispensável para a composição de uma comunidade religiosa.

<sup>240</sup>Cf. ACPMSC-SP- **Historie M.S.C em Brésil**: Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne, p. 2.

<sup>241</sup>Cf. ACPMSC-PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1. Folha, 1; ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 1; ACPMSC-SP- ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p.2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159.

<sup>242</sup>Cf. APSSP – Arquivo da Paróquia São Sebastião de Pirajuí. **Livro Tombo I**: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 39v.

<sup>243</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I**: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 40.

<sup>244</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I**: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 40v.

<sup>245</sup>A paróquia de Pirajuí, no ano de 1931, por determinação do Bispo do Bispo de Cafelândia, *ad tempus* havia anexado ao seu território as paróquias de Iacanga, Batalha (hoje Reginópolis) e Souturna a paróquia de Pirajuí, postas sob o cuidado do vigário do local. Cf. LIMA, Rafael Zagato. **Paróquia São Sebastião**: Uma realidade no início do século XX. s.l: s.e, s.d, p. 44 ou Cf. APSSP- **Livro Tombo I**: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 36v. 37v.

Nos dias finais de dezembro de 1932, Paulo Koop deixa Itajubá (MG). O sacerdote, a bordo de trens, ora da Companhia da Viação mineira,<sup>246</sup> ora da Companhia Estrada de Ferro Noroeste do Brasil,<sup>247</sup> chega à cidade de Pirajuí (SP). A nova missão de Koop, estava distante mais de quinhentos quilômetros da sul-mineira cidade de Itajubá situada no noroeste do interior paulista, num antigo reduto dos indígenas Kaingang.<sup>248</sup> Tratava-se de um lugar devedor de sua fundação aos esforços perpetrados por desbravadores nos anos finais do século XIX,<sup>249</sup> crescida associando-se à malha ferroviária paulista<sup>250</sup> e desenvolvida sob a égide do cultivo e da exportação do café que, desde 1820 até o fim da primeira metade do século XX, consolidou-se como um dos maiores produtos de exportação nacional.<sup>251</sup> Era uma pacata cidade do interior paulista posta sob a intercessão patronal de São Sebastião desde a formação das primeiras aglomerações.<sup>252</sup>

A presença da congregação da qual Koop fazia parte, nesse lugar, de certo modo, está associada às dificuldades encontradas no bispado de Pouso Alegre, exórdio da missão no Brasil.<sup>253</sup> Ainda na Holanda, por parte dos padres da ordem dos Premonstratenses (ou Norbertinos), os Missionários do Sagrado Coração foram orientados a esquecerem as terras mineiras que estavam, “nas garras da pobreza e, na opinião deles, sem futuro, como todo estado de Minas Gerais.”<sup>254</sup> Deviam, por essa razão, proporem-se a trabalhar no estado de São Paulo que era moderno e estava em plena ascensão.<sup>255</sup> Não obstante esse conselho, eles foram para Pouso Alegre, como já aludido. Nos primeiros anos, vivenciando tensões na coordenação do ginásio da diocese

<sup>246</sup>Cf. CARDOSO, Wilker e SILVA, Jailson. **Silêncios nos Trilhos**: Um capítulo das ferrovias sul mineiras. Pouso Alegre: Univás, 2013, p. 13.

<sup>247</sup>Cf. FABRI, Fernanda Aparecida. **Um ponto fora da linha**: a formação urbana do Município de Pirajuí (1900 – 1930). Bauru: UNESP, 2017, 50ss. (Dissertação de mestrado).

<sup>248</sup>Cf. SCHADEN, E. Os primitivos habitantes do território paulista. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 jan. 1954, p. 9.

<sup>249</sup>Cf. PINHEIRO, Breno. Pirajuhy: a derrubada das matas – os primeiros ranchos – a primeira fazenda da zona – a primeira missa – a cidade - a comarca. **A Noroeste**. Bauru, 15.jul.1930, n. 38.

<sup>250</sup>Sobre a relação entre a ferrovia e desenvolvimento de Pirajuí, pode-se ler: FABRI, Fernanda Aparecida. **Um ponto fora da linha**: a formação urbana do Município de Pirajuí (1900 – 1930). Bauru: UNESP, 2017, 115p. (Dissertação de mestrado)

<sup>251</sup>Cf. TAUNAY, Affonso d’Escrangnolle. **Pequeno histórico do café no Brasil**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional do Café, 1945.

<sup>252</sup>Cf. LIMA, Rafael Zagatto. **Paróquia São Sebastião**: Uma realidade no início do século XX. s.l: s.e, s.d, p. 29.

<sup>253</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de La Congregation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 1. 8. (Manuscrito).

<sup>254</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 256.

<sup>255</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 256.

Sul mineira e temendo situações complexas para futuro da congregação no país, Padre Adriano Van Iersel estabeleceu contatos, entre outros, com o Bispo de Botucatu, à época Dom Lúcio Antônio de Souza.<sup>256</sup> Assim, em 1912, como anteriormente dito, os Padres Ludovico Kauling e José Heykigers foram nomeados para o ginásio diocesano da província eclesiástica de Botucatu,<sup>257</sup> permanecendo a frente da Instituição.

Malgrado as boas intenções do Padre Van Iersel, o relacionamento entre o bispado de Botucatu e os dirigentes do ginásio, por razões não suficientemente expostas, soçobrou.<sup>258</sup> Aventa-se, contudo, que assoma-se às dificuldades de relacionamento o fato de Dom Lúcio Antônio de Souza, em paralelo às negociações com os Missionários do Sagrado Coração, também estivesse em tratativas com os Lazaristas.<sup>259</sup> De fato, esta congregação, “depois de muita negociação entre o bispo de Botucatu e o Papa Pio X [...], [veio administrar] o seminário de Botucatu, inaugurado em 1911, o primeiro do interior Paulista.”<sup>260</sup>

Face a tal acontecimento, o Bispo propôs aos missionários que permanecessem na diocese, no entanto, atuando numa área pastoral a ser constituída. Apresentou, para que escolhessem apenas uma, o vasto território das cidades de Bauru e a não menos grandiosa área pastoral de Iguapé.<sup>261</sup> Ambos territórios praticamente a serem

---

<sup>256</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 13. (Manuscrito); ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Em solo Brasileiro. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 2, fev. 2010, p. 27.

<sup>257</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de La Congregation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 13 (Manuscrito); ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Em solo Brasileiro. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 2, fev. 2010, p. 27.

<sup>258</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de La Congregation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 13 (Manuscrito).

<sup>259</sup> Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. **Província Brasileira. Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 3, p. 2.

<sup>260</sup>AQUINO, Maurício de. **A criação da Diocese de Botucatu e a ação romanizadora de seu primeiro bispo, D. Lúcio Antunes de Sousa (1909-1923)**. Disponível em: [http://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/AQUINO-\\_A-criação-da-Diocese-de-Botucatu-e-a-ação-romanizadora-de-seu-primeiro-bispo.pdf](http://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/AQUINO-_A-criação-da-Diocese-de-Botucatu-e-a-ação-romanizadora-de-seu-primeiro-bispo.pdf). Acesso em: 05 jun.2020.

<sup>261</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de La Congregation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 13 (Manuscrito); M.S.C. **100 Anos M. S.C:1854 – 8 de dezembro 1954**. São Paulo: s/e, 1954, p. 65-66.

explorados. Os padres optaram<sup>262</sup> pela primeira cidade, Bauru,<sup>263</sup> conhecida por antonomásia como “boca do sertão” e estabeleceram-se nesse lugar em 1913.<sup>264</sup>

Dadas às dificuldades com o Bispo na direção do Ginásio, foi escolhido para iniciar o trabalho em Bauru o Padre Arnaldo Geertes tido como moderado, afeito ao diálogo e que nas fileiras da congregação ficou conhecido como “Bandeirante apostólico da zona noroeste do Estado de São Paulo.”<sup>265</sup> Bauru, para qual Padre Arnaldo estava nomeado, foi descrita por Paulo Koop, tempos depois, nos seguintes termos: “[...] Bauru por exemplo, território imenso, população aventureira, abandono total de dezenas de milhares de fiéis, e tudo por começar, os primeiros padres semearam na dôr” (*sic*).<sup>266</sup>

Instalados no bispado de Botucatu, os padres tinham o vasto território da freguesia de Bauru para atenderem. Sua extensão comportava, entre outros, o distrito de Pirajuí.<sup>267</sup> Esse lugar, também, passou a ser visitado em regime de desobriga (visitas sazonais) pelos Missionários do Sagrado Coração. Três anos após a instalação na cidade de Bauru, em 05 de outubro de 1916, mesmo que a capela já fosse atendida a partir do município alcunhado de boca do sertão, Dom Lúcio Costa, constituiu e nomeou, os Padres Arnaldo Geerts<sup>268</sup> e Paulo Haertgs<sup>269</sup> respectivamente, capelão e coadjutor de Pirajuí que, um ano antes, havia sido emancipado, desmembrando-se do município de

---

<sup>262</sup> Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. Província Brasileira. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 3, p. 2. Uma primeira e mais antiga versão do Manuscrito “Les debut de La Congregation au Brésil” intitulado “Province du Brésil” Padre Adriano Van Iersel descreve as razões pelas quais Bauru foi escolhida: “Nós dirigíamos o Seminário até a vinda dos Padres Lazaristas. E agora? Tive a escolha [Iguapé] Zona marítima infestada de moléstia e Bauru, cidade novíssima que em poucos anos já tivera 10 vigários todos apóstatas, um depois do outro. Eu escolhi Bauru e esta escolha redundou em grande benefício para a Igreja naquela zona e para congregação que teve ai o seu campo de trabalho pioneiro mais difícil, mais heroicos e mais abençoado”.

<sup>263</sup>Cf. M.S.C. **100 Anos M. S.C:**1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

<sup>264</sup>Cf. M.S.C. **100 Anos M. S.C:**1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e, 1954, p. 65; Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 12.

<sup>265</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1941. São Paulo, p. 14; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 47; Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de La Congregation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 12 (Manuscrito).

<sup>266</sup>M.S.C. **100 Anos M. S.C:**1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

<sup>267</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora Todos Irmãos, 1976, p. 13; Cf. APSSP- **Livro Tombo I:** 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 1.

<sup>268</sup>Cf. APSSP- **Livro Tombo I:** 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 1v; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 47; COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 82.

<sup>269</sup>Cf. APSSP- **Livro Tombo I:** 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 13; COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996, p. 109.

Bauru.<sup>270</sup> Tratava-se de uma comunidade paroquial cordial e profundamente religiosa, mas do ponto de vista de construções e das atividades pastorais ainda incipientes, necessitada de esforços da comunidade, como registra o Bispo da época em visita pastoral:

Nossa impressão foi optima(*sic*) em tudo o que observamos tanto no progresso do lugar, como na cordialidade do povo. A única nota dissonante que encontramos foi a capella(*sic*) que serve de Igreja paroquial, pois não contém nem a quarta parte do povo. A esse respeito falamos em público e encontramos a melhor boa vontade do povo, para começar o quanto antes a construção do novo templo que corresponda ao número de fiéis.<sup>271</sup>

Doze anos após a chegada dos Missionários a Bauru e quase uma década depois que foi nomeado o primeiro capelão, isto é, em 1925, sob o pastoreio de Dom Carlos Duarte Costa, segundo Bispo de Botucatu, é criada a paróquia de São Sebastião em Pirajuí.<sup>272</sup> Aquele que fora seu primeiro capelão, tornar-se-ia, agora, seu primeiro vigário.<sup>273</sup> Não menos que um ano, a recém-criada paróquia do bispado de Botucatu, foi transferida para a diocese de Cafelândia, criada e instalada em 1926.

Sob uma história construída há quase duas décadas e num lugar associado aos primeiros movimentos de sua congregação no Brasil é que Paulo Koop vai estabelecer-se em sua segunda nomeação, como auxílio necessário ao vigário paroquial.<sup>274</sup> Tratar-se-á de uma estadia que se prolongará por quase quatro anos, na condição de vigário coadjutor. Ao longo desses anos coube a Koop uma estreita colaboração com o vigário paroquial, Padre José Willing<sup>275</sup> bem como compartilhar, em momentos distintos, sua

<sup>270</sup>Cf. FABRI, Fernanda Aparecida. **Um ponto fora da linha**: a formação urbana do Município de Pirajuí (1900 – 1930). Bauru: UNESP, 2017, p. 84; LIMA, Rafael Zagatto. **Paróquia São Sebastião**: Uma realidade no início do século XX. s.l: s.e, s.d, p. 39.

<sup>271</sup>APSSP – SOUZA, Lúcio Antônio. Visita Pastoral a 16 de março. **Livro Tombo I**: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 2. 2v; LIMA, Rafael Zagatto. **Paróquia São Sebastião**: Uma realidade no início do século XX. s.l: s.e, s.d, p. 34.

<sup>272</sup>Cf. APSSP - Decreto de criação da Paróquia de Pirajuí. 31.05.1925. **Livro Tombo I**: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 06; LIMA, Rafael Zagatto. **Paróquia São Sebastião**: Uma realidade no início do século XX. s.l: s.e, s.d, p. 38.

<sup>273</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 47; LIMA, Rafael Zagatto. **Paróquia São Sebastião**: Uma realidade no início do século XX. s.l: s.e, s.d, p. 39.

<sup>274</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I**: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 41. ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ACPMSC-SP **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 159; ACPMSC-PN - Arquivo da Província Nerlandesa dos Missionários do Sagrado Coração KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1.

<sup>275</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 63.

missão nas capelas urbanas, rurais e a vida comunitária com os Padres Cornélio Van Amerong, Luiz Niewenhuis e Pedro Steltenpool,<sup>276</sup> precocemente falecido em Pirajuí.<sup>277</sup>

A vida pastoral da paróquia de São Sebastião, naqueles idos da década de trinta, quando Koop nessa região chegou, a partir do que fora registrado no livro de tomo, era em sua grande maioria composta pela realização de sacramentos de maneira contínua na matriz paroquial e em regime de desobriga nas comunidades. Ponto alto das atividades paroquiais eram as Semana Santas e as festas de São Sebastião. A primeira, sempre marcada por uma presença expressiva de fiéis, por procissões, atos devocionais e pelo convite de pregadores de fora dos limites paroquiais, sacerdotes especialmente designados para animar a semana maior da fé católica.<sup>278</sup> A segunda, além da afluência de pessoa e de uma novena preparatória, não raro gozava da presença do Bispo diocesano, à época Dom Ático Eusébio da Rocha.<sup>279</sup> As desobrigas também eram elementos comuns do calendário paroquial, marcada por celebrações sacramentais diversas.<sup>280</sup> Ademais, havia a intensa movimentação das associações religiosas como a Liga Católica, Liga do Menino Jesus, Liga de Jesus Maria e José, Liga Católica Eleitoral, Pia União das filhas de Maria e do Apostolado da oração.<sup>281</sup>

A atuação de Paulo Koop, nessa paróquia, em estreita colaboração com o vigário, irá mover-se nesse espectro pastoral: serviços sacramentais, festas patronais e assistência a associações religiosas. Já no princípio daquele ano, Paulo Koop, teve que acompanhar a paróquia, sem a presença do Padre José Welling, que gozava de férias. Seu preceptor foi o Padre Cornélio Van Amerong. Nos meses iniciais de 1933 ele foi testemunha das movimentações paroquiais como a festa de São Sebastião na qual pôde perceber o “Espírito religioso do povo que se manifestou na frequência aos S. sacramentos (sic)”<sup>282</sup> bem como, secundando o vigário substituto, realizou sua primeira desobriga quaresmal na nova área pastoral. Juntos, eles celebraram mais de duas mil comunhões e número similar de confissões foram atendidas.<sup>283</sup>

<sup>276</sup>Cf. LIMA, Rafael Sapato. **Paróquia São Sebastião: Uma realidade no início do século XX.** s.l: s.e, s.d, p. 88-90.

<sup>277</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954.** Pirajuí-SP, p. 48.48v; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração.** São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 17; LIMA, Rafael Zagatto. **Paróquia São Sebastião: Uma realidade no início do século XX.** s.l: s.e, s.d, p. 47.

<sup>278</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954.** Pirajuí-SP, p. 35v. 39. 42.

<sup>279</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954.** Pirajuí-SP, p. 38. 41v.

<sup>280</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954.** Pirajuí-SP, p. 39. 39v. 41v. 50v.

<sup>281</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954.** Pirajuí-SP, p. 41.

<sup>282</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954.** Pirajuí-SP, p. 41v.

<sup>283</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954.** Pirajuí-SP, p. 41v.



Sob a inspiração da metodologia da pastoral aplicada a região paroquial, sob a orientação do Padre Jose Welling, Koop atendeu com desvelo a capela do distrito de Pongaí, posta sob o título de capela de São José. Pongaí, ou Saltinho, como conhecido, era uma região distante mais de trinta quilômetros da matriz paroquial de São Sebastião, situada num lugar de percurso e acesso, à época, bastante complexos. De acordo com registros históricos da paróquia, “o simpático jovem coadjutor Padre Pedro [Paulo Koop] foi um esforçado trabalhador de nossa capela de Pongaí. Dele, a capela recebeu um novo impulso, [fruto] do seu entusiasmo(sic) pastoral.”<sup>284</sup> Dado que a proposta de serviço pastoral praticada no interior da paróquia estruturava-se pela celebração de sacramentos, o crescente no número de ritos celebrados no distrito de Pongaí atestam o zelo com que o jovem coadjutor serviu a comunidade. De fato, das 290 confissões celebradas em 1933, dois anos depois, passaram a quase o dobro 445<sup>285</sup> e as crismas que nem registro gozavam, foram 511<sup>286</sup> só em 1934. Este último número deve ser ponderado, porque leva em conta a presença do Bispo.

Koop, nos anos que atuou em Pirajuí, foi o articulador do trabalho de associações religiosas no espírito próprio do catolicismo (romanizado) da época, as chamadas Ligas católicas. A ele, coube a missão de organizar e estruturar a Liga católica do menino Jesus. Tratava-se de uma associação formada por crianças que haviam recebido o sacramento da Eucaristia pela primeira vez. A essa associação competia inculcar valores evangélicos, bem como, assegurar a fidelidade deles aos princípios católicos. Em Pirajuí, na esteira de várias outras paróquias da diocese de Cafelândia, essa associação foi fundada em outubro de 1932.<sup>287</sup> Ao vigário coadjutor de Pirajuí, Padre Paulo Koop, foi imputada a missão de diretor espiritual. Ao que tudo indica, a missão foi executada dentro do esperado e proposto. A esse respeito, o pároco nomeado para a paróquia de São Sebastião em agosto de 1936, quando da despedida de Koop, registrou no livro tomo sobre o sacerdote: “principalmente foi idolatrado no mundo infantil; como primeiro director da liga do Menino Jesus deixou vir a si todas as creanças(sic).”<sup>288</sup> A jovialidade e simpatia, associadas à capacidade organizativa, devem ter convergido para o êxito deste empreendimento. Tempos depois, Paulo Koop, será convocado a missão similar em seu ministério pastoral, em sua congregação.

---

<sup>284</sup>APSSP - **Livro Tombo** I: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 53.

<sup>285</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo** I: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 47v.

<sup>286</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo** I: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 41v.

<sup>287</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo** I: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 41.

<sup>288</sup>APSSP - **Livro Tombo** I: 1916 – 1954. Pirajuí-SP, p.53.

Ainda no período de atuação de Koop em Pirajuí, duas questões chamam a atenção e devem ter ajudado a compor o mosaico eclesial do religioso em seu trabalho local e, de certo modo, na sua atuação futura em outras paróquias. A primeira seria a fundação da Liga Eleitoral Católica<sup>289</sup> e a segunda, o trabalho de atendimento religioso aos migrantes japoneses.<sup>290</sup>

Relativo a Liga Eleitoral Católica (LEC), germinada nos idos de 1913 na cidade de Campinas,<sup>291</sup> havia sido amplamente difundida no princípio da década de trinta sob a chancela de Dom Sebastião Leme para várias dioceses brasileiras como veículo de equiparação de força católica no cenário político, sobretudo em vista da constituinte a ser celebrada em 1933.<sup>292</sup> No noroeste paulista foi organizada de maneira incisiva, sobretudo como viés de equacionamento de forças entre Igreja e Estado.<sup>293</sup> Em Pirajuí ela fora fundada em março de 1933 e, segundo Padre Willing, tinha por finalidade “arregimentação eleitoral de todos aqueles que aceitarem seu programa, no que se refere ao exercício do voto propagandeado pelos líderes católicos para vida pública.”<sup>294</sup> Tratava-se de, nas unidades menores e nas paróquias, verter esforços para que políticos de todas as matizes partidárias, tendo interesse, e sendo eleitos com voto católico pudessem contribuir para que princípios católicos como a promulgação de uma constituição em nome de Deus, a validade civil e indissolubidade do casamento religioso e o ensino religioso facultativo na rede pública de educação,<sup>295</sup> fossem arrogados, à constituição a ser escrita em 1934. Essa relação, estreita e marcada por um ideal restauracionista, deve ter sido percebida por Koop e, de certo modo, plastificado nele, naqueles anos iniciais, o *modus operandi* da relação da Igreja com o Estado. Tanto é fato que, nas suas ações futuras, em trabalhos que irá encetar, a presença e a relação com as autoridades civis, será sempre estreita.

---

<sup>289</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954**. Pirajuí-SP, p. 43v.

<sup>290</sup>Cf. APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954**. Pirajuí-SP, p. 41v.

<sup>291</sup>Cf. Carta Pastoral Sobre a Ação do Clero nos tempos atuais, Campinas, Typogrhafia Casa Mascote, 1913; NERY, João Batista Corrêa. Carta Circular sobre a Ação Eleitoral Católica apud LUSTOSA, Oscar Figueiredo. (org.), **Igreja e Política no Brasil: do Partido Católico a L.E.C. (1874-1945)**, São Paulo: Edições Loyola/CEPEHIB, 1983, p. 84-100.

<sup>292</sup>Cf. OLIVEIRA, Alexandre Luís de. Dom Sebastião Leme e as estratégias de atuação do catolicismo nos anos de 1930. **Faces do Clio** – Revista discente do programa de Pós-graduação em História da UFFJ. v. 2, n. 2, jul/dez, 2016, p. 93-94.

<sup>293</sup>Cf. PRIMOLAN, Emílio Donizete. **Catolicismo e Política: a participação da Liga eleitoral nas eleições de 1933**. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Primolan,%20Emilio%20Donizete.pdf>. Acesso.17.05.2020.

<sup>294</sup>APSSP - **Livro Tombo I: 1916 – 1954**. Pirajuí-SP, p. 43v.

<sup>295</sup>Cf. PRIMOLAN, Emílio Donizete. **Catolicismo e Política: a participação da Liga eleitoral nas eleições de 1933**, p. 3-4. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Primolan,%20Emilio%20Donizete.pdf>. Acesso.17.05.2020.

A segunda questão que, em germe deve ter fecundado o olhar de Paulo Koop, para uma realidade pertinente e que deveria ser trabalhada - como ele o fará tempos depois em Bauru e quando retorna a Diocese de Lins - foi a postura do segundo Bispo, d á época, diocese de Cafelândia, Dom Henrique Cesar Fernandes Mourão. Ele, em circular dirigida aos vigários, anunciava que nenhum japonês ou descendente de japonês poderia ser batizado sem a licença e ou a comunicação previa aos padres “jesuítas, encarregados nesta diocese da missão para os japoneses, só ‘in extremis’ é permitida a exceção.”<sup>296</sup> Tal atitude, dentro do perfil de Dom Henrique que, a julgar pelas inúmeras circulares registradas no livro tomo da paróquia de Pirajuí<sup>297</sup> e pela variedade de temas que propunha, parecia mais arrojado e efetivo na realização de um projeto pastoral estruturado. Sua circular, desse modo, constituía uma opção evangelizadora contundente para uma população que compunha grande parte dos habitantes da região do noroeste paulista. Tal realidade de trabalho eclesial, certamente, dever ter marcado o jovem sacerdote holandês que, numa outra perspectiva, também era imigrante. Ademais, tempos depois, sob um prisma diferente, essa temática reaparecerá no ministério pastoral de Koop, mormente como Círculo Estrela da manhã.

Do período em Pirajuí, pode-se dizer que Pedro Paulo Koop ultrapassa a marca da incipiência no ministério sacerdotal e no Brasil. Ele efetivamente inicia seus primeiros passos concretos no labor pastoral, vai maturando sua concepção eclesial. Sua estada em Pirajuí, certamente, lhe ofereceu bases para um entendimento do *modus operandi* da pastoral aplicado em meio às vicissitudes culturais brasileiras. Apresentou-lhe um catolicismo concreto, marcado pela religiosidade popular e pela prática sacramental. Despertou-lhe o olhar para a relação fé e política no Brasil e uma seminal preocupação com os imigrantes. De igual modo, seu espírito alegre e simpático, como denunciado nas descrições feitas dele, associado ao entusiasmo juvenil e capacidade organizativa revelada em sua ação paroquial, mostram um personagem capaz de vicejar a vida das comunidades, arregimentar fiéis em torno de objetivos concretos e estruturar movimentos paroquiais.

Cumprido pouco mais de três anos em Pirajuí, em finais de julho de 1936, Koop recebe uma nova designação. Desta vez o jovem e entusiasta Padre, tornar-se-á, pela primeira vez vigário. Seu ofício será exercido ainda na diocese de Cafelândia, desta vez, na cidade de Presidente Alves (SP).

---

<sup>296</sup>APSSP - Livro Tombo I:1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 52.

<sup>297</sup>Cf. APSSP - Livro Tombo I:1916 – 1954. Pirajuí-SP, p. 51.52.53v.56.56v.

### 3.3 Presidente Alves, uma página ilegível

Na esteira dos trabalhos prestados pelos Missionários do Sagrado Coração na região de Bauru e Pirajuí, assoma-se a ação pastoral numa pequena e bucólica cidade que tomou como nome, uma homenagem ao ex-presidente da província de São Paulo e do Brasil que havia falecido em decorrência da gripe espanhola, Francisco de Paula Rodrigues Alves (1848-1919). Por antonomásia, o povoado que inicialmente chamava-se Alto do Tabocal, passou a denominar-se, quando de sua emancipação em 1927, Presidente Alves.

Tratava-se de uma região crescida sob o impulso da malha ferroviária, embalada pelo sonar da buzina da locomotiva da Companhia de Estradas de Ferro Noroeste do Brasil e fortalecida pelo exponencial cultivo de café nessa região do interior Paulista. Nos anos imediatamente anteriores a sua elevação à categoria de município, foi erigida a Paróquia de Santa Cecília e confiada oficialmente aos Missionários do Sagrado Coração. Esta congregação estabelecida na região há mais de dez anos já atendia, a partir de Pirajuí, o povoado que deu lugar a cidade de Presidente Alves.

Com a ereção da paróquia, na solenidade de pentecostes de 1925,<sup>298</sup> os Missionários do Sagrado Coração assumem responsabilidade concreta pelo seu atendimento. O sacerdote alemão José Willing – o mesmo que acolheu Padre Paulo Koop em Pirajuí, como afirmamos na sessão anterior – fora nomeado primeiro vigário residente e fabriqueiro da Igreja matriz.<sup>299</sup> No mesmo ato em que criou a nova paróquia, Dom Carlos Duarte Costa, segundo bispo de Botucatu, criou outras seis: Pirajuí, Penápolis, Araçatuba, Birigui, Avaí e Cafelândia.<sup>300</sup> Essa ação do bispo, entende-se, deu-se em vista de preparar a criação de um novo bispado com sede em Cafelândia. Fato que ocorreu em setembro do ano seguinte e as paróquias recém-instituídas pelo bispo de Botucatu, tornaram-se circunscrições do novo sólio episcopal. A congregação de Padre Pedro Pulo Koop, que nesse lugar já trabalhava, passou a atuar em um novo bispado, sob a regência de um novo purpurado.

Desde a criação da paróquia até o dia em que Pedro Paulo Koop assumiu o trabalho em Presidente Alves, três outros Missionários do Sagrado Coração o precederam. José Willing – como dito –, Cornélio Ham e Cornélio Van Amerong. Com

<sup>298</sup>Cf. APSCPA – Arquivo da Paróquia Santa Cecília em Presidenta Alves. **Livro tomo I.** Presidente Alves-SP, p. 1.

<sup>299</sup>Cf. APSCPA – **Livro tomo I.** Presidente Alves-SP, p. 2.10.

<sup>300</sup>Cf. LIMA, Rafael Zagatto. **Paróquia São Sebastião: Uma realidade no início do século XX.** s.l: s.e, s.d, p. 37.

o retorno brusco e inexplicado deste último para Pirajuí após pouco menos de um ano de sua posse e dado a ausência de um vigário definitivo para a paróquia Santa Cecília, Padre Paulo Koop foi constituído vigário substituto nesse lugar. O título da nomeação indicava que sua presença – como de fato o foi – não era definitiva. Ao que parece nessa nomeação, o religioso holandês iria residir sozinho na paróquia, sem uma comunidade religiosa, sem vigário definitivo ou irmão coadjutor. A comunidade mais próxima, seria a dos padres em Pirajuí ou Bauru. A permanência nesse lugar, será ainda menor por conta dessa peculiaridade.<sup>301</sup> O sacerdote, ao que tudo indica, não era afeito a uma vida fora do espírito que fora formado, isto é, da vida comunitária.

Sobre a atuação de Koop nessa paróquia ou de suas iniciativas, por razões inúmeras, há poucos registros. Assim, não é possível afirmações definitivas e cabais. No entanto, pode-se desenhar o espectro sob o qual sua ação pastoral estava envolvida. O presbítero holandês, chegou a Presidente Alves no princípio de julho de 1936, após fecunda estada em Pirajuí, como demonstrado na sessão anterior. A sua provisão, transcrita no Livro Tombo da paróquia, datada de 22 de agosto de 1936,<sup>302</sup> consta que ele estava nomeado como vigário substituto, gozando, sem dizer quais, de todas as prerrogativas e exigências de um vigário encomendado. Ademais a provisão, figura de uma data limite para expirar, dezembro daquele ano. Esta prática era comum nas dioceses à época, e a cada ano, elas eram renovadas, mediante nova solicitação, não provando por isso que Koop já tinha uma data para encerrar seu trabalho no local.

A paróquia, conforme registros no livro de tombo, tinha uma população que ultrapassava doze mil habitantes.<sup>303</sup> Possuía estrutura eclesial pautada por associações e movimentos tais como: Liga Católica, Liga do Menino Jesus, Liga de Jesus Maria e José, Congregados Marianos, Pia União das filhas de Maria e do Apostolado da oração. Havia capelas em fazendas que eram atendidas a partir de Presidente Alves em regime de desobriga. Dentre essas fazendas a mais expressiva e que gozava de Igreja provisionada posta sob o patrocínio de Nossa Senhora Aparecida, era situada numa localidade chamada Usina Miranda.<sup>304</sup> Ao Padre Paulo Koop, competia exercer de maneira vicária a função de diretor espiritual dessas associações, bem como, assistir com sacramentos a matriz e as diversas fazendas onde as missas eram celebradas.

---

<sup>301</sup>Cf. FERREIRA, Reuberson. **Entrevista com José Oscar Beozzo sobre aspectos da vida de Dom Pedro Paulo Koop**. São Paulo, 14.ago.2019.

<sup>302</sup>Cf. APSCPA – **Livro tomo I**. Presidente Alves-SP, p. 26v.

<sup>303</sup>Cf. APSCPA – **Livro tomo I**. Presidente Alves-SP, p. 26v.

<sup>304</sup>Cf. APSCPA – **Livro tomo I**. Presidente Alves-SP, p. 22.

No ano de 1936, já sob o bispado de Dom Henrique Cesar Fernandes Mourão, sucessor de Dom Ático Eusébio da Rocha, primeiro bispo de Cafelândia que havia sido nomeado arcebispo de Curitiba, através de circulares transcritas no Livro Tombo da Paróquia Santa Cecília, pode-se intuir algumas atividades e preocupações que circundavam o bispado e, assim, tocavam o clero. Na segunda metade desse ano, já tendo Padre Koop sido provisionado e residindo em Presidente Alves, é exarada uma circular (Carta pastoral) que anuncia a criação do Seminário na diocese de Cafelândia. A esta empresa os vigários são chamados a indicar com critérios claros,<sup>305</sup> alunos que queiram ser sacerdotes e que disponham de meios para custear os estudos. Ao mesmo tempo, o novo prelado, reclamava que o estipêndio relativo às missas manuais que os vigários não pudessem celebrar e que não tivessem aplicação, deveriam ser remetidas ao bispado que atribuiria celebrantes para as intenções e os valores arrecadados seriam vertidos para manutenção do Seminário.<sup>306</sup>

Essa mesma missiva pastoral, outrossim, exortava os vigários a corrigirem uma prática, ao que parece habitual, constatada pelo bispo ao longo de sua primeira grande visita pastoral às paróquias de seu bispado. Tal prática era a de dispensar documentações para as celebrações de Matrimônio, sem consentimento prévio. Insistia, por fim, com condição *sine qua non* para a permanência dos vigários nas paróquias a eles confiadas, que fossem pagas as tarifas mensais do bispado no prazo estipulado e não de maneira trimestral.<sup>307</sup>

Na mesma linha de circulares pastorais um outro tema que parece ser importante para o bispado é a questão das vestes sacerdotais. Ao que tudo indica, havia sacerdotes que em suas desobrigas, normalmente a cavalo, prescindiam do uso da veste talar. Outros ainda, que mesmo na convivência diária e nas atividades paroquiais deixavam de usar a batina, sob a justificativa de que a região era demasiadamente quente. Ante tal assunto, o Bispo é incisivo e categórico, determinando que nenhum sacerdote “se permita aparecer em público sem a batina, ainda que o façam nas suas residências, em

---

<sup>305</sup>Cf. APSCPA – **Livro tomo I**. Presidente Alves-SP, p. 27: “Os principais requisitos são: 1- Ser filho legítimo face a Igreja; 2 – Ser dotado de Bons costumes, reconhecida e provada piedade, suficiente inteligência, boa saúde e sinais de vocação; 3 - ser reta a intenção dos pais e do candidato, ao preferirem a carreira sacerdotal; 4 - Ter o aluno concluído o 4º ano do Grupo Escolar com boas notas, de tal maneira que se encontre habilitado para iniciar o 1º seminário menor.

<sup>306</sup>Cf. APSCPA – **Livro tomo I**. Presidente Alves - SP, p. 27-28.

<sup>307</sup>Cf. APSCPA – **Livro tomo I**. Presidente Alves - SP, p. 26-30.

terraços, nas janelas, na porta de casa, no escritório, ou em conversa com quem quer que seja” sob pena de suspensão “*ipso facto incurrenda*”.<sup>308</sup>

A partir dessas duas missivas, transcritas no Livro Tombo, particularmente no ano em que Padre Paulo Koop viveu em Presidente Alves, percebe-se que a preocupação da Igreja era consolidar e manter um centro de formação para novos sacerdotes e preservar aspectos exteriores do ministério sacerdotal particularmente o uso de trajes litúrgicos. De certo, as desobrigas do vigário substituto de Santa Cecília devem ter se pautado pela obrigação de usar batina mesmo em tempos extenuantes. A preocupação com os emolumentos episcopais e as vocações, embora não esteja documentada, seguramente foram um aspecto tomado em consideração pelo sacerdote holandês.

Especificamente sobre o trabalho de Padre Paulo Koop, nessa paróquia, pode-se dizer da dimensão sacramental. Os livros de Batismo de 1936 e 1937 dão conta de que o sacerdote celebrou quatrocentos e quatro batizados.<sup>309</sup> Assistiu no mesmo período setenta casamentos realizados tanto na matriz da paróquia como nas fazendas em suas desobrigas.<sup>310</sup> Há ainda registros de encomendações de fiéis falecidos feitas pelo sacerdote ao longo desse período, que somam o número de cinquenta e duas exéquias oficiadas.<sup>311</sup> Tratava-se de uma intensa atividade paroquial marcada pela prática de celebração dos sacramentos. Uma pastoral sacramental.

A festa paroquial de Santa Cecília naquele ano de 1936, assistida pelo Padre Pedro Paulo Koop, parece que foi o grande evento de sua ação pastoral nesse lugar. O fato é registrado em tons vivos e com letras garrafais no livro tomo do arquivo paroquial. Uma programação iniciada um mês antes com a celebração de um jantar festivo em vista das obras caritativas da paróquia, seguida de quermesse ao longo de quase vinte dias e antecedida, de maneira próxima, por um fervoroso novenário. O encerramento, além das missas, alvorada festiva, procissão e a pregação do Superior regional dos Missionários do Sagrado Coração, Padre Arnaldo Geertes. Por este sacerdote Padre Paulo tem profunda estima e o chama de maneira ufanista de “primeiro vigário e bandeirante espiritual”<sup>312</sup> de Presidente Alves.

---

<sup>308</sup>APSCPA – Livro tomo I. Presidente Alves - SP, p. 31.

<sup>309</sup>Cf. APSCPA – Livro de Batismo VI. Presidente Alves- SP, p 98v - 200; Cf. Livro de Batismo VII Presidente Alves- SP, p 1 – 39.

<sup>310</sup>Cf. APSCPA – Livro de Casamentos 1931-1940. Presidente Alves- SP, p. 264 - 267.

<sup>311</sup>Cf. APSCPA – Livro de Encomendações. Presidente Alves - SP, p. 19v – 24.

<sup>312</sup>APSCPA – Livro tomo I. Presidente Alves - SP, p. 31v

Sobre o resultado da festa e outras atividades não há informações. A página subsequente (33) que deveria conter essas notas, foi cuidadosamente arrancada do livro tomo. O autor de tal ato, foi o próprio vigário substituto que justificou sua ação em nota no início da página seguinte dizendo que havia retirado a folha “devido a ilegibilidade da mesma.”<sup>313</sup> Em tese, a ilegibilidade poderia ser sanada pela transcrição na página subsequente, o que não foi feito. Acredita-se no redator, mas o que havia naquela página ilegível de Presidente Alves - e se de fato o era - aguça a curiosidade de quem busca nos documentos respostas para reconstruir questões históricas, particularmente quando a ação é perpetrada pelo personagem estudado.

Em junho de 1937, Paulo Koop despede-se de Presidente Alves, sendo substituído pelo Padre Nicolau Ruijter. Seu sucessor atesta que o Vigário substituto, no período em que viveu em Presidente Alves, “cativou o povo por sua bondade e trato amável.”<sup>314</sup> Padre Paulo Koop, doravante, irá escrever novas páginas, desta vez legíveis, à frente da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração na cidade de Campinas (SP), casa mãe dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil.

#### 3.4 Campinas e a fama de Propagandista: Vigário coadjutor, fundação da Revista de Nossa Senhora do Sagrado Coração, Arquiconfraria e Pequena Obra

Ao término de sua primeira estada na diocese de Cafelândia, Padre Pedro Paulo Koop é nomeado pelo superior da Missão holandesa no Brasil, neste tempo, Padre Arnaldo Geerts,<sup>315</sup> para a cidade de Campinas (SP).<sup>316</sup> Koop regressa ao local onde havia firmado seus primeiros passos e dias no Brasil, para a casa mãe dos Missionários do Sagrado Coração no país. O escopo de sua missão era verter esforços para consolidar a Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, estruturar e reger na condição de diretor espiritual duas piás associações: uma chamada Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração e outra Pequena obra do Coração de Jesus. Igualmente devia colaborar na animação pastoral da paróquia de São José, na diocese de Campinas (SP).

<sup>313</sup>APSCPA – Livro tomo I. Presidente Alves - SP, p. 34.

<sup>314</sup>APSCPA – Livro tomo I. Presidente Alves - SP, p. 34.

<sup>315</sup>Cf. ACPMSC-SP- **Historie M.S.C em Brésil:** Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne, p. 2. APSCPA – Livro tomo I. Presidente Alves - SP, p. 31v.

<sup>316</sup>Cf. ACPMSC – PN - KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph.** Pasta 1. Folha, 1; ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 2, folha 1; ACPMSC-SP- ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 2, folha 2, p.2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face:** Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.159.



Essa diocese do interior paulista, criada em 1908 teve como seu primeiro Bispo, João Batista Corrêa Nery.<sup>317</sup> Ele anteriormente fora titular de Pouso Alegre (MG) berço dos Missionários do Sagrado Coração no país, como já afirmado. Entre a congregação e o purpurado brotou uma relação de cordialidade, amizade e colaboração desde o primeiro momento.<sup>318</sup> Esse tratamento amistoso favorecerá de maneira positiva a instalação da Congregação nessa diocese, concorrendo singularmente para consolidação da presença dos missionários no Brasil.

Nos meses iniciais de 1916, cinco anos após a chegada dos primeiros Missionários Holandeses da Congregação no Brasil e um ano após a diáspora de Pouso Alegre, ocorreu a primeira visita canônica do Superior Provincial holandês, Padre Adriano Brocken. Ele foi quem havia acolhido o pedido de Dom Augusto de Assis para abertura de um trabalho missionário no Brasil.<sup>319</sup> Após visitar as casas dos Missionários do Sagrado Coração no amplo e desafiador território das duas dioceses em que os missionários atuavam – Pouso Alegre e Botucatu –, o Superior provincial redigiu uma missiva programática para o futuro da congregação no Brasil. O texto ficou conhecido como “Carta de Alfenas.”<sup>320</sup> No conteúdo, além de nomear o primeiro conselho da missão no Brasil,<sup>321</sup> há uma exortação à vivência comunitária; um apelo a uma vida profunda de oração com particular acento para a existência de retiros mensais e anuais (este último, numa casa central); um convite à obediência ao superior local, bem como,

---

<sup>317</sup>Sobre o pastoreio de Dom João Batista a frente da diocese de campinas, pode-se ler: RIGOLO FILHO, Pedro. **A romanização como cultura religiosa: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Correa Nery, Bispo de Campinas, 1908-1920.** 2006, 194p. (Dissertação Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281873>>. Acesso em: 3 maio. 2020.

<sup>318</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 6, folha 4, p. 10 (Manuscrito).

<sup>319</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 6, folha 4, p. 3 (Manuscrito); ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. 1911-2001. M.S.C -90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 64, n.5, maio. 2001, p. 18; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. A História continua assim. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 73, n.1, jan. 2010, p. 27.

<sup>320</sup>ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 64, n. 6, jun. 2001, p. 18; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** a. 73, n.3, mar. 2010, p. 27.

<sup>321</sup> Os primeiros conselheiros serão os Padres Geraldo Vesters e João Baptist Van Royen. Cf. ACPMSC-SP- BROCKER, Adriano. Carta de Alfenas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 8, folha 1, p. 3.

à transparência econômica dos religiosos; por fim, uma rogativa a uma vida pobre, mas com dignidade.<sup>322</sup>

O discurso do Superior, sua súplica a retiros comunitários gerais, implicitamente, catalisava o desejo dos consagrados de terem no Brasil uma casa central onde a vida religiosa pudesse “ser observada em todos os seus preceitos e onde o retiro espiritual [pudesse] se realizar em conjunto.”<sup>323</sup> Ante tal anseio comunitário, esforços foram envidados para essa fundação. Elegeu-se então a cidade de Campinas para concretizar esse projeto, dar azo a essa decisão.<sup>324</sup>

A localização favorável entrecortada pelas estradas de ferro Paulista e Mogiana que davam acesso tanto para região do sul de Minas como para o noroeste paulista, convergiram para a eleição da diocese campineira como lugar de estabelecimento da casa central.<sup>325</sup> Ademais, o estreito relacionamento com Dom João Nery e a necessidade que este Bispo tinha de padres para lecionar em seu seminário, convergiam para esse desfecho. Padre Paulo Koop, anos depois, descreve esse processo nos seguintes termos:

O Visitador provincial [Adriano Brocken] entrou em contato com Dom João Batista Corrêa Nery, Bispo de Campinas, propondo-lhe a projetada fundação. Dom Nery concordou sob a condição de que a congregação lhe dê alguns padres para lecionarem como professores no Seminário e Ginásio diocesanos. O visitador concorda que seja pelo espaço de cinco anos [...]<sup>326</sup>

Assoma-se ao ímpeto de ter uma casa própria e central dos Missionários do Sagrado Coração, a necessidade prática de atender a uma comunidade paroquial. No mesmo diálogo entre o Visitador Provincial holandês e o Bispo de Campinas a fim de consentir a instalação da casa central, foi solicitada uma paróquia. A esse pedido o prelado acede e oferece-lhes uma comunidade paroquial a ser constituída nos arrabaldes de Campinas, numa zona que se expandia por de trás da linha férrea, crescia à luz da

<sup>322</sup>Cf. ACPMSC-SP- BROCKER, Adriano Van. Carta de Alfenas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 8, folha 1, p. 1-4.

<sup>323</sup>ACPMSC-SP- BROCKER, Adriano Van. Carta de Alfenas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 8, folha 1, p.1-4.

<sup>324</sup>Cf. ACPMSC-SP- IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 4, p. 12 (Manuscrito); ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 64, n. 6, jun. 2001, p. 18; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n.3, mar. 2010, p. 27; M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus**. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

<sup>325</sup>Cf. M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus**. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

<sup>326</sup>M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus**. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

implantação de polos fabris, considerado desse modo “o primeiro bairro operário de Campinas”<sup>327</sup>, isto é, a Vila Industrial. Tal proposta encontra legitimidade na conduta de Dom João Batista Nery que, na perspectiva social, era exímio propagador do pensamento de Leão XIII e insistia, como pode ser interpretado, que a “Igreja deveria cuidar dos operários para não perdê-los para os socialistas.”<sup>328</sup> Esse episódio é narrado de forma vibrante e com um timbre visionário da parte de Dom Nery, por Koop:

Pedem os M.S.C uma paróquia e Dom Nery oferece uma para ser fundada no Bairro campineiro da Vila industrial, naquele tempo de população e acessos bem difíceis. O Sr. Bispo e Pe. Visitador visitam juntos a capela de São Roque, cujo Zelador reclama para ali a séde da novel paróquia. Dom Nery não concorda e aponta o atual local onde se encontra o Santuário de São José em Campinas. Os missionários compraram da irmandade da Santa Casa campineira sua primeira propriedade no Brasil, um só quarteirão de terreno para nele edificar a majestosa Igreja de São José, com convento e séde social(*sic*).<sup>329</sup>

Alinhavado esse acordo, foi firmado um contrato no qual os missionários assumiram a paróquia a ser constituída em Campinas,<sup>330</sup> bem como, se comprometiam em lecionar no ginásio e no seminário diocesano.<sup>331</sup> O termo contratual, redigido em francês, foi assinado em 25 de outubro de 1918. Em junho de 1917, contudo, as obras de construção da casa religiosa já estavam em curso.<sup>332</sup> Dois anos depois, em 16 de

---

<sup>327</sup>VELASCO, Larissa Augusto. **Além do túnel, uma vila - histórias e personagens do primeiro bairro operário de Campinas**. Campinas: PUC-Campinas, 2005, p. 24.

<sup>328</sup>RIGOLO FILHO, Pedro. **A romanização como cultura religiosa: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Correa Nery, Bispo de Campinas, 1908-1920**. 2006, p.10. (Dissertação de Mestrado). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281873>>. Acesso em: 3 maio. 2020.

<sup>329</sup>M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus**. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

<sup>330</sup>Cf. ACPMSC-SP- Contrato entre M.S.C.- Bispado de Campinas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha6, p.1, n. 2: les missionnaires commenceront poru's louer uma maison a villa industrial, faubourg de la ville de Campinas, pour y installer, et ouvriront ume chapelle provisoire, dans laquelle Mgr l'Évêque leur permettra, outre de dire la messe, d'entendre les confissions et de distribuer la communion, de faire encore baptêmes etma riages sauf à garantir les dois paroissiaux des curés.

<sup>331</sup>Cf. ACPMSC-SP- Contrato entre M.S.C.- Bispado de Campinas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 6, p.1. n. 4: “La congrégation des missionnaires du S. Cœur de Jésus s'engage a fournir pendant cinq ans au gymnase diocésains ( cours gymnasial) des professeurs d'anglais, de français, d'allemand, d'histories universelle, d'arithmétique, d'algèbre, d'géométrie, d' trigonométrie, de géographie, chorographie, de cosmographie, de musique instrumentale et vocale: - Les professeurs exerceront leur magistère d'accord avec l'Évêque et sous la dépendance du recteur - L'évêque pour ra envoyer les élevés du séminaire diocésain assister aux cours.”

<sup>332</sup>Cf. ACPMSC-SP- VESTERS, Geraldo. Rapport van de Algemeen Braziliaanse Stichting van de Nederlandse Provincie op 1 november 1919. **Escatula – II Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 4, folha 1, p. 1 (Manuscrito); Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p.

agosto de 1919 a casa canônica de Campinas – casa central – fora oficializada.<sup>333</sup> Quatro anos mais tarde, em 03 de junho 1921, já sob o bispado de Dom Francisco Campos Barreto, segundo bispo de Campinas, a paróquia de São José na Vila Industrial foi criada.<sup>334</sup> Sua Igreja matriz, todavia, só será inaugurada em 1924.<sup>335</sup>

Essa casa em Campinas foi a primeira canonicamente erigida pelos Missionários do Sagrado Coração no Brasil. Teve seu primeiro superior o Padre Geraldo Vesters e quando do retorno de Padre Pedro Paulo Koop para este lugar, Padre Arnaldo Gearts ocupava esse ministério. Entre o primeiro e o, à época superior, quatro outros padres já haviam desempenhado esse ofício.<sup>336</sup> O papel e o lugar dessa casa em 1937, portanto, já estava consolidado. Era o ponto nevrálgico da administração da congregação no Brasil.

A história desse estabelecimento, na diocese de Campinas, revela o lugar simbólico para onde Padre Pedro Paulo fora enviado. Tratava-se da casa mãe dos missionários no Brasil. Ambiente para onde convergiam e de onde afluíam todas as atividades daquele grupo no país. Ponto de chegada para todos que vinham da Europa ou que para lá retornavam em férias. O próprio Paulo Koop, quando chegou da Holanda, viveu seus primeiros dias em solo brasileiro, nesse lugar. Ademais pode-se dizer que este ambiente era o nicho onde as ideias e os projetos especificamente ligados ao carisma particular da congregação eram gestados e, posteriormente, fecundados. As decisões relativas ao curso e ao caminho daquela expedição missionária, sob o juízo do superior local e do seu conselho, eram primeiramente anunciadas nessa casa. De igual forma, o fluxo de missionários de suas áreas de atuação ou em trânsito para o *ancien continent* favoreciam um intercâmbio de notícias, reflexões e de informações. Por fim, sendo casa mãe, construída sob o sonho de ser o lugar onde aspectos próprios da vida religiosa deveriam ser vividos com mais intensidade,<sup>337</sup> simbolizava o ponto crucial, o modelo primeiro de vida religiosa para todas as outras comunidades dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil, ligados a província neerlandesa.

---

<sup>333</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p; M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração**: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

<sup>334</sup>Cf. APSJC – Arquivo da Paróquia São José de Campinas. **Livro Tombo I**. Campinas-SP, p. 1.

<sup>335</sup>Cf. APSJC - **Livro Tombo I**. Campinas-SP, p. 7.

<sup>336</sup>Cf. ACPMSC-SP - **Historie M.S.C em Brésil**: Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne, p. 2.

<sup>337</sup>Cf. ACPMSC-SP- BROCKER, Adriano Van. Carta de Alfenas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 8, folha 1, p.1-4.

Nesse sentido, entende-se que a missão de Koop, embora resvale, em pontos da vida pastoral da Paróquia São José, orienta-se para elementos atinentes a vida interna da Congregação, a difusão do carisma. Ele será incumbido de consolidar a capilaridade da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração, materializar a Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração e expandir a Pequena Obra do Sagrado Coração. Seu estilo vivaz, jovial e dinâmico já testemunhado no trabalho como vigário coadjutor e vigário, respectivamente em Pirajuí e Presidente Alves, afiançava condições para exercer essa missão.

Oficialmente, em quatro de julho de 1937, Padre Pedro Digenouts, Missionário do Sagrado Coração, é investido do ofício de pároco da Paróquia São José na Vila Industrial. A mesma determinação conferia ao Padre Pedro Paulo Koop o ofício de “vice-parocho coadjutor” (*sic*).<sup>338</sup> Ambos, tomariam posse dos ofícios, na forma prescrita, no domingo 6 de junho de 1937.<sup>339</sup> Juntos, tinham, à sua frente uma florescente comunidade paroquial formada em sua grande maioria, por trabalhadores da zona fabril ou das linhas férreas. Koop, por sua vez, além do serviço de coadjutor, devia dilatar a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração e a Pequena Obra, bem como, materializar a Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.

A Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração é um periódico que está associado, em diversas línguas, à difusão do carisma da congregação dos Missionários do Sagrado Coração, particularmente a invocação própria à virgem Maria do modo como entendia Júlio Chevalier.<sup>340</sup> Já nos primórdios da família religiosa, fundada por Padre Chevalier esse folhetim era publicado. Assim, à medida que a congregação se dilatava pelo mundo, a fundação da revista tornava-se um imperativo. “Acreditava-se que, em cada país onde os MSC colocavam os pés, eles não se sentiriam verdadeiramente em casa, senão quando os Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração começassem a ser publicados.”<sup>341</sup> A esta altura da história da congregação, os

<sup>338</sup>APSJC – Livro tomo I. Campinas-SP, p. 15v.

<sup>339</sup>Cf. APSJC – Livro tomo I. Campinas-SP, p. 15v.

<sup>340</sup>Para aprofundar o significado dessa devoção a virgem Maria, na perspectiva do Fundador dos Missionários do Sagrado Coração, pode-se ler: CHEVALIER, Júlio. **Nossa Senhora do Sagrado Coração**. s/l: s/e. s/d.; Uma visão próxima do tempo de Paulo Koop sobre a devoção é apresentada na Revista Eclesiástica Brasileira: RADEMAKERS, Huberto. A Devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v. 15, f. 1, mar, 1955, p. 35-54; uma visão mais atualizada dessa devoção a luz do Vaticano II, pode-se consultar: BOVERNIMARS, Johannes Gerhardus. **Nuestra Señora del Sagrado Corazón**. Roma: Casa General MSC, 1997.

<sup>341</sup>CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier: l’homme et as mission (1824-1907)**. Roma: s.e, s.d, p. 92-93: A cette époque, on croyait que dans chaque pays ou les MSC mettaient le pied, ils n’étaient vraiment chez eux que lorsque les annales de Notre-Dame du Sacré-Coeur commençaient à y être publiées.

Anais já eram publicados em francês, espanhol, italiano, inglês, alemão e neerlandês. Competia a Koop, cumprir a ideia de uma definitiva presença no Brasil através dos Anais, publicando-os em língua portuguesa.

O jovem religioso não arrefeceu ante tal tarefa e levou a cabo essa fundação. Sob a semente germinada com uma espécie de folhetim informativo da associação chamada Pequena obra do Sagrado Coração, formada por benfeitores e zeladores que contribuíam com recursos para a manutenção do Seminário, nomeadas de Bolsas missionárias, fermentou-se as bases da futura Revista Anais.<sup>342</sup> Tratava-se de um boletim simples, dos quais quase nenhum foi arquivado. Em junho de 1938, sob a regência de Paulo Koop,<sup>343</sup> funda-se um boletim mais estruturado, sobre o epíteto de Revista da Pequena Obra e Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração, na grafia da época. Em janeiro de 1939, contudo, ela passa a ter um formato mais orgânico e assume a alcunha de Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração.<sup>344</sup> O administrador, Padre Koop, assim explica os fatos:

NOTA DA ADMINISTRAÇÃO: os nossos prezados leitores têm hoje o prazer de mais uma vez consignar a verdade do fato seguinte: que os ANNAES, progridem, passando por transformações que significam – assim o esperamos - importantes melhoramentos. No dia primeiro de julho do anno [1938] passado, o modesto folheto “A Pequena Obra” destinado apenas a benfeitores e zeladoras da Associação “A Pequena Obra do Sagrado Coração de Jesus” foi mudado em revista mensal, a qual continuando ser o órgão oficial da referida associação, constitui-se, ao mesmo tempo publicação oficial da Archiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração no Brasil. Motivos financeiros obrigaram-nos a começar modestamente. Muitas vezes, porém fomos instados no sentido de tornarmos a revista mais vistosa, e muitas almas boas propagaram a nossa revista, multiplicando as assignaturas(*sic*), de forma tal que nos capacitaram a execução da nova transformação.<sup>345</sup>

A Revista fundada em 1938<sup>346</sup> e consolidada em 1939 era definida pelo seu editor como uma revista “missionária e brasileira a serviço da ideia missionária no

<sup>342</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Um homem Manso e humilde de Coração. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 67, n. 2, fev. 2004, p. 8; M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração**: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus. São Paulo: s/e, 1954, p. 68. 69.

<sup>343</sup>Cf. M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração**: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus. São Paulo: s/e, 1954, p. 68.

<sup>344</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Um homem Manso e humilde de Coração. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 67, n. 2, fev. 2004, p. 8.

<sup>345</sup>ARNSSC – ADMINISTRAÇÃO. Avisos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939, Campinas, p. 2.

<sup>346</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Apresentado os Anais de N. Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. Jul, 1940, São Paulo/Campinas, p. 97.

quadro das obras da Congregação dos Missionários do Sagrado Coração.”<sup>347</sup> Ao mesmo tempo, apresentava-se como órgão “official da Archiconfraria(sic) de Nossa Senhora do Sagrado Coração, suas confrarias, e da pia associação ‘A Pequena Obra do Sagrado Coração de Jesus.’”<sup>348</sup> Recebiam-na aqueles que anualmente “enviassem uma esmola de 5\$000 [cinco réis] pela formação dos futuros sacerdotes-missionários brasileiros do Sagrado Coração.”<sup>349</sup> A um só passo, percebe-se a tríplice missão de Paulo à frente da Revista: apresentar uma obra missionária em nome de sua congregação, expandir associações ligadas ao carisma e a devoção particular de seu grupo religioso e, ao mesmo tempo, amealhar dividendos para formação de sacerdotes brasileiros.

Padre Pedro Paulo Koop ficou à frente da Revista ao longo de quase sete anos, de 1939 a julho de 1946. Exatamente cento e quatorze números foram veiculados nesse período. Mesmo com a transferência da sede da Revista para Vila Formosa, em 1940, o sacerdote seguiu dirigindo-a. A estrutura da Revista seguia, com pequenas variações, uma lógica similar ao longo dos anos: narrativa de graças obtidas pela intercessão de Nossa Senhora do Sagrado Coração; reflexão para zeladores da Arquiconfraria ou da Pequena obra (Intenções Mensais), notas missionárias, notícias dos seminários, relatório de bolsas, apostolado aos doentes e textos relativos à vida dos Santos ou a Igreja em geral.

Dentro dessa estrutura da Revista, Paulo Koop, normalmente assinava artigos. Ao longo dos anos como editor, ele escreveu trinta e oito artigos. Há ainda alguns que ele usava alônimos como editor, correspondente, tesoureiro ou administrador e outros que fazia traduções, como os textos do monge beneditino Dom Anscar Voiner.<sup>350</sup> A temática dos textos sempre atendia a proposta fundante da revista, isto é, a de ser um veículo missionário que divulgasse a devoção à Virgem Maria, fecundasse ajudas monetárias ao seminário e animasse os zeladores e zeladoras tanto da Pequena Obra quanto da Arquiconfraria e suas confrarias na difusão da devoção à Nossa Senhora do Sagrado Coração.

---

<sup>347</sup>ARNSSC – ADMINISTRAÇÃO. Avisos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939, Campinas, p. 2.

<sup>348</sup>ARNSSC – ADMINISTRAÇÃO. Avisos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939. Campinas, p. 2.

<sup>349</sup>ARNSSC – ADMINISTRAÇÃO. Avisos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939, Campinas, p. 2.

<sup>350</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 12. dez, 1939. São Paulo, p. 130-131; ARNSSC – REDAÇÃO Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 12. dez, 1939. São Paulo, p. 142-143.

Ao longo de uma série de artigos, dentro do escopo da revista, Koop expõe seu entendimento, à época, acerca da urgência da formação de sacerdotes para o Brasil, aquilo para o que parte do seu trabalho estava orientado. Ele não era avançado no sentido de propor ideias inovadoras para o processo formativo. Igualmente, nutria conceitos teológicos e pastorais assumidos na vida eclesial a qual estava inserido. Era um filho do seu tempo, profundamente fiel à tradição da Igreja no Brasil e no mundo, naquela primeira metade do século XX. Buscou, por isso, sanar o problema da falta de vocações e dos custos do processo formativo.

Do ponto de vista de Paulo Koop, “um paiz imenso como o Brasil[...] confiado ao número limitado de sacerdotes, tem o maior interesse [...] que não faltem sacerdotes novos para substituir os velhos (*sic*).”<sup>351</sup> Sob o seu entendimento, tal escassez de sacerdotes, que precisa ser enfrentada, tem sua causas, entre outras, nos “ambientes relaxados, incrédulos, e até paganizantes das sociedades e famílias” para os quais “a carreira tão espiritual, tão sobrenatural do sacerdócio, ao declinar da fé perdeu o significado nos olhos de muitos e caiu em desprezo, perdendo toda atração”.<sup>352</sup> Em face de tal problema, Paulo Koop, advogava como medicina para esse mal a formação de novos padres e mais ainda a “subtração desde cedo (11e 13 annos) dos meninos que sentem inclinação pronunciada para o sacerdócio, do ambiente social tão mundano”.<sup>353</sup> O mundo é mau, perverso e deve ser evitado para o bem da vocação. Para subsidiar esse alijar-se do mundo, Koop conclama os leitores da revista e os zeladores da Pequena Obra a contribuírem economicamente no processo formativo, haja vista que muitas vocações são recrutadas entre famílias modestas:

Para sustentar e desenvolver a obra da Escola Apostólica, desses missionários a se formarem no silêncio de uma vida de estudos e orações, retrahidos(*sic*) do mundo e sua vaidade, é mister que a caridade ilimitada dos catholicos brasileiros se manifeste, como sempre, dando-lhe parte do seu bem-estar.<sup>354</sup>

Ou

Sendo o recrutamento das vocações feito principalmente entre filhos de famílias modestas, isto faz aparecer um outro problema: o da manutenção nos seminários e o custeio dos estudos dos seminaristas pobres. [...] Por isso é que se fundam bolsas de estudos para

<sup>351</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Carta Mensal aos zeladores da Pequena Obra. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 2. fev, 1939. Campinas, p. 16.

<sup>352</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo Carta Mensal aos zeladores da Pequena Obra. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar, 1939. Campinas, p. 28

<sup>353</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Carta Mensal aos zeladores da Pequena Obra. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar, 1939. Campinas, p. 28.

<sup>354</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo A formação do Missionário. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun, 1939. Campinas, p. 64.



seminaristas. [...] um depósito, geralmente de doze ou quinze réis, sendo só os juros suficiente para formação de um sacerdote.<sup>355</sup>

Além da compreensão acerca da formação sacerdotal, nos artigos da Revista Anais, assinados por Paulo Koop, outros elementos revelaram traços do pensamento desse sacerdote. Percebe-se no editor da revista um alinhamento com a teologia do Papa reinante, à época, Pio XI,<sup>356</sup> sobretudo naquilo que tange a proposta de restauração do Reino de Cristo defendida, entre outras, nas Encíclicas *Ubi arcano dei concilio*, *Quas primas e Miserentissimus Redemptor*. Nelas, grosso modo, o Papa propõe a restauração da sociedade como Reino de Cristo, numa oposição tácita a regimes nacionalistas conservadores (*Fascismo, Nazismo*). Paulo Koop, inspira-se e difunde a mesma ideia, isto é, a de uma sociedade onde o Cristo é Rei. Postula o restauracionismo do ideal de sociedade nos moldes da cristandade. Argumentando contra o caos da sociedade moderna, propõe nos mesmos moldes do Papa, a noção de sociedade transpassada por um reinado divino, pelo Reino do Coração de Cristo, soberano acima de todos os soberanos:

Sim Jesus Christo é o Rei dos Homens! O Rei dos reis, o presidente dos presidentes, o governador dos governadores, o juiz dos juizes, o legislador dos legisladores. A bandeira de cristo tem que fluctuar em toda parte: Na escola, no paço municipal, no congresso, na officina, nas redações. Rezemos a Nossa Senhora do Sagrado Coração, que o seu filho estenda de novo o reino do seu divino filho sobre nós, reino de Paz, reino do Amor, Reino de Caridade. Que Maria Santíssima reparadora, Nossa Senhora do Sagrado Coração interceda por nós junto do coração de seu filho, e que pelas mãos da augusta Rainha nos venha a salvação do divido [divino] rei.<sup>357</sup>

Ou

O Christo está acima de todos os condutores do povo, quaisquer sejam os seus títulos, qualidades e poderes, acima dos Hitler e Mussolinis, acima de Chamberlains, e Deladiers, acima dos Rosevelts e Stalins..., acima delles está o Christo com a distância infinita que existe entre o homem e Deus!<sup>358</sup>

Um outro aspecto que salta aos olhos nos textos assinados por Koop é seu zelo em, por argumentos teológicos, explicar a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. Um interesse sincero em educar o povo para uma reta interpretação da devoção

<sup>355</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. As Bolsas de Estudo para futuros Missionários do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 8. ago, 1939. Campinas, p. 91.

<sup>356</sup>Sobre o Papado de Pio XI, pode-se ler: IMBERT, José Escudero. El pontificado de Achille Ratti, Papa Pío XI. **Anuario de História de la Iglesia**, n. 6, 1997, p. 77-111. Disponível em: <https://dadun.unav.edu/bitstream/10171/8977/1/1203897.pdf>. Acesso em: 16 jul.2020.

<sup>357</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939. Campinas, p. 12-13.

<sup>358</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1939. Campinas, p. 60.

a virgem Maria, padroeira de sua família religiosa e cuja devoção ele devia propagar na Revista, a qual a edição lhe competia. Num conjunto de artigos de raciocínio silogístico, datados de 1943, Koop apresenta o fundamento e as razões dessa devoção. Para ele o objeto desta devoção é a “Bemaventurada(*sic*) Virgem-mãe, Maria: inteira, com toda a sua dignidade de missão, com todos os seus incomparáveis privilégios[...].”<sup>359</sup> e sua finalidade é honrar a Virgem-Maria, “sob o aspeto(*sic*) das suas relações com o Coração Sagrado de Jesus, nosso Senhor”<sup>360</sup> ícone máximo do amor redentor de Deus. Assim, em relação ao Coração de Jesus, as virtudes e os benefícios gozados – Imaculada Conceição, Assunção, Virgindade Perpétua - pela Virgem Maria são decorrentes do amor do Coração de Jesus, amor pela humanidade. Desse modo, “o título, doutrina e devoção de Nossa Senhora do Sagrado Coração consideram e honram a Maria Santíssima como obra prima do amor do Coração de Jesus”<sup>361</sup> entendido como símbolo máximo do amor de Deus pela humanidade. Dito de maneira mais explícita:

Nossa Senhora do Sagrado Coração, então, significa a Maria Santíssima, predestinada do Coração de Jesus, e bem-amada do Amor divino do Verbo, o qual quis toda bela, imaculada, a Ele consagrada desde o primeiro instante de sua existência, sempre em contato com a graça de Deus, sempre filha de Deus pai, sempre virgem do coração divino, sempre esposa do Espírito Santo, e jamais em mínimo contato sequer com o mais leve pecado ou vestígio de pecado, mas sempre graciosa e agraciada, toda graça e canal místico de Graças.<sup>362</sup>

A definição de Koop sobre Nossa Senhora do Sagrado Coração é clara e objetiva. Ela é a Virgem Maria e todos os seus méritos são decorrentes, de sua relação com o coração de Jesus, símbolo máximo do Amor redentor de Deus. Notável nessa relação é a centralidade de Cristo, particularmente seu amor. Apresenta-se na argumentação de Koop uma devoção à Virgem Maria, mesmo num contexto de acentuado centralismo mariano na tradição católica, de espectro claramente cristológico. As ideias postuladas por Paulo Koop, embora exaradas por ele nas páginas da Revista, inserem-se no amplo

---

<sup>359</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. A devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1943. São Paulo, p. 65; ARNSSC – KOOP, Paulo. A devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul, 1943. São Paulo, p. 97.

<sup>360</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo A devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1943. São Paulo, p. 65; ARNSSC – KOOP, Paulo. A devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul, 1943. São Paulo, p. 97.

<sup>361</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo A devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. julho, 1943. São Paulo, p. 98.

<sup>362</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo A devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. julho, 1943. São Paulo, p. 98.

contexto de reflexões produzidas por confrades, como ele, Europeus<sup>363</sup> sobre a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. Esse fato, revela a ligação de Paulo Koop com teólogos de sua congregação e seu pendor acadêmico para traduzir às pessoas mais simples uma reta interpretação da doutrina católica acerca da devoção mariana.

A fundação da Revista, razão da transferência de Presidente Alves e sob a qual verteu seus esforços naqueles anos em Campinas, revela entre outros aspectos, o empenho de Paulo Koop para consumir projetos comuns. Ao mesmo tempo, os artigos por ele assinados descortinam, ao menos circunstancialmente, o entendimento do escritor sobre a urgência da formação para o ministério sacerdotal que não é uma postura diferente da do seu tempo e da lógica dominante do processo formativo. Salta aos olhos, contudo, que a consciência da escassez de clero, que o levará a reflexões ulteriores tempos depois, já é uma ideia consolidada. De Igual modo, Koop apresenta-se, em Campinas e através da Revista que ele edita, como um homem fiel ao magistério da Igreja e aos postulados do Papado. Por fim, ele busca expor de maneira concreta os elementos que configuram a devoção à padroeira de sua congregação, que também, empresta nome ao periódico do qual ele é editor. Tal devoção entendida, numa perspectiva cristológica, como relação entre a Virgem Maria e o amor redentor do Coração de Jesus.

Associado ao trabalho à frente da Revista, Paulo Koop, devia animar a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração, organismo do qual a Revista Anais era órgão oficial de comunicação. Na definição do seu diretor espiritual, ela “é uma simples e elástica liga de idealistas, amantes filhos de Nossa Senhora do Sagrado Coração, que estudam e desejam, oram e trabalham pela vinda do Reino do Coração de Jesus mediante a intercessão infalível de Maria Santíssima.”<sup>364</sup>

A arquiconfraria tinha como objeto de devoção, na linguagem da época, **a)** glorificar a virgem Maria, sob o título especial de Nossa Senhora do Sagrado Coração, e suas relações com Sagrado Coração; **b)** Reconhecer o poder que Deus conferiu à sua mãe sobre o seu coração e **c)** obter a intercessão desta virgem pelas causas mais difíceis.<sup>365</sup> Àqueles que dessa associação tomassem parte, eram asseguradas missas

---

<sup>363</sup>Cf. RADEMAKERS, Huberto. A Devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v. 15, f. 1, mar, 1955, p. 49-51.

<sup>364</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1942. São Paulo, p. 70.

<sup>365</sup>Cf. ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1942. São Paulo, p. 70.

diárias perpetuamente, dia especial de missas pelos associados vivos e mortos, além de uma comunhão de preces entre todos os membros dessa associação.<sup>366</sup>

O avançar dos anos amadureceu a ideia de que em cada paróquia, com a devida vênica e interesse do vigário, poderiam ser constituídas confrarias.<sup>367</sup> Delas poderiam fazer parte todos os católicos que gozassem de uso da razão, apresentassem seu nome diretamente ou por meio de zeladores a essa instituição, por fim, que em toda manhã e noite, invocassem Nossa Senhora do Sagrado Coração.<sup>368</sup> Os membros das confrarias, uma vez que fosse documentado e comunicado aos Missionários do Sagrado Coração, eram associados a Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração da qual Koop era diretor. Desse ponto, estabelecia-se um contato por cartas, envio da revista e, ao mesmo tempo, a oferta de estipêndios para manutenção da obra.<sup>369</sup>

Nesse espectro havia pequenas confrarias espalhadas por diversas cidades, associadas a arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. Campinas, contudo, ao menos no início, tornou-se o centro irradiador desse organismo.<sup>370</sup> Nela celebrava-se reuniões mensais que associavam novos membros. Para a Igreja matriz de São José na Vila industrial em Campinas todos eram, regularmente, convocados a peregrinações e romarias.<sup>371</sup> Igualmente, é nessa Cidade que se edificará o primeiro altar dedicado a Nossa Senhora do Sagrado Coração e, ao menos até a construção do Santuário na Vila Formosa em São Paulo, será lugar onde as missas pelos associados da Arquiconfraria serão celebradas. Koop, presente na ocasião da inauguração do altar, diante de uma multidão que se comprimia no átrio do templo, define a Igreja de São José em Campinas, a primeira confiada aos filhos de Júlio Chevalier e a sede primaz da

---

<sup>366</sup>Cf. ARNSSC – Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun, 1941. São Paulo, contra-capas.

<sup>367</sup>Cf. ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1942. São Paulo, p. 74.

<sup>368</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun, 1941. São Paulo, s / p; ARNSSC – REDAÇÃO. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1942. São Paulo, 75.

<sup>369</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun, 1941. São Paulo, contracapas.

<sup>370</sup>Cf. ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. A Devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. julho, 1939. Campinas, p. 83; Cf. ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. O novo Altar. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out, 1940. Campinas, p.155.

<sup>371</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. abr, 1939. Campinas, p.39; ARNSSC – REDAÇÃO. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. maio, 1939. Campinas, p. 51.

arquiconfraria,<sup>372</sup> como o “berço da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração, privilégio este que jamais lhe será tirado.”<sup>373</sup>

Ainda no período em que viveu em Campinas, competia a Koop, secundado por outros sacerdotes, promover e divulgar a Pequena obra do Sagrado Coração de Jesus. Foram os boletins enviados aos zeladores dessa obra que forjaram as condições para a fundação da Revista Anais.<sup>374</sup> A Pequena obra do Sagrado Coração, está diretamente associada à formação de novos religiosos. Já nos primeiros anos da congregação, sob a intuição de um dos colaboradores diretos de Júlio Chevalier, o Padre Jean-Marie Vandel, esse projeto foi encetado.<sup>375</sup> Consistia em pequenas doações feitas a um fundo específico que, a partir dos seus rendimentos, facultariam o acesso de jovens de famílias simples, a formação gratuita nos seminários da congregação.<sup>376</sup> Muito provavelmente, como vários outros missionários do Sagrado Coração holandeses,<sup>377</sup> também Paulo Koop, beneficiou-se desse mecanismo em seu tempo de formação. Agora, no Brasil, competia a ele, junto de outros sacerdotes, animar e motivar os passos iniciais desse projeto e ajudar a formar missionários brasileiros. Impunha-se a ele entre as obras da congregação, “a mais importante: a “pequena obra do Sagrado Coração pela educação de novos Sacerdotes-missionários do Sagrado Coração.”<sup>378</sup>

A compreensão acerca da Pequena Obra do Sagrado Coração, em sua versão brasileira, não divergia muito daquela proposta nos anos iniciais da congregação. Assim

---

<sup>372</sup>Cf. ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. A Devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul, 1939. Campinas, p. 83: “A parochia de Vila Industrial, séde da congregação dos Missionários do Sagrado Coração, com sua matriz dedicada ao padroeiro dos operários, casto esposo da Virgem-Maria, está dando cumprimento pleno e fervorosíssimo à sua missão no Brasil: a de ser berço, santuário e centro da gloriosa irradiação da devoção à Nossa Senhora do Sagrado Coração.”

<sup>373</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. O novo Altar. **Anaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out, 1940. Campinas, p.155

<sup>374</sup>Cf. ARNSSC – ADMINISTRAÇÃO. Avisos. **Anaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939, Campinas, s/p; M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração**: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus. São Paulo: s/e, 1954, p. 68-69: “O grãozinho de mostarda que germinarão, mais tarde, os ‘Anais.’”

<sup>375</sup>Cf. KERCK, J. **Júlio Chevalier**: O homem e sua ideia. São Paulo: Loyola.1987, p. 42; CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier**: l’homme et as mission (1824-1907). Roma: s.e, s.d, p. 51.

<sup>376</sup> Cf. CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier**: l’homme et as mission (1824-1907). Roma: s.e, s.d, p. 51: En raison de la modique cotisation du Sou par na, la nouvelle instituion fu appelée ‘petite-oeuvre’. Cèst ainsi que nos peits séminaires ont été denommés suivant les pays, ‘petite-oeuvre du Sacré-coeur’ ou Ecole Apostolique du Sacré-Coure; KERCK, J. **Júlio Chevalier**: O homem e sua ideia. São Paulo: Loyola.1987, p. 43.

<sup>377</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). S/I: Verloren Publishing, 2010, p.81:” In the early years of the congregation parents did not pay for board and lodging. They simply could not afford it. It was the age of the benefactors and the men from the very beginning were moreover accustomed to living in poverty. The fund of the Little Work of Charity had been set up especially for the apostolic school”.

<sup>378</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Preparando os Espíritos. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar, 1940. Campinas/São Paulo, p. 35.

como em outros países, a Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, tornou-se o veículo difusor desse movimento. Em uma edição especial da Revista sobre a Pequena Obra, concebida por Paulo Koop e organizada pelo Padre Francisco Jansen, é dito que ante a dificuldade de custear os estudos da parte de alguns jovens, A Pequena Obra do Sagrado Coração, tornar-se-ia o meio através do qual fiéis ajudariam “no custeio da educação sacerdotal de meninos brasileiros, que sentem vocação para vida sublime de Missionários do Sagrado Coração.”<sup>379</sup> O modus operandi seria de “módicas contribuições dos associados”<sup>380</sup> no valor anual mínimo na época de “\$500[quinhentos contos de reis] de modo que esta obra de caridade [estaria] ao alcance de todos, até dos mais pobres.”<sup>381</sup> Com esse mecanismo buscar-se-ia : “a) promover a matrícula na Escola Apostólica dos Missionários do Sagrado Coração, de bons alunos; b) Contribuir para manutenção de candidatos pobres, aspirantes da mesma congregação”<sup>382</sup>

A empreitada levada a cabo por Paulo Koop como propagandista à frente da Revista logrou seu duplo propósito: formar e manter a preparação para o sacerdócio. Pode-se comprovar isso, de um lado, através da prestação de contas mensais relatada no periódico, que atesta o crescimento das bolsas. Em janeiro de 1939 havia apenas duas bolsas perfazendo o valor de 5.128\$400(Cinco mil cento e vinte oito contos de Reis e Quatrocentos).<sup>383</sup> Sete anos depois, eram dez bolsas fundadas, avultando, já em nova moeda, o valor de CR\$ 53.565 (Cinquenta e três mil cruzeiros).<sup>384</sup> Nesse interim, o número de bolsas aumentou quinhentos por cento. De outro lado, os esforços em formar novos missionários, fruto da Pequena Obra e da propaganda da Revista, ao final de 1945, recebem seu ponto alto quando os primeiros brasileiros Missionários do Sagrado Coração( Plínio Pereira Negrão; Angelo Strabelli, Angelo Cardilho D’angelo, Amadeu Gusmão) são ordenados sacerdotes.<sup>385</sup> Elemento que convergiria, pouco

<sup>379</sup>ARNSSC – REDAÇÃO. A pequena obra do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out, 1941. São Paulo, p. 146.

<sup>380</sup>ARNSSC – REDAÇÃO. A pequena obra do Sagrado Coração.**Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out, 1941. São Paulo, p. 146.

<sup>381</sup>ARNSSC – REDAÇÃO. A pequena obra do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out, 1941. São Paulo, p. 146.

<sup>382</sup>Cf. ARNSSC – Palestra: “A obra das vocações” e a “Pequena Obra do Sagrado Coração” **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1939, Campinas, p. 52.

<sup>383</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Bolsas Fundadas. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939, Campinas, p.15.

<sup>384</sup> Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Bolsas Fundadas. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração** n. 7. jul, 1946. São Paulo, p.117.

<sup>385</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Crônica do Escolaticado. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração** n. 1. Jan, 1946. São Paulo, p.3: “Gratidão também a vós, obsequiosos benfeitores e benfeitoras, zeladores e zeladoras, todas, almas generosas que com vossas orações, esmolas e sacrificios sustentastes firmes na vocação a que foram chamados...”

depois, para a consolidação da província brasileira, à qual Koop parece, desde a primeira hora, por seus atos e escritos, ter total compromisso.

No âmbito do apostolado paroquial, no período de Campinas, sobretudo por deficiências de registro no Livro Tombo não há dados sobre a atividade pastoral de Koop. Acredita-se, como é próprio aos ministros ordenados e como prescrevia sua provisão que ele oficiasse a Eucaristia, atendesse confissões, acudisse aos enfermos e fizesse pregações.

A atuação de Pedro Paulo Koop, ao longo de dois anos em Campinas, notabilizou-se pela consolidação eficaz da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração. De Igual modo, pelo fecundo ânimo que aplicou as arquiconfrarias e no empenho de haurir dividendos, via Pequena Obra, para manutenção das casas de formação. Assim, num curto prazo, estando sob os olhos daqueles que regiam a província, não foi complexo notar, como afirmou, um cronista as “capacidades propagandistas”<sup>386</sup> desse sacerdote e, divisando introduzir na capital paulista a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração, bem como, adentrar, enquanto congregação nessa cidade, que escolhessem alguém que pudesse difundir essa devoção na metrópole em expansão. Sob esse mote, Padre Pedro Paulo Koop foi nomeado para São Paulo.

### 3.5 São Paulo: o Santuário e a difusão da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração

Ao fim de dois anos atuando em Campinas e após quase uma década desde aquele domingo em que chegou ao Brasil, Padre Pedro Paulo Koop, foi nomeado para a capital paulista,<sup>387</sup> para a crescente metrópole industrial, edificada sob o patrocínio dos Jesuítas no pátio do Piratininga, e colocada sob o nome do apóstolo cristão, Paulo. Sua missão, entre outras, será a de continuar propagando a devoção à padroeira de sua congregação e preparar a fundação do Santuário Nacional em sua honra, isto é, da Virgem Maria sob o título de Nossa Senhora do Sagrado Coração.<sup>388</sup>

<sup>386</sup>ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. In Memorian. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 1; Cf. ACPMSC-SP - Dom Pedro Paulo Koop. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1; Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>387</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Pedro Paulo Koop, Paixão pelo Cristo. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 66, n. 20, out. 2003, São Paulo, p. 8; Cf. ACPMSC-SP. Dom Pedro Paulo Koop. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1.

<sup>388</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. In Memorian. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 1; Cf. ACPMSC-SP - Dom Pedro Paulo Koop. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1; COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier. 1996, p. 43; Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

O trabalho de Koop como fundador da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, diretor da Arquiconfraria de Nossa Senhora e promotor da Pequena Obra, rendeu-lhe a fama, como dito, de ter “capacidades propagandistas.”<sup>389</sup> Assim, esperando o mesmo efeito e apostando na consolidação de obras maiores, definitivamente, a partir de meados de “[...]1939 até agosto de 1946 [...] [ele exercerá] intensa atividade apostólica e social, tendo o longínquo bairro da Vila Formosa como centro de sua irradiação.”<sup>390</sup>

Historicamente em 1936, após a visita canônica do Superior provincial da Holanda, Padre Nicolas Verhover,<sup>391</sup> o Padre Arnaldo Gearts, foi nomeado Superior da missão holandesa no Brasil e, posteriormente, dado a II grande guerra, comissário-administrador provincial plenipotenciário.<sup>392</sup> Essa função lhe conferia condições de, sem pedir ratificação ou anuência à administração provincial holandesa e associado ao seu conselho local, formado pelos Padres Leonardo Hendricks, Jerônimo Vermin e Abrão Wijnands,<sup>393</sup> definir os rumos das atividades Missionária no Brasil.

Esse colegiado, divisando o futuro da congregação no Brasil com a possível criação de uma província brasileira dos Missionários do Sagrado Coração, entre outras coisas, definiu que deveriam estabelecer-se na capital paulista. De um lado, com uma casa de Formação (Escolasticado); de outro, com um grande Santuário. Essa deliberação pautava-se pela certeza que nessa cidade, propícia a grandes movimentos religiosos, deveria ser criado um monumento que concretizasse sensivelmente a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração<sup>394</sup> e contribuísse para a “nacionalização(*sic*) dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil.”<sup>395</sup> Ademais, naqueles idos da primeira metade do século XX, São Paulo estava em franca expansão industrial, configurava-se

---

<sup>389</sup>ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. In Memorian. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 1; Cf. ACPMSC-SP - Dom Pedro Paulo Koop. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1; Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>390</sup>ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>391</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p. (Manuscrito); ACPMSC-SP - **Histoire M.S.C em Brésil: Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne**, p. 2.

<sup>392</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 48.

<sup>393</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p.

<sup>394</sup>Cf. ASNSSC - arquivo do Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **História de Nossa Senhora do Sagrado Coração e Santuário de História do Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. São Paulo: s/d. s/p.

<sup>395</sup>ARNSSC - **O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”** n. 9. Set. 1941. São Paulo, p. 140.



um grande vetor econômico e tinha uma população que se avolumava vertiginosamente, ultrapassando a soma de 1, 4 milhão de habitantes.<sup>396</sup>

A capital era acometida de “um surto industrial, que veio transformar a ‘metrópole do café’ ou ‘a capital dos fazendeiros’ na dinâmica e movimentada metrópole industrial [...]”<sup>397</sup> Cientes disso, o conselho da missão holandesa no Brasil, apoiado em fatores religiosos, culturais e econômicos verteu esforços para o estabelecimento da congregação em solo paulopolitano. Nesse processo, capital importância teve o Padre Arnaldo Gearts, o mesmo que nomeara Pedro Paulo Koop para Campinas a fim de fundar a Revista e, agora o enviara, para São Paulo. Sobre isso o Padre Koop, redator da Revista *Anais*, descrevia as virtudes desse sacerdote e seu empenho nessa dupla empreitada:

O Revmo. Pe. Arnaldo, revelou-se ‘the right man on the right place’, homem providencial que à sua longa folha de serviços em prol da Igreja no Brasil, que lhe consumiram boa parte de sua energia, soube acrescentar-lhe mais esta página de ouro.

Bandeirante Apostólico da Zona Noroeste do Estado de São Paulo, pioneiro da fundação do bispado de Cafelândia, engenheiro, construtor de numerosos prédios, Igrejas e capelas[...] entre as quais se contam a própria catedral[...]. Torna-se o Pe. Arnaldo, o incansável apóstolo de mais esta obra, na luta pela qual muitos homens de boa coragem e prudência sentiriam fraquejar-lhes a força.<sup>398</sup>

Acerca desse mesmo presbítero e de sua solicitude no que diz respeito da instalação do Santuário em Vila Formosa, testemunha um outro cronista:

Quanto à construção do Santuário de Vila Formosa foi ele o incentivador, senão mesmo aquele que tomou a iniciativa. Soube cercar-se nessa obra de homens à altura [Koop e outros], levando a bom termo essa obra-prima da província.<sup>399</sup>

A instalação da congregação na arquidiocese paulistana, propriamente dita, remonta aos anos de 1937 e 1938, no tenso início do Estado Novo. Tratativas com o então arcebispo paulistano, o antiste Dom Leopoldo Duarte e Silva<sup>400</sup> resultaram na acolhida da congregação na capital do Estado de São Paulo. O Padre Adriano Van Iersel,

<sup>396</sup>Cf. SOUZA, Ney de (Org). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja católica Centenário da Arquidiocese: São Paulo: Paulinas, 2004, p. 453.**

<sup>397</sup>PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX: São Paulo transforma-se em metrópole industrial. **Revista de História**, 1955, p. 128-129. Disponível em: [periodicos.usp.br](http://periodicos.usp.br). Acesso em: 17 abril. 2020.

<sup>398</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1941. São Paulo, p. 140.

<sup>399</sup>ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier. 1996, p. 49.

<sup>400</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1941. São Paulo. p. 141.

paladino da primeira expedição dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil, foi responsabilizado pelos contatos iniciais com o arcebispo e com a região a ser constituída uma paróquia e uma futura casa de formação. Ele encontrou no Cônego José Maria Fernandes, pároco da paróquia São José do Belém, apoio e ajuda para os primeiros passos da futura instalação na diocese. “Foi ele que lhes mostrou, pela primeira vez as belas paragens de Vila Formosa”.<sup>401</sup> Padre Paulo Koop, numa obra por ele organizada em comemoração ao centenário de fundação da sua congregação em 1954, assim descreve a preparação para a chegada dos Missionários do Sagrado Coração na capital bandeirante:

Tomada a resolução, os M.S.C apresentaram ao grande arcebispo paulopolitano Dom Duarte Leopoldo e Silva, que os recebe paternalmente. Concordou com a entrada dos M.S.C na arquidiocese de São Paulo com a condição que aceitassem formar uma paróquia nos arrabaldes de São Paulo. Indicou-lhes o bairro de Vila Formosa, onde – desde há pouco - havia uma fundação da primeira ordem de São Domingos: as monjas enclausuradas do Mosteiro Cristo-rei. É certo que o paternal cuidado do velho arcebispo de criar às monjas a oportunidade de uma assistência espiritual mais assídua e organizada tem influído fortemente nesta feliz indicação.<sup>402</sup>

Entrementes o primeiro contato com o arcebispo e a instalação definitiva na região de Vila Formosa, falece Dom Leopoldo Duarte e Silva, e quem recebe os Missionários do Sagrado Coração, na capital é seu sucessor, Dom José Gaspar de Afonseca e Silva, o mais jovem Arcebispo do Brasil.<sup>403</sup> Este jovem purpurado, contudo, atrela a instalação de uma paróquia na longínqua Vila Formosa à obrigação de uma outra paróquia na região central da arquidiocese. Esse fato porque o arcebispo, almejando “unificar a linha de atuação de todos os párocos, criou novas paróquias e decanatos [...] procurando iniciar um trabalho pastoral em conjunto”<sup>404</sup> em toda arquidiocese. Assim, o projeto de uma paróquia transforma-se em duas e a congregação definitivamente adentra os umbrais da Igreja paulistana.

<sup>401</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1941. São Paulo, p.140.

<sup>402</sup>M.S.C. **100 Anos M. S.C**:1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e. 1954, p. 70.

<sup>403</sup>Acerca de Dom Duarte Leopoldo e Silva e José Gaspar de Fonseca e Silva bem com sobre o catolicismo em São Paulo no período da Instalação dos Missionários do Sagrado Coração na arquidiocese Paulistana, pode-se ler: SOUZA, Ney de. Catolicismo em São Paulo Centenário da Arquidiocese (1908-2008). **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 60, p. 101-152, jun. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15659>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

<sup>404</sup>SOUZA, Ney de (Org). **Catolicismo em São Paulo**: 450 anos de presença da Igreja católica Centenário da Arquidiocese: São Paulo: Paulinas. 2004 p.457; SOUZA, Ney de. Catolicismo em São Paulo Centenário da Arquidiocese (1908-2008). **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 60, jun. 2013, p. 118. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15659>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

Dom Duarte Leopoldo e Silva, Arcebispo Metropolitano, os acolhe paternalmente e lança-lhes o desafio de fundar uma paróquia em Vila Formosa, periferia da capital, uma região onde não havia ainda, nem água, nem luz, nem telefone, nem transporte... Nossos padres aceitam o desafio e assim, a 13 de novembro de 1939, aniversário de morte de nosso Bispo missionário, Monsenhor Verjus, é erigida a nova paróquia, dedicada a Nossa Senhora do Sagrado Coração. Nesta mesma época, dom José Gaspar de Affonseca e Silva, sucessor de Dom Duarte, cria a paróquia de São Sebastião, da Ponte Pequena, a um quilômetro da Estação da Luz, e a oferece aos MSC que dela tomam posse em 31 de janeiro do ano seguinte. Trata-se da atual Paróquia Sagrado Coração de Jesus em Sufrágio das Almas, conhecido como Santuário das Almas.<sup>405</sup>

Aos Padres Jerônimo Vernin e Pedro Paulo Koop, coube o papel de encetar o processo de consolidação do projeto delineado pelo conselho administrativo da missão holandesa no Brasil. Ao primeiro, Padre Jerônimo Vermin, que era membro do conselho que intuiu esse projeto, foi imputada a missão de ser o vigário da, ainda a ser criada, paróquia de Vila Formosa. Ao segundo, sob o mote de ser um bom propagandista, competia mobilizar esforços para difundir e propagar o culto a Nossa Senhora do Sagrado Coração bem como amealhar recursos para a fundação do Santuário Nacional ligado a essa devoção particular de sua congregação. Associou-se a eles, ainda nesse ano inicial, o Padre Afonso Van de Graaf, antigo professor da Escola Apostólica de Tilburg e Diehuis na Holanda e que em outubro de 1938 aportou no Brasil, sendo logo enviado à nascente paróquia de Vila Formosa.<sup>406</sup>

Ao fim de 1938, os três sacerdotes estabelecem-se nos confins de São Paulo, a dezessete quilômetros do centro da capital paulista no bairro de Vila Formosa<sup>407</sup>. Nesse tempo o bairro “era apenas uma zona de transição, não havia ainda uma boa estrada que a ligasse a cidade, nem tampouco uma linha de ônibus que a servisse.”<sup>408</sup> Nesse inóspito cenário, de posse de uma portaria datada de 19 janeiro de 1939, o Padre Jerônimo Vermin, abençoou no dia 22 de Janeiro de 1939 o “prédio da capela que pertencia a companhia de melhoramentos do Braz, que o cedeu para o culto, enquanto a paróquia

---

<sup>405</sup>ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 64, n. 5, maio. 2001, p. 19; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 3, mar. 2010, p. 27.

<sup>406</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 55.

<sup>407</sup>Sobre História da Vila Formosa pode-se ler: ARAUJO, Betânia Libânio Dantas de; YORDAKY, Wagner. **Vila Formosa**. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal, 2022.

<sup>408</sup>M.S.C. **Nossa Senhora do Sagrado Coração: a maravilhosa advogada das causas desesperadas**. São Paulo: Gráfica e editora prelúdio. 1956, p. 16.

tiver necessidade.”<sup>409</sup> Sobre esse prédio, um cronista o descreve como uma “Igrejinha pobre, diria mesmo mísera, desprovida de espaço e de conforto, não passava de uma garagem.”<sup>410</sup> Os três religiosos, “morariam ao fundo da garagem, num quarto improvisado, arremedo paupérrimo de um convento”.<sup>411</sup>

Cerca de dez meses após a “benção provisória”<sup>412</sup> da capela, foram provisionados à 13 de novembro de 1939, vigário paroquial e vigários cooperadores, respectivamente, Jerônimo Vermin, Afonso Van de Graaf e Paulo Koop.<sup>413</sup> Nesse mesmo dia, a data exata do aniversário de um ano da morte de Dom Leopoldo Duarte e Silva - Bispo que inicialmente acolheu os Missionários do Sagrado Coração - Dom José Gaspar, exarou decreto de criação da paróquia<sup>414</sup> e sob o pedido dos Religiosos colocou-a sob o título de Nossa Senhora do Sagrado Coração.<sup>415</sup> Após a expedição do documento de criação, precisamente treze dias passados dessa publicação, 26 de novembro, foi instalada na presença da população do bairro, do vigário geral da Arquidiocese, Padre Ernesto de Paula, do Diretor e do Gerente da Companhia de Melhoramentos do Brás, respectivamente, Dr. Raphael Sampaio Vidal e Paulo Vieira bem como a direção e as professoras do grupo escolar do Bairro, a paróquia de Vila Formosa.<sup>416</sup> Paulo Koop, sob o alônimo de correspondente, descreveu com ar alegre, esperançoso e visionário o evento e o futuro de Vila Formosa, a partir daquele dia:

*Na matriz provisória, lindamente transformada em jardim de flores, e repleta de fiéis, o Exmo. Snr. Vigário Geral realizou as ceremonias(sic) da instalação da nova parochia sob a invocação de **NOSSA SENHORA DO SAGRADO CORAÇÃO** e confiada aos cuidados espirituais e apostólicos dos **Missionários do Sagrado Coração**. [...]*

*26 de novembro ficará um dia histórico nos annaes de Villa Formosa, que por todos os motivos espirituais e materiais está fadada para se tornar um dos bairros mais progressistas da capital.*<sup>417</sup>

<sup>409</sup>APSNSSC – Arquivo da paróquia e Santuário Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Livro tombo I**. São Paulo- SP, p. 2v.

<sup>410</sup>M.S.C. **Nossa Senhora do Sagrado Coração: a maravilhosa advogada das causas desesperadas**. São Paulo: Gráfica e editora prelúdio,1956, p.16.

<sup>411</sup>VITOR, Manoel. **Nossa Senhora do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora nova Era. 1956, p. 13.

<sup>412</sup>APSNSSC - **Livro tombo I**. São Paulo- SP, p. 2v.

<sup>413</sup>Cf. APSNSSC - **Livro tombo I**. São Paulo- SP, p. 2v.

<sup>414</sup>Cf. APSNSSC - **Livro tombo I**. São Paulo- SP, p. 3.

<sup>415</sup> Cf. M.S.C. **100 Anos M. S.C:**1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e, 1954, p.70.

<sup>416</sup>Cf. APSNSSC - **Livro tombo I**. São Paulo- SP, p. 3. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Instalação festiva da primeira Parochia sob a invocação de Nossa Senhora do Sagrado Coração no Brasil. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. jan. 1940, Paulo/Campinas, p. 6;

<sup>417</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Instalação festiva da primeira Parochia sob a invocação de Nossa Senhora do Sagrado Coração no Brasil. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. jan. 1940, Paulo/Campinas, p. 5-6 (itálico e negrito no original).

Tendo sido criada e instalada a paróquia, bem como concretizada a presença da congregação dos Missionários do Sagrado Coração na capital paulista, cabia agora aos padres desenvolverem os ofícios para os quais foram designados. Padre Jerônimo Vernin, pároco<sup>418</sup> e fabriqueiro de Vila Formosa;<sup>419</sup> Afonso Van de Graaf, cura de almas<sup>420</sup> e Paulo Koop, além de coadjutor, a difusão da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração e arrecimação de fundos para a construção do futuro Santuário Nacional.<sup>421</sup>

Consciente de sua missão e cioso de suas responsabilidades, Padre Pedro Paulo Koop, para equacionar o trabalho que lhe fora confiado seguiu um duplo viés. De um lado, sendo redator da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, iniciou uma série de campanhas de popularização de encartes da novena da padroeira de sua congregação. De outro lado, acercou-se do sistema de transmissão radiofônica para locutar para uma ampla região a novena de Nossa Senhora do Sagrado Coração.

Desde Campinas, Koop foi constituído diretor espiritual da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração e Promotor da Pequena Obra. Seu principal instrumental de trabalho era o folhetim enviado a fiéis colaboradoras (Zeladoras) que divulgavam a arquiconfraria e angariavam fundos em vista da formação de novos missionários. Esse periódico, à medida que se avolumava o número de assinantes, como anteriormente descrito, passou a ser chamado de Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração e consolidava-se como veículo oficial de toda e qualquer ação ligada à Arquiconfraria, a Pequena obra<sup>422</sup> e, como um corolário, dos projetos da congregação dos Missionários do Sagrado Coração.

Através desse periódico, Koop lança-se numa contínua atividade de propagação da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. Para tanto, em 1940 ele cria uma primeira campanha em vista da missão que devia levar a termo. Nas edições de março

---

<sup>418</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Instalação festiva da primeira Parochia sob a invocação de Nossa Senhora do Sagrado Coração no Brasil. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. jan. 1940, Paulo/Campinas, p. 6.

<sup>419</sup>Cf. APSNSSC - **Livro tombo I**. São Paulo- SP, p. 3.

<sup>420</sup>Cf. APSNSSC - **Livro tombo I**. São Paulo- SP, p. 3. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Instalação festiva da primeira Parochia sob a invocação de Nossa Senhora do Sagrado Coração no Brasil. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. jan. 1940, Paulo/Campinas, p. 6.

<sup>421</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>422</sup>Cf. APSNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Avisos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan. 1939. Campinas, p. 2; APSNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Apresentando os Anais de N. Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul. 1940. São Paulo/Campinas, p. 97.

e abril de 1940 desse periódico reflete sobre o tema. Na revista de março, Padre Pedro Paulo anuncia seu projeto que consiste numa vultuosa campanha a ser iniciada em “primeiro de maio [...] de ampla difusão da milagrosa novena de Nossa Senhora do Sagrado Coração.”<sup>423</sup> Particularmente para São Paulo, o diretor da Arquiconfraria iria preparar uma “edição destinada exclusivamente a capital, em benefício do novo Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração de Vila Formosa.”<sup>424</sup> Tratava-se, a juízo do editor da Revista, de lutar “pela causa e glória de Maria, pelo cumprimento pleno de toda profecia: ‘Todas as gerações proclamar-me-ão bem-aventurada.’”<sup>425</sup>

Na edição do mês seguinte, abril, detalhes maiores sobre essa campanha que se pretendia “genuinamente católica, mariana e brasileira”<sup>426</sup> foram informados. Ela, reafirma o redator do periódico destinado aos zeladores da Arquiconfraria, consistirá na “larga difusão da célebre novena à advogada e padroeira das causas difíceis e desesperadas.”<sup>427</sup> O efeito prático e econômico da novena, destinar-se-ia a construção do novo Santuário.<sup>428</sup> A novena custaria “1\$500(Hum e quinhentos reis) teria o “[...] formato de 15x10cm., [...] seria ornada de dez gravuras explicativas da devoção” gozava da “recomendação do [...] arcebispo de São Paulo.”<sup>429</sup> e dentre as promessas anexas à devoção estava a de impedir “a ação nociva das heresias atuais e [trazer] frutos abundantes de vida e ação sinceramente católicas.”<sup>430</sup> Cerca de trinta mil exemplares foram impressos e pretendia-se vender ao público em geral,<sup>431</sup> em vista de popularizar a devoção e anelar dividendos para o santuário.<sup>432</sup>

---

<sup>423</sup>ARNSSC- KOOP, Pedro Paulo. Preparando os Espíritos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar. 1940. São Paulo/Campinas, p. 35.

<sup>424</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Preparando os Espíritos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar. 1940. São Paulo/Campinas, p. 35.

<sup>425</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Preparando os Espíritos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar. 1940. São Paulo/Campinas, p. 35.

<sup>426</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Uma campanha: Genuinamente católica, mariana e Brasileira. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. abr. 1940. São Paulo/Campinas, p. 50.

<sup>427</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Uma campanha: Genuinamente católica, mariana e Brasileira. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. abr. 1940. C São Paulo/Campinas, p. 51.

<sup>428</sup>Cf. ARNSSC- KOOP, Pedro Paulo; DINGENOUTS, Pedro. Alea Jacta est. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio. 1940. São Paulo/Campinas, p. 67; Cf. APSNSSC- KOOP, Pedro Paulo. Uma campanha: Genuinamente católica, mariana e Brasileira. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. abril. 1940. Paulo/Campinas, p. 51; Cf. APSNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Preparando os Espíritos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar. 1940. São Paulo/Campinas, p. 35.

<sup>429</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Uma campanha: Genuinamente católica, mariana e Brasileira. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar. 1940. São Paulo/Campinas p. 51.

<sup>430</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo; DINGENOUTS, Pedro. Alea Jacta est. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio. 1940. São Paulo/Campinas, p. 68.

<sup>431</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo; DINGENOUTS, Pedro. Alea Jacta est. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio. 1940. São Paulo/Campinas, p. 67.

<sup>432</sup>Cf. M.S.C. **100 Anos M. S.C.**:1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e. 1954, p. 71.

O resultado dessa primeira ação de Koop é aquilatado na própria revista *Anais* logo após a Páscoa de 1940, na edição de junho. O redator e paladino da campanha a avalia de maneira positiva. Julga formidável os resultados da difusão da novena que foram vendidas em número superior a vinte cinco mil exemplares penetrando, assim, em lares de toda capital paulista e interior.<sup>433</sup> Tempos depois, o mesmo redator não mais sob a direção da Revista, tece loas aos feitos dessa campanha inicial, concebida com modéstia, simplicidade, mas com profundo denodo executada.<sup>434</sup> Torna-se claro que, se o objetivo era difundir a novena e a devoção, a finalidade tinha sido equacionada com sucesso, aos olhos de Padre Koop.

Outro aspecto, se tomado em consideração a quantidade de exemplares vendidos, bem como, a festa celebrada ao final da novena na Vila formosa que agregou expressiva quantidade de pessoas em tão pequeno tempo,<sup>435</sup> pode-se dizer que a missão confiada a Padre Paulo Koop foi realizada, inicialmente, de modo satisfatório. Afinal, foram vendidas quase a totalidade das novenas confeccionadas, agregando fundos para o projeto de edificação do Santuário. Pondera-se que outros eventos ainda deveriam ser celebrados para atingir o ideal de construir o Santuário. O projeto, contudo, já estava lançado ou como disse Paulo Koop, citando o adágio latino: “alea jacta est!”<sup>436</sup> – a sorte está lançada!

Um outro elemento, deve ser agregado à difusão da novena: o fato dela ser rádio transmitida. Ao Padre Koop competiu, também, a articulação entre a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração e a difusão nos meios de comunicação, isto é, jornais de grande circulação como o diário matutino o “Estado de São Paulo” e /ou jornais católicos como o conservador “O legionário” e do folhetim proletário chamado “Operário”.<sup>437</sup> De maneira particular, foi expressiva a aproximação com o universo da radiodifusão. Assim, sob a recomendação do Padre João Batista de Carvalho, diretor da

---

<sup>433</sup>Cf. ARNSSC- KOOP, Pedro Paulo. Campanha: pró-construção do Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração em vila formosa, na capital paulista. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun. 1940. São Paulo/Campinas, p. 84.

<sup>434</sup>Cf. M.S.C. **100 Anos M. S.C:**1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e. 1954, p.71.

<sup>435</sup>Cf. ARNSSC- REDAÇÃO. As festas em louvor de Nossa Senhora do Sagrado Coração em Vila formosa (02 de junho de 1940). **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul. 1940. São Paulo/Campinas, p.108.

<sup>436</sup>ARNSSC -KOOP, Pedro Paulo; DINGENOUTS, Pedro. Alea Jacta est. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio. 1940. São Paulo/Campinas, p. 67.

<sup>437</sup>ARNSSC- KOOP, Pedro Paulo. Texto do Discurso pronunciado pelo Revmo. Pe. Pedro Paulo Koop, Missionário do Sagrado Coração. In: **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1940. São Paulo/Campinas, p. 141.

Rádio Excelsior, autoproclamada “a primeira estação católica do mundo,”<sup>438</sup> Padre Pedro Paulo estabeleceu contato em abril de 1940 com o advogado Manoel Vitor<sup>439</sup> - mais tarde deputado federal - que na época apresentava um programa na rádio Excelsior chamado a hora do Pensamento Social Cristão. Com riquezas de detalhes, Manoel Vitor narra esse encontro e a proposta de Koop:

Padre Paulo, atencioso, cativante, delicado, expoz(*sic*) logo o que desejava: que eu propagasse pelo rádio a devoção de Nossa Senhora do Sagrado Coração, cuja paróquia havia sido recentemente fundada em S. Paulo, no bairro de Vila Formosa. Ia começar. Já possuía impressos alguns milhares da novena da Maravilhosa advogada. Estava fazendo, com sucesso, a sua difusão entre as famílias, mas desejava alargar mais e com mais calor o âmbito da propaganda. Queria que eu a irradiasse para o mês de maio daquele ano, preparando assim a ‘Primeira Romaria de Súplica’ que se projetava realizar à colina de Vila Formosa. Sabia que meu programa era ouvido e que por ele poderia dilatar a fama daquela devoção que, se era ampla na Europa, ainda não o era suficientemente no Brasil<sup>440</sup>

Entre Koop e o radialista brotou uma amistosa relação que resultou na locução da primeira grande Romaria de Súplica e sucessivas outras transmissões, vitais para a consolidação da devoção e da construção do Santuário. A parceria foi testemunhada pelo redator da Revista Anais em vários números do periódico,<sup>441</sup> antes e depois da chamada primeira grande Romaria de Súplica<sup>442</sup> que as ondas da rádio Excelsior deveriam preparar. Em tom consciente dos efeitos benéficos dessa ação, quase quinze anos depois, Koop foi capaz de relembrar desse fato nos seguintes termos:

Em maio de 1940, pela primeira vez, quiçá na história da Igreja, mas certamente no Brasil, foi irradiada a novena do Lembrai-vos através das ondas da então rádio Exelsior de São Paulo pela voz do Dr. Manoel Vitor de Azevedo[...] o êxito foi completo. Larga e profundamente entrou a devoção de uma vez para sempre, no coração da gente brasileira e a ideia da construção de um Santuário em honra da “esperança dos desesperados” recebe de toda parte o mais franco e leal apoio. Em junho de 1940 sob a colina vilaformosense a primeira

<sup>438</sup>ROCHA, Vera Lúcia; VILA, Nanci Valença Hernandes (1993). **Cronologia do rádio paulistano**: anos 20 e 30. São Paulo: CCSP/Divisão de Pesquisa, p. 60.102.

<sup>439</sup>Cf. ARAUJO, Betânia Libânio Dantas de; YORDAKY, Wagner. **Vila Formosa**. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal, 2022, p.110.

<sup>440</sup>VITOR, Manoel. **Nossa Senhora do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora nova Era, 1956, p. 12.

<sup>441</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Uma campanha: Genuinamente católica, mariana e Brasileira. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. abril. 1940. Campinas, p. 51; KOOP, Pedro Paulo; DINGENOUTS, Pedro. Alea Jacta est. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio. 1940. São Paulo/Campinas, p. 67.

<sup>442</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Apresentando os Anais de N. Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul. 1940. São Paulo/Campinas, p. 97; M.S.C. **100 Anos M. S.C.:1854 – 8 de dezembro 1954**. São Paulo: s/e. 1954, p. 71.



Romaria paulistana em visita a senhora do “Lembrai-vos”, instalada modestíssima ex-garage(*sic*) de ônibus para Igrejinha...!<sup>443</sup>

A campanha, bem-intencionada e dirigida a uma finalidade específica, do ponto de vista histórico, insere-se no amplo espectro de costumes e práticas religiosas do cotidiano eclesial do início do século XX e até mesmo anterior a esse período.<sup>444</sup> Do seu idealizador, essa ação revela, de um lado, sua capacidade de arregimentar segmentos diversos da sociedade a fim de consolidar seu projeto. Ele deslumbrou na imprensa escrita um viés capaz de exceder os limites das populares casas familiares da sua paróquia e atingir segmentos que tinham acesso a jornais impressos, certamente classe abastadas (O Estado de São Paulo); católicos ilustrados e conservadores (O Legionário) e do universo fabril (O operário). De outro lado, a opção da radiodifusão, atesta a clarividência do sacerdote em perceber no rádio, no início do século XX, uma força descomunal para atingir fiéis em diversas longitudes, para além dos estritos limites de sua paróquia. Ele faz assim eco aquilo que, Eric Hobsbawm ajuizaria, tempos depois, ao dizer que o rádio nas décadas eminentemente após a guerra, se tornou um instrumental “capaz de falar a milhões, cada um deles sentindo-se abordado como indivíduo” [...] uma ferramenta inconcebivelmente poderosa como perceberam governantes, vendedores<sup>445</sup> e sacerdotes. A estratégia de Koop foi eloquente e capaz de, em segmentos vários do espectro eclesial e social, agregar devotos, arregimentar filiação religiosa e promover a vida cristã na capital paulista e arredores naquele início da quarta década do século XX.

Ainda na capital bandeirante, paralelo ao ministério de primeiro responsável da difusão da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração, Koop, no labor pastoral, acrescentava à sua biografia a pecha de exímio pregador. Em repetidas ocasiões, edições da revista de Anais, transparece que o Padre Pedro Paulo é convidado para pregar em retiros, tríduos, festas e novenários em diversas cidades como Pirassununga,<sup>446</sup>

<sup>443</sup>M.S.C. **100 Anos M. S.C:**1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e, 1954, p. 71.

<sup>444</sup>Cf. SOUZA, Ricardo Luís. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular.** Natal, Editora IFRN. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1090/Festas%20Procissoes%20Romarias%20Milagres%20-%20Ebook.pdf?sequence=1>. Acesso em 25 abril.2020.

<sup>445</sup>HOBBSAWM, Eric. **Era dos extremos: o breve século XX- 1914-1991.** São Paulo: Companhia das letras, 2009, p. 20. (e-book).

<sup>446</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Pirassununga: Impressões de um visitante. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** n. 8. ago. 1939. Campinas, p. 96.

Campinas,<sup>447</sup> Bauru<sup>448</sup> e outras cercanias.<sup>449</sup> No livro tomo do Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração, Padre Jeronimo Vermin, Vigário de Vila Formosa, transcreve, sem que haja nenhuma outra afirmação similar ao longo do livro, que “aos domingos o Pe. coadjutor, Pe. Paulo[Koop] costuma fazer uma brilhante homilia sobre o evangelho do dia.”<sup>450</sup> Nessa linha, um outro contemporâneo de Koop, afirmava de maneira superlativa acerca de, entre outros talentos, a eloquência para comunicar-se:

Quando falamos de Pedro Paulo Koop, ou Peet Koop, como chamávamos familiarmente, vem logo a lembrança aquela figura simpática, o porte físico, o brilho dos olhos inquietos e a bela voz baritonada, precioso instrumento de sua **verbosidade eloquente e apaixonada**. Perfeito domínio do vernáculo, riqueza de gestos, inteligência brilhante, como era agradável ouvi-lo[...]<sup>451</sup>

De fato, em ocasiões específicas, como bênção da pedra fundamental, na presença de signatários da gestão Pública como Adhemar de Barros e esposa, bem como do arcebispo paulista, José Gaspar de Affonseca e Silva, Paulo Koop é instado a proferir o discurso de abertura da celebração. Trata-se de um eloquente discurso, de marca protocolar, fazendo vênias e agradecimento a benfeitores, autoridades e a população presente. Chama a atenção na alocução o profundo sentido que Koop aplica ao Santuário e a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. Para ele, o Santuário a ser construído, não representava apenas um lugar de culto. No longínquo bairro de Vila Formosa, cercado de fábricas nas circunvizinhanças e em pleno crescimento, o Santuário traria benefício para o povo operário, para os desamparados, os desesperados e todos os que sofrem em consequência dos males sociais.<sup>452</sup> Aos olhos do locutor, a Igreja é refúgio para os sofredores. De igual modo, a devoção a Nossa Senhora do

---

<sup>447</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Novo Altar. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out. 1940. São Paulo/Campinas, p. 115.

<sup>448</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Chronica da Archiconfraria. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 8. agosto 1939. Campinas, p. 79.

<sup>449</sup>Cf. Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 13.fev. 1941. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21898&keyword=Koop&anchor=139509&origem=busca&pd=bbcebad61e9e7737e307626fb7faaf22>. Acesso em: 20 jun.2020; Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 15.jan.1943. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21898&keyword=Koop&anchor=139509&origem=busca&pd=bbcebad61e9e7737e307626fb7faaf22>. Acesso em: 20 jun.2020.

<sup>450</sup>APSNSSC - **Livro tomo I**. São Paulo- SP, p. 4.

<sup>451</sup>ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Pedro Paulo Koop, Paixão pelo Cristo. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 66, n. 20. out. 2003, p. 8.

<sup>452</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro. Texto do Discurso pronunciado pelo Revmo. Pe. Pedro Paulo Koop, Misionário do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1940. São Paulo/Campinas, p. 140.

Sagrado Coração seria expressão concreta da misericórdia, do amor, do acolhimento e da bondade:

Aqui Nossa Senhora do Sagrado Coração para todos será todo amor, extrema misericórdia e dedicação, toda presteza em ajudar, toda eficácia em auxiliar as infinitas necessidades de seu povo. Aqui não haverá n'Ela severidade, aqui ninguém d'Ela fugirá, aqui ela não repelirá ninguém, e será ela sempre a mesma, compassiva e acessível.<sup>453</sup>

Os anos de Koop em Vila Formosa também foram marcados por intensa atividade Pastoral. Embora com atribuições diversas em nome da congregação, Koop não se furtava das atividades de cunho sacramental e paroquial. Além das celebrações eucarísticas, ele assistiu a inúmeros batizados, foram 23 batizados ao longo de seis anos de trabalho em São Paulo.<sup>454</sup> Um número que representa quase cinco por cento de todos os batizados celebrados nesse período, isto é, quinhentos e quarenta e quatro.<sup>455</sup> Deve-se dizer, contudo, que o trabalho de divulgação do Santuário, cujo paladino era Koop, foi fazendo com que progressivamente se recorresse mais a esta Igreja como lugar onde se buscava o sacramento. Entre o primeiro e último ano de Koop em São Paulo, há um crescente exponencial de batismo. Em 1939 foram apenas quinze batizados ao passo que em 1944 a quantidade ultrapassava cento e setenta e sete,<sup>456</sup> doze vezes mais que o número inicial.

Ainda no campo do apostolado, contudo fora dos limites estritos da paróquia de Vila Formosa, Koop portou-se no tempo de São Paulo, com intensa verve pastoral. Nos quase sete anos que nessa cidade viveu, atuou como capelão do internato das Irmãs Salesianas no Brás, assistindo as religiosas e a comunidade educacional existente.<sup>457</sup> Associava-se a esse serviço a pregação de retiros abertos a comunidades em geral, organizados, como testemunha um jornal da época, sob o interesse da Federação

---

<sup>453</sup>ARNSSC - KOOP, Pedro. Texto do Discurso pronunciado pelo Revmo. Pe. Pedro Paulo Koop, Missionário do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1940. São Paulo/Campinas, p. 140.

<sup>454</sup>Cf. APSNSSC - **Livro de Batismo I – 1939-1946**. São Paulo - SP, *passim*

<sup>455</sup>Cf. APSNSSC - **Livro de Batismo I – 1939-1946**. São Paulo - SP, *passim*

<sup>456</sup>Cf. APSNSSC - **Livro de Batismo I – 1939-1946**. São Paulo - SP, *passim*

<sup>457</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. "In Memoriam" Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p.2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160; Cf. Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 15.mar. 1941. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitordot?numero=21924&keyword=Koop&anchor=158103&origem=busca&pd=97b059058f9eeaf99082ec4b692963b>. Acesso em: 20 jun.2020; Cf. EXPEDIENTE DA CHANCELARIA. **Folha da Manhã**. São Paulo, 07.fev. 1946. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitordot?numero=23409&keyword=Koop&anchor=155317&origem=busca&pd=4426b3dee5ef0e73ae4e5c2fed7e9fb4>. Acesso em: 20 jun.2020.

Mariana Feminina, sobretudo no período carnavalesco.<sup>458</sup> Igualmente, esse sacerdote, assistiu a capelania da Casa Maternal Leonor Mendes de Barros,<sup>459</sup> construída em 1944 pelo governo do Estado de São Paulo e cedido à Legião Brasileira de Assistência (LBA) que prestava serviços à população carente, especialmente a mulheres gestantes e parturientes. Há, ainda, alguns indícios de que Koop, na paróquia São José do Belém, atendesse por mediação da Congregação das Moças Católicas, sacramentalmente e com formações, um grupo de deficientes visuais.<sup>460</sup> Nota-se que era um serviço de cunho sacramental, típico de qualquer clérigo, no entanto, vê-se o ciclo de relações que Paulo Koop vai consolidando nesses lugares, ora com a vida religiosa consagrada (Salesianas), ora com associações e movimentos de grande vulto (Federação Mariana Feminina e a Legião Brasileira de Assistência). Esta última experiência pode ser aquilatada como elemento que converge para um outro aspecto de seu apostolado: o social.

Em decorrência dessa aproximação da Legião Brasileira de Assistência<sup>461</sup> e de outras experiências, despontou o aspecto social do apostolado de Koop. Essas relações forjaram contornos de sua atuação nesse campo. No bojo das atividades desenvolvidas no plano social, alguns elementos são representativos. Nos anos na capital paulopolitana, ele foi constituído assistente religioso do Abrigo de Menores e do Instituto modelo. Tratava-se de uma instituição inserida dentro da política federal do Governo de Vargas, de atenção e ressocialização a menores considerados infratores, conhecido como Serviço Atenção ao Menor (SAM).<sup>462</sup> Nesse universo, Padre Pedro Paulo Koop, desenvolve atividades pastorais. A julgar por uma nota jornalística da época, visto que outras fontes são exíguas, seu trabalho concorria no sentido de assistência espiritual dos internos, acompanhamento religioso dos funcionários e da direção da instituição.

---

<sup>458</sup>Cf. Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 13.fev. 1941. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21898&keyword=Koop&anchor=139509&origem=busca&pd=bbcebad61e9e7737e307626fb7faaf22>. Acesso em: 20 jun.2020.

<sup>459</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. "In Memoriam" Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>460</sup>Cf. Páscoa dos Cegos. **Folha da Manhã**. São Paulo, 20.jun.1946. p. 9. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=23519&keyword=Koop&anchor=199381&origem=busca&pd=d3ef8575786a44e69e058d6f044c0172>. Acesso em: 20 jun.2020.

<sup>461</sup>Sobre o papel e atuação da Legião de Assistência Brasileira em São Paulo, pode-se ler: FONSECA, Sérgio César da, BRASIL, Elmir de Almeida. A Legião Brasileira de Assistência em São Paulo e a interiorização de políticas para a infância. **História de Educação (Online)**. Porto Alegre. v. 20, n. 49 maio/ago., 2016, p. 123-141. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/59433/pdf>. Acesso em: 20 jun.2020.

<sup>462</sup>Cf. RIZZINI, Irene e RIZZINI, Irma. **A Institucionalização de Crianças no Brasil**: Percurso histórico e desafios do presente. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004, p. 33.

Realizou-se sábado pela manhã, a festa da páscoa das crianças internadas no abrigo de Menores e instituto modelo. Às 7h, no pátio do abrigo, à avenida Celso Garcia, houve comunhão de todas as crianças internadas, bem como administradores e funcionários daquele estabelecimento. A seguir, teve início uma procissão, acompanhada por cerca de mil e quinhentas crianças, e dirigida pelo Pe. Pedro Paulo Koop, M.S.C após o que no altar erguido no pátio do abrigo, procedeu-se a bênção do Santíssimo Sacramento. A noite as crianças ali abrigadas dedicaram-se aos festejos de São Pedro.<sup>463</sup>

Ainda no escopo de uma pastoral de caráter social, Koop atuou, dentro da perspectiva da Ação Católica,<sup>464</sup> como assistente eclesialístico de vários círculos Operários e de maneira mais aguda como assistente arquidiocesano da juventude operária católica feminina.<sup>465</sup> Em 1943, ele e outros sacerdotes são convocados para uma semana de estudos da Ação Católica a ser realizada de 08 a 11 de junho daquele ano,<sup>466</sup> penúltimo mês antes da trágica morte de Dom José Gaspar que foi “vanguardista em relação a participação mais efetiva e direta dos leigos na Igreja.”<sup>467</sup> Presume-se que essa formação, que já era uma segunda edição, visava consolidar a atuação da Ação católica no arcebispado paulistano, como será visto nos anos posteriores.<sup>468</sup>

Assim, na condição de assessor de círculos Operários e da Juventude Operária Católica, visando avaliar condições de vida digna para o operariado que, em grande número, trabalhava na Região do Brás, Koop fundou, em fevereiro de 1944 à rua Saião Lobato, 51, um restaurante popular que oferecia comida a preços módicos para o proletariado, sobretudo para as mulheres.<sup>469</sup> A obra, como fez questão de noticiar um matutino diário paulistano, era fruto do trabalho da Legião Brasileira de Assistência e do Círculo Operário, que levou a cabo a construção. O prédio foi posto sob o nome da

---

<sup>463</sup>Páscoa dos internatos do Abrigo de Menores **Folha da noite**. São Paulo, 1.jul.1946. p. 25. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=36178&keyword=Koop&anchor=5072387&origem=busca &pd=322164aec11f982452e567add2ad35df>. Acesso em: 20 jun.2020.

<sup>464</sup>Cf. SOUZA, Pe. Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo: n. 55, p. 39-59, maio 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15033/11226>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

<sup>465</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>466</sup>Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 6.jun.1943. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22605&keyword=Koop&anchor=220708&origem=busca&pd=d3d1c42e39ca3dc53c5f706101962a1f>. Acesso em: 20 jun.2020.

<sup>467</sup>SOUZA, Ney de (Org). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja católica Centenário da Arquidiocese**: São Paulo: Paulinas, 2004, p. 457.

<sup>468</sup>Cf. SOUZA, Ney de (Org). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja católica Centenário da Arquidiocese**: São Paulo: Paulinas, 2004, p. 469.

<sup>469</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

esposa do interventor paulista em São Paulo, Anita Silveira Costa, que era a responsável, no estado, de dar corpo às ações encetadas em nível nacional por Darcy Vargas, primeira-dama do Brasil e baluarte da ação da Legião Brasileira de Assistência. Na ocasião, Koop pronunciou um discurso registrado nos seguintes termos, por um jornalista:

A sra. d. Anita Costa – disse padre Koop – esposa do Sr. Fernando Costa, interventor federal em nosso Estado, é paulista de antiga estirpe que, a serviço de uma vocação irresistível de brasilidade, revelou-se figura capaz para o comando do grande exército de abnegados, que se impôs a tarefa de dar corpo, em nosso estado, a nobre iniciativa da Sra. d. Darcy Vargas. Seu nome respeitado, e ilustre, sua bondade enternecedora são, inegavelmente, bandeira magnífica a cuja sombra teremos orgulho de trabalhar pelo operariado do Brasil. Foram esses os motivos que nos levaram a dar nome de “D. Anita Costa” ao restaurante que surgiu graças ao auxílio da Legião Brasileira de Assistência.<sup>470</sup>

Percebe-se nesta ação, que o assistente eclesiástico do Círculo Operário, preocupado com a situação inglória de alguns trabalhadores e pautado por uma consciência de justiça social, consolidou um projeto em favor daqueles que trabalhavam na região do Brás, particularmente das mulheres. Longe de ser uma disputa em termos de equidade de gênero – tema anacrônico para a época – essa fundação aponta para um gesto que, em tese, serviria para fecundar uma consciência de justiça social protagonizado pelo laicato, à luz da Doutrina da Igreja que muito popularizou-se através da Ação Católica.<sup>471</sup>

Nessa mesma linha e corroborando o princípio de uma ação coordenada a partir do laicato, pouco mais de um ano e meio da inauguração do restaurante, Koop, associado a um grupo de mulheres, entre elas educadoras, enfermeiras e donas de casa, fundou, na festa litúrgica da Assunção de Maria, a “Casa da Criança”, num lugar intitulado “Chácara Nossa Senhora do Sagrado Coração”.<sup>472</sup> Tratava-se de uma instituição localizada na Vila Formosa, que se destinava a cuidar dos filhos dos operários, enquanto estes ocupavam-se das atividades laborais. Em pouco tempo, essa casa transformou-se em Associação Brasileira de Lares-Escolas para filhos de

<sup>470</sup>Homenagem a D. Anita Costa, cujo nome foi dado a obra destinada a mulheres trabalhadoras. **Folha da Manhã**. São Paulo, 9.fev.1944. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22800&keyword=Koop&anchor=116897&origem=busca&pd=93163216218da2675fc305af8e4ef9c5>. Acesso em: 20 jun.2020.

<sup>471</sup>Cf. SOUZA, Ney de. Ação católica, militância leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo. n. 55, maio, 2013, p. 49. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15033/11226>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

<sup>472</sup>APSNSSC - **Livro Tombo I**. São Paulo- SP, p. 9.

trabalhadores.<sup>473</sup> Tinha como principal propósito, garantir a filhos de operários uma assistência educacional completa, um acompanhamento social aprofundado e instrução sanitária básica.

No bojo do compromisso com o círculo operário e com a promoção da justiça social, tornou-se icônica na história de Koop, a chamada noite de Nossa Senhora. Um cronista e biógrafo de Padre Pedro Paulo Koop, afirmou que todo trabalho social dele teve seu ponto de partida nesse movimento, “a passeata de 14 de julho de 1945”.<sup>474</sup> A afirmação chama atenção pela ênfase que o escritor deposita nesse evento e na leitura que ele faz dela. Embora já em anos anteriores Koop realizasse serviços no campo do apostolado social.

A noite de Nossa Senhora tratava-se de uma movimentação religiosa, proposta pelo à época, arcebispo Carlos Carmelo de Vasconcelos Motta, na qual visava-se consagrar a metrópole paulistana a Nossa Senhora Aparecida. A imagem de Aparecida, viria do Santuário homônimo situada ao norte da capital paulista. Num ato religioso, toda a capital do estado e os católicos residentes seriam consagrados à mãe de Jesus Cristo, a padroeira do Brasil. Envolvido desde a organização, coube a Paulo Koop, arregimentar um séquito de membros dos círculos operários e toda sorte de fiéis para tomarem parte dessa imensa concentração. Como descreve o biógrafo, “subindo à ladeira do Carmo, vindo dos lados da zona leste[...] como um brado de alerta a consciência católica, em favor dos direitos da pessoa humana na perspectiva da justiça social.”<sup>475</sup> Essa noite insere-se, assim no sulco do trabalho social de Koop.

Não obstante a leitura feita acerca da noite de Nossa Senhora e da participação do povo sob a regência de Padre Paulo Koop como um brado de Justiça social, há uma outra interpretação que foi divulgada sobre o evento. Diz-se que essa concentração, era um ato que visava expurgar o comunismo do Brasil.<sup>476</sup> De fato, a consagração rezada pelos católicos nessa data, fala de rejeição aos inimigos da Igreja nos seguintes termos:

---

<sup>473</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>474</sup>ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>475</sup> ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>476</sup>Cf. Consagração ao Coração de Maria a arquidiocese de São Paulo. **Legionário**, nº 675, 15 de julho de 1945, p. 1. Disponível em: [https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG\\_450715\\_Consagracao\\_Nossa\\_Senhora.htm#.XvH1vC-gRN0](https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG_450715_Consagracao_Nossa_Senhora.htm#.XvH1vC-gRN0). Acesso em: 24 jun.2020.

“E porque vos amo, repudio e detesto, abomino a doutrina comunista por ser contrária à minha fé católica.”<sup>477</sup> Coincidentemente, nesse mesmo ano e no ano seguinte, Paulo Koop, na condição de editor da Revista Anais, publicou encartes com denúncias ao comunismo,<sup>478</sup> acenando, a posição do periódico e do autor, na linha daquilo que, parte da Igreja paulistana, pensava a respeito do assunto naquele período.

Com essa ideia, quer-se dizer que, dada a relevância que o biógrafo de Koop imprimiu ao evento, ele deve ter tido um acento especial na história do sacerdote. Ademais, num plano analítico, pode-se interpretar que a opção pelo operariado embora tivesse uma real preocupação com a transformação da vida das pessoas, também era mediada por um certo temor de que o comunismo se impusesse no Brasil, e que se perdesse o proletariado para tal doutrina. Confirma-se desse modo, a ideia de que Koop, embora comprometido com justiça social, era um filho do seu tempo, em plena comunhão com a Igreja e suas angústias, atinentes ao momento histórico vivido. Assim, o contexto no qual ele estava inserido e a fidelidade à Igreja, parece, em geral, se impor, como catalisador de suas ações pastorais.

Num plano geral, a atuação de Paulo Koop em São Paulo orbita em torno de três questões basilares: primeiro, a introdução de sua família religiosa na capital bandeirante. Ele, Afonso Van de Graaf e Jeronimo Vermin, foram os pioneiros do trabalho da congregação na capital Paulista. Segundo, a difusão da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração, o que ele fez pelo uso perspicaz dos meios de comunicação impressos e radiofônicos. Por fim, por um atendimento pastoral paroquial e sobretudo por um forte veio de compromisso social da classe operária, no espírito da ação católica especializada.

Os anos que Koop vivera em São Paulo, também foram marcados pelos assombros da II Grande Guerra (1939-1945). Nesse período, a missão holandesa no Brasil perdeu quase que todo contato com a província mãe e, por isso, constituiu uma administração autônoma no Brasil, sob a responsabilidade do Padre Arnaldo Geerts. Essa incipiente situação beligerante da qual os Países Baixos foram forçados a tomar parte, concorreu para a consolidação de uma futura província dos Missionários do

---

<sup>477</sup>**Juramento do povo Paulista a Senhora Aparecida.** Disponível em: [https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG\\_450715\\_Consagração\\_Nossa\\_Senhora.htm#](https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG_450715_Consagração_Nossa_Senhora.htm#). XvH1vC-gRN0. Acesso em: 24 jun.2020.

<sup>478</sup>Cf. ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Brasileiros! Alerta! contra! **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** n. 11. nov. 1945, Campinas, p. 12; ARNSSC - KOOP, Pedro Paulo. Católico ou Comunista. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.** n. 2. fev. 1945, Campinas, p. 26-27.



Sagrado Coração no Brasil. Fato que oficialmente ocorrerá em 1946, um ano após o fim da Guerra. De igual modo, essa situação fez com que nenhum missionário fosse enviado ao Brasil naqueles anos turbulentos, bem como, que ninguém pudesse gozar de férias no país de origem. Finalmente, tudo convergia para que os padres, que no Brasil atuavam, ficassem com escassas notícias de seus parentes, amigos e conhecidos que estavam sob o flagelo da guerra.

Logo que a tormenta cessou, Padre Paulo Koop, obteve permissão dos seus superiores para retornar à Holanda e visitar sua família. Essa viagem, constituirá o hiato de sua história com a capital paulista. No seu retorno, uma nova fase de sua biografia seria escrita, desta vez no noroeste paulista, na diocese de Botucatu, especificamente na paróquia do Divino Espírito Santo e na capela de Santa Teresinha na cidade de Bauru.

### 3.6 Noroeste Paulista, Bauru: de vigário coadjutor a eleição ao Episcopado.

A noroestina diocese de Botucatu, fundada em 1908, e de maneira mais precisa a crescente cidade de Bauru, que desde 1913 havia se tornado berço dos Missionários do Sagrado Coração nessa região do estado paulista, se converterá em um novo e diferente capítulo na história do Padre Pedro Paulo Koop.<sup>479</sup> Serão fecundos dezessete anos habitando nessa região. A segunda metade de sua vida como sacerdote no Brasil será vivida nesse lugar. Uma estadia que se caracterizou pela realização de diversas atividades pastorais nos moldes do catolicismo tradicional típico da segunda metade do século XX. Igualmente por serviços eclesiais de grande capilaridade que incluem a consolidação de um assertivo trabalho com imigrantes japoneses, animação de vida religiosa do povo bauruense e a preparação da futura diocese de Bauru.

Regressando de uma temporada de seis meses de férias em sua terra natal, após viver ininterruptos quinze anos no Brasil, servindo sua família religiosa em obras de acento estritamente congregacional ou em serviços paroquiais na *cura animarum*, Padre Pedro Paulo Koop é designado como coadjutor da matriz do Divino Espírito Santo e, ao mesmo tempo, reitor da Igreja de Santa Teresinha.<sup>480</sup> Competia-lhe associar-se ao

---

<sup>479</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. "In Memoriam" Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 3; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>480</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. "In Memoriam" Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 3; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160; ACPMSC-SP- KOOP, Pedro Paulo. **Atualizações ao Curriculum Vitae. Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 1. ACPMSC-SP - Pedro Paulo Koop. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ACPMSC-PN/ ENK. **Personal Card: Koop**,

trabalho do Padre Pedro Dingenouts, antigo companheiro de Vila Formosa e Campinas, substituto do Padre João van der Hulst. Eminente presbítero, ora nomeado superior da casa central de campinas, que havia com muito zelo construído inúmeras Igrejas na cidade de Bauru, incluso aquela que Koop assumirá a reitoria.

O sacerdote recém nomeado para cidade noroestina, em honrosa referência ao seu antecessor, afirmou que sua missão nessa cidade, ao lado das capelas que foram construídas, era a de “edificar a Igreja das pedras vivas.”<sup>481</sup> Para desempenhar essa função, ele havia recebido sua designação das mãos do novo superior dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil, Padre João Schuur.<sup>482</sup> De agora em diante, não mais apenas superior da missão holandesa no país, mas coordenador<sup>483</sup> da recém estabelecida província brasileira<sup>484</sup> dos Missionários do Sagrado Coração, juntamente com um novo conselho formado pelos padres: Leopoldo Van Liempt, Jerônimo Vermin, Leonardo Herndriks e Cornélio Van de Made.<sup>485</sup>

A criação de uma província brasileira dos Missionários do Sagrado Coração com a consequente nomeação de um superior provincial e uma administração autônoma, têm incidência sobre o trabalho e a figura de Pedro Paulo no país. Quando em 1919 o provincial holandês visitou a missão no Brasil,<sup>486</sup> houve uma tácita pressão para que se consolidasse uma casa central dos missionários no país, o que resultou na construção de uma sede própria na diocese de Campinas,<sup>487</sup> como já aludido. Era o embrião de uma presença mais duradoura e concreta no país. Nesse lugar, como afirmado, Koop fora recebido em 1931 e trabalhou entre 1937 e 1938, animando as Confrarias, a Pequena Obra e consolidando a Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração.

---

Petrus Johannes Joseph. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 13b; ACPMSC- KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph**. Pasta 1, Folha 1

<sup>481</sup>APSTB – Arquivo da Paroquia Santa Teresinha de Bauru. **Livro tombo I**. Bauru- SP, p. 8.

<sup>482</sup>Sobre a figura do Pe. João Schuur pode-se ler: ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.152-153.

<sup>483</sup>Cf. ACPMSC-SP – Ata do Encontro de Pirassununga nos dias 2, 3, 4 de Julho de 1946. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 2, p. 12.

<sup>484</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p; Cf. KERCK, J. **Cien años de vida Misionera**. Santo Domingo/República Dominicana: Editora amigo del hogar, s.d, p. 82.

<sup>485</sup>Cf. ACPMSC-SP – Ata do Encontro de Pirassununga nos dias 2, 3, 4 de Julho de 1946. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 2, p. 12.

<sup>486</sup>Cf. ACPMSC-SP- **Historie M.S.C em Brésil: Visitas Canônicas - Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne**, p. 7.

<sup>487</sup>Cf. M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus**. São Paulo: s/e, 1954, p. 65.

O estabelecimento da congregação na cidade campineira, o crescimento de campos de trabalho por regiões do interior de Minas Gerais e de São Paulo, concorreu para um novo sentimento entre os missionários que no país atuavam, isto é, a preocupação relativa ao futuro e a emergência de candidatos a uma vida como Missionários do Sagrado Coração. Em germe, começava-se a pensar na possibilidade da construção de uma casa de formação para candidatos a vida religiosa na congregação. Esse projeto, aventado ao superior provincial holandês, desta vez o Padre Geraldo Baptist, na segunda visita a missão no Brasil em 1925,<sup>488</sup> gozou de pleno aceite e foi ratificado pelo conselho holandês. Desse ponto, após arregimentar dividendos, em 1931 iniciou-se a construção da Escola Apostólica e em 1932<sup>489</sup> ela passou a funcionar regularmente. Poucos meses antes, outubro de 1931, Koop aportava no Brasil. Seu companheiro de viagem Alberto Brandts, a quem o pedido materno resultou na alteração da ideia inicial dos superiores de Paulo Koop de enviá-lo para Indonésia, foi nomeado como professor dessa instituição e, tempos depois, tornou-se colaborador constante na Revista Anais assinando artigos sobre o seminário no periódico, a pedido do seu amigo e editor. O próprio trabalho do Padre Pedro Paulo, quando diretor da revista se destinou, em partes, para consolidação dessa obra que visava fecundar as bases de uma província brasileira.<sup>490</sup> Desse modo:

Resultante de fatos e frutos ligados a terceira [segunda, *sic.*] visita canônica provincial( 1925)[...] nasce entre eles irreprimível e natural desejo de consolidar a posição no Brasil e fazer com que a própria mãe-congregação deite sólidas raízes na Terra de Santa Cruz[...] não era razoável depender eternamente a Holanda [...] Havia muitas e preciosas vocações em nossas paróquias, e que desejavam aderir ao espírito e à nossa vocação.[...] Inspeccionando suas parcas reservas coletivas [...] resolveram aplicá-las na construção e manutenção de uma Escola Apostólica.[que] atuando como centro aglutinador e propulsor de interesses[...]lançou-se as bases de uma nova província.<sup>491</sup>

Uma terceira visita canônica, desta vez, celebrada em 1936, pelo superior provincial, Padre Nicolas Verhoeven secundado pelo conselheiro Padre Henrique Van

---

<sup>488</sup>Cf. ACPMSC-SP- **Historie M.S.C em Brésil**: Visitas Canônicas - Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne, p. 7.

<sup>489</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 64, n. 5, jun. 2001, p. 19; ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n.3, março. 2010, p. 27; DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. s.l: Verloren Publishing, 2010, p. 262. Cf. M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração**: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus. São Paulo: s/e, 1954, p. 68.

<sup>490</sup>Cf. ARNSSC – REDAÇÃO. Palestra: “A obra das vocações” e a “Pequena Obra do Sagrado Coração” **Anaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1939, Campinas, p. 52.

<sup>491</sup>M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração**: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus. São Paulo: s/e, 1954, p. 68-69.

Mierlo,<sup>492</sup> emprestou mais folego à consolidação de uma futura província dos Missionários do Sagrado Coração. A pedido dos padres que trabalhavam no Brasil, o superior concordou com a fundação de um noviciado,<sup>493</sup> na diocese de Sorocaba, na cidade de Itapetininga. Ao mesmo tempo, foi concedido ao superior local da missão no Brasil maiores poderes sobre o trabalho no país.<sup>494</sup> A segunda grande guerra solidificou essa autoridade e, por deliberação própria, o então superior, Arnaldo Geerts, esmerou-se para criar uma última etapa formativa, que favorecesse a consolidação de uma província no país e contribuísse para a “nacionalização(sic) dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil.”<sup>495</sup> Para esta última obra, sobretudo na Revista Anais, Padre Paulo Koop verteu seus esforços propagandistas para aquilatar dividendos em favor da construção da casa do Escolasticado dos Missionários do Sagrado Coração.<sup>496</sup>

A segunda grande guerra contribuiu para um contato exíguo entre a província holandesa e a missão no Brasil.<sup>497</sup> Aqueles seis longos anos de intenso e belicoso conflito na Europa, do outro lado do oceano, testemunharam um crescimento exponencial da obra dos Missionários do Sagrado Coração no país. A esta altura, os missionários já atendiam quase vinte paróquias, atuavam em seis (arqui-) dioceses (São Paulo, Cafelândia, Botucatu, Campinas, Sorocaba, Pouso Alegre, Guaxupé e Campanha) e possuíam uma relativa estrutura financeira. Naqueles idos de 1946, eram sessenta e cinco sacerdotes, vinte e três irmãos e já haviam ocorrido as primeiras ordenações de cinco brasileiros.<sup>498</sup> Também havia dezoito escolásticos, seis noviços e quase uma centena de alunos na escola apostólica.<sup>499</sup> Nesses termos, era momento oportuno para considerar-se uma fundação autóctone que favoreceria a administração e a expansão do grupo bem como faria com

---

<sup>492</sup>Cf. ACPMSC-SP- **Historie M.S.C em Brésil**: Visitas Canônicas - Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne, p. 7.

<sup>493</sup>Cf. ARNSSC - CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n.3, março. 2010, p. 27; Cf. M.S.C. **150 años testemnhado el amor de dios**. Roma: s/e, 2004, p. 139.

<sup>494</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 48.

<sup>495</sup>ARNSSC – REDAÇÃO. **O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”** n. 9. set. 1941. São Paulo, p. 140.

<sup>496</sup>Cf. ARNSSC - REDAÇÃO. **O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”** n. 9. Set. 1941. São Paulo, p. 140.

<sup>497</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p.

<sup>498</sup>Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p.

<sup>499</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). S/l: Verloren Publishing, 2010, p. 262.

que a “mãe-congregação [deitasse] sólidas raízes na Terra de Santa Cruz,”<sup>500</sup> como testemunharia tempos depois o próprio Paulo Koop. De fato, em 13 de outubro de 1946,<sup>501</sup> fundava-se a província brasileira dos Missionários do Sagrado Coração, como anteriormente ventilado.

*Pari passu* a constituição de uma província brasileira da Congregação, os missionários holandeses, reivindicavam uma presença no Brasil ainda sob seu governo. O argumento era que eles precisariam de um “mercado de trabalho”<sup>502</sup> no Brasil, para enviar missionários que ainda se avolumavam em suas casas de formação em Tilburg<sup>503</sup> onde muitos não eram talhados para missões mais exigentes como a das Filipinas e da Indonésia.<sup>504</sup> Tratava-se do mesmo argumento que os havia trazido ao Brasil há trinta e cinco anos. Havia duas possibilidades, o sul do Brasil, particularmente a cidade de Ibicaré, e a região da zona da mata mineira na diocese de Campanha.<sup>505</sup> Optou-se por esta última e assomou-se a ela uma fundação no Rio de Janeiro, então Capital Federal. Doravante havia no Brasil, não sem rugas ou tensões internas, à província brasileira e à região holandesa dos Missionários do Sagrado Coração.

Ante a consolidação da nova província e a criação de uma nova região missionária no país, impunha-se aos holandeses no Brasil uma decisão. Eles deveriam canonicamente fazer uma escolha sobre seu pertencimento: vincular-se à província nascente; permanecer na província holandesa e atuar na nova área pastoral ou seguir trabalhando na província brasileira, embora juridicamente vinculado à Holanda. Diante de tal situação, noventa por cento dos padres e cinquenta por cento dos irmãos ligaram-se a província nascente.<sup>506</sup> Os

---

<sup>500</sup>M.S.C. **Congregação dos Missionários do Sagrado Coração**: Um monumento de Maria ao Coração de Jesus. São Paulo: s/e, 1954, p. 68-69.

<sup>501</sup>Cf. ACPMSC - Arquivo da Casa Geral dos Missionários do Sagrado Coração. Sacra Congregationis de Religiosis – N.6026/49. **Pasta Província de São Paulo**, folha I, s/p.

Cf. ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p.

<sup>502</sup>ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p.

<sup>503</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). S/I: Verloren Publishing, 2010, p. 262.

<sup>504</sup>Cf. ACPMSC-SP - IERSEL, Adriano Van. Província Brasileira. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 6, folha 3, p.1.

<sup>505</sup>Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). S/I: Verloren Publishing, 2010, p. 263.

<sup>506</sup>Cf. ACPMSC-SP – Ata do Encontro de Pirassununga nos dias 2, 3, 4 de Julho de 1946. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 2, p. 11; Cf.ACPMSC-SP - MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira**. Pasta 1, folha 1, s/p; Cf. DORREN, Gabrielli. **Moved by the World**: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC). S/I: Verloren Publishing, 2010, p. 263.

demais, sem que para isso tivessem que regressar à Holanda permaneceram na província brasileira ou migraram para a nova região.

Inserir-se nesse grupo mais amplo dos que se vincularam a província brasileira, Padre Pedro Paulo Koop – embora pudesse fazer uma das outras opções. Seu retorno da Holanda, assim, é pautado pela clareza que ele efetivamente faz parte deste novo instrumento jurídico de sua congregação para o qual o concurso do seu trabalho foi muito necessário. De igual modo, acena para seu efetivo e afetivo compromisso com a atuação missionária e pastoral nos países, dado que como avaliou uma historiadora desse período da congregação, “as transferências massivas dos padres foram obviamente consolidadas em vista de suas tarefas pastorais.”<sup>507</sup> Reafirma, ainda, o senso de pertença de Koop ao grupo que o acolhera desde os primeiros anos de ministério e a capacidade de vincular-se irrestritamente a projetos longos e duradouros gestados de maneira comum. Koop, portanto, iniciará sua obra em Bauru, a serviço de sua congregação, comungando de um projeto comunitário de estabelecimento definitivo das raízes da congregação no Brasil a serviço da Igreja católica na diocese de Botucatu.

Os anos iniciais de Pedro Paulo Koop, na diocese de Botucatu foram marcados pela atuação como vigário coadjutor da paróquia do Divino Espírito Santo, vertendo especial atenção a comunidade de Santa Teresinha. Essa paróquia havia sido fundada, por decreto de Dom Joaquim Arcoverde, visto que na época não havia ainda o bispado de Botucatu, “em 21 de julho 1897, abrangendo a zona inteira que vai de Piratininga até a cidade episcopal de Cafelândia.”<sup>508</sup> Ela teve como primeira sede, uma pequena capela autorizada a funcionar por Dom Lino Deodato Rodrigues de Carvalho em 1894.<sup>509</sup>

Historicamente, os primórdios da freguesia do Divino Espírito Santo de Bauru, foram marcados por uma conturbada presença eclesial. Além da sucessão de vários párocos acusados de apostasia, pouco antes da chegada dos Missionários do Sagrado Coração, após sucessivas e improdutivas tratativas de negociações com o bispado de Botucatu, a prefeitura municipal urdiu e pôs em voga na madrugada do dia 13 de agosto

---

<sup>507</sup>DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. S/l: Verloren Publishing, 2010, p. 263.

<sup>508</sup>ACDB - Arquivo da Cúria Diocesana de Bauru – Histórico da Paróquia de Bauru. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Histórico, folha 1, p.1; ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p. 6; ACDESB – Arquivo da Catedral do Divino Espírito Santo Bauru. **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 88v.

<sup>509</sup>Cf. REIS, Marcelo Eduardo Baptista. A Paróquia do Divino Espírito Santo. In: ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 81.

de 1913, um plano para demolir a Igreja Matriz da cidade, levando à ruína a primeira ermida do povoado, sob o pretexto de modernizar o espectro urbano de Bauru.<sup>510</sup> Como consequência de tal ato, entendido com sacrílego, a autoridade diocesana exarou decretos de interdição daquela região e de cinco quilômetros no seu entorno,<sup>511</sup> proibindo qualquer ato religioso naquele local. Diante de tal cenário, os Missionários do Sagrado Coração, tendo deixado a administração do Colégio Diocesano, são instados por Dom Lúcio Antunes de Souza, a assumir essa comunidade paroquial. Dado o cenário complexo da Igreja em Bauru e como resposta ao apelo do Bispo de pacificar as querelas que ali havia, a práxis pastoral da congregação, dos quais seus membros são todos europeus, se pautará exclusivamente pela consolidação de um modelo eclesial romanizado e centralizado, fiel ao Papa e ao prelado local. Esse projeto é levado a termo e consolidado sobretudo através da criação de movimentos, associações e Ligas católicas. A descrição do Padre João Van de Hulst, datada de 1941, testemunha a consolidação desse processo:

A fundação de diversas associações religiosas, principalmente do Apostolado da Oração, da Pia União das Filhas de Maria e da liga do Menino Jesus vieram a contribuir para maior incremento do movimento espiritual. [...] O progresso espiritual da Paróquia tem correspondido plenamente aos esforços do seu clero, como provam a numerosa assistência às missas dominicais, o funcionamento regular de grande número de associações religiosas, da ação católica, do ensino religioso nas escolas públicas e gymnasios e a recepção frequente dos Santos Sacramentos, principalmente da Santa Comunhão, cujo o número de 2.594 em 1916, subiu para 152.422 em 1940.<sup>512</sup>

De uma Igreja interdita a uma comunidade florescente, pouco mais de vinte cinco anos se cumpriram. Quando Paulo Koop aportou em Bauru, esse processo, de certo modo, já gozava de uma estabilidade. A consolidação de uma Igreja fruto de um processo de romanização<sup>513</sup> já parecia firmada, precisava ser mantida. Sua ação, na esteira do que

<sup>510</sup>Cf. ACDB - HULST. João Van de. Histórico da Paróquia de Bauru. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Histórico, folha 1, p.1; Cf. ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p. 6; REIS, Marcelo Eduardo Baptista. A Paróquia do Divino Espírito Santo. In: ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 81; ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 89v.

<sup>511</sup>Cf. ANUPHIS – Arquivo do Núcleo de Pesquisa em História - Universidade Sagrado Coração Bauru. KOOP, Pedro Paulo. **Os missionários do Sagrado Coração e a Paróquia do Divino Espírito Santo em Bauru. A Fé**. Bauru, 14, p.1.

<sup>512</sup>ACDB - HULST. João Van de. Histórico da Paróquia de Bauru. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Histórico, p.1-2.

<sup>513</sup>Interessante estudo sobre o processo de Romanização na diocese de Botucatu, particularmente em Bauru pode ser consultado em: PRIMOLAN, Emilio Donizete. **Do catolicismo popular ao Romanizado: primórdios da Paróquia de Bauru (1897-1913)**. Jau: Faculdade de Filosofia, ciência e Letras de Jau, 1996(mimeografado); PRIMOLAN, Emilio Donizete. O triunfo do catolicismo romanizado: resistências e conflitos no caso de Bauru (1897 - 1914). In: História das Religiões: desafios, Problemas e avanços

seus confrades executavam e do que ele mesmo realizava em outros lugares, seguirá um curso ordinário, comum àquilo que em Bauru era vivido acerca da vida eclesial, isto é, de uma Igreja católica plenamente amoldada ao modelo romano, herdeiro de uma tradição de neo-cristandade tardia.

Em 26 de março de 1947, o vigário da Paróquia do Divino Espírito Santo, em Bauru, solicitou ao bispado uso de ordens, para o Padre Pedro Paulo Koop.<sup>514</sup> O sacerdote recém-chegado de férias da Holanda, foi inserido no trabalho pastoral da comunidade. Àquela altura havia, além da matriz, três capelas constituídas no paróquiato do Divino Espírito Santo (Santa Teresinha, São Sebastião, Nossa Senhora Aparecida). Atendia-se, ainda, a capelania da Santa Casa, do Orfanato e da Escola paroquial de São José,<sup>515</sup> este último gerido por religiosas da Congregação das Apóstolas do Sagrado Coração de Jesus. Em termos populacionais, Bauru já ultrapassava a marca dos oitenta mil habitantes<sup>516</sup> e tinha efervescente vida cultural e religiosa. Os confrades com quem Koop conviverá, constituindo sua comunidade sacerdotal, nesse ano inicial são os padres João Smits, Francisco Xavier Gerts, Francisco van der Walter e Cornélio van der Made que era o superior local.<sup>517</sup>

Sobre a atuação efetiva de Koop nesses primeiros anos são guardadas poucas informações. Sabe-se de sua agenda sacramental. Os livros de batismo e casamento da Paróquia do Divino Espírito Santo atestam sua atuação. Em 1947 consta a celebração de 96 batizados<sup>518</sup> e a assistência de 32 matrimônios,<sup>519</sup> grande maioria na capela de Santa Teresinha, da qual era reitor. Outra centena de batismos são realizados no ano seguinte e mais de três dezenas de casamentos nesse mesmo período.<sup>520</sup> Presume-se, igualmente, que deve ter oficiado missas, confissões e exéquias, parte do plano ordinário de atuação dos vigários cooperadores.

Nesse mesmo período, Paulo Koop testemunha e toma parte da concentração Mariana regional em Bauru. Um evento, presidido pelo bispo auxiliar de São Paulo, Antônio Maria Alves de Siqueira, coordenado pelo, à época vigário capitular da diocese

---

Teóricos, Metodológicos e Historiográficos, 2004, Franca. **Anais do VI Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões**, 2004.

<sup>514</sup>Cf. ACDB - Provisão. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Provisões, p. 1.

<sup>515</sup>Cf. ACDB - Provisão. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Provisões, p. 4.

<sup>516</sup>Cf. ACDB - Histórico da Paróquia de Bauru. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Histórico, p.1-2.

<sup>517</sup>Cf. ACDB - Provisão. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Provisões, p. 3.

<sup>518</sup>Cf. ACDESB - **Livro de Batismo**, 28 e 29, *passim*.

<sup>519</sup>Cf. ACDESB - Arquivo da Catedral do Divino Espírito Santo. **Livro de Casamento**, 09 e 10, *passim*.

<sup>520</sup>Cf. ACDESB - **Livro de Casamento**, 10 e 11, *passim*; ACDESB - **Livro de Batismo**, 29 e 30, *passim*.



de Botucatu, Monsenhor José Melhado Campo - posteriormente bispo de Lorena e Sorocaba. Uma proporção, estimada por um cronista de mais de 3000 pessoas estiveram presentes.<sup>521</sup> Esse fato é significativo pois ratifica o estilo de catolicismo vivido naquela cidade e sob os moldes do qual Padre Paulo Koop atuará. De Igual modo, esse evento, indica que o bispado de Botucatu, naqueles anos de 1947 e 1948, estava sem bispo titular, o que será solucionado em agosto de 1948, com a nomeação de Dom Frei Henrique Golland Trindade, OFM. Deste bispo, Paulo Koop gozará de intensa confiança e sob suas diretivas ocupará ofícios e executará atividades e serviços em nível diocesano.

Esse começo de apostolado é, igualmente, marcado pela sensibilidade de Koop ao problema da orfandade em Bauru. Desde, 1941, sob a guia do João Van de Hulst, iniciou-se a construção de um orfanato para meninas na cidade. Confiado a direção de religiosas, e mantido pela caridade da comunidade local para cuidar de crianças (meninas) postas à adoção.<sup>522</sup> Nota-se uma preocupação latente que deve ter sido assumida pela Igreja em Bauru. Assim, na perspectiva do cuidado de meninos, Koop encetou junto com o, à época Jornalista, Nicola Avallone Jr e sob o beneplácito de Dom Henrique Golland Trindade, o projeto de consolidação de uma casa de acolhida de órfãos e jovens em situação de rua, intitulada Casa do Garoto.<sup>523</sup>

O objetivo da instituição era “solucionar o problema do menor masculino abandonado ou órfão, e dar-lhe apoio, assistência, formação civil, moral e religiosa.”<sup>524</sup> O trabalho popularizou-se e as demandas relativas à instituição foram ampliando-se. Assim, a direção da obra socioeducativa, após extenuantes tratativas capitaneadas por Padre Paulo Koop e por Dom Henrique, com diversas congregações, foi confiada aos padres Rogacionistas,<sup>525</sup> que deste momento, estabeleceram-se pela primeira vez na diocese de Botucatu, e deram corpo à sua segunda fundação no Brasil.

Após o período de aclimação e ter-se inserido efetivamente nas atividades pastorais da diocese, compete a Paulo Koop, visto a experiência já adquirida à frente da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, recobrar o curso da publicação de

<sup>521</sup>Cf. ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p.16.

<sup>522</sup>Cf. ACDB - Histórico da Paróquia de Bauru. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Histórico, p. 2; Cf. ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p.16.

<sup>523</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>524</sup>ZANLOCHI, Terezinha Santarosa e EPIFANIO, Décio da Silva. Paróquia de Nossa Senhora das Graças. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org.). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 114.

<sup>525</sup>Cf. ANUPHIS – DIGENOUTS, Pedro. Novos Padres. **A Fé**. Bauru, 26. ago. 1951, p. 2.

um jornal chamado *A Fé*. Inicialmente o periódico foi fundado em 1931, por “um grupo de congregados marianos[...] como um jornal essencialmente católico”<sup>526</sup> sob a regência do Padre Jerônimo Vermin, MSC. A primeira edição desse periódico veio a lume em quinze de novembro de 1931.<sup>527</sup> Com a transferência do Padre Jerônimo para capital paulista ao fim de 1937, o jornal encerrou suas atividades.<sup>528</sup> A presença de Koop, e as suas experiências anteriormente consolidadas com os meios de comunicação impressos, convergiram para que o jornal voltasse a ser editado novamente, mais de dez anos depois.<sup>529</sup> Tornar-se-ia, doravante, outra vez, a voz da Igreja católica em Bauru, como denuncia a primeira edição da nova versão do jornal:

Reaparece o semanário “*A Fé*”. Fundado em 15 de novembro de 1931, por longos anos representou ‘o fio de ouro do pensamento católico’. Deixou de circular alguns anos, torna a apresentar-se rejuvenescido hoje para iniciar uma existência longa e feliz, se Deus quiser. [...] Nosso único **intuito é servir a causa de Cristo e – nela - o bem comum, expondo a verdade que sendo verdade, sempre católica; Propagar e defender seus frutos, as instituições, costumes e culto cristão; dar conhecimento fiel da história e atualidades católicas** e, enfim, de tudo tratar do ponto de vista da religião e filosofia perenes. **É nosso ideal irradiar a mesma Fé sobre todos os terrenos da vida humana; esclarecer pontos difíceis, assinalar perigos e corrigir erros.** Temos fé em Deus, fé na Igreja e nos homens. Daí nosso nome.<sup>530</sup>

O jornal, tal como anuncia sua equipe de redação, é de caráter apologético, doutrinário. Ele busca, assumindo essa missão como “grave responsabilidade à face Deus e dos homens,”<sup>531</sup> defender e anunciar a verdade católica, propagar e conscientizar acerca das obras, dos costumes e do culto cristão. Ao mesmo tempo, na perspectiva católica, esclarecer pontos difíceis e corrigir todos os terrenos da vida humana a luz da religião e da filosofia perene. O ideal proposto pelo redator, ao menos ao largo do ideário em que o periódico estará ao seu cuidado, pautar-se-á por essa missão.

Assim, esse Semanário *A Fé*, que inicialmente é a voz da Igreja católica da paróquia de Bauru, noticia a vida cotidiana das comunidades paroquiais e não raro dá

<sup>526</sup>ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p.10.

<sup>527</sup>Cf. ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p.10; ANUPHIS – REDAÇÃO. Comunicado da Redação. **A Fé**. Bauru, 14 maio. 1950, p. 1; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os missionários do Sagrado Coração e a Paróquia do Divino Espírito Santo em Bauru. **A Fé**. Bauru, 14 dez. 1952 p.1; ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 91v.

<sup>528</sup>Cf. LIMA, Irma. **Missionários do Sagrado coração - MSC – Presença Centenária**. Bauru: s/e, 2013, p.10.

<sup>529</sup>BATALHA, Maria do Carmo Siqueira - **História da paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus: Bauru 1931-1991**. Bauru: s /e. 1996, p. 22-23.

<sup>530</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Comunicado da Redação. **A Fé**. Bauru, 14 maio. 1950.(Grifo nosso)

<sup>531</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Nossa Semana. **A Fé**. Bauru, 27 out. 1957.

fóruns a comunicação de atividades em nível diocesano. Na perspectiva da formação das consciências católicas, por meio de artigos regulares, há uma explícita e constante condenação a doutrinas consideradas contrárias a fé católica, como o comunismo, o ateísmo,<sup>532</sup> o espiritismo<sup>533</sup> e o protestantismo. Acerca deste último e combatendo distorções sobre a relação entre a Igreja Católica e Sagrada Escritura, em 1957 uma intensa campanha, por meio de artigos,<sup>534</sup> foi levada a cabo para alertar a consciência católica. De igual modo, é pela via deste periódico que atividades pastorais como as Santas Missões,<sup>535</sup> a Pastoral Nipônica (Círculo Católico Estrela da Manhã)<sup>536</sup> e as obras paroquias são difundidas e encampadas.<sup>537</sup>

Nesse mesmo folheto, nos anos 1959 e 1960 é feita uma explícita e veemente defesa do direito à educação privada e religiosa em oposição a estatização educacional proposta com a reforma da educação de base da década de cinquenta.<sup>538</sup> Através do *A Fé* faz-se, ainda, campanhas de formação e convocação ao exercício do voto por parte do eleitorado católico,<sup>539</sup> indicando que votassem em candidatos que defendessem valores

<sup>532</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Retrato de Vida Religiosa Brasileira. *A Fé*. Bauru, 24 fev. 1952, p.1-2.

<sup>533</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Bauru cresce em profundidade. *A Fé*. Bauru, 19 abr. 1961, p.1.

<sup>534</sup>ANUPHIS – STRABELLI, Pedro. leitura da Bíblia e os católicos. *A Fé*. Bauru, 10 mar. 1957, p.1; STRABELLI, Pedro. Os Católicos sempre leram A Bíblia. *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1957, p. 1; STRABELLI, Pedro. A Santa Igreja e a leitura de Bíblias falsificadas. *A Fé*. Bauru, 14 mar. 1957, p.1; STRABELLI, Pedro. Tradutores da Bíblia protestante. *A Fé*. Bauru, 31 mar. 1957, p. 2; STRABELLI, Pedro. Quem organizou a lista dos livros da santa Bíblia? *A Fé*. Bauru, 14 abr. 1957, p.1; STRABELLI, Pedro. Bíblia e os Apócrifos. *A Fé*. Bauru, 21 abr. 1957, p. 2; Algumas Definições. *A Fé*. Bauru, 28 abr. 1957, p. 1; STRABELLI, Pedro. A Origem da Bíblia. *A Fé*. Bauru, 05 maio 1957, p. 1; STRABELLI, Pedro. Os Livros Deuterocanônicos no antigo testamento. *A Fé*. Bauru, 12 maio 1957, p. 2.

<sup>535</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões em Bauru(I). *A Fé*. Bauru, 31 jan. 1960, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (2): Missionários e a ciência da Salvação. *A Fé*. Bauru, 07 fev. 1960, p. 1-2; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (3). *A Fé*. Bauru, 14 fev. 1960, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (4): Esperamos passar por isto. *A Fé*. Bauru, 21 fev. 1960, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (5): Renovemos a face desta Terra. *A Fé*. Bauru, 06 mar. 1960, p. 2; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (6): Regresso a Deus. *A Fé*. Bauru, 06 mar. 1960, p. 2; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (7): Condições do êxito. *A Fé*. Bauru, 06 mar. 1960, p. 2; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (9): Sugestões. *A Fé*. Bauru, 27 mar. 1960, p. 2; KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (10): Santa agitação. *A Fé*. Bauru, 03 abr. 1960, p. 1.

<sup>536</sup>Cf. ANUPHIS –; KOOP, Pedro Paulo. A Igreja e comunidade nipo-Brasileira. *A Fé*. Bauru, 6 jul. 1958, p.1; KOOP, Pedro Paulo. A Juventude Nissei. *A Fé*. Bauru, 30 jul. 1958, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Deus dá o Crescimento. *A Fé*. Bauru, 3 ago. 1958, p.1.

<sup>537</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. Grandiosa Quermese, *A Fé*. Bauru, 1 jul. 1951, p.1. MELLO, Natal Antônio. Tua resposta, Bauru? *A Fé*. Bauru, 31 jul. 1960, p.1.

<sup>538</sup>Cf. ANUPHIS - ARNS, Paulo Evaristo. Ensino Gratuito ou pago? *A Fé*. Bauru, 01, maio. 1958 p. 1; ISBRIZIA, Arminda. Escola pública ou particular? *A Fé*. Bauru, 13 abr. 1958, p. 1; ISBRIZIA, Arminda. Pais e Mestres *A Fé*. Bauru, 24 abr. 1958, p. 3; REDAÇÃO. Diretrizes e Bases de Educação Nacional. *A Fé*. Bauru, 21 fev. 1960, p. 1. REDAÇÃO. Verdade sobre o projeto de lei de Diretrizes e bases da Educação. *A Fé*. Bauru, 27 mar. 1960, p. 1.

<sup>539</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. A palavra de orientação da Liga Católica. *A Fé*. Bauru, 15 ago. 1950, p. 1; REDAÇÃO. A Igreja e os problemas da atualidade. *A Fé*. Bauru, 15 ago. 1954, p. 1; MAGALHÃES, Hélio Veiga. Ordem e disciplina. *A Fé*. Bauru, 22 ago. 1954, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. A presença católica no

católicos, no estilo do proposto pela LEC (Liga Eleitoral Católica). Outrossim, é sob as folhas desse periódico, como apontaremos no próximo capítulo, que o imaginário católico local, a partir da interpretação feita pelo seu redator, será informado e instruído sobre o Vaticano II e sua recepção em parte da arquidiocese de Botucatu e, posteriormente, Bauru.<sup>540</sup> Por fim, entre outros, é por meio desse semanário que serão preparadas as bases para consolidação do Bispado de Bauru,<sup>541</sup> da qual ele próprio se tornou veículo oficial quando essa *Sé* foi instalada.

Percebe-se, a um só passo que, essa publicação de inspiração católica foi avolumando sua estatura, sob o pálio do trabalho de Padre Paulo Koop e seus colaboradores. De um periódico paroquial foi transformando-se na voz oficial da catolicidade de Bauru e da própria diocese que ele ajudou a divulgar e constituir.<sup>542</sup> Após

---

campo Político. **A Fé.** Bauru, 20 jul. 1958, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Meditar. **A Fé.** Bauru, 27 jul. 1958, 1.4; KOOP, Pedro Paulo. Missão católica. **A Fé.** Bauru, 23 ago.1959, 1-2.

<sup>540</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. A Igreja se prepara para o Concílio Ecumênico. **A Fé.** Bauru, 08. nov.1959, p.1; KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico. **A Fé.** Bauru, 08. nov.1959, p.2; KOOP, Pedro Paulo. Concílios Ecumênicos. **A Fé.** Bauru, 15 nov.1959, p. 3. KOOP, Pedro Paulo. Concílios Ecumênicos: Os Concílios Reformadores. **A Fé.** Bauru, 2 nov.1959, p. 3. KOOP, Pedro Paulo. Concílios Ecumênicos: Vaticano I – 1869/1870. **A Fé.** Bauru, 29 nov.1959, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Objetivos do Concílio. **A Fé.** Bauru, 17 jul. 1960, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Tema do século: o Concílio Ecumênico. **A Fé.** Bauru, 11 fev. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. o Concílio Ecumênico Vaticano II: Tensão crescente - Padre Ricardo Lombardi – Esperança e temores – o Concílio em Marcha. **A Fé.** Bauru, 17 jul. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Solene encontro das Sagradas autoridades do Senhor: Unidade, santidade, universalidade, apostolicidade como princípio. **A Fé.** Bauru, 8 jul. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Senhor! Aonde Iremos? **A Fé.** Bauru, 15. jul. 1962, p.1.4; KOOP, Pedro Paulo. O que é o movimento Ecumênico? **A Fé.** Bauru, 22 jul. 1962, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. **A Fé.** Bauru, 29 jul. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de unir e abrir caminho para união. **A Fé.** Bauru, 5 ago. 1962, p.1.

<sup>541</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A grande promessa. **A Fé.** Bauru, 17 jul. 1960, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru: O papel dos Leigos. **A Fé.** Bauru, 3 set. 1961, p.1.4; KOOP, Pedro Paulo. Preparando o bispado: Sacerdotes e Edifícios. **A Fé.** Bauru, 17 set. 1961. p.1.8; Cf. KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru: Os edifícios eclesiais. **A Fé.** Bauru, 24 set. 1961, p. 2. 4; KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (VI) **A Fé.** Bauru, 15 out. 1961, p.1. 3; KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (VII): A coleta Dominical. **A Fé.** Bauru, 22 out. 1961, p. 4; KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (VIII): Espírito que vivifica. **A Fé.** Bauru, 5 nov. 1961, p.1. 3; KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (IX): O resto tudo é livre. **A Fé.** Bauru, 12 nov. 1961, p. 1.4; KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (X): Lições do Código. **A Fé.** Bauru, 12 nov. 1961, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Preparando o Bispado (XI): Visita a São Sebastião Pederneiras. **A Fé.** Bauru, 10 Dez. 1961, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Alea Jacta Est! **A Fé.** Bauru, 24 Dez. 1961, p. 4a; KOOP, Pedro Paulo. Visita a paróquia de Duartina! **A Fé.** Bauru, 4 mar. 1962, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Aos leigos o que é dos leigos (1)! **A Fé.** Bauru, 4 mar. 1962, p. 4; KOOP, Pedro Paulo. Aos leigos o que é dos leigos (2)! **A Fé.** Bauru, 11 mar. 1962, p. 4; KOOP, Pedro Paulo. Preparando o bispado de Bauru: Piratinga- Agudos – Cabralia Paulista. **A Fé.** Bauru, 5 maio. 1962, p. 4; TRINDADE, Henrique Golland. Acidade Episcopal de Bauru. **A Fé.** Bauru, 11 jun. 1962, p. 1.

<sup>542</sup>O periódico, deve-se mencionar, inicialmente foi considerado propriedade da comunidade paroquial do Divino Espírito Santo, no seu período de fundação e refundação, talvez sua fase inicial. Com o passar dos anos, e a criação de novas paróquias ele passou a ser inter-paroquial, veiculando matérias, notícias de todas as paróquias e artigos assinados pelos párcos, embora a paróquia Santa Teresinha arrogasse a si

sua extinção no início da década de 70, como testemunha esta pesquisa, tornou-se uma singular fonte de estudos para compreensão da Igreja católica naquela região e do pensamento de Paulo Koop. O próprio sacerdote, ao escusar-se pelas poucas anotações deixadas no livro tomo da paróquia Santa Teresinha, antecipou essa ideia e registrou-a nos seguintes termos:

[...] Minha justificativa, baseada numa consciência tranquila a este respeito[...], em que realmente contribuí, abundantemente para a posterior reconstrução histórica da vida religiosa da minha paróquia de Santa Teresinha, e mesmo da própria cidade de Bauru, o *Semanário A Fé* que ajudei a reerguer em 1950 e dirigi desde 1952 como diretor e principal redator é amplo e fiel registro de tudo que se passou na paróquia e na cidade.[...] Nela os pósteros encontrarão abundante material para recomposição histórica e fiel da vida espiritual de Bauru desta Igreja e paróquia de Santa Teresinha bem como das outras Igrejas e paróquias.<sup>543</sup>

Assoma-se ao trabalho do Padre Paulo à frente do *Semanário Católico*, a função de vigário da Paróquia Santa Teresinha, criada em dezembro de 1952 junto com a Paroquia Nossa Senhora Aparecida,<sup>544</sup> ambas desmembradas da Matriz do Divino Espírito Santo e confiadas aos Missionários do Sagrado Coração que, simultaneamente, deixariam as responsabilidades à frente da Igreja primaz de Bauru.<sup>545</sup> Será esse sacerdote, após cinco anos atuando como reitor desse templo, seu primeiro Vigário.<sup>546</sup> A criação da paróquia é amplamente divulgada através do jornal *A Fé* e vista como um acordo cordial entre bispo e superior religioso dos Missionários do Sagrado Coração, do qual não “há dúvida de que muito ganhou Bauru”.<sup>547</sup> Nota-se nas entrelinhas daquilo que é noticiado no periódico semanal,<sup>548</sup> logo após a entrega da matriz e criação das novas paróquias, uma subliminar mensagem de que a transição ou a destituição da Congregação de Koop

---

propriedade do periódico. Com a criação do bispado, o jornal tornou-se, sob nova inspiração, órgão de imprensa oficial da Diocese de Bauru.

<sup>543</sup>APSTB – Arquivo da Paróquia Santa Teresinha em Bauru. **Livro Tombo I**. p. 9v. (sublinhado no original)

<sup>544</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Solene instalação de 3 novas paróquias de Bauru. *A Fé*. Bauru, 28 dez. 1952 p.1-2; KOOP, Pedro Paulo. Data Memorável. *A Fé*. Bauru, 4 jan. 1953, p. 1-2.

<sup>545</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os missionários do Sagrado Coração e a Paróquia do Divino Espírito Santo em Bauru. *A Fé*. Bauru, 14 dez. 1952, p.1; ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p.91.

<sup>546</sup>Cf. ACPMSC-SP - Arquivo da Casa Provincial dos Missionários do Sagrado Coração - Província Brasileira **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2; BATALHA, Maria do Carmo Siqueira - **História da paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus: Bauru 1931-991**. Bauru: s /e. 1996, p. 39; BATALHA, Maria do Carmo Siqueira - **Paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus**: In: ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 132.

<sup>547</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Data Memorável. *A Fé*. Bauru, 4 jan. 1953, p. 1-2.

<sup>548</sup>Cf. ANUPHIS. Os missionários do Sagrado Coração e a Paróquia do Divino Espírito Santo em Bauru. *A Fé*. Bauru, 14 dez. 1952, p.1; ANUPHIS - **KOOP**, Pedro Paulo. Data Memorável. *A Fé*. Bauru, 4 jan. 1953, p. 1.

da condução da paróquia, embora dolorosa, é fruto de um bem aquilatado acordo entre bispado e província, não resultado de conflitos de interesses, rusgas internas e dissensos particulares. Narrativa diferente daquela que antecedeu a cerimônia, que falava de entrega com grande “pesar, premida por circunstâncias alheias a sua vontade.”<sup>549</sup> Entende-se que entre a decisão de entregar e a consumação do ato houve um processo doloroso para os Missionários do Sagrado Coração e, quiçá, para a população de Bauru que merecia ser contemporizada, sob as páginas do jornal.

À frente da Igreja Santa Teresinha, Koop desenvolveu viva atividade Pastoral. Ele próprio, já eleito bispo disse que “com fidelidade todos os dias e noites[.]” devotou mais zelo a essa Igreja do que “a própria alma.”<sup>550</sup> Na esteira da instalação dessa paróquia, o diretor do semanário e vigário da comunidade recém-criada, apresentou precípua reflexão sobre paróquia e paroquianos.<sup>551</sup> Esse texto, pode-se interpretar, revela seu entendimento e sua proposta pastoral para a comunidade que agora lhe competia. O vigário de Santa Teresinha compreende e apresenta a paróquia sob um tríptico conceito, assumindo-os como seu. Para ele, paróquia pode ser entendida como ambiente religioso onde fiéis de distintos níveis frequentam e tomam parte da comunidade; como realidade sociológica, vista como a soma de todos os estratos do perímetro paroquial ou, por fim, como realidade mística, sobrenatural. Para sua reflexão o sacerdote não apresenta fontes, mas assume que a paróquia bem mais que uma realidade sociológica ou conglomerado de fiéis, é um ambiente místico, sobrenatural. Desse modo, para que chegue a esse ideal é “necessário que o pároco se preocupe em formar toda a paróquia, transformando a massa humana em povo de Deus, criando uma verdadeira comunidade [...] pois a Igreja foi organizada como comunidade e não como aglomeração de indivíduos”.<sup>552</sup> Nota-se que a preocupação de Padre Paulo Koop, no ofício de vigário, é formar para criar uma comunidade mística.

Nesse sentido, de busca pela formação de uma comunidade mística, a postura pastoral na paróquia Santa Teresinha pautar-se-ia pela celebração de sacramentos e sacramentais, como: vigílias, adorações, batismos, missas, hora santas, atendimento aos enfermos, confissões, catequeses.<sup>553</sup> Assomava a essa posição e convergindo com o propósito do pároco de formar as massas em todos os campos de sua comunidade para a

---

<sup>549</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os missionários do Sagrado Coração e a Paróquia do Divino Espírito Santo em Bauru. **A Fé**. Bauru, 14 dez. 1952, p.1.

<sup>550</sup>APSTB – **Livro Tombo I**. Bauru-SP, p. 10 v.

<sup>551</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Paróquia e os Paroquianos. **A Fé**. Bauru, 19 abr. 1953, p.1.

<sup>552</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Paróquia e os Paroquianos. **A Fé**. Bauru, 19 abr. 1953, p.1.

<sup>553</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Paróquia Santa Teresinha. **A Fé**. Bauru, 4 jan. 1954, p. 2.

vida mística, foi desenvolvida ampla formação doutrinária de seus fiéis. Deve-se dizer que, desde de 1950, quando ainda vigário cooperador da matriz do Divino Espírito Santo, Koop oferecia todas as segundas-feiras, na sede da associação comercial da cidade, cursos de aperfeiçoamento religioso, dirigido, como diz o anúncio jornalístico, para o “intelectual católico”.<sup>554</sup> Esse mesmo curso, tornou-se, tempos depois, extensão universitária, e passou a ser transmitido a partir da paróquia Santa Teresinha, via rádio Bauru Clube ou remetido por correspondência àqueles que o desejassem. Relativo ao conteúdo do curso, particularmente, a julgar pelo que explicita o anúncio sobre ele e o momento em que fora realizado, era de lavra doutrinária.<sup>555</sup> Conquanto, não seja possível precisar em minúcias o que era oferecido como formação, é possível dizer que Koop, mesmo no espírito do seu tempo, desde os primórdios do seu trabalho paroquial, prima pela formação dos fiéis e das comunidades.

Algumas questões do exercício pastoral descortinado pelo prisma de artigos escritos no jornal *A Fé*, revelam algumas posturas do vigário Paulo Koop, particularmente no campo da moral e dos costumes. Posições, filhas do seu tempo, e por vezes dotadas de um pendor moralizante e rigorista, revistas em alguns aspectos ao longo de sua história. A guisa de exemplo, no carnaval de 1952, o Vigário de Santa Teresinha, lamenta e pontifica o quanto perderam aqueles que não viveram os retiros oferecidos aos fiéis na cidade e que, antes, experimentaram o carnaval. Para ele, em termos duros para vicejar a grandeza do retiro, aqueles que tomaram parte do carnaval, de uns “grupos sociais sádicos”, “descristianizados”, “decaídos de sua antiga pureza” imersos no mais “alto triunfo do inferno.”<sup>556</sup> Essa mesma postura, tempos depois repetiu-se. Em 1956, ele outra vez rechaça o carnaval, chamando de festa “pagã de orgia e pecados [...]da imoralidade, do cinismo degradante e indigna de uma família Cristã”<sup>557</sup> e louva aqueles que fogem desse ambiente e buscam refugiar-se em retiros.

Ainda na linha dos costumes e da moral, em julho de 1956, quatro anos à frente da paróquia Santa Teresinha, Padre Paulo Koop redige um veemente e silogístico protesto contra a direção do Esporte Clube Paulista e do Tênis clube de Bauru por assentirem que num baile, possivelmente de fantasias, roupas sacerdotais fossem usadas. O protesto para um sacerdote consciencioso do zelo pelas coisas sagradas faz sentido. No entanto, a

<sup>554</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Curso de aperfeiçoamento católico. *A Fé*. Bauru, 21 maio. 1950, p.1.

<sup>555</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Curso superior de Religião. *A Fé*. Bauru, 29 jan. 1956, p.1: “Tema da próxima lição: Deus – provas da sua existência.”

<sup>556</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Não sabem o que perderam. *A Fé*. Bauru, 2 mar. 1952, p. 2.

<sup>557</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Não sabem o que perderam. *A Fé*. Bauru, 29 jan. 1956, p. 2.

argumentação aplicada pelo redator do jornal é de uma virulência, chegando a alertar acerca das “graves consequências para os que provocam a ira divina sobre si e suas famílias.”<sup>558</sup> Ainda na dimensão das vestimentas,<sup>559</sup> desta vez em 1957, o sacerdote holandês volve sua crítica contra os domínios do que ele chama de “moda feminina.” Já tendo, como ele mesmo assegura, feito esse pedido tantas vezes no púlpito,<sup>560</sup> segue insistindo a título de defender as mulheres. A seu juízo deve haver uma justa relação entre elegância e modéstia, buscando evitar sucumbir à vaidade excessiva expressa em decotes, minissaias e outros que, a seu ver, conduzem a uma condição de objeto, a figura feminina.<sup>561</sup>

Esses quatro exemplos servem para apresentar que no universo da atuação pastoral, a frente da paróquia Santa Teresinha, Koop zelava com vigor pela integralidade da formação de seus fiéis. A inclinação na linha dos costumes e da moral revela um sacerdote fiel a moral do seu tempo, de sua época. Não se trata de um rigorismo farisaico, mas de uma conduta eclesial na qual ele fora formado e moldado. Não havia, portanto, um visionarismo moral ou religioso, nesses anos em Bauru. Antes, alguém fiel ao seu tempo e preocupado com aquilo que, a seu juízo, era acertado.

Não mais que quatro meses após assumir a paróquia Santa Teresinha, Dom Henrique Golland Trindade, nomeou e constituiu vigário forâneo, *ratio personae*, Padre Pedro Paulo Koop.<sup>562</sup> Nesse mesmo período, o religioso é nomeado membro da comissão de comemoração do jubileu de sua congregação<sup>563</sup>, a ser celebrada em dezembro do ano posterior da qual entre outras coisas, organizou a obra: M.S.C. 100 Anos M. S.C:1854 – 8 de dezembro 1954. Sobre sua função de Vigário Decano, sacerdote holandês, em artigo

<sup>558</sup>ANUPHIS – KOOP Pedro Paulo. Protesto. **A Fé**. Bauru, 1 jul. 1956, p. 1.

<sup>559</sup>Uma reflexão sobre a questão da moralização dos costumes no interior paulista, particularmente no bispado de Botucatu e no decanato de Bauru, pode-se ler em: PRIMOLAN, Emilio Donizete. **Educação física e moda**: campanha católica de moralização dos costumes no interior paulista. In: 1º Encontro dos núcleos Paraná e Santa Catarina do GT de História das religiões e das religiosidades, 2009, Londrina. 1º. Londrina: editora da uel, 2009. p. 16ss.

<sup>560</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP Pedro Paulo. Moda Feminina. **A Fé**. Bauru, 5 abr. 1959, p. 1: “Quantas vezes não implorei para que se vestissem com decência e bom gosto, usassem véu para cobrirem a cabeça, cobrissem os ombros e braços de pano não transparente... pedimos por amor de Deus, pedimos lembrando os graves castigos que pesam sobre os que dão escândalo, tudo em vão! Acham que o sacerdote é um ignorante, não entende e não deve opinar[...]”

<sup>561</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP Pedro Paulo. Moda Feminina. **A Fé**. Bauru, 5 abr. 1959, p. 1-2.

<sup>562</sup>APSTB – **Livro Tombo I**. Bauru-SP, p. 3v; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ACPMSC-SP **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p3; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996. p. 161; VIOLANTE, Oswaldo André **A Fé**. Bauru, 10 maio 1953, p. 1: “É-lhe conferida a presente nomeação “*ratio personae*” (como reza o decreto), isto é, pelos altos merecimentos do Revmo. Pe. Paulo Koop, pelo seu dinamismo apostólico e por suas amplas realizações em seus sete anos de trabalho por Bauru e por sua gente.”

<sup>563</sup>Cf. ACPMSC-SP – **Livro das Atas do Conselho Provincial (1952-1959)**. p. 7.



alertando os bauruenses sobre atividades filantrópicas que ele julgava nocivas aos católicos da região, aproveitou citando a Pastoral Coletiva do Episcopado Brasileiro, o Código de Direito Canônico e o Concílio Plenário brasileiro, para descrever a sua missão no cargo que passara a ocupar. Entre outras, era a de estar em comunhão com o bispo, animar a vida religiosa e informar ao prelado acerca da vida católica no decanato. De igual modo, cabe a ele orientar, zelar, corrigir e opinar em matéria de fé e moral nessa circunscrição.<sup>564</sup> Ou como descreve, o Vigário da Catedral, Padre Osvaldo Violante:

Vigário Forâneo ou Decano é o sacerdote colocado pelo bispo a frente de um decanto com o encargo pessoal de vigilância e inspeção canônica no que diz respeito ao bem espiritual dos fiéis do clero e sobretudo das paróquias e dos párocos. [...]Por essa nova investidura goza S. Revma. de autoridade de ordem administrativa e disciplinar e, com beneplácito da autoridade diocesana, também de certos poderes no tocante à administração dos sacramentos. Padre Paulo está de parabéns por seus costumes, prudência e outras qualidades torna-se idôneo para exercer o cargo que acaba de receber e faz jus a essa feliz nomeação<sup>565</sup>

Consciente do seu trabalho e missão como responsável, supra paroquial, da vida eclesiástica em Bauru, Koop irá implementar serviços que incidirão na vida de toda a cidade. Destarte, a Igreja de Santa Teresinha será sua base, o jornal *A Fé* e as ondas da Rádio Bauru Clube, seus principais veículos de mobilização, formação e reverberação de suas propostas pastorais na crescente cidade de Bauru. Dentre eles, alguns se notabilizaram: a constituição das bases da futura diocese de Bauru, a organização da educação religiosa nas escolas confessionais e públicas, as missões populares e o trabalho pastoral desenvolvido junto a migrantes japoneses ou descendentes radicados na região noroeste Paulista.

Relativo aos descendentes de Japoneses, particularmente pela presença de grande contingente dessa população em sua paróquia,<sup>566</sup> Koop desenvolveu particular trabalho com esse público. De fato, desde a grande imigração Japonesa em 1908 um grande número deles alocou-se nas lavouras de café pelo noroeste paulista, inclusive em Bauru. Já em 1923, o primeiro Bispo de Botucatu, Dom Lúcio Costa, quando os limites de sua diocese estendiam-se até onde hoje é a *Sé* de Presidente Prudente que tinha grande concentração de imigrantes Japoneses, viabilizou junto a Santa Sé a vinda do sacerdote

<sup>564</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Segundo Bilhete do Vigário. *A Fé*. Bauru, 22 jul. 1958, p. 2.

<sup>565</sup>ANUPHIS – VOLANTE, Osvaldo André. Pedro Paulo Koop nomeado vigário Foraneo de Bauru. *A Fé*. Bauru, 10. maio. 1953, p. 1.

<sup>566</sup>Cf. TAKAMOTO, Yoshimatsu. A comunidade nipo-brasileira em Bauru. *A Fé*. Bauru, 7 jun. 1959, p.1.

japonês Domingos Nakamura,<sup>567</sup> da diocese de Nagasaki para atuar com essa população, entre outros lugares, em sua diocese.<sup>568</sup> Padre Paulo Koop, também, quando de sua permanência na diocese de Cafelândia, acompanhou a solicitude pastoral junto aos japoneses por Dom Henrique Cesar Fernandes Mourão - como já aludimos - e travou contatos com Padre Agostinho Utsch, SJ, paladino desse trabalho, naquela que mais tarde tornou-se diocese de Lins.<sup>569</sup> Assim, ante um cenário já conhecido e uma necessidade concreta, o Vigário Forâneo de Bauru, propõe um trabalho consistente com Nisseis e Sanseis.

Juntamente com Pedro Onichi, um dos fundadores do Círculo Católico Estrela da Manhã em Presidente Prudente e estudante de Direito em Bauru, Pedro Paulo Koop iniciou um trabalho com os descendentes de japoneses.<sup>570</sup> A primeira reunião oficial de um pequeno grupo de nisseis aconteceu em setembro de 1957. Seria esta a fundação de uma unidade do Círculo Católico Estrela da Manhã em Bauru. Este núcleo movia-se por atividades religiosas, reuniões semanais nas quais se faziam catequeses, formações bíblicas e realizavam-se os sacramentos. A assistência a esse grupo, fez de Paulo Koop seu primeiro diretor Espiritual,<sup>571</sup> levando-o a tomar parte da II Concentração regional de Nisseis católicos em Presidente Venceslau Brás, em 27 de julho de 1958.<sup>572</sup> Nesse evento, “as ideias e propostas por ele [Koop] apresentadas, serviram para delinear a evangelização mais vigorosa e atuante, inclusive para vinda de missionários e religiosas do Japão.”<sup>573</sup> Essas ideias, transparecem em artigos redigidos no periódico de sua paróquia.

Na esteira desse encontro e, certamente, em decorrência dele, Bauru foi escolhida para sediar a III edição da concentração de Nisseis,<sup>574</sup> que ocorrera em julho

---

<sup>567</sup>Para Conhecer a vida de Domingos Nakamura pode-se ler: ONICHI, Pedro. **Domingos Chohachi Nakamura: O Apóstolo dos Imigrantes Japoneses**. Marília: Gráfica Fragata Ltda, 2005.

<sup>568</sup>Cf. SHOJI, Rafael. Catolicismo japonês no Exterior: a Missão aos Nikkei no Brasil. **REVER**. a 12, n.1. Jan-Jun 2012, p.173. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/10486>. Acesso em 12 ago 2020; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. **A Fé**. Bauru, 22 jun. 1958, p.1.

<sup>569</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. **A Fé**. Bauru, 22 jun. 1958, p. 2.

<sup>570</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Deus dá o crescimento. **A Fé**. Bauru, 04 ago. 1958, p.1.2.3.

<sup>571</sup>Cf. BATALHA, Maria do Carmo Siqueira - **História da paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus**: Bauru 1931-991. Bauru: s /e. 1996, p. 43.

<sup>572</sup>Cf. ONICHI, Pedro. **Domingos Chohachi Nakamura: O Apóstolo dos Imigrantes Japoneses**. Marília: Gráfica Fragata Ltda, 2005, p. 137; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Deus dá o crescimento. **A Fé**. Bauru, 04 ago. 1958, p.2.3.

<sup>573</sup>ONICHI, Pedro. **Domingos Chohachi Nakamura: O Apóstolo dos Imigrantes Japoneses**. Marília: Gráfica Fragata Ltda, 2005, p. 137.

<sup>574</sup>Cf. ONICHI, Pedro. **Domingos Chohachi Nakamura: O Apóstolo dos Imigrantes Japoneses**. Marília: Gráfica Fragata Ltda, 2005, p. 137.

de 1959. Na condição de diretor Espiritual do Círculo Católico Estrela da Manhã, Padre Pedro Paulo, estava implicado na organização e preparação. O sacerdote serviu-se tanto do Semanário *A Fé*, quanto das ondas da Rádio Clube de Bauru, em seu programa diário Momento de Elevação, para levar a cabo esse projeto que mobilizou a cidade inteira. Pela via do semanário, além de ampla conscientização, o Vigário Decano transpareceria sua motivação para sua atuação nesse campo.

Para Koop, ao menos até bem pouco tempo, a evangelização dos imigrantes japoneses fora preterida pelo clero. As autoridades eclesiásticas julgaram-na desnecessária e de maneira míope acreditavam que, tal como os escravos, eles seriam apenas pelo batismo absorvidos ao catolicismo pela “circunvizinha vida familiar católico-brasileira!”<sup>575</sup> Em ambos os casos, para o sacerdote holandês, o expediente falhou, e um déficit tanto com o povo africano, como com os japoneses – pauta do seu interesse - foi selado em termos de evangelização. Outrossim, convergiu para essa situação um desconhecimento da cultura e história japonesa, bem como, uma depreciação de sua tradição espiritual e de seus valores religiosos. Nota-se nas motivações do vigário forâneo de Bauru, que há um respeito pelo patrimônio cultural oriental que deve ser levado em consideração no processo evangelizador e que esse serviço deve ser prestado com acuidade, pautado num trabalho catequético sólido e organizado visando integrá-los “a verdadeira religião”<sup>576</sup> e “aculturá-los no Brasil, por sua catolização, sendo [que] o catolicismo [é] a própria base e alma da nacionalidade brasileira.”<sup>577</sup>

Tendo como horizonte um trabalho ordenado e contínuo no Brasil, com os imigrantes japoneses e seus descendentes, Koop propõe que houvesse “uma autoridade eclesiástica superior e exclusiva para a comunidade nipo-brasileira”<sup>578</sup> que fosse capaz de fornecer orientação segura sobre o apostolado com esse grupo. Mais ainda, capaz de arregimentar a imigração de religiosos e catequistas do Japão e influir no processo de “aculturação japonesa na linha católica, conservando[...] e sobrenaturalizando as

---

<sup>575</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. *A Fé*. Bauru, 22 jun. 1958, p.1.

<sup>576</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. *A Fé*. Bauru, 22 jun. 1958, p.1.

<sup>577</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. *A Fé*. Bauru, 15 jun. 1958, p.1: “A Igreja católica continua sendo o único meio e necessário para uma perfeita integração do imigrante na comunidade nacional brasileira”

<sup>578</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. *A Fé*. Bauru, 15 jun. 1958, p. 2.

elevadas virtudes e simpáticas características próprias da cultura e tradição japonesa.”<sup>579</sup> Sugere ainda, que seja criado um ordinariato próprio para os japoneses já batizados e um vicariato para aqueles não batizados pautado por um direito particular, liderado por um arcebispo brasileiro e por um bispo japonês que catalisassem e organizassem os trabalhos missionários (por exemplo de figuras como Domingos Nakamura e Agostinho Utsch) e sinalizassem o empenho da Igreja católica pelos nisseis e imigrantes japoneses. Na base da argumentação de Koop subjazia um real interesse em acompanhar pastoralmente os imigrantes, constituindo estruturas claras para isso. Era um claro projeto eclesiológico para um nicho específico da sociedade. Sua perspectiva evangelizadora, todavia, era marcada pelo interesse de integrá-los às fileiras do catolicismo – sob medo de perdê-los. Um atenuante singular dessa ideia é o pautar-se pelo respeito a cultura e história desse povo, que a seu ver, coadunava-se com os princípios da fé católica, substrato da identidade brasileira.

Sob esse prisma a III Concentração Regional de Nisseis foi celebrada em Bauru, buscando redimir a inadvertida evangelização aferida a imigrantes japoneses<sup>580</sup> e ser uma resposta para juventude nissei que busca Deus.<sup>581</sup> O programa do encontro, sobretudo as formações, revelavam que além da preocupação espiritual com a juventude existia a noção de que o catolicismo seria o catalizador de uma integração ao país,<sup>582</sup> como entendia Paulo Koop. A participação do evento foi numerosa, mais de três mil descendentes de japoneses, além de religiosos, bispos e outros signatários católicos.<sup>583</sup> Na base dessa concentração estava o Círculo Católico Estrela da Manhã. Nele o Vigário Decano reconhecia o viés esperançoso para a Evangelização da juventude Nissei. Crendo nesse fato e buscando dilatá-lo para toda arquidiocese de Botucatu, pediu a

---

<sup>579</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. **A Fé**. Bauru, 15 jun. 1958, p. 2.

<sup>580</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O povo católico de Bauru **A Fé**. Bauru, 17 maio. 1959, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Serviço altamente patriótico **A Fé**. Bauru, 24 maio. 1959, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Comunicado: a Imprensa, Rádio e demais Órgãos de Comunicação. **A Fé**. Bauru, 21 jun. 1959, p.1; KOOP, Pedro Paulo e KASAI, Mario. Terceira Concentração dos seus círculos católicos a Juventude católica nipo-brasileira-Brasileira. **A Fé**. Bauru, 07 jun. 1959, p. 2.

<sup>581</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Juventude Nissei. **A Fé**. Bauru, 20 jul. 1958, p. 1.

<sup>582</sup> Temas das conferências na sessão Magna Realizada na Igreja de Santa Terezinha e transmitidas via rádio: A formação Espiritual de Juventude nipo-brasileira (em japonês) por Pe. João Maria Vianey Sassaki; Da formação da Juventude Circulista, por Seyu Gushiken; O problema do método na catequese nipônica por Ir<sup>a</sup> Rosalva Motter; O Papel da Igreja na integração dos imigrantes japoneses e seus descendentes na comunhão nacional brasileira pelo Deputado Federal, Dr. Yukshigue Tamura. Cf. ONICHI, Pedro. **Domingos Chohachi Nakamura**: O Apóstolo dos Imigrantes Japoneses. Marília: Gráfica Fragata Ltda, 2005, p. 138 ou KOOP, Pedro Paulo e KASAI, Mario. Terceira Concentração dos seus círculos católicos a Juventude católica nipo-brasileira-Brasileira. **A Fé**. Bauru, 07 jun. 1959, p. 2.

<sup>583</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo e KASAI, Mario. Agradecimento. **A Fé**. Bauru, 18 jul. 1959, p. 2.

criação de uma federação arquidiocesana dessa instituição<sup>584</sup> com estatutos e estrutura próprios. Nota-se, a um só passo, na atitude de Koop, uma sensibilidade com a comunidade nipo-brasileira, pautada por um sentimento de integração cultural ao país pela via do catolicismo. Ainda hoje, sob moldes distintos existe essa associação em Bauru e em outras cidades do interior paulista, não raro, ligadas a pastoral nipo-brasileira.

Ainda na linha da mobilização da cidade de Bauru, por parte do Vigário Decano, as Missões populares ocuparam espaço. Padre Pedro Paulo, em 1960, organizou-a junto com demais párocos e os Padres redentoristas as conhecidas Santas Missões, ou pequeno “Ano Santo,” como ele chamava. Não se tratava, como atestam outras fontes<sup>585</sup> da primeira a ser celebrada na cidade, antes o contrário, era uma continuidade de outras já realizadas.<sup>586</sup> Esta, contudo, ajuda a entender o sentido de missão aplicado pelo sacerdote, visto que as anteriores não gozam de suficiente documentação. Mais ainda, visto que esta missão é vivida no contexto do já convocado Concílio Vaticano II, ela pode acenar, como aprofundaremos no segundo capítulo, o entendimento e/ou as mudanças de compreensão do sacerdote holandês acerca desse conceito.

Através das páginas do jornal paroquial que dirigia, Paulo Koop enceta intensa campanha de conscientização para esse processo missionário, publicando mais de uma dezena de artigos explicando o sentido do serviço a ser realizado, além de servir-se da rádio e do púlpito de sua paróquia para difundi-lo.<sup>587</sup> A missão, antecedida por uma pré-missão, iniciada na quaresma daquele ano, seria celebrada entre os dias 14 e 30 de maio, em toda Bauru. Esse evento é entendido, através de suas “pregações penetrantes e sistemáticas” das “verdades eternas” como “admirável meio extraordinário de cura de almas.”<sup>588</sup> Seu objetivo amplo é a restauração e renovação moral e de Fé em toda a cidade.<sup>589</sup> Os operadores desse feito são “pregadores-mestres da Igreja,” que “receberam

<sup>584</sup>Cf. ACDB – Requerimento - **Escatula Paróquia Santa Terezinha** - Pasta matrimônios, s/p.

<sup>585</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 91v: atesta missão em 1950; ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. **Histórico de Bauru. Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p. 9: Atesta missão em 1926

<sup>586</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões em Bauru (I). **A Fé**. Bauru, 31 jan. 1960, p.1

<sup>587</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. A Santa Missão Visa Renovar a Face da Terra, renovando o homem. **A Fé**. Bauru, 22 maio. 1960, p.1.

<sup>588</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os Missionários e a ciência da fé. **A Fé**. Bauru, 7 fev. 1960, p. 4.

<sup>589</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os Missionários e a ciência da fé. **A Fé**. Bauru, 7 fev. 1960, p. 4: “Qual o fim colimado? – Para promover entre todos os fiéis batizados de Bauru a RENOVAÇÃO TOTAL DA VIDA CRISTÃ”; KOOP, Pedro Paulo. Esperamos passar por isto... **A Fé**. Bauru, 21 fev. 1960, p. 1 “Uma restauração e renovação total da vida cristã entre nós”; “Fazer o povo levantar-se de sua languidez espiritual, fazê-lo readquirir forte convicção interior das verdades fundamentais da fé”; KOOP, Pedro Paulo. Renovemos a face da Terra!... **A Fé**. Bauru, 21 fev. 1960, p. 2: Seu objetivo: Renovar espiritualmente o

do alto a missão de pregar”, eram os sacerdotes redentoristas. Os meios para atingir o ideal colimado foram terços irradiados, pregações (abertas e especializadas), procissões, meditações, celebrações, sacramentais (Benção da Saúde) e sacramentos. Foram quinze movimentados dias em Bauru. Aos olhos do articulador principal, a missão cumpriu seu objetivo, pois restitui a paz a muitos, curou feridas, transformou remorsos em consolo e promoveu reencontros entre os filhos pródigos com os braços do Pai.<sup>590</sup> Em todo este processo missionário, percebe-se a preocupação principal e a nota distintiva do conceito de missão que é a renovação espiritual e moral da cidade. Em 1960, mesmo com movimentos renovadores da tessitura eclesial em curso e a convocação do Concílio já anunciada, a preocupação dominante é animar a dimensão espiritual e moral da vida da Igreja. Uma noção de uma missão integral e de caráter transformador da realidade como um todo ainda não é uma ideia em voga em Bauru, tampouco para o sacerdote holandês.

Outro aspecto relevante na atuação de Koop à frente da paróquia Santa Teresinha e do decanato de Bauru foi a organização do Ensino Religioso confessional nas Escolas públicas.<sup>591</sup> Outrossim, ele foi o paladino da defesa da liberdade de ensino particular (confessional) na cidade, ante o projeto de consolidação da Lei de Diretrizes de Base, postulado pelo ministério da Educação capitaneados, entres outros, pelos ideais dos Escola novistas, no final da segunda metade da década de cinquenta.

Nos anos que viveu em Bauru, Koop assumiu o ensino religioso confessional como um dos motes de sua atuação. A formação, dentro do âmbito escolar, configurava-se como um dos elementos importantes de consolidação da vida de fé. Assim, visto que o ensino religioso nas unidades educacionais públicas era assegurado pelas Constituições de 1933 e 1937 e, com o fim da Era Vargas, surpreendentemente foi declarado obrigatório na Constituição de 1946, o religioso Missionário do Sagrado Coração organizou professores para todas as escolas de sua paróquia, constituindo tutores desse ensino em “todas as séries, responsabilizando-se ele mesmo por uma turma de alunos do então instituto de educação ‘Ernesto Monte.’”<sup>592</sup> Dentro do seu espectro de atuação, a dimensão

---

povo todo (Sincero e de boa vontade) na linha de Deus e da Salvação”; KOOP, Pedro Paulo. Regresso a Deus... **A Fé**. Bauru, 6 mar. 1960, p. 2; KOOP, Pedro Paulo. As próximas missões. **A Fé**. Bauru, 8 mai. 1960, p. 1: “Façamos tudo por todos. Reconquistemos as almas extraviadas que andam errantes e famintas nos desvios da heresia. Vamos aos revoltos, aos apáticos, aos ignorantes e sanemos todos as palavras taumaturgas dos Santos Evangelhos. Levemos todos a salvação e o perdão do Senhor, convertendo-os ao seu Deus e Senhor Jesus Cristo.”

<sup>590</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Crônica das Santas Missões: o Maior espetáculo de fé jamais visto em Bauru. **A Fé**. Bauru, 5 jun. 1960, p. 1.3.

<sup>591</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Necessidade do Catecismo. **A Fé**. Bauru, 19 mar. 1961, p. 3.

<sup>592</sup>BATALHA, Maria do Carmo Siqueira - **História da paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus: Bauru 1931-1991**. Bauru: s /e. 1996, p. 42.

sacramental ganhou espaço. Assim, eram frequentes as celebrações de sacramentos, particularmente a Páscoa dos estudantes e dos professores. Paralelo a esses trabalhos, havia reuniões de preparação, formação e instrução para aqueles que já respondiam como professores nas escolas e para outros que almejavam o exercício dessa função.

No plano educacional, para além dos limites do ensino estritamente religioso, havia uma preocupação do sacerdote com a questão moral. Em agosto de 1958, Paulo Koop, pelas linhas do jornal *A Fé*, denuncia e opõe-se a aulas de educação física e uma parada cívica no município. A seu ver, o desfile proposto para setembro daquele ano com a presença do chefe do Departamento de Educação Física e Esporte do Estado de São Paulo, nos moldes como estava planejado, seria uma manifestação que exporia as “moças cristãs, filhas de famílias amigas.”<sup>593</sup> Ele causaria diversão ao “sexo forte”<sup>594</sup> em razão dos “trajes e certos movimentos usados durante os exercícios ginásticos-esportivos.”<sup>595</sup>

A preocupação de base do sacerdote era com aquilo que ele julgava ser a sensualização da coreografia e a exposição do nu feminino.<sup>596</sup> Sua posição, parece ter ganhado fóruns dilatados em Bauru e a presença de um representante do governo no evento cívico, teria como finalidade entender a oposição ao ensino de Educação física que, em vários momentos, o redator do semanário *A Fé* havia contestado.<sup>597</sup> Ante tal situação, segundo texto assinado pelo próprio sacerdote, ele deixa claro que entende e reafirma sua posição, incluso comunicando diretamente sua opinião (cópia dos seus artigos) ao próprio Governador do Estado, Jânio Quadros, ao Diretor da divisão Nacional de Educação física do Ministério da Saúde, Alfredo Colombo, e ao próprio diretor regional dessa divisão que estaria em Bauru. Respostas ao remetente dos artigos não foram encontradas, contudo sua ação revela com quanta seriedade Koop enfrentava a

<sup>593</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Segunda advertência às Famílias Cristãs. *A Fé*. Bauru, 31 ago. 1958, p. 2.

<sup>594</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Segunda advertência às Famílias Cristãs. *A Fé*. Bauru, 31 ago. 1958, p. 2.

<sup>595</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Segunda advertência às Famílias Cristãs. *A Fé*. Bauru, 31 ago. 1958, p. 2.

<sup>596</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Primeira advertência às Famílias Cristãs *A Fé*. Bauru, 24 ago. 1958, p. 1.3.

<sup>597</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Primeira advertência às Famílias Cristãs *A Fé*. Bauru, 24 ago. 1958, p. 3: “Admitimos e recomendamos a educação física (Ginástico-desportiva) que, com sua austeridade, contribui **para refrear os instintos e ordenar a psique**, moralizando-a. Rejeitamos e condenamos a educação física que desperta os instintos, perturba a psique, fere o pudor e imoraliza, quer pela força violenta ou imprópria( anti-natural) quer com as seduções da sensualidade [...] Reprovamos e rejeitamos categoricamente o nudismo e o semi-nudismo (ainda pior) **nem necessário** e sim, **sumamente inconveniente**, por aguçar nos instintos e excitar a sensualidade, desmontar a natural defeza[sic] do pudor, comprometer o esforço educativo e conduzir ao pecado do pensamento primeiro do desejo depois, e do ato finalmente. O que, alias, interessa vivamente ao público comum (99%) não é a beleza do nu, mas o nu da beleza marcadamente o da feminina.” (Negrito no original)

questão moral no campo da Educação em geral e velava para que uma sábia consciência moral fosse preservada.

Ainda na seara educacional, uma outra questão levada a termo por Paulo Koop foi relacionada à Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB).<sup>598</sup> A reflexão sobre esse tema na sociedade, em linhas gerais, iniciou-se em 1949 e estendeu-se até 1960, quando foi aprovada a lei. Nesse interim houve intensos e beligerantes conflitos de ideias e propostas que se fizeram ouvir, sobretudo nas páginas do jornal *A Fé*. Quando em 1959, o Deputado Carlos Lacerda pautou um projeto apresentado como substitutivo e que se contrapunha aos ideais do manifesto dos pioneiros escolanovistas<sup>599</sup> que forjaram as bases da proposta inicial da LDB apresentada pelo deputado Clemente Marini, a sociedade dividiu-se entre aqueles que o rechaçavam e aqueles que o apoiavam. No primeiro grupo, estavam “educadores da geração dos pioneiros da Escola Nova, professores, intelectuais e líderes sindicais.”<sup>600</sup> No segundo grupo, por razões ideológicas distintas, a Igreja católica<sup>601</sup> e os donos de escolas privadas que, “sem doutrina, [se apoiavam] nos argumentos esgrimidos pelos porta-vozes da Igreja.”<sup>602</sup>

Na condição de diretor do único semanário católico de Bauru, comprometido com a educação confessional, capitaneando uma série de autores, Koop associou-se a essa defesa e deu corpo à discussão na cidade dita, a *Sem limites*. Num espaço de pouco mais de três anos o “Semanário ‘A Fé’ publicou nada menos que 41 artigos em defesa da escola privada.”<sup>603</sup> Alguns textos apresentam uma explícita oposição ao projeto apresentado em 1958 sob a tutela de Anísio Teixeira, conceituando-o como ameaça ao ensino privado.

---

<sup>598</sup>Artigo salutar que aprofunda a intensa discussão prévia a aprovação da Lei de Diretrizes e bases da Educação: MACHADO, Maria Cristina Gomes; MELO, Cristiane Silva. O debate acerca do ensino público nas discussões sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional (1961). **Educação e Fronteiras**: Dourados, v. 2, n. 4, p.62-79, fev. 2012. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1558/937>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

<sup>599</sup>Cf. MACHADO, Maria Cristina Gomes; MELO, Cristiane Silva. O debate acerca do ensino público nas discussões sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional (1961). **Educação e Fronteiras**: Dourados, v. 2, n. 4, fev. 2012, p. 69 Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1558/937>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

<sup>600</sup>MACHADO, Maria Cristina Gomes; MELO, Cristiane Silva. O debate acerca do ensino público nas discussões sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional (1961). **Educação e Fronteiras**: Dourados, v. 2, n. 4, fev. 2012, p. 68 Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1558/937>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

<sup>601</sup>Cf. PRIMOLAN, EMÍLIO. Expansão da escola Católica na cidade de Bauru-SP na década de 1950: do centro para a periferia Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH, IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan. 2011 p. 4 Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 19 ago. 2020.

<sup>602</sup>SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007, p. 288.

<sup>603</sup>PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p.117 (Tese doutoral).



Entendendo que sua posição e seus argumentos visam “extinguir toda iniciativa particular a fim de socializar planificadamente a instrução, que passaria a constituir monopólio do Estado.”<sup>604</sup> Mais ainda que a posição do proponente do texto que, também era funcionário do Ministério da Cultura era de “inegável tendência totalitária para propor: que só o estado deve formar professores e que para todas as crianças deve haver escolas públicas.”<sup>605</sup> Há, ainda, textos postos em cena pelo editor do periódico que defendem o espaço educacional privado, provido pela Igreja, como lugar para formação moral e religiosa da sociedade.<sup>606</sup>

Após intensas discussões e ponderações de todos os lados, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação foi aprovada em janeiro de 1960. A proposição da Igreja, defendida também por Paulo Koop, da liberdade de ensino, ante um monopólio estatal, teve seu lugar garantido. Essa noção, contudo, foi muito contestada por aqueles que se opunham a partes do conteúdo da legislação, sobretudo, por não ter assegurado o princípio por eles defendidos, de exclusividade e laicidade da educação oferecida pelo Estado. No calor dessas discussões pós aprovação, o jornal *A Fé*, seguiu fazendo a defesa do projeto nos moldes daquele sancionado. Menos de um mês após a aprovação, o periódico o aquilatou como “importante contributo para elevação moral e intelectual do homem[...]. Projeto realmente digno de um estado Cristão.”<sup>607</sup> Em março de 1960, o jornal expõe na página inicial, à guisa de editorial, um texto que em oito pontos, refuta queixas contra a nova lei como a questão da liberdade de ensino, primazia dos pais em educação, escolas confessionais, colaboração do poder público com a escola particular.<sup>608</sup> Na mesma linha, em maio de 1960, o mesmo periódico apresentou outro texto no qual nega a ideia de que, pela via do debate travado sobre a LDB, a Igreja estava reivindicando o “monopólio da escola religiosa, da escola católica.”<sup>609</sup> Uma acusação que, para o articulista é leviana e distorce os propósitos da Igreja no campo da educação.<sup>610</sup> O semanário fez ainda a oposição a Florestan Fernandes, que criticava o projeto aprovado pelas diversas comissões da câmara dos deputados, afirmando que sua proposta educacional no fundo “visava a redução da quase totalidade da nação ao mesmo denominador comum laicista

<sup>604</sup>ANUPHIS - REDAÇÃO. Ameaça ao ensino. *A Fé*. Bauru, 06 abr. 1958, p.1.

<sup>605</sup>ANUPHIS - ARNS, Evaristo Paulo. Defendamos nossas Escolas. *A Fé*. Bauru, 06 abr. 1958, p.1.

<sup>606</sup>Cf. SBRISIA, Arminda Escola pública ou particular? *A Fé*. Bauru, 13 abr. 1958, p.1.

<sup>607</sup>ANUPHIS - REDAÇÃO. diretrizes e bases da educação. *A Fé*. Bauru, 21 fev. 1960, p. 1.

<sup>608</sup>ANUPHIS - REDAÇÃO. A verdade sobre o projeto de lei de diretrizes e bases da educação. *A Fé*. Bauru, 27 mar. 1960, p. 1; REDAÇÃO. Sal e Pimenta. *A Fé*. Bauru, 29 maio. 1960, p. 2.

<sup>609</sup>ANUPHIS - REDAÇÃO. Sal e Pimenta. *A Fé*. Bauru, 29 maio. 1960, p. 2.

<sup>610</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. Sal e Pimenta. *A Fé*. Bauru, 29 maio. 1960, p. 2.

e materializante.”<sup>611</sup> Por fim, na esteira da defesa da educação não estritamente tutelada pelo estado, Koop faz veemente apelo para articulação das Escolas paroquiais no Brasil, criando um secretariado próprio para elas que, por sua tradição secular, são “a salvação da juventude, condição ‘*sine qua non*’ da sobrevivência e desenvolvimento do catolicismo. Sem ela a Igreja vegetará uma vida anêmica, frágil sujeita a muitos males, vida apenas visceral, quase fictícia.”<sup>612</sup>

Nota-se que ao adentrar nesse debate sobre as LDB, Paulo Koop reverbera sua preocupação local com a educação e ao mesmo tempo insere-se no amplo debate sobre o papel educacional na sociedade brasileira. A preocupação basilar de Koop, (da Igreja como um todo) era a de garantir ensino privado confessional, liberdade de escolha aos pais na educação e subvenção estatal para essa modalidade de ensino. Subjazia, ainda uma inquietação que esse projeto de uma escola pública, laica e universalizada capitaneada pelo governo fosse o germe de doutrinas totalitaristas às quais a Igreja era aversa. Assim, nesse cenário, percebe-se que para Pedro Paulo Koop, a defesa da escola confessional era uma divisa indelével que, por ações concretas e por discurso, ele próprio prodigalizava e defendia.

Outro ponto relevante do trabalho de Koop em Bauru foram os esforços vertidos para a constituição e ereção da diocese local. Em 1958, possivelmente a partir da elevação de Botucatu a arquidiocese, despontou a primeira conversa sobre a possibilidade de constituir Bauru como sede de um bispado.<sup>613</sup> Em meio a organização de missões, discussões acerca da legislação educacional e da celebração do Concílio, Koop por determinação do arcebispo, tornou-se o principal articulador desse ideal.<sup>614</sup> Como práxis da atuação do Vigário Decano, o jornal *A Fé* tornou-se o principal irradiador dessa proposta de criação de uma diocese, promovendo a conscientização do clero, do povo e

<sup>611</sup>ANUPHIS - ZAVALTARO, Felix. A identificação de um professor. *A Fé*. Bauru, 29 maio. 1960, p. 3.

<sup>612</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Escolas paroquiais no Brasil, *A Fé*. Bauru, 19 jun. 1958, p. 1.

<sup>613</sup>APSTB – **Livro Tombo I**. Bauru-SP, p. 8v: Pedro Paulo Koop, após ser eleito bispo assim deixou registrado no Livro tombo da Paróquia Santa Terezinha: “Impunha-se a necessidade de dar a Bauru um bispo residencial. Desde 1956 levantamos essa ideia; desde 1958 lutamos pela promoção de Bauru a sede do bispado. Em 1960 ela foi permitida; em 1964 instalada; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Creado o arcebispado de Botucatu, *A Fé*. Bauru, 8 jun. 1958, p. 1: “Não há dúvida que tal ato Papal inaugura uma nova fase espiritual para estas regiões da terra paulista e talvez não deixe de esconder em seu bojo conseqüências de grande alcance, inclusive para nossa cidade de Bauru.”

<sup>614</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Golland. Provisão. *A Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 4; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996. p. 161; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. In Memorian. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 3; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade**: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994. EDUSC: Bauru, 1998, p. 21; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes?** O caso de Botucatu. Editora Santuário: São Paulo, 1996, p.153.

das autoridades. Paralelo a esse fato, articulações com notáveis da sociedade civil e personalidades políticas foram sendo celebradas a fim de consolidar o projeto pedido pelo arcebispo.

Em 10 de Julho de 1960, nos umbrais da Igreja de Santa Teresinha, logo após officiar a missa, Dom Henrique Golland Trindade, anunciou sua disposição em verter trabalhos para que fosse instalado um bispado em Bauru.<sup>615</sup> O comunicado foi feito numa celebração que, além do povo, agregava autoridades eclesiásticas, militares e civis, dentre as quais, o prefeito da cidade, Irineu Bastos. Diante da promessa, ele prontamente externou sua alegria pela alvissareira notícia e comprometeu-se com a “efetiva colaboração para tornar possível uma rápida concretização do prometido.”<sup>616</sup> Ao ver do mandatário municipal, a criação de um bispado era uma “característica fundamental de civilizações próximas de Deus.”<sup>617</sup> Nota-se que a diocese de Bauru será nata a partir de uma proposta do arcebispo,<sup>618</sup> catalisando o desejo velado do clero. Sua gestação se dará entrementes a celebração e as ideias nascidas do Vaticano II que fecundará esse processo e secundada pelo apoio de poderes públicos. Uma dialética que refletirá os passos até a oficial criação da diocese.

Sob o intento de preparar as bases da fundação do bispado de Bauru, Padre Paulo Koop esmerou-se para conquistar o patrimônio necessário e formar a consciência da população e do clero para essa nova etapa da história eclesial. Como dito, o Vigário Decano serviu-se do jornal *A Fé* para consolidar sua ingente missão. Em seus arrazoados, Bauru deveria transformar-se em diocese “porque tinha se tornado importante centro de intercâmbio econômico-social. Possuía fervor religioso[...].”<sup>619</sup> Ademais, fatos como sua expansão populacional, ocupar estratégico ponto de interligação rodoviária e eixo de entrecruzamento de importante malha ferroviária, bem como, ter cidades sufragâneas que dependiam de seu potencial econômico e estar a relativa distância de outras sedes diocesanas<sup>620</sup>, convergiam a criação de um bispado. Ante tais características, a ereção da sede episcopal, a cidade de Bauru teria o benefício de “ser uma parte do território da

<sup>615</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1.

<sup>616</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1.

<sup>617</sup>ANUPHIS – BASTOS, Irineu. Prefeitura do Município de Bauru. *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1.

<sup>618</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1: [Dom Henrique Golland Trindade: “[...] num encontro pessoal com Exmo. e Revmo. Sr. Nuncio Apostólico tocou (non sine motione spiritus sancti) no assunto de uma possível sede de bispado em Bauru, tendo o Sr. Nuncio respondido imediatamente: Bauru será sede de bispado se, quando e como V. Excia. Revma. quiser! Dom Frei Henrique manifestou, então seu real desejo que fosse. Solicitou aos párocos que procedessem a formação de uma comissão preparatória” (itálico no Original)]

<sup>619</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1.

<sup>620</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1.

Igreja católica, de vida PRÓPRIA, subordinada diretamente à Santa Sé.”<sup>621</sup> O que resultaria numa “elevação das mais dignificantes na ordem vertical dos valores espirituais, com benéficas consequências para todos os setores de sua vida humana.”<sup>622</sup>

Numa série de artigos, Padre Paulo Koop busca aguçar a sociedade bauruense para aquilo que era necessário para a fundação do bispado. Entre as necessidades mais prementes estavam: a consolidação de patrimônio estável e sensível para sustentar o sólio episcopal, a aquisição de terreno para a construção de uma residência para o titular da Sé e do Seminário diocesano, bem como, a consequente manutenção de ambos. A esta tarefa, na compreensão do Vigário Decano, todos os padres de Bauru e das cidades do futuro bispado, leigos e autoridades militares e políticas deveriam estar imbricadas.

Aos leigos que Koop associa a essa missão na perspectiva de colaboração, compete verter esforços para prover recursos para o projeto de um bispado em Bauru. O Vigário Decano, sob o influxo de uma perspectiva eclesial dicotômica, acredita que “ao sacerdote cabe orientar e fiscalizar e ao laicato colaborar e sustentar”<sup>623</sup> pois “dupla é a responsabilidade do leigo na Igreja: a obediente colaboração com a hierarquia no ensino e na assistência litúrgica e social; e o cuidado econômico-financeiro-administrativo da Igreja”.<sup>624</sup> Portanto, no processo de consolidação do bispado o premido papel desse grupo é conquistar recursos, ao menos inicialmente. A doação do terreno e a construção para residência episcopal por leigos da sociedade bauruense<sup>625</sup> e o hipotético pedido de 10 cruzeiros por católico batizado em cada missa<sup>626</sup>, adensam essa ideia.

À questão da manutenção da diocese e consolidação de um patrimônio estável para essa Igreja, foi apresentada uma proposta de tributação inspirada num percentual de trinta por cento das receitas de todas aquelas paróquias que iriam pertencer ao futuro bispado.<sup>627</sup> Chamavam-no de dízimo e cada paróquia deveria constituir uma comissão para esse serviço. Tratava-se de uma novidade rediviva para aquela época de inspiração bíblica e que criaria no povo “a necessária consciência comunitária cristã, o espírito de co-responsabilidade e de amor à causa de Cristo no mundo e sua Igreja.”<sup>628</sup> Esse dispositivo, gozaria de estrutura e planejamento bem definidos, articulados e

<sup>621</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparando a Criação do bispado. *A Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>622</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparando a Criação do bispado. *A Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>623</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O Papel dos Leigos. *A Fé*. Bauru, 3 set. 1961, p. 4.

<sup>624</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O Papel dos Leigos. *A Fé*. Bauru, 3 set. 1961, p. 4.

<sup>625</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado. *A Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>626</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Os Edifícios eclesiásticos *Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>627</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado. *A Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3; KOOP, Pedro Paulo. Os Edifícios eclesiásticos *Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>628</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparando a Criação do bispado. *A Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

concatenados em todas as paróquias.<sup>629</sup> Tal fonte, resolveria “ordinariamente o sustento das obras diocesanas de primeira necessidade, sem desprezar-se o esforço de obter mais outras rendas[...]”<sup>630</sup> Ao que tudo indica parece que o dispositivo funcionou relativamente bem e fecundou, tempos depois, a ideia de dízimo como uma regra evangelicamente inspirada em oposição às malfadadas taxas sacramentais.<sup>631</sup>

No processo de constituição do bispado, os poderes públicos, tanto municipal como estadual, com os quais Koop gozava de trânsito, foram arrolados e aportaram colaborações. O Vigário Decano fez petição pública de uma ampla área para a construção do seminário<sup>632</sup> que era uma das grandes necessidades para a ereção da *Sé* de Bauru. Após duas sessões da câmara municipal, o projeto de lei proposto pelo prefeito Irineu Bastos, concedeu a mitra arquidiocesana de Botucatu, *sub conditione* de conservar o rio que cortava a propriedade e da construção do seminário no prazo máximo de cinco anos, uma ampla faixa de terra.<sup>633</sup> Ademais, o erário público estadual, através do deputado estadual Nicola Avallone Junior, aportou uma volumosa soma de cinco milhões de cruzeiros para compor o patrimônio da futura diocese.<sup>634</sup> O valor em concreto, era o que Padre Koop julgava necessário para manutenção de um ano letivo no seminário.<sup>635</sup> De posse do dinheiro do governo do Estado, em 11 de julho de 1962, abertura do Concílio, Koop recebe a escritura definitiva do terreno, que deveria ter sua construção levada a cabo pelas cidades que comporiam o espectro da futura diocese, “madrinhas” de pavilhões das construções.<sup>636</sup>

Tendo aquelas condições que eram basilares para a consolidação do Bispado de Bauru sido atendidas e após quase quatro anos, finalmente foi criada a diocese com bula datada de 15 de fevereiro de 1964 e anúncio oficial feito às vésperas da Páscoa, no sábado

<sup>629</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O resto tudo é livre... **A Fé**. Bauru, 12 nov. 1961, p. 3.

<sup>630</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado. **A Fé**. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>631</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A coleta dominical: **A Fé** Bauru, 22 out. 1961: Às taxas desejamos uma morte suave, mas certa. Devem ser ab-rogadas aos poucos como superadas e antiquadas. As taxas ou contribuições tabeladas [...] implicam algo que diminui o respeito as funções sagradas, fazem avaliar erroneamente os santos sacramentos e sacramentais e ferem o caráter comunitário da família de Deus. [...] Na questão dos estipêndios da missa vigora uma mentalidade errada. Parece que nosso povo, ao encomendar uma missa, pensa em termos de fornecedor e freguês. Acha que, pagando um estipêndio, adquire o domínio completo da missa, passando esta a ser propriedade sua, exclusiva e particular [...]”.

<sup>632</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os Edifícios eclesiásticos **Fé**. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>633</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Alea Jacta Est! **A Fé**. Bauru, 24 Dez. 1961, p. 4a.

<sup>634</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Cheque de 5 Milhões entregue para o futuro bispado Local. **Diário de Bauru**. Bauru, 24 out. 1963.

<sup>635</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Sacerdotes e Edifícios **Fé**. Bauru. 17 set. 1961, p. 3: A menino algum, a rapaz algum, apto e preparado, com claro indícios de vocação sacerdotal, poderá ser recusada a entrada no seminário por causa de dinheiro. Ai que o bispado tem que completar o que falta[...] a média anual, então, deve ser fixada em 5 milhões de cruzeiros. Dinheiro haja...”

<sup>636</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os Edifícios eclesiásticos **Fé**. Bauru, 3 set. 1961, p.4.

Santo, dia 28 de março daquele ano,<sup>637</sup> que seria ainda marcado pelo golpe militar.<sup>638</sup> Compunham seu território, desmembrado do bispado de Lins, as cidades de Arealva, Avaí e Iacanga; Da sede metropolitana, Agudos, Boracéia, Cabrália Paulista, Duartina, Gália, Lucianópolis, Pederneiras, Piratininga e Bauru que emprestava nome ao bispado. Eram mais de 250 mil habitantes dos quais, 91% eram católicos. Gozava de um clero com quarenta e sete padres, entre seculares e religiosos, uma média de um padre para cada cinco mil católicos.<sup>639</sup> Para seu primeiro bispo, foi nomeado a figura do canonista e auxiliar da arquidiocese de São Paulo, Dom Vicente Ângelo Marchetti Zioni. A instalação oficial ocorreu em 17 de maio, festa de Pentecostes, orago da catedral e da diocese. Tanto no anúncio da criação do Bispado, quanto da instalação da diocese, a figura de Padre Paulo Koop foi destacada. Dom Henrique Golland Trindade, em artigo transcrito, no livro *Tombo da catedral*, atesta que sem os esforços de Padre Pedro Paulo Koop “Bauru ainda não seria diocese.”<sup>640</sup> Dom Vicente Zioni, bispo eleito de Bauru, em sua primeira missiva pastoral, agradeceu ao Sacerdote Holandês, por “sua dedicação sacrifício e serenidade”<sup>641</sup> em favor do bispado. O jornal *A Fé*, na figura do diretor do Centro Radiofônico Franciscano, Frei Hugo Baggio externou:

Ao lado do arcebispo avulta a figura do entusiasta Padre Pedro Paulo Koop, MSC, verdadeiro construtor da nova diocese. Quantos passos pelas ruas da cidade, quantas batidas às portas daqueles que poderiam ajudar, quantos apelos a todos quantos sentiam a necessidade de tal benefício, quantas horas de insônia, calculando espiritual e materialmente as possibilidades da nova circunscrição eclesiástica, quantos brados do púlpito e do jornal a todos os futuros diocesanos de Bauru. Pode hoje descansar: atingiu a meta!<sup>642</sup>

Deve-se ponderar que, embora Koop tenha atingido a meta com a criação da diocese de Bauru e que isso tenha sido largamente reconhecido por várias personalidades, a constituição desse bispado não foi apenas a aquisição de patrimônio, imóveis e

---

<sup>637</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Ao povo. *A Fé*. Bauru, 3 maio 1964, p. 1; ACDESB –**Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 64; APNSAB - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Bauru. **Livro Tombo**. Bauru-SP, p. 22v.

<sup>638</sup>Cf. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru”** – 1964-1994. EDUSC: Bauru, 1998, p. 17: A criação da diocese de Bauru deu-se no contexto histórico do golpe de Estado em 1964, quando a Igreja se posicionou, momentaneamente, ao lado da ditadura militar; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes? O caso de Botucatu**. Editora Santuário: São Paulo, 1996, p.153: “O contexto histórico de Criação da diocese de Bauru é por demais significativo. É uma década de transição nas estruturas da Igreja católica e do Estado Político brasileiro.

<sup>639</sup>Cf. CATHOLIC HIERARCHY. **Diocese of Bauru**. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20181201222834/http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dbaur.html#stats>. Acesso em 19.08.2020

<sup>640</sup>ACDESB –**Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 64.

<sup>641</sup> ACDESB –**Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 80v.

<sup>642</sup>ANUPHIS - BAGGIO, Hugo. Ergue-te Bauru. *A Fé*. Bauru, 17 maio 1964, p. 1.

estruturas. Antes ela foi mediada por uma série de transformações que estavam em curso no seio da Igreja. Mudanças decorrentes do Concílio Vaticano II que, da sua preparação até sua antepenúltima sessão, foram celebradas concomitantes as articulações da criação do novo sólio episcopal. Essas mudanças fecundaram a consciência de parte do clero e convergiam para a formulação de conceitos eclesiológicos que despontaram em ideias para criação do Bispado. Paulo Koop foi o paladino de muitas dessas ideias e encetou fragmentos do processo de recepção do Concílio, como aprofundaremos nos capítulos seguintes.

Contíguo aos júbilos celebrados com a constituição do Bispado, pouco menos de três meses da instalação dessa sede diocesana, uma alvissareira notícia tomou a cidade de Bauru. Padre Pedro Paulo Koop, M.S.C havia sido nomeado bispo de Lins, em substituição a Dom Henrique Gelain, transferido para a Sé de Vacaria no Rio Grande do Sul. O Livro Tombo da catedral do divino Espírito Santo, assim registrou o fato: “**explodiu como uma bomba** a notícia [...]de que o Santo Padre Paulo VI havia escolhido o Revmo. Sr. Padre Pedro Paulo Koop, para bispo residencial de Lins.”<sup>643</sup> A outra paróquia da cidade, confiada a congregação do religioso, pontuou: “Embora reconheçamos as altas qualidades do Rev. Pe. Pedro Paulo Koop quando da sua atuação em frente da comunidade católica de Bauru[...]chegou-nos **inesperadamente** no dia 1 de agosto de 1964 a fausta notícia da nomeação de Pe. Pedro Paulo para bispo de Lins.”<sup>644</sup> Através dos registos dos vigários das duas paróquias, nota-se pela exasperada noção de surpresa que, embora verdadeiramente devotado a causa do bispado de Bauru, Padre Paulo Koop não nutria aspiração ao episcopado, não era voz corrente que publicamente ou em bastidores tal veleidade lhe consumisse. Seu serviço era, como afirmou Dom Henrique quando da criação do bispado, “sem nenhum interesse”.<sup>645</sup> Koop, ao menos ao que parece, tornou-se bispo por fidelidade a Igreja e como um serviço a ela, admitindo que muito “lhe confundem as razões da sua elevação ao episcopado”<sup>646</sup> [...] e pelas quais ele testemunha que vive: “a maior tensão de minha vida, minha alma está contrita.”<sup>647</sup>

Quatro dezenas de dias passaram até a data da ordenação Episcopal, festa da natividade de Maria, oito de setembro de 1964, pouco mais de seis meses do golpe militar. Além de uma multidão de fiéis, expressivo número de autoridades civis, de religiosas,

---

<sup>643</sup>ACDESB –**Livro Tombo – 3.** Bauru-SP, p. 64. (Grifo Nosso)

<sup>644</sup>APNSAB - **Livro Tombo.** Bauru-SP, p. 23.

<sup>645</sup>ACDESB - **Livro Tombo – 3.** Bauru-SP, p. 64.

<sup>646</sup>APSTB - **Livro Tombo I.** Bauru-SP, p. 12v.

<sup>647</sup>APSTB - **Livro Tombo I.** Bauru-SP, p. 12v.

confrades, sacerdotes e bispos se fizeram presentes a celebração que tinha na figura do núncio apostólico, Dom Sebastião Baggio, o ordenante principal ao lado de Dom Henrique Golland Trindade e Dom Vicente Ângelo Marchetti Zioni que co-presidiam a ordenação. O livro tomo<sup>648</sup> da paróquia Santa Teresinha descreve em vivas cores a cerimônia. Transparece que foi uma cerimônia nos moldes elementares da época celebrada sob o “magnífico e tradicional Ritual consecratório” transvestido sob a “majestade dos paramentos pontifícios, tanto misteriosos e enigmáticos à compreensão dos nossos dias.” O novo bispo, “tinha a alma repleta da presença inamovível do Espírito Santo, revestido com as insígnias episcopais, o *Ecce sacerdos magnus*.” Ao final da celebração, Dom Pedro Paulo Koop “agradece humildemente a graça recebida e ao receber os cumprimentos despede-se dos fiéis e paroquianos, deixando-os beijar o anel.” Trata-se de uma celebração tradicional, pautada pelo simbolismo do rito católico, por suas vestes esplendentes, por seus gestos peculiares (beijar o anel) e por sua liturgia ainda demasiadamente carregada. Não transparecia, ainda, as lufadas de renovação litúrgica sobejadas pelo Concílio em curso.

No dia seguinte a sua ordenação, Dom Pedro Paulo Koop pontificou missa na Catedral do Divino Espírito Santo. Foi largamente homenageado por várias entidades católicas. Ao final da missa, despediu-se definitivamente de Bauru com vista a sua mudança futura para Lins. Antes, porém dessa parada final no bispado para o qual foi eleito, o novo bispo deveria tomar parte da III sessão do Concílio Vaticano II. Junto com Dom Vicente Ângelo Marchetti Zioni, seguiu para São Paulo, depois para o Rio de Janeiro onde tomaram um avião rumo a cidade eterna, Roma. Esse fato, diferente da frase em francês com a qual o novo pároco da Paróquia Santa Teresinha, Frederico Van Lewenve, encerrou seu registro sob a ordenação<sup>649</sup> e a partida dos bispos para o Concílio - *c'était la fin d'un beau pours(sic)* - não marcava o fim de uma linda história, antes o contrário, definia o início uma nova e bela época - *c'était le début d'une belle époque* – desta vez sob o pálio do Vaticano II e da sua recepção.

### **Conclusão parcial**

À guisa de conclusão parcial deste primeiro fragmente da tese, pode-se dizer, a partir das fontes acessíveis, que foi possível traçar um perfil panorâmico acerca dos traços biográficos de Pedro Paulo Koop, do nascimento à eleição ao Sólido Linense. A

<sup>648</sup>Cf. APSTB - Livro Tombo I, p. 12v.

<sup>649</sup>Cf. APSTB - Livro Tombo I, p. 12v.



perspectiva assumida de resgatar a tensão natural entre indivíduo e contexto, permitiu, não de maneira absoluta, aportar respostas mais claras sobre a figura desse sacerdote holandês e de muitas de suas opções.

O itinerário proposto de narrativa, migrando entre os dois continentes, favoreceu entender as raízes e fontes que nutriram, em muitos aspectos, a figura de Padre Paulo Koop. Nota-se que, membro de uma família numerosa, forjada num contexto de profundo fervor religioso, era natural que nesse ambiente germinassem vocações à vida sacerdotal e religiosa, como, de fato, aconteceu com ele e mais duas de suas irmãs. A opção por uma congregação missionária, popular em sua região, deveu-se ao fecundo ambiente e ao singular prestígio que a atividade missionária gozava nos Países Baixos. Ademais, o mecanismo de financiamento dos estudos, criado pelos Missionários do Sagrado Coração (Pequena Obra) foi elemento relevante neste processo de decisão.

No campo formativo, Koop recebeu uma instrução clássica. Ingressando ainda púbere num seminário e buscando preparar-se para o ministério sacerdotal foi inserido no modelo de formação atinente a essa opção. Recebeu formação em línguas clássicas e modernas. Aproximou-se da cultura, da arte e da estética universal. O estilo formativo, marcado pela disciplina e pelo asceticismo, imprimiu-lhe hábitos que forjaram sua conduta e seu estilo de vida, no aspecto social e espiritual. Recebeu formação religiosa de matiz inaciana (discernimento e eleição), fruto do espírito de sua congregação que primava por esse acento, sobretudo no noviciado. Sua formação teológica, embora escapem alguns elementos, como era próprio de sua época, foi pautada por uma estrutura tomista e manualística em muitos aspectos, inclusive moral.

No espectro da formação no escolasticado, travou contatos com as missões de sua congregação. Entendia, por isso que seu futuro, dificilmente seria permanecer em sua terra natal. Sua opção, contudo, era para trabalhar no continente Asiático. A vinda para o Brasil resultou, num gesto de obediência aos superiores e decorreu de uma casualidade da história (súplica de uma mãe). Também nessa etapa formativa Paulo Koop, recebeu as ordens sacras, tanto menores quanto maiores, concluindo seu processo formativo inicial. Convém dizer que a qualidade formativa do sacerdote holandês e sua têmpera missionária foram elementos que transpareceram em sua atuação no Brasil

Os anos nas terras brasileiras, antes de tornar-se bispo de Lins, foram marcados por intensa e sofisticada verve pastoral, por um dedicado e acurado apostolado no mundo dos meios de comunicação. Após atuar em Itajubá, Pirajuí e Presidente Alves no espectro estritamente pastoral, o conselho da missão holandesa no Brasil, entendendo que Padre

Pedro Paulo Koop gozava de grande capacidade de organização e articulação, o constituiu promotor de obras de particular relevância para a congregação. Nesse campo, ele levou a cabo a articulação da Revista Anais de Nossa Senhora e da Pequena obra do Sagrado Coração. A primeira era devocional ao passo que a segunda, vocacional. Ambas as atividades revelavam seu compromisso com a sua congregação e, simultaneamente, transpareceriam ideias e concepções eclesiológicas e pastorais de Koop. Seu pensamento teológico e eclesiológico, neste momento, é marcado pela influência restauracionista de Pio XII. Sua visão de mundo, sobretudo em se tratando de vocações, é herdeira de uma perspectiva maniqueísta. De modo tácito, o presbítero holandês, transparece nas páginas da revista uma acurada inclinação para a reflexão teológica, sobretudo quando se trata de mariologia, particularmente sobre o orago da Revista. Há uma intensa produção literária por ele consolidada nesse período.

Ainda nessa linha, um aspecto relevante na moldura que se traçou de Padre Paulo Koop foi seu intenso e contínuo uso dos meios de comunicação do seu tempo. Em Campinas, iniciou-se essa missão a frente da Revista Anais e da Pequena Obra. Na capital paulista aprofundou seu trato com imprensa escrita à frente da mesma Revista e espraiou sua ação para o Rádio. Ciente da força desse meio de comunicação deu início com o escopo de popularizar e expandir a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração, a veiculação pelas ondas da Rádio Nove de Julho da novena à padroeira de sua Congregação. Em Bauru, lugar onde viveu a segunda metade de seu ministério como sacerdote, foi alcunhado de Padre-jornalista. De fato, ele fez renascer o periódico *A Fé* e desde muito cedo fez uso das ondas do Rádio Clube de Bauru para transmitir formação, oração e articulações pastorais. Padre Paulo Koop foi um exímio escritor e locutor, presume-se, também, que ávido leitor. Como demonstrou em seus artigos no jornal *A Fé*, suas posturas, não raro eram bem fundamentadas e fruto de uma acurada reflexão a luz da tradição da Igreja e dos desafios que o tempo exigia. Serve como exemplo a preocupação com o projeto de educação proposto na década de cinquenta pelo Governo Federal. Também sua consistente reflexão em vista da criação do bispado de Bauru ou seus fortes argumentos postulando uma moral de decoro e respeito, dentro da lúdima tradição da Igreja, para a população Bauruense.

Sobre Padre Pedro Paulo Koop uma outra característica que sobressai, mesmo dentro do contexto sócio eclesial de cunho assistencial, é uma real preocupação com a promoção humana. Em São Paulo, nota-se esse elemento fundido com o serviço da Ação Católica, particularmente ao tornar-se diretor dos Círculos Operários. Preocupado

sobretudo coma situação dos operários, criou junto com a Legião Brasileira de Assistência, um restaurante popular para trabalhadores da região do Brás, zona Leste de capital Paulista. Confirma-se essa sensibilidade ainda, na fundação de casas para garantir a filhos de operários ou a menores abandonados uma assistência educacional, um acompanhamento social aprofundado e instrução sanitária básica, como foi o caso das instituições Casa da Criança em São Paulo e a Casa do Garoto em Bauru. Embora as obras, em última instância destinassem a transformar a vida das crianças, nota-se que não eram, em gênese, um grito contra a injustiça social que grassava na sociedade de então.

As linhas escritas da biografia de Paulo Koop de Hillegom até a eleição ao bispado de Lins, revelam uma capacidade de liderança e pastoreio. Nas descrições feitas em livros tombos e trechos de jornais, mormente em Pirajuí, Presidente Alves, São Paulo e Bauru, o sacerdote é descrito como alguém terno, organizado e firme. Essas virtudes talvez tenham sido o *leitmotiv* que o alçaram a missão de fundar e organizar a Revista de Nossa Senhora do Sagrado Coração, a arquiconfraria de mesmo nome e a Pequena Obra. De igual modo, levou-o a ser eleito por razões pessoais para a função de vigário Forâneo, a qual entre outras coisas, lhe fazia ser voz segura da diocese de Botucatu em Bauru e a articular ações de dimensões supra paroquiais, como Missões Populares, Semanas de Catequese, debates em nível regional sobre a questão da reforma do Ensino básico, entre outros.

Certamente, essa função – Vigário Forâneo – aliada ao senso prático e atento de Koop, fez-lhe encetar um projeto de evangelização voltado para descendentes de Japoneses que viviam em grande número em sua paróquia e em toda região do noroeste paulista, ao longo da estrada de ferro. Foram suas ideias que forjaram as bases de uma evangelização sistemática e continuada voltada para a comunidade nipo-brasileira. Ademais, esse seu tino executivo e pragmático que o fez desenhar e fecundar as condições para a criação do bispado de Bauru.

Grosso modo, a personagem histórica de Padre Paulo Koop é uma figura que catalisou, ao longo da vida, experiências que o forjaram decisivamente. A clássica formação recebida na congregação e a vida devota familiar em que foi criada deram-lhe tempera mística e erudita. O pendor missionário de sua Congregação e o sentido prático de seu serviço, aferiram-lhe a capacidade de fruir em projetos desafiadores e de grande envergadura. A atenção aos sinais de seu tempo, sua arguta e perspicaz sensibilidade para discernir as necessidades da Igreja, foram os catalisadores do seu olhar sempre afeito a buscar um jeito mais fecundo de evangelização. Esse perfil, essas qualidades - e também

os limites – foram os responsáveis pelo entendimento e pela recepção que o Padre e o Bispo, Pedro Paulo, fizeram do Vaticano II.

## II - CAPÍTULO

### O PERSONAGEM E O CONCÍLIO: O Padre e o Bispo Pedro Paulo Koop sob o pálio do Vaticano II

#### Introdução

O presente capítulo visa expor, em contiguidade ao precedente e dentro do plano geral desta tese, a relação de Padre Pedro Paulo Koop com o Vaticano II. Partindo do conhecimento anteriormente adquirido sobre a vida do personagem, de sua infância à sua eleição ao episcopado, o escopo desta sessão é estreitar o raio de estudo, “o nível de observação”<sup>650</sup> sobre esta figura, desvelando sua relação com o Concílio convocado por João XXIII. Trata-se, na perspectiva da micro-história defendida pelo historiador francês Jacques Ravel, de perceber na experiência de um indivíduo particular, uma modulação pessoal da história global. Não uma versão parcial ou atenuada, mas sim uma variante singular de um evento maior, narrado a partir de um ator menor.<sup>651</sup> Buscar-se-á, desse modo, revisitar e interpretar as sendas trilhadas pelo Religioso Missionário do Sagrado Coração buscando traçar o modo como ele entendeu e operacionalizou os ventos de mudanças soprados antes (1948-1958) e durante o Concílio Vaticano II (1962-1965). Um evento global, analisado a partir de uma perspectiva local, pessoal.

O objetivo principal, portanto, deste fragmento é reconstruir o cenário vivido por Paulo Koop no período que antecedeu e que se celebrou o Concílio Vaticano II. Partindo do tempo imediatamente após a chegada de Dom Henrique Golland Trindade na diocese de Botucatu e findando com encerramento da assembleia conciliar, em dezembro de 1965, quando Pedro Paulo Koop já figurava como padre conciliar e bispo de Lins. Essa opção favorece o entendimento, particularmente no que diz respeito ao Vigário Forâneo de Bauru, das condições que o moveram e convergiram para formular uma compreensão do Vaticano II. Esse movimento de apropriação e de divulgação do Concílio que se apresentará nas páginas a seguir, de certo modo e em germe, já antecipam um processo de recepção, entendido a partir da perspectiva do teólogo canadense, Gilles Routhier,

---

<sup>650</sup>RAVEL, Jacques. **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1ª ed. 1998, p. 27.

<sup>651</sup>Cf. RAVEL, Jacques. **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1ª ed. 1998, p.27-28.

como fase canônica ou primitiva da recepção<sup>652</sup> isto é, a da publicização e ou divulgação dos temas.

Metodologicamente adota-se, para a divisão deste capítulo, a ideia de que qualquer evento na Igreja que goza de prerrogativas de marcá-la de maneira consistente e duradoura, para ser entendido, deve ser analisado em aspectos mais amplos.<sup>653</sup> Assim a compreensão do Concílio Vaticano II e o modo como Pedro Paulo Koop o percebeu, deve observar os passos anteriores ao evento, a preparação. Igualmente o acontecimento em si, suas conclusões, expressas nos textos finais e a sua recepção nas diversas realidades locais, mormente em Botucatu e Bauru, posteriormente, em Lins.

Desse modo, na primeira fração deste texto apresenta-se o ambiente pré-conciliar marcado por aquilo que normalmente foi interpretado como elementos que contribuíram para a preparação do Vaticano II, isto é, os movimentos bíblico, litúrgico e ecumênico e como eles se apresentam na Igreja do noroeste paulista. A figura vultuosa do Bispo e, posteriormente, arcebispo de Botucatu granjeia especial destaque neste processo, influenciando positivamente transformações inspiradas por esses movimentos em sua diocese, com especial incidência na cidade de Bauru, do qual Padre Paulo Koop é Vigário Decano e principal articulador dessas transformações nesse lugar.

Após a convocação do Vaticano II por João XXIII em 1959, um intenso período de preparação e movimentações se desencadeou, ficando conhecido como antepreparação e preparação imediata do Concílio. Esse lapso temporal é o foco da segunda sessão deste capítulo. Buscar-se-á apresentar como o decanato de Bauru e seu Vigário Decano, pelas páginas do jornal *A Fé*, deram vazão à essa fase que antecedeu a celebração do Vaticano II. Trata-se de um processo marcado por uma cadência própria que vai desde um abissal silêncio a uma intensa série de artigos, propostos pelo Padre Paulo Koop, que visavam dar visibilidade a assembleia conciliar, passando por atividades de cunho devocional – novenas, terços, procissões – em vista da realização do evento.

O primeiro período, presidido pelo Papa Bom, assim como o segundo, conduzido por Paulo VI, e seus reflexos na arquidiocese de Botucatu e no decanato de Bauru, são o mote do terceiro fragmento desta sessão. Tenta-se mapear, nesta fração, os debates

---

<sup>652</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 77; ROUTHIER, Gilles. La ricezione del concilio: Mentalità, soggetti e tempo de un percorso laborioso. **Pixtis&praxis**. Curitiba. v. 4, n. 2, jul/dez. 2012, p. 477.

<sup>653</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. Medellín: Inspirações e raízes. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 58, fasc. 232, dez. 1998, p. 829.

conciliares e o modo como eles são percebidos no decanato que Padre Koop é responsável. Transversalmente, aponta-se como o projeto de consolidação do bispado de Bauru foi fortemente influenciado pelos movimentos de renovação da Igreja no Brasil e do Vaticano II.

Respectivamente, o terceiro e quarto período do Vaticano II e sua relação com a figura e a atuação do Bispo de Lins, Dom Pedro Paulo Koop, são ao quarto e o quinto extratos deste capítulo. Em ambos busca-se discutir a atuação do titular da diocese de Lins nos umbrais da Basílica Vaticana, dentro das Congregações Gerais. Dá-se um acento especial, na quarta parte, aos passos iniciais do novo bispo no universo da assembleia conciliar e às redes que ele foi tecendo ao longo da sessão. Igualmente aponta-se sua entrada no bispado de Lins e a construção daquilo que viria a ser o fundamento da sua intervenção na última sessão.

Fragmento final deste texto – quinta parte deste capítulo – persegue o mesmo ideal do anterior, desta feita destacando a relação de Dom Paulo com o último período da assembleia conciliar. Será explorado, entre outros, o ambiente do quarto período e as querelas que se formaram acerca de sua intervenção escrita sobre os *vir probati*, depositada na secretaria conciliar. Aprofundar-se-á, igualmente, o documento de estudo que fundamentou a sua argumentação em favor da criação de um clero suplementar, formado por homens casados.

Deve-se, por fim afirmar que a reconstrução desses passos metodológicos, tal como na sessão anterior, não se pauta por uma visão finalista e retrospectiva que encadeia fatos e acontecimentos a partir de um dado futuro já conhecido.<sup>654</sup> A rigor, busca-se, dentro dos limites de toda reconstrução histórico-teológica, revelar a reflexão e os fatos dentro do seu contexto, lidos dentro de suas condições de realização, pois somente nesse esforço é possível compreender a relação de Pedro Paulo Koop com o Concílio que foi secundado, em grande medida por aquilo que os movimentos de renovação eclesial anteriores ao Vaticano II proporcionaram.

---

<sup>654</sup>Cf. COSTA, Patrícia Claudia da. Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, set./dez. 2015, p. 65.

## 1 ENTRE PIO XII E JOÃO XXIII: Pedro Paulo Koop e os movimentos de renovação na (arqui)diocese de Botucatu anteriores ao Vaticano II (1948–1958)

Após nove longas horas de convalescência e sofrimentos por causa de uma grave enfermidade, Pio XII faleceu na residência de férias dos Papas em Castel Gandolfo. Diante de tão pesarosa notícia, lamentou, inspirado pelo poema medieval *Stabat Mater*, Padre Paulo Koop dizendo: “*Quis non fletet?!... quem não choraria a perda desse potentíssimo refletor da luz da verdade, [...]da fascinante e tão doce presença de Cristo no mundo!!!*”<sup>655</sup> Era nove de outubro de 1958. Contíguo aos ritos fúnebres, foi convocado o conclave para eleger o sucessor de Eugênio Pacelli.<sup>656</sup> Reunidos entre os dias vinte e cinco e vinte oito daquele mesmo mês, cinquenta e três cardeais, no décimo primeiro escrutínio, elegeram no terceiro dia de conclave, como bispo de Roma, o patriarca de Veneza, o camponês nato em Sotto Il Monte, doravante nomeado de João XXIII. Um cardeal que, se figurava entre os *Papabilles*, era em escala tão pouco adensada que se apresentava como uma escolha muito improvável, “*Papabile solo con risierva*”.<sup>657</sup>

Nas entrelinhas e nos bastidores, comentava-se que o novo pontífice, pela idade (76), pelo currículo modesto(menos curial) em relação ao seu predecessor e por outros inúmeros fatores, seria apenas um Papa de breve pontificado que faria um consciencioso processo de transição.<sup>658</sup> A eleição do novo Bispo de Roma era uma alternativa a nomes que não gozaram de pleno consenso entre os purpurados, como o cardeal Giuseppe Siri.<sup>659</sup> Ângelo Roncalli, portanto, era essa figura que, catalisando tendências, serviria para moldar a passagem entre o altivo e hierático Pio XII em seu longo pontificado e um outro pontífice da mesma lavra, eleito posteriormente. Esse processo, do qual o cardeal de Veneza seria protagonista, deveria ser secundado por um período transitório e sem muitas

<sup>655</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. *Quis non Fletet?! A Fé*. Bauru, 12 out. 1958, p. 1. (Itálico no original)

<sup>656</sup>MELLONI, Alberto. **Como se elege um Papa: História do Conclave**. São Paulo: Paulinas, 2002, p. 125- 143.

<sup>657</sup>SOUZA, Ney; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. **Teocomunicação**: Porto Alegre v. 44 n. 1, jantar, p.14. 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/18264>. Acesso em: 16 set. 2020. (Doi: <https://doi.org/10.15448/1980-6736.2014.1.18264>).

<sup>658</sup>Cf. ALBERIGO, Giuseppe. **Ângelo José Roncalli, João XXIII**. São Paulo: Paulinas, 2000, p.159; ALBERIGO, Giuseppe (Org). *História del Concílio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962*. v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 18; ZIZOLA, Giancarlo. **Il conclave, storia e segreti**. Roma: Newton Compton, 1993, p. 216-238.

<sup>659</sup>Cf. SOUZA, Ney de; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. **Teocomunicação**: Porto Alegre v. 44 n. 1, jan-abr, 2014, p.14. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/18264>. Acesso em: 16 set. 2020. (Doi: <https://doi.org/10.15448/1980-6736.2014.1.18264>).



movimentações no curso secular da instituição católica.<sup>660</sup> O próprio João XXIII deu a entender que grassava entre os seus pares essa ideia de transitoriedade a seu respeito.<sup>661</sup> O cardeal brasileiro, arcebispo do Rio de Janeiro, Dom Jaime Barros Câmara, ao comentar o conclave que elegeu o Papa, colocou na boca do bispo de Roma que inclusive o nome que por ele fora escolhido, condensava uma ideia, isto é, a de que “quase todos os de nome João [tinham] pontificado muito breve.”<sup>662</sup> Igualmente, esperava-se que ele ao aceder ao sôlio petrino não fizesse alteração alguma no leito da Igreja, afinal fora eleito apenas por ser “uma figura sem maiores consequências.”<sup>663</sup>

No período da morte de Pio XII e da eleição de João XXIII, Padre Pedro Paulo Koop trabalhava em Bauru, como apontou-se na sessão anterior. Já era um sacerdote aclimatado e inserido na dinâmica da Igreja no Brasil. Era vigário Forâneo de um dos decanatos do arcebispado de Botucatu e profundamente envolvido com a vida eclesial da arquidiocese recentemente elevada a essa dignidade<sup>664</sup> pelo Papa que acabara de falecer, Pio XII. Ele estava, ao menos ao que indica, longe das discussões palacianas que se travavam nos umbrais da Cidade Eterna acerca da eleição de João XXIII. Assim, o religioso Missionário do Sagrado Coração apostava na longevidade do novo pontificado e destacava virtudes do Pontífice eleito, entre as quais a capacidade de dialogar com todas as classes, particularmente com os humildes, sua preocupação com a ordem social e, sobretudo, sua identificação com a figura do bom Pastor, “*Pastor et Nauta*”<sup>665</sup>

O novo Papa tem idade avançada (76 anos), mas sempre gozou de ótima saúde. Sua força, robustez e jovialidade preanunciam um pontificado longo. É homem de grande inteligência, grande cultura e grande coração. Distingue-se pelo amor aos estudos e ao mesmo tempo pela sua preocupação de ordem social. Sempre amou o apostolado seguindo todas as exigências modernas. Identifica-se facilmente com toda as classes, destaca-se sempre pelo amor aos humildes e pela sua indulgência igual para amigos e inimigos. É o protótipo de um ‘pastor completo’ e declarou um

<sup>660</sup>Cf. SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes e BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org). **Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas. 2.ed. 2005, p. 23-24.

<sup>661</sup>Cf. GIOVANNI XXIII, **Giornale dell’anima**. Disponível em: [www.Papagiovanni.com/sito/images/pensiero/gda1958-1963.pdf](http://www.Papagiovanni.com/sito/images/pensiero/gda1958-1963.pdf). Acessado em: 15.09.2020 (18hs32); SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Vaticano II. In. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas. 2 ed. 2005, p. 24.

<sup>662</sup>REDAÇÃO. Crônica eclesiástica: O conclave que elegeu o Papa João XXIII. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v.18, f. 4 dez, 1958, p. 1099.

<sup>663</sup>ARENDETT, Hannah. Ângelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963. In: **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 68.

<sup>664</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Creado o Arcebispado de Botucatu. **A Fé**. Bauru, 8 jun. 1958, p. 1.

<sup>665</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. “Pastor et Nauta”. **A Fé**. Bauru, 1 novembro 1958, p. 1.

dia que a ‘função de pastor é a mais fascinante, a mais elevada de que pode oferecer a um homem em vida’[...]’<sup>666</sup>

O juízo de Padre Paulo Koop sobre o Papa eleito é profundamente lisonjeiro, revelando alguém que, como a massa dos seus leitores no jornal *A Fé*, recebia com alegria a notícia sobre o novo bispo de Roma e aguardava com esperança seus atos à frente da Igreja. Salta aos olhos o prognóstico de um pontificado longo. Igualmente, perpassa no perfil traçado, a ideia de que João XXIII era um homem bondoso, culto e de grande coração identificado com todas as castas, particularmente a dos humildes. Outrossim, ele era atento às exigências de um moderno apostolado, protótipo de um pastor completo.

Malgrado o diagnóstico de um pontificado duradouro, Koop acertou ao afirmar que o cardeal de Veneza eleito Papa, regeria a Igreja com o seu grande coração de pastor, atento ao “moderno” apostolado e aos humildes. Prova desse fato foi que ele protagonizou, entre os seus primeiros atos na cátedra de Pedro, ao lado do seu projeto de um sínodo para a diocese de Roma, da renovação do Código de Direito Canônico, a convocação de um dos maiores atos da Igreja católica do século XX, um Concílio.<sup>667</sup> Evento este que arregimentaria forças de movimentos de renovação da Igreja que estavam em curso desde os primeiros anos do século XX - incluso no Papado de Pio XII<sup>668</sup> - e que se consolidariam nos anos imediatamente próximos ao pontificado de João XXIII.

Eram movimentos nucleados a partir de reflexões em diversas partes da Europa e dos quais, a longa distância e na realidade local da Igreja de Botucatu, Padre Paulo Koop tomará parte. Ele os viverá a frente do decanato de Bauru, traduzindo os postulados desses movimentos para o universo da sua ação pastoral. A figura de Dom Henrique Golland Trindade, na diocese (depois arquidiocese) de Botucatu, da qual Bauru faz parte, foi decisiva para esse processo de renovação da Igreja, encampado também pelo sacerdote holandês, pároco da Igreja Santa Teresinha. O bispo foi paladino de transformações<sup>669</sup>

<sup>666</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Sua Santidade Papa João XXIII. *A Fé*. Bauru, 1 novembro 1958, p. 1

<sup>667</sup>Cf. CODINA, Victor. O Vaticano II, um Concílio em processo de recepção. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, v. 37, n. 101, 2005, p. 89; SOUZA, Ney de; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. **Teocomunicação**. Porto Alegre, v. 44, n. 1, jan.-abr. 2014, p. 6, 24; ABREU, Elza Helena. Concílio Vaticano II: tradição e renovação, exigência de uma hermenêutica conciliar. In: \_\_\_\_\_; SOUZA, Ney de (Orgs.) **Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais**. São Paulo: Paulinas/Unisal, 2014, p. 104, 121.

<sup>668</sup>Sobre o pontificado de Pio XII e sua influência no Vaticano II, pode-se ler: Cf. SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. **Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II**. Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Humanas e Sociais. Franca-SP, 2016, p.111. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/144583>>. Acesso em: 17 set.2019; ou O’MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 93-105.

<sup>669</sup>Cf. PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p.77 (Tese doutoral).

impulsionadas por movimentos que ele julgava renovadores e que fez questão de vicejar em sua diocese,<sup>670</sup> tais como a preocupação social, a renovação pastoral-paroquial pelo viés litúrgico, bíblico e catequético.<sup>671</sup> Elementos, entre outros, como a Ação católica especializada<sup>672</sup> e o Movimento Mundo Melhor,<sup>673</sup> foram os catalizadores dessas transformações. Tais condições, como afirma José Oscar Beozzo,<sup>674</sup> em muitos aspectos, foi o que reuniu condições ulteriores que favoreceriam a gestação e consequente recepção do Vaticano II no Brasil. *Pari passu*, também o faziam na noroestina diocese de Botucatu.

Dom Henrique Golland Trindade<sup>675</sup> era um franciscano nato do Rio Grande do Sul, dotado de uma inteligência aguda fruto de sua formação clássica, inicialmente adquirida com os jesuítas e, posteriormente, consolidada junto a Ordem dos Frades Menores na qual, aos vinte e cinco anos envergou sobre si o hábito de São Francisco.<sup>676</sup> Havia sido professor nos seminários de sua ordem e diretor da Revista Vozes de Petrópolis, antes de ser nomeado bispo de Bonfim na Bahia<sup>677</sup> e, tempos depois, o quarto bispo diocesano de Botucatu<sup>678</sup> em 1948. Um ano antes, havia chegado a Bauru o sacerdote holandês Pedro Paulo Koop. Entre o bispo Franciscano e o sacerdote Missionário do Sagrado Coração se consolidará uma mútua confiança e estreita colaboração, revelada em ações e ideias co-divididas, como testemunha, entre outras, a nomeação de Paulo Koop como vigário forâneo em Bauru, por razões pessoais (*ratio*

<sup>670</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral**. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 17.18.

<sup>671</sup>Cf. SILVA, José Ariovaldo. **O Movimento Litúrgico no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983. p.153; cf. BELTRAMI, Arnaldo. Bispo dos Seminaristas, da Liturgia e Comunicação. In: VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p. 113-117.

<sup>672</sup>Cf. ROSA, Carlos Antônio. Dom Henrique e os jovens operários. In: VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p.155-160.

<sup>673</sup>Cf. MARINS, José. Recordando a Dom Henrique Golland Trindade. In: VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p.109-112.

<sup>674</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Recepção do Vaticano II**. Disponível em: <http://www7.uc.cl/facteo/centromanuellarrain/download/beozzo.pdf>. Acesso em: 04 nov.2020.

<sup>675</sup>Sobre a vida de Dom Henrique Golland Trindade, pode-se ler: VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994.

<sup>676</sup>Cf. VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p. 23; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. D. Henrique G. Trindade. **A Fé**. Bauru, 24 ago. 1952; PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p.76 (Tese doutoral); FIGUEROA, João. **Pedra da Fé: História da Igreja Católica no alto da Serra**. Botucatu: Centro Cultural de Botucatu, 2018, p. 181ss.

<sup>677</sup>Cf. CRONICA ECLESIASTICA. Dom Frei G. Trindade, O.F. M, novo Bispo de Bonfim. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 51, mar-jun. 1941, p. 343-344; Cf. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes? O caso de Botucatu**. Editora Santuário: São Paulo, 1996, p.127.

<sup>678</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. D. Henrique G. Trindade. **A Fé**. Bauru, 24 ago. 1952.

*personae*)<sup>679</sup> ou a incumbência ao sacerdote holandês de construir as bases do bispado de Bauru,<sup>680</sup> num claro espírito de uma Igreja fundada sob um prisma de renovação.

Para além das relações de afinidade, o Espírito que movia a figura de Dom Henrique Golland Trindade, nos anos iniciais de seu bispado em Botucatu era o de renovação da mentalidade eclesial.<sup>681</sup> Ele insistirá, entre outras coisas, num modelo de Igreja onde o protagonismo do laicato seria peça fundamental. Para tal, insistirá que os fiéis pudessem ser bem instruídos acerca da fé, imbuídos de espírito de vida interior na vivência religiosa, partícipes ativos dos atos litúrgicos e, outrossim, que constituíssem uma Igreja atenta aos problemas sociais, particularmente dos pobres e sofredores. Essa ideia revela que o frade, antístite de Botucatu, julgava que seu “trabalho não se [deveria] fechar no interior do templo, nem visar apenas as almas boas e as associações religiosas. [...] [antes na procura do] maior contato com todos.”<sup>682</sup> Henrique Golland, insistia numa Igreja de renovada mentalidade que atuasse para além dos umbrais dos seus domínios já conhecidos, atingindo o maior número de fiéis possíveis. Para tal feito ele contava com o compromisso do clero e da ação católica especializada.

Já na diocese de Bonfim, Dom Henrique, como havia prometido em sua primeira carta pastoral,<sup>683</sup> trabalhou ativamente para a consolidação da atuação especializada dos católicos, que a seu ver deveria “espalhar luz e esperança por toda parte.”<sup>684</sup> Numa de suas cartas pastorais - a segunda - após descrever seu esforço para fundar a Ação Católica em seu bispado no interior baiano, ele apresenta seu entendimento e a necessidade dessa

---

<sup>679</sup>Cf. APSTB – **Livro Tombo I**. Bauru - SP, p. 3v; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ACPMSC-SP **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p3; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996. p. 161; ANUPHIS - VIOLANTE, Oswaldo André. **A Fé**. Bauru, 10 maio 1953, p. 1.

<sup>680</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Golland. Provisão. **A Fé**. Bauru, 24 set. 1961, p. 4; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996. p. 161; ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. In Memoriam. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 3; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 21; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes? O caso de Botucatu**. Editora Santuário: São Paulo, 1996, p.153.

<sup>681</sup>Cf. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes? O caso de Botucatu**. Editora Santuário: São Paulo, 1996, p.153; ZANIN, Edmilson Jose. **O clero de botucatu sob a influência do Concílio Vaticano II (1965-1985)**. São Paulo, 2007, p. 46.

<sup>682</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 29.

<sup>683</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Primeira Pastoral: Corações ao Alto**. Petrópolis: Vozes, 1941, p. 23.

<sup>684</sup>TRINDADE, Henrique Golland. Ação católica no Sertão. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 5, mar 1945, p. 109; TRINDADE, Henrique Golland. **Segunda Pastoral: Ação católica no Sertão - Mensageiro da Fé: Salvador**. s.d., p.9-17.

“associação de apostolado múltiplo”<sup>685</sup> que busca despertar em “leigos bem intencionados[...]o desejo verdadeiro de serem úteis à Igreja, trabalhando, sob a direção dos bispos e de seus assistentes eclesiásticos, de todos os modos, pelas suas múltiplas e grandes intenções[...]”<sup>686</sup> Assim, portanto, seu entendimento sobre a Ação Católica não foge ao de Pio X, particularmente em seu forte apelo ao cardeal Leme e ao Episcopado brasileiro acerca da correta e viável existência desse movimento.<sup>687</sup> A ação católica, portanto, cumpre para o bispo Franciscano, sua missão ao colocar-se como um braço da hierarquia para um efetivo apostolado, em momento tão difícil do mundo. O protagonismo dos leigos, defendido pelo bispo, é fruto do seu tempo, por isso, é coadjuvante da ação do clero.

Ainda na diocese bonfinense, ao longo dos sete anos que passou à sua frente, Dom Henrique envidou esforços, também amparado pela ação católica, para uma melhor vivência da vida litúrgica e religiosa no sertão baiano. Nesse sentido, ao sintetizar sua ação a frente do bispado, na sua última missiva pastoral, uma espécie de carta de despedida aos seus antigos diocesanos, assim que fora nomeado para Botucatu, destacou sua atuação no campo litúrgico com o colossal esforço para fazer com que os fiéis vivessem a liturgia. Assim, protagonizou e insistiu que fossem realizadas celebrações “explicadas, dialogadas e recitadas” e incentivou “missa das crianças assistidas de modo ativo e inteligente.”<sup>688</sup> Ao mesmo tempo, favoreceu no plano catequético para adultos e crianças “missões pequenas em forma de retiros” que eram “mais profundos e duradouros”<sup>689</sup> em seus resultados. Ademais, aproximou-se dos pobres, dos enfermos e introduziu na região a prática, fundada na Alemanha, dos Sábados Sacerdotais que preconizava, após a primeira sexta-feira do mês, dias intensos de profunda e fervorosa oração pela santificação do clero.<sup>690</sup>

Em 1948, após dois anos de vacância no Bispado de Botucatu devido a morte de Dom Frei Luís Maria de Sant’ana, Dom Henrique Golland Trindade foi nomeado para

<sup>685</sup>TRINDADE, Henrique Golland. Ação católica no Sertão. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 5, mar 1945, p. 112.

<sup>686</sup>TRINDADE, Henrique Golland. Ação católica no Sertão. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 5, mar 1945, p. 110.

<sup>687</sup>Cf. PIO X “**Quamvis Nostra de Actione Catholica**”. Disponível em: <https://www.leaomagno.com.br/carta-de-pio-xi-ao-episcopado-brasileiro>. Acesso em: 15 nov.2020.

<sup>688</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Terceira Pastoral**: últimas palavras a querida Diocese de Bonfim. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 16.

<sup>689</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Terceira Pastoral**: últimas palavras a querida Diocese de Bonfim. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 17.

<sup>690</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Terceira Pastoral**: últimas palavras a querida Diocese de Bonfim. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 15-17.

essa diocese. Ele trazia no alforje a experiência do seu pastoreio na Igreja Baiana. Nutria a ideia, com dito, de uma comunidade eclesial que precisava contar, no espírito da Ação Católica, com o laicato; que, igualmente, deveria valorizar a participação nas missas, acolher os frágeis e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa. Esse ideal, ao menos nos anos iniciais, será a pedra mestra de sua ação Pastoral ao noroeste do Estado de São Paulo. Do ponto de vista simbólico dessa mentalidade, quando de sua posse em Botucatu, ele exigiu que fosse oferecido, ao lado do banquete festivo por sua tomada de ofício, no dia seguinte, um almoço aos moradores de rua da sede episcopal.<sup>691</sup>

Emblemático, mais ainda, desse novo entendimento da ação da Igreja foi a primeira carta pastoral do novo bispo de Botucatu, pragmaticamente intitulada “Não nos iludamos e trabalhemos”.<sup>692</sup> Nesse texto, pautado por uma acurada visão pastoral e um espírito provocador de uma nova compreensão da ação da Igreja, Dom Henrique Golland Trindade, faz sinceras e audaciosas constatações acerca da realidade na Igreja em Botucatu, que em certa medida poderia ser visto como um diagnóstico da realidade brasileira como um todo. O purpurado minimiza o ufanismo numérico de certos eventos eclesiais – procissões, missas, batismos, comunhões gerais – que embora pareçam expressivos e consoladores aos olhos de alguns, dizem pouco da qualidade e da vivência da fé na região.

Das procissões litúrgicas das Rogações, nem se fala – algumas dezenas de fiéis, se tanto, acompanham o pároco cumpridor de seus deveres. Não nos iludamos, portanto, descansando sobre as estatísticas, que, talvez mais ou menos verdadeiras, quanto a *quantidade*, nada nos dizem sobre a *qualidade*, e é o que importa.

Não nos iludamos com o número de católicos de nossas estatísticas *oficiais*. Os números, talvez, serão verdadeiros. Mas em que sentido? São católicos, porque são batizados; são católicos porque não praticam outra religião. Mas, nós nos contentaremos com isso? Sabemos que ser católico, que pode pesar e influir, para o tempo e para a eternidade, é *ser batizado crer e professar toda doutrina de Jesus Cristo, ensinada pela Santa Igreja*. Quantos haverá, assim, entre os que se dizem católicos?<sup>693</sup>

Na mesma missiva pastoral, Dom Henrique questiona a influência das escolas e da imprensa católica na vida pessoal dos fiéis por ambas formados. Igualmente atesta que tanto a liturgia da missa e dos demais sacramentos, quanto os evangelhos são “terra

---

<sup>691</sup>Cf. VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p.41.

<sup>692</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948.

<sup>693</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 8.14-15. (Ítálico no original)

virgem para grande número de bons católicos.”<sup>694</sup> Por fim, protesta contra a instrumentalização da religião pelos políticos e lamenta que nos seminários seculares e regulares os candidatos estejam aquém de um verdadeiro processo formativo.

A análise do novo prelado de Botucatu é incisiva e, em certa, medida, lúgubre. Ele mesmo tem consciência disso e o expressa na própria carta.<sup>695</sup> Mas de fato, a história dessa Igreja local, particularmente na cidade de Bauru atesta esse tipo de catolicismo.<sup>696</sup> Um ano antes da chegada de Dom Henrique era registrado em vivas cores, a celebração da concentração Mariana regional em Bauru. Um evento, presidido pelo bispo auxiliar de São Paulo, Antônio Maria Alves de Siqueira, no qual o cronista regozijava-se pela participação de um público estimado em três mil pessoas.<sup>697</sup> Igualmente, nos anos imediatamente anteriores a chegada do sucessor de Dom Luís Maria Sant’ana, o livro tomo da Matriz do Divino Espírito Santo, posteriormente, catedral do bispado de Bauru, reservava várias páginas para registrar estatisticamente os sacramentos realizados.<sup>698</sup> Assim, nota-se que as constatações do purpurado recém empossado não eram devaneios quiméricos e prestavam-se a uma autorizada fundamentação para anunciar caminhos para a Igreja no interior noroeste do estado de São Paulo.

Para fazer face a essa situação, o Bispo aposta na formação, orientação e instrução do povo através de cursos formativos, da imprensa católica ou dos pequenos retiros, missões ou sacramentos. A seu ver a tarefa fundamental para o “sacerdote de hoje e o leigo de hoje, [...] é ensinar os homens a fazerem o *signal da cruz* e, principalmente, a viverem o *signal da cruz*.”<sup>699</sup> A fim de consumir esse ideal, ele insiste na participação ativa nas missas através da introdução de missas dialogadas e da instrução para o respeito da santificação do domingo, que tempos depois, será motivo de uma outra carta pastoral.<sup>700</sup>

---

<sup>694</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 13.

<sup>695</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 13: “Cooperadores e filhos, não nos iludamos. A nossa situação é, mais ou menos, esta. Se vos parece que vosso bispo e pai carrega demais as cores, dizei-no-lo, por favor, que também nós sentimos vontade de ver as coisas mais claras, mais cor-de-roa, mais firmes, mais promissoras. Deus o sabe”.

<sup>696</sup>Cf. PRIMOLAN, Emílio Donizete. Catolicismo e Mudança: o Caso de Bauru (1950-1958). **Anais Do II Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades - Revista Brasileira de História das Religiões – ANPUH**. Maringá v. 1, n. 3, 2009. Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html>. Acesso em: 10 dez.2020.

<sup>697</sup>Cf. ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p.16.

<sup>698</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 1**. Bauru-SP, p. 74v.78v. 82. 85v. 86v.

<sup>699</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 25.

<sup>700</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quinta Pastoral: Pró-Santificação do Dia do Senhor (um ano inteiro de trabalho)**. Petrópolis: Vozes, 1950.

No espectro moral, ele reafirma o compromisso de zelar pelos bons costumes e no plano social, o bispo pede que as obras caritativas não fiquem restritas a pequenas associações mas que sejam expandidas a outros grupos e que tanto a Juventude Operária (JOC) quanto os Círculos Operários sejam otimizados. Mais ainda, que se não todos os quatro setores da Ação católica, ao menos um, seja implementado nas Igrejas.

Nota-se na posição de Dom Henrique, também, um *modus operandi*. Ele quer atingir a parcela alheia a Igreja por meio da instrução religiosa do povo por todos os caminhos possíveis (Escolas, jornais, livros). Com esse intuito ele insiste num protagonismo do leigo, visto como força auxiliar da hierarquia no espírito apregoado pela ação católica que se não é novo é um modo diferente - *non novum, sed nove*. No campo moral, o remédio aplicado é o clássico, isto é, o da admoestação que deve ser feita “sem ofender ninguém, mas sem timidez”.<sup>701</sup> No espectro social ele dilata a atuação caritativa para um ambiente maior da comunidade eclesial exigindo que ela seja vivida profusamente, protagonizada por toda sorte de fiéis, não apenas delegada a um grupo minoritário. Singular em sua postura, antecipando movimentos renovadores posteriores, é sua insistência para que os fiéis vivam de modo profundo e consciente a vida sacramental, métodos que ele já preconizava quando presbítero,<sup>702</sup> repetiu no sertão Baiano<sup>703</sup> e agora espera ver vividas em seu novo bispado. Esses ideais serão perseguidos pelo bispo de Botucatu e, ao mesmo tempo, serão a têmpera para a gestação de uma Igreja propícia aos movimentos de renovação que eclodirão no Vaticano II. Deve-se ponderar que, não obstante em muitos aspectos Dom Henrique pareçam ser pioneiro, sua argumentação ainda se move, mesmo quando insiste numa atuação da Igreja para fora dos umbrais do templo, no espectro de uma recristianização da sociedade e do mundo.<sup>704</sup>

Para além dessa ideia de recristianização, a preocupação de Dom Henrique com a vivência autêntica da fé e da vida litúrgica, gestou as bases do movimento de renovação litúrgica com um certo “pioneirismo nacional.”<sup>705</sup> Essas bases, deveriam ser sentidas nos anos seguintes, num plano geral, na diocese de Botucatu e, em específico, no decanato de

---

<sup>701</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 30.

<sup>702</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Sigamos a Missa!** Petrópolis: Vozes, 1938; Cf. SILVA, José Arioaldo. **O Movimento Litúrgico no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983. p. 65.

<sup>703</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. Ação católica no Sertão. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 5, mar. 1945. TRINDADE, Henrique Golland. **Segunda Pastoral: Ação católica no Sertão - Mensageiro da Fé**: Salvador. s.d.

<sup>704</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Recristianização da Família**. Petrópolis: Vozes, 1955.

<sup>705</sup>SILVA, José Arioaldo. **O Movimento Litúrgico no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983. p.153.



Bauru. Como já afirmado anteriormente, em todas as suas missivas pastorais, o Franciscano prelado vertia viva preocupação com a questão da vida celebrativa, e ele divisava no “movimento litúrgico, abençoado e recomendado pelo santo padre”<sup>706</sup> como elemento basilar dessa transformação em sua diocese.

Na década imediatamente anterior ao Vaticano II e sobretudo em decorrência da preocupação e dos questionamentos suscitados pelo bispo que havia assumido o bispado de Botucatu, percebe-se uma certa movimentação em torno da questão litúrgica no decanato de Bauru. Ademais, ao longo desse período, as reformas suscitadas por documentos de Pio XII, como a *Mediador Dei* (1947) ou nas resoluções sobre a simplificação das regras do jejum Eucarístico (*Christus Dominus*, 1953) a Reforma da Vigília Pascal e da própria Semana Santa (*Ordo Sabbati Sancti instaurati*, 1953 e *Ordo Hebdomadae Sanctae Instauratus*, 1955), entre outros, são catalizadores desse processo de renovação litúrgica que, também se processará na cidade que emprestava nome ao decanato do qual Padre Pedro Paulo Koop era responsável.

No ano de 1952, face ao apelo do Bispo de Botucatu de que a Igreja divisasse na instrução em geral e litúrgica em particular<sup>707</sup> o viés para uma maior participação e compromisso da comunidade dos fiéis com a missa, o editor do jornal *A Fé*, Padre Pedro Paulo Koop, iniciou uma série de artigos sobre a Liturgia. Com a colaboração estreita do Frei Roberto Belarmino Lopes, OFM, que há menos de um ano antes havia assumido os cuidados pastorais da paróquia São Benedito no remoto e empobrecido bairro da Vila Falcão,<sup>708</sup> foi publicada uma coletânea de artigos que visava instruir os leitores do jornal acerca do sentido da celebração, dos gestos e dos símbolos litúrgicos. Curiosamente os artigos<sup>709</sup> começam a ser publicados dias após a visita pastoral de Dom Henrique Golland Trindade a Bauru.<sup>710</sup> Ademais na edição que marca o início da coletânea há um texto do bispo<sup>711</sup> que entre outras coisas, reclama que sejam publicados artigos sobre a importância

<sup>706</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral:** Não nos iludamos e trabalhemos. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 17.

<sup>707</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral:** Não nos iludamos e trabalhemos. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 20.27; TRINDADE, Henrique Golland. **Quinta Pastoral:** Pró-Santificação do Dia do Senhor (um ano inteiro de trabalho). Petrópolis: Vozes, 1950, p.12.

<sup>708</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Paróquia de Vila Falcão e Bela Vista ficará sob a direção dos Padres Franciscanos. **A Fé**. Bauru, 11 mar. 1951, p.1.

<sup>709</sup>Cf. ANUPHIS - LOPES, Roberto B. O Altar **A Fé**. Bauru, 07.set. 1952, p.1.

<sup>710</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O Bispo entre nós. **A Fé**. Bauru, 11 mar. 1951, p.1.

<sup>711</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Reconquistemos o Domingo. **A Fé**. Bauru, 07.set. 1952, p.1: “9) Que se escrevam artigos e se façam conferências sobre o mesmo tema [Santificação do Domingo] é apostolado URGENTE.”

da Santificação do domingo, dia da celebração da missa, no espírito da sua quinta pastoral, publicada em maio de 1950.<sup>712</sup>

Foram mais de quinze escritos entre setembro de 1952 e abril de 1953<sup>713</sup> que aquarelavam temas como as vestes e as cores litúrgicas, a estrutura das celebrações, os gestos na missa, partes específicas do rito e a língua litúrgica, entre outros assuntos. Os textos eram frutos de aulas que o Frei Roberto Lopes oferecia semanalmente aos Congregados Marianos. Publicados no jornal *A Fé*, visavam que mais pessoas pudessem ser atingidas e, pela coletânea dos textos, tivessem um pequeno “manual popular sobre a Santa Missa”<sup>714</sup> ao final de todas as publicações. A linguagem, por isso, era simples, marcada por comparações com a realidade familiar ou com atos do teatro. Seu escopo era esclarecer, explicar didaticamente o sentido de cada objeto no rito celebrativo, recorrendo tanto a teologia do seu tempo como a história de cada elemento para sustentar os argumentos.

Desponta nos textos uma preocupação para que os fiéis “compreendam as cerimônias da Santa Missa”<sup>715</sup> e que se comprometam com os mistérios celebrados para que eles sejam “levados para [...] repartição, para o [...] meio social”<sup>716</sup> “pela rua, pelas casas, por todo lugar onde uma alma vive e sacrifica-se por Deus.”<sup>717</sup> Numa frase: para vida concreta de cada fiel. Tratava-se de um entendimento do sacramento da Eucaristia, livre de dicotomias e cisões, vivida na integralidade da história dos fiéis. Era uma reflexão que visava popularizar e aproximar o fiel do rito celebrado bem como imprimir uma tônica de neocristandade tardia aos espaços públicos. Se este ideal não era totalmente novo, ao menos indicava que no decanato de Bauru havia uma preocupação real, dentro de uma ideia de renovação litúrgica, com o mistério celebrado.

---

<sup>712</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quinta Pastoral: Pró-Santificação do Dia do Senhor** (um ano inteiro de trabalho). Petrópolis: Vozes, 1950.

<sup>713</sup>ANUPHIS – LOPES, Roberto Belarmino. O Altar *A Fé*. Bauru, 07.set. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. Antes do Sacrifício. *A Fé*. Bauru, 14.set. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. As vestes para o Sacrifício. *A Fé*. Bauru, 21.set. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. O jogo das Cores. *A Fé*. Bauru, 28.set. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. O Ritmo dos Gestos. *A Fé*. Bauru, 05. out. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. Um prologo e três atos. *A Fé*. Bauru, 12. out. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. Quando Começa a Missa *A Fé*. Bauru, 19. out. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. A Voz de Deus *A Fé*. Bauru, 26. out. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. Partes intermediárias. *A Fé*. Bauru, 9. nov. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. Ofertório. *A Fé*. Bauru, 16. nov. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. Pão e Vinho. *A Fé*. Bauru, 30. nov. 1952, p.1; \_\_\_\_\_. Regresso ao Tema. *A Fé*. Bauru, 04. jan. 1953, p.1; \_\_\_\_\_. Supremo Milagre. *A Fé*. Bauru, 11. jan. 1953, p.1; \_\_\_\_\_. Padre Nossso. *A Fé*. Bauru, 04. jan. 1953, p.1; \_\_\_\_\_. Dai-nos a paz. *A Fé*. Bauru, 01. fev. 1953, p.1; \_\_\_\_\_. As três orações. *A Fé*. Bauru, 08. fev. 1953, p.1; \_\_\_\_\_. Última Lição. *A Fé*. Bauru, 01. mar. 1953, p.1; \_\_\_\_\_. Ite, missa est. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1953, p.1; \_\_\_\_\_. O Latim. *A Fé*. Bauru, 19. abr. 1953, p.1.

<sup>714</sup>ANUPHIS – LOPES, Roberto Belarmino. Antes do Sacrifício. *A Fé*. Bauru, 14.set. 1952, p.1.

<sup>715</sup>ANUPHIS – LOPES, Roberto Belarmino. Última Lição. *A Fé*. Bauru, 01. mar. 1953, p.1.

<sup>716</sup>ANUPHIS – LOPES, Roberto Belarmino. Última Lição. *A Fé*. Bauru, 01. mar. 195, p.1.

<sup>717</sup>ANUPHIS – LOPES, Roberto Belarmino. Ite, missa est. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1953, p.1.

Deve-se ponderar que, não eram ideias visionárias, mas um esforço pastoral de explicar aos incautos o sentido do sacramento e fazê-los sentir como a Igreja os entendia. Inclusive, o autor dos artigos pretere qualquer ideia de uma liturgia em vernáculo – o que Dom Henrique Golland Trindade auspiciava através das missas dialogadas<sup>718</sup> – e faz uma veemente apologia ao Latim usado nas cerimônias.<sup>719</sup> Singular, nessa reflexão era o lugar do leigo nesse entendimento, isto é, central, pois visava conscientizar o povo em geral para o mistério celebrado. Esses mesmos textos serão republicados, entre outubro e novembro de 1958, sob o mote de executar “um programa de renovação religiosa sob o lema Papal ‘por Um mundo Melhor’ (Pio XII) em redor da missa, centro e fonte principal da [...] vida cristã.”<sup>720</sup> A renovação litúrgica requerida era mais em nível de consciência do que de práticas celebrativas.

Ainda nesse cenário, além de repercutir as ideias vicejadas pelo prelado diocesano, também assumiam formas no cenário da Igreja em Bauru as reformas que foram se processando no fórum universal da Igreja protagonizadas por Pio XII. Em dezembro de 1954, dois anos após a Constituição Apostólica *Christus Dominus*, Paulo Koop solicita autorização para celebrar missas vespertinas em sua paróquia,<sup>721</sup> o que para o contexto, era uma novidade, incluso pioneira no decanato de Bauru. Pouco antes, o mesmo sacerdote, externava alento e animação por essa proposta do Papa e afiançava que não era uma novidade pueril, mas antes uma necessidade, visto que muitos católicos não conseguiam participar da celebração da missa, particularmente os católicos teutônicos.

Nesse plano litúrgico, a reforma do ordo da Semana Santa e da Vigília Pascal, ocorrida em 1953 e 1954, pela via do jornal *A Fé*, é popularizada entre os leitores do periódico católico em Bauru. A argumentação dos redatores é lisonjeira e positiva. Eles buscam apresentar à comunidade católica que, tanto a realocação da Vigília pascal, quanto a reorganização da Semana Santa, visavam a participação mais intensa dos fiéis nas celebrações. A primeira mudança “buscava restabelecer o horário primitivo dessa cerimônia e proporcionar aos fiéis maior oportunidade de participar dos augustos mistérios.”<sup>722</sup> A segunda, por seu turno, para que os “fiéis da Santa Igreja voltem as formas primitivas da vida cristã, ao que há de essencial na santa Igreja [...]: a obra divina

<sup>718</sup>Cf. SILVA, José Ariovaldo. **O Movimento Litúrgico no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983. p.153.

<sup>719</sup>Cf. ANUPHIS – LOPES, Roberto Belarmino. O Latim. **A Fé**. Bauru, 19. abr. 1953, p.1.

<sup>720</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Por um mundo Melhor. **A Fé**. Bauru, 26. out. 1958, p.1.

<sup>721</sup>Cf. ACDB - Arquivo da Cúria Diocesana de Bauru – Missas Vespertinas aos Domingos, dias Santos e 1ª Sexta-feira – 29 de dezembro de 1954. **Escatula Paróquia Santa Terezinha**. Pasta Provisões, folha 1, s/p.

<sup>722</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Reforma do Cerimonial da Semana Santa. **A Fé**. Bauru, 2. fev. 1956, p.1.

da redenção eterna dos homens mediante o sacrifício supremo de Jesus Cristo.”<sup>723</sup> Em ambas alterações, subjazia o desejo de fazer com que os fiéis pudessem “tomar PARTE ATIVA nela. Pois nela tudo tem um sentido próprio. Tudo é feito com uma finalidade. Nada é sem sentido, ou meramente uma pompa.”<sup>724</sup> Essa leitura aplicada, pelo jornal, livre de contestações e reproduzindo com fidedignidade as razões do pontífice, apresentava o devido espaço das reformas suscitadas por Pio XII e era caudilho de aberturas maiores para novas e ulteriores transformações que, mesmo sem a devida consciência do editor do jornal *A Fé* naquele momento, tempos depois seriam propostas pelo Concílio convocado por João XXIII.

Outro aspecto que movimentava a diocese de Botucatu e o decanato de Bauru num plano renovador, do qual Paulo Koop vai tomar parte, é a questão social. Dom Henrique Golland, paladino de muitas transformações no bispado, notabilizou-se por ações nesse universo, no campo da assistência social. Já em sua primeira Pastoral dirigida aos diocesanos<sup>725</sup> o bispo propõe uma dilatação das responsabilidades sobre a questão da dimensão caritativa da diocese. Ele reclamava uma preocupação social transversal de todos os movimentos eclesiais. Exigia, a rigor, que todos, fiéis e clérigos, fossem dotados de sensibilidade nesse universo. Nesse primeiro momento, não havia uma nítida preocupação com justiça ou reparação social, apenas uma costumeira reafirmação da posição assistencialista da Igreja. Nas palavras do próprio bispo:

Cada paróquia é uma grande família, onde há pobres, doentes, órfãos, anciãos e sobre todo esses deve estender-se a solicitude de maternal da Igreja e de seus ministros. Tocamos, assim no capítulo indispensável das obras de assistência social. [...] O principal [...] [é não] nos esquecermos de que todos os que sofrem e todos os que precisam devem ser nossos irmãos prediletos e a eles devemos sempre dar alguma coisa, ainda que seja só um pão, um sorriso um aperto de mão ou uma atenção qualquer. **E quem começa assim com tão pouco, termina fazendo muito. Basta ter fé e amor, os recursos virão. Faz obra de assistência social quem vai a casa do rico e pede e vai às casas dos pobres e distribui.** É também obra de assistência ter contacto com os doentes e prestar seu conforto as famílias enlutadas.<sup>726</sup>

A definição de promoção social, herdeira de uma cultura assistencialista, defendida por Dom Henrique Golland, deslumbrava na Juventude Operária Católica e nos

<sup>723</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. A nova Semana Santa. *A Fé*. Bauru, 2. fev. 1956, p.1.

<sup>724</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Para compreender a Semana Santa. *A Fé*. Bauru, 11. Mar. 1956, p.1.

<sup>725</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral:** Não nos iludamos e trabalhemos. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 27- 28.

<sup>726</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral:** Não nos iludamos e trabalhemos. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 28. (Grifo nosso)

Círculos Operários seu caminho de atuação. Esses braços da Ação católica especializada, como advertia o bispo, sem “desviar de seus métodos e finalidades”<sup>727</sup> deveriam ser mantidos ou fundados com a maior diligência possível em todas as paróquias. De fato, na primeira visita pastoral do frade e bispo de Botucatu ao decanato de Bauru, entre outras admoestações assentadas no livro tombo,<sup>728</sup> ele recomenda que as obras de caridade já existentes – Vila Vicentina e Casa do Garoto - fossem estimuladas e que seja dada “toda atenção para o desenvolvimento da JOC e JUC e criação de novos setores.”<sup>729</sup> da ação católica. Esses mecanismos seriam os catalizadores de uma correta e profícua ação social na Igreja, tanto em Bauru como em toda a diocese.

No mesmo período da visita do prelado, exatos cinco dias depois de sua partida, o jornal *A Fé*, que havia voltado a circulação naquele ano, apresentou uma coletânea de textos no qual visava explicitar o sentido e a finalidade desses mecanismos. Na primeira página da edição de 30 de julho de 1950, fazendo as vezes de um editorial, aparece um texto onde Círculo Operário é definido como “Associação Cristã de operários para defesa dos direitos e estudos dos deveres de cada um” e que tem como finalidade o “restabelecimento do equilíbrio social, no mundo”<sup>730</sup> Há, ainda no impresso, a descrição do local e horário de funcionamento do Círculo Operário em Bauru. Implicitamente, existe um convite do redator que, seguramente é o assistente eclesiástico do Círculo Operário, Padre Paulo Koop, para que a população operária e demais leitores do periódico tomem parte ou conheçam em profundidade que a ação desse mecanismo da Igreja se pauta pela doutrina social do Magistério. Mais ainda, que os Círculos Operários, devidamente orientados e acompanhados, eram o remédio para o combate ao comunismo.<sup>731</sup> A opção pelos operários era, no fundo, uma preocupação de não os perder para flâmulas enrubescidas.

Absorvendo, ainda, a insistência do bispo na potencialização de mecanismo de operação da ação de assistência social da Igreja foi apresentado um outro grupo de artigos que refletiam sobre a Ação católica, descrevendo-a didaticamente, precisando definições

---

<sup>727</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos.** Petrópolis: Vozes, 1948, p. 29.

<sup>728</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 1.** Bauru-SP, p 87.

<sup>729</sup>ACDESB – **Livro Tombo – 1.** Bauru-SP, p.87.

<sup>730</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Círculo Operário – Definição, Finalidade e doutrina que observa. *A Fé*. Bauru, 30. jul. 1950, p.1.

<sup>731</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. A Igreja e o problema operário. *A Fé*. Bauru, 15. out. 1950, p.1.

e apontando seu amplo campo de trabalho.<sup>732</sup> A julgar pelo estilo como foram propostos os textos, a finalidade deles era aclarar para grupos da ação católica já em curso no decanato de Bauru, quais eram seus objetivos reais, deixando explícito que a novidade do apostolado dos leigos da Ação católica é que eles “são oficialmente associados por seus pastores a missão mesma da hierarquia e que ao invés de agirem separadamente, a hierarquia apropria-se de sua atividade para levar avante sua obra de evangelização e penetração na sociedade laicizada.”<sup>733</sup> Tratava-se de um discurso direto que, a um só passo, atendia as expectativas do bispado e tornava mais agudo um trabalho comum e efetivo no decanato que Padre Paulo Koop viria a ser, pouco tempos depois, coordenador. Não se trata ainda, de uma novidade em si ou de uma posição aguerrida em vista de transformações socioeconômicas ou ainda de um protagonismo laical, mas de prodrómos de um trabalho, embora assistencial, unificado, coordenado e direcionado a partir da hierarquia com aquiescência e operosidade do laicato.

Testemunha dessa conduta assistencial que era desenvolvida em Bauru, mote de boa parte da diocese de Botucatu, foi a obra fundada por Padre Paulo Koop, chamada Casa do Garoto. O sacerdote holandês, como detalhado no capítulo anterior, associado ao, à época jornalista, Nicola Avallone Jr, consolidou o projeto de fundação de uma casa de acolhida de órfãos e jovens em situação de rua,<sup>734</sup> uma ação similar já havia realizado em São Paulo,<sup>735</sup> como já dito. Ela tinha como meta “solucionar o problema do menor masculino abandonado ou órfão, e dar-lhe apoio, assistência, formação civil, moral e religiosa.”<sup>736</sup> Esse trabalho popularizou-se e reclamava “uma direção especializada e religiosa.”<sup>737</sup> A presença dos padres Rogacionistas, a partir de 1951, a convite do Padre Paulo Koop e do Bispo Diocesano,<sup>738</sup> sanou essa necessidade e revelava, embora que assistencial, a preocupação que grassava com a questão social. Futuramente, os novos sinais da Igreja no Brasil vão modificando esse entendimento de ação social e com ela a

---

<sup>732</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. O Que é a Ação Católica. **A Fé**. Bauru, 8. out. 1950, p.1-2; ANUPHIS – REDAÇÃO. O Que é a Ação Católica. **A Fé**. Bauru, 15. out. 1950, p.1-2; ANUPHIS – REDAÇÃO. O Que é a Ação Católica. **A Fé**. Bauru, 22. out. 1950, p.1-2.

<sup>733</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. O Que é a Ação Católica. **A Fé**. Bauru, 8. out. 1950, p.1-2.

<sup>734</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>735</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>736</sup>ZANLOCHI, Terezinha Santarosa e EPIFANIO, Décio da Silva. Paróquia de Nossa Senhora das Graças. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org.). **Trilhas da Cristandade**: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994. EDUSC: Bauru, 1998, p. 114.

<sup>737</sup>ANUPHIS – DIGENOUTS, Pedro. Novos Padres. **A Fé**. Bauru, 26. ago. 1951, p. 2.

<sup>738</sup>Cf. ANUPHIS – DIGENOUTS, Pedro. Novos Padres. **A Fé**. Bauru, 26. ago. 1951, p. 2.

posição do próprio Paulo Koop, contribuindo inclusive para uma nova perspectiva à sombra do que viria a produzir, tempos depois o Vaticano II.

A década de cinquenta foi considerada, por razões diversas, marco histórico da entrada da Igreja católica no Brasil, incluso o bispado de Botucatu e o decanato de Bauru, num trabalho de efetiva transformação social,<sup>739</sup> particularmente ao encampar a questão da Reforma agrária. Em 1950 a carta Pastoral de Dom Inocêncio Engelke,<sup>740</sup> bispo da diocese de Campanha (MG), exarada ao final da primeira Semana Ruralista da Ação Católica Brasileira realizada em Caxambu, tornou-se emblemática dessa postura eclesial. A esse texto, um ano depois, assomou-se a pastoral coletiva intitulada a Igreja católica ante os problemas atuais, assinada por mais de cem bispos. Juntas, elas acenavam um projeto, mesmo que incipiente, de reorientação da pastoral católica frente a questão social ou agrária, mesmo que alguns digam que se tratava apenas de “chamar a atenção dos proprietários de terra para que tomassem as rédeas das transformações sociais e passassem a defender a reforma dentro dos preceitos cristãos.”<sup>741</sup>

Não obstante as razões aduzidas acerca das motivações da carta, deve-se dizer que ela reverberou no episcopado Brasileiro suscitando posturas de alguns bispos, entre eles Dom Henrique Golland Trindade. O jornal *A Fé*, nos meses iniciais de 1952, reproduziu na íntegra a carta Pastoral coletiva “Igreja católica ante os problemas atuais,”<sup>742</sup> revelando a preocupação que se fazia sentir por seu diretor, Padre Paulo Koop, entre outros elementos, sobre aquilo que se chamava de problema do homem do campo. Iniciava aqui a centelha de um compromisso com a transformação social, defendida também no decanato de Bauru. Nesse sentido a diocese de Botucatu, no interior paulista “foi pioneira na implantação da renovação da Igreja no setor da pastoral rural, ao motivar o clero, as religiosas e os leigos para a Ação Católica organizada em prol das comunidades rurais.”<sup>743</sup> Testemunha esse empenho a nota do jornal *A Fé*, publicada em agosto de 1952, exatamente um ano após o periódico ter editado a carta dos cento e treze bispos brasileiros:

<sup>739</sup>Cf. BRUNEAU, Tomas. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974, p.150.

<sup>740</sup>Cf. ENGELKE, Inocêncio. Conosco, sem nós ou contra nós se fará a reforma rural. In: CNBB. **Pastoral da terra**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

<sup>741</sup>CARVALHO, Nilmar de Sousa. O Social Catolicismo e a sua atuação no meio rural na segunda metade do século XX no Brasil. **Revista Faces de Clio**. – Revista discente do programa de Pós-graduação em História da UFFJ. v. 5, n. 10, Jul-dez. 2019, p. 120.

<sup>742</sup>ANUPHIS – Pastoral Coletiva A Igreja ante os problemas atuais pastoral coletiva dos arcebispos, bispos e prelados residenciais no Brasil. **A Fé**. Bauru, 26. ago. 1951, p. 2.

<sup>743</sup>PRIMOLAN, Emílio. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p. 39.

[...]pela primeira vez, no Estado de São Paulo, realizou-se uma semana rural do clero, com o objetivo de focalizar, de maneira prática e eficiente, os problemas que afligem o nosso homem do campo. Tal realização repercutiu em todo o território brasileiro como mais uma chamada de alerta dada pela Igreja, em favor da massa de trabalhadores do meio rural. [...] saibam os poderes públicos acolher, prestigiar e aparelhar com todos os elementos essa nova mobilização de recursos para a cruzada da redenção de nosso homem rural, até hoje abandonado às resistências de sua fé, e junto ao qual estão chegando, cada vez mais próximas e fascinantes as atrações de falsas miragens urbanas<sup>744</sup>

A notícia revela a preocupação do clero com a questão agrária. O tom alvissareiro denuncia que o noroeste paulista é visionário nesse campo, nesse tipo de apostolado e coloca a seu serviço, clero, leigos e religiosos. Reclama por fim, aparelhamento estatal dessa empresa de redenção do homem rural. Há, todavia, nessa notícia uma preocupação pela manutenção da população no âmbito rural, distante das dificuldades que a migração para núcleos urbanos poderia causar, bem como denunciava uma tácita inquietação em combater o comunismo, profusamente propalado.<sup>745</sup>

Preocupado com essa situação, a fim de atender as necessidades do homem do campo e protagonizar uma atenção exclusiva a eles, Dom Henrique Golland Trindade, criou uma comunidade religiosa que seria posta a serviço do mundo rural, a Congregação das Servas do Senhor. Elas deveriam “em primeiro lugar trabalhar no campo que é o problema[...] [mais] angustioso, no momento[...] Problema de ordem espiritual e material.”<sup>746</sup> Essa postura do bispo de Botucatu é o ladrilho de um mosaico que vai se consolidando e germinando a ideia de mudanças na estrutura eclesial, que serão assomadas a processos posteriores.

A consciência assistencialista, à luz das transformações que vão se processando na sociedade e na Igreja, ganham novo contorno, particularmente no decanato de Bauru, sobretudo a medida que o Concílio Vaticano II vai avizinhandose, mesmo que estes não tivessem consciência desse evento que estava por acontecer. Em 1957, quando ganhava clímax a discussão sobre a reforma agrária no cenário nacional, um eloquente editorial do jornal *A Fé*, embora publicamente não assinado por Padre Paulo Koop, revelou a posição do clero no decanato em Bauru.<sup>747</sup> Eles faziam coro e aprovavam a ideia da

---

<sup>744</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Extraordinário êxito alcançou a semana rural do clero de Botucatu. *A Fé*. Bauru, 17. ago. 1952, p. 1.

<sup>745</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Golland Henrique. O comunismo, o governo, a Igreja, o povo e cada um de nós. *A Fé*. Bauru, 26. ago. 1951, p. 2.

<sup>746</sup>ANUPHIS – TRINDADE, Golland Henrique. Uma obra a altura do Nosso tempo: A congregação das servas do Senhor. *A Fé*. Bauru, 19. out. 1952, p. 2.

<sup>747</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Brasil, brasileiro. *A Fé*. Bauru, 20. out. 1957.



reforma agrária, desde que guiados por princípios católicos (Doutrina Social da Igreja), restringindo-se a terras estatais, salvaguardando propriedades particulares, evitando erros dos regimes comunistas e orientando-se pelo magistério vigente que legitimava o direito a propriedade privada. Celebrada sobre esses princípios, tal reforma seria extremante benéfica e poderia fazer com que o “Brasil [entrasse] numa fase de produção intensiva” [onde] aumentariam os paióis e os silos [e] haveria pão só nosso sobre as mesas. [Consequentemente] as turbas teriam independência econômica”.<sup>748</sup> A postura do editorial reclama uma reforma agrária que visasse a produção de alimentos, a independência econômica e fosse pautada por princípios católicos. O texto, contudo, não se posiciona sobre a questão da injustiça social e, como explicita um dos parágrafos finais,<sup>749</sup> reafirma um nexos, leviano e preconceituoso, entre pobreza e preguiça, inércia e fragilidade econômica.

Menos de três anos antes desse posicionamento, já tendo avançado a discussão sobre a Reforma Agrária bem como o episcopado do interior paulista<sup>750</sup> ter explicitamente apoiado o projeto do Governador Carvalho Pinto, denominado de revisão agrária,<sup>751</sup> Dom Henrique Golland Trindade, apresentou um causticante artigo sobre a questão agrária. Rememorava o título dado por seu confrade ao documento que lançou a Igreja católica na seara de reformas mais estruturais, alertando para os riscos de uma reforma agrária a revelia da posição da Igreja. Assim, ele exorta a uma tomada de posição oficial sobre a reforma, caso contrário, conosco – Igreja – ou contra a Igreja as reformas eclodiriam. O prelado insere sua reflexão sob o pálio de uma possível pressão popular que poderia desencadear convulsões sociais. Igualmente marca seu texto com um premido medo de comoções futuras que a indevida atenção à reforma agrária poderia gerar.<sup>752</sup>

Na esteira desse texto e representativo para Igreja como um todo, despontou em maio do ano 1961, a Encíclica de João XXIII *Mater et Magistra*.<sup>753</sup> Ato contínuo publicou-se a Declaração do Episcopado Nacional sobre as reformas em curso na

<sup>748</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Brasil, brasileiro. *A Fé*. Bauru, 20. out. 1957.

<sup>749</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Brasil brasileiro. *A Fé*. Bauru, 20. out. 1957: “A questão do Brasil não é tanto a distribuição de terras. É mais de inércia. A preguiça é o monstro que nos devora e empobrece.”

<sup>750</sup>Cf. CNBB. Declaração dos Arcebispos e bispos presentes à reunião das províncias eclesiais de São Paulo. In: CNBB. *Pastoral da terra*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977. p. 103-112.

<sup>751</sup>Cf. CARVALHO, Nilmar de Sousa. O Social Catolicismo e a sua atuação no meio rural na segunda metade do século XX no Brasil. *Revista Faces de Clio*. – Revista discente do programa de Pós-graduação em História da UFFJ. v. 5, n. 10, Jul-dez. 2019, p. 124.

<sup>752</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Golland. Conosco, sem nós ou contra nós a reforma agrária se fará. *A Fé*. Bauru, 18 dez. 1960.

<sup>753</sup>JOÃO XXIII. Encíclica *Mater et Magistra*. In: COSTA, Lourenço (org.). *Documentos de João XXIII*. São Paulo: Paulus, 1998, n. 8, p. 144-219.

sociedade.<sup>754</sup> Tanto uma como outra, foram caudilho de uma tomada de posição aberta de Padre Pedro Paulo Koop que marcou um avanço no seu entendimento sobre as transformações sociais e posição da Igreja. Evitando o propalar de inverdades, o Decano de Bauru admite a necessidade de uma revisão do “estatuto agrário que atenda às necessidades da população que trabalha nos campos e, ao mesmo tempo possibilite um aumento da produção agropecuária.”<sup>755</sup> Igualmente, admite que urge “uma educação que vise ligar o homem, a começar pela juventude, à terra.”<sup>756</sup> Nesse interstício, Koop louva a postura da Igreja que “não renuncia à sua missão educadora e pioneira, pela voz do seu episcopado” e se dispõe a “**cooperar os poderes públicos**”<sup>757</sup> Trata-se de uma visão diferente apresentada aqui, pois não é apenas uma colaboração com os poderes, mas operar junto ao cenário público, como atestou em seu texto o sacerdote holandês.

Ainda nessa linha, o religioso Missionário do Sagrado Coroação advoga uma antropologia cristã centrada no bem-estar do homem, como emulação de toda renovação social e *leitmotiv* da atuação da Igreja no cenário público. Mais ainda reclama que na base da sociedade moderna a doutrina da utilidade seja substituída por uma que considere a vida econômica a serviço da vida social. Nas palavras do próprio Paulo Koop:

O ponto de partida para toda consideração construtiva é o *homem*, a família e a pessoa humana e sua liberdade de criatura filha de Deus. O fator econômico é subsidiário, e seu desenvolvimento quer agrário, quer industrial, deve estar a serviço e em *função do homem* e não vice-versa[...] na visão moderna urge substituir a doutrina da utilidade considerada como base da regra do direito, pela doutrina que considere a vida econômica a serviço da *vida social* comunitária, familiar e pessoal. A base de toda sã economia é a terra equitativamente distribuída, são os bens radicais, de propriedade particular ao alcance de todos, cuja posse moderada e submissa aumenta a paz social e estende a riqueza comum.<sup>758</sup>

A postura de Padre Pedro Paulo Koop inovadora sob sua pena é, na verdade, devedora das proposições de João XXIII na *Mater et Magistra*, da recente declaração da Comissão Central dos Bispos e, em última análise, da Doutrina Social Igreja. Ela indica, contudo, o espírito no qual ele está emergido e acusa, pela primeira vez, uma nova concepção da atuação da Igreja ante as demandas da sociedade. Põe em xeque, à luz da

<sup>754</sup>Cf. CNBB. Declaração da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. In. \_\_\_\_\_. **Plano de Emergência para a Igreja do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1963 (Estudos da CNBB,1); ANUPHIS – Declaração da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **A Fé**. Bauru, 15. out. 1961.

<sup>755</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Reforma Agrária. **A Fé**. Bauru, 11. fev. 1962, p.1.

<sup>756</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Reforma Agrária. **A Fé**. Bauru, 11. fev. 1962, p.1.

<sup>757</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Reforma Agrária. **A Fé**. Bauru, 11. fev. 1962, p.1.(Grifo nosso)

<sup>758</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Reforma Agrária. **A Fé**. Bauru, 11. fev. 1962, p.1.(itálico no original)

mais lúdima tradição da Igreja, o direito à propriedade e reafirma sua missão social, como o fez o Papa na Encíclica que celebrava o septuagésimo aniversário da primeira grande encíclica social, *Rerum Novarum*.

Nessa perspectiva e à guisa de ilustração, à luz de um processo renovador e fiel ao Papa, Dom Henrique Golland Trindade, apressou-se em fazer com que ideias da Encíclica Social de João XXIII, lançada em maio de 1961, repercutissem no interior da Igreja local de Botucatu. Destarte, levou a termo a celebração de uma Semana de Estudos e debates nacionais realizadas, entre outros lugares, em Bauru. Para tal feito, além de vários conferencistas, convidou o Frade Carlos Josaphat. Ao que tudo indica a conferência do teólogo Dominicano reverberou em muitas latitudes e recebeu, em alguns círculos, a alcunha de comunista. Ante tais acusações, Padre Paulo Koop, assumiu a defesa do Frei Carlos<sup>759</sup> refutando toda pecha que sobre ele pudesse recair de ser comunista ou esquerdista. Mais ainda, para rechaçar uma semântica inadvertida em relação a esses dois termos, admitiu que no campo da justiça social, católicos e comunistas podem, mesmo com motivações diferentes, ter muito em comum. Ademais, aproveitou para outra vez expressar seu entendimento acerca da discussão sobre reforma agrária:

NA VERDADE, num país como o nosso, o problema, essencialmente não é o da terra e não se resolverá simplesmente dando terra a quem não possui. O QUE importa é dar efetividade à propriedade, utilidade social e a uma igualdade de oportunidades, assistência técnica, créditos e mercados onde os produtos da terra não sejam aviltados.<sup>760</sup>

Na Semana de Estudos e debates e no texto publicado logo após o fim dessa jornada de reflexão, confirma-se o entendimento de Koop sobre a questão social. Não se trata de uma postura ingênua mas de um pensamento complexo que divisa num amplo conjunto de ações concretas que convergiriam para uma eficaz promoção de justiça social. A explícita apologia aos arrazoados de Carlos Josaphat, mesmo sem citá-los diretamente, indicam a preocupação para que os debates fujam da seara das polarizações e concentrem-se na necessidade latente de mudanças na estrutura social que estavam em curso. Do mesmo modo, tenham foco na colaboração que a Igreja poderia oferecer nesse momento.

Esses fatos desvelam que, também no plano social havia, em germe, um clima de mutação. Como toda mudança, a que se processava em Bauru (e em Botucatu), era

---

<sup>759</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Frei Carlos Josaphat. *A Fé*. Bauru, 18. fev. 1962, p.1.(Grifo nosso)

<sup>760</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Frei Carlos Josaphat. *A Fé*. Bauru, 18. fev. 1962, p.1.(Caixa alta no original)

marcada por uma dicotomia de avanços e retrocessos; continuidade e descontinuidade; rupturas e prossecução. A preocupação assistencialista dos anos imediatos à chegada de Koop (e Henrique Golland Trindade) em Bauru, são secundadas por visões mais aprofundas que vão se processando ao longo dos anos. Tal visão, em princípio, é motivada pela preocupação, de certo modo, em controlar a reforma a agrária a expensas, de ao não a acompanhar, perder o homem do campo. Paulatinamente ela vai se transformando numa inquietação com a transformação social e a finalidade da propriedade privada. Esse fato, porém, não alija totalmente do seu horizonte a tônica assistencialista do trabalho social. Nota-se nessas posturas, tensões ordinárias de um processo de renovação.

Ainda no bojo das movimentações que confluíam para uma atmosfera de transformação eclesial encontram-se as diversas investidas no espectro paroquial. Bauru, particularmente na perspectiva do Bispo diocesano, era uma paróquia que inspirava cuidados. Desde 1913, embora algumas divisões fossem a ela aplicadas, a paróquia comportava, até dezembro de 1950, todo o território da cidade de Bauru. Em sua primeira visita pastoral ao local, Dom Henrique contemplava a possibilidade de criar e instalar novas comunidade religiosas na cidade e erigir outras paróquias<sup>761</sup> a fim de melhor atender a cidade, que se demonstrava uma “paróquia difícil” e de “difícil apostolado.”<sup>762</sup> As duas propostas foram equacionadas. Tanto a chegada de novas ordens como a criação de novas paróquias. Esta última mais de uma vez, dado a expansão da cidade e do clero.

Em 1951, um ano após ter revelado seu desejo de instituir mais paróquias foi instalada uma na Vila Cardia; no ano seguinte, 1952, outra divisão, desta vez, Santa Teresinha e Nossa Senhora Aparecida, desmembradas da paróquia Divino Espírito Santo. As duas primeiras confiadas aos Missionários do Sagrado Coração e esta última ao clero diocesano. Em 1955 foi erigida uma nova paróquia, agora, dedicada a Santo Antônio. Em 1962, na eminência de Bauru tornar-se sede diocesana, foram criadas São Judas Tadeu e São Simão como paróquias e, sob o orago de São Sebastião, fez-se outra. Do ponto de vista numérico, num espaço de dez anos, foram criadas seis paróquias e Bauru passou a ter sete comunidades paroquiais, criou-se mais paróquias em uma década do que nos trinta e oito precedentes, média de uma nova circunscrição eclesiástica a cada um ano e meio. Tratava-se de uma política eclesiástica que visava dividir para melhor assistir a cidade que o prelado julgava difícil e que inspirava cuidados. Não se tratava, ao menos nos anos iniciais, de uma revisão conceitual da estrutura paroquial, mas paulatinamente e associado

---

<sup>761</sup>Cf. ACDESB – Livro Tombo – 1. Bauru-SP, p 87.

<sup>762</sup>ACDESB – Livro Tombo – 1. Bauru-SP, p 87. 89.

a outras ações, essa postura foi tornando-se centelha de uma busca de renovação das estruturas paroquiais.

Ao longo desse processo ao lado da multiplicação das paróquias, foi agudizando-se o entendimento eclesiológico acerca dessa instituição. Em 1953, logo após o desmembramento da paróquia do Divino Espírito, circulou no jornal *A Fé*, à guisa de editorial, textos que visavam tornar aguçado o entendimento de paróquia.<sup>763</sup> Tratava-se de uma concepção ainda devedora e nostálgica de um entendimento da cultura medieval que divisava nessa unidade da estrutura eclesial o “lugar responsável pela conquista de todas as *almas* que vivem no seu território.”<sup>764</sup> Paradoxalmente, nesse mesmo cenário, em outro artigo, assume-se a noção de Igreja como “família”, “comunidade viva”, lugar de “formação da consciência” onde todos são “iguais”, “ativos” e “interessados.”<sup>765</sup> Coexistem nesse mesmo espaço um pressuposto de renovação com ideias conservadoras, sinal de um período de transição e mudanças.

Quatro anos após essas reflexões, numa reunião do decanato de Bauru e Pederneiras,<sup>766</sup> na cidade de Agudos, certamente dirigida por Padre Paulo Koop, os sacerdotes definem ações que imprimem transformações a fisionomia paroquial. Julgam necessária a criação de conselhos (diretorias) paroquiais com reuniões bimestrais, endossam o fortalecimento da imprensa católica (Meio de formação), apelam para que a catequese seja otimizada, incluso advogando a constituição de um curso superior de catequese a ser realizado na Faculdade de Filosofia e Letras mantida pelas irmãs Missionárias Zeladoras do Sagrado Coração. Ademais, no contexto da recente concessão por parte de Pio XII do direito de celebrar missas vespertinas, os presbíteros reivindicam que em Bauru, centro urbano, fosse possível celebrações noturnas semanais para o bem do povo, como acontecerá, tempos depois, na paróquia Santa Teresinha. Todas essas ideias são secundadas, como aconteceu no interior da própria reunião, pelos arrazoados defendidos na conferência do Padre João Álvaro Ruiz, sobre os conceitos da Ação Católica e do Movimento Mundo melhor, que pretendia uma ação eclesial por meio de um laicato consciente e preparado.

---

<sup>763</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Paróquia e os Paroquianos. *A Fé*. Bauru, 19. abr. 1953, p.1; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Católico sabes o que é uma “paróquia?” o que significa ser “paroquiano” Paróquia e *A Fé*. Bauru, 14.fev.1954, p.1.

<sup>764</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Católico sabes o que é uma “paróquia?” o que significa ser “paroquiano” Paróquia e *A Fé*. Bauru, 14.fev.1954, p.1.

<sup>765</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. paróquia? *A Fé*. Bauru, 14.fev.1954, p.1.

<sup>766</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. CONCLUSÕES DA REUNIÃO dos sacerdotes do decanato. *A Fé*. Bauru, 9. nov. 1958. p.1.

A um só movimento, essas decisões delineavam traços de uma pastoral urdida nos moldes de uma ação coletiva, organizada em conjunto. Denunciavam, outrossim, um interesse na formação do laicato para atuar ativamente nos direcionamentos e nas responsabilidades da estrutura eclesial. Ato contínuo dessas conclusões e representativo da postura do clero, em Bauru, despontou um adensado curso de formação teológica e várias semanas catequéticas no período subsequente a essas decisões, buscando equacionar a necessidade de um laicato preparado e corresponsável.<sup>767</sup> Igualmente multiplicou-se a formação de conselhos(diretorias) paroquiais para ajudar a gerir as comunidades.

Em 1959, no mesmo jornal, desponta um novo texto, representativo dessa cultura de reflexões sobre a paróquia, na qual lufadas são sobejadas em Bauru. Padre Natal Antônio Mela, pároco da Matriz do Divino Espírito Santo, defende uma renovação paroquial. Um retorno ao cristianismo primitivo. Singular em sua argumentação é a ideia de que a Igreja é casa de todos os cristãos, lugar privilegiado para viver como irmãos o mandamento do amor. Veladamente ele critica a estrutura centrada no pároco e advoga a participação de todos, formando uma grande família Paroquial.<sup>768</sup> Na esteira dessas ideias e já na antevéspera do Concílio Vaticano II, o religioso Geraldo Paiva, M.S.C eleva a potência dessa ideia de renovação, admitindo uma crise nessa instituição e divisando na pastoral litúrgica o viés para uma efetiva renovação da comunidade paroquial.<sup>769</sup>

Nota-se que o decanato de Bauru, nos anos imediatamente anteriores ao Concílio Vaticano II, está eivado por uma ideia de renovação paroquial. Dos primeiros passos, meramente pautados pela jurisprudência canônica que entendia paróquia como espaço territorial, avançou-se em direção a ideia de uma Igreja família, comunidade participativa dos fiéis. Admitir a crise, na antevéspera do Vaticano, e divisar caminhos de renovação que já estavam sendo gestados, favorecerá ações inovadoras num futuro próximo. Convém, ponderar que essa renovação era mesclada por uma continuidade e descontinuidade em alguns aspectos, jamais por uma ruptura abrupta. Por fim, admite-se

<sup>767</sup>Cf. ANUPHIS – Curso de Teologia para Leigos. *A Fé*. Bauru, 8. mar. 1959. p.1.

<sup>768</sup>Cf. ANUPHIS – MELLA, Antônio Natal. *Viver a Paróquia*. *A Fé*. Bauru, 19.jul.1959, p.1: “Da pena considerar a apresentação moderna das nossas paróquias: No centro o pároco (as vezes a sua posição justificada só pelo título e pela nomeação canônica) em torno deles, algumas centenas de pessoas, cuja maioria mais se distingue pelos distintivos do que pelo zelo[...]”

<sup>769</sup>Cf. ANUPHIS – PAIVA, Geraldo. *Pastoral Litúrgica*. *A Fé*. Bauru, 12.fev.1960, p.1: O centro da preocupação pastoral moderna é, sem dúvida, a paróquia que está atravessando uma crise. Principalmente quer-se redescobrir na existência da paróquia a característica fundamental de família, núcleo, comunidade sobrenatural e restituir à sua atividade a nota correspondente de interesse comum, mútuas relações, cooperação, apostolicidade; em poucas palavras quer-se dar vida ‘ecclesia’ de assembleia, de comunidade aquela divisão jurídica territorial que fala o canon 216.

que se Padre Paulo Koop não é o principal artífice dessa mudança expressa nos textos, na condição de editor do jornal *A Fé* e coordenador do decanato, era ao menos o catalisador desse processo e dessa discussão. Ele, em última análise, comungava com esse propósito.

Um último elemento que pode ser aventado como presente no decanto de Bauru no período que antecedeu o Concílio, de maneira muito particular e com um entendimento próprio, era do movimento bíblico ou ao menos reminiscência dele. Já em 1948 na primeira missiva pastoral, Dom Henrique Golland Trindade, ao lado de outros mecanismos, admitia esse movimento como necessário a renovação eclesial, contributo inestimável para uma postura diferente no bojo da Igreja.<sup>770</sup> No jornal *A Fé*, já nas edições de abertura e por longo tempo, foi apresentado conteúdo de formação bíblica. Tratava-se de uma coletânea de textos que apresentava, sem nenhum aparato crítico a história sagrada tal como ela apresenta-se na bíblia.<sup>771</sup> Uma leitura corrida, que fazia germinar a possibilidade de uma aproximação bíblica.

Ainda nesse espectro, findadas aquelas publicações, desponta nos anos de 1956 e 1957 uma série de artigos sobre a questão da leitura e da compreensão da Bíblia.<sup>772</sup> Eles são assinados por um Missionário do Sagrado Coração, chamado Pedro Estrabelli.<sup>773</sup> Esse sacerdote, tempos depois, como descreveremos mais a frente, será a razão de um primeiro posicionamento de Paulo Koop acerca e em defesa do celibato eclesiástico. O Padre Estrabelli, um ano antes, havia publicado textos do jornal católico de Bauru. Sua marca era o embate apologético em favor de um *ethos* católico. Era combativo, incisivo e beligerante contra toda e qualquer postura protestante. Relativo à questão da Sagrada Escritura a mesma posição é assumida. Entre outras coisas, ele questiona um dos

<sup>770</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral**: Não nos iludamos e trabalhemos. Petrópolis: Vozes, 1948, p. 17.

<sup>771</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. A mais bela história do mundo. *A Fé*. Bauru, 14. maio.1950, p. 4; ANUPHIS – REDAÇÃO. A mais bela história do mundo: História bíblica do Velho e do Novo testamento. *A Fé*. Bauru, 14. maio.1950, p. 4.

<sup>772</sup>Para citar alguns: ANUPHIS – STRABELI, Pedro. “A Bíblia e só a Bíblia”. *A Fé*. Bauru, 12. fev. 1956; \_\_\_\_\_. “A BÍBLIA e a Igreja Católica”. *A Fé*. Bauru, 19. fev. 1956; \_\_\_\_\_. “A bíblia e a Você”. *A Fé*. Bauru, 26 fev. 1956; \_\_\_\_\_. A Bíblia e salvação. *A Fé*. Bauru, 4. mar. 1956, p.1; \_\_\_\_\_. A Bíblia e Jesus Cristo. *A Fé*. Bauru, 11. mar. 1956, p.1; \_\_\_\_\_. A Bíblia e Jesus Cristo. *A Fé*. Bauru, 18. mar. 1956, p.1; \_\_\_\_\_. Cristo não fundou uma Igreja Bíblica. *A Fé*. Bauru, 16 mar. 1956, p.1; \_\_\_\_\_. Bíblia e tradição. *A Fé*. Bauru, 4. mar. 1956, p.1; \_\_\_\_\_. Leitura da Bíblia e os católicos. *A Fé*. Bauru, 10. mar. 1957; \_\_\_\_\_. os Católicos sempre leram a Bíblia. *A Fé*. Bauru, 17. mar. 1957; \_\_\_\_\_. A SANTA IGREJA e a leitura de Bíblias falsificadas. *A Fé*. Bauru, 14. mar. 1957; \_\_\_\_\_. Tradutores da Bíblia protestante. *A Fé*. Bauru, 31. mar. 1957; \_\_\_\_\_. quem organizou a lista dos livros da santa Bíblia? *A Fé*., Bauru, 14 abr. 1957; \_\_\_\_\_. Bíblia e os apócrifos. *A Fé*. Bauru, 21. abr. 1957; \_\_\_\_\_. Algumas Definições. *A Fé*. Bauru, 28. abr. 1957; \_\_\_\_\_. A ORIGEM DA BÍBLIA. *A Fé*. Bauru, 05. maio 1957; \_\_\_\_\_. Os livros deuterocanônicos no antigo testamento. *A Fé*. Bauru, 12. maio 1957.

<sup>773</sup>Os artigos do Padre Pedro Strabelli em 1960 transformaram-se em livro publicado em Juiz de Fora com *imprimatur* do ordinário local sob o título: STRABELI, Pedro. **A Santa Bíblia ante as mil seitas protestantes**: esclarecimento aos católicos. Juiz de Fora: Lar Católico, 1960.

princípios basilares do protestantismo, afirmando ironicamente que “o estribilho: ‘a bíblia e só a bíblia’ pode ser religião de alguns cabeças transviadas, que não levam a sério as ordens, mas nunca foi o que Jesus ensinou aos seus apóstolos.”<sup>774</sup> Em contrapartida, ele advoga transversalmente em quase todos os seus escritos uma leitura do texto sagrado mediado pela tradição eclesial,<sup>775</sup> opondo-se a uma livre interpretação como, a seu ver, o fazem os protestantes.<sup>776</sup>

A tônica da grande maioria dos artigos, ao mesmo tempo que tenta aproximar os leitores do texto sagrado, critica a leitura protestante da Sagrada Escritura, dita de livre interpretação. Os textos endossam a tese de que somente a Igreja Católica tem a chave da reta interpretação da Sagrada Escritura. Nesses artigos e talvez na postura da Igreja do decanato em Bauru que os assumia quando os publicava no jornal que se propunha ser a voz da catolicidade na cidade, era incentivar, além da aquisição, a aproximação e a leitura comunitária (Leia-se sob o pálio da Igreja Católica) dos textos sagrados. Se essa posição não representava a totalidade daquilo que propunha o movimento Bíblico era, ao menos um passo que a Igreja local de Botucatu e o decanato de Bauru davam pelo viés de uma aproximação bíblica, do apostolado Bíblico.

Largos traços, o ambiente do bispado de Botucatu e particularmente o decanato de Bauru, sob o pálio das ideias renovadoras de Dom Henrique Golland Trindade que encontraram espaço e acordo nas de Padre Pedro Paulo Koop, tornou-se precípuo para uma renovação eclesial. Há um desejo de mudança em vista de uma melhor realização do anúncio evangélico, de uma maior aproximação da vivência do mistério litúrgico, de uma transformação da ação paroquial e de um compromisso com mudanças sociais. Essas ideias, mesmo que não levadas a cabo de maneira deliberada e sistematizadas, podem ser vistas de maneira concatenada como catalizadoras de condições que forjavam uma fecunda e frutuosa atmosfera que se aproximava das ideias que eclodiriam dentro do Concílio Vaticano II.

---

<sup>774</sup>ANUPHIS – STRABELI, Pedro. “A Bíblia e só a Bíblia”. *A Fé*. Bauru, 12. fev. 1956, p.1.

<sup>775</sup>Cf. ANUPHIS – STRABELI, Pedro. A Bíblia e a Igreja Católica. *A Fé*. Bauru, 19. fev. 1956, p.1.

<sup>776</sup>Cf. ANUPHIS – STRABELI, Pedro. A Bíblia e você. *A Fé*. Bauru, 26. fev. 1956, p.1.



## 2 Padre Pedro Paulo Koop e a preparação imediata para o Concílio: fase antepreparatória e preparatória.

A literatura pós-eleição do Papa João XXIII, ao menos parte dela, dá conta que se esperava dele um Papado célere, apático e transitório.<sup>777</sup> O prognóstico, como acenou-se brevemente na sessão anterior, pautava-se por sua idade, pois tinha já quase setenta e sete anos o que, quiçá, anunciasse um pontificado rápido e transitório. Igualmente por ter se notabilizado aos olhos da cúria Romana por uma estrita fidelidade e obediência<sup>778</sup> aquele que fora seu antecessor quando esteve à testa de cargos diplomáticos ou no patriarcado de Veneza, o que poderia indicar seu total assentimento das posturas de Pio XII, sem pretensão de alterar o curso daquilo que, até então, a Igreja vivia.

De fato, não obstante o estilo físico e protocolar diametralmente oposto ao de Eugênio Pacelli, João XXIII, em princípio, deu azo a uma agenda que emanava sinais de “normalização,”<sup>779</sup> de não pretender imprimir reformas a Igreja. Desde o recobrar das reuniões *di tabella* com todos os dicastérios romanos até a nomeação de Domenico Tardini para a função de Secretário de Estado do Vaticano, tudo indicava uma tendência de conservar a Igreja no suave curso da história que vinha sendo escrita. Não obstante a instituição, como mostramos na sessão anterior, estivesse gestando mudanças e alterações que afetavam desde as bases até altos estamentos eclesiais. Mais ainda, a postura do Papa Ângelo Roncalli, ao menos inicialmente, foi alinhada aos seus antecessores na defesa da religião e da Igreja contra o ateísmo e o comunismo, “a diferença neste caso [caso do Papa] foi a sua maior tolerância e diálogo,”<sup>780</sup> como notou-se em episódios diplomáticos com antípodas como o governo soviético ou cubano.

O caráter inicial, todavia, dado mais a conservar o *establishment* eclesial, próximo de cumprir três meses da eleição daquele que seria um Papado de transição, sofre um

---

<sup>777</sup>Cf. ALBERIGO, Giuseppe. **Ângelo José Roncalli, João XXIII**. São Paulo: Paulinas, 2000, p.159; ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962. v. 1.** Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 18; ZIZOLA, Giancarlo. **II conclave, storia e segreti**. Roma: Newton Compton, 1993, p. 216-238; SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: BOMBONATO, Vera Ivanise; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Org). **Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas. 2 ed.2005, p.23-24.

<sup>778</sup>Cf. SOUZA, Ney; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. **Teocomunicação**. Porto Alegre v. 44 n. 1.jan-abr. 2014, p.15.

<sup>779</sup>ALBERIGO, Giuseppe. El Anuncio del Concilio: De la seguridad del baluarte a la fascinación de la búsqueda. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962. v. 1.** Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 18.

<sup>780</sup>SOUZA, Ney; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. **Teocomunicação**. Porto Alegre v. 44 n. 1.jan-abr. 2014, p.15.

abalo, pois eclode a notícia de que João XXIII convocara um tríptico de ações que definiriam o curso do seu Papado. “Um sínodo Diocesano para urbe de Roma e [...] um Concílio Ecumênico para a Igreja Universal.”<sup>781</sup> Como corolário desses dois eventos, e completando a última parte do tríptico, despontaria a “desejada e esperada atualização do Código de Direito canônico.”<sup>782</sup>

Esse anúncio, ao longo do discurso pronunciado diante dos cardeais na Basílica de São Paulo Fora dos Muros, é precedido por uma argumentação que revela o pontífice preocupado com que a Igreja em Roma e no mundo recobrem o “fervor” e a “fecundidade” numa sociedade claramente urbanizada e em profundas mudanças.<sup>783</sup> Ademais, o discurso mesmo que admitisse que o pontífice estava “tremendo de emoção”, apresenta as duas propostas como “resolução decidida” e “de propósito firmes”, inspiradas pelo Espírito Santo.<sup>784</sup> Ele, assim, indica que estava, de certo modo, consciente do que desejava, mesmo que não entendesse todas as vicissitudes que se assomariam ao seu projeto e os desdobramentos que ele comportaria. Deve-se concluir que com essa atitude de modo deliberado ou não, João XXIII, marca uma época, adentra os umbrais como o primeiro Papa que não era anti-moderno, fator de uma nova época,<sup>785</sup> alguém com quem a “Igreja deixou de ter – enfim – medo do mar alto.”<sup>786</sup>

O anúncio de João XXIII que correu o mundo, inicialmente teve uma opaca repercussão documental, naquela que recentemente havia sido elevada a categoria de arqui-diocese, isto é, em Botucatu, particularmente num dos seus mais expressivos decanatos, o de Bauru. As laudas do periódico *A Fé*, voz da catolicidade nessa região, dirigido pelo Padre Pedro Paulo Koop, somente dois meses depois da notícia amplamente desfraldada em vários meios de comunicação, levou a cabo uma breve reflexão sobre o que significaria aquele inesperado evento convocado pelo Papa João XXIII que, mais tarde saber-se-ia, teria o nome de Vaticano II.

A rigor, a postura dessa Igreja local especialmente em Bauru, reflete a posição da Igreja Católica no mundo inteiro e, num plano mais estrito, no Brasil. No próprio

---

<sup>781</sup>AA – Acta et documenta Concilio oecumenico Vaticano II apparando, series prima (antepreparatoria). I, p.5; Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II** :Documentário pré-conciliar. Petropolis: Editora Vozes. v.1, 1962, p. 11-12.

<sup>782</sup>AA. I, p. 5.

<sup>783</sup>Cf. AA. I, p. 3.

<sup>784</sup>Cf. AA. I, p. 5.

<sup>785</sup>Cf. SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Concílio Vaticano II. In: BOMBONATO, Vera Ivanise; GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes. (Org). **Concílio Vaticano II: Análise e prospectivas**. São Paulo: Paulinas. 2 ed. 2005, p. 24 -25.

<sup>786</sup>FESQUET, Henri. **Fioeretti do Papa Bom**. Lisboa: Livraria duas cidades, 1964, p. 23.

consistório celebrado no mosteiro beneditino junto a basílica São Paulo Fora dos Muros, houve “um impressionante e devoto silêncio”<sup>787</sup> por parte dos cardeais presentes. O jornal oficial do Vaticano, como bastante documentado, não transcreveu o discurso do Papa e limitou-se a apresentar apenas uma breve nota acerca do evento convocado por João XXIII e seu primeiro comentário oficial foi um texto do Arcebispo de Milão.<sup>788</sup> No Brasil, um dos mais prestigiosos periódicos da Igreja católica, editado em Petrópolis, que reverberava notícias eclesiais em todas as latitudes, a Revista Eclesiástica Brasileira (REB),<sup>789</sup> emulou a postura do *L'osservatore Romano*<sup>790</sup> transcrevendo a pequena nota que havia aparecido no semanário do Vaticano e reproduzindo um ínfimo fragmento do comentário do Cardeal Montini, onde ele descrevia o Concílio como “acontecimento histórico.”<sup>791</sup> Tempos depois, o mesmo periódico reproduziu, ainda sem muitos comentários, a íntegra da alocução do Papa aos cardeais<sup>792</sup> e um pequeno reporte sobre as reações ao anúncio do Concílio pelo mundo.<sup>793</sup> Por parte dos Bispos, tem-se a protocolar, embora não pública naquele momento, manifestação do Cardeal Jaime Câmara, que via no anúncio do Concílio o abrir de “um raio de esperança em dias melhores para a cristandade.”<sup>794</sup>

Ainda no Brasil, mais especificamente em Bauru, nota-se que os Livros Tombo das três mais antigas paróquias da cidade - Divino Espírito Santo, Santa Teresinha e Nossa Senhora Aparecida - não registram nenhuma referência ao anúncio do Concílio. No período, a Paróquia Nossa Senhora Aparecida estava envolta com a construção da Escola paroquial que levava o nome de Padre João Hulst – sacerdote que construiu o templo das

<sup>787</sup>ALBERIGO, Giuseppe. El Anuncio del Concilio: De la seguridad del baluarte a la fascinación de la búsqueda. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparación – Enero 1959 – septiembre 1962.** v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca;Peters: Leuven, 1999, p. 18.

<sup>788</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965.** 2001. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 45; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965.** São Paulo: Paulinas, 2005, p. 72.

<sup>789</sup>Estudo aprofundado sobre a recepção do Concílio Vaticano II através das páginas da Revista Eclesiástica Brasileira apresentados numa perspectiva decolonial pode-se ler: MARCHINI, Welder Lancieri. **Descolonizando um Concílio europeu. A REB e a recepção do Vaticano II.** São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.2019. (Tese Doutorado em Ciências da Religião)

<sup>790</sup>Cf. DOCUMENTAÇÃO. O Papa anuncia três acontecimentos de máxima importância. **Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis. v.19, f. 1, mar. 1959, p.162.

<sup>791</sup>DOCUMENTAÇÃO. Próximo Concílio Ecumênico. **Revista Eclesiástica Brasileira.** Petrópolis. v.19, f. 1, mar. 1959, p. 219.

<sup>792</sup>AA. I, p. 3- 6; Cf. DOCUMENTAÇÃO. Solene Alocução de João XXII Aos Cardeais, anunciado o Futuro Concílio Ecumênico. Petrópolis. **Revista Eclesiástica Brasileira.** v.19, f. 2, jun. 1959, p. 427.

<sup>793</sup>Cf. DOCUMENTAÇÃO. Primeiras reações à convocação do Concílio ecumênico. Petrópolis. **Revista Eclesiástica Brasileira.** v.19, f. 2, jun. 1959, p. 465-466.

<sup>794</sup>AA. I, p.142.

três paróquias – e com a transferência de pároco na comunidade,<sup>795</sup> emudecendo-se, desse modo, sobre o anúncio de João XXII. Na matriz do Divino Espírito Santo, o Padre Natal Antônio Mela, registra apenas que está cansado com a construção da nova sede da matriz e que renunciaria seu ofício de pároco, em favor daquele que, pouco tempo depois, seria bispo de Lorena, Monsenhor José Melhado de Campos, passando o padre a dedicar-se ao apostolado social.<sup>796</sup> Ele, igualmente, não registrou nenhuma menção aquilo que o Papa Bom havia proposto. Por fim, os registros da paróquia Santa Teresinha, que já tinham latentes limites de anotações, não fazem nenhum escólio sobre o anúncio do Concílio. O próprio pároco que era editor do jornal *A Fé*, Padre Paulo Koop, como já foi mencionado anteriormente, pedia escusas quando de sua nomeação episcopal para o sólio Linense, indicando o periódico que dirigia como fonte crível acerca de qualquer informação sobre a Igreja no tempo que passara no lugar.<sup>797</sup> Assim, é através do semanário da catolicidade de Bauru que as informações sobre o Vaticano II irão despontar.

Aventa-se, contudo, que do silêncio às poucas informações sobre esse evento, bem mais que indiferença ou retaliação às posturas do Papa, havia um não entendimento das perspectivas do trabalho que seriam desenvolvidas no Concílio. Mais ainda, um desconhecimento do que isso implicaria no período pré-conciliar na realidade sensível de cada paróquia. Os objetivos do Concílio, de fato, não estavam suficientemente aclarados para a Igreja como um todo, menos ainda para o noroeste paulista.

A respeito do anúncio de João XXIII somente em março de 1959, a quase cinquenta dias do consistório no qual a notícia foi informada, no jornal *A Fé*, o Frei Clarêncio Neotti, reportou um breve comentário sobre a proposta do Papa. O artigo<sup>798</sup> estampado na primeira página do semanário católico de Bauru, está posto ao lado de uma motivação para a continuidade de um curso de formação teológica para leigos, desencadeado a partir de um processo de renovação paroquial, como afirmamos anteriormente. A justaposição, quiçá mera casualidade, coloca em evidência um certo dinamismo que, mais tarde o Vaticano II revelará, secundado por um movimento já em curso no decanato de Bauru.

No artigo, o Frei Clarêncio Neotti, Diretor do centro radiofônico Franciscano, é claro e objetivo. Inicialmente sua intenção é desfazer o que ele chama de “opiniões

---

<sup>795</sup>Cf. APNSAB - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Bauru. **Livro Tombo**. Bauru-SP, p. 22v.

<sup>796</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 7v.

<sup>797</sup>Cf. APSTB – Arquivo da Paróquia Santa Teresinha em Bauru. **Livro Tombo I**. p. 9v.

<sup>798</sup>Cf. ANUPHIS – NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

ridículas em torno da sensacional próxima reunião dos bispos do mundo”<sup>799</sup> apregoadas por diversos meios de comunicação. De fato, afirmou um analista, a informação sobre a celebração do Concílio chegou ao Brasil “pelas agências de notícia, rádios, jornais e, nas poucas cidades aonde chegavam as imagens, também pelos noticiários” [...] gerando várias reações “entre perplexidades e acolhida calorosa[...], sempre com muitas dúvidas e interrogações[...].”<sup>800</sup> Nesse sentido, o religioso franciscano tenta precisar o que significa o Concílio ecumênico. Diferente de Concílios regionais, diocesanos ou nacionais, ele admite, tratar-se de um evento mundial que somente o Papa goza de prerrogativa para convocar e confirmar aquilo que nele for decidido. Aos bispos e autoridades religiosas compete tomar parte do evento representando toda catolicidade e assentirem as decisões dele exaradas.<sup>801</sup> Esse evento, outrossim, é “a forma mais solene do magistério se pronunciar na doutrina.”<sup>802</sup> Aos olhos do Frei e dos seus leitores, o Concílio será um evento de proporções que extrapolam os limites continentais e que buscará fazer definições de fé, descrições doutrinárias.

Ainda no entendimento do diretor do Centro radiofônico Franciscano, e exprimindo a compreensão de certo modo de uma casta acadêmica, visto que ele é um teólogo, o Concílio poderia admitir outras religiões como partícipes da assembleia, contudo sem direito a voz. Mais ainda, assumindo uma visão herdeira dos ensinamentos do Vaticano I sobre a autoridade Papal, afirma que o Concílio “não está acima do Papa e nada pode decretar contra o Pontífice Romano.”<sup>803</sup> Por fim, na confluência do que muitos esperavam ou supunham que seria o interesse do Concílio, ele ajuizava que um dos seus “principais temas seria o possível retorno das Igrejas separadas,”<sup>804</sup> visto que os dois últimos Concílios haviam tido suas próprias batalhas para enfrentar. Trento a de “estabelecer a paz religiosa perturbada pelo movimento de Lutero” e o Vaticano I “remediar o mal produzido pelo racionalismo.”<sup>805</sup>

Nota-se que as informações aventadas pelo jornal *A Fé*, do qual Paulo Koop é editor e revisor, são seminais sobre o Vaticano II. A catolicidade em Bauru, entende,

<sup>799</sup>ANUPHIS – NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

<sup>800</sup>BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 43. BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 70.

<sup>801</sup>Cf. ANUPHIS – Cf. NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

<sup>802</sup>ANUPHIS – Cf. NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

<sup>803</sup>ANUPHIS – Cf. NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

<sup>804</sup>ANUPHIS – Cf. NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

<sup>805</sup>ANUPHIS – Cf. NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

mesmo que de modo tardio, que o Concílio é um evento de proporções multitudinárias e internacionais que debruçar-se-á sobre temáticas ligadas a doutrina, dentre as quais a mais premente será a questão de um possível retorno das Igrejas separadas para o catolicismo. Tanto para os formadores de opinião, quanto para os leitores, transparece com clareza que o Concílio se pautará nas mesmas linhas do Vaticano I, onde a autoridade Papal tem poder supremo ante assembleia conciliar e sua grande batalha será buscar a unidade a todo custo.

Nesse período Padre Paulo Koop, além de assentir a reflexão do Frei Clarêncio Neotti na primeira página do jornal que dirigia, não registra nenhuma manifestação sobre o Concílio, ou ao menos não está acessível qualquer registro. Contudo, deve-se dizer que não se tratou de um evento sem relevância para o sacerdote, pois tempos depois e já como bispo de Lins, confidenciou a um dos seus colaboradores que o Concílio fora “uma verdadeira escola que converteu seu modo de pensar e de agir.”<sup>806</sup> Essa inicial lacuna de registros pessoais acerca do anúncio feito pelo Papa João, pode ser explicada na mesma linha daquilo que ocorreu com os diversos meios de comunicação, isto é, a dificuldade de sorver aquilo que com a convocação desse evento se pretendia realmente e quais eram seus objetivos. Ademais pode-se intuir que nesse período o Vigário Decano de Bauru estava diretamente imbricado com outras atribuições e encargos, como os preparativos para instalação da província eclesiástica e da arquidiocese de Botucatu que, como afirmou o próprio sacerdote, de maneira jubilosa inaugurava “uma nova fase espiritual para estas regiões da terra paulista e talvez não deixe de esconder em seu bojo consequências de grande alcance, inclusive para a nossa cidade de Bauru”.<sup>807</sup> É neste momento que se deu as primeiras tratativas para a possibilidade de um bispado em Bauru.<sup>808</sup> De igual forma, lhe ocupava a preparação da III Concentração Regional de Nipo-descendentes que seria celebrada em julho daquele ano, na sede do decanato do qual ele era responsável e um dos principais artífices, como denunciamos no capítulo primeiro desta tese.

---

<sup>806</sup>ACPMSC-SP- DANS, Hugues. Dom Pedro Paulo Koop: Pai e Profeta. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 3.

<sup>807</sup>ANUPHIS – KOOP. Pedro Paulo. Creado o arcebispado de Botucatu. **A Fé**. Bauru, 8 jun. 1958, p.1 (Grifo nosso).

<sup>808</sup>Cf. PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II**: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970). UNESP: Franca, 2011, p. 133 (Nota, 2): “No mesmo dia 8/06/1958 Padre Pedro Paulo Koop recebia carta escrita por Sérgio Túlio Coube, vereador, filho do Sr. João Martins Coube, proprietário da Tipografia Brasil (TILIBRA), na qual era impresso o jornal ‘A Fé’. Na carta manifestou satisfação pela elevação de Botucatu à arquidiocese. Expôs que ‘este mesmo acontecimento, fez-me, entretanto, voltar a pensar na possibilidade da criação da Diocese de Bauru. [...] Creio que Bauru já comporta, necessita e exige mesmo – para o desenvolvimento e maior intensidade do catolicismo, - a criação de um Bispado. [...] O que é necessário para que seja criada a diocese de Bauru?’. Ou seja, desde o início os interesses religiosos e políticos estiveram atuando conjuntamente conforme era habitual no regime de cristandade.”

Cessado o frisson ou o silêncio causado pelo anúncio de João XXIII, iniciou-se um processo de delineamento do objetivo e da finalidade do Concílio. No discurso aos cardeais - embora ainda explicita em outras ocasiões<sup>809</sup> - o Papa já tinha dito que o objetivo da assembleia era duplo “promover o esclarecimento, a edificação e a alegria do povo Cristão” e, ao mesmo tempo, propor “um renovado convite cordial aos irmãos das comunidades separadas para participar[...] desta busca pela unidade.”<sup>810</sup> Este último aspecto ficou muito patente para uma grande parcela dos seus interlocutores. Incluso o artigo do Frei Neotti, acima mencionado<sup>811</sup> e um outro texto publicado pelo mesmo autor,<sup>812</sup> davam a entender que essa seria a mais premente questão do Concílio. A redação do semanário da catolicidade de Bauru atesta que “o problema da unidade dos Cristãos haverá de ser o mais importante de todos”<sup>813</sup> os temas conciliares.

Diante de tão divulgado propósito deve-se dizer, todavia, que no universo da cidade de Bauru, sobretudo nas páginas do jornal *A Fé*, havia um clima beligerante em relação a questão da unidade, ao debate ecumênico. Em vários artigos, havia críticas mordazes e tentativas constantes de desqualificar toda e qualquer empresa protestante.<sup>814</sup> O próprio Pedro Paulo Koop, que tinha em sua ascendência um veio protestante, a menos de um ano do anúncio do Concílio, contrariado pelo espaço equivalente ao do catolicismo conferido a outras tradições religiosas em jornais, assim se expressava:

Situação Lamentável - Como nos dói no fundo d’alma vemos a grande imprensa em mãos de inimigos da nossa fé ou **daqueles que nos reduzem a uma seita qualquer com o privilégio e direito de um cantinho da: ‘religiões’ ao lado dos mais variados cultos protestantes e centros espíritas.** Essa imprensa tão grande quanto sem caráter, **nos trata como uma das inúmeras seitas que proliferam por aí,** olha-nos com ares de superioridade e julga-nos prestar-nos um

<sup>809</sup>Cf. ALBERIGO, Giuseppe. El Anuncio del Concilio: De la seguridad del baluarte a la fascinación de la búsqueda. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962.** v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 44-52.

<sup>810</sup>AA. I, p. 5; Cf. O’MALLEY, John W. **O que aconteceu no Vaticano II.** São Paulo: Loyola, 2014, p. 29; \_\_\_\_\_. **Quando os bispos se reúnem:** Um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II. Lisboa: Edições 70, 2020, p. 25-26; \_\_\_\_\_. **When Bishops meet:** Na essay comparing Trent, Vatican I and Vatican II. Cambridge: The Belknap press of Harvard University press. 2019, p. 23-24(Ebook).

<sup>811</sup>Cf. ANUPHIS – NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. **A Fé.** Bauru, 08. mar. 1959, p.1.

<sup>812</sup>Cf. ANUPHIS – NEOTTI, Clarêncio. Um só rebanho e um só pastor. **A Fé.** Bauru, 15. mar. 1959, p.1.

<sup>813</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. A Igreja se prepara para o Concílio. **A Fé.** Bauru, 8. nov. 1959, p.1.

<sup>814</sup>Cf. ANUPHIS – STRABELLI, Pedro. Bíblia e a deslealdade protestante. **A Fé.** Bauru, 18 nov. 1956, p.1; STRABELLI, Pedro. Doutrina de Cristo e Doutrina de Cristo. **A Fé.** Bauru, 17 fev. 1956, p.1. STRABELLI, Pedro. A Santa Igreja e a leitura de Bíblias falsificadas. **A Fé.** Bauru, 14 mar. 1957, p.1; STRABELLI, Pedro. Tradutores da Bíblia protestante. **A Fé.** Bauru, 31 mar. 1957, p.1.

grande favor quando nos concede a esmola de alguma notícia favorável a nossa fé!<sup>815</sup>

Um pouco antes, dessa posição e provando que ela se inseria numa continuidade de ideias que, à época, fecundavam o imaginário, o sacerdote holandês, nos meses finais de 1956, Padre Paulo Koop, também se envolveu com debates relativos à questão do relacionamento com protestantes. Ele, primeiro proibiu e, somente com uma retratação pública<sup>816</sup> de um grupo de estudantes normalistas, finalmente consentiu a celebração de missa em ação de graças pela conclusão do curso. Segundo Koop, os alunos da Escola Normal livre Guedes de Azevedo haviam sido desonestos com os vigários da cidade de Bauru ao produzirem um cartão-convite que justapunha, de maneira inconcebível, imagens católicas e de outras tradições religiosas, a seu ver, heréticas. Nas palavras de Koop:

Lamentamos profundamente ter que avisar aos professores católicos de 1956 da escola normal livre, anexa ao colégio “Guedes de Azevedo, que vedamos a celebração da Santa Missa em ação de graças, de sua iniciativa, por haverem consentido que **fosse impresso um convite em que figura a celebração da Santa Missa ao lado de cultos heréticos (protestante e espírita)**. Protestamos, outrossim, contra a falta de lealdade praticada contra os dois revmos. Srs. Vigários desta cidade. **Saibam os ditos professores que se tornaram culpados de pecado grave contra a Santa fé Católica**<sup>817</sup>

O avançar da preparação em direção ao Concílio e a tomada de conhecimento do trabalho do movimento ecumênico<sup>818</sup> convergem para que Paulo Koop amplie sua reflexão sobre esse aspecto da unidade. Na primeira metade de 1962, aproximando-se a abertura do Concílio, o Vigário Decano de Bauru apresenta uma ideia dilatada acerca da questão da unidade. Essa ideia, contudo, ainda carrega a reminiscência de que a unidade seria uma questão de retorno ao seio da Igreja católica, como um fruto das mudanças que o Concílio operará:

De tudo isso resultará uma Igreja rejuvenescida, mais atraente, mansa, humilde, pastora que ‘segue as pegadas do bom pastor no místico peregrinar de vila em vila de casa em casa’(João XXIII). Esta Igreja de Jesus, resplandecente, eternamente jovem e bela, sem mancha e sem ruga, será irresistível convite às **Igrejas separadas** para que nela realizem a sonhada e ardentemente desejada união.<sup>819</sup>

<sup>815</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Católicos, a que chegamos? **A Fé**. Bauru, 03. nov. 1957, p.1. (Grifo nosso)

<sup>816</sup>Cf. BORGES, Ulisses Joaquim. Revdo. Padre Pedro Paulo Koop, D.D. Vigário Forâneo de Bauru. **A Fé**. Bauru, 16. dez. 1956, p. 2.

<sup>817</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Aviso. **A Fé**. Bauru, 09. dez. 1956, p. 2. (Grifo nosso)

<sup>818</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O movimento Ecumênico? **A Fé**. Bauru, 22. jul. 1929, p.1.

<sup>819</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Senhor! Aonde iremos? **A Fé**. Bauru, 15. jul. 1962, p.1.



Nesse mesmo ano, em edição especial do jornal *A Fé* no dia da abertura do Concílio, Paulo Koop, interpretando as intuições e João XXIII, apresenta novamente esse entendimento, isto é, que a questão da unidade será uma decorrência da atualização da própria Igreja e desse ponto resultaria convite ao retorno:

Espalhou-se a notícia que o Papa resolvera convocar um ‘Concílio de união’. Foi um equívoco. A verdade é que o Papa quer que o presente Concílio elimine tudo que, da parte humana, possa obstruir o caminho mais expedito para o retorno de ortodoxos e protestantes, que o Concílio apresente a Igreja de um modo em todo o seu fulgor sem mancha e sem ruga, para depois dizer: ‘Vede irmão, esta é a Igreja de Cristo. este é o caminho aberto para o encontro, o retorno; vinde para tomar ou retomar o vosso lugar que para muitos de vós, é o mesmo dos vossos antepassados’. Diz ainda o Papa: ‘Se, como alguns sustentam, quiséssemos iniciar com discussões e debates, nunca se chegaria a nenhuma conclusão’... o Concílio tem uma circunscrição própria, como *cidade do alto* ocupar-se-á em primeiro lugar e exclusivamente das coisas que se relacionam a *Igreja Católica*, nossa Mãe e sua interna organização. O Concílio é um fato interno da Igreja Católica, para renovar e atualizar(*sic*) suas instituições; somente depois, isto alcançado, se poderá dirigir aos irmãos separados o *convite para retornar a casa paterna*.<sup>820</sup>

Nota-se que mesmo as transformações em curso na arquidiocese de Botucatu, no geral, e no decanato de Bauru, em específico, descritas na sessão anterior, não davam conta daquilo que parecia ser, para uma parcela de interlocutores, uma das pedras de toque do Concílio. O aspecto da unidade dos cristãos, naquele momento, caminhava em frente oposta, em sentido contrário ao que sonhava o bispo de Roma, na cidade de Bauru, até poucos dias antes do Concílio. Mesmo o editor do jornal *A Fé*, entusiasta de muitas transformações e renovações pastorais, somente paulatinamente vê essa aposta como um caminho promissor. Ele a vê de diferentes modos ao longo do tempo, mas sempre é devedor de uma ideia de retorno dos irmãos separados ao leito da Igreja católica bem mais do que de uma noção ampla de unidade, respeitando as singularidades eclesiológicas de cada tradição. Antes do Concílio, portanto, não é perceptível uma grande abertura ao ecumenismo na cidade de Bauru. Na figura de Pedro Paulo Koop essa perspectiva vai se tornando progressivamente aguda e, se supõe, alterada no curso da assembleia convocada por João XXII e nos anos seguintes a ela.

Em paralelo as precisões conceituais acerca da finalidade da assembleia conciliar, foi consolidado na festa de Pentecostes de 1959 uma comissão capitaneada pelo Cardeal

---

<sup>820</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Retrato do Vaticano II. *A Fé*. Bauru, 11. out. 1962, p.1. (Itálico no original)

Tardini, denominada de ante preparatória.<sup>821</sup> A esse grupo competia consolidar o material para uma preparação remota do evento.<sup>822</sup> Ato inicial dessa comissão foi organizar uma consulta a todos os bispos, superiores gerais de congregações e instituições romanas. Num primeiro momento, ela seria pautada por temas pré-definidos, o que de certo modo tolheria ou moldaria o olhar dos interlocutores. Findou, contudo, tornando-se uma missiva que fazia apelo irrestrito a todos os seus destinatários para que pudessem apresentar livremente, sugestões e propostas acerca de temas sobre os quais a próxima assembleia ecumênica deveria verter sua reflexão.

As consultas, embora privadas naquele momento, tempos depois foram postas públicas e oferecem um singular material que revelam o ambiente eclesiástico e as expectativas que os bispos da província eclesiástica de Botucatu depositavam em suas respostas acerca do Concílio. Elas carregam, em seu bojo, elementos que de alguma forma, influíam na ação, no modo de pensar e nas atividades de Paulo Koop. Se não efetivamente, ao menos compunham o imaginário simbólico do sacerdote nos ambientes eclesiásticos que lhe permeavam, nos espaços em que gravitava. Nesse sentido, uma ligeira digressão justifica-se para contemplar os “vota”<sup>823</sup> desse pequeno grupo e averiguar se há algum nexos entre eles e o pensamento do Vigário Decano de Bauru.

Na província eclesiástica de Botucatu, recentemente criada, havia na época quatro bispados, além da arquidiocese que emprestava nome à província. Eram elas: Assis, Lins, Marília e Presidente Prudente, recém-criada. Com exceção desta última que não tinha, na época da consulta, sido instalada e tampouco gozava de bispo residencial, todas enviaram seus *vota*. Cem por cento dos bispos da região responderam a consulta. Refletindo sobre esse coeficiente nos termos do historiador Fouiloux, tal cifra reflete o grau de interesse dos bispos com o evento conciliar.<sup>824</sup> Em se comparando a média mundial, o episcopado no noroeste paulista esteve acima dessa marca que era apenas de 77,5 %<sup>825</sup> e dos demais

---

<sup>821</sup>Cf. ALBERIGO, Giuseppe. El Anuncio del Concilio: De la seguridad del baluarte a la fascinación de la búsqueda. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962.** v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 53.

<sup>822</sup>Cf. AA. I/1, p. 22-23.

<sup>823</sup>Para um estudo sobre os “Vota” do Episcopado Brasileiro pode-se ler: BARAUNA, Luiz. Análise dos “Vota” do Episcopado Latino-Americano: Brasil. In: Beozzo, José Oscar(org). **A Igreja Latino-Americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: edições Paulinas, 1993, p.146 –177.

<sup>824</sup>Cf. FOUILLOUX, Etienne. La fase antepreparatoria (1959 - 1960): el lento camino para salir de la inercia. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962.** v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 99.

<sup>825</sup>Cf. O’MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II.** São Paulo: Loyola, 2014, p. 93-105.

membros do episcopado nacional que alcançaram a soma de 80%<sup>826</sup> de reação as consultas. Estavam, portanto, imbricados com o Concílio, havia interesse na assembleia conciliar proposta por João XXIII, evidentemente a partir da perspectiva própria de cada prelado.

O cenário delineado pelos bispos nas dioceses sufragâneas e na própria arquidiocese de Botucatu não podem ser vistos como votos concatenados. Afinal, colegialidade episcopal, embora veladamente praticada com a fundação da Conferência Nacional dos Bispos, não tinha gozado de tempo suficiente para ser maduramente forjada nessa região. Assim, os votos podem ser lidos na linha de impressões pessoais que de certo modo espelhavam uma reflexão sobre a Igreja no noroeste paulista.

O bispo de Assis, Dom José Lázaro Neves, apresenta três sugestões em seu *votum*: o combate ao espiritismo, o desejo de uniformização da linguagem litúrgica e a possibilidade do uso do vernáculo na Liturgia.<sup>827</sup> O prelado de Marília, arcebispo-bispo, Dom Hugo Bressane de Araújo – que escreve o texto mais longo – em suas sugestões, entre outras coisas, pleiteia a simplificação dos processos matrimônios (dispensas, nulidade); a ordenação de diáconos permanentes face a escassez de sacerdotes; a condenação objetiva do espiritismo, uma nova fórmula de juramento da fé que se apresentasse mais anti-modernista e o uso da língua autóctone na liturgia.<sup>828</sup> O purpurado de Lins, Dom Henrique Gelain, a quem tempos depois Padre Pedro Paulo Koop sucederá, postula que no Concílio seja tratado, no sentido da uniformização, a questão das vestes sacerdotais; que se atualize o plano de formação nos seminários; seja debatido sobre a angustiante questão da falta de sacerdotes na América Latina, considerando reabilitar a instituição do diaconato permanente; por fim que seja proclamado o dogma da mediação da Virgem Maria.<sup>829</sup> O metropolitano dessa província eclesiástica, Dom Henrique Golland

---

<sup>826</sup>Cf. BARAUNA, Luiz. Análise dos “Vota” do Episcopado Latino-Americano: Brasil. In: Beozzo, José Oscar(org). **A Igreja Latino-Americana às vésperas do Concílio**: História do Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: edições Paulinas, 1993, p.147.

<sup>827</sup>Cf. AA. II / 7, p. 133-134: 1 - De questionibus spiritismi. Haec enim haeresis valde grassatur et pessime saevite inter fidelis; 2 - De Ampliore unitate in rebus liturgicus, servatis variis liturgiis sive occidentalium sive orientaulum[...] 3 – De facultate utendi língua vernácula in Ritual Romano pro omnibus nationibus, sed uniformiter, id est, omnibus concedatur quod unilargitur.

<sup>828</sup>Cf. AA. II / 7, p. 211.213.[...] 6 - Concedi potest facultas ad experimentum instaurandi ordinem diaconalem, iuxta petitia in congressu assisiensi. Diaconi etiam matrimonio iuncti, dummodo selecti et post brevem cursum seminaristicum, penuriae cleri brasiliensi optime sublevandae inservirent, itemque constituerent opportunam forma dimicandi contra heretico in dies numero crescentes; [...] 24- In Sacra liturgia usus linguae vulgaris crebrior sit.

<sup>829</sup>Cf. AA II / 7, p. 207-208: 1- Ut in toto orbe adsit uniformitas et sint adaptatae nostris temporibus vestes talaris sacerdotum, necnon uniformitas utendi tonsura, cum hoc in casu, magna disparitatis et negligentia adsit; 2- Ut innoventur et actualizentur studia seminariorum, praesertim maiorum, iuxta necessitatem nostrorum temporum. Ut sacerdotes saciant confutare errores hodiernos potius quam histórico; 3- Definitive

Trindade – o último a responder ao inquérito Vaticano – apresenta uma reflexão de cunho eclesiológico, propondo que a Igreja pudesse ser, humilde, paciente, transcendental, firme em seus princípios em relação aos costumes e aos governos e, acima de tudo, testemunha da caridade.<sup>830</sup>

Nota-se nas respostas à consulta feita aos purpurados da região noroeste do estado de São Paulo, uma postura preocupada com questões estritamente ligadas ao fórum interno da vida eclesial. Não há, como se percebe nenhuma preocupação de diálogo com a sociedade moderna. Incluso o bispo de Marília defende que se faça uma nova formula de profissão de fé que açambarque todos os erros hodiernos, suprimindo o juramento anti-modernista<sup>831</sup> e junto com o Bispo de Assis, exigem a condenação do Espiritismo. Ademais, com exceção do arcebispo metropolitano, que na prática pastoral já há muito advogava essa atitude, todos os bispos defendem o uso do vernáculo na liturgia. A preocupação com a escassez de clero e a sugestão do diaconato permanente, embora pareçam alvissareiras, já eram consideradas por Pio XII<sup>832</sup> como ele mesmo expressou ao Congresso Mundial do apostolado Leigo, em 1957.<sup>833</sup> Essa ideia, contudo demonstra que sobretudo no extremo noroeste do estado – Lins e Marília - a falta do clero era patente e precisava-se avançar em alternativas que fizessem frente ao problema de falta de presbíteros. Pode-se intuir aqui, que esta inópia de clero, certamente influirá, como demonstrar-se-á mais a frente, na posição do futuro Bispo de Lins em propor em lugar do diaconato permanente, a ordenação de *virii probati*. Singular nesse processo de consulta são as propostas do prelado da arquidiocese de Botucatu, que como demonstramos

---

terminetur et reformetur breviarium, in quo sacerdotes inveniant vivum et efficax instrumentum precandi ac meditandi; praesertim instituaturs revisio de variis miraculis et actibus sanctis atributis; 4 - maxime tractandum erit de angustiis sacerdotum, praesertim in nationibus latino-americanis. Nonne tempus erit propitium repetendae illius pristinae diaconatus institutionis, quae antiquitus fructuose viguit?

<sup>830</sup>Cf. AA. II / 7, p. 142-143: 1- Sit ecclesia Pauper et humilis[...] 2 – Sit ecclesia patiens et excruciatia [...] 3 – Sit ecclesia constans, fortis, atque sincera principia sua [...]; 4 – Sit ecclesia supernatural[...] Sit ecclesia, in primis et super omnia ecclesia caritatis.

<sup>831</sup>Cf. AA. II / 7, p. 211.213.[...] 22 - Nova formula professionis fidei quae brevis sit petitur et amplectere possit universos errores impraesentiarum vigentes, excluso tamen iureiurando sic dicto anti-modernistico

<sup>832</sup>Cf. ONESTINI, Andrea. Diaconato Permanente: o complexo caminho de restauração no Concílio Vaticano II e sua importância para a renovação da Igreja. **Teologia em Questão**: Taubaté, n. 32, v.2, jul-dez, 2017, p.107.

<sup>833</sup>Cf. PIO XII: **Discours du Pape Pie XII aux participants au I congrès mondial de l'apostolat des laïcs**. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1957/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19571005\\_apostolato-laici.html](http://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1957/documents/hf_p-xii_spe_19571005_apostolato-laici.html). Acesso em: 06 mar.2021: “Nous savons qu'on pense actuellement à introduire un ordre du diaconat conçu comme fonction ecclésiastique indépendante du sacerdoce. L'idée, aujourd'hui du moins, n'est pas encore mûre. Si elle le devenait un jour, rien ne changerait à ce que Nous venons de dire sinon que ce diaconat prendrait place avec le sacerdoce dans les distinctions que Nous avons indiquées”

anteriormente, é paladino de muitas mudanças pastorais, das quais Padre Pedro Paulo Koop toma parte em muitos aspectos.

Num plano geral, para ajuizar acerca desses *vota* pode-se usar da classificação que fez Luíz Baraúna e dizer que todos os bispos, com exceção de Dom Henrique Golland Trindade,<sup>834</sup> eram da “grande maioria conservadora, que queriam [...] avanços, [...] mudanças, adaptações e reformas – porém desde que não [...] saíssem dos quadros e do referencial da concepção tridentina e pos-tridentina de Igreja e de mundo.”<sup>835</sup> Estavam, portanto, aqueles purpurados postos à testa das dioceses noroestinas, preocupados que o Concílio efetuasse mudanças brandas, talvez necessárias, mas sem grandes implicações nos seus referenciais eclesiológicos e ou teológicos. Pode-se dizer que, com justa razão, as respostas ainda são profundamente influenciadas pelo Papado de Pio XII que encetou algumas reformas, com parcas consequências. Padre Paulo Koop, sobretudo visto a partir de sua atuação no interior do Concílio e posterior a ele, como aprofundaremos adiante, parece conseguir avançar face o paradigma eclesiológico e teológico dominante – concepção tridentina – na região noroestina e nesse hiato pautar-se por uma nova postura em relação a Igreja, a sociedade e à teologia.

As consultas duraram quase um ano. Em parte desse período, particularmente nos meses finais de 1959, Padre Pedro Paulo Koop, devotou, embora elementar, uma atenção ao Concílio nas páginas do jornal *A Fé*. Ele propôs, dado o “grande interesse despertado pela iniciativa do Papa João XXIII,”<sup>836</sup> uma série de artigos refletindo, a partir de síntese de outros textos, sobre a temática. Ao todo são quatro textos normalmente publicados na última página do semanário católico. São escritos curtos, sínteses breves para situar de maneira quase telegráfica os seus leitores sobre o Concílio, a esta época, ainda não nomeado de Vaticano II. Ele, Paulo Koop, classifica os Concílios como os da

---

<sup>834</sup>O teólogo brasileiro Luiz Barauna, classifica Henrique Golland Trindade como membro da “Minoria precursora e profética” ao lado de Helder Câmara, do nuncio Armando Lombardi, João Batista de Mota e Albuquerque, Geraldo de Moraes Penido, entre outros, por causa de sua defesa do retorno da “Igreja a simplicidade e a pobreza das origens. Cf. BARAUNA, Luiz. Análise dos “Vota” do Episcopado Latino-Americano: Brasil. In: Beozzo, José Oscar (org). **A Igreja Latino-Americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: edições Paulinas, 1993, p. 155-156.164.

<sup>835</sup>BARAUNA, Luiz. Análise dos “Vota” do Episcopado Latino-Americano: Brasil. In: Beozzo, José Oscar(org). **A Igreja Latino-Americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: edições Paulinas, 1993, p.166.

<sup>836</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 15. nov. 1959, p. 4.

Antiguidade<sup>837</sup>, da Idade Média<sup>838</sup>, Reformadores<sup>839</sup> e o Vaticano I.<sup>840</sup> Ao que parece, o objetivo dos textos não é aprofundar, tampouco antecipar discussões a cerca de temas do Concílio, convocado por João XXIII. A lógica e o exíguo tamanho de cada texto, num plano geral, dão a entender que a intenção do autor é informar ao leitor que os Concílios são celebrados desde os primórdios da Igreja e cada um com objetivo, espectro, configuração e missão próprias.

Os da antiguidade, segundo Koop, foram convocados por imperadores e não gozaram da presença do Papa (apenas de delegados), tinham como mote definições doutrinárias.<sup>841</sup> Entre os da Idade Média, que são amalgamados os de Latrão (1123) até Viena (1311), o autor pontua que sua principal missão eram “questões canônicas e políticas eclesiásticas, nomeadamente a organização das cruzadas.”<sup>842</sup> Os que ele denomina reformadores são aqueles que ocorreram no século XV e XVI, de Constanza (1414) a Trento (1546-1564). Por fim, o Vaticano I ao qual o autor não emprega nenhum adjetivo, nenhuma classificação. Limitou-se a descrevê-lo como uma convocação do próprio Papa, que além de tudo, fixou o programa do Concílio e presidiu pessoalmente todas as sessões. Afirma, por fim, que o Concílio aprovou o dogma da infalibilidade, que teve a “confirmação, definição e proclamação por voz de Pio IX”.<sup>843</sup>

Nota-se que Padre Pedro Paulo Koop devotou quatro colunas de algumas edições do jornal de novembro aos primeiros dias de dezembro de 1959, para apresentar uma elementar visão dos Concílios. Não há, neste momento, aprofundamento sobre a temática. Não existe ainda uma reflexão sobre o Concílio futuro. Os textos, embora ele não cite as fontes, são fruto de consultas e resumos de textos de “sábios e doutores na questão.”<sup>844</sup> Portanto, não são uma reflexão autoral. O fato de consultar referenciais revela um sacerdote preocupado em entender e apresentar uma certa historicidade das assembleias conciliares aos seus interlocutores e, crê-se, reavivar seu entendimento acerca do assunto. Os textos não são adensados. As definições dogmáticas dos sete primeiros Concílios não

<sup>837</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 15. nov. 1959, p. 4.

<sup>838</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico da alta Idade Média. **A Fé**. Bauru, 22. nov. 1959, p. 4.

<sup>839</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico: os reformadores. **A Fé**. Bauru, 29. nov. 1959, p. 4.

<sup>840</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico: Vaticano I. **A Fé**. Bauru, 13. dez. 1959, p. 1.

<sup>841</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 15. nov. 1959, p. 4.

<sup>842</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico da alta Idade Média. **A Fé**. Bauru, 22. nov. 1959, p. 4.

<sup>843</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico: Vaticano I. **A Fé**. Bauru, 13. dez. 1959, p.1.

<sup>844</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 15. nov. 1959, p. 4.

são apresentadas. Sobre aqueles chamados da Idade Média e reformadores não há nenhuma apresentação de suas resoluções, mormente o tridentino que seus reflexos eram sentidos incluso na época do próprio autor; por fim, sobre o Vaticano I, não se apresenta nem as razões da convocação, tampouco se explica sua abrupta interrupção pela tomada de Roma. Reserva-se apenas a afirmar, sem explicar o sentido, o resultado das votações e a proclamação do dogma da Infallibilidade Papal.

Em resumo, os textos cumprem o ofício de informar, pontuar dados, apresentar um histórico sem, contudo, dizer da finalidade dos Concílios já celebrados. A impressão é de que os Concílios já realizados são uma reunião episcopal, onde o Papa deve aferir suas decisões e os demais membros da Igreja são os tradutores dessas normas para a realidade concreta (recepção). Trata-se, neste momento, de uma visão ainda míope sobre o que seria e em que se transformaria a assembleia conciliar. Perspectiva esta tangível para Koop e para muitos outros que foram tomados de surpresa pelo que propunha João XXIII.

Do anúncio do Concílio até a metade de 1960, a esfera das expectativas do movimento conciliar foi marcada por um trabalho interno silencioso e sigiloso,<sup>845</sup> capitaneado pelo Cardeal Tardini,<sup>846</sup> fruto do recolhimento e do coligir das consultas. Cronologicamente as primeiras respostas, do episcopado em geral chegaram entre os meses de junho e julho de 1959 e as últimas enviadas nos dias finais de junho de 1960. No caso particular do Brasil, a primeira resposta em 29 de julho de 1959 foi dada pelo bispo da diocese de Bonfim, Dom Antônio Mendonça Monteiro<sup>847</sup> e a últimas em 26 de maio de 1960, por Dom Geraldo Fernandes, bispo de Londrina no Paraná.<sup>848</sup> Boa parte das últimas repostas foram motivadas por uma segunda carta do cardeal presidente da comissão ante preparatória. Das primeiras às últimas *vota*, todos foram ordenados numa espécie de acervo temático profundamente extenso. Esse amalgamado de respostas, coligido e organizado, tempos depois, transformar-se-ia na base ou nas indicações para o trabalho das comissões preparatórias que redigiriam esquemas a serem debatidos no interior da assembleia conciliar.

---

<sup>845</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. El clima exterior. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962.** v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 331-332.

<sup>846</sup>Cf. FOUILOUX, Etienne. La fase antepreparatória (1959 - 1960): el lento camino para salir de la inercia. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962.** v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 132-133.

<sup>847</sup>Cf. AA. II/ 7, p.141.

<sup>848</sup>Cf. AA. II/ 7, p. 208.

Esse período, do ponto de vista público, foi marcado pela velada, porém necessária compilação das respostas e das ideias enviadas pelos purpurados. Apenas discursos de João XXIII e alguns comentários esparsos eram vistos. Em paralelo, no universo menor da cidade de Bauru, mormente nas páginas do jornal *A Fé*, percebe-se uma similar atitude, isto é, poucas manifestações sobre o Concílio. Da parte do Padre Pedro Paulo Koop, vê-se a mesma posição em relação aos passos da assembleia conciliar. Não obstante essa postura, o decanato de Bauru, gozava de pleno estado de ebulição em suas atividades, normalmente capitaneadas ou ao menos coadjuvadas pela figura do sacerdote Missionário do Sagrado Coração. Nos meses iniciais de 1960, através das páginas do semanário católico da região, foi preparada a celebração das Santas missões populares. Essa atividade era ordinária na tradição pastoral da cidade de Bauru e na Igreja do Brasil. Dez anos antes, essa mesma ação paroquial, na esteira de outras, já havia sido celebrada nessa região do noroeste do interior paulista.<sup>849</sup>

Nos anos iniciais da década de cinquenta, Padre Pedro Paulo Koop, que ainda não era Vigário Decano de Bauru, mas já dirigia o jornal *A Fé*, anunciava que a capital da Terra branca, como a cidade era conhecida, na esteira do Ano Santo anunciado por Pio XII, celebraria as Santas Missões populares. Sobre este evento, não há grandes registros ou eloquentes anotações tampouco avaliações a seu respeito no semanário católico da cidade. Contudo, em decorrência das Santas missões, em 1951, entre os dias 4 a 13 de maio de 1951 foi celebrada a semana Eucarística na cidade.<sup>850</sup> Aos olhos de Koop, o evento exigiria uma acurada preparação em vista de maiores “frutos de renovação.”<sup>851</sup> O objetivo dessa semana celebrada era de ser “**um movimento de renovação espiritual** nos moldes da esplêndida missão pregada pelos [...] missionários”<sup>852</sup> desta vez, visando o “[...]contato com aqueles que mais se afastaram da prática da sua religião.”<sup>853</sup> A ideia, outrossim, tanto da missão como da Semana Eucarística, eventos diretamente associados, é uma renovação espiritual e uma reaproximação dos fiéis da prática de religiosa. Essa noção, filha do seu tempo, emprestava força ao desejo do Bispo Diocesano de Botucatu, Dom Henrique Golland Trindade, que naquele ano havia promulgado um “verdadeiro ano

---

<sup>849</sup>Era comum a pedagogia de Santas Missões de tempo em tempo em Bauru. Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 91v: Documenta a celebração da missão em 1950; ACPMSC-SP – CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III**. Pasta II, folha 1, p. 9: Retrata que em 1926 o mesmo movimento religioso foi vivido em Bauru.

<sup>850</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Voltam os Famosos Missionários. *A Fé*. Bauru, 11 março. 1950, p. 3.

<sup>851</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Voltam os Famosos Missionários. *A Fé*. Bauru, 11 mar. 1950, p.1.

<sup>852</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Semana Eucarística. *A Fé*. Bauru, 6 maio. 1951, p.1.

<sup>853</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Semana Eucarística. *A Fé*. Bauru, 6 maio. 1951, p.1.



Santo da diocese, a começar dentro do Ano Santo da Igreja universal”<sup>854</sup> assegurando com esse projeto uma revalorização do Domingo e da Eucaristia<sup>855</sup> na vida dos seus diocesanos. A renovação espiritual, naquele momento, passava pelo vicejar da Eucaristia e do domingo como dia do Senhor.

Dez anos depois o mesmo presbítero, desta vez já como Vigário Decano de Bauru e, portanto, com uma nova posição na cidade e na região, propõe outra vez uma missão que seria celebrada entre os dias 14 e 30 de maio. Desta vez já sob o pálio do pontificado de João XXIII, sob a alvissareira ideia do futuro Concílio e sob o influxo de uma plêiade de transformações que estavam sendo gestadas tanto no bispado de Botucatu como na cidade da qual Padre Paulo Koop era Vigário Decano.

O religioso Missionário do Sagrado Coração a fim de preparar esse movimento serviu-se do jornal *A Fé* e, como de práxis em outros eventos, lavrou uma série de treze artigos visando fustigar a consciência dos seus interlocutores, católicos de Bauru, para as Santas Missões. Esses textos revelam o entendimento que o sacerdote holandês tem acerca desse evento. Ao seu ver, o objetivo das Santas Missões seria a restauração da vida cristã em sua totalidade, especialmente em seu aspecto devocional e eclesial.<sup>856</sup> Igualmente visava uma redescoberta do fervor religioso através da solidificação das verdades da fé<sup>857</sup> diante de uma “crescente onda de heresia do protestantismo, do espiritismo e de toda sorte de superstições e credices.”<sup>858</sup> A metodologia empregada seria a das pregações públicas, das novenas, dos ritos penitenciais, dos terços, das procissões e celebrações Eucarísticas.<sup>859</sup> Os artífices seriam os sacerdotes redentoristas, capitaneados pelo Padre Daniel Marti.<sup>860</sup> Na avaliação de Padre Paulo Koop, as missões configuraram uma “conquista comunitária, um abalo moralizador de envergadura e profundidade, proporções e brilho. [...]”<sup>861</sup>

---

<sup>854</sup>TRINDADE, Henrique Golland. **Quinta Pastoral: Pró-Santificação do Dia do Senhor** (um ano inteiro de trabalho). Petrópolis: Vozes, 1950, p. 23.

<sup>855</sup>Cf. TRINDADE, Henrique Golland. **Quinta Pastoral: Pró-Santificação do Dia do Senhor** (um ano inteiro de trabalho). Petrópolis: Vozes, 1950, p. 21.

<sup>856</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os Missionários e a ciência da fé. **A Fé**. Bauru, 7 fev. 1960, p. 4; \_\_\_\_\_. Esperamos passar por isto... **A Fé**. Bauru, 21 fev. 1960, p. 1.

<sup>857</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Renovemos a face da Terra!... **A Fé**. Bauru, 21 fev. 1960, p. 2; \_\_\_\_\_. Regresso a Deus.... **A Fé**. Bauru, 6 mar. 1960, p. 2; \_\_\_\_\_. As próximas missões. **A Fé**. Bauru, 8 maio. 1960, p. 1.

<sup>858</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Regresso a Deus.... **A Fé**. Bauru, 6 mar. 1960, p. 2.

<sup>859</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Últimos detalhes. **A Fé**. Bauru, 5 jun. 1960, p. 1. 2; \_\_\_\_\_. Crônica das Santas Missões: o Maior espetáculo de fé jamais visto em Bauru. **A Fé**. Bauru, 5 jun. 1960, p. 1. 3.

<sup>860</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões em Bauru. **A Fé**. Bauru, 5 jun. 1960, p. 1. 2

<sup>861</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Crônica das Santas Missões: o Maior espetáculo de fé jamais visto em Bauru. **A Fé**. Bauru, 5 jun. 1960, p. 1.

Sobre as missões, nota-se mesmo sob o pálio das intensas mudanças que circundavam o arcebispado de Botucatu, o objetivo e a noção aplicados a esse movimento por Padre Pedro Paulo Koop ainda são devedores de um conceito que entende o serviço missionário apenas no seu aspecto doutrinal, sacramental, religioso. Igualmente é oportuno, recordar que a esta altura, o primeiro ano do pontificado de João XXIII, a encíclica *Princeps Pastorum*<sup>862</sup> que tratava sobre a missão católica, numa ótica distinta, incentivando particularmente o protagonismo do laicato nesse processo, já tinha mais de seis meses de sua publicação e não encontra nenhuma ressonância, mesmo que indireta, nos arrazoados do Vigário Decano, sobretudo no que tange aos leigos. Entende-se, então, que mais uma vez o Padre Koop e com ele o decanato de Bauru, caminha sob a égide de uma pacífica convivência entre as transformações em seu modelo eclesiológico como fruto da efervescência de novos ideais e de antigos conceitos e/ou estruturas. Um período de transição é confirmado e a influência do futuro próximo Concílio, por razões diversas ainda não eram explicitamente notadas.

Em junho de 1960, na Festa de Pentecostes, pelo *Motu próprio Superno Dei Nutu*, João XXIII encerra, oficialmente, a fase antepreparatória e anuncia a constituição das comissões preparatórias. São elas que teriam a responsabilidade sob a redação dos *Schemas* a serem tratados no interior da assembleia conciliar. Igualmente, nesse mesmo decreto, é decidido o nome do vigésimo primeiro Concílio da história da Igreja: Vaticano II. Afasta-se com isso, os rumores de que esse evento seria continuidade daquele anterior que havia sido interrompido pela tomada de Roma.

O anúncio de como seria chamado o Concílio e a publicação do decreto sobre as comissões preparatórias, todavia, não deram conta de suscitar movimentações ou reflexões acerca do Concílio no decanato de Bauru, tampouco no sacerdote Missionário do Sagrado Coração que era seu responsável. Tratava-se, como por um analista foi classificado de “lento caminho para sair da inércia”<sup>863</sup> até chegar nas intuições conciliares. Esse fato, contudo, não colocava nem Padre Pedro Paulo tampouco o decanato de Bauru em atitude de apatia, pois em paralelo a essas comunicações, as tratativas sobre a criação

---

<sup>862</sup>JOAO XXIII. *Princeps Pastorum*. In: COSTA, Lourenço(org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 8, p. 89-120.

<sup>863</sup>FOUILLOUX, Etienne. La fase antepreparatória (1959 - 1960): el lento camino para salir de la inercia. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962. v. 1.** Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p. 132-133.

do bispado de Bauru,<sup>864</sup> passaram a ocupar o centro da reflexão nas páginas do jornal *A Fé*, conseqüentemente do seu redator.

Essa diocese será gestada concomitante à preparação do Vaticano II. Será influenciada, de um lado, pelas ideias renovadoras que estavam em curso no arcebispado de Botucatu, pelo Plano de Emergência que, neste momento desenvolvia-se e, de algum modo, pelo movimento que o Concílio convocado por João XXIII estava tecendo na Igreja católica naqueles anos. De outro lado, ela será marcada por uma complexa, imbricada e já conhecida teia de relações entre Igreja e autoridades políticas como se evidenciou, entre outros, com a presença do prefeito municipal de Bauru na Igreja Santa Teresinha quando do anúncio da possibilidade de criar-se uma diocese<sup>865</sup> na região. Igualmente, na doação de terreno público para o futuro bispado<sup>866</sup> e na oferta vultuosa de recursos do erário estadual para a consolidação desse processo.<sup>867</sup> À testa das intuições que levarão a futura criação sólio bauruense e manejando essas ideias bem como essas relações estará o Padre Pedro Paulo Koop.<sup>868</sup>

Para atingir tal feito, consumir o propósito que fora incumbido, Pedro Paulo Koop retorna ao mesmo ardil que usou para sensibilizar os fiéis para a terceira concentração anual de Nipo-descendentes e das Semanas Missionárias, isto, é uma série concatenada e contínua de artigos nas páginas de destaque do jornal *A Fé*. Incluso deve-se mencionar que o periódico, inicialmente considerado propriedade da comunidade paroquial do Divino Espírito Santo e posteriormente inter-paroquial, tornar-se-ia, sob nova inspiração, com a eleição do bispo residente, órgão de imprensa oficial da diocese de Bauru. Sobre esse processo de consolidação da diocese, como já mencionamos, foi um longo percurso trilhado com acuidade e zelo.

Nesse tramite de fecundação das bases do sólio episcopal, peculiares são os temas que Koop aborda ao tentar conscientizar os fiéis sobre a constituição dessa circunscrição eclesial. Entre outros ele reflete: o papel do laicato, a formação de ministros, a manutenção do bispado e a organização das comunidades. Destaca-se, particularmente por sua evolução conceitual, o que o Vigário Decano entende sobre os leigos nesse

---

<sup>864</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1.

<sup>865</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa *A Fé*. Bauru, 17 jul. 1960, p. 1.

<sup>866</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Alea Jacta Est! *A Fé*. Bauru, 24 Dez. 1961, p. 4; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Os Edifícios eclesiásticos *Fé*. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.

<sup>867</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Cheque de 5 Milhões entregue para o futuro bispado Local. *Diário de Bauru*. Bauru, 24 out. 1963.

<sup>868</sup>Cf. ANUPHIS - BAGGIO, Hugo. Ergue-te Bauru. *A Fé*. Bauru, 17 maio 1964, p. 1; ACDESB – *Livro Tombo – 3*. Bauru-SP, p. 64.

processo e sobre a organização das comunidades. Ao laicato ainda que seja arrogada a missão de sustentar as estruturas eclesiais, Padre Paulo Koop advoga, partindo da noção de Igreja como corpo místico, que no caminho de constituição do bispado seu principal interesse acerca dos leigos é fazê-los “[...] compreender e crescer rumo a participação completa [...] na vida e na manutenção da Igreja.”<sup>869</sup> Deseja “que o leigo conviva com sua Igreja, introduza-se nela, identifique-se com ela[...].”<sup>870</sup> Outrossim, o Vigário Decano, com o avançar do tempo aprofunda esse tema, passando da ideia de que identificar-se com a Igreja era uma simples implicação monetária, para uma proposta mais clara de corresponsabilidade ampla e dilatada pelo bem dessa unidade eclesial. Ao seu ver, no novo bispado, o leigo seria o outro polo de equilíbrio de um eixo paroquial renovado,<sup>871</sup> evitar-se-ia a dicotomia clero *versus* povo. Seriam eles, ao lado do clero, os responsáveis, de tornar “Cristo conhecido e amado de todos os homens, a começar pelos de casa, e da vizinhança local ou trabalho.”<sup>872</sup> Por fim, reconhece que a clericalização da Igreja por muito tempo favoreceu que fosse “esquecida a verdade elementar que os leigos também são a Igreja viva, ativa e operante.”<sup>873</sup> Trata-se de uma argumentação acerca do papel do leigo que avança num curto estágio de tempo, certamente fecundada pela lufada das mudanças em curso na Igreja do Brasil (mormente em Botucatu) e do Concílio – que já estava em marcha. Nota-se que já neste tempo Padre Pedro Paulo Koop caminha na direção de sustentar que deveria haver um despertar do protagonismo responsável e adulto do laicato na Igreja, um equilíbrio do eixo eclesial.

Contíguo a essa ideia e sedimentada nela, o sacerdote holandês apresenta o que ela chama de preparação última para a fundação da diocese,<sup>874</sup> isto, é o plano prático para ser constituído na ação pastoral do futuro bispado de Bauru. Nesse plano, entre outros, Padre Paulo Koop tem um olhar dilatado, devedor em alguns aspectos, das ideias do Plano de Emergência que, há pouco havia sido publicado. É ainda tributário das transformações pré e conciliares que estavam em curso.<sup>875</sup> Ele advoga que a nova diocese caminhe sob o

<sup>869</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O papel dos Leigos. *A Fé*. Bauru, 03 set. 1961, p. 1.

<sup>870</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O papel dos Leigos. *A Fé*. Bauru, 03 set. 1961, p. 1.

<sup>871</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. *A Fé*. Bauru, 03 mar. 1963, p. 1.

<sup>872</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Nós os leigos somos os guardas de nossos Padres? *A Fé*. Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

<sup>873</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Nós os leigos somos os guardas de nossos Padres? *A Fé*. Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

<sup>874</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1963, p. 1.

<sup>875</sup>Cf. PRIMOLAN, EMÍLIO. *Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)*. UNESP: Franca, 2011, p.190.

pálio de uma estreita organização desde a base paroquial até o nível diocesano. Sugere a criação, o zoneamento paroquial por quadras, e a constituição de equipes, chamadas mistas, para atender demandas específicas da vida pastoral como dízimo e ação social. Propõe, ainda, a criação de conselhos paroquiais (Administrativo, Pastoral e Assistência social).<sup>876</sup>A mesma dinâmica, acerca dos conselhos, Padre Paulo Koop advoga que sejam estabelecidos em nível diocesano.<sup>877</sup> A tais conselhos, sabe-se que, a participação do laicato seria impreterível, inadiável. Nota-se, então, uma circunscrição eclesial que em vias de nascer, busca imprimir a si mesmo, sob o julgo do seu primeiro idealizador, a força das pequenas comunidades e do protagonismo de leigos. Percebe-se que o ideal é uma Igreja planejada, eficaz e eficiente que entende que a pastoral necessita de meios econômicos e que não pode prescindir da dimensão caritativa e da atuação, sem dicotomias, do clero e dos leigos.

O projeto de consolidação da diocese, com suas inúmeras variáveis, não foi condição para preterir totalmente o evento conciliar, em curso desde o lançamento da proposta de uma Sé Bauruense. Antes o contrário, a diocese e seu principal articulador capitalizavam espólios dessa assembleia no processo de preparação para a futura Sé de Bauru. Assim, no ano em que o Vaticano II teve sua data de abertura anunciada por João XXIII, Padre Paulo Koop verteu uma cuidadosa e criteriosa dezena de artigos a fim de formar, informar e preparar a catolicidade local sobre aquilo que seria o Concílio. Não era uma pedagogia nova, pois a exemplo do que fizera com as Santas Missões, com a concentração de nipo-descendentes e estava fazendo para forjar as bases do bispado de Bauru, o editor do jornal exarou muitos textos que serviam para descortinar aos fiéis as intenções, as possibilidades e as implicações do evento convocado pelo Papa João. Deve-se dizer que o uso da imprensa, da comunicação contínua e detalhada parece ser um *modus operandi* do Padre Paulo Koop, sobretudo em temas que ele julga de relevo. Todo projeto por ele ideado ou assumido, encontra nesses meios o caminho para ser equacionado. O modelo de persuasão a ser constituído.

Visando esclarecer os objetivos do Concílio, Koop redigiu mais de uma dezena de artigos semanais. Desde os textos publicados entre novembro e dezembro de 1959, o Vaticano II não figurou como tema recorrente nas páginas do periódico gerido pelo

---

<sup>876</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto. *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1963, p.1.

<sup>877</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto. *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1963, p.1.

Vigário Decano de Bauru. Após a publicação da carta apostólica em forma de *Motu proprio Consilium* que previa o início do Concílio para 11 outubro de 1962,<sup>878</sup> começa a despontar, embora ainda intermitente, um olhar mais atencioso para o evento no jornal *A Fé*. Quase todos assinados pelo seu editor chefe. Isoladamente, em fevereiro desse ano desponta um sucinto artigo, assinado por Padre Paulo Koop que define o Concílio como o tema do século. Dirigindo-se a um jornalista local não identificado que havia insinuado que o Concílio teria convocado espíritas para tomarem parte do evento, o redator pontifica seu entendimento sobre o Concílio como algo estrito do universo católico. Nas palavras do Sacerdote:

É útil frisarmos novamente (há poucos dias um cronista social(ai) desta terra cometeu grave ‘gafe’ a este respeito falando de um convite que teria sido feito aos espíritas para assistirem, ou quiçá, tomarem parte no Concílio...quanta honra) que o Concílio Ecumênico é assunto interno da eterna Igreja Católica, Apostólica Romana.<sup>879</sup>

Sendo um assunto interno da Igreja, a finalidade do Concílio seria o “aprofundamento da Fé católica, a conveniente renovação dos costumes do povo cristão, a melhor ada[p]tação(*sic*) da disciplina eclesiástica aos tempos modernos”.<sup>880</sup> O autor faz questão de esclarecer que tal renovação, não decorre da mudança da doutrina ou da palavra do Senhor que é “irretratável, irreformável e jamais poderá ser corrigida ou mudada pelos homens.”<sup>881</sup> Antes, que essa assembleia buscaria essa atualização pelo confronto entre a “Palavra Eterna e sua observância em face aos erros modernos, tais como o comunismo, a compreensão errônea de liberdade, etc. A Igreja com isso procura uma maneira moderna de atuar no mundo sem que pereça o sentido cristão da vida.”<sup>882</sup> Diante desse ajuste de conduta, dessa renovação eclesial, ocorreria uma natural “volta das comunidades cristãs separadas à sua casa, [...] que é a Igreja católica.”<sup>883</sup> Como caminho para essa finalidade o Concílio, entre outros, deveria refletir, sobre o governo da Igreja, a disciplina eclesiástica, a piedade eucarística, a vida matrimonial, a formação sacerdotal, o apostolado leigo e as missões.

Em poucas palavras, Padre Pedro Paulo Koop, defende a ideia de que o Concílio tem a missão de colocar a Igreja em ordem de atualização frente às situações atuais, sem

<sup>878</sup>Cf. JOAO XXIII. **Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio Consilium**. Disponível em: [www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_j-xxiii\\_motu-proprio\\_19620202\\_concilium.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_19620202_concilium.html). Acesso em: 09 mar.2021.

<sup>879</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 11 fev. 1962, p.1.

<sup>880</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 11 fev. 1962, p.1.

<sup>881</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 11 fev. 1962, p.1.

<sup>882</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 11 fev. 1962, p.1.

<sup>883</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico **A Fé**. Bauru, 11 fev. 1962, p.1.

refregar sua doutrina que é perene. Como despojo desse processo e fruto de uma acurada reflexão sobre questões internas, tornar-se-ia mais atraente para o retorno daqueles que vivem sob o lume da fé em Jesus Cristo. Nota-se, a despeito de toda a efervescência de transformações que pululavam no bispado de Botucatu e, particularmente no decanato de Bauru, que a esta altura – menos de oito meses do início do Vaticano II - o entendimento sobre a finalidade dessa atualização em vários espectros da Igreja católica era combater distorções do mundo moderno e que esse processo, como espólio, favoreceria a atração dos outros cristãos ao catolicismo. De fato, essa ideia perdurará em vários ambientes eclesiais por um longo período, incluso durante a celebração do Concílio.

À medida que a distância da abertura do Vaticano II diminuía, maiores e contínuas reflexões despontavam sobre o tema, patrocinadas pelo Vigário Decano de Bauru. Coincidentemente ou deliberadamente, os textos são publicados com maior intensidade após a fixação da data de início do Concílio e, mais especificamente, a partir da Mensagem dos Bispos do Brasil.<sup>884</sup> Essa mensagem foi exarada ao final da Assembleia Nacional que fora antecipada para abril de 1962 e alterada de Fortaleza para o Rio de Janeiro justamente por conta do dia que o Papa havia estabelecido para a abertura do Concílio e da missiva que ele enviara ao Episcopado Latino-Americano.

Nessa reunião, os purpurados buscavam dar, no contexto particular do Brasil, azo à carta enviada por João XXIII ao Episcopado Latino-Americano. Esse texto, entre outras coisas queria ser para os bispos “palavra que conforta” e indicação de um “caminho seguro.”<sup>885</sup> Tratava-se, outra vez e ainda que tardiamente, de uma preocupação com a Revolução Cubana, com o comunismo e com o socialismo, veladamente chamados de “insídias que vos ameaçam[ aos bispos e a Igreja]”.<sup>886</sup> A esta preocupação os bispos deram cortante resposta publicada em forma de mensagem oficial, tanto na imprensa nacional como no órgão oficioso de informações do Vaticano, o *L'oservatore Romano*.<sup>887</sup> O texto, entre outras, dedica sua última fração a exortar os interlocutores a divisarem o Concílio a ser celebrado, como um lugar de esperança e convoca a todos para que estejam unidos aos bispos em “‘estado de Concílio’ acompanhando os passos de sua organização

---

<sup>884</sup>Cf. CNBB. Declaração dos Cardeais, Arcebispos e bispos do Brasil. **Revista Eclesiástica brasileira**. Petrópolis, v. 22, fasc. 2, jun. 1962, p. 485 – 490.

<sup>885</sup>JOAO XXIII. Carta ao Episcopado da América Latina. **Revista Eclesiástica brasileira**. Petrópolis, v.22, fasc. 2, jun. 1962, p. 461.

<sup>886</sup>JOAO XXIII. Carta ao Episcopado da América Latina. **Revista Eclesiástica brasileira**. Petrópolis, v.22, fasc. 2, jun. 1962, p. 461.

<sup>887</sup>Cf. CNBB. Declaração dos Cardeais, Arcebispos e bispos do Brasil. *L'Oservatore Romano*. Roma, 24. abr.1962, p. 8.

e os pontos de seu programa, como que antecipando os ideais de renovação cristã que ele propugna.”<sup>888</sup> À provocação para que a Igreja entrasse em estado conciliar feita pelos bispos, Padre Paulo Koop responde, no decanato de Bauru, publicando vários textos em vista de por a catolicidade da região em “estado de Concílio” - expressão que ele mesmo usará em artigos posteriores.<sup>889</sup> Em outras palavras: o sacerdote holandês tenta fazer com que seus leitores tenham conhecimento da organização do evento que será celebrado e do temário que ela comportaria. Colocando e antecipando um processo de assimilação das ideias renovadoras que seriam exaradas a partir do Vaticano II.

Sob o influxo dessa ideia, em junho de 1962, na solenidade de São Pedro, no auditório da Faculdade de Letras e Filosofia de Bauru, num evento presidido por Dom Henrique Golland Trindade, o jornal *A Fé*, registra, sem mencionar o conteúdo, que Padre Paulo Koop proferiu uma conferência sobre o futuro Concílio.<sup>890</sup> Num ambiente acadêmico, numa ocasião religiosa, o Vigário Decano dá vazão aquilo que o Concílio estava por propor. Havia, nota-se aqui, uma tentativa de aproximar uma parcela da intelectualidade de Bauru do que seria a assembleia convocada por João XXIII.

Na esteira dessa iniciativa, despontam no jornal *A Fé* uma concatenada série de artigos que, julga-se, popularizariam para um outro público – sociedade em geral – os postulados do Vaticano II. Nesse sentido, após aproximados cinco meses de ausência – desde fevereiro de 1962<sup>891</sup> – a assembleia conciliar voltou a figurar com temática nas páginas do semanário católico de Bauru. Os textos estarão sob a pena do seu editor o sacerdote holandês Pedro Paulo Koop. A reflexão será concisa e sempre parenética, pois visa desencadear postura, conduta e consciência nos leitores.

Na segunda quinzena de julho, surge um artigo que pelo que transparece, supõe que os leitores tenham conhecimento sobre o Concílio.<sup>892</sup> Padre Paulo Koop, anuncia que João XXIII havia antecipado a abertura do Vaticano II porque, a seu juízo, em “toda parte crescem as ansiedades e expectativas e, com certa impaciência, aguarda-se o resultado do trabalho.”<sup>893</sup> Sem citar as fontes, referindo-se a literatura europeia com a qual travou

---

<sup>888</sup>CNBB. Declaração dos Cardeais, Arcebispos e bispos do Brasil. **Revista Eclesiástica brasileira**. Petrópolis, v. 22, fasc. 2, jun. 1962, p. 490.

<sup>889</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Igreja em Estado Conciliar **A Fé**. Bauru, 26 ago. 1962, p.1; REDAÇÃO. Estamos às portas do Concílio! – Coloquemo-nos em estado Conciliar! **A Fé**. Bauru, 23 set. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Dia para sempre memorável: 11.11.1962 **A Fé**. Bauru, 11 out. 1962, p.6

<sup>890</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. REGISTROS. **A Fé**. Bauru, 8 jul. 1962, p. 2.

<sup>891</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 11 fev. 1962, p.1.

<sup>892</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II. **A Fé**. Bauru, 17 jun. 1962, p.1.

<sup>893</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II. **A Fé**. Bauru, 17 jun. 1962, p.1.



contato, o Vigário Decano, apresenta a seus interlocutores as esperanças e as oposições em torno do Concílio a ser celebrado. As esperanças gravitam em torno da ideia de que o Vaticano II se atenha menos a questões dogmáticas e mais aos problemas pastorais/práticos e se pronuncie sobre ideias teológicas que, na época, influenciavam a Igreja (*Novelle theologie*). As oposições decorreriam do embate entre visões eclesiológicas, fechada ou aberta. Sendo que a primeira seria a reafirmação interna da própria instituição e a segunda uma abertura às adversidades do mundo. Padre Koop lista as duas posturas, sem, contudo, declarar qual é, explicitamente, a sua posição acerca do Concílio. No entanto, ao longo do artigo, ele transparece seu desejo, rogando que a assembleia seja, face aos desafios do mundo moderno, pautada por “uma discussão livre, compenetrada da importância decisiva nesta fase crucial na história do mundo.”<sup>894</sup> Ou seja, Padre Koop advoga uma abertura da Igreja de maneira positiva às vicissitudes do mundo moderno, pois ele sente essa fase da história como um momento singular para a uma reafirmação da mensagem de Cristo. Confirma-se essa postura e denuncia-se a influência que Koop recebe em suas expectativas acerca do Concílio da região da costa ocidental da Europa, os bispos que ele cita em seu texto e os posicionamentos que esses prelados assumiram na preparação do Concílio e mais tarde, em maior ou menor expressão, no interior do Concílio. Ele evoca os bispos como Emílio Guerry, de Cambrai(França); Wilhelm Kempf, da Limburgia(Alemanha), e os cardeais, Bernardus Alfrink(Holanda) e Agostinho Bea( Itália). Todos, ao menos ao modo como cita o Padre Paulo Koop, carregam grandes expectativa em torno de uma renovação e abertura eclesial, a partir do Concílio. Convém dizer que, entre eles, ao menos com o cardeal de Utrecht, o Vigário Decano de Bauru, quando se tornou padre conciliar, estabelecerá importante rede de atuação dentro do Concílio.<sup>895</sup>

Após esse texto inicial e no afã de inserir a Igreja de Bauru no estado Conciliar, Padre Paulo Koop, prossegue com seus artigos, refletindo sobre o tema. Até a abertura do Concílio em outubro de 1962, treze textos são publicados sobre o assunto. Eles podem ser agrupados em prospectivos (6)<sup>896</sup>, pois apresentam propostas e hipóteses defendidas

<sup>894</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II. **A Fé**. Bauru, 17 jun. 1962, p.4.

<sup>895</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 159-161; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 192-194.

<sup>896</sup>Cf.KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II: Tensão crescente - Padre Ricardo Lombardi – Esperança e temores – O Concílio em Marcha. **A Fé**. Bauru, 17 jul. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Solene encontro das Sagradas autoridades do Senhor: Unidade, santidade, universalidade, apostolicidade como principalidade. **A Fé**. Bauru, 8 jul. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo.

pelo autor para o Concílio; e outros sete, informativos<sup>897</sup> pois carregam em seu conteúdo notícias conciliares. No primeiro grupo de escritos, o autor assina explicitamente os textos. No segundo grupo, embora denote que sejam de sua autoria, não os chancela com o seu nome, fazendo entender que se trata da posição oficial do jornal, por conseguinte, da Igreja católica em Bauru.<sup>898</sup>

Os seis artigos chamados de prospectivos orbitam em torno do entendimento, do próprio Padre Pedro Paulo Koop sobre o Concílio. Ainda na linha da definição do que será esse evento, o Vigário Decano afirma, que ele “evidenciará aos olhos do século XX[...]a manifestação da universalidade da Igreja” no qual bispos e o Papa, juntos, “ensinarão o mesmo evangelho, comunicando a mesma vida de Cristo, exercendo a mesma autoridade do Senhor animados pelo mesmo espírito de Deus”<sup>899</sup> que sempre regeu a Igreja Católica.<sup>900</sup> Essa reunião universal da Igreja, por conseguinte, é chamada a apresentar sua posição diante dos dilemas da sociedade moderna listados, por Padre Koop, como um mundo em transformação onde se migrou do universo “rural e pastoral[...] ao tecnocrático e industrializado[...]bastante desumano e coisificado, anonimado, despersonalizado[...] cheio de inquietações, descontroles psíquicos [...] em luta contra o fatalismo[...] e avesso à autoridade”.<sup>901</sup> Para fazer frente a essa situação, o

---

Concílio Ecumênico Vaticano II: Senhor! Aonde Iremos? **A Fé**. Bauru, 15. jul. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. O que é o movimento Ecumênico? **A Fé**. Bauru, 22 jul. 1962, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. **A Fé**. Bauru, 29 jul. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de unir e abrir caminho para união. **A Fé**. Bauru, 5 ago. 1962, p.1

<sup>897</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Notas e informações sobre o Concílio. **A Fé**. Bauru, 12 ago. 1962, p.1.4; REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Estudo e propostas sobre temas conciliares. **A Fé**. Bauru, 19 ago. 1962, p.1.4; REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Igreja em Estado Conciliar. **A Fé**. Bauru, 26 ago. 1962, p.1.4; REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Próximo Concílio em Revista. **A Fé**. Bauru, 2 set. 1962, p.1.3; REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de todos povos e problemas. **A Fé**. Bauru, 16 set. 1962, p.1.3; REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Estamos as portas do Concílio – Coloquemo-nos em estado Conciliar. **A Fé**. Bauru, 23 set. 1962, p.1.3; REDAÇÃO. Retrato do Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 11 out. 1962, p.1.3.

<sup>898</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Notas e informações sobre o Concílio. **A Fé**. Bauru, 12 ago. 1962, p.1: “[...]Nosso jornal quer destacar-se, e colocar-se na vanguarda dos que procuram ilustrar o objetivo e a importância do próximo Concílio.”

<sup>899</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Solene encontro das Sagradas autoridades do Senhor: Unidade, santidade, universalidade, apostolicidade como princípio. **A Fé**. Bauru, 8 jul. 1962, p.1.

<sup>900</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Solene encontro das Sagradas autoridades do Senhor: Unidade, santidade, universalidade, apostolicidade como princípio. **A Fé**. Bauru, 8 jul. 1962, p.1.

<sup>901</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. **A Fé**. Bauru, 29 jul. 1962, p.1

Concílio “será o começo de um mundo novo, a caminho do Novíssimo que esperamos para o fim dos tempos.”<sup>902</sup>

Diante desse cenário, os bispos reunidos examinarão seu “imenso tesouro evangélico e católico para a partir dele tirar ‘*nova et vetera*’, isto é: cousas(*sic*) novas e cousa(*sic*) antigas, estas apresentadas em formulas novas, e todas reformuladas [...], melhor respondendo ao espírito dos tempos modernos”<sup>903</sup> Assim, o Concílio será capaz de atualizar a mensagem da Igreja valorizando positivamente o mundo moderno na linha da fé em Deus, indo ao encontro da angustiada sociedade hodierna que busca a um nova e operante presença do Senhor em sua história. Igualmente contribuirá para fazer reflorescer a paz, a verdade, o bem comum e a justiça do Reino.<sup>904</sup> Essa opção convergirá para um “rejuvenescimento da face da Igreja”<sup>905</sup> e para, entre outros, uma consequente atração daqueles que historicamente estão separados, solvendo a questão da unidade que era vista por alguns como o grande objetivo do Concílio. Percebe-se nalguns destes textos, todavia, que Koop já não entende mais a questão da unidade como um movimento de unificação e tampouco, deposita no Concílio o meio que alçará a Igreja numa unidade no sentido de homogeneização, mas o autor vê que ele abrirá caminhos, despertará processos que acomodarão ao longo do tempo<sup>906</sup> uma unidade na vivência da fé.

Nota-se nos postulados de Padre Paulo Koop que há uma profunda confiança e ingente esperança no Vaticano II. Aos seus olhos, ele teria a infatigável e inadiável missão de atualizar, a partir do depósito comum da fé, a mensagem eterna da Igreja que é o próprio Cristo. Essa atualização tem como razão de ser, as mudanças operadas no mundo, na sociedade que exigem uma resposta da Igreja. O Concílio, desse modo, sem negar as vicissitudes da história e pautado por um realismo claro, funcionaria como a panacea para esses males, como medicina apropriada para um mundo que necessita da mensagem

---

<sup>902</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. **A Fé**. Bauru, 29 jul. 1962, p.1

<sup>903</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Senhor! Aonde Iremos? **A Fé**. Bauru, 15. jul. 1962, p.1.

<sup>904</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. **A Fé**. Bauru, 29 jul. 1962, p.1.

<sup>905</sup>KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Senhor! Aonde Iremos? **A Fé**. Bauru, 15. jul. 1962, p.1.

<sup>906</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de unir ou abrir caminho para união? **A Fé**. Bauru, 5. ago. 1962, p.1: O que fará o Concílio neste sentido? O que poderá fazer? O que não poderá fazer – É utopia querer realizar a imediata restauração da própria unidade. Falta de ambos os lados a suficiente preparação dos espíritos. A cristandade ainda não está madura para união para a união. Se o Concílio se transformasse num amplo fórum de debates e discussões entre chefes da cristandade dividida, redundaria em rumoroso fracasso. Ainda não chegou a hora das tentativas diretas, dos objetivos imediatos.

de Cristo, sempre viva e atual. Confirmando essa ideia, pode-se citar, outra vez, as próprias palavras do diretor do jornal *A Fé*:

O Concílio Ecumênico será uma impressionante concentração da Igreja sobre si mesma, em seus dirigentes divinamente delegados. O Concílio será a Igreja que se debruça sobre a humanidade, revolvida por guerras e revoltada contra as injustiças, em transição para formas novas e rumos decisivos.

Será a Igreja a unir-se em torno da Verdade, a renovar suas forças na caridade, a retemperar seus esforços numa reorganização mais orgânica. Será a Igreja que, sem pretender revisar verdades e normas eternas, considerará atentamente a pedra em que está erguida, e estudará aquelas afirmações de Cristo que são mais debatidas e mais se chocam contra o pensamento moderno, resultante de erros antigos hoje expressos de maneira diferente.

Fará a Verdade triunfar sobre o erro, examinado-A melhor e tornando-A mais vigorosa e penetrante.<sup>907</sup>

Os outros textos, aqui chamados de informativos, despontam a partir do final da primeira metade de agosto. Como dito, já não apresentam mais a rubrica do Vigário Decano de Bauru, portanto, tornam-se a mensagem “oficiosa” da Igreja católica em Bauru. Outrossim, também, da região que irá constituir o sólio episcopal bauruense, dado que desde quando foi anunciado a notícia da futura criação do bispado, cidades do entorno passaram a receber o jornal.<sup>908</sup> São sete textos que bem mais do que reflexões críticas ou sugestões para o debate no Concílio, caracterizam-se por seu estilo em buscar dar ciência dos passos que antecediam o Concílio. São artigos explicativos, sempre na primeira página, que conseguem, a partir de fontes diversas, situar o leitor acerca da assembleia conciliar proposta por João XXIII.

Os artigos apresentam notas sobre o Concílio, tais como reflexão sobre o processo de preparação, a constituição das comissões preparatórias ou a publicação de obras, como o primeiro volume do livro do Frei Kloppenburg, Vaticano II: Documentário pré-conciliar que, aos olhos do articulista, para o população brasileira “ se abre como uma geral e clara introdução aos antecedentes do Concílio”.<sup>909</sup> Igualmente os escritos noticiam os estudos e as propostas feitas sobre os temas conciliares, como, entre outros, a formação do clero

---

<sup>907</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Senhor! Aonde Iremos? *A Fé*. Bauru, 15. jul. 1962, p.1.

<sup>908</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Preparando o bispado de Bauru XI: Visita a paróquia de São Sebastião de Pedemeiras. *A Fé*. Bauru, 10 dez.1961, p. 4; KOOP, Pedro Paulo. Visita a paróquia de Santa Luzia de Duartina. *A Fé*. Bauru, 4 mar. 1962, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Preparando o bispado de Bauru: Piratinga- Agudos – Cabrália Paulista. *A Fé*. Bauru, 5 maio. 1962, p. 4.

<sup>909</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Notas e informações sobre o Concílio. *A Fé*. Bauru, 12 ago. 1962, p.1.

e o apostolado do laicato.<sup>910</sup> Anunciam títulos dos esquemas conciliares,<sup>911</sup> os debates em torno da questão da unidade e discutem a duração do Concílio.<sup>912</sup> Apresentam ainda um vivo interesse pela preparação e recepção do Concílio. Quanto a recepção alguns textos evidenciam que ela depende da “[...] pronta aceitação e do enérgico esforço de melhorarmos a vida pública e privada. O Concílio produzirá frutos na medida em que fizermos as suas finalidades: incremento da fé, renovação dos costumes e adaptação (*sic*) da disciplina eclesiásticas as regras atuais”<sup>913</sup> Quanto a preparação, além do conhecimento do Concílio que o jornal *A Fé* busca difundir, há um desejo de incutir nos interlocutores uma aceção espiritual aquilo que se processará no Concílio, que será “o melhor modo de participarmos efetivamente desse grandioso[evento]”.<sup>914</sup> Assim, inspirados sobretudo nas intuições do Papa,<sup>915</sup> o periódico insiste para que seja feita uma preparação penitencial propiciatória.<sup>916</sup> Que orações conventuais sejam dirigidas<sup>917</sup> e novenas comunitárias ao Espírito Santo sejam realizadas nas paróquias e dioceses.<sup>918</sup>

Paralelo aos artigos e obediente ao apelo de João XXIII que se fizessem orações ao Espírito Santo pelo Concílio<sup>919</sup> - como já havia sido divulgado no jornal *A Fé* - bem como buscando comprometer, alimentar o imaginário religioso da população bauruense com a preparação do Concílio, Padre Paulo Koop enceta algumas ações práticas. Ele, na condição de Vigário Decano propõe e leva a cabo que seja celebrado uma novena ao Espírito Santo a partir do dia três de outubro até o dia onze em todas as paróquias de Bauru.<sup>920</sup> De modo particular, em sua paróquia de Santa Teresinha, além da oração

---

<sup>910</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Estudo e propostas sobre temas conciliares. *A Fé*. Bauru, 19 ago. 1962, p.1.4.

<sup>911</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Igreja em Estado Conciliar. *A Fé*. Bauru, 26 ago. 1962, p.1.4; REDAÇÃO. Retrato do Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 11 out. 1962, p.1.3.6.

<sup>912</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Próximo Concílio em Revista. *A Fé*. Bauru, 2 set. 1962, p.1.3.

<sup>913</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Igreja em Estado Conciliar. *A Fé*. Bauru, 26 ago. 1962, p.1.

<sup>914</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Igreja em Estado Conciliar. *A Fé*. Bauru, 26 ago. 1962, p.1.

<sup>915</sup>Cf. JOAO XIII. *Paenitentiam Agere*. In: COSTA, Lourenço (org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 15, p. 284-295.

<sup>916</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de todos povos e problemas. *A Fé*. Bauru, 16 set. 1962, p.1.

<sup>917</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de todos povos e problemas. *A Fé*. Bauru, 16 set. 1962, p.6.

<sup>918</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de todos povos e problemas. *A Fé*. Bauru, 16 set. 1962, p.1.

<sup>919</sup>Cf. JOAO XIII. *Paenitentiam Agere*. In: COSTA, Lourenço (org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 15, p. 290.

<sup>920</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico’” *A Fé*. Bauru, 30 set. 1962, p.1.

haveria “um breve sermão sobre o Concílio.”<sup>921</sup> Igualmente, no dia sete de outubro, dia do sufrágio municipal, “haveria terço ininterrupto das 6 às 18 horas pelo Brasil e pelo Concílio”<sup>922</sup> Ademais, no dia onze, data da abertura, todas as paróquias fariam uma procissão luminosa com seus respectivos padroeiros até matriz do Divino Espírito Santo para a conclusão da “novena. Oração e penitência pró-Concílio.”<sup>923</sup>

Ainda nesse espectro, Padre Koop anuncia que o jornal que dirige, visando manter seus interlocutores informados sobre o Concílio, conseguiu um correspondente oficial. Tratava-se do sacerdote Missionário do Sagrado Coração, Albino Diniz Dias. Ele que havia trabalhado em Bauru e estava de mudança para a Cidade Eterna onde no teologado internacional de sua congregação, iria fazer doutorado em exegese bíblica. O religioso, assim dispôs-se, como anuncia a redação do jornal, “de bom grado a atuar junto ao Concílio, como correspondente oficial e exclusivo.”<sup>924</sup>

Por fim, o diretor do jornal *A Fé*, anuncia um número especial de doze páginas do semanário a ser publicado no dia exato da abertura do Concílio, uma quinta-feira, versando sobre o evento, sua programação, seus temas e sua abertura.<sup>925</sup> De fato, o caderno especial foi publicado e configura-se como uma síntese esquemática e dilatada sobre o que trataria e o que poderia se tornar o Vaticano II.<sup>926</sup> Nesse caderno informativo, Padre Paulo Koop, diferente do que vinha fazendo, assina um último artigo nessa fase preparatória. Nele o Vigário Decano cunha um neologismo – desecundarizar - que sintetiza todo seu entendimento e suas expectativas acerca do Concílio, isto é, que ele seja um retorno ao essencial da Igreja para que a mensagem de Cristo seja mais universal.

A Igreja, neste Concílio, entra numa fase aguda de metamorfoses, de atualização formal, sem perder a substância. Com perdão dos neologismos, direi: **A Igreja em estado conciliar está se ‘desecundarizando’ para mais ‘essencializar-se’**

Sim, a Igreja tenderá a tornar-se mais universalmente cristã. Desligada de todo e qualquer particularismo, irá universalizar-se mais ainda acentuando intensamente seu caráter temporal e supra-histórica. Sua missão nunca é voltar ao passado senão para consulta a inspiração, nunca está presa a qualquer forma de passado, mas caminhar do passado para o presente, e do presente para o futuro. [...] De futuro em futuro chegará as portas da eternidade, seu último objetivo.<sup>927</sup>

<sup>921</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico.’” *A Fé*. Bauru, 30 set. 1962, p.1.

<sup>922</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico.’” *A Fé*. Bauru, 30 set. 1962, p.1.

<sup>923</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico.’” *A Fé*. Bauru, 30 set. 1962, p.1.

<sup>924</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico.’” *A Fé*. Bauru, 30 set. 1962, p.1.

<sup>925</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico.’” *A Fé*. Bauru, 30 set. 1962, p.1.

<sup>926</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Retrato do Concílio Ecumênico. *A Fé*. Bauru, 11 out. 1962, p.1-12.

<sup>927</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Dia para sempre memorável: 11.10.1962 *A Fé*. Bauru, 11 out. 1962, p.6. (Negrito no original)

Percebe-se que a fase antepreparatória e preparatória do Concílio é marcada por um caminhar crescente, um mover ascendente por parte do Vigário Decano de Bauru. Da impressão inicial estampada nas páginas do jornal *A Fé* à motivação de todos os fiéis para uma novena em favor do Concílio nas paróquias de Bauru, perpassando por uma coletânea de artigos, quatro anos se sucederam. Tratava-se de uma marcha morosa que não era direito exclusivo de Bauru, mas uma constante que acompanhou a Igreja em quase todo o país e, quiçá, o mundo. A mensagem da Conferência dos Bispos do Brasil, dotada de forte apelo de que a Igreja no país se colocasse em espírito conciliar foi o catalisador de um processo de reflexão e informação protagonizado por Padre Paulo Koop nas páginas do periódico que dirigia. Seu intento principal, de certo modo, era preparar a população e a si mesmo para as futuras e novas mudanças que o Vaticano II poderia impingir à Igreja. O sacerdote holandês, capitalizou de forma positiva as esperanças que a assembleia conciliar poderia suscitar. Divisou no Concílio a possibilidade de uma renovação eclesial, de uma transformação da mensagem evangélica, a ponto da Igreja: “Essencializar-se”. O Vigário Decano ansiava por atualizações no espectro católico partir das resoluções que se processariam no Vaticano II. Evento este que teria início, oficialmente no dia em se celebrava a Festa litúrgica da Maternidade Divina de Maria (Teotokós) definida quinze séculos antes, no Concílio de Nicéia, ou seja, no dia onze de outubro de 1962.

### **3 Abertura, I e II período conciliar: Padre Koop o Bispado de Bauru e a eleição ao Episcopado**

A data de abertura do Concílio, fora estabelecida por João XXIII através do *Motu proprio* nominado *Consilium*, publicado em fevereiro de 1962. O texto, curto e sucinto, previa que o início do Concílio ficaria estabelecido para 11 de outubro de 1962, solenidade da Maternidade Divina de Maria, festa instituída por Pio XI.<sup>928</sup> Entre as razões, estava a de que a data se associava “à lembrança do grande Concílio de Éfeso, que teve suma importância na história da Igreja”,<sup>929</sup> pois havia condenado Nestório e definido as

<sup>928</sup>Cf. PIO XI. **Lettera Enciclica Lux veritatis**. Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19311225\\_lux-veritatis.html](http://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19311225_lux-veritatis.html). Acesso em: 06 abr. 2021.

<sup>929</sup>JOAO XXIII. **Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio Consilium**. Disponível em: [www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_j-xxiii\\_motu-proprio\\_19620202\\_concilium.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_19620202_concilium.html). Acesso em: 09 mar.2021.

naturezas de Cristo, arrogando, por consequência, à Maria a Maternidade Divina.<sup>930</sup> Essa definição de data era o já prometido aporte cronológico que seria agregado à *Humanae Salutis*, publicada no Natal do 1961, com a qual fixava-se para o seguinte ano, o início do “ecumênico e geral Concílio, que se celebrará na Basílica Vaticana.”<sup>931</sup>

A convocação e a data, como afirmam alguns pesquisadores,<sup>932</sup> foi secundada por um processo longo e por uma decisão pessoal do Papa João XXIII. Em outubro de 1959, o cardeal Tardini, em coletiva de imprensa,<sup>933</sup> anunciou que o Concílio não poderia ser celebrado, em menos de três anos, portanto e na melhor das hipóteses em meados de 1963. O extenso prazo, contudo, estava em desacordo com os desejos do Papa. Internamente na cúria Romana, vozes elevavam-se dizendo que o Concílio não iniciaria antes dessa data. Pressionado por um purpurado Romano que advogava que não haveria condições de celebrar o Concílio antes de 1963, João XXIII, em tom proverbial, narrou um jornalista francês, pontificou: “vamos abri-lo em 1962!”<sup>934</sup> Esse episódio denuncia de forma corriqueira que havia uma tensão entre o desejo de abertura do Concílio por parte do Papa e da Cúria. Se não evidencia uma oposição clara, ao menos dá conta que João XXIII, além de convocar o Vaticano II, tinha interesse pessoal em vê-lo sendo celebrado.

Em Bauru, longe das querelas internas e dos bastidores palacianos da cúria Romana, Paulo Koop toma ciência da antecipação da abertura do Concílio e a reporta aos seus interlocutores. Ele a noticia como um desejo explícito de João XXIII, justificado pela convicção de que em “toda parte crescem as ansiedades e expectativas e, com certa impaciência, aguarda-se o resultado dos trabalhos há muito iniciados.”<sup>935</sup> A data escolhida para esse início, publicada em fevereiro de 1962, na linha do que vinha sendo dito, associa-se ao Concílio de Éfeso e à Maternidade divina.<sup>936</sup> A título de informação, o sacerdote holandês não difere a definição conciliar da definição da festa litúrgica. Ele dá a entender aos seus leitores que nessa data havia sido definido o conceito de

<sup>930</sup>Cf. DENZIGER, Hünemann. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica**. São Paulo: Paulus/Loyola. 2006, p. 101-103.

<sup>931</sup>JOAO XIII. *Humanae Salutis*. In: COSTA, Lourenço (org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 15, p. 257-258.

<sup>932</sup>Cf. KOMANCHAK, Joseph. La lucha por el Concilio durante la preparacion. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concilio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anúncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962**. v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Leuven, 1999, p.313.

<sup>933</sup>Cf. AA. I/1, p. 158.

<sup>934</sup>FESQUET, Henri. **Fioeretti do Papa Bom**. Lisboa: Livraria duas cidades, 1964, p. 132.

<sup>935</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II. **A Fé**. Bauru, 17 jun. 1962, p.1.

<sup>936</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II. **A Fé**. Bauru, 17 jun. 1962, p.1.



maternidade divina e que a festa correlata- transferida após o Concílio para primeiro de janeiro - seria decorrência disso, o que não é inteiramente correto.

Para além das divagações em torno da antecipação da data de abertura, aquela quinta feira, 11 de outubro, manhã de um outono de 1962 entrou para a história da Igreja católica. Seus desdobramentos marcarão definitivamente a fisionomia eclesial, nos anos seguintes. Após a chegada dos bispos, vindos de várias partes do mundo a Roma, a cerimônia de abertura foi, ao lado do discurso de João XXIII, o mais midiático evento dos primeiros dias do Concílio. Comentadores<sup>937</sup> e testemunhas oculares<sup>938</sup> descrevem-na como um evento singular e simbólico, porém de acento triunfalista, pomposo.<sup>939</sup> Nesse universo a expressiva procissão de entrada, com seu magno número de cardeais, patriarcas e bispos finalizada com a figura do Papa João XXIII cruzando a praça na sedia gestatória, sobressaía-se aos olhos da mídia e do mundo, quer pela extensão, quer pela duração. Essa imagem suscitou no imaginário de alguns a ideia “da unidade e da vitalidade da Igreja de Cristo no mundo de hoje”<sup>940</sup> e em outros, como no cardeal Lercaro, um sentimento menos triunfalista e consciente da: “[...] vitalidade da Igreja, sua unidade e variedade; ao mesmo tempo, sua humanidade e divindade; [...]”<sup>941</sup> Seguiu-se a esse ato, uma missa “do Espírito Santo”, o juramento de obediência dos diversos partícipes do Concílio, a profissão de fé e finalmente o discurso de João XXIII, *Gaudet Mater Ecclesia*<sup>942</sup>

O discurso de João XXIII, já bastante estudado e analisado, sabe-se foi redigido desde sua versão inicial até o texto final pelo próprio pontífice.<sup>943</sup> Chama a atenção nesse documento, como afirmam analistas e concorda-se ao lê-lo, é o timbre impresso pelo Papa na alocação. Bem mais do que definir metas, estabelecer um *modus operandi*, instituir marcas ou prospectivas para o Concílio, o Papa Roncalli “sugeria um caminho ao longo

<sup>937</sup>Cf. ALBERIGO, Giuseppe. **História do Vaticano II: a formação da consciência conciliar – o Primeiro período e a primeira intercessão** (outubro de 1962 a setembro de 1963). Petrópolis: Vozes, v. II, 2000, p. 28ss; Cf. O’MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 107-108.

<sup>938</sup>Cf. KLOPENBURG, Concílio Vaticano II: Primeira sessão (Set – Dez, 1962) Petrópolis: Vozes, v. II, 2000, p. 30-35.

<sup>939</sup>Cf. CONGAR, Yves. **le concile au jour le jour**. Paris: Du Cerf, 1963, p. 24: “Toute une pompe, à la fois très orientale et très Renaissance, se déroule dans l’immense basilique”

<sup>940</sup>KLOPENBURG, Concílio Vaticano II: Primeira sessão (Set – Dez, 1962) Petrópolis: Vozes, v. II, 2000, p. 34.

<sup>941</sup>LERCARO, Giacomo. **Lettere dal Concilio**, Bolonha, 1980 *apud* ALBERIGO, Giuseppe. **História do Vaticano II: a formação da consciência conciliar – o primeiro período e a primeira intercessão** (outubro de 1962 a setembro de 1963). Petrópolis: Vozes, v. II, 2000, p. 31 (Nota, 28).

<sup>942</sup>Cf. AS I/1, p.166-175.

<sup>943</sup>Pode-se consultar as diversas versões e estudo apurado sobre o discurso em: ALBERIGO, Giuseppe.; MELLONI, Alberto. **Fede, tradizione, profezia: studi su Giovanni XXIII e sul Vaticano II**. Brescia: Paideia, 1984, p. 185-283.

do qual trabalhar.”<sup>944</sup> Tal trilha, entre outros, como depreende-se do texto,<sup>945</sup> seria marcada por uma tessitura eclesial na qual a Igreja, reproporia de forma mais adaptada aos novos tempos a sua mensagem, seria mais afeita ao remédio da misericórdia que a punição e, conseqüentemente, revigoraria a sua face, configurando-se como convite mais eloquente à unidade. Portanto, o viés, como atestarão os trabalhos conciliares, será de diálogo com o mundo e de zelo pastoral.

Do outro lado do atlântico, no noroeste Paulista, após longa preparação através de vários e concatenados artigos, de uma novena celebrada de forma vivaz e marcada por reflexões nas missas sobre o Concílio, o dia 11 de outubro é acolhido com grande expectativa. O arcebispo de Botucatu, após dias de preparação no Mosteiro de Itatinga “estudando a *Schemata constitutionum et decretorum*”<sup>946</sup> e de uma conturbada viagem<sup>947</sup> que se iniciou em quarto de outubro, já estava em Roma desde o dia seis.<sup>948</sup> Ele figurava entre aqueles mais de dois mil padres conciliares que cruzaram as colunatas de Bernini, até adentar a Basílica Vaticana II. O metropolitano representava toda a Igreja arquidiocesana de Botucatu – o que incluía Bauru – e avolumava o grupo dos prelados do Brasil no Concílio. Séquito este que ao longo da assembleia se tornará cada vez maior,<sup>949</sup> agregando novos bispos, entres eles o Vigário Decano de Bauru, que será eleito bispo de Lins em julho de 1964. Antes da penúltima sessão do Concílio.

O diretor do periódico *A Fé*, Padre Pedro Paulo Koop, por sua vez, como já assinalado, organizou uma procissão em direção à matriz do Divino Espírito Santo, partindo de todas as paróquias da cidade para juntos sufragarem as luzes do Espírito Santo para o Concílio, especialmente para sua abertura.<sup>950</sup> Ademais, foi publicado uma edição especial, com doze páginas nas quais o principal assunto eram as comissões conciliares,

---

<sup>944</sup>ALBERIGO, Giuseppe. **História do Vaticano II**: a formação da consciência conciliar – o Primeiro período e a primeira intercessão (outubro de 1962 a setembro de 1963). Petrópolis: Vozes, v. II, 2000, p. 35.

<sup>945</sup>Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II**: Primeira sessão (set-dez.1962). Vozes: Petrópolis, s.d, p. 306 – 312.

<sup>946</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de todos povos e problemas. **A Fé**. Bauru, 16 set. 1962, p. 3.

<sup>947</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Goland. Carta do Concílio – I **A Fé**. Bauru, 18 nov. 1962, p. 1.

<sup>948</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 38v

<sup>949</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II**: participação e prosopografia 1959-1965. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p.128-129: “O Episcopado foi crescendo ao longo desses anos e os 175 bispos, ao momento da consulta em 1959, havia se transformado em 231, ao final da última sessão, em 1965, acumulando um aumento de 56 novos bispos ou seja de 32,0%.” BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 160.

<sup>950</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico’” **A Fé**. Bauru, 30 set. 1962, p.1; KOOP, Pedro Paulo. Dia para sempre memorável: 11.11.1962 **A Fé**. Bauru, 11 out. 1962, p.1-12.

os esquemas que seriam debatidos e as opiniões ao redor do mundo acerca do futuro Concílio.<sup>951</sup> Tratava-se, dentro de uma pedagogia já conhecida, de um verdadeiro exercício de aproximação da população católica em Bauru do conteúdo daquele que seria, para o sacerdote holandês, o evento do século. Esse espírito, parece confirmar-se nas reações de um dos vigários da cidade de Bauru, Cônego Ramires Lucena,<sup>952</sup> vigário da paróquia do Divino Espírito Santo, que mais tarde se tornará crítico do Concílio.<sup>953</sup> Ele atesta que o interesse gerado na cidade e na diocese por conta do Concílio era expressivo. Tal ideia denota a noção de que não se tratava apenas uma empolgação pessoal do Decano, mas um sentimento que era partilhado e notado por outros clérigos. Ademais, o plenário da câmara municipal fez questão de protocolar uma menção honrosa, dirigida ao Padre Paulo Koop, por ocasião da abertura da Assembleia Conciliar.<sup>954</sup>

No mesmo dia da liturgia da abertura do Concílio, não por mera casualidade, foi aprovada a doação do erário público, pela câmara de vereadores, de um terreno que deveria servir para construção do seminário do futuro sólio episcopal na cidade em Bauru. Nesses acontecimentos, percebe-se que a Igreja, a sociedade civil e as autoridades, quicá sem entender tudo o que aquele evento representaria, devotavam interesse ao futuro Concílio. Pode-se ainda intuir dessas ações que o Vigário Decano, conquanto, caminhasse e mobilizasse a população para fitar os olhos no evento conciliar, mantinha, ele próprio, seus pés encravados no projeto do futuro bispado que seria instalado naquela cidade. Vivido nesse contexto, é imperativo afirmar que todas as transformações em curso na diocese de Botucatu e a lufada de ideias semeadas no Concílio, serão sobejadas no sólio episcopal que futuramente constituirá Bauru.

As primeiras reações após a abertura do Concílio no decanato de Bauru foram pautadas por notas que destacavam, além da crescente expectativa sobre o evento, aspectos externos da assembleia conciliar como: a solene liturgia da abertura e o discurso de João XXIII. O Vaticano II, ainda era visto, como “uma força capaz de empolgar o mundo em todas as esferas [...]” e “despertar a esperança, aumentar a caridade e provocar

<sup>951</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico’” *A Fé*. Bauru, 30 set. 1962, p.1.

<sup>952</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 37: Tem sido fervoroso o espírito e a preparação o espírito de preparação na arquidiocese, mercê disposição do Exmo. Arcebispo metropolitano. No fim das missas e nas Benções do Santíssimo Sacramento os fiéis rezam alternadamente com o oficiante a oração proposta pelo próprio Papa João XXIII. Os sacerdotes têm oração próprias também do Santo padre [...]. Assim o clamor da Igreja é universal em prol do Concílio.

<sup>953</sup>Cf. PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p. 255-264 (Tese doutoral).

<sup>954</sup>Cf. ANUPHIS – COSTA, Nilson. Câmara Municipal de Bauru. *A Fé*. Bauru, 28 out. 1962, p.1.

a união.”<sup>955</sup> Sua abertura, particularmente a solene procissão entrada, é destacada como “uma onda de espuma lenta, as mitras brancas abrindo passagem por entre o mar negro de fiéis, serpenteando lentamente a praça [até]remontar à larga escadaria que conduz ao átrio do maior templo do mundo”<sup>956</sup> Por fim, o discurso de João XXIII, que estabeleceu linhas do caminho a ser trilhado pelo Vaticano II, é lido na perspectiva de uma exortação à unidade e à vitalidade (renovação) da Igreja. O Concílio, talvez, pela falta de informações mais concretas, neste momento, é visto em seus aspectos exteriores, em seu vigor litúrgico ou no seu, ainda não contemplado por muitos, simbolismo de diversidade eclesial. O correspondente oficial do jornal *A Fé*, um acadêmico, Padre Albino Diniz,<sup>957</sup> de quem talvez se pudesse esperar uma análise mais acurada, destaca os mesmos elementos que já haviam sido vicejados pelos demais periódicos.

Após os primeiros passos da assembleia conciliar, a temática a seu respeito, capitaneada pelo redator do jornal *A Fé*, continua uma constante nas páginas do folhetim. As crônicas ou os comentários do correspondente especial e as missivas do arcebispo, figuram com regularidade nas folhas do semanário católico de Bauru e cidades circunvizinhas. A recorrência da questão, crê-se, dissemina, propaga e acentua no imaginário dos católicos de Bauru e do clero as ideias e expectativas que foram gestadas durante a preparação. Essa ideia, para citar apenas um exemplo, confirma-se por ofício enviado pela câmara dos vereadores à direção do jornal, particularmente ao vigário Forâneo, destacando a grandeza do evento conciliar.<sup>958</sup> Não obstante o estilo *pro forma* e institucional do ofício, depreende-se dele, o interesse pela abertura do Concílio da parte da população e, subliminarmente, confirma-se a proximidade entre a Igreja e os poderes públicos naquele decanato de Botucatu.

Semanalmente, ao longo de toda primeira sessão conciliar, a população de Bauru era informada sobre o Concílio. Os artigos assinados pelo Padre Albino Diniz e/ou as cartas do arcebispo revelavam o tom da reflexão. O primeiro é narrativo, faz crônicas.<sup>959</sup> Suas análises, em geral, são ufanistas. Sua cronologia, contudo, é precisa. Alguns aspectos, como a defesa da escolha dos membros das comissões e a discussão sobre o

---

<sup>955</sup>ANUPHIS – BAGGIO, Hugo. Encontro marcado. *A Fé*. Bauru, 21 out. 1962, p.1.

<sup>956</sup>ANUPHIS – REDAÇÃO. Instalado o Concílio: a Igreja vive seus grandes momentos. *A Fé*. Bauru, 21 out. 1962, p.1.

<sup>957</sup>Cf. ANUPHIS – DINIZ, Albino. Assim principiou o Concílio Ecumênico Vaticano Segundo. *A Fé*. Bauru, 28 out. 1962, p.1.

<sup>958</sup>Cf. ANUPHIS – COSTA, Nilson. Câmara Municipal de Bauru. *A Fé*. Bauru, 28 out. 1962, p.1.

<sup>959</sup>ANUPHIS – DINIZ, Albino. Crônica conciliar. *A Fé*. Bauru, 04 nov. 1962, p.1- 4; \_\_\_\_\_. Crônica conciliar. *A Fé*. Bauru, 25 nov. 1962, p.1- 4.

esquema de liturgia são tratados de maneira fidelíssima, se cotejados com as atas<sup>960</sup> ou com outras fontes.<sup>961</sup> O arcebispo, no entanto, situa a diocese através de cartas que são diários de suas peregrinações, mas que tacitamente, revelam a um só passo, as discussões que no interior do Concílio eram travadas e as preocupações e desejos do bispo como fruto da assembleia: uma Igreja pobre e evangélica.<sup>962</sup>

*Pari passu* à discussão e a movimentação conciliar, particularmente, após o primeiro período, Padre Paulo Koop retoma a reflexão sobre o futuro Bispado de Bauru. O Concílio ainda é tema pujante, contudo não goza de uma incidência concreta na vida do decanato onde vivia o sacerdote holandês. Assim, o Vigário Decano volve sua verve, outra vez, para a formação de uma consciência/ espírito de uma comunidade diocesana. Os textos, doravante, deixam de ser um apelo à constituição de um patrimônio para o futuro sólio episcopal<sup>963</sup> e passam a apresentar uma pedagogia eclesiológica. O Vigário Decano deixa de argumentar exclusivamente em favor da arrecadação de dividendos para o bispado e passa a insistir na formação de uma consciência pastoral que deveria permear e fecundar a Igreja nascente.<sup>964</sup> Nesse espectro, é impossível não notar a influência do Plano de Emergência, elaborado pela Conferência Episcopal dos Bispos do Brasil, em meados de 1962.

O Plano Pastoral de Emergência, como conhecido, nasceu da provocação de João XXIII ao Episcopado Latino-Americano. Alguns dos seus pronunciamentos aos prelados do continente reunidos nas assembleias do CELAM,<sup>965</sup> a carta dirigida aos bispos em novembro de 1961<sup>966</sup> e a orientação, como atesta uma testemunha desse período,<sup>967</sup> da Secretaria de Estado da Santa Sé ao Núncio no Brasil, Dom Armando Lombardi, para que a Igreja no país fizesse um plano objetivo e realista, concorreram para a elaboração desse

<sup>960</sup>AS - ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI- I/I, 207-208, I.

<sup>961</sup>Cf. O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 109. 142-154; KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II:Primeira sessão** (set. - dez. 1965). Petrópolis: Editora Vozes. v.2, 1963, p. 77.

<sup>962</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – I **A Fé**. Bauru, 18 nov. 1962, p. 1; \_\_\_\_\_. Carta do Concílio – II **A Fé**. Bauru, 25 nov. 1962, p. 1; \_\_\_\_\_. Carta do Concílio – III **A Fé**. Bauru, 09 dez. 1962, p. 1.

<sup>963</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru: O papel dos Leigos. **A Fé**. Bauru, 3 set. 1961, p.1.4;

<sup>964</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 1.

<sup>965</sup>Cf. MARCHI, Euclides A Igreja do Brasil e o Plano de Emergência – 1952 /1962.**Revista de Ciências Humanas**. n. 30, out, 2001, p. 95. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/revistacfh/article/download/25113/22127/81672>. Acesso em: 03 maio.2021.

<sup>966</sup>Cf. JOAO XXIII. Carta de João XXIII ao Episcopado da América Latina. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v. 22, f. 2, mar, 1962, p. 461- 463.

<sup>967</sup>Cf. BARROS, Raimundo Caramuru (Servus Mariae). **Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II**. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 139.

material. A esta altura, em pleno concurso da preparação do Concílio, a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil gozava de dez anos de fundação e de envergadura capaz de apresentar um plano de magnitude nacional para a Igreja. Desse modo, na V Assembleia Geral e ordinária da entidade que capitaneava a Igreja no país, celebrada no Rio de Janeiro, foi tomada em sério a consecução dessa proposta e exarou-se o primeiro Plano de Pastoral de Conjunto da Igreja do Brasil, por antonomásia, Plano de Emergência.<sup>968</sup>

Nas bases desse plano de ação pastoral estava um conglomerado de ideias amadurecidas conjuntamente e catalisadas sob a liderança de Dom Helder Camara.<sup>969</sup> Havia contribuições de vários personagens<sup>970</sup> na construção desse texto, nas suas grandes linhas: Pastoral de Conjunto, Renovação dos Educandários e atuação socioeconômica da Igreja. Sobre a Pastoral de Conjunto, houve colaboração de Dom Eugênio Sales, à época administrador apostólico de Natal.<sup>971</sup> A respeito da atuação socioeconômica da Igreja, o arcebispo de Aracaju, Dom José Távora, foi responsável por desenvolver grande parte das ideias.<sup>972</sup> A renovação dos educandários tomava de empréstimo ideias gestadas pela Juventude Universitária (JUC) e Estudantil Católica (JEC) e a renovação paroquial dos assistentes nacionais da Ação Católica.<sup>973</sup> Esse conteúdo todo, após longa e maturada reflexão colegiada dos bispos, resultou num adulto documento dividido em dois grandes blocos (Pastoral e Socioeconômico) que, entre outras coisas, buscava de um lado a renovação da vida paroquial, do ministério sacerdotal, dos educandários à luz de uma pastoral de conjunto; de outro lado, na questão social, particularmente o apoio da Igreja em questões, como a Educação de Base, as reformas agrárias e concatenação das obras apostólicas e sociais consequentemente a formação de líderes para esse objetivo.<sup>974</sup>

---

<sup>968</sup>Pode-se ler o plano de Emergência, na versão reeditada Pela CNBB em: CNBB. **Plano de Emergência**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183649.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf). Acesso em: 02 maio.2021.

<sup>969</sup>Cf. BARROS, Raimundo Caramuru (Servus Mariae). **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 139.

<sup>970</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. *A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II; de Medellín a Santo Domingo*. Vozes: Petrópolis, 1993, p. 40.

<sup>971</sup>Cf. BARROS, Raimundo Caramuru (Servus Mariae). **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 140.

<sup>972</sup>Cf. BARROS, Raimundo Caramuru (Servus Mariae). **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 140-141.

<sup>973</sup>Cf. BARROS, Raimundo Caramuru (Servus Mariae). **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 141.

<sup>974</sup>Cf. CNBB. **Plano de Emergência**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183649.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf). Acesso em: 02 maio.2021.

No universo menor da arquidiocese de Botucatu, e nas bases que iriam fecundar o novo s3lio episcopal em Bauru, do qual Paulo Koop 3 o principal fautor, as ideias do Plano de Pastoral de conjunto (Plano de emerg3ncia) s3o, por caminhos diversos, plastificadas. J3 em 1962, antecipando movimentos posteriores, poucos meses ap3s o encerramento da Assembleia Geral dos bispos e a menos de sessenta dias da abertura do Conc3lio, em julho daquele ano, o arcebispo Dom Henrique Golland Trindade apresentou elementos do Plano Pastoral ao clero e aos religiosos. Sob o p3lio da sua medita33o abrigava-se um apelo para aplicar uma renova33o pastoral, expurgando qualquer particularismo eclesial e desenvolvendo uma cultura de pastoral de conjunto (comun3o). A par3quia seria o principal eixo dessa transforma33o, haja visto que “acima dos interesses da associa33o [Ligas cat3licas, Apostolado da ora33o, Sociedade de S3o Vicente] [deveriam estar] os interesses da par3quia[...]” [e] “nenhum cidad3o ou mo3o ser3 bom vicentino ou mariano se n3o for um bom paroquiano.”<sup>975</sup>

Nota-se o assento e o apelo do bispo por uma renova33o das atividades eclesiais, tendo como centro aglutinador a par3quia. Incluso, nessa mesma reuni3o, talvez opondo-se a uma pr3tica comum nas Igrejas de sua diocese que demonstrava uma certa segregaa3o de grupos em uma mesma par3quia, ele determina que as associa33es (associados) n3o gozem de assentos reservados nos templos, mas que se sintam membros efetivos de uma 3nica e mesma comunidade.<sup>976</sup> Dom Henrique exorta os cl3rigos e religiosos de sua arquidiocese a encetarem essas mudan3as pensando a pastoral de maneira mais organizada, planejada e concatenada. Em s3ntese a ideia 3 o planejamento da a33o pastoral tendo como centro unificador a par3quia, unidade basilar da diocese, que por sua vez 3 parte constituinte da Igreja universal.<sup>977</sup> Era o germe da pastoral de conjunto.

Com o escopo de equacionar o Plano de Emerg3ncia, a Igreja no Brasil, representada na Confer3ncia Nacional dos Bispos, dividiu o pa3s em zonas e setores. O Setor chamado 01 abrangia os Estados de S3o Paulo e Paran3. Na primeira quinzena do ano da abertura do Conc3lio, um m3s ap3s a reuni3o do clero em Botucatu, no qual se iniciavam debates sobre o plano de Pastoral de Conjunto, ocorreu o primeiro encontro do setor na capital paulista. Dom Helder Camara, secret3rio da Confer3ncia dos bispos, *Alma*

---

<sup>975</sup>ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Grande reuni3o para maior uni3o. *A F3*, Bauru, 19 ago. 1962, p. 3.

<sup>976</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Grande reuni3o para maior uni3o. *A F3*, Bauru, 19 ago. 1962, p. 3.

<sup>977</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Grande reuni3o para maior uni3o. *A F3*, Bauru, 19 ago. 1962, p. 3.

*Mater* do Plano de Emergência, presidiu esse encontro. Dom Henrique Golland Trindade, padres e religiosos tomaram parte dessa reunião.<sup>978</sup> Tratava-se do princípio de estruturação da aplicação das ideias do projeto de pastoral desenhado pelos bispos na última assembleia.

Numa escala menor, estreitando o processo de consecução dessas ações do plano na região noroestina do estado de São Paulo, o arcebispo de Botucatu, grande entusiasta do Plano de Emergência,<sup>979</sup> instituiu uma comissão de religioso(a)s, presbíteros e leigos, entre elas Padre Pedro Paulo Koop<sup>980</sup> para dar corpo ao Plano de Emergência na sua província eclesiástica. Esse grupo ficou conhecido como comissão provincial e tinha como meta apresentar propostas que viabilizassem o plano exarado pela Conferência Nacional dos Bispos. A Equipe optou, entre outras coisas, pela revitalização dos decanatos, a celebração – na linha do que propunha a CNBB – de Cursos do Mundo Melhor e pela potencialização do jornal oficial da diocese (O monitor) como veículo para difusão e compartilhamento de experiências na linha da renovação paroquial.<sup>981</sup>

Implicado na comissão provincial e sendo coordenador do decanato de Bauru, Padre Paulo Koop, colocou em fluxo ações para aprofundar os arrazoados do Plano de Emergência, mormente a questão da pastoral de conjunto com acento para revitalização do decanato. Assim, em outubro de 1962, onze dias após a abertura do Concílio, o Vigário Decano de Bauru convocou uma reunião com a presença de todos os padres da cidade para uma reflexão sobre Pastoral de Conjunto e o Plano de Emergência.<sup>982</sup> Embora não se tenha acesso ao conteúdo da reunião julga-se que o mote era como tornar mais ativos e concatenados os trabalhos pastorais no decanato. Outrossim, Padre Paulo Koop, serviu-se outra vez das laudas do jornal *A Fé*, para divulgar o Plano de Pastoral e ideias relativas a esse projeto que poderiam ser aplicadas pelos vigários.<sup>983</sup>

Como um corolário da atuação de Paulo Koop diretamente na comissão responsável pela estruturação do plano de Pastoral de Emergência, as ideias desse projeto

<sup>978</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. Plano de Emergência *A Fé*, Bauru, 1 set. 1962, p. 1.

<sup>979</sup>Cf. ZANIN, Edmilson Jose. **O clero de botucatu sob a influência do Concílio Vaticano II (1965-1985)**. São Paulo, 2007, p. 73.

<sup>980</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. Plano de Emergência *A Fé*, Bauru, 1 set. 1962, p. 1; ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 37.

<sup>981</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. Plano de Emergência *A Fé*, Bauru, 1 set. 1962, p. 1; ANUPHIS - REDAÇÃO. Plano de Emergência *A Fé*, Bauru, 1 set. 1962, p. 1; ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 37.

<sup>982</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 37.

<sup>983</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. Introdução a uma Pastoral de Conjunto – Plano de Emergência – Renovação Pastoral – Do ministério Sacerdotal – Dos educandários – Comentários. *A Fé*, Bauru, 11 out. 1962, p. 6;



passaram tacitamente a fecundar conceitos para o futuro bispado de Bauru. O Vigário Decano e responsável direto do projeto da consolidação do sôlio episcopal na região, testemunhou, entre outras, a influência do Plano da CNBB, nos seguintes termos:

Do Papa, do Concílio, **das conferências episcopais chegam até nós diretrizes novas**. Processos de readaptação nos são aconselhados. As paróquias se esforcem para executá-lo, cada qual de acordo com sua realidade, feitio, recurso, configuração histórica ou biopolítica. As paróquias estão experimentando[...]. Na uniformidade de ideias e diretrizes há uma linda variedade de concretizações.

[...]Não será supérfluo distilar(*sic*) das **diretrizes recebidas** umas regras gerais que devem presidir a renovação paroquial.<sup>984</sup>

Consciente dessas influências e da necessidade de renovação propugnadas desde o mais alto estamento eclesiástico chegando até as bases paroquiais, Padre Paulo Koop, inspirado pelo Plano de emergência e visando a revitalização da unidade nuclear da diocese – paróquia – defende a criação dos Conselhos Paroquiais. Esse instrumental aos olhos do Vigário Decano é “a ponte do diálogo necessário entre pároco e paroquianos que juntos formam a Igreja local, a comunidade paroquial [tendo como principal missão] exercer uma profunda influência mental[pastoral/financeira] sobre os paroquianos,”<sup>985</sup> trabalhando sempre em conjunto com uma espécie de “secretariado social que deveria cobrir o aspecto social-caritativo da paróquia”.<sup>986</sup> Portanto, o conselho paroquial atenderia a um tríptico múnus: animação pastoral, financeira e caritativa. Na prática, a futura Catedral do Divino Espírito Santo, atendendo a esse anseio, em setembro daquele ano promoveu uma reunião com o “intuito de formar o conselho paroquial”<sup>987</sup> que formulou seus próprios estatutos e elegeu sua primeira coordenação um mês depois, no dia quinze.<sup>988</sup>

Divisando claramente que a renovação paroquial – constituição de conselhos e outros – só seria exequível pela constituição de um laicato vivo, comprometido e eficiente, Padre Paulo Koop, insiste no compromisso concerto no reestabelecimento do eixo de equilíbrio entre o laicato e o clero.<sup>989</sup> Tratava-se de uma exortação a um trabalho colaborativo, compartilhado e corresponsável entre o laicato e o bispado. Vislumbrava-

<sup>984</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 4. (grifo nosso)

<sup>985</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Conselho Paroquial: Bispado próximo...Em novos moldes...o Papel do dos Leigos na Igreja. **A Fé**, Bauru, 17 fev. 1963, p. 1.

<sup>986</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Conselho Paroquia: Bispado próximo...Em novos moldes...o Papel do dos Leigos na Igreja. **A Fé**, Bauru, 17 fev. 1963, p. 1.

<sup>987</sup>ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 51.

<sup>988</sup>Cf. ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 59.

<sup>989</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 1.

se a assunção de uma eclesiologia nos moldes e na perspectiva de Igreja povo de Deus.

Assim, ele pontifica:

JÁ NOTARAM A TENDÊNCIA MODERNA (e boa) é esta: A Igreja é o povo de Deus. A Igreja é um corpo todo, não só a cabeça, nem só os membros. A cabeça não funciona sem os membros. E vice e versa. Por isto que as paróquias no passado, não conseguiram funcionar no tríplice linha paroquial: fé – ofertório – caridade. Eixos de uma só roda não funcionam. A outra ponta do eixo, plantada no chão, tudo mobiliza. Falta montar a outra roda (o laicato, os leigos). Não utilizados paroquialmente, os leigos refugiaram-se em organizações extra paroquiais e mais longe ainda, em neutras, acatólicas. Eles querem trabalhar não só sob responsabilidade alheia, mas também com iniciativa e responsabilidades próprias. Os leigos também são a paróquia – A paróquia é a célula-mãe de Igreja, ponto de partida e objeto básico de toda atividade católica, eficiente e estável.<sup>990</sup>

Capitulando todas essas propostas, Paulo Koop delineia um projeto pastoral para a futura sede do bispado de Bauru. A seu ver seria a proposta mais incisiva para a consolidação daquele sólio episcopal, que ele nomeou de “preparação última: o plano proposto.”<sup>991</sup> Tratava-se de um “plano tecnicamente bem elaborado[que] se enquadrava perfeitamente dentro dos propósitos do Vaticano II e do Plano de Emergência elaborado pela CNBB em 1962[...]”.<sup>992</sup> A estrutura do plano<sup>993</sup> era concisa e sintetizava ideias que o Vigário Decano defendia nas páginas do jornal *A Fé* em artigos anteriores.

O plano dividia-se em quatro partes.<sup>994</sup> A primeira fração versava sobre a constituição de comissões permanentes. A largos traços, o ideal era dividir as paróquias em quadras (ou unidades menores), reconhecer a realidade social e política e constituir unidades chamadas de “Equipes mistas de quadras”<sup>995</sup> compostas por catequistas, coletores do dízimo e agentes de atuação social. Para auxiliar os diversos seguimentos dentro das equipes de quadra, seriam compostas as “Equipes mistas de Grupo”<sup>996</sup> e para

<sup>990</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. *A Fé*. Bauru, 03 mar. 1963, p. 3-4.

<sup>991</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1963, p. 3-4; Também em: PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p.186-190(Tese doutoral).

<sup>992</sup>PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p.190 (Tese doutoral).

<sup>993</sup>Conferir Anexo, p. 483.

<sup>994</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1963, p. 3-4; Também em: PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. UNESP: Franca, 2011, p.186-189(Tese doutoral).

<sup>995</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1963, p.4.

<sup>996</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto *A Fé*. Bauru, 17 mar. 1963, p.4.

mediar as decisões das equipes mistas, junto à paróquia, seriam constituídos os conselhos “paroquial, administrativo e o secretariado da ação social.”<sup>997</sup>

O funcionamento desses mecanismos é descrito na segunda, terceira e quarta parte do plano. As equipes de quadra seriam responsáveis por uma ou duas frações da divisão do bairro, nela aconteceriam reuniões familiares, encontros de jovens, catequese e coleta do dízimo. Para cada uma dessas atividades deveria haver um ou mais responsáveis locais. A Equipe Mista de Grupo teria líderes com a missão de catalisar, em separado e por partes, catequistas, casais responsáveis, coletores de dízimo para “partilha de impressões, recebendo e transmitindo sugestões e avisos.”<sup>998</sup> Estes, por seu turno, reportar-se-iam às comissões que lhes correspondiam “casais e catequistas [ao] conselho paroquial ou com o secretariado de assistência social[...]”<sup>999</sup> e os “coletores encontrar-se-ão com o comitê administrativo.”<sup>1000</sup> A última parte do plano, descreve os conselhos pastoral, administrativo e de assistência social. Eles fazem a mediação entre a paróquia e as equipes menores, cada um dentro do seu objeto específico: planejamento pastoral, financeiro e caritativo. Deve-se dizer que esses comitês paroquiais deveriam ter estrutura análogo a do plano diocesano. Era a proposta do Vigário Decano para o bispado de Bauru.

Nota-se, com este projeto, que Padre Paulo Koop tem neste momento, sob a forte influência das ideias renovadoras que estão em curso na Igreja do Brasil, uma noção clara de Igreja como “povo de Deus.”<sup>1001</sup> Sua aposta, em germe, faz eco a consolidação das pequenas comunidades de base. Deliberadamente assume a proposta de uma pastoral tecida em conjunto, articulada. Reafirma a necessidade de todos os entes eclesiais, atestando que absolutamente ninguém é dispensável no espectro eclesial, pois povo de Deus. Advoga um novo modelo de Igreja, pautado pela comunhão no qual cada um “edifique [o irmão] de acordo com o dom recebido.”<sup>1002</sup> Conquanto o projeto proposto pelo Vigário Decano seja alvissareiro, ele não se consumou na futura diocese, esse fato, porque, ele “foi [...] ignorado pelo primeiro bispo de Bauru, D. Vicente Marchetti Zionni. Este se prendeu a uma autocompreensão conservadora da Igreja pré-conciliar [...], ignorando o espírito do Vaticano II.”<sup>1003</sup> Traços desse projeto, contudo, notaremos no

<sup>997</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto A Fé. Bauru, 17 mar. 1963, p.4.

<sup>998</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto A Fé. Bauru, 17 mar. 1963, p.4.

<sup>999</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto A Fé. Bauru, 17 mar. 1963, p.4.

<sup>1000</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto A Fé. Bauru, 17 mar. 1963, p.3.

<sup>1001</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto A Fé. Bauru, 17 mar. 1963, p.3.

<sup>1002</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto A Fé. Bauru, 17 mar. 1963, p.3.

<sup>1003</sup>PRIMOLAN, EMÍLIO. *Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)*. UNESP: Franca, 2011, p. 190(Tese doutoral).

processo de recepção do Concílio implementado por aquele que será o quarto bispo de Lins, ou seja, o próprio autor do plano.

Entrementes, alinhavava-se o projeto para uma futura sede episcopal profundamente marcado por uma consciência eclesiológica, fruto dos movimentos de renovação em curso na Igreja do Brasil. Algumas pequenas notas dos desdobramentos conciliares pareciam despontar no universo do arcebispado de Botucatu e no decanato de Bauru. Nos meses iniciais de 1963, o bispo fez questão de explicitar, como foi reproduzido por Koop no periódico que dirigia, que a arquidiocese seguia em estado conciliar,<sup>1004</sup> embora mudanças claras ainda não fossem perceptíveis.

Não obstante as novidades propostas pelo Vaticano II não tivessem ainda se plastificado na prática concreta daquela circunscrição eclesiástica, deve-se dizer que açambarcando expectativas e interesses gestados antes do Concílio e arrolados durante sua execução, tornou-se pauta no arcebispado de Botucatu a discussão sobre as vestes litúrgicas, particularmente o uso (ou não) ordinário da batina pelos clérigos. De fato, no primeiro período, no âmbito das discussões sobre a liturgia que empolgava “o mundo inteiro por seu [...] caráter místico e social,”<sup>1005</sup> despontou a discussão sobre a arte e o vestuário litúrgico. Pautou-se o tema da veste eclesiástica, ao longo da décima oitava congregação geral.<sup>1006</sup> Sobre essa questão, houve posições divergentes entre os Padres Conciliares. Dom Yoshigoro Taguchi, bispo de Osaka no Japão, advogava, entre outros, que as vestes litúrgicas, como já era prática do episcopado do seu país, deveriam revelar simplicidade e serem adaptadas às peculiaridades culturais de cada povo.<sup>1007</sup> No outro extremo, o Abade *Nullis* de Monte Olivete Maior, na Itália, Pedro Zillianti, argumentava que mesmo o povo pobre de sua região, apreciava a riqueza do culto.<sup>1008</sup> E referindo-se à

---

<sup>1004</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Concílio Continua. **A Fé**, Bauru, 3 mar. 1963, p. 1.

<sup>1005</sup>ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Cartas do Concílio – Do Nosso Arcebispo – Carta 3ª. **A Fé**, Bauru, 9 dez. 1962, p. 1.

<sup>1006</sup>Cf. AS I/2, p. 631ss.

<sup>1007</sup>Cf. AS I/2, p. 650-651: *Experientia multorum annorum vitae episcopales, satis cognovi episcoporum vestes litúrgicas Iaponia saltem, simpliciores reddendas atque sensui et morsibus populi nostri magis aptandas esse. ipsi etiam colores vividi atque fortes oculorum aciem populique sensum artisticum offendunt, qui eos temperatos et bene compositos maxime praefert. Quae vero pompam aliquam exhibent, ut cappa magna et similia, in nostra regione (etiam forsitan in aliis) nimis discedunt ab hominum hodiernorum mente, que simplicitatem atque moderationem prae omnibus intendit. [...]*

*Et in primis curare ut vestes litúrgicas aetatis nostrae condicionibus et diversorum populorum sensui atque moribus magis aptentur.*

<sup>1008</sup>Cf. AS I/2, p. 640.

necessidade de esplendor da Igreja advoga que também as vestes litúrgicas deveriam gozar de magnificência o que ele descreve sobre o eufemismo de “dignidade”.<sup>1009</sup>

No universo desse debate, o antístite de Botucatu, fez seu primeiro pronunciamento no Concílio. Partindo da premissa básica de que a Igreja, como ele sustentou em seu *votum*<sup>1010</sup> deveria ser pobre e humilde, argumenta sobre a questão das vestes litúrgicas. O arcebispo admite que o tema não é o mais premente no universo da discussão sobre a liturgia e, incluso, do próprio Concílio,<sup>1011</sup> todavia merecia ser debatido. No que diz respeito ao vestuário litúrgico, afirma dom Henrique, ele deveria primar pela austeridade e não pelo luxo, pela simplicidade e não pela ostentação.<sup>1012</sup> Por essa razão, num claro desejo de voltar às fontes cristãs, ele sugere que “as vestes sacras sejam reduzidas às autênticas formas cristãs, a começar pela excessiva multiplicidade e magnificência de nossas vestes [episcopais] [...] para que o exemplo[dos bispos] seja difundido em todos os graus inferiores.”<sup>1013</sup> Nota-se no discurso do metropolitano um apelo à simplicidade das vestes litúrgicas, à altura dos primeiros cristãos. Ele, portanto, quer furtar-se da ostentação que os paramentos litúrgicos, poderiam representar. Trata-se de uma busca pelas fontes cristãs, de uma mentalidade de austeridade e pobreza, também neste ponto.

Essa discussão sobre as vestes litúrgicas, embora ao final do primeiro período não tenha chegado a um termo, tampouco tenha-se discutido deliberadamente sobre o uso da batina e/ou do *clergyman*, apontam a abertura do prelado de Botucatu e do Concílio para refletir sobre a indumentária sacerdotal. Ademais, ao final de outubro de 1962, foi emitida uma nota que facultava aos ordinários locais, mediante solicitação à Sé romana, reger a conveniência ou não da batina em algumas situações particulares. Dom Henrique Golland Trindade, nesse sentido, abriu-se de maneira célere à discussão sobre o uso do colarinho romano na sua arquidiocese, incluso demonstrando um entendimento claro e particular

---

<sup>1009</sup>AS I/2, p. 640: Mihi videtur pastores imitari deber Iesum Christum pauperem in vita sua privata, sive victu, sive veste, sive habitatione. Sed non obliviscatur quod dicit S. Thomas ad argumentum I-II, q. 102, art. 5 ad 10: "ad hoc autem quod in reverentia haberentur, adhibeatur eis specialis ornatus vestium", videlicet, signa externa suae **Dignitatis** (grifo nosso)

<sup>1010</sup>Cf. AA. II / 7, p. 142-143: 1- Sit ecclesia Pauper et humilis[...] 2 – Sit ecclesia patiens et excruciatia [...] 3 – Sit ecclesia constans, fortis, atque sincera principia sua [...]; 4 – Sit ecclesia supernatural[...] Sit ecclesia, in primis et super omnia ecclesia caritatis.

<sup>1011</sup>Cf. AS I/2, p. 645.

<sup>1012</sup>Cf. AS I/2, p. 646.

<sup>1013</sup>AS I/2, p. 646: Ehu, venerabilis patres et carississimi fratres, reductur sacra supellex ad forma aetheticae christianas, incipiendo a nímia magnificentia et multiplicitate vestium nostrarum[...] jut exemplum divulgetur in omnibus inferioribus gradibus.

sobre o tema.<sup>1014</sup> Pode-se sem dúvida atribuir essa ligeira discussão, a determinação da Congregação do Concílio, mas não seria infundado supor que houvesse movimentações da parte do clero no sentido de solicitar permissão para o não uso da veste talar em atividades que não fossem celebrativas.

Assim, em março de 1963, com a devida vênia da Santa Sé e da Conferência dos Bispos Brasil, Dom Henrique Golland, ciente que outras determinações oficiais e definitivas estariam por vir do Concílio,<sup>1015</sup> autoriza em sua diocese o uso de Clergyman por parte dos seus presbíteros. O Bispo entendia e afirmava de maneira adjetivada que o uso dessa veste clerical “não diminuía em nada a seriedade e o respeito de quem exerce as funções mais importantes e santas que o homem pode exercer na terra.”<sup>1016</sup> Essa indumentária, portanto, tornar-se-ia, a “veste civil para os[...] sacerdotes.”<sup>1017</sup>

Dom Henrique, não obstante a abertura ao diálogo e à consequente determinação sobre a utilização do uso do clergyman, legisla acerca dos critérios que devem ser empregados para o seu uso. As normas diziam respeito ao padrão e às circunstâncias em que os sacerdotes deveriam fazer uso dessa veste clerical. O modelo, adotado para arquidiocese seria “calças e paletó de cor preta ou cinzenta escura, colarinho branco, que pode ser da própria camisa, e peitinho preto ou cinzento; usando-se chapéu, seja preto e modesto[...].”<sup>1018</sup> As circunstâncias, não demandavam requerimento prévio, mas exigiam o discernimento daqueles que as usariam. Podiam servir-se dessa veste em viagens longas, encontros culturais, ao dirigirem veículos ou em apostolados diversos, como em fábricas ou hospitais. Nas palavras de Dom Henrique:

Todos os nossos sacerdotes, não é preciso requerimento (os religiosos, porém, com licença, também, de seus superiores maiores), poderão usar o clergyman, 1) em viagens mais longas, a seu critério; 2) quando dirigindo qualquer viatura; 3) em excursões ou assistindo a competições esportivas; 4) exercendo seu apostolado em fábricas, escolas, cadeias e hospitais leigos; 5) em encontros de caráter cultural ou social; 6) em trabalhos pesados; 7) em circunstâncias especiais, avisando a Cúria.<sup>1019</sup>

---

<sup>1014</sup>Cf. FERREIRA, Reuberson; SOUZA, Ney. Dom Frei Henrique Golland Trindade e a recepção do Vaticano II na Arquidiocese de Botucatu. *Revista Eclesiástica Brasileira*, v. 82, n. 322, 21 jul. 2022, p. 398.

<sup>1015</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Batina ou Clergyman com dignidade. *A Fé*, Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

<sup>1016</sup>ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Batina ou Clergyman com dignidade. *A Fé*, Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

<sup>1017</sup>ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Batina ou Clergyman com dignidade. *A Fé*, Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

<sup>1018</sup>ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Batina ou Clergyman com dignidade. *A Fé*, Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

<sup>1019</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Batina ou Clergyman com dignidade. *A Fé*, Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

Havia, contudo, uma cláusula restritiva nessas autorizações: A ninguém era facultado celebrar quaisquer sacramentos trajando essas vestes. No caso dos religiosos, como era a situação do Padre Paulo Koop, o bispo acrescentava à sua diretiva a explícita necessidade de autorização do superior do canônico. Em Bauru os Missionários do Sagrado Coração, família Religiosa do vigário forâneo, em 1963, através do conselho provincial com sede em São Paulo, foi determinado que aos clérigos seria facultada a possibilidade de usarem clergyman de acordo com as diretrizes de cada diocese.<sup>1020</sup> Contudo, há indícios que ao final da década de 1950, alguns religiosos em ambiente privado – conventos – já não mais usassem a batina.<sup>1021</sup>

A cerca das reações a esta decisão, houve aceitação e entendimento de grande parte da população no arcebispado de Botucatu, ao menos a juízo de alguns padres.<sup>1022</sup> Contudo, a julgar por uma nova nota exarada ainda naquele ano reafirmando a primeira, pode-se dizer que alguns padres, influenciados por práticas de outras dioceses foram progressivamente abandonando em momentos diversos, incluso em reuniões eclesiais, o uso da veste eclesial, adotando trajes civis. Ao mesmo tempo, usando-o, diferente do que regia o arcebispo, nas celebrações Eucarísticas e em outros sacramentos. Assim, o Vigário Geral da diocese, Monsenhor Silvio Maria Dário, esclarecia:

Por mandado do Exmo. Sr. Arcebispo Metropolitano lembramos fraternalmente, aos nossos caríssimos Sacerdotes, **que não se deixem levar por exemplo vindo de fora.** A prescrições ou as licenças a respeito do uso do Clergyman em nossa Arquidiocese, são bem claras e bem determinadas, quanto ao modo e quanto às ocasiões, para estarmos de acordo com a vontade da Santa Sé e a orientação da CNBB. **O uso do colarinho romano é obrigatório, assim como é proibido severamente o uso de Clergyman na celebração da Santa Missa e administração dos Sacramentos.** E se é permitido o uso de Clergyman em viagem, etc, **não é nas reuniões do clero e outras reuniões semelhantes.** Novas determinações ou licença mais largas esperamos do Concílio ou da CNBB. Guardemos a palavra, que foi tão bem

<sup>1020</sup>Cf. ACPMSC-SP – Ata do Conselho de 14 de maio de 1963. **Livro das Atas do Conselho Provincial (1959-1965)**, p. 38: “Os padres de Bauru – diocese de Botucatu - usam clergyman como permissão do arcebispo e do provincial”; Cf. ACPMSC-SP – Ata do Conselho de 30 de julho 1963. **Livro das Atas do Conselho Provincial (1959-1965)**, p. 39v: “Abrindo a pauta dos assuntos, o Revmo. Provincial nos notificou aviso da diocese de Botucatu, onde o clergyman é licenciado também para os nossos, aviso de que o mesmo seja usado completo assim como foi concedido, inclusive o colarinho”

<sup>1021</sup>Cf. ACPMSC-SP – Ata do Conselho de 12 de fevereiro de 1957. **Livro das Atas do Conselho Provincial (1952-1959)**, p. 30v: “Discutiu-se o problema, sem que se chegasse numa conclusão geral para todos, do não uso da batina. Em casa, permite-se com as devidas reservas o uso de vestes secular. Resolve-se deixar a discussão do problema para o próximo capítulo [14 e 15 de abril em Vila Formosa].”

<sup>1022</sup>Cf. ZANIN, Edmilson Jose. **O clero de Botucatu sob a influência do Concílio Vaticano II (1965-1985)**. São Paulo, 2007, p. 127-128.

recebida e bem interpretada, por toda a parte – Clergynam com dignidade.<sup>1023</sup>

Nota-se que em pequenos tons e de forma marginal e/ou tangencial o Concílio vai apresentando formas que podem ser vistas de maneira concreta no corpo da Igreja. Certamente não é a mais importante mudança impetrada pelo Vaticano II na comunidade eclesial, mas é a que pode ser de maneira mais palpável divisada na Igreja particular de Botucatu. Ela é fruto de uma demanda certamente gerada no interior dessa Igreja e que, com o Concílio, adquiriu forma e maturidade para ser implementada. Ela, como atestam as notas, ainda é parcial e preliminar. Outras e mais significativas mudanças serão desfraldadas nas próximas sessões daquela assembleia que em 1962 tivera seu início.

A segunda nota, redigida a pedido do arcebispo Diocesano, insere-se no meio do caminho para celebração da segunda sessão Conciliar. Incluso na mesma edição do texto de Monsenhor Silvio Maria, desponta um singelo convite do metropolitano de Botucatu para animar seus interlocutores – leitores do jornal *A Fé*, em Bauru - a manterem-se conexos aos novos desdobramentos que se assomariam ao Concílio que em breve retomaria seu curso<sup>1024</sup>. Deve-se, contudo, dizer que a via para a segunda sessão foi marcada pela notícia da morte de João XXIII e pela eleição do novo bispo de Roma, o Cardeal Montini, que assumiu o nome de Paulo VI.

A morte de João XXIII, assim como sua eleição, foi tema de algumas páginas do jornal *A Fé*. Padre Paulo Koop, que quando da eleição do Pontífice apresentou sua própria análise sobre a biografia do purpurado,<sup>1025</sup> gastou também algumas laudas do periódico que dirigia para ressentir-se da morte do Papa Bom, definindo-o como o “homem mais amado do mundo.”<sup>1026</sup> Sob o seu juízo, “com menos de cinco anos de pontificado João XXIII, condensou em pouco tempo, acontecimentos de secular alcance, acontecimentos verdadeiramente revolucionários para a vida espiritual de todos os povos.”<sup>1027</sup> Pontificava, por fim que, ansiosos esperariam por outro Papa, mas tinha “absoluta certeza”<sup>1028</sup> que o próximo Pontífice não refrearia, o movimento de aproximação ecumênica desencadeado pelo Papa falecido de maneira quase irreversível.<sup>1029</sup>

<sup>1023</sup>ANUPHIS – DARIO, Silvio Maria. Clergynam com dignidade. *A Fé*, Bauru, 29 set. 1963, p. 1. (Grifo nosso)

<sup>1024</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Vamos ao Concílio. *A Fé*, Bauru, 29 set. 1963, p. 1.

<sup>1025</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Sua Santidade Papa João XXIII. *A Fé*. Bauru, 1 nov. 1958, p. 1.

<sup>1026</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Homem mais amado do mundo. *A Fé*. Bauru, 9 jun. 1963, p. 1.

<sup>1027</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Homem mais amado do mundo. *A Fé*. Bauru, 9 jun. 1963, p. 3.

<sup>1028</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Homem mais amado do mundo. *A Fé*. Bauru, 9 jun. 1963, p. 3.

<sup>1029</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. O Homem mais amado do mundo. *A Fé*. Bauru, 9 jun. 1963, p. 3.



Quanto ao Papa eleito, que a juízo do Vigário Decano de Bauru teria que continuar a irreversível marcha da aproximação ecumênica do seu predecessor, curiosamente não há nenhum artigo assinado pelo editor do jornal *A Fé*. Existem textos do arcebispo,<sup>1030</sup> registros do seu primeiro discurso,<sup>1031</sup> da sua fala após sua posse e coroação<sup>1032</sup> e de outros escritores.<sup>1033</sup> Razões para essa ausência, podem ser aventadas, nenhuma, porém pode ser provada. Conquanto seja claro a lacuna de textos, o prognóstico do Vigário da Paróquia Santa Teresinha, sobre a continuidade do movimento de aproximação e diálogo tornou-se uma nota característica do Papa Paulo VI. De fato, na sua primeira fala ao mundo<sup>1034</sup> e na sua homilia quando de sua coroação,<sup>1035</sup> ele atestou que continuaria o Concílio. Ambos os discursos foram transcritos pelo jornal *A Fé*, sublinhando a continuidade do Concílio.<sup>1036</sup>

Os passos seguintes do Bispo de Roma, relativos ao Vaticano II, foram de reformulação e realinhamento da estrutura de funcionamento da assembleia. Entre as alterações fez a nomeação de moderadores,<sup>1037</sup> que fariam a interlocução entre o Papa e os padres conciliares. Admitiu-se ainda novos membros, os chamados auditores Leigos,<sup>1038</sup> que só teriam direito a falar em circunstâncias especiais e com previa autorização dos moderadores. Por fim, debateu-se a reestruturação de alguns esquemas.<sup>1039</sup> A reabertura do Concílio ficou estabelecida para setembro, dia 29.

### 3.1 A reabertura do Concílio, segundo período conciliar

No penúltimo dia de setembro de 1963, memória litúrgica de São Miguel, repetiu-se a cerimônia de abertura do Concílio, o segundo período. Diferente daquela

<sup>1030</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Montini, íntimo. *A Fé*, Bauru, 14 jul. 1963, p. 1.

<sup>1031</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. As primeiras palavras do Papa Paulo VI ao mundo. *A Fé*. Bauru, 30 jun. 1963, p. 1.4.

<sup>1032</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Solene Posse e Coroação do Papa Paulo VI. *A Fé*. Bauru, 7 jul. 1963, p. 1-2.

<sup>1033</sup>Cf. ANUPHIS – BAGGIO, Hugo. Temos Papa. *A Fé*. Bauru, 7 jul. 1963, p. 1.

<sup>1034</sup>Cf. PAULO VI. **Messaggio di Paolo VI - All' intera famiglia umana: Qui Fausto Die**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1963/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19630622\\_first-message.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630622_first-message.html). Acesso em: 19 jun.2021.

<sup>1035</sup>Cf. PAULO VI. **Solemne rito de la coronación homilía del santo padre Pablo VI**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1963/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19630630\\_incoronazione-paolo-vi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1963/documents/hf_p-vi_hom_19630630_incoronazione-paolo-vi.html). Acesso em: 19 jun.2021.

<sup>1036</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. As primeiras palavras do Papa Paulo VI ao mundo. *A Fé*. Bauru, 30 jun. 1963, p. 1.4; ANUPHIS – REDAÇÃO. Solene Posse e Coroação do Papa Paulo VI. *A Fé*. Bauru, 7 jul. 1963, p. 1-2.

<sup>1037</sup>Cf. AS II/1, 12; ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Vaticano II: palavras do Papa Paulo VI ao cardeal Decano. *A Fé*. Bauru, 29 set. 1963, p. 1.

<sup>1038</sup>Cf. AS II/1, p. 11.

<sup>1039</sup>Cf. AS II/1, p. 11.

protagonizada por João XXIII, descreve o arcebispo de Botucatu,<sup>1040</sup> os padres conciliares acomodaram-se antecipadamente e somente um pequeno séquito com o pontífice, largamente aplaudidos, fizeram uma solene procissão. Após a missa, Paulo VI, fez uma exortação “sincera, paternal e corajosa, lida durante uma hora e cinco minutos.”<sup>1041</sup> De fato, o discurso do Papa foi relativamente longo<sup>1042</sup> se comparado ao de João XXII<sup>1043</sup> que consumiu menos da metade de páginas nas Atas conciliares. O texto, a um só passo marcava a abertura do segundo período, enunciava as bases de um programa de ação e antecipava elementos de sua primeira encíclica<sup>1044</sup> publicada em agosto do ano seguinte, *Eclesiam Suam*. O conteúdo da alocução, propriamente dito, após uma introdutória menção ao seu predecessor e apontar Cristo como caminho e meta do Concílio,<sup>1045</sup> apresenta três argumentos básicos: a) A imagem da Igreja, em meio a outras imagens, como corpo místico do Senhor;<sup>1046</sup> b) a luta pela promoção da unidade<sup>1047</sup> e, por fim, c) o diálogo com o mundo moderno, como caminho para ação da Igreja.<sup>1048</sup> O discurso, como testificam alguns historiadores, foi bem acolhido pela imprensa e por círculos eclesiais.<sup>1049</sup> No universo menor do decanato de Bauru o redator do jornal *A Fé*, sem assinar o artigo, reverbera o discurso, extraindo dele alguns fragmentos do próprio texto sem tecer nenhum comentário, duas edições após o pronunciamento.<sup>1050</sup> Deve-se mencionar, a excitação e empolgação gerada em Bauru e no seu Vigário Decano quando da preparação e do início do Concílio um ano antes, dá indícios de um recrudescimento neste segundo período. Não obstante, parece ser um movimento comum, registrado em outros ambientes.<sup>1051</sup>

<sup>1040</sup>Cf. ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio 1<sup>a</sup>. *A Fé*, Bauru, 27. out. 1963, p. 1.

<sup>1041</sup>ANUPHIS - TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio 1<sup>a</sup>. *A Fé*, Bauru, 27. out. 1963, p. 1.

<sup>1042</sup>Cf. AS II/1, 183-200.

<sup>1043</sup>Cf. AS I/1, p.166-165.

<sup>1044</sup>Cf. O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p.183; Cf. MELLONI, Alberto. El comienzo del segundo período. El gan debate sobre la Iglesia. In: ALBERIGO, Giuseppe(org). **História del Concilio Vaticano II: El Concílio maduro -El segundo período e la segunda intersession**. Salamanca/ Leuven: Salamanca/Pieterer, 2006, p. 47.

<sup>1045</sup>Cf. AS II/1, p. 183-189.

<sup>1046</sup>Cf. AS II/1, p. 189-193.

<sup>1047</sup>Cf. AS II/1, p. 193-195.

<sup>1048</sup>Cf. AS II/1, p. 195-199.

<sup>1049</sup>Cf. MELLONI, Alberto. El comienzo del segundo período. El gan debate sobre la Iglesia. In: ALBERIGO, Giuseppe(org). **História del Concilio Vaticano II: El Concílio maduro -El segundo período e la segunda intersession**. Salamanca/ Leuven: Salamanca/Pieterer, 2006, p. 49-50; Cf. O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p.183.

<sup>1050</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Concílio Vaticano II: palavras do Papa Paulo VI ao cardeal Decano. *A Fé*. Bauru, 29 set. 1963, p. 1.

<sup>1051</sup>Cf. MELLONI, Alberto. El comienzo del segundo período. El gan debate sobre la Iglesia. In: ALBERIGO, Giuseppe(org). **História del Concilio Vaticano II: El Concilio maduro -El segundo período e la segunda intersession**. Salamanca/ Leuven: Salamanca/Pieterer, 2006, p. 45.

O segundo período do Concílio Vaticano II, embora goze de eloquência em suas discussões durante as Congregações Gerais, no universo menor da arquidiocese de Botucatu e do Decanato de Bauru é seguido de perto, porém com um pouco menos de vivacidade. O livro tombo da futura catedral do Espírito Santo, não faz quase nenhum registro sobre todo o período. A matriz da paróquia Nossa Senhora Aparecida, também não aporta informações. A Igreja de Santa Teresinha, assistida por Padre Paulo Koop, como já salientado, registra muito pouco da própria história e muito menos da história conciliar. Destarte, as informações estampadas nas páginas do jornal *A Fé*, novamente, são o catalisador e divulgador acerca de qualquer nota conciliar.

As notícias do Concílio são apresentadas à população de Bauru e cidades circunvizinhas semanalmente, ao longo de toda segunda sessão conciliar. Havia, nas páginas do semanário católico, a exemplo do que ocorreu no primeiro período, duas modalidades de documentação da assembleia: crônicas e missivas. Ambas, associadas, constroem uma imagem elementar do segundo período para os leitores do semanário católico da região. As crônicas, que não tinham assinatura de nenhum autor, registram, sumariamente, as atividades e os temas discutidos ao longo das Congregações Gerais. Especial acento dava-se a questões que tocavam a realidade da Igreja na América Latina,<sup>1052</sup> no Brasil<sup>1053</sup> e, mais especificamente, no bispado de Botucatu, como no caso da intervenção de Dom Henrique durante a quinquagésima terceira congregação geral ao falar da responsabilidade dos bispos na evangelização.<sup>1054</sup> As cartas, por seu turno, eram todas assinadas pelo arcebispo de Botucatu. Ele adota um caráter mais informal, relata as impressões e sentimentos pessoais acerca do movimento conciliar. Através delas pode-se perceber a nostalgia do prelado na abertura do segundo período do Concílio, em relação a João XXIII<sup>1055</sup> ou seu alinhamento ao cardeal Lercaro, paladino da discussão sobre a pobreza da Igreja, quando se inscreveu para discutir o esquema da futura *Lumen*

---

<sup>1052</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Crônica do Concílio: o Concílio e a América Latina. *A Fé*. Bauru, 03 nov. 1963, p.1

<sup>1053</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Crônica do Concílio: Entrevista de prelado Brasileiro. *A Fé*. Bauru, 17 nov. 1963, p.4; REDAÇÃO. O Episcopado nacional ouve Paulo VI. *A Fé*. Bauru, 17 nov. 1963, p. 1.4; REDAÇÃO. Crônica do Concílio: o Concílio e a América Latina. *A Fé*. Bauru, 03 nov. 1963, p.1.

<sup>1054</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Crônica do Concílio: Intervenção de Dom Trindade. *A Fé*. Bauru, 03 nov. 1963, p.4; AS II/3, p. 179-181.

<sup>1055</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – 1ª. *A Fé*. Bauru, 27 out. 1963, p. 1: “Ninguém esquece João XXIII, que viveu sua hora e sua missão, com a visão de um santo”; ou TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – 3ª. *A Fé*. Bauru, 8 dez. 1963, p. 1: “Dia 28, aniversário de eleição de João, inesquecível”.

*Gentium*;<sup>1056</sup> ou, mais ainda, confirmar as tensões geradas ao longo da discussão sobre o esquema da Igreja, quando ele simplesmente dizia: “o Concílio precisa de oração.”<sup>1057</sup> Por uma via ou por outra, o povo em Bauru, tinha acesso às informações decorrentes do Concílio.

Tanto as Crônicas como as Cartas do arcebispo, eram publicadas sob a aquiescência do diretor do jornal, Padre Paulo Koop. Desconfia-se que as crônicas, servindo-se de fontes diversas, são construídas pelo Vigário Decano. Trata-se de um esforço para divulgar, difundir e recepcionar as ideias do Concílio. Nota-se que na mentalidade do pároco de Santa Teresinha existia a certeza de que a hora presente era o tempo de toda Igreja. Que o movimento conciliar deveria atingir, inicialmente, pelo viés informativo a todos e, posteriormente, por ações concatenadas fecundar toda a prática pastoral.

Findado o segundo período, no retorno de Dom Henrique Golland Trindade ao arcebispado, a pauta principal, para o Padre Paulo Koop, não fora o Concílio, mas as comemorações alusivas aos cinquenta anos de sua congregação na cidade em que ele atuava.<sup>1058</sup> Para o Vigário Decano, a presença de sua família religiosa por seus feitos na consolidação de Igrejas, obras sociais e educacionais, fazia com que eles fossem definidos como “amigos, guias e benfeitores de Bauru[...].”<sup>1059</sup> O próprio metropolitano, a partir de Roma e do Concílio, adensa a posição do sacerdote holandês, vicejando e agradecendo o trabalho dos religiosos e suplicando que todos – clero e povo – “tenham sempre, maior esperança e confiança no seu ingente trabalho[dos missionários] pastoral.”<sup>1060</sup>

Ainda nessa linha, um membro do Cabido de Lins, futura diocese do Padre Paulo Koop, Cônego Eduardo Rebouças de Carvalho, define num artigo no jornal de sua diocese(Bandeirante) e transcrito para o jornal *A Fé* essa presença como um marco visível de uma epopeia e suas comemorações uma festa que “não cabe apenas a Bauru, que é, por isto mesmo de toda a noroeste, ou seja do São Paulo de ontem, esforço heroico de

---

<sup>1056</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – 2ª. *A Fé*. Bauru, 17 nov. 1963, p. 1: “Já me escrevi para falar, modestamente, sobre a introdução e exortação do Capítulo III. Entra na minha linha de pobreza, que a linha de tantos outros, e que o cardeal Lercaro abriu ou confirmou com tanta profundidade e coragem em dezembro do ano passado[...].”

<sup>1057</sup>TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – 3ª. *A Fé*. Bauru, 8 dez. 1963, p. 1

<sup>1058</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Cinquenta Anos de Bauru. *A Fé*. Bauru, 24 nov. 1963, p. 1.3.

<sup>1059</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Cinquenta Anos de Bauru. *A Fé*. Bauru, 24 nov. 1963, p. 3.

<sup>1060</sup>ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Golland. Pelo dia 12 de dezembro. *A Fé*, Bauru, 8. dez. 1963, p. 1.

lances de bandeiras e cruzeiros, anunciando a nova civilização.”<sup>1061</sup> Percebe-se por diversas vias, que o trabalho dos Missionários do Sagrado Coração na região noroeste do estado de São Paulo é associado a uma visionária atuação, árdua em momentos iniciais, mas que vistos a cinquenta anos de distância, avultava benefícios para esse lugar. Eles eram estimados e sua influência era sentida. Esse tema, para Koop, não só pela aproximação da data festiva, mas por toda uma consciência histórica era pujante. Desde a primeira edição do jornal *A Fé* de 1963, no frontispício do semanário era enunciado que esse ano era do Concílio, do bispado de Bauru e do cinquentenário dos Missionários do Sagrado Coração naquela região.<sup>1062</sup> Assim, é plausível entender que discussões sobre o Concílio, conquanto fossem importantes, ficassem ao largo e para o ano seguinte.

Em 1964, ano do segundo intervalo do Concílio e do golpe militar no Brasil, o arcebispado de Botucatu é marcado por transformações que há algum tempo vinham sendo preparadas. Deve-se recordar que a esta altura, decorrente do Concílio, os purpurados já tinham a primeira Constituição aprovada, sobre a Liturgia, *Sacrosanctum Concilium*.<sup>1063</sup> Era por isso natural que movimentações em torno das suas orientações se processassem. O titular da arquidiocese, nesse sentido, foi cauteloso e pedagógico. Assumiu numa perspectiva ativa, porém concatenada, na introdução da missa no vernáculo. Apoiou-se nas deliberações da Conferência Nacional dos Bispos, particularmente no que diz respeito às traduções dos textos litúrgicos, para autorizar o uso do vernáculo. As concelebrações e outras adaptações da liturgia somente, progressiva e paulatinamente, foram sendo introduzidas ao longo do ano no bispado.<sup>1064</sup>

As reações as alterações no campo da liturgia, particularmente no universo do decanato de Bauru, não são sentidas à luz da filiação à arquidiocese de Botucatu, pois em 15 de fevereiro de 1964 é exarado decreto que criava a diocese de Bauru.<sup>1065</sup> O anúncio oficial, contudo, foi feito às vésperas da Páscoa, no sábado Santo, dia 28 de março, daquele ano.<sup>1066</sup> Dois dias antes do incontestavelmente nefasto início do período ditatorial, do estado de exceção, que perseguiu e matou milhares de pessoas e durou mais

<sup>1061</sup> ANUPHIS – REBOUÇAS, Eduardo. Marco Visível de uma epopeia. *A Fé*, Bauru, 15. dez. 1963, p. 1; AITEL – Arquivo do Instituto Teológico de Lins. REBOUÇAS, Eduardo. Orientando. **Bandeirantes**, Lins, 7. dez. 1963, p. 1.

<sup>1062</sup> Cf. ANUPHIS – *A Fé*, Bauru, 06. jan. 1963, p. 1; *A Fé*, Bauru, 15. dez. 1963, p. 1.

<sup>1063</sup> Cf. AS II/6, p. 407 - 408.

<sup>1064</sup> Cf. ZANIN, Edmilson José. **O clero de Botucatu sob a influência do Concílio Vaticano II (1965-1985)**. São Paulo, 2007, p.129-131.133-134.

<sup>1065</sup> Cf. ACDB – **Livro Tombo I da diocese de Bauru (1964-1969)**, p. 7.

<sup>1066</sup> Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Ao povo. *A Fé*. Bauru, 3 maio 1964, p. 1; ACDESB – **Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 64; APNSAB - Arquivo da Paróquia Nossa Senhora Aparecida – Bauru. **Livro Tombo**. Bauru-SP, p. 22v.

de duas décadas tendo, à sua testa, as instituições militares que assacaram o poder no Brasil.<sup>1067</sup> Para seu primeiro bispo, foi nomeado o auxiliar da arquidiocese de São Paulo, Dom Vicente Ângelo Marchetti Zioni. Os desdobramentos conciliares, nesta circunscrição eclesiástica, portanto, serão capitaneados sob o pálio e as orientações do novo prelado. Ao Vigário Decano, que infatigavelmente colaborou<sup>1068</sup> para fecundar esse bispado, pouco lhe será dado a oportunidade de viver e acompanhar os desdobramentos conciliares nesse lugar, pois em menos de três meses, seria nomeado, bispo residencial de Lins.

A nomeação de Padre Paulo Koop para o episcopado foi comunicada por meio de carta da nunciatura apostólica a ele dirigida datada de 16 de julho de 1964.<sup>1069</sup> A notícia da nomeação tornou-se pública num sábado, primeiro de agosto.<sup>1070</sup> Ela foi registrada, pelo pároco da catedral da recém-criada diocese<sup>1071</sup> e da paróquia Nossa Senhora Aparecida<sup>1072</sup> como algo alvissareiro e inesperado. O próprio Bispo eleito, confidenciava numa das poucas anotações que deixou no livro tomo da matriz de Santa Teresinha, que as razões de sua elevação eram ambivalentes, causavam-lhe alegria e contrição.<sup>1073</sup> Sua congregação, registra nos livros de ata apenas a data da sua ordenação e o nome do seu antecessor.<sup>1074</sup> O vigário substituto do bispo de Lins, nessa mesma matriz paroquial, deixou registrado a alegria que causou a nota da elevação do antigo Vigário Decano de

---

<sup>1067</sup>Cf. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru”** – 1964-1994. EDUSC: Bauru, 1998, p. 17: A criação da diocese de Bauru deu-se no contexto histórico do golpe de Estado em 1964, quando a Igreja se posicionou, momentaneamente, ao lado da ditadura militar; ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes? O caso de Botucatu**. Editora Santuário: São Paulo, 1996, p.153: “O contexto histórico de Criação da diocese de Bauru é por demais significativo. É uma década de transição nas estruturas da Igreja católica e do Estado Político brasileiro.

<sup>1068</sup>Cf. ACDESB –**Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 64: “Sem os **esforços de Padre Pedro Paulo Koop Bauru ainda não seria diocese.**” ANUPHIS - BAGGIO, Hugo. Ergue-te Bauru. **A Fé**. Bauru, 17 maio 1964, p. 1: “Ao lado do arcebispo avulta a figura do entusiasta Padre Pedro Paulo Koop, MSC, **verdadeiro construtor da nova diocese**” (Grifo nosso)

<sup>1069</sup>Cf. ACDL – Arquivo da Cúria diocesana de Lins. Carta da Nunciatura ao Pe. Pedro Paulo Koop em 16 de julho de 1964. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 185, p.1.

<sup>1070</sup>Cf. ACDL – Carta da Nunciatura ao Pe. Pedro Paulo Koop em 29 de julho de 1964. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 185, p.1.

<sup>1071</sup>Cf. ACDESB –**Livro Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 64: “explodiu como uma bomba a notícia [...]de que o Santo Padre Paulo VI havia escolhido o Revmo. Sr. Padre Pedro Paulo Koop, para bispo residencial de Lins.”

<sup>1072</sup>Cf. APNSAB - **Livro Tombo**. Bauru-SP, p. 23: “Embora reconheçamos as altas qualidades do Rev. Pe. Pedro Paulo Koop quando da sua atuação em frente da comunidade católica de Bauru[...]chegou-nos inesperadamente no dia 1 de agosto de 1964 a fausta notícia da nomeação de Pe. Pedro Paulo para bispo de Lins.”

<sup>1073</sup>Cf. APSTB - **Livro Tombo I**. Bauru-SP, p. 12v.

<sup>1074</sup> Cf. ACPMSC-SP – Ata do Conselho de 11 de agosto de 1964.**Livro das Atas do Conselho Provincial (1959-1965)**. p. 47v.

Bauru, ao episcopado.<sup>1075</sup> Na futura sede diocesana, a informação foi recebida, *sub secreto sancti officii*, em vinte e nove de julho daquele ano pelo vigário Capitular, Monsenhor Luiz Gonzaga Passetto.<sup>1076</sup> O livro Tombo do bispado<sup>1077</sup> registra, laconicamente, apenas a bula de nomeação do novo bispo residencial. O semanário diocesano do sólio Linense, contudo, em vivos tons anunciou: “a notícia esperada chegou na tarde de sábado pelas agências de Rádio, logo era confirmada pelo telefonema do Exmo. Senhor Dom Vicente Zioni[...]: Monsenhor Paulo Koop[...] escolhido pelo Papa Paulo VI para bispo diocesano de Lins.”<sup>1078</sup>

O bispado de Lins estava situado no noroeste do estado paulista, numa vasta extensão geográfica que atingia a divisa do estado de São Paulo com o Mato Grosso. Ela estava vacante desde quando Dom Henrique Gelain fora transferido para a Sé de Vacaria no Rio Grande do Sul. A história da diocese remonta ao início do século XX.<sup>1079</sup> Inicialmente como diocese de Cafelândia e posteriormente, sob o título de Lins a partir de 1950.<sup>1080</sup> Antes de Dom Pedro Paulo Koop, três outros bispos haviam governado aquela Sé episcopal. Um relatório da última visita *ad limina* do terceiro bispo diocesano, apresenta sumariamente a realidade diocesana.<sup>1081</sup> Há cinco anos de distância da posse do novo bispo, o documento afirmava que o bispado possuía mais de setecentos mil habitantes. Estava organizada em cinco vicariatos e trinta e seis paróquias. Gozava de um clero de quarenta e seis sacerdotes, entre religiosos e seculares. Um grupo de duzentas e trinta e uma religiosas. Numa linguagem própria de um tempo anterior ao Concílio, o texto denuncia que as principais dificuldades da diocese eram as seitas que tinham “na ignorância dos fiéis sua causa última.”<sup>1082</sup> A largos traços, para essa realidade, talvez ligeiramente alterada, monsenhor Paulo Koop, fora designado. Não lhe era, deve-se dizer,

<sup>1075</sup>Cf. APSTB - **Livro Tombo I**. p. 12v: “Tão logo a notícia se espalhou foi grande na cidade a surpresa e imensa a alegria e satisfação”

<sup>1076</sup>Cf. ACDL – Carta da Nunciatura ao Mons. Luís Gonzaga Passetto em 29 de julho de 1964. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 185, p.1.

<sup>1077</sup>Cf. ACDL - **Livro Tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.101.

<sup>1078</sup>AITEL. REDAÇÃO. Anuncio-vos uma grande alegria! **Bandeirante**. Lins, 8 ago. 1964, p. 1.

<sup>1079</sup>Cf. ACDL - SILVA, Francisco CARLOS DA. Diocese De Lins 95 Anos – 1ª Parte - Genealogia. In: DIOCESE DE LINS. **Livro Tombo X**. Circular 042/2021.Prot. 055/2021, p. 143; DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 13.

<sup>1080</sup>Cf. ACDL - SILVA, Francisco CARLOS DA. Diocese De Lins 95 Anos – 1ª Parte - Genealogia. In: DIOCESE DE LINS. **Livro Tombo X**. Circular 042/2021.Prot. 055/2021, p. 143; DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 14.

<sup>1081</sup>Cf. ACDL – Quinquenal Relatio de Ecclesiae Linensis Statu Ad Sacntam Sedem Mitenda – In anno 1959. **Escatúla Dom Henrique Gelain**. f. 1, 22p.

<sup>1082</sup>ACDL – Quinquenal Relatio de Ecclesiae Linensis Statu Ad Sacntam Sedem Mitenda – In anno 1959. **Escatúla Dom Henrique Gelain**. f. 1, p.4: “Causa ultima malorum in ignorantia que imperat apud christifidelis e in angustia sacerdotum”

uma realidade alheia, pois já havia vivido nesse bispado - ainda sob o título de Cafelândia - em Pirajuí (1933-1936) e em Presidente Alves (1936/1937). Ademais, o novo bispo era profundamente consciente da dimensão histórica da atuação de sua congregação - acabara de celebrar meio século - nessa longa faixa de terra que cresceu margeando os trilhos de ferro. De certo modo, ele tinha familiaridade afetiva e efetiva com o seu sólio episcopal. Claro, doravante, viveria nesse lugar, sob uma outra perspectiva e com outras incumbências.

Monsenhor Pedro Paulo Koop recebeu a ordenação em oito de setembro de 1964. Ainda que não haja nenhuma documentação que possa cabalmente testemunhar, julga-se que o rito de ordenação foi sob o signo da liturgia não reformada, sob o ordo promulgado por João XXIII. Há fotos que apresentam o bispo Pedro Paulo Koop com indumentárias prescritas no rito antigo como, por exemplo o uso do chiroteco (luvas) e de ferraiolo (capa), para fotos oficiais. Não obstante esse dado, entre a nomeação e a ordenação, desponta a primeira carta pastoral<sup>1083</sup> redigida pelo bispo eleito de Lins aos seus diocesanos. Datada de primeiro de setembro e recomendada a leitura em todas as paróquias da diocese, ela configura-se, mesmo que em germe, como um projeto de atuação pastoral. Catalisa, vê-se no texto, influências de ventos renovadores da vida eclesial, particularmente aqueles propostos pelo Plano de Emergência (citado cinco vezes) e pelo movimento conciliar (citado duas vezes). Ressalta, assim, a questão do protagonismo do laicato, da implementação da pastoral de conjunto, da renovação ministerial e paroquial.

Em oito páginas, Dom Pedro Paulo Koop apresenta um protótipo daquilo que deseja viver na diocese. A carta é dividida em três partes: uma breve introdução, um esboço do seu programa de trabalho e um conjunto de saudações e despedidas. Na parte central do texto está condensado, sumariamente, aquilo que o bispo eleito buscará implementar na sua futura diocese. Tratava-se, nas palavras do purpurado de um “esboço do programa que junto convosco, amados diocesanos, desejamos realizar,”<sup>1084</sup> afirmaria Monsenhor Pedro Paulo. Devedor, de uma formação nos umbrais de uma congregação que tinha como divisa a difusão do Culto ao Sagrado Coração, o Bispo de Lins anuncia

---

<sup>1083</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, 8p; Também em: KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964 In: ACGMSC - **Escatula Pedro Paulo, Mrg**. Pasta 8, folha 1. 8p.

<sup>1084</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.2.



na sua missiva que, sob o pálio da devoção ao Sagrado Coração que “dilata as fronteiras da caridade, tornando-a ilimitada. Amplia as possibilidades e meios de santificação”<sup>1085</sup> é que ele chega a sua diocese na esperança de estabelecer laços e fazer-se, junto com eles, família de Deus. Passado esse exórdio inicial, a carta defende a necessidade de uma corresponsabilidade de todos com a missão de anunciar o Evangelho. Trata-se de uma “responsabilidade coletiva. [que] não diz respeito só ao bispo, não apenas aos sacerdotes, mas a toda a Igreja.”<sup>1086</sup> Assim, a fim de atender essa demanda, alguns ambientes e atores deveriam ser vicejados na unidade diocesana, a saber: a paróquia, o laicato e o clero.

Primando por uma renovação das estruturas diocesanas para enfrentar os desafios do tempo presente, o bispo propõe que as paróquias se transformem em células vivas da diocese. Devendo por isso ser comunidades de fé, onde todos vivem a palavra; comunidades de culto das quais todos participem de maneira ativa e consciente, por fim, comunidades de caridade, onde reina a fraternidade e das quais se encontra a seiva da foça missionária, ciente da responsabilidade do tempo presente.<sup>1087</sup>

Como agentes desse movimento de renovação, Dom Pedro Paulo Koop expressa em sua carta, estão os leigos. Ele deseja que o laicato se envolva e contribua dentro das medidas de suas forças para a renovação paroquial, renovação da Igreja. Ele sonha com lideranças leigas, filhas de suas próprias comunidades, formadas no espírito ecumênico como os responsáveis de encetar um projeto de renovado ardor evangelizador em todo o bispado. O titular de Lins deposita suas esperanças no Laicato:

Em vós, pois, leigos da nossa diocese, repousam nossas esperanças. Olhamos para vós como o semeador olha a messe rica de promessas. Se encontramos em vós correspondência para os nossos anseios, nada precisamos temer, porque embora lenta, será segura a edificação do Cristo vivo em nossa diocese, o coração de Jesus – In corde Jesu.<sup>1088</sup>

Nesse processo, outro elemento implicado é o clero. Dom Paulo é consciente da importância dos ministros ordenados. Apresenta-se a eles “como um irmão e nada mais.”<sup>1089</sup> Desafia-os, ante as exigências dos tempos de grandes conquistas a serem

---

<sup>1085</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.3.

<sup>1086</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.3.

<sup>1087</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.3.

<sup>1088</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.4.

<sup>1089</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.4.

artífices de uma renovação eclesial nos moldes do Plano de Emergência. Exorta-os, mais ainda, à consolidação de uma pastoral de conjunto bem como a empreender uma marcha de animação do laicato em vista de uma evangelização com uma capilaridade maior e mais profunda. Nas palavras do Bispo de Lins:

Por vós, pois sacerdotes da diocese de Lins, esperamos poder movimentar e ativar as imensas energias que dormitam no zelo de nosso laicato, zelo, muitas vezes, condenado a inércia por não haver de nossa parte aquela compreensão e aquela organização que podem canalizar para um trabalho profícuo para as almas sumamente coadjuvantes aos sacerdotes.

Assim esperamos, mediante um trabalho organizado, atingir escolas, educandários, os centros de instrução e cultura para que todos os membros da nossa diocese possam ser atingidos[...] com isso estaremos assegurando o futuro da Igreja, inclusive no campo vocacional, uma das preocupações que, desde já põe em sobressalto nosso coração. Se Deus permitir organizaremos a pastoral em conjunto, esse admirável ‘esforço global e planejado visando a evangelização de áreas da Igreja de Deus’ (Pl. de Emerg.)<sup>1090</sup>

As menos de dez páginas da primeira Carta Pastoral ao bispado de Lins revelam o entendimento e o direcionamento que o novo prelado deseja imprimir à diocese. As notas das lufadas do Concílio são sentidas, Koop refere-se, não raras vezes, aos sinais do tempo presente e à necessidade de atualização das estruturas eclesiais. Não se furta, também, em reverberar as intuições do Plano de Pastoral de Emergência da Conferência dos bispos à qual, doravante, ele faz parte. A renovação paroquial e a mobilização das forças vivas da diocese, particularmente o laicato são defendidas com clarividência. O propósito, tacitamente defendido, pelo bispo é que os leigos devidamente formados sob um novo espírito, sejam o dínamo das mudanças que a Igreja precisa. Incluso o clero é chamado a “movimentar e ativar as imensas energias que dormitam no zelo de nossos laicatos.”<sup>1091</sup> Pode-se, desse modo, afirmar que no coração e na mente do novo bispo de Lins, a renovação eclesial tem um novo protagonista: o laicato bem formado e comprometido.

A carta é encerrada com um conjunto de saudações e despedidas que vão desde o Papa, Paulo VI, até os seus ex-paroquianos, passando por (Arce)bispos, núncios, autoridades civis e pela Congregação dos Missionários do Sagrado Coração, sua família religiosa. A certa altura, particularmente ao saudar seus diocesanos, Dom Paulo Koop

<sup>1090</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.5.

<sup>1091</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.5.

anuncia que está em véspera de partir para Roma “para sentir o ecumenismo bem junto do Santo Padre o Papa e dos representantes [da Igreja] de todas as partes do mundo”<sup>1092</sup> De fato, dois dias após sua ordenação Dom Pedro Paulo, junto com Dom Vicente Marchetti Zioni, parte em direção a São Paulo e depois ao Rio de Janeiro de onde, através da viação Panair do Brasil,<sup>1093</sup> decolam para a Cidade Eterna para tomar parte do terceiro período do Concílio Vaticano II.

#### 4 Dom Pedro Paulo Koop, bispo de Lins, e sua atuação no interior do Concílio: III período 1964

Em quatorze de setembro de 1964, Paulo VI faz novamente a reabertura do Concílio Ecumênico Vaticano II. Tratava-se do terceiro período conciliar, dos quais o penúltimo e o que agora se iniciara, seriam celebrados sob o pontificado do Papa eleito em junho de 1963. Presentes a abertura desta sessão estavam mais de dois mil, quatrocentos e sessenta e oito padres Conciliares.<sup>1094</sup> Em relação ao período anterior, deve-se dizer, houve uma redução do número de participantes, “foi o percentual mais baixo de todos os quatro períodos.”<sup>1095</sup> No segundo período eram dois mil, quatrocentos e oitenta e oito membros, vinte a mais que no terceiro.<sup>1096</sup> Conquanto se veja a redução numérica, do Brasil haviam cinco novos membros<sup>1097</sup> que adensavam o grupo dos representantes do episcopado nacional, dentre eles o recém ordenado e ainda não empossado bispo de Lins, Dom Pedro Paulo Koop.<sup>1098</sup> Ele inseria-se, deve-se dizer entre

<sup>1092</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.8.

<sup>1093</sup>Cf. APSTB - **Livro Tombo I**. p. 15v.

<sup>1094</sup>Cf. CATHOLIC HIERARCHY. **Second Vatican Council**. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/event/ecv2.html>>. Acesso em: 26 ago.2021.

<sup>1095</sup>KOMONCHAK, Joseph. L’*e* eclesiologia di comunione. In. ALBERIGO, Giuseppe (Org). **Storia del Concílio Vaticano II: La chiesa come comunione – settemre 1964 – settembre 1965.**– v. 4. Ediciones Il Mulino: Bolonha/ Petters: Leuven, 1999, p. 30.

<sup>1096</sup>Cf. CATHOLIC HIERARCHY. **Second Vatican Council**. Disponível em: <<http://www.catholic-hierarchy.org/event/ecv2.html>>. Acesso em: 26 ago.2021.

<sup>1097</sup>Entre os bispos eleitos de 1964 e que encorparam o grupo dos Brasileiros no Vaticano no terceiro período estão: Waldyr Calheiros Novaes, auxiliar no Rio de Janeiro (RJ); Romeu Alberti, Auxiliar em São Paulo (SP). Francisco Xavier Nierhoff, bispo diocesano de Floresta (PE). Também tomou parte a partir desse período o Padre (*Prelado Nullis*) Adriano Jaime Miriam Veigle, prelazia de Borba (AM). Deve-se notar, que nessa mesma época também fora nomeado bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom Alberto Trevisan. Por ofício deveria tomar parte do Concílio, fato que não aconteceu. Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 271. 274. 314. 360. 375; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 387. 391.439.503.511-512.

<sup>1098</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 365; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 499-450.

aqueles mais de cento e cinquenta padres que do Concílio participam pela primeira vez.<sup>1099</sup> Especial relevo nesse período deve-se dar, embora não fossem padres conciliares, à presença de delegados do patriarcado de Constantinopla, fruto “evidente do encontro de Jerusalém, entre Paulo VI e Atenágoras,”<sup>1100</sup> realizado nos primeiros dias de 1964 e que tinha sido anunciado na sessão pública de encerramento do segundo período.<sup>1101</sup>

A abertura do Concílio foi marcada por uma missa concelebrada. Para a grande maioria dos presentes, algo totalmente novo. Vinte e quatro cardeais de dezenove países distintos, tomaram parte da celebração.<sup>1102</sup> Tratava-se de uma legítima e concreta aplicação dos princípios da Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* que previa, entre outros, que nas missas de Concílio, celebrações fossem realizadas.<sup>1103</sup> Para Dom Pedro Paulo Koop, embora ele não tenha registrado, a concelebração na Basílica São Pedro, deve-se supor, fora um evento singular, visto que o bispo recém ordenado, desde a preparação do Concílio, externava a necessidade de que a Igreja pudesse atualizar-se para comunicar melhor a suas verdades imutáveis e eternas, incluso no aspecto litúrgico.<sup>1104</sup> Talvez esse pudesse ser um sinal desse renovado caminho.

Após a missa solene, como de praxe, Paulo VI proferiu o discurso de inauguração<sup>1105</sup> dos trabalhos conciliares, nesse terceiro período. A alocução, desta vez, foi um pouco menor que a do segundo. O conteúdo, contudo, norteou-se por dois imperativos. Primeiro, a definição sobre a natureza da Igreja, conforme o Papa, inconclusa desde o Vaticano I.<sup>1106</sup> O segundo a questão da doutrina episcopal/primado.<sup>1107</sup> Ambos eram temas remanescente da segunda sessão, questões

---

<sup>1099</sup>Cf. KOMONCHAK, Joseph. L'e eclesiologia di comunione. In. ALBERIGO, Giuseppe (Org). **storia del Concilio Vaticano II: La chiesa come comunione – settemre 1964 – settembre 1965.**– v. 4. Ediciones Il Mulino: Bolonha/ Petters: Leuven, 1999, p. 30.

<sup>1100</sup>ALBERIGO, Giuseppe (org). **História dos Concílios Ecumênicos.** São Paulo: Paulus, 1995, p.418.

<sup>1101</sup>Cf. AS, II/ 6, p. 569.

<sup>1102</sup>Cf. AS, III/1, p. 139; O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II.** São Paulo: Loyola, 2014, p.218; ALBERIGO, Giuseppe (org) **História dos Concílios Ecumênicos.** São Paulo: Paulus, 1995, p.418

<sup>1103</sup> AS, II/ 6, p. 422; CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium (SC)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações.** Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 57b.

<sup>1104</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. **A Fé.** Bauru, 29 jul. 1962, p.1

<sup>1105</sup>Cf. AS, III/1, p. 140-151.

<sup>1106</sup>AS, III/1, p. 144: “Hoc igitur modo absolvenda est doctrina, quam Concilium Oecumenicum Vaticanum primum sibi statuerat enuntiare, sed, ob externa impedimenta abruptum, definire non potuit nisi quoad primam partem[...]. Superest, ut compleatur tractatio de hac doctrina atque adeo explicentur cogitata Christi de univ[er]sa Ecclesia ipsius ac praesertim de natura et munere eorum, qui Apostolorum sunt successores, Episcopatus nempe, cuius dignitate et officio maior pars vestrum[...].”

<sup>1107</sup>Cf. AS, III/1, p. 148: “[...] exspectamus vestros coetus doctrinam de episcopali munere declaraturos”,

ainda não encerradas.<sup>1108</sup> Como se sabe, tornar-se-iam, pauta ao longo de todo o período, incluso gerando intensos e controversos debates. Dom Pedro Paulo Koop numa das cartas enviadas a sua diocese,<sup>1109</sup> não reverberou o discurso de Paulo VI, contudo descreve sumariamente os embates em torno das discussões que se processam nas primeiras Congregações Gerais, como a exortação de abertura dos trabalhos, proferido pelo cardeal Tisserant<sup>1110</sup> que Dom Paulo avaliou como um convite à “unidade dos espíritos”;<sup>1111</sup> ou a discussão sobre a natureza escatológica da vocação cristã;<sup>1112</sup> ainda, as votações dos primeiros capítulos do esquema sobre a Igreja, povo de Deus. Os temas narrados por Dom Pedro Paulo Koop, ocorrem de acordo com a cronologia da terceira sessão, tal como pode ser notado na *Acta Synodalia*. São relatos quase que taquigráficos, sem nenhum conceito axiológico sobre os temas, contudo denotam a percepção do novo bispo sobre os trabalhos conciliares. Um dos poucos juízos que o prelado faz é que “o Concílio, realmente, absorve a atenção o dia todo. Peritos de cá e de lá, desta e daquela corrente, conferenciam com os senhores bispos, e são convidados a dar conferências explicativas.”<sup>1113</sup>

A observação de Dom Pedro Paulo Koop, sobre a multiplicidade de peritos que, das mais variadas tendências se manifestavam nos bastidores da assembleia e de bispos que buscavam conferências ou explicações sobre diversos assuntos, contribui para o entendimento acerca do discurso do presidente do conselho da presidência do Concílio e a alocação proferida pelo Secretário geral, monsenhor Felici.<sup>1114</sup> O cardeal Tisserrant, além de recordar o objetivo do Concílio e o anseio de bispos de que aquele período conciliar fosse o último, recomendava vivamente que bispos guardassem segredo sobre os assuntos tratados, evitando criar na mídia, pressões sobre algumas questões conciliares ainda em debate.<sup>1115</sup> Nessa mesma linha, o secretário geral, fazendo alusão a um memorando enviado aos peritos<sup>1116</sup> acentua a proibição da organização de correntes de opiniões entre eles.<sup>1117</sup> A influência dos peritos e o acesso da imprensa a informações de

<sup>1108</sup>Cf. As discussões sobre o esquema “De Ecclesia” no segundo período podem ser lidas em: AS II/ 2 p.9-913; ASII/ 3 p.10-672; AS II/ 4, p 29-359.

<sup>1109</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Carta de Dom Pedro Paulo Koop, bispo Eleito de Lins. **Bandeirante**. Lins, 31 out. 1964, p. 2.

<sup>1110</sup>Cf. AS, III/1, p. 27-30.

<sup>1111</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Carta de Dom Pedro Paulo Koop, bispo Eleito de Lins. **Bandeirante**. Lins, 31 out. 1964, p. 2.

<sup>1112</sup>Cf. AS, III/1, p. 375-377. 379-383.

<sup>1113</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Carta de Dom Pedro Paulo Koop, bispo Eleito de Lins. **Bandeirante**. Lins, 31 out. 1964, p. 2.

<sup>1114</sup>Cf. AS, III/1, p. 156-157.

<sup>1115</sup>Cf. AS, III/1, p. 29-30.

<sup>1116</sup>Cf. AS, III/1, p. 24-26.

<sup>1117</sup>Cf. AS, III/1, p. 156-157.

fórum interno do Concílio, parecem ser uma preocupação da presidência que precisaria ser rapidamente dirimida. Alguns atribuíam essa preocupação ao próprio Paulo VI.<sup>1118</sup> Deve-se dizer, contudo, que tais proibições pareceram surtir efeito quase inócuo, mormente se consideramos que no quarto período, o rascunho da intervenção de Dom Pedro Paulo Koop sobre a ordenação de homens casados, apareceu um incompleto esboço nas páginas do jornal francês *Le monde*, antes mesmo de não ser pautado no Concílio. Igualmente ambíguo foi seu desaparecimento nas páginas das atas conciliares.<sup>1119</sup>

Num plano geral, a ideia explicitada no discurso do cardeal Tisserant, de que o Concílio devia findar-se naquele ano<sup>1120</sup> grassava em muitos ambientes eclesiais. A fim de dar azo a esse intento, no intervalo entre a segunda e a terceira sessão estabeleceu-se aquilo que ficou, tempos depois, conhecido como Plano Döpfner<sup>1121</sup> que tinha como objetivo, entre outros, reduzir o número e o conteúdo dos esquemas conciliares a serem debatidos. Esse plano fazia coro ao que Paulo VI, no discurso final da segunda sessão, solicitava para a continuidade do Concílio que os esquemas fossem “estudados profundamente, rigorosamente enunciados, oportunamente condensados e abreviados.”<sup>1122</sup> Essas tratativas internas e esses encaminhamentos, parecem não serem percebidos pelo Bispo de Lins. Ele, contudo, externa que o discurso de Tisserant que em certa medida era devedor do desejo do Papa e do chamado plano Döpfner, era uma “exortação a uma diligente consideração dos problemas e à união e à caridade.”<sup>1123</sup> Percebe-se a partir deste comentário do Bispo de Lins, que a tônica na assembleia conciliar, ou ao menos tacitamente o desejo dela, é que os bispos evitassem debates e desgastes desnecessários(União/Caridade) e preocupassem-se diligentemente com os problemas(esquemas) a serem apresentados. Consciente ou não, Dom Paulo registra esse dado.

<sup>1118</sup>Cf. O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 217.

<sup>1119</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 223; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 271.

<sup>1120</sup>AS, III/1, p. 29: “Hoc loco probe animadvertendum est, quam plurimos episcopos ex omnibus terrarum orbis regionibus valde exoptare, ut concilium oecumenicum hac tertia Sessione concludi possit. Quod quidem ego ipse expertus sum in meo itinere ad Mexicum, quod nuper confē”

<sup>1121</sup>Sobre o que significava este plano e sua atuação via comissão de coordenação, pode-se ler: VILLANOVA, Evangelista, Alberto. Lá intersession (1963- 1964) In: ALBERIGO, Giuseppe(org). **História del Concilio Vaticano II: El Concilio maduro -El segundo período e la segunda intersession**. Salamanca/ Leuven: Salamanca/Pieterer, 2006, p. 301-381.

<sup>1122</sup>AS, II/6, p. 566: “formulas alte perspectas, conceptis verbis expressas, opportune coartatas et in pauca collatas, ita ut disceptationes, quas semper esse liberas volumus, faciliores expeditioresque evadant”.

<sup>1123</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Carta de Dom Pedro Paulo Koop, bispo Eleito de Lins. **Bandeirante**. Lins, 31 out. 1964, p. 2.

Não obstante, a exortação a uma objetividade das discussões pautadas e um apelo os bispos para furtarem-se a conflitos desnecessários, deve-se dizer que essa sessão não sorveu as discussões do Concílio. Debateu pela quantidade e pela novidade dos temas, um superlativo números de esquemas e protagonizou uma das semanas mais turvas do Concílio, a semana da grande crise conciliar.<sup>1124</sup> Nesse período, os padres conciliares ativeram-se e debateram a constituição *Lumen Gentium* que após diversos e acalorados embates, foi publicada ao final desse período. Debateu-se novamente esquema sobre Vida e o Ministério Sacerdotal.<sup>1125</sup> Teve lugar o imbricado documento sobre a liberdade religiosa<sup>1126</sup> e retomou-se a discussão sobre as fontes de revelação;<sup>1127</sup> Ademais, o texto sobre os Judeus,<sup>1128</sup> o Apostolado Leigo,<sup>1129</sup> as Igrejas Orientais<sup>1130</sup> e as Missões<sup>1131</sup> também foram pautados durante o período; por fim, o esquema XVII que tornou-se XIII, futura *Gaudium et Spes*, ocupou particular lugar ao longo desse ciclo conciliar.<sup>1132</sup> Desses temas, a Constituição sobre a Igreja(*Lumen Gentium*), os Decretos sobre o Ecumenismo (*Unitatis redintegratio*) e sobre as Igrejas Orientais(*Orientalium ecclesiarum*) ao final dessa sessão foram promulgadas.

Sobre a atuação de Dom Paulo Koop, neste período há poucos registros. Ele não fez intervenções, nem orais tampouco escritas. Tampouco encontraram-se cartas ou relatos exaustivos do bispo de Lins sobre as Congregações Gerais. Tratava-se de um neófito no Concílio, o que, quiçá, impediria grandes protagonismos. No entanto, pode-se aventar, na linha do que já foi sustentado por José Oscar Beozzo sobre modos de interpretar o Concílio,<sup>1133</sup> que neste período o bispo Missionário do Sagrado Coração fosse fecundando suas redes de atuação que poderiam ser ambientais, geográficas ou linguísticas. Elas se propagaram para além do universo estrito daquela sessão, influenciando inclusive no processo de recepção do Concílio.

<sup>1124</sup>Cf. O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 253; SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Vaticano II. In. GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II: Análise e prospectivas**. São Paulo: Paulinas. 2 ed. 2005, p.52.

<sup>1125</sup>Cf. AS III/4, p. 225-240.

<sup>1126</sup>Cf. AS III/2, p. 317-327. 353-381.468-578.611-752.

<sup>1127</sup>Cf. AS III/3, p. 69-123. 124-366.425-51.

<sup>1128</sup>Cf. AS III/2, p. 327-359.

<sup>1129</sup>Cf. AS III/3, p. 418-421.

<sup>1130</sup>Cf. AS III/4, p. 244-246.

<sup>1131</sup>Cf. AS III/6, p. 327-332.

<sup>1132</sup>Cf. AS III/4, p. 485-497.

<sup>1133</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p.144-161; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 177-194.

No plano ambiental, nota-se que Koop troca cartas com o Superior Geral de sua congregação Padre Joseph Van Kerkoven, discutindo a implicação dos postulados do Concílio na Vida religiosa<sup>1134</sup> ou, em outro momento, discutindo as intempéries da vida Missionária no Malawi, África, após a visita a suas irmãs que trabalhavam na região.<sup>1135</sup> Ademais, havia vinte e cinco bispos<sup>1136</sup> de sua congregação que participaram das Sessões Conciliares, em sua grande maioria de regiões da, assim chamada, primeira evangelização. Embora não haja documentos que atestem reunião desse grupo, muitos ficaram na casa generalícia da Congregação na Vila Asmara o que, de certo modo, poderia gerar articulações. Geográfica e linguisticamente, Dom Paulo aproxima-se dos bispos holandeses, estabelecendo parceria com o primaz da Holanda, Cardeal Alfrink e com o bispo de Roterdã, Martien Jansen. O primeiro, tempos depois, também visitaria Lins.<sup>1137</sup> Os dois prelados, ofereceram sacerdotes ao bispado de Lins, incluso um era o secretário particular do primaz dos países baixos, Padre Jonh Braem.<sup>1138</sup> Houve ainda aproximação de prelados brasileiros por questões temáticas, como foi o caso de Dom Austregésilo e de

<sup>1134</sup>Cf. ACGMSC – Carta ao Superior Geral Padre, Lins 05.04. 1968. **Escatúla Pedro Paulo, Mgr.** Pasta 12, folha 1, p. 1-3.

<sup>1135</sup>Cf. ACGMSC – Carta ao Superior Geral Padre Jos Van Kerkoven- Mallikini-Lolwgee, 21.12. 1964. **Escatúla Pedro Paulo, Mgr.** Pasta 7, folha 1, p. 1-2.

<sup>1136</sup>ALTEMEYER, Fernando. **Lista dos 25 Bispos e Geral dos MSC participantes do CONCÍLIO VATICANO II - 1962-1965.** São Paulo: **1)**- Alfonso Maria Ungarelli, M.S.C. †, Prelado de Pinheiro, Maranhão, BRASIL; Idade: 68.4; **2)**- Alfred Matthew Stemper, M.S.C. †, Vigário Apostólico de Kavieng, Papua New Guinea; Idade: 52.7; **3)** - Amleto de Angelis, M.S.C. †, Bispo de Viana, Maranhão, BRASIL; Idade: 46.7; **4)** - Andreas Peter Cornelius Sol, M.S.C., Bispo de Amboina, Indonésia; Idade: 49.9; **5)**- Charles Van den Ouwelant, M.S.C. †, Bispo de Surigao, Filipinas; Idade: 54.2; **6)**- Eugène Klein, M.S.C. †, Vigário Apostólico de Yule Island, Papua New Guinea; Idade: 49.5; **7)**- Federico Kaiser Depel, M.S.C. †, Prelado de Caravelí, Peru; Idade: 62.3; **8)**-Francis John Doyle, M.S.C. †, Vigário Apostólico de Samarai, Papua New Guinea; Idade: 65.0; **9)**- Gilla Vincenzo Gremigni, M.S.C. †, Bispo de Novara, Itália; Idade: 71.7; **10)**- Herman Tillemans, M.S.C. †, Vigário Apostólico de Merauke, Indonésia; Idade: 63.1; **11)**- Hilaire Marie Vermeiren, M.S.C. †, Arcebispo Emérito de Coquilhatville, República Democrática do Congo; Idade: 76.4; **12)**- Jacques Grent, M.S.C. †, Bispo Emérito de Amboina, Indonésia; Idade: 76.1; **13)**- Johannes Höhne, M.S.C. †, Vigário Apostólico de Rabaul, Papua New Guinea; Idade: 55.1; **14)**- John Patrick O'Loughlin, M.S.C. †, Bispo de Darwin, Austrália; Idade: 54.1; **15)**- John Thomas Durkin, M.S.C. †, Prefeito de Louis Trichardt, Africa do Sul; Idade: 52.6; **16)**- Joseph Weigl, M.S.C. †, Bispo de Ikela, República Democrática do Congo; Idade: 52.3; **17)**- Jozef (Joseph Paulinus Amandus) Van Kerckhoven, M.S.C. †, Superior Geral dos Missionários do S. Coração de Jesus; Idade: 56.6; Religioso sem caráter episcopal.; **18)** - Matthias Buchholz, M.S.C. †, Prefeito de Shiqian [Shihsien], China; Idade: 62.5; **19)**- Nicolas Verhoeven, M.S.C. †, Bispo de Manado, Indonésia; Idade: 69.3; **20)**- Octave-Marie Terrienne, M.S.C. †, Vigário Apostólico Emérito das ilhas Gilbert, Kiribati, Pacífico (Oceania); Idade: 63.0; **21)**- Pedro Paulo Koop, M.S.C. †, Bispo de Lins, São Paulo, BRASIL; Idade: 60.0; **22)**- Pierre Wijnants, M.S.C. †, Arcebispo de Coquilhatville, República Democrática do Congo; Idade: 51.6; **23)**- Pierre-Auguste-Antoine-Marie Guichet, M.S.C. †, Vigário Apostólico de Gilbert Islands Kiribati, Pacífico (Oceania); Idade: 50.6; **24)**- Albert Cadoux, M.S.C. †, Bispo de Kaolack, Senegal; Idade: 62.0; **25)**- Virgil Patrick Copas, M.S.C. †, Vigário Apostólico de Port Moresby, Papua New Guinea; Idade: 50.5; **26)**- Willem Schoemaker, M.S.C. †, Bispo de Purwokerto, Indonésia; Idade: 56.7. (Manuscrito)

<sup>1137</sup>ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988),p.138.

<sup>1138</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.117.



outros bispos que, assim como Dom Paulo Koop, defendiam a ordenação de *viriprobat*.<sup>1139</sup> Julga-se, portanto, que este primeiro período para o titular do sólio Linense, bem mais que pautado por intervenções, foi de reconhecimento do ambiente conciliar e do início do estabelecimento dessa atuação em rede.

A quilômetros de distância das relações que se formavam durante a assembleia conciliar, desponta um problema jurídico-canônico acerca da posse de Dom Pedro Paulo Koop. Segundo as normas canônicas vigentes, o novo bispo deveria tomar posse antes de findar noventa dias de sua ordenação. Ao que tudo indica, essa questão não era aventada quando da ordenação tampouco quando de sua partida para Roma. Apresentou-se como um problema posterior. Confirma isso o fato que o jornal oficial da diocese de Lins, registrava que a posse do novo bispo ficaria “para ser comunicada posteriormente, ao final da terceira sessão do Concílio e depois da viagem de S. Excia a Europa.”<sup>1140</sup> Não obstante essa informação, dado o impasse jurídico que se instaurara, o novo bispo, em treze de novembro daquele ano, decide que tomaria posse por procuração do seu bispado. O procurador seria, o então vigário capitular, Cônego Luiz Gonzaga Passetto.<sup>1141</sup> Além da motivação em decorrência do embaraço legal, Dom Pedro justifica sua ausência como uma medida necessária para recompor suas energias, angariar ajuda financeira para sua diocese e visitar suas irmãs religiosas na África e seus outros familiares na Holanda.

Comunico, outrossim, que terminada a exaustiva terceira sessão do Segundo Concílio Vaticano, **tomarei algum tempo para descansar e refazer-me de longos anos de ininterrupto trabalho pastoral.** Visitarei rapidamente minhas duas irmãs religiosas, Missionárias na África, em seguida, meus parentes na Holanda. As primeiras não mais as vi desde há 33 anos, e os outros, há 11 anos. “Deo volente” estarei de volta ao Brasil em meados do mês de março próximo, tendo aproveitado meu tempo na Holanda **inclusive para levantar alguns recursos em benefício da nossa Diocese de Lins.**<sup>1142</sup>

A posse, efetivamente, ocorreu em vinte e seis de novembro de 1964. Segundo a ata da celebração, estavam presentes expressivo número de fiéis, religiosos e o Cabido diocesano. A cerimônia ocorreu na Sé de Lins, catedral de Santo Antônio. Antes de proceder a posse, por razões explícitas fez-se necessário, como registra a ata, “explicar o

<sup>1139</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965.** São Paulo: Paulinas, 2005, p. 266, nota 63.

<sup>1140</sup>AITEL – PASSETTO, Luiz Gonzaga. Sagração do Exm. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante.** Lins, 22 ago. 1964, p. 1.

<sup>1141</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.102

<sup>1142</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.103. (Negrito nosso).

ato[...] e ler os termos da procuração.”<sup>1143</sup> Através desse dispositivo foi realizada a posse.<sup>1144</sup> Ato contínuo, foi a nomeação do mesmo procurador, até então vigário capitular, como vigário geral da diocese, haja vista que Dom Paulo Koop, ainda permaneceria até meados de março na Europa, junto aos seus familiares. Ele, desse modo, exerceria as funções até que o bispo retornasse.<sup>1145</sup>

Após viagens pela África e Holanda, Dom Pedro Paulo Koop finalmente retorna para Lins em março de 1965, como anunciado. Jurídica e canonicamente, já era bispo residencial. Havia, mesmo que por procuração, tomado posse do sólio episcopal que lhe fora destinado. Restava, contudo nesse momento, seu encontro com seus diocesanos, como seu presbitério o que ocorrera de maneira muito comedida na ordenação e, para alguns, sua presença era sentida apenas pela sua primeira carta pastoral que deveria ser lida em todas as paróquias e que o semanário diocesano estampou em vários dos seus números<sup>1146</sup> ou ainda, pela carta dirigida ao Cabido diocesano que explicava as razões de sua posse por procuração a qual se recomendava, também, a leitura em todas as comunidades.<sup>1147</sup>

A entrada e a apresentação do Bispo deram-se de forma festiva. O semanário diocesano, descrevia que a programação da chegada comportaria, carreata, saudação do clero, do laicato e das autoridades políticas seguida de missa campal e confraternização.<sup>1148</sup> O livro de tomo do bispado descreve a posse nos mesmos termos do programa anunciado no folhetim diocesano. Acrescenta a presença do arcebispo de Botucatu, Dom Henrique Golland Trindade e informa que a missa campal prevista não havia sido celebrada, mas uma no interior da catedral.<sup>1149</sup> O jornal o *Bandeirante*, registrou que no seu primeiro pronunciamento aos seus diocesanos, Dom Paulo Koop irradiou simpatia em falas cheias de humor, “logo conquistando o povo.” [...] para encerrar, abriu seu coração de pai e pastor [disposto] a trabalhar pelo rebanho que o Senhor lhe confiou.”<sup>1150</sup> De fato, para além do estilo lisonjeiro do periódico, a disposição

<sup>1143</sup>ACDL – Ata da posse por procuração do Excmo e Revma Sr. Dom Pedro Paulo Koop, Bispo de Lins. **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.104.

<sup>1144</sup>Cf. AITEL –REDAÇÃO. Toma posse da Diocese de Lins O Exmo. e Revmo. Sr. Dom Pedro Paulo Koop. **Bandeirante**. Lins, 05 dez. 1964, p. 1.

<sup>1145</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988),p.102.

<sup>1146</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral. **Bandeirante**. Lins, 19 ago. 1964, p. 4; **Bandeirante**. Lins, 26 set. 1964, p. 4; **Bandeirante**. Lins, 17 out. 1964, p. 4; **Bandeirante**. Lins, 24 out. 1964, p. 4.

<sup>1147</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.102- 104.

<sup>1148</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. Dom Pedro Paulo Koop, MSC, Bispo Diocesano de Lins. **Bandeirante**. Lins, 20. fev 1965, p. 1.

<sup>1149</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.105-106.

<sup>1150</sup>AITEL – REDAÇÃO. Eis o grande Sacerdote. **Bandeirante**. Lins, 27. Mar 1965, p. 1.

de Koop era conquistar o povo e pôr-se a serviço dele. Tanto que entre seus primeiros atos, estava após Páscoa daquele ano, percorrer toda diocese iniciando por “Castilho e Andradina”<sup>1151</sup> cidades mais distantes da sede do que, a época, constituía o bispado.

Uma vez apresentado ao povo e concretamente instalado, iniciam-se os primeiros passos do novo bispo em sua diocese. No interim da festividade de sua acolhida, a província eclesiástica de Botucatu reuniu-se em Lins.<sup>1152</sup> O conteúdo dessa reunião não é público, mas revela um processo de articulação nos bispados ao longo da estrada de ferro que fazia a ligação Brasil-Bolívia, conhecida como noroestina. Na sequência dessa reunião de bispos, Dom Pedro Paulo reúne-se pela primeira vez, com o Cabido diocesano. Segundo o livro tombo da diocese, sintético nos registros sobre esse evento, tratou-se de “vários assuntos internos diocesanos.”<sup>1153</sup> Embora as informações do livro sejam sumarias sobre a reunião, um fato salta aos olhos. O secretário do Cabido, colocou na boca do novo bispo o modo como ele queria que a diocese fosse regida: “sua excelência lembrou que o governo da diocese há de se realizar ‘*collegialiter*.’”<sup>1154</sup> Fim do registro. Impossível não divisar nesse texto reminiscência das discussões conciliares, particularmente a luz da Constituição Dogmática *Lumem Gentium*, que apresentou a forma epistêmica da colegialidade (embora não cite esse termo) na Igreja, sobretudo no capítulo III que versa sobre a hierarquia da Igreja e em especial o episcopado. Nota-se, nessa afirmação um processo de apropriação das decisões do Vaticano II, encampadas pelo titular do bispado de Lins. Uma ruptura com o paradigma eclesiológico vigente, uma ressignificação do modelo de governo e uma evidente abertura a um novo momento na prática eclesial, claramente inspirado pelo Concílio. A afirmação, por si só, não configura uma prática, contudo denuncia um caminho que, como poderá ser demonstrado a frente, Dom Pedro Paulo perseguirá.

Após anunciar seu desejo de reger a diocese de modo colegiado, Dom Paulo inicia o processo de aproximação da realidade concreta das paróquias do seu bispado. Arquiteta um plano de visitas pastorais pelas trinta e quatro paróquias até então erigidas na circunscrição eclesiástica. Foram quatro meses para percorrer toda a região. O caráter das visitas devia ser, como solicitava o bispo, de sobriedade e singeleza, sem grandes

---

<sup>1151</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. O bispo agradece. **Bandeirante**. Lins, 27. Mar 1965, p. 1.

<sup>1152</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. Eis o grande Sacerdote. **Bandeirante**. Lins, 27. Mar 1965, p. 1.

<sup>1153</sup>ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

<sup>1154</sup>ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

festividades. Seu objetivo principal era “conhecer as paróquias e os municípios da diocese e pôr-se ao par das situações e possibilidades locais, desejos da população.”<sup>1155</sup>

O pedido de evitar-se grandes festividades não foi devidamente atendido. Em algumas paróquias como Araçatuba e Valparaíso, foram preparadas festivas recepções. No que tange a conhecer a diocese, Dom Paulo Koop, vai tomando parte e relata em diversas vezes a preocupação com a falta de vocações e sacerdotes. Em Araçatuba anima o povo a apoiar seus “esforços em favor do seminário diocesano”<sup>1156</sup> e lamenta que a maior cidade do seu bispado não tenha uma efetiva presença no meio operário, universitário e rural. Identifica, outrossim, que essa ausência revela que o “mais urgente problema é o de maior número de padres aptos, zelosos e piedosos.”<sup>1157</sup> Nessa mesma linha, em Valparaíso, lamenta-se de que “23 mil almas[sejam] confiadas aos cuidados de um único sacerdote [...]”<sup>1158</sup> Percebe-se nessa primeira rodada de visitas, que Koop vai confirmando um diagnóstico de que seu bispado precisa de ministros ordenados.

Ao cabo de todas as visitas, o bispo de Lins publica um quadro sumário da situação do bispado a partir de suas impressões. Ele é pragmático e objetivo. Apresenta um numérico quadro sinótico da realidade de sua diocese.<sup>1159</sup> Dessas informações, ele mesmo extrai algumas constatações. A primeira é, no campo estritamente pastoral, o descompasso entre o número de padres, paróquias e de fiéis a serem atendidos.<sup>1160</sup> A segunda é que toda a região é marcada por uma “juventude exuberante e ávida por ensino[...] [a qual] nem o estado nem a Igreja conseguem acompanhar suficientemente.”<sup>1161</sup> A terceira é o empobrecimento da zona rural – fruto da monocultura, da agropecuária e da indústria sem base agrária – com uma conseqüente migração para cidade que não conseguia absorver toda mão de obra. Para fazer frente a essa situação, no plano do desenvolvimento rural, Dom Paulo propõe estudos para viabilizar “a criação de uma espécie de mercado comum noroestino, produtor e consumidor, mediante o planejamento de um sistema cooperativista em escala regional e a colaboração cristã de todos os homens de boa vontade.”<sup>1162</sup> No que diz respeito à juventude, ele insiste na

<sup>1155</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

<sup>1156</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Notas do Sr. Bispo. **Bandeirante**. Lins, 10. abr 1965, p. 1.

<sup>1157</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Notas do Sr. Bispo. **Bandeirante**. Lins, 10. abr 1965, p. 1.

<sup>1158</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Notas do Sr. Bispo. **Bandeirante**. Lins, 10. abr 1965, p. 1.

<sup>1159</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. As estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29. ago 1965, p. 1.

<sup>1160</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. As estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29. ago 1965, p. 1: “4. No momento, 19 municípios quer sejam paróquia, quer não, não tem padre residente no lugar. São visitados, alguns raramente, por sacerdotes visinhos(sic).”

<sup>1161</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. As estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29. ago 1965, p. 1.

<sup>1162</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. As estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29. ago 1965, p. 1.

formação e na criação de uma “universidade rural em nossa região de Lins, ponto de convergência e irradiação de vastas zonas agrícolas do estado.”<sup>1163</sup> Em ambos os casos, ele conclama o poder público e implica a Igreja como membro desse processo. Os apontamentos do novo bispo, revelam o ambiente com o qual ele está preocupado e para o qual verterá suas forças: o desenvolvimento humano, cultural e social da região noroestina do estado, onde situa-se o seu bispado.

Dentre as impressões afirmadas nesse texto, Dom Paulo Koop fala da ausência de sacerdote. Sua percepção, contudo, não vem acompanhada, como no caso da juventude e da população rural, de uma proposta de resolução, ao menos não nesse artigo. Contudo um projeto um pouco mais amplo e visionário estava sendo urdido pelo novo titular do sólio Linense. A questão vocacional e a formação de padres para sua região eram temas prementes em suas reflexões. Já em sua primeira carta Pastoral, ao falar para o clero da necessidade de animar e formar o laicato, ele assegura que essa ação prepararia o “futuro da Igreja, inclusive no campo vocacional, **uma das preocupações que, desde já põe em sobressalto nosso coração.**”<sup>1164</sup> De algum modo o bispo tinha consciência que havia um déficit vocacional e sacerdotal em seu bispado.<sup>1165</sup> De fato, seu antecessor, Dom Henrique Gelain, ao enviar seu *votum* à consulta conciliar, sugeria, entre outras coisas, que fossem atualizados os planos de formação nos seminários e debatido sobre a angustiante questão da falta de sacerdotes na América Latina, considerando reabilitar a instituição do diaconato permanente.<sup>1166</sup> A questão vocacional e sacerdotal era pauta de primeira hora, precisava ser debelada de algum modo e, à luz do Concílio, sugestões mais robustas poderiam surgir.

Nesse sentido, Dom Pedro Paulo Koop, certamente movido das ideias conciliares que, desde sua convocação até sua efetiva participação na assembleia, lhe fecundavam o espírito, teceu um plano/estudo para fazer frente à questão ministerial na América

<sup>1163</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. As estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29. ago 1965, p. 2.

<sup>1164</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.5. (Negrito nosso)

<sup>1165</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Cuidar do dia de amanhã, dever de hoje. **Bandeirante**. Lins, 21. Abr. 1965, p. 1: “Vamos um instante ao caso de nossa própria diocese. Um verdadeiro ‘caso’ escandaloso, quasi(sic). Sinão(sic), vejamos. Dos 40 municípios de nossa diocese, 18 não possuem sacerdotes residentes. Tem prefeito, mas não tem vigário! Das nossas 35 paróquias, 7 estão sem padre residente! Porque não os há! Grandes cidades como Araçatuba, Andradina e outras necessitam urgentemente de ser subdivididas em mais novas paróquias.”

<sup>1166</sup>Cf. AA II / 7, p. 207-208:[...] 2- Ut innoventur et actualizentur studia seminariorum, praesertim maiorum, iuxta necessitatem nostrorum temporum. Ut sacerdotes saciant confutare errores hodiernos potius quam histórico; [...] 4 - maxime tractandum erit de angustiis sacerdotum, praesertim in nationibus latino-americanis. Nonne tempus erit propitium repetendae illius pristinae diaconatus institutionis, quae antiquitus fructuose viguit?

Latina<sup>1167</sup>. Tratava-se de um detalhado estudo elaborado, provavelmente, entre novembro de 1964 e junho de 1965 sobre a possibilidade, face o diminuto número de presbíteros, de ordenar sacerdote, homens casados, “sacerdócio suplementar.”<sup>1168</sup> Razões várias levam a crer que essa ideia surgiu dentro do Concílio ou ao menos nos passos finais do terceiro período. Há menos de dois meses do encerramento desse período conciliar, na centésima congregação geral, refletiu-se sobre o esquema Vida e Ministério sacerdotal,<sup>1169</sup> que já havia passado por inúmeras reformulações desde o primeiro período. Não obstante as alterações, o documento não agradou à assembleia e foi duramente rechaçado. A intervenção do arcebispo de Goiânia, Dom Fernando Gomes,<sup>1170</sup> em nome de cento e doze bispos brasileiros, contribuiu imensamente para que o esquema não fosse aprovado.<sup>1171</sup> Ficando assim, a discussão para o período seguinte. Uma oportunidade para ulteriores propostas, inclusive a de Dom Pedro Paulo Koop.

A preocupação do Episcopado Nacional com a questão do ministério sacerdotal, associado a inquietação prévia de Dom Pedro Paulo Koop, indicam que ele pode ter gestado esse projeto já durante as Congregações Gerais do terceiro período. Ademais, em carta reservada enviada ao núncio apostólico no Brasil, Dom Sebastião Baggio, datada de 28 de julho de 1965, o bispo de Lins além de pedir um parecer ao representante da Santa Sé sobre o seu artigo, afirma que já havia consultado os “srs. Bispos da África oriental em dezembro passado [1964] e srs. Bispos da Holanda em janeiro passado [1965], além de sacerdotes de juízo maduro.”<sup>1172</sup> De fato, logo após a terceira sessão e antes mesmo de vir a sua diocese, como anteriormente afirmou-se, o bispo de Lins foi à África Oriental e a Holanda visitar, respectivamente, suas irmãs religiosas e outros familiares. Seguramente, em meio às viagens, deve ter aventado sua proposta de ordenação de homens casados, *viri probati*, a membros dos dois episcopados. Sustenta-se com isso que os arrazoados de Paulo Koop fogem a uma lógica passional. Antes o contrário, eles decorrem de uma abertura proporcionada pelas discussões conciliares, de uma paciente e imperativa observação da realidade concreta bem como de uma escuta atenta dos seus pares para, desse ponto então, chegar a uma deliberação em vista do que ele julga um bem

<sup>1167</sup> Cópia “completa” do estudo encontra-se no Anexo X desta tese, página 489.

<sup>1168</sup> AAV – Arquivo apostólico Vaticano. Concílio Vaticano II. **Escatula** 529, fasc. Agosto 1965. p.11.

<sup>1169</sup> Cf. AS III/4, p. 225-240.

<sup>1170</sup> Cf. AA III/ 4, p.420-422. 422-425.

<sup>1171</sup> Cf. OLIVEIRA, Antônio Genivaldo. *Presbyteriorum ordinis*. In: PASSOS, João Décio(org) **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus. 2015. p. 773; Também: KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II**: Quarta sessão (set.-dez. 1965) Petropolis: Vozes, v.5, 1966. p. 277.

<sup>1172</sup> ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatula Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 31, p.1.

para Igreja, como ele mesmo afirmou na carta à nunciatura: “não receio lutar por uma boa causa, se realmente for boa. Não quero estorvar, mas ajudar.”<sup>1173</sup>

Entrementes a visita às paróquias do bispado e a articulação de uma intervenção no Concílio, as determinações do Vaticano II vão se fazendo sentir no bispado de Lins. Anterior a Dom Pedro Paulo Koop, a movimentação de recepcionar o evento conciliar seguia seu curso na diocese. Após a aprovação da Constituição *Sacrosanctum Concilium*,<sup>1174</sup> o vigário capitular, Monsenhor Luiz Gonzaga Passetto, exara um texto legislando sobre o uso da língua vernácula na Liturgia.<sup>1175</sup> Respalhado pelas determinações da Assembleia da Conferência dos Bispos celebrada em Roma, o vigário capitular orienta que nas missas celebradas com o povo, em algumas partes use-se o vernáculo. Igualmente, até que a tradução integral e única do missal para todo o Brasil fosse aprovada pelos organismos competentes, o monsenhor recomenda que usem um dos missais para missa dialogada, a da edição típica dos beneditinos ou o da edição *Lumen Christi*, ambos aprovados pela CNBB. Oportunamente, o vigário capitular reivindica que os padres expliquem ao povo as razões dessas alterações e que elas entrem em vigor, “a partir do XV domingo após Pentecostes, isto é, dia 30 de agosto próximo.”<sup>1176</sup> O texto é datado de dez dias antes da comunicação da nomeação do novo Bispo, ou seja, do dia 19 de julho de 1964.

Ainda na linha dos aspectos mais externos das mudanças provocadas pelo Concílio no Bispado de Lins, desponta questão similar àquela que se processou em Bauri e Botucatu, a questão do uso de Clergyman. Tema remanescente da primeira sessão. Sobre o tema, o vigário capitular informa que já sob o pastoreio de Dom Henrique Gelain era afiançado o uso dessa indumentária. Contudo, ressalva que não se tratava da adoção de trajes civis, o que aos olhos do Monsenhor Passetto seria um tipo de secularização. Ele desse modo reafirma o uso do Clergyman como uma concessão do Papa. E a adoção de veste civil – terno, por exemplo – seria uma desvirtuação daquilo que havia sido autorizado. Aos seus olhos, o uso de roupas comuns seria uma secularização, por isso pontifica “clergyman sim, secularização, não.”<sup>1177</sup>

---

<sup>1173</sup>ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 31, p.1.

<sup>1174</sup>Cf. AS II/6, p. 406 - 407.

<sup>1175</sup>AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 22. jul 1964, p. 1.

<sup>1176</sup>AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 22. jul. 1964, p. 1.

<sup>1177</sup>AITEL – REDAÇÃO. Clergyman, sim. **Bandeirante**. Lins, 26. set. 1964, p. 4.

Em geral o processo de recepção do Concílio em Lins segue em passos tímidos. A rigor, neste momento marcado por um período de vacância, é natural que muitas transformações não se processem ou que sejam feitas de forma parcimoniosa. Em geral as questões litúrgicas, para essa diocese e outras são as mais palpáveis nesse momento. Alterações mais profundas e mudanças significativas se processarão após a quarta e última sessão da qual Dom Pedro Paulo Koop tomará parte ativa.

### 5 Dom Pedro Paulo Koop e a IV sessão conciliar 1965: a celeuma da intervenção

O titular do bispado de Lins, deixa sua diocese em 11 de setembro de 1965<sup>1178</sup> para associar-se ao episcopado do mundo inteiro no quarto período do Vaticano II. Na sua despedida, Dom Pedro Paulo exorta todos a oração pelo Concílio e a apoiar o trabalho da faculdade de ciências sociais de Lins que iniciaria um projeto de alfabetização da população rural, uma demanda sua em face da situação por ele diagnosticada em suas visitas pastorais. No mesmo texto, curiosamente, há uma insistência do prelado que se formem grupos vocacionais em todas as paróquias e colégios, adotando uma nova mentalidade vocacional, trabalhando com pessoas adultas. Nas palavras do Bispo:

Criem-se grupos vocacionais nas paróquias e nos colégios, destinados a promover e cultivar a graça vocacional que atua nos jovens de 13 a 18 anos levando-os a uma decisão bem-motivada. As vantagens destes grupos em cada lugar é que não se subtraia tão logo o menino e jovem a presença dos pais e irmão. Enquanto se dê curso a esta nova modalidade seminarista, nós nos preparamos a receber os vocacionados já decididos e selecionados em nosso Seminário Diocesano, inteiramente novo, modernizado e adaptado(sic) aos cursos de madureza, clássico e profissional, e de filosofia.<sup>1179</sup>

Nota-se uma preocupação do bispo com um novo modelo de preparação vocacional, conseqüentemente um novo perfil de formação para o ministério presbiteral, logo um novo tipo de sacerdote. Essa ideia, caso posto em paralelo, é totalmente diferente daquela que Dom Paulo, quando editor da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração, nos idos de 1937, como demonstramos no capítulo anterior, alimentava. Na época ele entendia que somente a “subtração desde cedo (11 e 13 anos) dos meninos que sentem inclinação pronunciada para o sacerdócio, do ambiente social tão mundano” (sic)<sup>1180</sup> poderia salvar as vocações. Quase trinta anos se passaram, o sacerdote virou

<sup>1178</sup>Cf. ACDL – Livro tomo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.107.

<sup>1179</sup>AITEL – KOOP, Paulo. Sr. Bispo se despede. **Bandeirante**. Lins, 4. set. 1965, p. 1.

<sup>1180</sup>ARNSSC – KOOP, Pedro Paulo. Carta Mensal aos zeladores da Pequena Obra. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar, 1939. Campinas, p. 28.



bispo. O mundo mudou e suas ideias também se alteraram. Agora não só ele propõe um novo modelo formativo de sacerdote para sua Igreja particular, como defenderá um dilatado entendimento da vocação e do ministério sacerdotal, em vista das necessidades pastorais, na última sessão conciliar para a Igreja universal, como veremos a frente. Tratava-se de um constante processo de apropriação das possibilidades que o Concílio que estava oferecendo ao celebrar seu último período

O quarto e último período conciliar, iniciou-se em quatorze de setembro de 1965, Festa da Exaltação da Santa Cruz. Essa data foi anunciada um mês após a visita de Paulo VI<sup>1181</sup> a Índia, por ocasião do Congresso Eucarístico Internacional.<sup>1182</sup> Essa sessão, que ora se inicia, nasceu sob a pecha de que deveria ser a última. No discurso de encerramento do terceiro período, o Papa anunciou que esse intento seria perseguido e atingido no novo período.<sup>1183</sup> O pontífice reafirmou essa disposição outras vezes, entre elas, tacitamente, em julho de 1965, durante audiência geral.<sup>1184</sup> O desejo do pontífice açambarcava interesses de alguns padres conciliares que julgavam que o Concílio não deveria durar mais do que três anos e, como descreveu um analista, entendiam que ele não poderia “ser considerado como o regime habitual da vida eclesiástica e era, portanto, tempo de passar da fase de estudo para a de implementação de decisões.”<sup>1185</sup>

Havia, nota-se nesses pronunciamentos, uma celeridade para encerrar o Concílio. Dom Pedro Paulo Koop, tinha ciência desse propósito. Quando saiu do seu bispado anunciou que partiria para a última sessão do Vaticano II.<sup>1186</sup> Analisando grosso modo, pode-se dizer, sobretudo por conta dos embates travados na última sessão e das questões nela levantadas e seus desdobramentos na vida da Igreja, havia implicitamente um temor de enfrentar temas mais complexos ou discussões mais acirradas. Ademais a pauta para esse período já era bastante extensa. Era, portanto, o princípio do fim. Associado a esse fato havia o desejo de aplicação das decisões conciliares já tomadas. Em muitas dioceses, inclusive em Lins o Concílio já estava em marcha, sobretudo em nível litúrgico. Em Roma,

<sup>1181</sup>Cf. O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 262.

<sup>1182</sup>Cf. SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento histórico do Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes; BOMBONATO, Vera Ivanise. **Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas. 2 ed. 2005, p. 59; O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 261-262.

<sup>1183</sup>AS III/8, p. 913: “Oecumenicum Concilium proxima quarta Sessione concludetur”

<sup>1184</sup>Cf. PAULO VI. **Audiência Geral. 28 de julho de 1965**. Disponível em: <[https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1965/documents/hf\\_p-vi\\_aud\\_19650728.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1965/documents/hf_p-vi_aud_19650728.html)>. Acesso em: 06 ago.2021.

<sup>1185</sup>ROUTHIER, Gilles. Portare a termine l'opera iniziata: La faticosa esperienza del quarto periodo. In: ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965**. Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno. 2001, p. 73.

<sup>1186</sup>Cf. AITEL – KOOP, Paulo. Sr. Bispo se despede. **Bandeirante**. Lins, 4. set. 1965, p. 1.

o Papa dava seu acento particular a esse processo e anunciara que passaria a celebrar missas, em toda cidade de Roma, a partir de sete de março do último ano conciliar, em italiano.<sup>1187</sup> O Concílio estava em rota de recepção, não obstante os temores de alguns.

A abertura do Concílio, como de praxe, foi após a concelebração Eucarística,<sup>1188</sup> secundada pelo discurso inicial do Papa.<sup>1189</sup> Um cronista do evento que havia narrado a abertura em outubro de 1962 em tons exaltados,<sup>1190</sup> agora com a mesma alegria, porém com um novo entendimento, fala da sobriedade do rito de abertura, da leveza do ato inicial e da singeleza da celebração.<sup>1191</sup> A alocução pontifícia, como no terceiro período<sup>1192</sup>, foi igualmente extensa. Ainda assim, muito menor que a do segundo.<sup>1193</sup> O conteúdo, lido em latim, em sua primeira parte foi devotado a uma exaltação dos trabalhos conciliares e da responsabilidade daqueles que o viviam. Como um estribilho, Paulo VI afirmava a grandeza do Concílio,<sup>1194</sup> pelos feitos realizados e por aquilo que a última sessão estava por fazer. Igualmente, no decorrer do discurso frisou que o sentido sob o qual o Concílio poderia ser visto e lido era como de um ato de caridade a Deus, à Igreja e à humanidade.<sup>1195</sup> Por fim, antes de encerrar o pronunciamento, ele anunciou, além da visita à sede da Organização das Nações Unidas, que criaria inspirado pelas discussões conciliares, um Sínodo Episcopal composto por membros nomeados a partir das Conferências Episcopais.<sup>1196</sup> A notícia, embora plausível e já aventada, era vista como inesperada e carregada de um sentido de ação para Igreja e releva uma outra imagem do próprio Papa.<sup>1197</sup>

<sup>1187</sup>Cf. O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p. 262.

<sup>1188</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vaticano II**: Chronique de la quatième Session. Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 39.

<sup>1189</sup>Cf. AS IV/1, p.125-135.

<sup>1190</sup>Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II** :Documentário pré-conciliar. Petropolis: Editora Vozes. v.1, 1962, p. 33-35; KLOPPENBURG, Boaventura. Primeira sessão do Concílio Ecumênico. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 22, f. 4, dez. 1962, p. 905.

<sup>1191</sup>Cf. KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II**: Quarta sessão (set.-dez. 1965) Petropolis: Vozes, v.5, 1966. p. 5-7; KLOPPENBURG, Boaventura. Quarta sessão do Concílio Ecumênico. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 25, f. 3, set. 1965, p. 425.

<sup>1192</sup>Cf. AS, III/1, p. 140-151.

<sup>1193</sup>Cf. AS II/1, 183-200.

<sup>1194</sup>Cf. AS IV/1, p.126.127: “Grande quiddam hoc est Concilium!”

<sup>1195</sup>Cf. AS IV/1, p.128.

<sup>1196</sup>Cf. AS IV/1, p.134: “Deinde Nosmetipsi vobis iam praenuntiare gaudemus, Episcoporum Synodum, secundum huius Concilii optata et vota, mox constitutum iri; quae quidem Episcopis constabit maxima ex parte a Coetibus Episcoporum variarum Nationum approbatione Nostra nominandis.”

<sup>1197</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. Portare a termine l'opera iniziata: La faticosa esperienza del quarto período. In: ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II**: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965. Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 78: “[...]Creando dei precedenti che impregavano concretamente la chiesa sul piano dell'azione, avevano il vantaggio di rassicurare circa la intenzioni di Paulo VI. non senza sorpresa, dunque, il Papa sembrava prendere l'iniziativa, esternare la sua

O anúncio de Paulo VI feito na celebração de abertura foi oficializado no primeiro dia de trabalho do Concílio, nesse período. O cardeal Felice procedeu a leitura do *Motu proprio Apostolica Sollicitudo*.<sup>1198</sup> Esse instituto, tratava-se, como ajuizou um teólogo, de uma aceleração das discussões do esquema sobre os bispos,<sup>1199</sup> consequentemente, um alargamento da questão da colegialidade. Nessa mesma linha, Dom Pedro Paulo Koop, quando finalizou o Concílio, em mensagem dirigida aos seus diocesanos, interpretou a instituição do sínodo. Para ele com o Concílio “reforçou-se muito nos bispos a ideia de ‘colegialidade’ da qual brotou o ‘Sínodo dos Bispos’ e, indiretamente, a reforma da Cúria. Este fato justifica a esperança de que, no futuro, o governo da Igreja se torne mais flexível e atue com maior abertura.”<sup>1200</sup> O titular de Lins, portanto, divisa na criação do instrumento do Sínodo um alento a colegialidade e uma flexibilização do governo na Igreja, como ele mesmo defendera na sua diocese durante a primeira reunião do Cabido,<sup>1201</sup> como demonstrado anteriormente.

Vencido o alvissareiro anúncio de Paulo VI e sua concomitante ratificação de sua decisão pela publicação do *Motu proprio*, os trabalhos conciliares tomaram seu curso. Seriam ainda quarenta e cinco Congregações Gerais até o termo do Concílio. Elas seriam o palco para debates sobre questões que vinham prolongando-se, algumas desde a primeira sessão (por exemplo, esquema sobre a revelação) e outras remanescente do terceiro (esquema sobre a liberdade religiosa). Fato é que nenhum novo esquema será pautado neste período, porém ulteriores questões ainda serão propostas.

O desenrolar dos trabalhos conciliares principiou pelo esquema sobre a liberdade religiosa.<sup>1202</sup> Tratava-se de um tema imbricado por interesses e defesas acaloradas,<sup>1203</sup> aprovado somente após longas discussões e publicado na última sessão pública.<sup>1204</sup> A reflexão sobre as fontes da revelação, iniciada no primeiro período, foi retomada.<sup>1205</sup> Seu processo não foi mais sereno que nos outros períodos, mas logrou termo, sendo publicada

---

determinazion; egli dava pure l'impressione di un uomo in movimento, contrariamente all 'imagine che si aveva di lui :Uomo esitante, paralizzato sul piano dell'azione”

<sup>1198</sup>Cf. AS IV/1, p. 19-24. 139.143-144.

<sup>1199</sup>Cf. FAGGIOLI, Massimo. **Il vescovo e il Concilio**: Modello episcopale e aggiornamento al Vaticano. Bolonha: Il Miluno, 2005, p. 407.

<sup>1200</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1201</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

<sup>1202</sup>Cf. AS IV/1, p. 145-160.

<sup>1203</sup> Para citar apenas alguns que representavam posições antagônicas acerca do Esquema: AS IV/1, p. 200-2001. 217-219, defensores do esquema sobre a liberdade Religiosa os cardeais Spellmam e Alfrink; AS IV/1, p. 204-205. 207. Contrários ao Texto, Cardeais Rufini e Siri.

<sup>1204</sup>Cf. AS IV/ 7, p. 650.

<sup>1205</sup>Cf. AS IV/1, p. 336-381.

na oitava sessão pública juntamente com o decreto sobre o apostolado Leigo.<sup>1206</sup> Pautou-se ainda, o esquema sobre o ministério dos bispos, sobre a vida consagrada, sobre a educação católica, o decreto sobre as religiões não cristãs, a formação sacerdotal, as missões, a presença da Igreja no mundo e a vida presbiteral. Os quatro primeiros documentos foram solenemente oficializados na sétima sessão pública ao passo que os três últimos, compondo o mosaico final dos textos exarados pela assembleia conciliar, foram promulgados na nona sessão pública do Concílio.<sup>1207</sup>

Entres os documentos aprovados na nona sessão pública da assembleia conciliar, o documento sobre a Vida e Ministério Presbiteral, merece um epílogo particular mormente pelas vicissitudes que alguns dos seus temas sofreram, incluso com intervenção direta do Papa. Igualmente porque sua elaboração foi marcada por um especial interesse da parte do Bispo de Lins. Sabe-se que já nas consultas prévias, a vida e o ministério dos presbíteros era um tema que se buscava debater. Na segunda e na terceira sessões teve espaço a reflexão sobre o assunto. Na penúltima sessão a rejeição ao texto proposto fruiu de um protagonismo claro dos bispos do Brasil, capitaneados por Dom Fernando Gomes,<sup>1208</sup> como já informado. Aventa-se que o ambiente conciliar, associado ao protagonismo dos bispos nacionais e às demandas pastorais, tenham sido o caudilho das ideias de Dom Pedro Paulo Koop acerca da possibilidade de um clero suplementar casado, *vir probati*.

A rejeição nas três sessões anteriores ao esquema *Dei clericis* que depois surgiu como *De Sacerdotibus*, posteriormente *Vita et Ministerium Presbyterorum* e, quando aprovado, tornou-se *Presbyterorum ordinis*,<sup>1209</sup> era creditada, entre outros, à debilidade do texto, ao seu caráter por vezes paternalista e extemporâneo.<sup>1210</sup> Rejeitado em sua última versão discutida no terceiro período, agora na quarta sessão, ele ainda seria debatido, remendado até ser aprovado.<sup>1211</sup> No interim desse processo, algumas questões sobre ele despontaram. De um lado, bispos e peritos se interrogavam sobre a necessidade de um aprofundamento teológico sobre a questão sacerdotal e, de outro lado, o debate

---

<sup>1206</sup>Cf. AS IV/ 5, p. 751-753.

<sup>1207</sup>Cf. AS IV/ 7, p. 650-651.

<sup>1208</sup>Cf. AA III/ 4, p.420-422. 422-425.

<sup>1209</sup>Sobre o processo de construção do texto, além das Atas conciliares, pode-se ler: JOSEPH, Samuel Pulickal. **O sacerdócio ministerial no Decreto Conciliar Presbyterorum Ordinis**:um enquadramento histórico-teológico. Lisboa: Universidade católica portuguesa, 2014. p. 37-74.

<sup>1210</sup>Cf. AA III/ 4, p.420-422. 422-425.

<sup>1211</sup>Cf. AS IV/ 7, p. 650-651.

público foi dominado quase que exclusivamente pela questão do celibato.<sup>1212</sup> Em certo sentido, interessava a alguns padres conciliares, refletir sobre a possibilidade de dissociar ministério sacerdotal de vida celibatária, contudo o espaço e o modo como a questão foi abordada pela imprensa, repercutiu de maneira ambígua dentro dos umbrais dos aposentos pontifícios.

A questão da lei do celibato foi ventilada pelos próprios padres conciliares desde a preparação do Concílio.<sup>1213</sup> A concessão, sob o juízo das conferências episcopais, do diaconato a homens casados, na terceira sessão, fermentou a discussão.<sup>1214</sup> No último período, contudo, o debate avolumou-se. Periódicos e jornais apossaram-se do tema como se fosse o mais importante de todo o esquema sobre a vida e o ministério sacerdotal. Publicações de diversas matizes, particularmente franceses, insinuavam que, por pressão do episcopado sobretudo o Latino-Americano, a tendência do Concílio era, em circunstâncias especiais, permitir a ordenação de homens casados.<sup>1215</sup> A guisa de exemplo, como narra um cronista, uma conferência feita pelo bispo auxiliar de Lion, Dom Alfred Ancel, aos bispos e peritos na *Domus Mariae* – residência oficial dos bispos do Brasil em Roma – sobre o celibato, mesmo sem a ciência de todos os detalhes tratados, foi superlativamente difundida pela imprensa, para contrariedade do conferencista.<sup>1216</sup> Igualmente, nas pastas do centro de coordenação e comunicação do Concílio, foi inserido um conjunto de artigos que refletiam, entre outros, a questão dos padres casados na Igreja do Oriente.<sup>1217</sup> Na mesma linha, na eminência dos debates a serem travados na centésima quadragésima nona sessão, um sacerdote da diocese de Estrasburgo, fez circular entre os bispos um texto contra o celibato sacerdotal.<sup>1218</sup> Por fim, um grupo de leigos, sacerdotes e cientistas, após a supressão do debate público do assunto por parte de Paulo VI, dirigiram aos bispos um libelo argumentando em favor da necessidade de uma

---

<sup>1212</sup>Cf. VELATI, Mauro. Il complemento dell'agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965.** Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 243.

<sup>1213</sup>Cf. AA II/1, p. 312.316. (appendix)

<sup>1214</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II: Chronique de la quatième Session.** Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 301.

<sup>1215</sup>Cf. FAVALE, Agostini. **I Sacerdoti nello spirito del Vaticano II.** Turim: Elledici, 1968, p. 86.

<sup>1216</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II: Chronique de la quatième Session.** Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 302.

<sup>1217</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II: Chronique de la quatième Session.** Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 302-303.

<sup>1218</sup>Cf. VELATI, Mauro. Il complemento dell'agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965.** Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 243.

compreensão mais dilatada acerca da obrigação do celibato.<sup>1219</sup> Nota-se que a imprensa e alguns círculos eclesiais e laicos defendiam, a seu modo, um debate mais orgânico sobre o tema.

Os movimentos exteriores e as pressões internas, resultaram em ações da parte do Papa no que diz respeito a questão do celibato. Segundo Mauro Velati, nos primeiros dias de outubro Paulo VI solicitou ao cardeal Lercaro “de contatar os bispos que queriam abordar o assunto na congregação geral a fim de dissuadi-los de fazê-lo.”<sup>1220</sup> Assim, o fez e em “seis de outubro encontra com o bispo brasileiro Dom Pedro Paulo Koop”<sup>1221</sup> que tinha um projeto de intervenção e, como se sabe pela história, o dissuadiu da intervenção oral.<sup>1222</sup> O texto foi depositado na secretaria do Concílio, mas foi alijado do processo de edição das Atas conciliares.<sup>1223</sup> Outro que nomeadamente era conhecido por seu interesse em apresentar uma intervenção em favor do clero casado era o patriarca Melquita Máximo V.<sup>1224</sup> A carta de Paulo VI sobre a questão do celibato, a um só passo desobrigou o cardeal

<sup>1219</sup>Cf. VELATI, Mauro. Il complemento dell’agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965.** Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 247; Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II: Chronique de la quatième Session.** Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 303-304.

<sup>1220</sup>VELATI, Mauro. Il complemento dell’agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965.** Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 244: “Al primi giorni de ottobre lercaro recite l’incarico di contattare i vescovi intenzionati ad affrontare l’argomento davangtei alla congregazione generale per dissuadere da tale proposito.”

<sup>1221</sup>VELATI, Mauro. Il complemento dell’agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965.** Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 244.

<sup>1222</sup>Cf. CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares: 28ª Circular – Roma, 7/8.10.1965.** t. 3 Recife: IDHeC; CEPE, 2009, p.97: “Dom Pedro Koop, bispo de Lins **inscreveu-se para falar na basílica sobre o celibato eclesialístico. Foi chamado pelo cardeal Lercaro que de modo amável, explicou que o assunto não seria discutido, de público, no Concílio.** Soube que matérias queimantes, como celibato e limitação de filhos, o santo padre está preferindo um sínodo que ele já pretende anunciar na sessão de encerramento do Vaticano II. O que seria uma solução: fazer com que especialistas estudem problemas, de fato, complexos (imagino a confusão que estes assuntos – ainda não devidamente trabalhados pelo tempo e pelo Espírito Santo, no espírito dos Bispos – levantar-se-ia na Basílica)”. (Grifo nosso)

<sup>1223</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. A ordenação presbiteral de homens casados e o celibato eclesialístico: Intervenções episcopais desaparecidas dos Acta Synodalia do Vaticano II. A retomada do tema no Sínodo Pan-amazônico. **Revista Eclesialística Brasileira**, v. 79, n. 313, 20 set. 2019, p. 351-352: “Constatamos, com surpresa, durante a pesquisa para a tese de doutorado sobre a atuação da Igreja do Brasil no Vaticano II, que a intervenção do bispo de Lins, SP, Dom Pedro Paulo Koop, MSC, regularmente depositada na Secretaria Geral do Concílio, no dia 08 de outubro de 1965, não estava publicada nos *Acta Synodalia*. [...]” Também: BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965.** São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 144-223; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965.** São Paulo: Paulinas, 2005, p. 271.

<sup>1224</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II: Chronique de la quatième Session.** Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 304-305; CAPRILE, Giovanni. **II Concilio Vaticano II: Quarto período.** Roma: La Civiltà Católica, 1969, p.224-225; EPARQUIA MELQUITA NO BRASIL. **Igreja Greco Melquita no Concílio: Discurso e notas do patriarca Máximo IV e dos preladados de sua Igreja no Concílio Ecumênico Vaticano II.** São Paulo: Edições Loyola, 1992, p. 221-226.

Lercaro do encargo de desaconselhar que bispos falassem sobre a questão do celibato e impediu definitivamente o debate público na aula conciliar.

A correspondência de Paulo VI<sup>1225</sup> dirigida ao cardeal Tisserant, foi lida na centésima quadragésima sexta congregação geral, pelo secretário geral, Cardeal Felice. Nela o Papa deixava claro que julgava inoportuno o debate público sobre a lei do celibato. Mais ainda, que pretendia conservar essa “lei antiga, sagrada e providencial.”<sup>1226</sup> Outrossim, qualquer padre conciliar que quisesse debater o assunto, poderia fazê-lo por escrito, diretamente com o Papa via conselho da presidência. A questão do debate sobre o celibato estava, em tese, definitivamente encerrada no interior do Concílio.

Não obstante a carta de Paulo VI e o assentimento de Dom Paulo Koop ao pedido do Cardeal Lercaro<sup>1227</sup> de não fazer intervenção oral durante o Concílio sobre o tema do celibato, o texto do bispo de Lins foi publicado nas páginas do jornal francês *Le monde*<sup>1228</sup> no dia seguinte da missiva do pontífice. Sua intervenção, possivelmente, ao ser distribuída aos seus pares a fim de agregar assinaturas, conseqüentemente apoio ao seu intento, por alguma via foi apresentada ao jornalista francês Henri Fesquet que a publicou na íntegra no folhetim parisiense, afirmando que se tratava de uma intervenção que ficaria na “história do Vaticano II como uma das iniciativas mais ousadas já tentadas. Mesmo que não seja imediatamente seguida de ação, ela contribuirá em grande parte para a maturação do problema.”<sup>1229</sup>

Embora o jornalista francês contemplasse a proposta como algo histórico e como primeiro passo para maturação acerca de um problema latente, uma parcela do Episcopado Brasileiro reagiu de forma bem diversa, não tão cândida como Henri Fesquet. Após a publicação na imprensa da proposta de intervenção, houve uma reunião da CNBB no colégio Pio Brasileiro. Nela, entre outras coisas, a questão tornada pública pelo jornal

<sup>1225</sup>Cf. AS IV/1, p. 40; CAPRILE, Giovanni. **II Concilio Vaticano II**: Quarto período. Roma: La Civiltà Católica, 1969 p. 196; FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, p. 964-966.

<sup>1226</sup>Cf. AS IV/1, p. 40: “Itemque nobis esse propositum, quantum in nobis erit, non tantum huiusmodi **legem antiquam, sacra, providamquem servare.**”(Grifo nosso)

<sup>1227</sup> Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 902-903.

<sup>1228</sup>Cf. FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, p. 964-966; FESQUET, Henri. En Marge de Vatican II: Mgr. Koop évêque brésilien, demande la cre'tion d'urgence d 'un clergé marié en America latine. **Le monde**. paris, 12. out. 1965, p. 6.

<sup>1229</sup>FESQUET, Henri. En Marge de Vatican II: Mgr. Koop évêque brésilien, demande la cre'tion d'urgence d 'un clergé marié en America latine. **Le monde**. paris, 12. out. 1965, p. 6; Também: FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, p. 964: “Le document restera dans l'histoire de Vatican II comme une des initiatives les plus audacieuses qui aient été tentées. Même si celle-ci n'est pas tout de suite suivie d'effet, elle participera dans une large mesure au mûrissement du problème.” (Tradução nossa)

foi pautada e sobretudo seu autor foi contestado. Segundo Dom Austregésilo de Mesquita,<sup>1230</sup> o bispo de Lins foi duramente atacado, estigmatizado e pichado como alguém que estava envergonhando o episcopado do país. Mesmo que alguns<sup>1231</sup> atestassem que o próprio Dom Paulo havia se justificado e negado que tivesse enviado o material ao jornal,<sup>1232</sup> muitos bispos o acusaram de oposição explícita ao Papa.

A virulência do episcopado deve, de algum modo, ter reminiscência na posição capitaneada por Dom Jaime Câmara Barros, que era contra o debate acerca do celibato. Um pouco antes da carta do Papa, o arcebispo do Rio de Janeiro escreveu um memorando ao secretário geral, solicitando que a mensagem fosse reportada ao pontífice. No texto, ele antecipa o interesse de Dom Paulo em falar sobre o tema e contradiz os dados que por ele seriam apresentados.<sup>1233</sup> Debate-se a influência que essa carta - e outras<sup>1234</sup> - tenham tido sobre a decisão final de Paulo VI,<sup>1235</sup> contudo ela torna evidente que um grupo do episcopado brasileiro tinha reservas ao tema e o que aconteceu, mediado pelo jornal, seria passivo de sanções e reprimendas. O descontentamento com a intervenção, tempos depois, confirmou-se quando um grupo de bispos brasileiros – entre os quais o presidente da CNBB e recém-eleito arcebispo de São Paulo, Agnelo Rossi – publicamente afirmavam o contrário do defendido por Koop e insinuavam que o titular de Lins havia falado somente em seu nome.<sup>1236</sup>

---

<sup>1230</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia** - 1959-1965. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, 2001, p. 43.218-219. Nota 512; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 266, Nota 63.

<sup>1231</sup>Cf. CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares: 33ª Circular** – Roma, 12/13.10.1965. t. 3 Recife: IDHeC; CEPE, 2009, p.117: “Dom Paulo já explicou aos moderadores que nada entregou aos jornalistas, mas eles conseguem tudo.”

<sup>1232</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 903: “Quando convidado a conversar com o Sr. Cardeal Moderador [Tisserant], presidente do Esquema, havia eu já distribuído uns 400 exemplares do projeto, entre os Padres Conciliares e alguns peritos. Depois dessa conversa, cessei a distribuição – notem bem- vários dias antes do dia 11 em que foi lida a carta de sua Santidade o papa ao Senhor cardeal Tisserant. Não Fui eu que publiquei ou mandei publicar o texto de minha declaração. Ele foi publicado inteiramente à minha revelia.”

<sup>1233</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. A ordenação presbiteral de homens casados e o celibato eclesial: Intervenções episcopais desaparecidas dos Acta Synodalia do Vaticano II. A retomada do tema no Sínodo Pan-amazônico. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 79, n. 313, 20 set. 2019, p. 359-360.

<sup>1234</sup>Cf. AAV - Carta do Cardeal Léon-Etienne Duval ao Cardeal Secretário de Estado. Roma, 06 outubro 1965, Escatula **529**, fasc. 06-16 outubro 1965.

<sup>1235</sup>Cf. VELATI, Mauro. Il complemento dell'agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II: Concilio di transizione** – settembre – dicembre 1965. Lieve/ Bolônia: Peeters/Miluno, 2001, p. 245; BEOZZO, José Oscar. A ordenação presbiteral de homens casados e o celibato eclesial: Intervenções episcopais desaparecidas dos Acta Synodalia do Vaticano II. A retomada do tema no Sínodo Pan-amazônico. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 79, n. 313, 20 set. 2019, p. 360.

<sup>1236</sup>Cf. AS IV/5, p. 295-299.



A defesa de Dom Paulo Koop, explicitamente, foi feita pelo bispo de Afogados da Ingazeiros, que dividia da mesma posição e tinha apoio de mais de quatro dezenas de padres e entendia que o Concílio era um espaço onde todos tinham “liberdade para falar.”<sup>1237</sup> A postura do Bispo de Lins, portanto, não era inconveniente. Igualmente, junto com os documentos alijados das Atas conciliares, havia uma velada defesa proposta no texto do bispo auxiliar do Rio de Janeiro, Dom José Gonçalves da Costa que sustentava uma dissociação entre celibato eclesiástico e vocação sacerdotal.<sup>1238</sup> Conquanto o texto não configurasse como uma defesa aberta, tacitamente, era uma posição convergente, um propósito comum àquele de Dom Paulo Koop. O próprio Bispo holandês, deve ter apresentado sua defesa.<sup>1239</sup> Caso ouvido com boa vontade, seria entendido que seus postulados em nada ab-rogavam a lei do celibato.<sup>1240</sup> Antes o contrário, a vicejavam e propunham uma nova forma complementar de viver o sacerdócio. Ainda na linha da defesa do prelado, no seu bispado, sob o título de Tese do Excelentíssimo bispo diocesano no Vaticano II, criou-se um arquivo dotado de recortes de jornais, do estudo completo do bispo sobre o ministério sacerdotal na América Latina, uma cópia da sua intervenção em latim, entre outros textos, que serviam para exprimir o que o bispo havia dito e a de fim corrigir distorções sobre seu pronunciamento. No conjunto dos documentos há uma carta do Vigário geral, explicando entre outros, que Dom Paulo não havia falado publicamente na congregação geral, que não defendia o fim do celibato sacerdotal em vista de um sacerdócio de homens casados, mas sim que “como poderão ser escolhidos diáconos casados entre os leigos casados, também se poderia estender essa faculdade para um sacerdócio auxiliar entre os mesmos leigos casados.”<sup>1241</sup>

---

<sup>1237</sup>BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II**: participação e prosopografia - 1959-1965. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 218-219. Nota 512; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 266, Nota 63.

<sup>1238</sup>Cf. AAV – COSTA, José Gonçalves. In Schema ministeris et vita presbyterorum. **Escatula 529**, fasc. novembro 1965.

<sup>1239</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 903:[...] Não Fui eu que publiquei ou mandei publicar o texto de minha declaração. Ele foi publicado inteiramente à minha revelia. [...] Já declarei: Nego ter dado publicidade. Não houve de minha parte um passo em falso. Concordo com o caráter ‘benéfico’ do acontecido, lamento, apenas o fato de o texto ter saído com erros tipográficos no “Le Monde” [...] e também o fato de ter sido truncado e mal-entendido por muitos que não souberam ler em sua ânsia de transmitir. A imprensa Latina, brasileira inclusive, não foi correta para com a minha pessoa e intenção.”

<sup>1240</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 905-907.

<sup>1241</sup>ACDL - PASETTO, Luís Gonzaga. Governo Diocesano. **Escatula Dom Pedro Paulo Koop 3** – Pasta Dom Pedro Paulo Koop: Tese do exmo bispo diocesano no Vaticano II - estatutos. f. 10 p.1.

A intervenção de Dom Pedro Paulo Koop, propriamente dita,<sup>1242</sup> causou mais repercussão por sua presença na imprensa e por ser vista por alguns como uma oposição ou afronta direta àquilo que o pontífice havia determinado do que pelo seu conteúdo propriamente, do qual outros padres conciliares comungavam. Essa intervenção, todavia, até ser depositada na secretaria do Concílio e eclodir nas páginas do *Le Monde*, foi detalhadamente gestada e tinha como pano de fundo a necessidade de uma resposta concreta, objetiva e rápida as carências pastorais das comunidades mormente no que diz respeito à celebração da Eucaristia.

Durante a terceira sessão conciliar, as discussões do documento sobre a vida e o ministério dos presbíteros teve particular protagonismo do episcopado do Brasil na rejeição do esquema proposto. Esse fato, associado a preocupações ulteriores do bispo de Lins, o levaram a conceber um estudo de quinze páginas que formariam as bases de sustentação da sua intervenção. O estudo, depositado junto com a intervenção na secretaria do Concílio, era intitulado “Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina.”<sup>1243</sup> O material, dividido em sete partes, aborda os seguintes pontos: a) Dados sobre a situação latino-americana em geral e brasileira em particular; b) Impressões e apreciações; c) Mudanças e caminhos novos; d) O sacerdócio celibatário; e) O diaconato muito ajudará, mas não resolve o problema; f) O sacerdócio supletivo para os leigos casados, solução complementar, viável, a curto prazo; g) Os leigos candidatos a este sacerdócio.

A primeira(a) parte do estudo realizado por Dom Pedro Paulo, apresenta a realidade desafiante do universo Latino-Americano, no que diz respeito a questão da ausência de ministros ordenados. Há um descompasso, que tende a ampliar-se progressivamente, entre o número de sacerdotes e a expansão demográfica no continente, em particular no Brasil. O titular de Lins, assim, desenha um quadro estatístico de modo a confirmar sua tese de que há uma grave e crônica crise da ausência de presbíteros no

---

<sup>1242</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.107-110; KOOP, Pedro Paulo. De Ministerio et vita Prebiterorum. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 3** – Pasta Dom Pedro Paulo Koop: Tese do Exmo bispo diocesano no Vaticano II - estatutos. f. 16-17 p. 1-2; FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, p. 964-966; FESQUET, Henri. En Marge de Vatican II: Mgr. Koop évêque brésilien, demande la cre'tion d'urgence d 'un clergé marié en America latine.. **Le monde**. paris, 12. out. 1965, p. 6; CAPRILE, Giovanni. **II Concílio Vaticano II**: Quarto período. Roma: La Civiltà Católica, 1969 p. 223-224.

<sup>1243</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p.1; KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 3** – Pasta Dom Pedro Paulo Koop: Tese do Exmo bispo diocesano no Vaticano II - estatutos. f. 15-30 p. 1.

país: “todos sabem que devido a isso, faltarão sempre mais sacerdotes e jamais teremos clero suficiente.”<sup>1244</sup>

Diante desse cenário, na segunda(b) e terceira(c) parte do texto, o bispo apresenta seus juízos e propõe alternativas. Sua avaliação é de que num contexto tão adverso, deve haver uma resposta ágil, ao lado das já tradicionais. Deve-se fundar seminários – que responderiam a questão a longo prazo – bem como “pensar em trilhar um caminho diferente para provocar um drástico aumento no número de sacerdócio, a curto prazo, em tempo de salvar”<sup>1245</sup> o continente. O bispo então, preparando seu argumento central, defendendo para que se possa “salvar o [...] continente para Igreja”<sup>1246</sup> advoga uma penetração aguda da comunidade eclesial em todos os ambientes, “fazendo reuniões sacras em ambientes não sacros, mas sagrados por um povo santo, reuniões em nome de Deus em ambientes restritos, por isso mais abertos a uma influência imediatizada.”<sup>1247</sup> Sugere ainda de modo interpelador, a luz da liturgia reformada que, sem prescindir da missa, sejam vividas, inspirados nos ritos litúrgicos judaicos, celebrações “da palavra e Eucarística[...].”<sup>1248</sup> no seio familiar como meio para o fortalecimento da comunidade mais ampla, a Igreja.

Buscando responder aos anseios da falta de sacerdotes e tentando implementar uma presença da Igreja nos ambientes diversos, Dom Paulo Koop apresenta seus argumentos centrais na quarta(d), quinta(e) sexta(f) sétima(g) parte do seu texto. Nelas defende o ministério sacerdotal celibatário, o diaconato permanente o sacerdócio supletivo casado e os caminhos para formação destes últimos. Para o titular de Lins, o sacerdócio celibatário é imprescindível na Igreja e altamente recomendável.<sup>1249</sup> Os argumentos que sustentam essa ideia são devedores da noção de que o sacerdote celibatário está livre para cuidar das coisas do Senhor e goza de um coração indiviso em busca da perfeição evangélica.

---

<sup>1244</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 2.

<sup>1245</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 5.

<sup>1246</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 5.

<sup>1247</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 6.

<sup>1248</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 7.

<sup>1249</sup>Cf. AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 9: É insustentável a tese contrária ao celibato sacerdotal, levantada infelizmente, também por alguns sacerdotes.”

Esses conceitos não são novos na tradição da Igreja, nem estranhos ao próprio Dom Paulo. Em 1961, um confrade do bispo e colaborador assíduo do jornal *A Fé*, Padre Pedro Estrabeli, mesmo exercendo o ministério sacerdotal, tentou na cidade de Pirajuí, contrair casamento civil,<sup>1250</sup> mas foi impedido pelo, à época Vigário Decano de Bauru e pelo superior da residência religiosa dos Missionários do Sagrado Coração na cidade homônima ao decanto, Padre Teodoro Kock. A questão virou tema de jornais<sup>1251</sup> e de comentários em geral.<sup>1252</sup> Ante tal situação, aquele que era o vigário da Igreja de Santa Terezinha, escreve uma veemente missiva em defesa do celibato sacerdotal, argumentando, entre outros, que era “o ideal da vida cristã perfeita porque realiza(sic) um entrega completa, uma adesão exclusiva, uma consagração definitiva.”<sup>1253</sup> O texto, outrossim, foi endossado e ratificado, pelo arcebispo de Botucatu com uma defesa coerente e tradicional desse carisma.<sup>1254</sup> Nota-se com esses dados que Dom Pedro Paulo Koop não advoga uma forma nova de entender o celibato, antes o contrário ele a defende tal como a Igreja o ensina, voz corrente em seu tempo. O que ele faz é arbitrar em favor de uma compreensão dilatada do ministério sacerdotal na Igreja de rito latino.

Esse entendimento defendido por Paulo Koop, parte da consciência que o diaconato permanente, instituto reabilitado durante a terceira sessão conciliar, embora útil “não resolverá, nem agora nem depois o problema posto acima”<sup>1255</sup> isto é a questão da Eucaristia nas comunidades. Assim, somente um modelo sacerdotal, por ele chamado de supletivo, poderia, a curto prazo, resolver esse imbróglio. Esse sacerdócio seria exercido por homens casados há mais de dez anos, escolhidos entre vários leigos comprometidos e devidamente preparados. Esses homens, em regime de oferta de tempo livre, sem prejuízo de sua vida matrimonial, celebrariam a liturgia da palavra e eucarística em comunidades menores. De igual modo eles teriam maior capilaridade para penetrarem em ambientes que o sacerdote celibatário não conseguiria. Esse regime em nada “modificaria a tradição eclesial, mas introduzir-se-ia um elemento novo, um sacerdócio de intensa

<sup>1250</sup>Cf. ACPMSC-SP – PEREZ, Luis Xavier. Relatório Sobre Pedro Estrabeli. **Escatula Estrabeli**. Pasta 5, folha 3, p. 3.

<sup>1251</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Mais um Drama. **Diário de Bauru**. Bauru, 10 jan. 1962, p.4; ACDESB - Livro **Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 23.

<sup>1252</sup>Cf. ACDESB - Livro **Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 22.

<sup>1253</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Carta Sobre o CELIBATO ECLESIASTICO. **A Fé**. Bauru, 29 out. 1961, p.4.

<sup>1254</sup>Cf. ANUPHIS – TRINDADE, Henrique Goland. Carta do Arcebispo ao Padre Pedro Paulo e seus leitores. **A Fé**. Bauru, 5 nov. 1961, p.1.

<sup>1255</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 10.

difusão[...].”<sup>1256</sup> Tal forma de ministério, ademais seria berço para gestar vocações para o sacerdócio celibatário.<sup>1257</sup>

O estudo de Dom Pedro Paulo Koop parte, portanto, da acuidade e do realismo com que ele analisa a vida eclesial. Para ele é um imperativo assegurar que as comunidades tenham acesso à vida Eucarística. Mais ainda, que a Igreja esteja presente na vida ordinária das pessoas, no cotidiano da humanidade. Assim, sua defesa de um sacerdócio casado é o corolário da sua preocupação pastoral de sua devotada atenção a evangelização na América Latina, onde viveu todo seu ministério sacerdotal e agora episcopal.

Esse documento de análise que seria o prelúdio e a base de sustentação da intervenção do bispo de Lins, antes de ser depositado na secretaria da assembleia conciliar, foi submetido, pelo próprio autor, à apreciação do núncio apostólico no Brasil, Dom Sebastião Baggio em 28 de julho de 1965.<sup>1258</sup> A envergadura da questão, mereceu uma análise criteriosa do representante da Santa Sé que respondeu ao Dom Pedro Paulo Koop em cinco folhas de uma carta datada de 09 de setembro de 1965.<sup>1259</sup> A carta é laudatória, mas cheia de adversativas que formulam uma oposição a muitos pontos abordados no estudo. O núncio, em alguns aspectos concordou com o bispo Missionário do Sagrado Coração, particularmente no que diz respeito a escassez de presbíteros em vista da expansão demográfica na América Latina. Sugere que essa grave situação, entre outras, pode ser sanada por uma equitativa distribuição do clero e que a reforma litúrgica, caso bem aplicada, serviria de incremento vocacional. Contudo, o núncio contradita Dom Paulo, no que diz respeito a ideia de que a liturgia celebrada no seio familiar, inspirado na tradição judaica, seja um estímulo a uma vida devota e sustenta que “somente a missa e a comunhão são fatores decisivos da sobrevivência do catolicismo no Brasil.”<sup>1260</sup> Ademais, sem dizer explicitamente, rechaça veladamente a proposição do titular Linense,

---

<sup>1256</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 10.

<sup>1257</sup>Cf. AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 12: “Os filhos, crescendo nestes lares sacerdotais, atraídos pela beleza do sacerdócio, optarão pelo sacerdócio de coração não dividido, para não sofrer a divisão sofrida pelo pai. O Sacerdócio supletivo será escolhido no berço do sacerdócio celibatário”

<sup>1258</sup>Cf. ACDL –Núncio Apostólico Dom Sebastião Baggio a Dom Pedro Paulo Koop em 09 de setembro de 1965. **Escatula Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 31, p.1.

<sup>1259</sup>Cf. ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatula Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 32-36, p.1-5.

<sup>1260</sup>ACDL –Núncio Apostólico Dom Sebastião Baggio a Dom Pedro Paulo Koop em 09 de setembro de 1965. **Escatula Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 31, p.1: “L’assistenza alla messa e la comunione sono realmente fattori decisivi della sopravvivenza del cattolicesimo in Brasile”

sobre a questão do sacerdócio suplementar. Questiona que não há uma distinção clara entre os dois ministérios e dúvida que eles possam adentar em locais ainda não atingidos por sacerdotes célibes. Mais ainda hesita sobre sucesso de um sacerdócio supletivo gerar vocações celibatárias e aventa a dificuldade da manutenção do clero com família. Por fim, refuta a possibilidade de readmitir ao ministério, sacerdotes que por razões várias renunciaram ao exercício do ofício.<sup>1261</sup>

A resposta do núncio, não se sabe se chegou às mãos de Dom Pedro Paulo antes que ele viajasse para a última sessão do Concílio, visto que ela é datada de nove de setembro e o bispo viajou dois dias após essa data. Conquanto essa dúvida possa ser relevante visto que a possibilidade do conhecimento dessas ponderações pudesse demover ou não o bispo de Lins do seu intento de fazer uma intervenção, pode-se dizer que o conteúdo da carta, que ponderava pontos nevrálgicos daquilo que o estudo apresentava, nada tinha de intimidador ou restritivo. Portanto não haveria, mesmo tendo lido a carta antes, razões para dissuadir o prelado de seu intento. Ademais o espírito prático e a urgência com que o titular da diocese Linense via a questão afiançavam sua decisão de “não [recessar em] lutar por uma boa causa, se realmente for boa.”<sup>1262</sup>

Dom Pedro Paulo Koop, como já afirmado, não expressou oralmente sua intervenção em razão da retirada da agenda conciliar de temas que tocassem a questão do celibato. Sua assunção nas páginas do jornal parisiense foi alvo da notoriedade da temática. Deve-se dizer que o conteúdo apresentado pelo folhetim,<sup>1263</sup> embora o núcleo central da argumentação seja o mesmo, trata-se de um “rascunho da intervenção de Koop, datado de 28 de setembro.”<sup>1264</sup> Essa versão foi revista, aprofundada e tornada mais compacta, não avançando sobre uma página e meia que foi depositada na secretaria do Concílio.

---

<sup>1261</sup>Esta última questão – readmissão de sacerdotes que deixaram o ministério, deve-se dizer, não aparece no documento depositado na Secretária do Concílio, hoje recolhido da Busta 529. Aparece um fragmento numa versão desse texto que está no arquivo do Bispado de Lins. Tanto num texto como no outro, a página número 14 que conteria o argumento do oitavo ponto do estudo de Dom Pedro Paulo Koop, não se encontra junto ao manuscrito.

<sup>1262</sup>ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 31, p.1.

<sup>1263</sup>Cf. FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, p. 964-966; FESQUET, Henri. En Marge de Vatican II: Mgr. Koop évêque brésilien, demande la creation d'urgence d 'un cleregé marie en America latine. **Le monde**. paris, 12. out. 1965, p. 6.

<sup>1264</sup>BEOZZO, José Oscar. A ordenação presbiteral de homens casados e o celibato eclesialístico: Intervenções episcopais desaparecidas dos Acta Synodalia do Vaticano II. A retomada do tema no Sínodo Pan-amazônico. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 79, n. 313, 20 set. 2019, p. 362.

A intervenção propriamente dita, justifica-se consoante seu autor, pela necessidade de “salvar a Igreja em nossa região da América Latina.”<sup>1265</sup> Sustentado por seu estudo anterior, o bispo advoga que há uma progressiva perda de massa católica no continente e que a falta de vocações para o sacerdócio celibatário é uma das causas dessa situação. Atesta ainda que o diaconato permanente não será suficiente para sorver as inúmeras demandas eclesiais. Desse modo, Dom Paulo, exorta que para fazer frente a necessidade dos fiéis de receberem o “evangelho e viver[em] uma vida sacramental”<sup>1266</sup> que o Concílio “abra-se a possibilidade de conceder a ordem sagrada do presbiterato a leigos idôneos casados ao menos há cinco anos.”<sup>1267</sup> Em concreto, ele advoga acrescentar no documento sobre a vida e o ministério dos presbíteros no parágrafo 14, a partir da linha 26, o seguinte argumento:

Tendo em conta que o número de sacerdotes em regiões extensíssimas da Igreja, é de todo insuficiente e tende a diminuir gradativamente, em virtude do desproporcionado aumento demográfico, este Sacrossanto Sínodo, considerando o bem de grande multidão de almas a serem salvas por força do mandado divino, estabelece: **“Competirá às Conferências Episcopais territoriais, de maior ou menor âmbito, decidir, com a aprovação do Sumo Pontífice, se é oportuno e onde, para o bem das almas, [que] possa ser conferido, com o consentimento do Romano Pontífice, o Presbiterato a homens de idade madura, que vivem há pelo menos cinco anos, no estado matrimonial, segundo as normas traçadas pelo Apóstolo São Paulo, nas Cartas a Tito e Timóteo”**. Tenho dito.<sup>1268</sup>

A intervenção de Dom Pedro Paulo Koop, sabe-se pela história não foi debatida nem introduzida na versão final do documento sobre a vida e ministério sacerdotal tampouco figurou nas Atas Conciliares. Ela, contudo, revela um traço distintivo deste personagem e de sua percepção do Vaticano II. Do bispo, sua arguta capacidade prática

---

<sup>1265</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.107: “Nempe ad ecclesiam salvandam in nostri regionibus Americae Latine”

<sup>1266</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.109: Populum Dei strictum jus habet ad evangelium recipiendum et ad vitam sacramentalem ferendam.”

<sup>1267</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.109: “Vobis proponho ut praesens Concilium possibilitatem aperiat sacrum presbyteratus ordini conferendi laicis idoneis qui matrimonio coniuncti sint saltem quinque abhic anis.”

<sup>1268</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.110.:“Cum vero numerus presbyterorum in statu coelibatus constitutorum in permagnis regionibus Ecclesiae (latinae) summopere insufficiens sit, ac tendat gradatim minuire in virtute disproportionati augmenti demographici, Sacrosancta haec Synodus, considerans bonum magnae copiae animarum ex vi mandati divini salvandum, statuit: ‘Ad competentes varii generis territoriales Episcoporum coetus, approbante ipso Summo Pontifice, decernere spectat utrum et ubinam pro cura animarum presbyteratum conferri poterit, de consensu Romani Pontificis viris maturioribus aetatis, saltem quinque abhinc annis in matrimonio viventibus juxta normas ab apostolo Paulo in Epistolis ad Titum et Timotheum statutas’. Dixi.” Também: KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato para homens casados. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 26, f. 4, dez. 1966, p. 915.

de, observando a realidade, tentar sorver um imperativo decorrente da evangelização bem como sua insistência, sem perverter o valor do celibato, na possibilidade de coexistência de um ministério sacerdotal suplementar conferido a leigos ao lado de um outro célibe. Talvez sua ideia seja demasiada centrada na evangelização via ministros ordenados, contudo é uma legítima preocupação como o anúncio do evangelho e com a vida Eucarística dos fiéis, visto que só ao clero é facultado celebrar missa. Acerca de sua percepção sobre a assembleia conciliar confirma-se aquilo que ele defendia quando da preparação dessa celebração, isto é, de que “a Igreja em estado conciliar está se ‘dessecundarizando’ para mais ‘essencializar-se’”<sup>1269</sup> Nesse caso particular, o essencial é o anúncio do evangelho e a vida sacramental, desse modo, se para atingir esse fim o caminho fosse agregar um novo entendimento do ministério sacerdotal, assim deveria ser feito, como de fato propôs Dom Pedro Paulo.

Daqueles intensos dias iniciais de outubro até o fim do Concílio ainda se processariam quase dois meses. As questões levantadas por Dom Pedro Paulo Koop ainda seriam indiretamente aventadas pelo cardeal Döpfner<sup>1270</sup> em Congregações Gerais e por Alfrink, que se tornou amigo do bispo de Lins, em uma conferência dita nas cercanias de Roma.<sup>1271</sup> O próprio prelado Missionário do Sagrado Coração, em sua mensagem no encerramento do Concílio aos seus diocesanos, afirma que a questão do celibato, não tratada no Concílio, tinha “real possibilidade e esperança de que estes assuntos [natalidade e celibato] sejam tratados a fundo no sínodo dos Bispos.”<sup>1272</sup>

O encerramento do Concílio, como prometido desde o final do período anterior, ocorreu com o fim da quarta sessão. As Congregações Gerais encerraram seus trabalhos no dia seis de dezembro. Cardeal Sueens, num discurso, fez um agradecimento que listou toda a sorte de pessoas envolvidas no Concílio.<sup>1273</sup> Igualmente foi lida a Constituição apostólica com a qual se promulgava um ano jubilar, após o Concílio.<sup>1274</sup> Também neste dia cada bispo ganhou um anel de ouro e uma medalha com seu nome cunhado nela. O primeiro, oferta do Papa; o segundo, da prefeitura de Roma.<sup>1275</sup> No dia seguinte, celebrou-

---

<sup>1269</sup> ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Dia para sempre memorável: 11.10.1962 **A Fé**. Bauru, 11 out. 1962, p.6. (Negrito no original)

<sup>1270</sup> Cf. AS IV/5, p. 767.

<sup>1271</sup> Cf. CAPRILE, Giovani. **II Concílio Vaticano II**: Quarto período. Roma: La Civiltà Católica, 1969, p. 229.

<sup>1272</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1273</sup> Cf. AS IV/7, 643-644.

<sup>1274</sup> Cf. AS IV/7, 635-640.

<sup>1275</sup> Cf. AS IV/7, 617.



se a última sessão pública do Concílio com a qual se aprovava os documentos finais da assembleia conciliar. Na missa, antes da sessão, Paulo VI fez uma longa homilia<sup>1276</sup> onde tentou apresentar a importância religiosa do Concílio, isto é, aquilo que ele diz da relação da humanidade com Deus. No dia seguinte, oito de dezembro, assim como iniciara sob uma festa patronal devotada à virgem Maria, encerrou-se após uma missa votiva da Imaculada Conceição, o vigésimo primeiro Concílio da história da Igreja, o Vaticano II.

O bispo de Lins antecipando aquilo que o Episcopado do Brasil fizera para o país inteiro, o fez para seu bispado, isto é, escreveu uma mensagem de saudação. O texto é datado de onze de novembro, um mês antes do encerramento do Concílio. Na carta, Koop faz uma síntese pastoral dos principais temas dos documentos conciliares. Seu olhar, todavia, na esteira do que pedia Paulo VI, dirige-se para o pós-Concílio. Entendendo que se para alguns pode parecer difícil a recepção do Concílio, pela estreita colaboração entre hierarquia e fiéis, seria dirimida grande parte das dificuldades. Gerando, desse modo, uma nova hora na Igreja na qual ouve-se e atende-se “ao que o espírito irá [...] dizer através da Igreja.”<sup>1277</sup> O Bispo Missionário do Sagrado Coração certamente está se referindo ao tempo da recepção do Concílio que já iniciara, mas que precisa ser aprofundado ao final do evento conciliar.

### Conclusão parcial

Ao termo deste capítulo pode-se dizer que a ideia de estreitar o raio de estudo, “o nível de observação”<sup>1278</sup> sobre Dom Pedro Paulo Koop e o Concílio Vaticano II foi minimamente desenhado. Buscou-se apresentar na experiência de um indivíduo particular, uma modulação pessoal de uma história global, no caso a do Concílio convocado por João XXIII. Não se tratou de uma mutilação da história ou de uma versão míope, parcial ou atenuada do evento, mas sim de uma variante singular de um fato maior, narrado a partir de um personagem menor que do Concílio tomou parte. Traçou-se, assim, um olhar particular sobre o Vaticano II.

A opção metodológica de divisão desta unidade favoreceu um espectro dilatado acerca do Concílio celebrado na primeira metade da década dos anos sessenta do século passado. Observar o evento conciliar, sob a perspectiva de Pedro Paulo Koop, quase que

---

<sup>1276</sup>Cf. AS IV/7, 654-662.

<sup>1277</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1278</sup>RAVEL, Jacques. **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1ª ed. 1998, p. 27.

naturalmente, levou a ler os movimentos pré-conciliares de renovação em curso no mundo, na Igreja e, especificamente, em Bauru. Movimento estes gestados na Europa, mas que tiveram grande incidência nessa região específica, isto é, no noroeste paulista. Igualmente, a escolha desse recurso de apresentação do conteúdo, possibilitou entender a dialética relação que o Vigário Decano de Bauru estabeleceu entre as ações da Igreja no Brasil, os ventos renovadores do Concílio e a ação do prática-pastoral em seu decanato e na diocese para qual ele verteu esforços para ser constituída. Ainda sob o influxo dessa perspectiva, foi possível contemplar a movimentação do religioso Missionário do Sagrado Coração dentro do universo do Concílio e como esse ambiente, associado às suas preocupações com a questão da evangelização, concorreram para a elaboração de uma proposta que, se não única no conteúdo, foi singular pelo debate que pôs em voga.

As linhas escritas ao longo deste capítulo, acusaram a relevante contribuição que os movimentos bíblico, litúrgico, ecumênico e de renovação paroquial apresentaram para a Igreja do noroeste paulista, particularmente a arquidiocese de Botucatu. Se num plano macro na Igreja, essas forças desencadeavam um processo de renovação, no decanato de Bauru capitalizados pelo Vigário Decano, elas promoveram significativas mudanças, se vistas em conjunto. Nesse sentido, as reformas menores promovidas por Pio XII e acolhidas de forma positiva nessa circunscrição eclesiástica concorriam para uma renovação eclesial. A questão bíblica, embora gozasse de uma perspectiva própria nas páginas do jornal *A Fé*, também concorria para uma aproximação do laicato do texto Sagrado. A multiplicação das paróquias e a subversão do conceito jurídico-canônico da vida paroquial agregou um desejo de uma transformação dessa estrutura. Igualmente, a aposta na contribuição do Laicato, mormente segundo modelo da ação católica, tornou-se caudilho e impulsionador da recepção ativa e concreta de movimentos posteriores na Igreja. Como artífice desse processo, não se pode excluir a figura vultuosa do Bispo e, posteriormente, arcebispo de Botucatu. No caso de Padre Pedro Paulo Koop eleito Vigário Decano por razões pessoais do arcebispo (aventa-se afinidade, visões similares de vida eclesial), por estar à testa dessa unidade do arcebispado e ter-se tornado grande entusiasta desses movimentos de renovação, pode-se dizer que eles fecundaram um espírito aberto a mudanças, renovações e novos entendimentos da missão da Igreja.

Essa abertura às mudanças encontrou espaço e ocasião na celebração do Vaticano II. Padre Pedro Paulo Koop, como tentou-se demonstrar, antes de ser membro efetivo da assembleia conciliar assumiu com esperança aquilo que esse evento poderia significar. Avaliou-o como um ambiente propício para o futuro da Igreja, cheio de possibilidades

numa época de mudanças. Cunhou em forma de neologismo – “essencializar-se” – o que essa assembleia poderia significar, isto é, a capacidade e a oportunidade que a Igreja teria, sem abdicar de seu largo patrimônio, de adentrar em uma nova e essencial etapa de sua missão evangelizadora. O Concílio, portanto, aos olhos do sacerdote holandês, dentro da mais lídima tradição eclesial, tornou-se o fórum singular para um avanço no projeto de anunciar a humanidade, com um rosto renovado, a Boa nova do Reino. Era, igualmente, espaço para inovar, criar ousar em benefício da própria missão da comunidade eclesial.

Essa interpretação do que seria o Concílio, destacada por aquele que se tornou bispo de Lins, o influenciou a urdir uma proposta nova e conseqüente acerca da obrigação da Igreja de cumprir o mandato de anunciar o Evangelho a todos os povos. Contrário a execução dessa ordem, aos olhos de Dom Pedro Paulo Koop, particularmente na América Latina, estava a escassez de presbíteros, o diminuto número de sacerdotes em vista da crescente população. Sobretudo lhe preocupava o acesso de milhares de fiéis a eucaristia e a parca penetração, por falta de ministros, da Igreja em diversos ambientes sociais.

Ante tal cenário, como buscou-se demonstrar, o Bispo holandês divisou uma ocasião, uma motivação e concluiu um projeto. O Vaticano II tornou-se a ocasião. A falta de sacerdotes e a ínfima penetração da Igreja em muitos setores com prejuízo ao mandato evangélico, tornou-se a motivação. Associando uma a outra, o prelado apostou na possibilidade, segundo a conveniência do Papa das Conferências Episcopais e dos bispos titulares, de conceder a homens casados, que atendessem algumas exigências, a ordenação presbiteral. Ele chamou esse tipo de presbíteros de “clero de suplementar.” Tratava-se, antes que de uma afronta ao celibato – com o qual ele concordava e defendia - do corolário da sua preocupação pastoral e de sua devotada atenção a evangelização na América Latina. Talvez uma preocupação demasiada centrada na figura do sacerdócio ministerial, contudo permeada por uma noção evidente de colaboração do laicato fiel e comprometido com a Igreja. De fato, para o bispo de Lins, o Concílio foi um momento para ousar e inovar em vista da preocupação com o bem da Igreja.

Por fim, pode-se dizer que a percepção pessoal desse evento de proporções globais que foi o Concílio, na perspectiva de Dom Pedro Paulo Koop, tem um acento especial. Ela não foge àquilo que o próprio Vaticano II se propunha, isto é, de fazer uma atualização, um *aggiornamento* da estrutura eclesial. Sua preocupação é estritamente pastoral, seu desejo é somente fazer com que a evangelização seja efetiva e concreta em todas as realidades. Se os postulados defendidos explicitamente pelo Bispo Missionário do Sagrado Coração não se tornaram diretrizes conciliares, aqueles que foram assumidos

pela assembleia, tonaram-se mote da ação pastoral do purpurado. Ele a seu modo, portanto, desencadeará com o auxílio das forças vivas da Igreja em Lins, bispado que lhe fora confiado, um processo de recepção do Vaticano II.

### III CAPÍTULO

#### O CONCÍLIO E O PERSONAGEM: alguns aspectos da recepção do Concílio na diocese de Lins sob a liderança de Pedro Paulo Koop

##### Introdução

Dentro da concepção que adotamos para estruturar a construção desta tese(cíclica), retornamos ao personagem principal, Dom Pedro Paulo Koop. Ele que, uma vez tendo vivido o Concílio, desde a preparação, ainda padre e como Bispo, nas últimas sessões, agora volta a Lins com a meta de dar curso aos postulados que a assembleia conciliar promoveu. Buscar-se-á, desse modo, revisitar e interpretar o percurso delineado pelo Bispo Missionário do Sagrado Coração apresentando o modo como ele entendeu e operacionalizou, em sua diocese, a lufada renovadora sobejada na Igreja pelo Concílio Vaticano II (1962-1965).

O objetivo principal, portanto, deste fragmento é traçar o modo como Dom Paulo Koop entendeu e propôs as deliberações conciliares. Como ele operou o processo de recepção do Vaticano II em sua diocese. Dado que os ideais conciliares são múltiplos e atingem diversos aspectos da vida eclesial, não se deve ter a pretensão de apresentar todos os níveis desse processo, mas elencar alguns que, a este juízo, sobressaíram-se sob o pálio do episcopado do bispo holandês. Assim, parte-se do que configuramos como metodologia que ele usou para ler o Concílio e quais instrumentais serviu-se para operacionalizá-la. Desse ponto, apresenta-se aspectos eclesiológicos da recepção do Vaticano II em Lins bem como a questão dos ministérios na perspectiva do bispo diocesano. Por fim, dentro da lédima tradição do debate acadêmico, aponta-se vozes que divergiram das interpretações de Dom Paulo e até mesmo opuseram-se ao seu modo de ver e agir.

Metodologicamente adota-se, para ajuizar sobre o processo de recepção, o conceito do teólogo Gilles Routhier defendido, entre outras, na conhecida obra *La réception d'un Concile*<sup>1279</sup> na qual ele apresenta uma metodologia operacional do conceito de recepção. Admite-se, na linha do teólogo canadense,<sup>1280</sup> a premissa defendida por Yves Congar que, recepção é "o processo pelo qual um corpo eclesiástico faz

<sup>1279</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993; ROUTHIER, Gilles. La ricezione del concilio: Mentalità, soggetti e tempo de un percoso laborioso. *Pixtis&praxis*. Curitiba. v. 4, n. 2, jul/dez. 2012, p. 477-

<sup>1280</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 69: "Descrevemos a recepção como um processo espiritual pelo qual as decisões propostas por um Concílio são recebidas e assimiladas na vida de uma igreja local e se tornam para ela uma expressão viva da fé apostólica."

verdadeiramente sua uma determinação que ele não deu a si próprio, reconhecendo na medida promulgada, uma regra que lhe convém à vida."<sup>1281</sup> Dado que essa é a configuração de recepção, quer-se na perspectiva de Routhier, estudar o processo de recepção em Lins sob a direção de Dom Pedro Paulo Koop. A fim de avaliá-lo servimos dos conceitos de recepção Prática e Kerigmática<sup>1282</sup> para definir em que nível os postulados conciliares foram apropriados pelos atores do processo de recepção (Bispo, leigos, comunidades).

Desse modo, na primeira parte deste texto será apresentado a forma como Dom Pedro Paulo Koop contemplou o evento que ele considerava decisivo na história da Igreja do século XX, o Vaticano II. Aponta-se, assim e a este juízo, os principais elementos que lhe marcaram e que, de algum modo, seriam aprofundados no seu modo de receber o Concílio. Destaca-se, ainda neste fragmento, os instrumentais de que ele se serviu para tornar efetivo, ao menos inicialmente, o processo de recepção.

Numa segunda fração deste capítulo, o timbre será a apresentação de elementos históricos concretos que caracterizam a recepção sob a chancela do episcopado de Dom Pedro Paulo Koop. São arrolados argumentos que buscam vicejar o processo de recepção de teses conciliares na perspectiva da eclesiologia, dentre os quais sobressaem-se a questão da Igreja povo de Deus, a colegialidade episcopal (e pastoral) e o desenvolvimento humano. Todos os elementos descritos e suas consequências são avaliados na perspectiva do processo de recepção, para definir em qual nível eles se corporificaram na pastoral orgânica da diocese de Lins.

Os ministérios leigos e ordenados, dentro do processo de recepção no bispado de Lins e sob a intuição do seu bispo diocesano, são o mote de reflexão da terceira fração deste capítulo. Entre Dom Paulo Koop e a discussão sobre os ministérios (particularmente o ordenado) estabeleceu-se uma sólida ligação. Em seu bispado, nos anos pós-conciliares, sobretudo em relação ao debate dos ministérios, o bispo holandês traçou paradigmas e buscou implementar um modelo laical adulto, corresponsável e, em certa medida, uma vez vocacionado, apto para o ministério sacerdotal, celibatário ou casado. Esses elementos e os argumentos dessa proposição são apresentados e analisados em perspectiva de recepção nesta parte do texto.

---

<sup>1281</sup> CONGAR, Yves. A "Recepção como realidade eclesiológica". In. \_\_\_\_\_. **Igreja e papado**. São Paulo: Loyola, 1997. p. 254; CONGAR, Yves. A recepção como realidade eclesiológica. **Concilium: Revista internacional de Teologia**. Petrópolis, 1972, n. 7, p. 887

<sup>1282</sup> ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 87. 92

Numa quarta sessão, dentro do que preconiza o consenso acadêmico, apresentam-se vozes que se opuseram às ideias conciliares defendidas e implementadas por Dom Paulo Koop. São instituições, organizações, autoridades eclesiais, sacerdotes e agentes civis que se colocaram em pontos antagônicos aos defendidos pelo bispo diocesano de Lins. Há, de igual forma, alguns que não se opondo ao titular do sólio Linense, excederam naquilo que ele defendia, propondo teses e interpretações, que nem mesmo o bispo aventava.

Ato derradeiro deste capítulo é um pequeno epílogo para falar do processo de sucessão de Koop como um ato final de colegialidade (pastoral) do bispo com seu presbitério. Neste processo, a semelhança de muitos vividos, Dom Paulo pauta sua ação por um processo colegial (hoje, diríamos sinodal). Seu sucessor, desse modo, deveria ser escolhido a partir da Igreja local de Lins e em favor dessa Igreja pelos seus pares e chancelado pelas outras instâncias. O processo, malgrado a tentativa, soçobrou e o bispo viu frustrada sua tentativa de implementar um ainda mais seguro passo no processo de recepção. Encerra-se esse epílogo descrevendo, sinteticamente, alguns elementos da emérito do bispo Missionário do Sagrado Coração e sua morte, numa primavera de 1988.

Aponta-se por fim que, embora substancial a narrativa a seguir, ela não é e nem poderia ser totalizante. Apenas alguns elementos do processo de recepção em Lins são apresentados. Outros, naturalmente, são preteridos, não por serem de menor magnitude, mas por estarem, de alguma maneira, além do que se consegue descrever nesta tese. Os que são apresentados, constituem uma visão panorâmica de um processo sempre dinâmico que é a recepção de um Concílio.

## **1 A recepção do Concílio Vaticano II na diocese de Lins com Dom Pedro Paulo Koop: metodologia e instrumentais**

### **1.2 Percepções, motivações e “metodologia”**

Há um pouco mais de um mês de distância da celebração que marcou o encerramento do Concílio Vaticano II, Dom Pedro Paulo Koop, M.S.C redigiu uma pequena missiva aos seus diocesanos, como mencionado no capítulo anterior. Datada de onze de novembro, ela foi publicada no semanário diocesano no dia vinte e sete daquele

mesmo mês. Pouco menos de dez dias do fim da assembleia conciliar.<sup>1283</sup> O conteúdo, sintético e adensado, apresentava a visão que o bispo extraía do Concílio. Ao mesmo tempo, denunciava o que ele queria que os seus interlocutores entendessem daquele evento que para o prelado diocesano era o “maior acontecimento do século XX e [que figurava], desde já, entre os maiores - senão o maior – [tido] na história da Igreja. [...]”<sup>1284</sup> Era, portanto, algo singular e “[...]de maior repercussão e influência no curso dos séculos.”<sup>1285</sup>

A visão otimista e, em certa medida, jactanciosa do bispo Missionário do Sagrado Coração, sustenta-se a partir dos argumentos que ele vai construindo ao longo do texto. Dom Paulo lista na mensagem, excluindo-se um ligeiro preâmbulo e uma conclusão que é um apelo a um gesto de piedade popular em vista do fim do Concílio, seis aspectos que faziam do Vaticano II um evento sem precedentes: 1) uma nova visão teológica, 2) uma nova concepção pastoral, 3) um novo conceito de missionariedade, 4) uma nova forma de relacionamento do episcopado, além do 5) interesse que o evento provocou e os 6) desdobramentos que ele deveria suscitar posteriormente.

No entendimento do titular do bispado de Lins, a nova visão teológica que o Concílio portava, assumida em seus documentos, era um dado que compunha a sua percepção otimista sobre o Vaticano II. Essa nova perspectiva teológica era fruto das reflexões levadas a cabo nas últimas décadas por nomes como “Lubac, Congar, Chenu, Rahner, Schilebekx, outrora suspeitos de heterodoxos. Mas [que] o Concílio adotou-lhes o pensamento tomando-o para diretriz dos seus tratados teológicos.”<sup>1286</sup> De fato, é inegável a presença desses nomes como autênticos representantes da, assim chamada, “*Nouvelle Theologie*” incluso com a assistência de alguns deles no próprio Concílio.<sup>1287</sup> Ademais é imprescindível reconhecer a efetiva presença dos postulados oriundos desse

---

<sup>1283</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1284</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1285</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1286</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1287</sup>Cf. O’MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014, p.56: “Os Teólogos de *la nouvelle Theologie*, como Hernri de Lubac e Yves Congar foram reabilitados no Vaticano II”



movimento teológico nos documentos conciliares<sup>1288</sup> o que fez do Concílio um “exercício concreto de uma nova maneira de fazer teologia.”<sup>1289</sup>

O Bispo holandês, portanto, revela-se ciente do movimento teológico gestado no interior do Vaticano e divisa nele as possibilidades que isso resultaria para Igreja. Sob o seu juízo - embora essa ideia possa ser contestada - visto a maioria europeia no Concílio,<sup>1290</sup> a assunção de conceitos teológicos devedores da “*Nouvelle Theologie*” na assembleia convocada por João XXIII, devia ser imputada à participação dos bispos dos países em desenvolvimento. Eles por “quantidade e qualidade[...] [tornaram-se] fator decisivo no rumo renovador do Concílio. [...] entenderam, [desse modo], que a teologia mais recente lhes daria maior oportunidade de resolver problemas que a anterior.”<sup>1291</sup> Aos olhos do bispo de Lins, a capacidade de aportar respostas aos problemas do mundo moderno, o que a teologia clássica - escolástica - já não conseguia surtir, foi o que lhe fez perceber na nova teologia, assumida nos documentos conciliares, um potencial para evangelização e o diálogo com a sociedade moderna, o que efetivamente se notará, mormente na América Latina, no processo de recepção do Concílio.

Outros elementos que despontam, a partir da mensagem escrita aos seus diocesanos e que dilatam o entendimento de Dom Paulo Koop sobre a grandeza do Concílio, são a pastoralidade e a missionariedade. Para o bispo de Lins, particularmente as Constituições sobre a Igreja (*Lumen Gentium*) e sobre a Liturgia (*Sacrosanctum Concilium*) que, a seu juízo, fecundaram as bases dos outros documentos,<sup>1292</sup> são a expressão máxima do desejo da Igreja que se abre ao mundo em perspectiva pastoral. Ambas forjaram um novo modelo de atuação da Igreja, dado mais ao diálogo com o mundo do que à condenação. A guisa de corroboração dessa ideia, já na convocação do Concílio<sup>1293</sup> e mesmo no discurso de abertura da primeira sessão,<sup>1294</sup> João XXIII abriu

---

<sup>1288</sup>Cf. PALÁCIO, Carlos. **Deslocamentos da Teologia: Mutações no cristianismo**. São Paulo: Loyola. 2001, p. 35- 38.

<sup>1289</sup> PALÁCIO, Carlos. **Deslocamentos da Teologia: Mutações no cristianismo**. São Paulo: Loyola. 2001, p. 38.

<sup>1290</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 214; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 262.

<sup>1291</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1292</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1293</sup>Cf. JOAO XXIII. *Humane Salutis*. In: COSTA, Lourenço(org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 7. 12, p. 254 e 252.

<sup>1294</sup>Cf. AS I/1, p. 172-173.

um precedente no qual advogava que o Concílio deveria pautar-se por esse enfoque pastoral. Especialistas, sem prescindirem do aspecto teológico que gozou o evento, atestam que ele foi “em grande medida pastoral.”<sup>1295</sup> Dom Paulo, assim, a partir de sua experiência no interior do Concílio, atesta esse caráter intuído pelo Papa, que convocou o Concílio, e por especialistas que o analisaram posteriormente. O ordinário do bispado de Lins, talvez pela extensão e a finalidade da mensagem, não deixa explícito o que seria a nova perspectiva pastoral do Concílio, contudo argumenta em favor da renovação litúrgica como um sinal dessa capacidade da Igreja adaptar-se e, com isso, cumprir sua missão. Assim, pode-se intuir que a pastoralidade defendida pelo bispo de Lins é aquela na qual a Igreja é capaz de chegar de maneira mais concreta àqueles a quem busca anunciar sua mensagem:

Pastoralmente, impõe-se em primeiro lugar a constituição sobre a liturgia. Foi ela que inspirou, justamente com a constituição ‘*Lumen Gentium*’ sobre a Igreja todos os outros documentos. A constituição sobre a liturgia representa uma quase revolução, cheia de ideias novas e de um significado tal que só ela basta para justificar e qualificar o Concílio de magnificamente bem-sucedido. Aliás, praticamente esta constituição já foi ultrapassada em certos pontos pela comissão pós-conciliar. Por exemplo: na constituição o ‘canon’ da missa em língua vernácula. A comissão pós-conciliar, porém, já preparou uma experiência geral com três fórmulas do canon (como aliás, da missa toda) nas quais a língua vernácula é aceita também para o canon.<sup>1296</sup>

A questão da missionariedade também é alegada como um fator importante no arcabouço do Concílio para o bispo da diocese situada ao noroeste do estado de São Paulo. Aos seus olhos, o Concílio reafirmou a natureza missionária da comunidade eclesial. O entendimento de Koop sobre essa ideia, tal como ele argumenta, repousa sobre o documento que versa acerca da missão (*Ad Gentes*), mas também se espraia nos textos sobre a Liberdade religiosa (*Dignitatis humanae*), o diálogo com as outras religiões (*Nostra Aetate*) e Constituição sobre a presença da Igreja no mundo (*Gaudium et Spes*) tendo grande incidência na atuação e colaboração do laicato com a Igreja. Nota-se, desse modo, que Dom Paulo, à luz do Vaticano II, defende um conceito de missão que requer, como um imperativo, a colaboração do laicato - ideia que ele já sustentava desde quando

<sup>1295</sup>BRIGHENTI, Agenor. Pastoral. In: PASSOS, João Décio(org) **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus. 2015. p. 716.

<sup>1296</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

Vigário Decano em Bauru<sup>1297</sup> e que acenou ao clero como caminho de trabalho em sua primeira missiva pastoral.<sup>1298</sup> Igualmente que respeita a liberdade de culto e as outras religiões e que quer ser uma presença efetiva, transformadora e concreta na sociedade. Ele avança da concepção eclesiológica pré-conciliar na qual a Igreja possuía missões, para um entendimento de que a Igreja e sua ação é missão, a extensa diocese de Lins, portanto, será sua seara missionária. Nesse sentido, sem tergiversações, Dom Paulo advoga em sua breve missiva, que a frase “*Ecclesia natura missionaria est* – é uma das mais lapidares do Concílio”<sup>1299</sup>

Por fim, um último aspecto que desponta da nota exarada pelo titular de Lins é a colegialidade Episcopal, a seu ver algo “muito além da publicação dos documentos.”<sup>1300</sup> Lê-se na mensagem que a colegialidade é entendida numa dupla perspectiva, enquanto afeto e enquanto ato colegial. O afeto colegial deu-se pelo encontro dos bispos e pela difusão da ideia de que são eles quem, em comunhão com o Papa, efetivamente governam a Igreja. Igualmente pela apropriação de uma visão mais dilatada dos problemas de Igreja que, não raro, muitos da mesma sorte padeciam. Do ponto de vista do ato colegial, o bispo holandês, divisa na criação do instituto do Sínodo dos Bispos<sup>1301</sup> e na conseqüente reforma da cúria Romana, um mecanismo efetivo para o exercício da colegialidade, divisando que num “futuro o governo da Igreja se torne mais flexível e atue com maior abertura.”<sup>1302</sup> Deve-se recordar que já na sua entrada na diocese de Lins, em março do mesmo ano em que o Concílio se encerraria, certamente influenciado pela *Lumen Gentium*, o bispo apadrinhava a noção de que seu governo deveria ser regido por esse princípio.<sup>1303</sup> Agora, no encerramento do Concílio, contemplando o *Motu próprio Apostolica Sollicitudo* com o qual Paulo VI criava o sínodo<sup>1304</sup> essa ideia da colegialidade

<sup>1297</sup> Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 1; ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Nós os leigos somos os guardas de nossos Padres? **A Fé**. Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

<sup>1298</sup> Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.5.

<sup>1299</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1300</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1301</sup> Sobre o Sínodo dos Bispos e sua gestação durante Concílio, pode-se ler o sintético verbete: LIMA, Luiz Alves. Sínodo dos Bispos. In: SANCHEZ, Wagner; PASSOS, João Décio. **Dicionário do Vaticano II**. São Paulo: Paulus/ Paulinas, 2015, p. 911-912

<sup>1302</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1303</sup> ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

<sup>1304</sup> Cf. PAULO VI. **Motu próprio Apostolica Sollicitudo**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu-proprio\\_19650915\\_apostolica-sollicitudo.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu-proprio_19650915_apostolica-sollicitudo.html). Acesso em 11 out.2021.

saltava-lhe aos olhos e, de certo modo, influenciava sua interpretação do Concílio. Não menos simbólico desse processo, as articulações do Episcopado brasileiro em vista da construção do Plano de pastoral de Conjunto, devem ter concorrido para urdir uma visão de colegialidade prática e necessária à Igreja.

A mensagem aos diocesanos redigida por Dom Paulo Koop, ainda sob os arrebóis do Vaticano II, mesmo que germinal, ganha uma importância capital, para o entendimento da concepção que esse bispo tem do Concílio. Em muitas de suas ações e deliberações pastorais, elementos, mesmo que subliminares, dessa carta despontarão. De certo modo, o texto aporta centelhas do viés de recepção que pelo bispo será trilhado, nesse primeiro momento, chamado por teólogos de Kerigmático,<sup>1305</sup> isto é, o esforço dos pastores para tornar conhecida as deliberações de um Concílio. Nesse sentido, a importância dada a renovação teológica influirá na busca do bispo de Lins por um aprofundamento teológico da ação pastoral, visto que ela, em face aos contemporâneos desafios existenciais da evangelização, se tornaria um instrumental útil ao anúncio do evangelho. A dimensão efetiva da colegialidade reclamará, de certa maneira, a constituição de mecanismos que deem vazão a essa prática no sólio Linense. Ademais, seu acento na ideia de uma concreta presença da Igreja no mundo, pela via do diálogo ecumênico e da atuação do laicato, concorrerá para um processo de recepção que terá na ação transformadora da Igreja no mundo através dos leigos um dos seus principais pilares. Sinteticamente a ação teológica planejada e pensada, a colegialidade e o protagonismo transformador do laicato serão as vias que contribuirão para a recepção do Vaticano, sob o pálio do Bispo Missionário do Sagrado Coração que, há menos de um ano, havia assumido a diocese de Lins.

Nota-se, de forma velada na construção da mensagem do bispo, ora a partir da preocupação do próprio purpurado, ora sustentado pelas orientações do Papa, a ideia de que os desdobramentos pós-conciliar seriam os passos mais importante no momento que sucede o encerramento do Vaticano.<sup>1306</sup> A rigor, pode-se dizer que o fim do Concílio é apenas uma etapa de um processo maior em torno da recepção da assembleia findada em 1965. Nesse sentido, alguns sólios episcopais já estavam encetando mudanças, passos já

---

<sup>1305</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 74.76.; ROUTHIER, Gilles. La ricezione del concilio: Mentalità, soggetti e tempo de un percorso laborioso. **Pixtis&praxis**. Curitiba. v. 4, n. 2, jul/dez. 2012, p. 477; BRIGHENTI, Agenor. Processo de recepção de um Concílio na Igreja: uma conceituação teológica. **Encontros Teológicos. Florianópolis**. a.17, v.2. n.33. 2002, p.48-49; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Assembleia do povo de Deus (APDs): uma faceta da recepção do Concílio Vaticano II. In: BOSCHI, Caio Cesar; PINHEIRO, Luiz Antônio. **Arquidiocese de Belo horizonte e a Evangelização**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2014, p. 216.

<sup>1306</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

havia sido dados. Em outras dioceses, contudo, o caminho ainda era marcado por marchas acanhadas e incertas. Desse modo, justifica-se a apreensão em relação ao tempo pós-Concílio.<sup>1307</sup> De modo particular, no bispado que havia sido confiado ao episcopo holandês, por alguns elementos, percebe-se que esse processo caminhava de maneira vagarosa. Desse ponto considera-se que resulta, também, a ingente insistência de Dom Pedro Paulo Koop, em motivar seus diocesanos para um concreto processo de recepção do Vaticano II, que seria um “tempo difícil, mas [que com] uma cooperação cordial entre hierarquia e fiéis [se] superará todas as dificuldades”<sup>1308</sup>

Urgia uma plena cooperação entre hierarquia e os fiéis em favor da recepção do Vaticano II no Bispado de Lins. A título de contextualização, deve-se dizer que nessa sede diocesana, talvez pelo período de vacância em pleno processo conciliar ou por não gozar de condições de sorver o debate oriundo dessa assembleia, um caminho marcado por passos muito exíguos, lentos e morosos haviam sido dados na recepção do Vaticano II. Algo na linha diametralmente oposta daquilo que o pároco da paróquia Santa Teresinha havia suscitado no decanato de Bauru, sob o pálio da arquidiocese de Botucatu como descreveu-se na primeira sessão do segundo capítulo desta tese. O próprio Dom Paulo Koop dois anos após o fim do Concílio, ao explicar-se à Nunciatura Apostólica, sobre a vinda de padres para sua diocese e justificar sua reticência ao interesse do núncio em criar um bispado em Araçatuba, confirmou essa impressão:

Quando nomeado [...] bispo de Lins recebi por parte da nunciatura a recomendação de movimentar pastoralmente a diocese de Lins, que estava parada. O que estou fazendo e pretendo continuar fazendo. É uma diocese de grandes possibilidades e de fácil manejo havendo planejamento, decisão, estímulo e organização.<sup>1309</sup>

A guisa de exemplo desse processo comedido de recepção do Vaticano II, relativo à abertura do Concílio, o jornal oficial da diocese aponta apenas um breve texto no qual narra a convocação de João XXIII como uma exortação a unidade dos cristãos que estão fora da Igreja católica.<sup>1310</sup> Volvendo a um silêncio por oito longos meses, quando

<sup>1307</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1: “Era de ser ver nos últimos tempos a crescente preocupação dos padres conciliares, respeito ao tempo pos-conciliar”

<sup>1308</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1309</sup>ACDL – Arquivo da Cúria diocesana de Lins. Carta da Nunciatura ao Pe. Pedro Paulo Koop em 16 de julho de 1964. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 19, p. 2.

<sup>1310</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico na Igreja. **Bandeirante**. Lins, 7. fev.1959, p. 1.

recobrou uma breve notícia sobre o Concílio.<sup>1311</sup> O Livro tombo do bispado,<sup>1312</sup> não registra nenhuma menção a convocação feita pelo Papa eleito em outubro de 1958. Postura similar a que muitos outros meios de comunicação e dioceses tiveram naquele período. Incluso igual postura Dom Paulo Koop tivera quando, na condição de Vigário Decano de Bauru, recebera a mesma notícia.

Contudo, destoa que com o avançar do processo conciliar, a mesma dinâmica seja continuada em relação a assembleia convocada por João XXIII, numa diocese que estava tão próxima a Botucatu e a Bauru que se apropriaram, em certo sentido, de maneira proativa do período preparatório e conciliar. Em Lins, o jornal *Bandeirante*, paladino da boa imprensa na diocese, vai administrando notas homeopáticas e sem muita evolução sobre o sentido e a profundidade do Vaticano II aos seus interlocutores.<sup>1313</sup> Mesma sorte padece o principal livro de assentamentos do bispado, o tombo. Livros de registros de paróquias, também, são lacônicos quanto ao evento.

Uma circular exarada pelo titular do bispado a época, Dom Henrique Gelain, que foi reproduzida tanto na fonte hemerográfica<sup>1314</sup> – jornal – quando no Livro Tombo da diocese,<sup>1315</sup> às vésperas da abertura do Concílio, portanto três anos após a convocação de João XXIII, é a máxima manifestação do prelado diocesano sobre o Concílio. Além de orientações em nível pastoral-canônico, ele exorta, sem explicar o que ou o porquê dessa ação, que “cada sacerdote, cada religiosa, cada católico que ama sua fé e a sua Igreja, procure [...] fazer alguma coisa que deixe transparecer seu interesse por acontecimento tão grande.”<sup>1316</sup> Talvez o desconhecimento sobre o Concílio, fazia com que ele fosse pensado ou retratado como um evento de grandes proporções, mas sem grandes consequências.

No retorno do purpurado a sua diocese, ao fim do primeiro período, não houve nenhuma menção a qualquer encaminhamento conciliar. Sua partida para a segunda

<sup>1311</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. O Papa João e o Concílio Ecumênico. *Bandeirante*. Lins, 29. ago.1959, p. 1.

<sup>1312</sup>Cf. ACDL - Livro tombo da Diocese de Lins (1926- 1988).

<sup>1313</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. Concílio Ecumênico a vista. *Bandeirante*. Lins, 27. jan. 1962, p.1; REDAÇÃO. Provavelmente em outubro a abertura do Concílio. *Bandeirante*. Lins, 29. fev. 1962, p.1; REDAÇÃO. O papa pede Oração do clero pelo Concílio. *Bandeirante*. Lins, 17. mar. 1962, p.1; REDAÇÃO. A um passo do Concílio Vaticano II. *Bandeirante*. Lins, 30. jun. 1962, p.1; REDAÇÃO. Com a oração, participemos do Concílio. *Bandeirante*. Lins, 15. ago. 1962, p.1; TURKEY, Jaime. O Concílio Ecumênico e as esperanças de Unidade Cristã. *Bandeirante*. Lins, 18. ago. 1962, p. 4; REDAÇÃO. O porquê do Concílio. *Bandeirante*. Lins, 1. set. 1962, p.1; REDAÇÃO. O Dia das missões o Concílio Ecumênico. *Bandeirante*. Lins, 9. set. 1962, p.1; REDAÇÃO. Dentro do Coração do Concílio Ecumênico. *Bandeirante*. Lins, 15. set. 1962, p. 1.

<sup>1314</sup>Cf. GELAIN, Henrique. Circular 27. *Bandeirante*. Lins, 28. set. 1962, p. 1.

<sup>1315</sup>Cf. ACDL - Livro tombo da Diocese de Lins (1926- 1988), p. 82-84.

<sup>1316</sup>ACDL - Livro tombo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.83.

sessão foi acompanhada, também, de uma carta protocolar. Um texto lacônico, livre de qualquer especulação sobre o sentido e o destino do Concílio.<sup>1317</sup> Ainda que poucos fossem os desdobramentos hauridos na primeira intersessão, não há nenhuma excitação em torno daquilo que o Concílio poderia suscitar. Na segunda, intersessão, já tendo como fruto a aprovação da *Sacrosanctum Concilium*, a única orientação do purpurado é que nada seja introduzido do vernáculo sem a devida chancela da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e que as celebrações *versus populum*, caso celebradas, fossem apenas em um horário dominical e que se salvaguarda-se, para o altar, o mesmo zelo das celebrações *versus domini*, no que diz respeito as alfaias.<sup>1318</sup> Nota-se um comedimento, uma apatia no processo de acolhimento das teses conciliares. Mesmo as cartas enviadas pelo bispo, quando em Roma,<sup>1319</sup> aos seus diocesanos ou a sua alocução na Rádio Vaticana,<sup>1320</sup> demonstram um olhar menos afeito ao debate teológico ou pastoral e mais dado aos aspectos estéticos e marginais do Concílio. Os sopros renovadores do Vaticano II estavam caminhando a passos lentos em Lins. Com a transferência de Dom Gelain em abril de 1964,<sup>1321</sup> a situação se tornou um pouco mais aguda, mas pusilânime

Com a nomeação de Dom Henrique para Vacaria, o sólio Linense, ficou vacante sendo designado o vigário capitular, Monsenhor Luiz Gonzaga Passetto,<sup>1322</sup> por um estrito lapso de tempo, como atestou a história. Sob os albores do Concílio, o responsável pelo bispado de Lins, legisla sobre o uso da língua autóctone na liturgia.<sup>1323</sup> Na linha de continuidade de Dom Gelain e dando azo a comunhão com a Assembleia Nacional da Conferência dos Bispos celebrada em Roma, o vigário capitular autorizou que nas missas celebradas com o povo, após as necessárias explicações aos fiéis, algumas partes fossem rezadas em português, desde que usando as traduções autorizadas pela conferência dos bispos, ou seja, a edição típica dos beneditinos ou a edição *Lumen Christi*.<sup>1324</sup> Essa norma

---

<sup>1317</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p. 90-91; GELAIN, Henrique. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 31. set. 1963, p. 1.

<sup>1318</sup>Cf. AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Governo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 22. jul. 1964, p. 1.

<sup>1319</sup>Cf. GELAIN, Henrique. Roma, 12 de outubro de 1962. **Bandeirante**. Lins, 16. nov. 1963, p.1; GELAIN, Henrique. Roma, 30 de setembro de 1962. **Bandeirante**. Lins, 27. out. 1962, p.1; GELAIN, Henrique. O Concílio Vaticano II na palavra de Nosso Bispo diocesano. Roma, 31 de outubro de 1963. **Bandeirante**. Lins, 16. nov. 1963, p.1.

<sup>1320</sup>Cf. GELAIN, Henrique. Mensagem proferida na Rádio Vaticana, na noite 11 de novembro, por D. Henrique Gelain, bispo de Lins. **Bandeirante**. Lins, 30. nov. 1963, p.1.

<sup>1321</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p. 94.

<sup>1322</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.100.

<sup>1323</sup>Cf. AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 22. jul 1964, p. 1.

<sup>1324</sup>Cf. AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 22. jul. 1964, p. 1.

passou a vigorar a partir de agosto de 1964. Ademais, coube ao Monsenhor Passetto, na linha da reflexão sobre a indumentária dos ministros ordenados, legislar sobre a questão do *Clergyman*. Para ele, na esteira de Dom Henrique Gelain, o uso da veste sacerdotal era, a exemplo de outros bispados, autorizado em Lins. Contudo, ele não deveria ser interpretado como um caminho para secularização sacerdotal ou licença para adoção de roupas ditas civis, mas como uma adequação as necessidades do tempo.<sup>1325</sup>

Coincidentemente [ou não] a temática conciliar passa a figurar com mais frequência e volume, a partir do segundo semestre de 1964, justamente, quando Dom Pedro Paulo Koop é nomeado bispo residencial de Lins.<sup>1326</sup> Incluso, muitos textos sobre o Concílio serão assinados pelo próprio bispo.<sup>1327</sup> Deve-se ponderar que a maior aprovação de documentos com o avançar dos períodos conciliares favorecia uma maior reflexão, ao mesmo tempo, demandava uma necessidade de interpretá-los e colocá-los em prática. Naturalmente concorria-se para uma mais ampla movimentação diocesana. A essa missão, o bispo holandês que assumiu a diocese de Lins, parece ter acedido abnegadamente, confluindo para a busca da consolidação de uma Igreja que espelhasse a imagem que tinha sido delineada no Concílio. Ele mesmo entendia, como ajuizou tempos depois, que essa foi sua missão ao final do Concílio Vaticano II, isto é, “criar condições para que a renovação conciliar se realizasse no sentido de se apresentar a nossa Igreja como comunidade de fé, culto e amor para o maior bem do povo, glória do Pai e testemunho de seu Filho Jesus Cristo[...]”<sup>1328</sup>

Razões podem ser aventadas para esse singular comprometimento com a recepção do Concílio por parte de Dom Pedro Paulo Koop. Elas decorrem e são corroboradas a

<sup>1325</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. *Clergyman*, sim. **Bandeirante**. Lins, 26. set. 1964, p. 4.

<sup>1326</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. Concílio realiza sua tarefa. **Bandeirante**. Lins, 28. set. 1964, p. 1; REDAÇÃO. Há que renovar. **Bandeirante**. Lins, 3. out. 1964, p. 4; REDAÇÃO. Concílio ouve a palavra de um Leigo. **Bandeirante**. Lins, 24. out. 1964, p. 2; REDAÇÃO. Resultados positivos. **Bandeirante**. Lins, 7. set. 1964, p. 1; REOUÇAS, Conego. Orientando. **Bandeirante**. Lins, 05. dez. 1964, p. 1; REDAÇÃO. Prudência e Firmeza. **Bandeirante**. Lins, 14. ago. 1965, p. 1; REOUÇAS, Conego. Orientando. **Bandeirante**. Lins, 04. set. 1964, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1; REDAÇÃO. Concílio realiza sua tarefa. **Bandeirante**. Lins, 28. set. 1964, p. 1; REDAÇÃO. Deo Gratias. **Bandeirante**. Lins, 11. dez. 1965, p. 1; PINTO, Maria Lúcia Sampaio. O bispo de Lins e a intervenção que desejou fazer sobre o Celibato. **Bandeirante**. Lins, 11. dez. 1965, p. 1; PINTO, Maria Lúcia Sampaio. O bispo de Lins e a intervenção que desejou fazer sobre o Celibato. **Bandeirante**. Lins, 18. dez. 1965, p. 3; REDAÇÃO. O Texto sobre liberdade religiosa está melhor. **Bandeirante**. Lins, 18. dez. 1965, p. 3.

<sup>1327</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Uma grande Bênção do Concílio: Jubileu Extraordinário. **Bandeirante**. Lins, 05. março. 1966, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Ao povo de deus na Diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 05. março. 1966, p. 1.4; KOOP, Pedro Paulo. jubileu extraordinário. **Bandeirante**. Lins, 12. mar. 1966, p. 1; KOOP, Pedro Paulo. Perfis Conciliares - Bispo. **Bandeirante**. Lins, 26. mar. 1966, p. 1-2; KOOP, Pedro Paulo. Liturgia e realidade. **Bandeirante**. Lins, 16. abril. 1966, p. 1.

<sup>1328</sup>DIOCESSE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 7.



partir de alguns indicativos que o próprio prelado foi delimitando em sua história. Naturalmente, seu comprometimento com o movimento histórico que o Concílio desencadeou, como ele mesmo testemunhou desde o período preparatório até o seu encerramento, é um elemento distintivo. De fato, o bispo Missionário do Sagrado Coração divisava o Vaticano II, como um universo de possibilidades, de “repercussão e influência no curso dos séculos”<sup>1329</sup> para a Igreja, com consequências indizíveis que concorreriam para o cumprimento mais efetivo de sua missão essencial que é anunciar o Evangelho.<sup>1330</sup> Por esse motivo, quando despontou a possibilidade de propor algo que, a seu juízo, iria confluir para que a Igreja consolidasse seu fim último de maneira mais eficaz, ele não hesitou e o fez, mesmo a expensas de interpretações torpes, como no caso da ordenação de homens casados. Nesse sentido, era espontâneo que o bispo residencial de Lins, quisesse verter esforços para que as ideias decorrentes do Concílio fossem assumidas no bispado ao qual era chamado a cuidar.

Um outro dado que ajuda nessa compreensão é a guinada teológica e eclesiológica que o Vaticano II ofertou à Igreja em vários campos, mas particularmente na identidade episcopal. A teologia do episcopado renovou-se quanto ao entendimento da natureza e missão dos bispos em relação ao primado petrino, embora não tenha se imposto um modelo genuinamente novo de episcopado.<sup>1331</sup> Doravante, o bispo é visto como membro do colégio episcopal, em razão de sua consagração - e não como um sucedâneo papal - chamado a servir a Igreja em sua universalidade. Surge, desse ponto, um novo perfil de episcopado, oriundo de uma teologia que se fundamenta na colegialidade, na sucessão apostólica e no serviço. Nesse sentido, em boa medida, “os bispos saíram do Concílio empoderados em seus ministérios, compromissados com uma comunhão maior através da colegialidade e submetidos à função do serviço.”<sup>1332</sup> Inclui-se nesse bojo, o purpurado de Lins.

Essa invulgar nova compressão do episcopado, também permeou a figura de Dom Pedro Paulo Koop. Já em sua mensagem ao final do Concílio, como dito, ele mostra-se

---

<sup>1329</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1330</sup> ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Dia para sempre memorável: 11.11.1962 **A Fé**. Bauru, 11 out. 1962, p. 6.

<sup>1331</sup> Cf. FAGGIOLI, Massimo. **Il vescovo e il Concilio**: Modello episcopale e aggiornamento al Vaticano. Bolonha: Il Miluno, 2005, p. 449: “È indubitabile il fatto che per molti vescovi, soprattutto Giovanni, il concilio è stato una grande scuola di ecclesiologia, di pastoralità, di spiritualità, ma è difficile firmare che il Vaticano II ha consegnato anche un nuovo modello di vescovo.”

<sup>1332</sup> PASSOS, João Décio Paulo Evaristo Arns: Pastor do aggiornamento conciliar junto dos pobres e vulneráveis. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 81, n. 320, 16 dec. 2021, p. 748.

extasiado da grandeza da guinada teológica do Vaticano II. Logo após o encerramento da assembleia, ele publicou um artigo chamado Perfis Conciliares no qual traça o “novo tipo de bispo”<sup>1333</sup> que despontara a partir do decreto *Christus Dominus*. O bispo holandês, aborda a questão dentro da lídima tradição conciliar. Apresenta pedagogicamente a teologia do ministério do bispo fundada na colegialidade, na apostolicidade e no serviço. Salta aos olhos as observações que o purpurado vai sublinhando ao longo do texto. Inicialmente ele enaltece a missão universal dos bispos: “deve ter olhos voltados para além dos limites diocesanos”<sup>1334</sup> ressaltando a solicitude com a Igreja universal; de Igual modo, acentua que, dado o escopo do Concílio, o bispo deveria ser um pastor e exercer seu tríplice múnus – ensinar, reger e governar - “caraterizado pelo senso pastoral”<sup>1335</sup> enaltecendo o aspecto do serviço. Igualmente defende que a atuação pastoral do bispo pode e deve ser feita na perspectiva da colegialidade. Koop advoga que esse decreto, assim como a *Lumen Gentium*, convida “a novos avanços no terreno pastoral.”<sup>1336</sup> Ele entende que decorre do compromisso dos bispos impingir as mudanças propostas pelo Concílio:

Todos os que se alegraram com a constituição dogmática sobre a Igreja, entenderão a importância deste novo documento. Com efeito, sem o impulso decidido e decisivo dado pelos bispos, sem o seu ativo contributo aos progressos da Igreja toda, a teologia do episcopado correria o perigo de não passar às instituições e costumes. E é isto que importa e criará a condição de uma fecundidade imediata e durável. O decreto sobre o episcopado, doravante, dita com toda clareza o dever dos bispos. A eles cabe a tantas esperanças!<sup>1337</sup>

Ou

Pesa sobre nós o dever de dar forma e vida, figura concreta ao Espírito do Concílio. Havemos de congregar-nos, nós todos, no esforço sério de dar forma e vida ao Concílio em nosso país, em nossa região, em nossa região, em nossa paróquia.<sup>1338</sup>

Nesse sentido, pode-se dizer que Dom Pedro Paulo entende a necessidade da recepção do Concílio como um imperativo decorrente de sua função episcopal – que de fato, também, era. Ele, destarte, revestiu-se desse novo espectro que passara a gozar o bispo e das responsabilidades para com a Igreja inteira, mormente após o encerramento da assembleia convocado por João XXIII. Assoma-se a isso a clareza, como demonstrou-

---

<sup>1333</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Perfis Conciliares – o Bispo. **Bandeirante**. Lins, 26. mar. 1966, p. 1.

<sup>1334</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Perfis Conciliares – o Bispo. **Bandeirante**. Lins, 26. mar. 1966, p. 1.

<sup>1335</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Perfis Conciliares – o Bispo. **Bandeirante**. Lins, 26. mar. 1966, p. 1.

<sup>1336</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Perfis Conciliares – o Bispo. **Bandeirante**. Lins, 26. mar. 1966, p. 2.

<sup>1337</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Perfis Conciliares – o Bispo. **Bandeirante**. Lins, 26. mar. 1966, p. 2.

<sup>1338</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Ao povo de Deus na Diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 05. março. 1966, p. 4.

se, da singularidade para o bispo de Lins do Concílio, impulsionando-o a agir em vista de dilatar o evento e suas ideias em todos os níveis da comunidade eclesial, com todas as alegrias e dificuldades que essas opções poderiam oferecer. Esses fatores, entre outros, associados a incipiência do Vaticano II em sua diocese ajudam a entender as motivações que fizeram com que Dom Koop assumisse com diligência a questão da recepção no bispado de Lins.

Nota-se que conquanto a urgência da recepção do Vaticano II se fizesse imperiosa e Dom Pedro Paulo reclamasse essa celeridade, sua postura no processo pós-Concílio foi de agir no espectro da comunhão eclesial, alinhado à Conferência Nacional dos Bispos - evidentemente com um acento pessoal face à realidade que se lhe impunha pastorear. O Bispo de Lins, assim, não entende esse processo como uma atitude isolada, alijada ou de protagonismo individual. Ele a divisa como uma ação a ser celebrada em plena consonância com a Igreja no Brasil. Falando ao povo de sua diocese, Dom Paulo atesta ciência de que o processo de recepção deve ser efetivado, mas dentro de uma linha comum, de um planejamento comunitário:

A multiplicidade na unidade, portanto, não pode nunca ser promovida pelo capricho pessoal de quem quer que seja na Igreja. É antes a expressão de saída 'diaconia', isto é, da Igreja a serviço da humanidade. Mister se faz, então entrem todos para o esforço conjugado sob a direção da hierarquia. A cúpula da nossa CNBB e suas assessorias estão em plena fase de elaboração de planos concretos acerca dos modos como dar expressão adequada ao espírito, às visões e ideias, do Concílio. Muita água ainda correrá pelo Tietê até que os pensamentos e planos estejam suficientemente formulados, segura prática e aprofundadamente. Não será fácil aplicar ideias e normas formuladas e válidas para a igreja universal, à concreta situação Brasileira. No momento em que escrevemos, em várias partes do Brasil reúnem-se equipes de estudiosos que formam a nata da inteligência católica brasileira bispos, sacerdotes, religiosos e leigos a fim de tratar pontos vitais da vida cristã, da Igreja do Brasil sob a luz do Espírito do Concílio Vaticano II. Os estudos resultarão certamente na elaboração de diretrizes para uma caracterização nacional do Concílio universal. [...]

Iniciou-se agora a fase do esforço conjunto entre o trabalho humano e a direção do espírito santo, que é vida da Igreja. Cada um de nós arque com a responsabilidade que lhe cabe.<sup>1339</sup>

A missiva dirigida ao povo de Deus na diocese de Lins,<sup>1340</sup> em meados de 1967, de certo modo, vai tornando mais agudo o modo como a recepção do Concílio será

<sup>1339</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Ao povo de Deus na Diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 05. março. 1966, p. 4.

<sup>1340</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Ao povo de Deus na Diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 05. março. 1966, p. 4.

capitaneado pelo seu bispo. Nota-se uma opção por um processo colegiado secundado pelas deliberações da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e à luz da realidade própria da Igreja particular no noroeste paulista. A dimensão colegial será delineada pela adesão ao Plano de Pastoral de Conjunto do Episcopado Nacional, mote da ação pastoral no território do bispado de Lins. Influência proporcional ou maior terá nesse processo o Plano Regional de Pastoral.

O Plano Nacional de Pastoral de Conjunto, como se sabe,<sup>1341</sup> fora elaborado e aprovado pelo episcopado nacional quando ainda soavam os derradeiros acordos do Vaticano II, no apagar das luzes da última sessão. Gestado entre a penúltima e a última sessão conciliar, após intensos debates e consultas, foi aprovado na VII Assembleia da CNBB, durante o quarto período conciliar. Visava “criar meios e condições para que a Igreja no Brasil se ajuste, o mais rápida e plenamente possível, à imagem de Igreja do Vaticano II”<sup>1342</sup> e para isso estabeleceram-se seis linhas de ação: 1) Unidade Visível da Igreja Católica, 2) Missionária; 3) Catequética; 4) Litúrgica; 5) Ação Ecumênica 6) Ação da Igreja no mundo. Essas linhas eram inspiradas nos documentos conciliares e visavam dar azo aos seus princípios na realidade concreta da Igreja no Brasil.

Nesse sentido, em outubro de 1966, Dom Pedro Paulo Koop publicou no jornal oficial da diocese um artigo no qual anuncia que havia deliberado acolher e promover, de acordo com a Comissão Diocesana de Pastoral, as seis linhas de ação do Plano de Pastoral de Conjunto do episcopado brasileiro.<sup>1343</sup> Seu argumento é que essas seis linhas seriam a base sob a qual a ação pastoral da diocese seria fecundada. Ele contempla uma pastoral “missionária, que não deve limitar-se a conservar intactas(*sic*) ou aperfeiçoar posições adquiridas, mas deve estender-se [...] suscitando por virtude do Espírito de Deus, formas e instituições sempre novas para satisfazer as novas exigências.”<sup>1344</sup> Por meio dessas linhas que fertilizariam ação pastoral, o Bispo de Lins advoga que a prática pastoral seria, capaz de “despertar e alimentar, revigorar e reanimar a vida católica a fim de torná-la substancial nos princípios doutrinários e sólida na prática dos mesmos.”<sup>1345</sup>

<sup>1341</sup>Cf. BARROS, Raimundo Caramuru (Servus Mariae). **Para entender a Igreja no Brasil: a caminhada que culminou no Vaticano II**. Vozes: Petrópolis, 1994, p. 165-179.

<sup>1342</sup>CNBB. **Plano de Pastoral de Conjunto** (1966-1970). s/e; s/l, s/d; p. 11. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagetdb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183626.pdf](http://portal.pucminas.br/imagetdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf). Acesso em 02 jan.2022.

<sup>1343</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Linhas Pastorais. **Bandeirante**. Lins, 08. out. 1966, p. 1: “Seis aspectos que inspiram nossas linhas pastorais são as seguintes: A Igreja una (1), Missionária (2), catequética (3), litúrgica (4), Ecumênica e incarnada(*sic*) (6) na humanidade e no mundo”.

<sup>1344</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Linhas Pastorais. **Bandeirante**. Lins, 08. out. 1966, p. 1.

<sup>1345</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Linhas Pastorais. **Bandeirante**. Lins, 08. out. 1966, p. 1

Concorrendo para levar a fé do povo a uma “plena maturidade de desenvolvimento, dando-lhe solidez, consciência de si, capacidade de resistência e cultura.”<sup>1346</sup>

Nota-se que o titular de Lins, deposita na ação pastoral concatenada, planejada e organizada o viés para consecução do processo de recepção do Vaticano II. O plano de Pastoral de Conjunto, um dos primeiros frutos coletivos do Episcopado Nacional decorrente do Concílio, seria o aguilhão que metodologicamente conduziria esse processo em muitas dioceses do país. De maneira particular no bispado de Lins, sob a chancela do Bispo Missionário do Sagrado Coração, Dom Pedro Paulo Koop.

Grosso modo, o processo de recepção que será empreendido por Koop no bispado de Lins, e analisado por esta tese, decorre das percepções que o purpurado teve ao final daquela colegiada reunião de Bispos, adjetivada por João XXIII de novo pentecostes. As impressões de Dom Paulo eram de que a assembleia fora um evento único que renovou teologicamente a Igreja ajudando-a a delinear uma imagem mais nítida de si mesma e realista com horizonte que a circundava, abrindo-a ao diálogo com o mundo, com as outras religiões e a uma corresponsabilidade maior do episcopado com a sorte da Igreja universal. Essa impressão fez-lhe assumir uma postura nova em seu episcopado e em seu labor pastoral, derivado de um novo conceito de episcopado gestado no Concílio. Associado a isso, o moroso processo com que Lins havia recebido os passos iniciais do Vaticano II, motivaram seu empenho em fazer com que o bispado se movimentasse em torno da renovação conciliar proposta. Sua ação, contudo, não ressentia-se de um desejo individual ou um protagonismo particular, mas sim de uma postura metodológica assumida em conjunto com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, através do Plano de pastoral de Conjunto.

Para dar musculatura as suas opções e azo ao projeto de fazer com que a Igreja em Lins equacionasse esse movimento de recepção do Vaticano II, Dom Pedro Paulo Koop buscou fortalecer instrumentos que pudessem favorecer esse percurso. Entre outros, ele divisa no Secretariado Diocesano de Pastoral, um instrumental a serviço da recepção do Vaticano II.

---

<sup>1346</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Linhas Pastorais. **Bandeirante**. Lins, 08. out. 1966, p. 1.

## 1.2. Secretariado Diocesano de Pastoral: instrumental a serviço da recepção do Concílio em Lins

No processo de recepção do Vaticano II na diocese de Lins, sob o pálio do episcopado de Dom Pedro Paulo Koop (1964-1980) revelou-se como instrumental basilar desse movimento, a consolidação do Secretariado Diocesano de Pastoral. Ele se configurará como elemento de vanguarda de um primeiro nível da recepção na qual há um esforço concentrado, articulado e deliberado dos pastores ou dos atores principais de uma assembleia conciliar para tornar conhecida as deliberações desse evento.<sup>1347</sup> Tratava-se de um organismo consentâneo e necessário para vicejar e operacionalizar as temáticas que decorriam da assembleia conciliar. Era, como sustentou o bispo diocesano ao dirigir-se ao seu presbitério, o Secretariado de Pastoral o “bom começo entre nós”<sup>1348</sup> ou como disse em outra oportunidade, uma “enorme força de reflexão e propulsão”<sup>1349</sup> do bispado. Ou ainda, “uma espécie de executivo a serviço do povo de Deus,”<sup>1350</sup> “portadores imediatos do pensamento e ação do Bispo”<sup>1351</sup>

A esse mecanismo competiria, em grande medida, favorecer que as ideias conciliares que precisavam ser implementadas fossem assumidas e equacionadas no universo particular do imenso bispado Linense que era composto por diversas cidades. Todas alocados na região noroeste de São Paulo que tinham a base de sua economia calcada na pecuária ou prenotada numa empobrecida agricultura de subsistência, sobretudo após a grave crise do café que anteriormente havia representado a fase áurea da região.<sup>1352</sup> Eram mais de trinta municípios, quase todos margeando os rios Tiête, Feio, Tibiriçá e Aguapeí ou cortados pelas antigas estradas de ferro, desde o limite com a diocese de Bauru até o estado do Mato Grosso, na então, diocese de Campo Grande. Essas comunidades, açambarcavam, à época, uma população de mais de setecentos mil

<sup>1347</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 74.76.; ROUTHIER, Gilles. La ricezione del concilio: Mentalità, soggetti e tempo de un percorso laborioso. *Pixtis&praxis*. Curitiba. v. 4, n. 2, jul/dez. 2012, p. 477; BRIGHENTI, Agenor. Processo de recepção de um Concílio na Igreja: uma conceituação teológica. *Encontros Teológicos. Florianópolis*. a.17, v.2. n.33. 2002, p.48-49; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Assembleia do povo de Deus (APDs): uma faceta da recepção do Concílio Vaticano II. In: BOSCHI, Caio Cesar; PINHEIRO, Luiz Antônio. *Arquidiocese de Belo horizonte e a Evangelização*. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2014, p. 216.

<sup>1348</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. *Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério*. Lins, 1997, p.4.

<sup>1349</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. *Revista Vozes*. a.17, n.9. set. 1969, p. 798.

<sup>1350</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. *Revista Vozes*. a.17, n.9. set. 1969, p. 798.

<sup>1351</sup>KOOP, Pedro Paulo. Contacto 2 – Do bispo de Lins ao seu presbitério. *Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2* – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 5, p. 1.

<sup>1352</sup>Sobre a realidade econômica, social e geográfica do noroeste paulista, pode-se conferir: BEOZZO, José Oscar. Noroeste Paulista: Aspectos demográficos ou, um típico caso de povamento. *Revista Vozes*. a.63, n.9. set. 1969, p. 772-787.

habitantes circunscritos em quarenta e uma paróquias. Atendidos, pastoralmente, por oitenta e nove sacerdotes e por um contingente de mais de trezentos religiosos e religiosas amalgamados em trinta e oito casas canônicas.<sup>1353</sup> Nesse cenário, sinteticamente desenhado, se dará a ação do Secretariado Diocesano de Pastoral, fecundando as bases do início do processo de recepção do Concílio no bispado.

O secretariado enquanto instituição em Lins, deve-se mencionar, já era uma realidade constituída quando Dom Pedro Paulo Koop chegou a esse lugar. Coube a Dom Henrique Gelain, estabelecer esse mecanismo que passou a funcionar em setembro de 1963.<sup>1354</sup> No ano anterior ao início das atividades do Secretariado, o então titular do bispado de Lins, solicitou à provincial da Congregação das Missionárias de Jesus Crucificado, que tinham comunidades na diocese, (Faculdade de Serviço Social em Lins e um Pensionato em Araçatuba) que lhe concedesse uma consagrada para iniciar e coordenar esse serviço. Em resposta, foi apresentada a Irmã Maria Theresinha Ferreira Cintra que, por muitos anos, havia sido diretora do Colégio Pio XII em Campinas (SP). Era uma religiosa esmerada, madura dotada de grande formação pedagógica e sensibilidade pastoral. Na raiz dessa solicitação e desse pedido estava a necessidade de responder às demandas do Plano de Emergência que urgia que nos bispados fossem implementados organismos que pudessem dar azo às lides pastorais, requeridas pelo planejamento pastoral aprovado pela Conferência Nacional dos Bispos em 1962.

Em Lins, ao menos nos anos iniciais, sob a liderança da Religiosa Missionária de Jesus Crucificado, dentro dos limites que lhe impunham as circunstâncias, o secretariado funcionava numa perspectiva mais administrativa ou burocrática, ligado a elaboração de relatórios. Ele estava alocado numa pequena sala, próxima à Capela do Seminário menor da diocese. Seu papel, assumia contornos práticos que se confundiam com serviços de chancelaria, embora se distinguisse pelo específico de registrar atividades de movimentos, grupos ou associações de cunho diocesano e a responder ao secretariado regional. O papel desse mecanismo, nesse primeiro momento, em resumo, era de pequena envergadura, mais funcional do que operacional. Bem mais que um protagonismo, esse instituto ocupava um lugar marginal, um espaço secundário na vida pastoral do bispado. Respondia ao apelo da Conferência Episcopal feito no Plano de Emergência, mas não

---

<sup>1353</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 798.

<sup>1354</sup>Cf. APPGA - Arquivo Pessoal do Professor Geraldo Aguiar - Cf. SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p.70.

gerava grandes mudanças ou profundas consequências na vida eclesial. Situação que se alterará em pouco tempo, logo após a chegada do bispo holandês. Ele imprimirá uma nova dinâmica a esse organismo.

Nesse sentido, sabe-se que a lufada de renovação que impregnava parte da Igreja no Brasil, ganhou grande impulso particularmente com o Plano de Emergência e com a realização do Vaticano II. Dom Pedro Paulo tinha consciência desse momento, como demonstramos no capítulo anterior. Nessa linha, o Plano de Pastoral de Conjunto, primeiro fruto no Brasil da assembleia conciliar, corroborava, na realidade nacional essa ideia da atualização, *aggiornamento*. Esses três eventos (e seus textos), juntos, podem ser considerados marcos desse processo de transformação na Igreja. No caso, particular do sólio episcopal de Lins, mesmo com os passos iniciais dados com Dom Henrique reagindo as demandas do planejamento pastoral elaborado à pedido de João XXIII, é sob a chancela de Dom Pedro Paulo Koop, pautado pelo Plano de Pastoral de Conjunto, decantado à luz do Plano de Pastoral do Regional Sul I,<sup>1355</sup> que as mudanças vão sendo processadas no bispado. Com ele, em boa medida, se inicia uma rota de recepção do Vaticano. Nota-se nessa busca de planejamento, nessa ação associada do episcopado nacional (colegialidade) a forma como o bispo Missionário do Sagrado Coração entendia e proporia a recepção do Concílio em sua diocese, isto é, de maneira progressiva, planejada e colegiada.<sup>1356</sup> Esse processo ganhou um acento personalíssimo quando foi exarado o Primeiro Plano de Pastoral do bispado do qual o Secretariado Diocesano de Pastoral de Lins, com anuência do bispo, foi grande fator.<sup>1357</sup> Esses passos, contudo, encontram na Carta pastoral de Dom Pedro Paulo Koop, datada de julho de 1967, seu ponto inicial.<sup>1358</sup> Incluso a afirmação da relevância do Secretariado de Pastoral, como instrumento nodal da infiltração medular das ideias do Concílio, repousa nesse texto.

A carta pastoral de Dom Pedro Paulo Koop é datada de 11 de agosto de 1967. Exatos seis meses após ele constituir uma Coordenação exclusiva e liberada para o Secretariado Diocesano de Pastoral, composta pela Irmã Maria Theresinha Ferreira Cintra, pela assistente Social, Nobuko Kameyama e pelo Padre Victor Assuitti,<sup>1359</sup> a quem

<sup>1355</sup>Cf. CNBB-SECRETARIADO SUL I. **Plano de Pastoral regional sul I (1968-1969)**. São Paulo: s/e., 1968.

<sup>1356</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Ao povo de Deus na Diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 05. março. 1966, p. 4.

<sup>1357</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p.1

<sup>1358</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p.16.

<sup>1359</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.115.



competia gerir a equipe, sob o epíteto de coordenador de pastoral. A missão desse grupo, no entendimento do bispo e como ficou registrado no livro tomo do bispado, era ser “o ponto de ligação com o Regional Sul I, a fim de coordenar a pastoral de renovação”<sup>1360</sup> daquela Igreja local à luz do Vaticano II. Nesse mesmo período, como um instrumental, de promoção e renovação da vida pastoral, instituíram-se sete Regiões Pastorais (Cafelândia, Lins, Penápolis, Clementina, Araçatuba, Andradina e Valparaíso), com coordenadores escolhidos, ao menos na sua fase inicial, pelo bispo. O objetivo desse organismo, era aproximar o clero para discutir problemas e soluções comuns para realidades similares e ou próximas.<sup>1361</sup> Tanto o Secretariado como as Regiões, mesmo que sumariamente, são mencionados na carta de 1967, considerados e apresentados com satisfação “como um bom começo de trabalho.”<sup>1362</sup>

Conquanto a Carta Pastoral de Dom Paulo, não seja exaustiva em discorrer sobre esses dois mecanismos ou atenha-se a versar sobre suas competências, subjaz em toda a missiva um espectro do que, julga-se, nortearia a missão desse secretariado e toda renovação conciliar no bispado. O texto de pouco mais de trinta páginas, assinado pelo bispo diocesano, mas certamente construído a várias mãos, - haja visto que existem versões manuscritas com indicações e sugestões, arquivadas - exorta o presbitério a reconhecer a urgência do momento histórico vivido na Igreja, ou seja o tempo pós-conciliar, diz o texto: “a ninguém [dever passar][...] desaperebido que neste tempo após-Concílio Vaticano II iniciamos uma nova fase da história da Igreja.”<sup>1363</sup> Diante desse imperativo, o titular chama todos a “corresponsabilidade”, “ao planejamento”, “ao estudo”, “a vida interior” a uma positiva ousadia pastoral a luz do Concílio na seara da “liturgia”, “da catequese”, do “múnus sacerdotal” e do “exercício da autoridade e da liderança”<sup>1364</sup> para que, desse modo, o Concílio fosse “uma realidade e não uma letra morta em nossa diocese.”<sup>1365</sup> Nota-se na carta a preocupação em deixar em estado de

---

<sup>1360</sup>ACDL - Livro tomo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.115.

<sup>1361</sup>Cf. ACDL – ESCOLA DA TEOLGIA PARA LEIGOS. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 19, p. 11; SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 6.

<sup>1362</sup> ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 3.

<sup>1363</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1997, p.4.

<sup>1364</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p.3-8.

<sup>1365</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p.3.

alerta ou despertar da letargia todo o presbitério, convocando-os a viverem o tempo presente, a imbuírem-se do espírito do Concílio e colocá-lo em curso, sobretudo concebendo uma ação pastoral planejada e organizada. Essa será a missão principal do Secretariado Diocesano de Pastoral: urdir o planejamento, formar líderes à luz da teologia conciliar e, conseqüentemente, auxiliar na renovação do bispado.

Anterior a carta que, de certo modo, ratificou sua tônica de ação, o Secretariado Diocesano de Pastoral, mesmo em germe, ensaiava seus passos. Suas primeiras iniciativas transcorreram no curso dos anos de 1965 a 1966, ainda que sem a estrutura estabelecida por Dom Pedro Paulo, em janeiro de 1967, mas já numa perspectiva diferente daquela proposta por Dom Gelain. Num curso realizado em Araçatuba<sup>1366</sup> para mais de trinta e oito pessoas, entre padres, leigos e religiosas, conduzido pelos Padres Riolando Azzi, e Angelo Pino, respectivamente, assessores do Secretariado Nacional do Ministério Sacerdotal e do Apostolado Leigo, nos últimos dias de novembro de 1965, despontou a ideia de consolidar um organismo que amalgamasse todas as atividades pastorais e dinamizasse-as. Seu escopo seria realizar de maneira “mais rápida e plenamente possível, a imagem da Igreja do Vaticano II, entrando num esforço de ação pastoral planejada e renovada.”<sup>1367</sup> Sugeriu-se nas conclusões desse encontro, além de outras questões de ordem pastoral e teológica, que se constituíssem comissões diocesanas, para o ministério sacerdotal, para catequese e para liturgia, além de uma coordenação liberada para reger o secretariado que deveria açambarcar todas as comissões. Reside nesta demanda a raiz primeira do novo modelo de secretariado que será implementado por Dom Paulo, em 1967. Essa exigência era, para aquele grupo de sacerdotes, religiosos e leigos, o imperativo da renovação:

Não sendo possível organizar imediatamente todas as comissões que compõem o Secretariado Diocesano de Pastoral, que sejam organizados ao menos os enumerados acima. Foi o que se considerou como mínimo para ser possível iniciar-se uma renovação na diocese.<sup>1368</sup>

Contíguo à essa demanda, o seminal secretariado, em seus membros ainda não totalmente liberados, iniciou um projeto de consolidação e formação das comissões diocesanas, mormente aquelas postuladas pelo presbitério. Uma primeira e necessária medida foi a escolha de pessoas para formar as comissões. O objetivo era capacitar grupos

---

<sup>1366</sup>Cf. ACDL – DIOCESE DE LINS. Conclusões do curso de renovação em Araçatuba de 22 a 26 de novembro de 1965. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17.

<sup>1367</sup>ACDL - DIOCESE DE LINS. Conclusões do curso de renovação em Araçatuba de 22 a 26 de novembro de 1965. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p.1.

<sup>1368</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. Conclusões do curso de renovação em Araçatuba de 22 a 26 de novembro de 1965. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p. 5.

para absorverem suficientemente os postulados do Vaticano II e gerar na diocese, pela formação adquirida e por sua consequente aplicação um “clima de renovação.”<sup>1369</sup> Com a finalidade de atingir esse escopo, tanto a equipe de coordenação do secretariado quanto aqueles escolhidos para presidirem as comissões diocesanas foram imersos num processo de formação contínua. Cursos sobre planejamento pastoral, núcleos de estudo para padres, leigos e religiosos sobre o Concílio ou sobre o Plano de Pastoral Conjunto foram ofertados buscando criar uma cultura que migraria do “clima de renovação, [...] [para] um clima de planejamento[...].”<sup>1370</sup> a luz do Vaticano II. E por essa via pautar-se-ia ação pastoral do bispado.

O trabalho do Secretariado Diocesano de ação Pastoral, paulatinamente foi se afirmando e as comissões diocesanas foram assentadas. Algumas equipes tiveram que ser consolidadas, como a de Liturgia, a de Ação Social e a dos Religiosos; outras, como a de catequese, já tinham suas bases firmadas e, por essa razão emprestaram grande impulso ao processo de recepção das teses do Vaticano II. Contribuindo de maneira singular para essa etapa na Igreja local de Lins.

A Comissão Diocesana de Catequese, mais tarde Coordenação Diocesana de Catequese, vinculada ao Secretariado Diocesano de Pastoral, exerceu peculiar papel no processo de recepção do Concílio, em sua fase inicial. Constituída já sob o governo de Dom Pedro Paulo Koop em 1964, ela tinha como mote articular e dinamizar a catequese inspirada pelos documentos conciliares. Essa comissão iniciou um trabalho marcado por uma metodologia clara e bem definida. O primeiro passo foi um processo de certificação da realidade, isto é, o diagnóstico dos problemas da catequese.<sup>1371</sup> Fez-se um inquérito, buscando verificar as dificuldades e as necessidades da realidade catequética em toda a diocese. Presbíteros e catequistas, responderam a inquirição e constataram uma realidade complexa e marcada por situações difíceis que exigiam uma resposta concreta. Entre os principais problemas, apontou-se:

- Falta de catequistas preparadas;
- Falta de planejamento, quer no âmbito paroquial, quer em âmbito diocesano;
- Falta de recursos didáticos;
- Falta de motivação;
- Falta de compreensão por parte dos pais dos catequisandos;

<sup>1369</sup>APPGA - Cf. SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p.1.

<sup>1370</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 790.

<sup>1371</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 255ss (Tese doutoral).

- Falta de um método sistematizado para a diocese;
- Ausência de iniciação bíblica e litúrgica.<sup>1372</sup>

Esse cenáriourgia uma resposta, pois apontava uma realidade bem difícil dentro de um organismo medular da estrutura evangelizadora da diocese: a catequese. Ciente dessa urgência e da necessidade de adaptar-se para ser mais rápida e plenamente possível, a imagem da Igreja do Vaticano II, como sugeriu o presbitério reunido em Araçatuba, a Comissão diocesana de catequese envidou esforços no sentido de qualificar catequistas e preparar agentes. Dois caminhos foram seguidos: um foi a liberação de pessoas para qualificação no Instituto Superior de Pastoral Catequética no Rio de Janeiro ou no Instituto de Catequese em Medellín, sob o intuito de fortalecer a equipe catequética;<sup>1373</sup> o outro caminho foi a elaboração de módulos de formação para catequistas.

No que diz respeito aos cursos, entre 1965 e 1968 muitas formações foram realizadas com o intuito de promover um *aggiornamento* na estrutura catequética diocesana. Marco inicial desse processo foi um curso de pedagogia catequética,<sup>1374</sup> oferecido no princípio do ano em que o Vaticano II se encerraria. Ele foi celebrado em nível diocesano e mais de trezentas pessoas tomaram parte dessa formação. Poucos elementos sobre o conteúdo do curso podem ser constatados, contudo ele se configurou, além de um momento formativo, como um ambiente de decisões e resoluções. Dividindo a pesquisa anteriormente feita, a Comissão Diocesana e os catequistas, estabeleceram a catequese de adultos como uma prioridade diocesana a ser promovida e organizada, educação madura na fé para os fiéis.<sup>1375</sup> Além disso, a catequese de jovens e adultos foi preconizada, dentro de uma noção de atualização de métodos; igualmente o preparo de catequistas e a dinamização das realidades catequéticas já consolidadas, como os grupos juvenis, os clubes e a catequese, no ambiente escolar, foram postas como caminhos a serem atingidos nesse processo de renovação.

---

<sup>1372</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 33; AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 255ss.

<sup>1373</sup>Cf. COMISSÃO DIOCESANA DE CATEQUESE. Relatório da catequese diocesana 1964-1977 *Apud* AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 255; Cf. ACDL – DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 34; KOOP, Dom Pedro Paulo. Contacto 5: Do bispo de Lins ao seu presbitério. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2. p. 4.

<sup>1374</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 255ss (Tese doutoral).

<sup>1375</sup>Cf. ACDL – DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 33; AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 255.

Em decorrência dessa exigência, a Comissão Diocesana passou a influir na catequese diretamente nas paróquias. Cursos foram celebrados, visitas e assessorias foram promovidas. A guisa de exemplo, em 1966, somente a equipe catequética realizou 8 cursos de duração de uma semana em mais de onze paróquias, atingindo mais de “530 catequistas com o objetivo de constituir as equipes paroquiais e preparar pessoas para atuarem na catequese escolar.”<sup>1376</sup> No ano seguinte, nessa mesma perspectiva, inúmeras formações foram oferecidas a professores em vários municípios da diocese.<sup>1377</sup> “Foram realizadas: 27 reuniões para professores do curso primário, 1 para professores do curso secundário, 15 com equipes paroquiais e 11 para catequistas em várias paróquias.”<sup>1378</sup> Tratava-se de uma movimentação que a um só passo, agitava a diocese bem como difundia as ideias e as proposta de uma Igreja pautada por um processo de renovação, que tinha como sua raiz última, o Concílio Vaticano II. Era uma forma de recepcionar aquilo que os bispos assertivamente, propunham na assembleia conciliar. Dom Pedro Paulo Koop, em meados de 1969, falando do processo de renovação em sua diocese, proposto a luz do Concílio, ajuíza que foi sob a chancela do Secretariado de Ação Pastoral Diocesana, no qual a coordenação de catequese estava inserida que esse processo se consolidou:

Não podemos negar que presbíteros e leigos vêm sendo despertados para o senso de co-responsabilidade(*sic*). Nasceu em 1965 um clima de renovação, seguido, em 1966, por um clima de planejamento. Foram os notáveis trabalhos do Secretariado de Ação Pastoral e da Comissão diocesana que abriram os caminhos para criação de ambos os climas.<sup>1379</sup>

Ainda no bojo do Secretariado Diocesano de Pastoral, outras equipes, particularmente aquelas que foram reclamadas pelos presbíteros e leigos reunidos em Araçatuba, estavam alocadas. Entre elas, ocupavam privilegiado e necessário lugar a dos Religioso, a de Liturgia e a de Ação Social. Todas seguiam a mesma dinâmica empreendida pela comissão Diocesana de catequese. Buscavam diagnosticar a realidade para, à luz do Vaticano II, propor um renovado e adequado modo de implementar medidas conciliares atinentes ao seu espectro de atuação.

<sup>1376</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 34; COMISSÃO DIOCESANA DE CATEQUESE. Relatório da catequese diocesana 1964-1977 *Apud* AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 256.

<sup>1377</sup>Cf. KOOP, Dom Pedro Paulo. Contacto 5: Do bispo de Lins ao seu presbitério. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2. p. 3- 4.

<sup>1378</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. ACDL – DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 34.

<sup>1379</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 790. (Grifo nosso)

A comissão de Liturgia era uma das que ocupava lugar distinto nesse organograma. Na carta Pastoral de 1967, com a qual firmavam-se as bases de uma pastoral mais planejada em Lins, Dom Pedro Paulo Koop, exorta o presbitério a entrar na marcha de atualização no que diz respeito a liturgia. Ele afirmou que havia alguns que se opunham “ao cumprimento dos documentos da reforma já promulgados ou nem tomaram conhecimento deles. Reduzem assim ao mínimo ou a nada o aproveitamento das riquezas pastorais trazidas por esse documento [*Sacrosanctum Concilium*].<sup>1380</sup> Note-se que já há quatro anos de distância da aprovação do documento conciliar sobre a liturgia, ainda havia uma caminhada sinuosa no processo de apropriação dessas ideias.

Alguns passos haviam sido dados, como a adoção do vernáculo já no segundo semestre de 1964.<sup>1381</sup> Contíguo a esses atos, cursos eram promovidos no bispado a fim de popularizar os fundamentos da liturgia renovada. Ao longo de 1967, cidades como Penápolis e Pirajuí abrigaram formações sobre liturgia dirigidas pela comissão arquidiocesana de liturgia de Campinas (SP). Ao final desse mesmo ano, Frei Wanderley José Fuschillo, OFMCap (Frei Tomás Maria de Mococa) foi enviado ao Instituto de Pastoral Litúrgica sob o pretexto de aprofundar-se nos fundamentos da liturgia renovada pelo Concílio.<sup>1382</sup> Ele deveria ajudar a “manter viva e [...] atuante” a equipe de liturgia, contribuindo para implementar e dinamizar essa área na diocese de Lins. Deveria ele ser o coordenador da Comissão diocesana de liturgia, ligada ao Secretariado de Ação pastoral. Não obstante os investimentos na formação do frade, ele ficou pouco tempo após seu retorno em Lins. A comissão, por isso, outra vez encontrou-se com dificuldades ou com uma permanente necessidade de reorganização. Percebe-se, conquanto o esforço para assumir as ideias do Concílio fosse proposto, ele não era apropriado de forma homogênea, retilínea. Dependiam das adversidades dos atores, das suas circunstâncias sociais e, em última análise, das condições espirituais do processo.<sup>1383</sup>

Outras duas comissões que adensavam o corpo do Secretariado Diocesano de Ação Pastoral, era a do Apostolado Leigo e dos religiosos e a da Ação Social. Em Araçatuba, não se reclamava uma comissão para os religiosos, mas sim para os ministérios ordenados. Não obstante, ela constituiu-se e atuou na mesma linha das sua

<sup>1380</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 6.

<sup>1381</sup>Cf. AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante.** Lins, 22. jul 1964, p. 1.

<sup>1382</sup>Cf. ACDL - KOOP, Dom Pedro Paulo. Contacto 5: Do bispo de Lins ao seu presbitério. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f. 5. p. 4.

<sup>1383</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile.** Paris: Cerf, 1993, p. 70. 108-109.

congêneres, isto é, propondo prospecção, planejamento e formação. Nesse mesmo espectro, a Comissão de Ação Social se moveu. Ambas, ao serem avaliadas pela coordenação diocesana, contudo, tiveram análises diversas. A de Ação social, por razões que não é possível pontuar, foi chamada de “semi-falida” ao passo que a das religiosas [já não mais associado ao termo Apostolado Leigo] foi considerada, sem explicar o que isso representaria, como “em bom funcionamento.”<sup>1384</sup>

O Secretariado Diocesano de Pastoral, como demonstrado, bem mais que um núcleo individual, era um conjunto de comissões que, não obstante os limites de cada uma, colocava em marcha o processo conciliar no bispado de Lins sob a chancela de Dom Pedro Paulo Koop e do triunvirato da coordenação formado pelo Padre Victor Assuiti, pela Irmã Terezinha Cintra e pela assistente social, Nobuko Kameyama. O modo como ele foi estruturado e a metodologia que fora empregado, tanto pelas comissões diocesanas como pela coordenação do secretariado, tinha como objetivo criar um ambiente favorável à preparação e ao planejamento. Essas eram as palavras de ordem no sólio episcopal de Lins. Em última análise todo o processo desenvolvido entre 1965 e 1967, vai concorrer, de algum modo, para a elaboração do Primeiro Plano de Pastoral da diocese de Lins. Ele se configurará, dessa maneira, em termos de recepção, como um marco emblemático da infiltração das ideias conciliares no bispado noroestino claro que, ainda, numa perspectiva de canônica Kerigmática.<sup>1385</sup>

O Plano diocesano de Pastoral, dentro do processo de recepção das ideias do Concílio Vaticano II, no bispado de Lins, como já dito, configurou-se como um elemento simbólico desse movimento. Ele foi gestado sob a égide de uma longa caminhada, levada a cabo por meio de diversas reuniões, debates e cursos que tinham como finalidade colher ideias, descobrir caminhos e estabelecer metodologias para que fosse redigido uma proposta da ação pastoral. Esse plano insere-se, como insistia Dom Pedro Paulo Koop, no corpo de uma Igreja e deveria, num primeiro momento, criar um “clima de renovação, [...] seguido por um clima de planejamento[...].”<sup>1386</sup> Afinal, concluída e acreditava o bispo,

<sup>1384</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 71.

<sup>1385</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 74.76.; ROUTHIER, Gilles. La ricezione del concilio: Mentalità, soggetti e tempo de un percorso laborioso. **Pixtis&praxis**. Curitiba. v. 4, n. 2, jul/dez. 2012, p. 477; BRIGHENTI, Agenor. Processo de recepção de um Concílio na Igreja: uma conceituação teológica. **Encontros Teológicos**. Florianópolis. a.17, v.2. n.33. 2002, p.48-49; CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Assembleia do povo de Deus (APDs): uma faceta da recepção do Concílio Vaticano II. In: BOSCHI, Caio Cesar; PINHEIRO, Luiz Antônio. **Arquidiocese de Belo horizonte e a Evangelização**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2014, p. 216.

<sup>1386</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 790.

um “sábio planejamento pode oferecer a Igreja um meio eficaz e um incentivo de trabalho.”<sup>1387</sup> Era nítido que aos olhos do prelado de Lins, a pastoral deveria ser levada a cabo sob o pálio de um bem elaborado plano de pastoral inspirado no Concílio.

Sob o processo de redação do Plano Diocesano, logo nas páginas introdutórias do texto, é descrito, em minuta, o itinerário percorrido até que ele fosse redigido.<sup>1388</sup> Nota-se nesses registros, mesmo que sintéticos, que o protagonismo desse processo de redação foi das comissões diocesanas, dos leigos e leigas de pastorais, dos sacerdotes, dos religiosos(as) e do próprio bispo. Tratava-se de um “fruto de longos e exaustivos estudos, testados [em] quase dois anos de experimentos na diocese.”<sup>1389</sup> O Secretariado Diocesano de Ação Pastoral catalisou, impulsionou e sintetizou todo esse caminho. Tratou-se, ainda que se faça uma análise incipiente, de um movimento amplo de escuta que fora protagonizado ao longo da elaboração do material. Parece que se buscou ouvir as bases, amalgamou experiências, qualificou audições e aplicou ao que era escutado uma metodologia capaz de firmar um trabalho “mais alegre e os resultados mais compensadores”<sup>1390</sup>

No texto do Plano de Pastoral, propriamente dito, percebe-se que a construção do material é devedora de muitos elementos que lhe influenciaram no seu processo de redação. Entre eles pode-se dizer que ele é caudatário de uma sábia teologia dos sinais dos tempos, legítima filha do Concílio que havia marcado profundamente Dom Pedro Paulo.<sup>1391</sup> No documento essa perspectiva teológica desponta dentro daquela dinâmica “de discernir nos acontecimentos e movimentos históricos as solicitações do Espírito[...].”<sup>1392</sup> Dado essa interpelação, urge “um olhar cristão sobre a história e a busca de uma interpretação profética, à luz do Evangelho, das esperanças e dos problemas vividos pela humanidade,”<sup>1393</sup> neste caso específico àqueles sentidos na realidade do noroeste paulista, precisamente em Lins. Confirma essa ideia o fato que toda primeira

---

<sup>1387</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 6.

<sup>1388</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 5-8.

<sup>1389</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 1.

<sup>1390</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 1.

<sup>1391</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante.** Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1392</sup>PINHO, José Eduardo Borges de. A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja. **Didaskalia.** Lisboa. a. XII, n.1. 2011. p.152.

<sup>1393</sup>PINHO, José Eduardo Borges de. A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja. **Didaskalia.** Lisboa. a. XII, n.1. 2011. p.152.



parte do Plano de Pastoral da Diocese verte sua reflexão sobre o cenário histórico, demográfico, econômico, cultural, social e religioso das cidades que compunham o bispado.<sup>1394</sup> O objetivo é conhecer a realidade diocesana para, à luz dos imperativos conciliares delinear caminhos que estabelecessem a missão fundamental da ação da Igreja que, conforme o documento, é a de firmar “a comunhão de vida dos homens com o Pai e entre si, em Jesus Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação da Igreja[...]”<sup>1395</sup> Os sinais dos tempos, portanto, devem ser lidos à maneira de testemunharem o quanto o sólio Linense e todos os seus organismos estão (ou não) concorrendo para essa missão.

Igualmente o texto é devedor em muitos aspectos do Plano de Pastoral de Conjunto da Conferência Nacional dos Bispos e do Plano de Pastoral do Regional do Sul I (1968-1969). Essa influência nota-se tanto pelas referências a ambos os documentos no corpo do texto como pela metodologia empregada em sua redação. Dom Paulo na apresentação do Plano de Pastoral, fez questão de enunciar que o material formulava “um método válido para uma previsão exata das próximas atividades pastorais, [que estariam] plenamente integradas na pastoral de Conjunto da Região Sul I e do [plano] Nacional.”<sup>1396</sup> Há, em germe, uma noção de comunhão com outros planos e com o organismo da Igreja no Brasil e em São Paulo.

Essa relação de interpenetração e mútua influência, para além das afirmações e das citações, expressa-se no modo como o texto é redigido. Inicialmente, deve-se dizer que, a partir do plano de Pastoral de Conjunto da CNBB redigido no apagar das luzes do Concílio, quase que como um imperativo, muitos bispados – inclusive Lins – verteram esforços para elaborarem planos que guiassem suas dioceses. Dom Pedro Paulo, em diversas ocasiões,<sup>1397</sup> atestou a necessidade de planejamento pastoral, mas também entendia que ele deveria ser feito de maneira colegiada, não açodada e em plena comunhão como Regional ao qual pertencia. Dado esses dois elementos, entende-se que, de alguma maneira, tanto o Plano Regional quanto o Nacional de pastoral de conjunto, de algum modo, fecundariam o documento de Lins.

---

<sup>1394</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 9-21.

<sup>1395</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 9-21.

<sup>1396</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p.1. (grifo nosso)

<sup>1397</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Linhas Pastorais. **Bandeirante**. Lins, 08. out. 1966, p. 1: “Seis aspectos que inspiram nossas linhas pastorais são as seguintes: A Igreja una (1), Missionária (2), catequética (3), litúrgica (4), Ecumênica e incarnada(sic) (6) na humanidade e no mundo”. KOOP, Pedro Paulo. Ao povo de Deus na Diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 05. março. 1966, p. 4.

Na tecitura do texto, descobre-se que seu objetivo mimetiza o do Plano de Pastoral de Conjunto Nacional, conseqüentemente do Regional, isto é, o de criar meios e condições para que a Igreja no Brasil [em Lins] se ajuste, o mais rápida e plenamente possível, à imagem de Igreja do Vaticano II.<sup>1398</sup> Igualmente, o documento move-se na perspectiva dos seis (linhas) objetivos específicos assumidos pela CNBB tanto na perspectiva nacional<sup>1399</sup> como regional<sup>1400</sup> para definir e detalhar suas prioridades pastorais.<sup>1401</sup> Nota-se, contudo que, a explicitação das seis linhas diverge do plano nacional enquanto ordem de execução(não em conteúdo), mas acompanha o plano Regional e justifica sua opção nos seguintes termos:

À maneira do que se fez no plano de pastoral de Conjunto do Regional Sul I, 'iniciaremos a análise pela linha 6, aquela que mais de perto se relaciona com a existência concreta de todos os homens. Em seguida, por obedecerem a uma sequência lógica, veremos as linhas 2, 3 e 4. Depois, linhas 1 e 5.

Isso porque: é o homem promovido (isto é, o homem verdadeiramente homem, pela realização de sua capacidade de liberdade, consciência e amor: linha 6; que faz sua opção cristã (adere a Cristo: linha 2); Aprofunda sua fé (Crescimento contínuo da vida teológica: linha 3), e a faz florescer na celebração litúrgica: linha 4(Sobretudo na santíssima Eucaristia).' Assim, plenamente integrados na comunidade eclesial (comunidade de fé, culto e de caridade) faz resplandecer a unidade visível da Igreja (linha 1). Ora, esta unidade interna da comunidade eclesial católica estimula os membros do povo de Deus a uma união mais ampla, com todos os cristãos. É o Ecumenismo.<sup>1402</sup>

O documento, nesse sentido, distancia-se enquanto forma daquele exarado pela Conferência Nacional e aproxima-se do produzido pelo Regional. Tal mudança é apenas metodológica, enquanto conteúdo ele se move na mesma linha de argumentação. Para cada uma das linhas eleitas como prioritárias da evangelização, no Plano de Pastoral Diocesano, há uma fundamentação teológica, seguida de uma sumária averiguação da realidade(dificuldades) e, por fim, algumas sugestões (facilidades) no processo de

<sup>1398</sup>Cf. CNBB. **Plano de Pastoral de Conjunto** (1966-1970). s/e; s/l, s/d; p. 24. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183626.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf). Acesso em 02 jan.2022; CNBB-SECRETARIADO SUL I. **Plano de Pastoral regional sul I (1968-1969)**. São Paulo: s/e., 1968, p. 9; ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério**. Lins, 1967, p. 3.

<sup>1399</sup>Cf. CNBB. **Plano de Pastoral de Conjunto** (1966-1970). s/e; s/l, s/d; p. 36. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183626.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf). Acesso em: 02 jan.2022.

<sup>1400</sup>Cf. CNBB-SECRETARIADO SUL I. **Plano de Pastoral regional sul I (1968-1969)**. São Paulo: s/e., 1968, p. 12.

<sup>1401</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p.1.

<sup>1402</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 24.

aprofundamento da missão da Igreja no bispado Linense. Nesse sentido, à guisa de exemplo, na linha seis – primeira do texto - o documento sugere no espectro da promoção humana, num contexto em que na região de Lins “o povo vejeta em condições infra-humanas, em estado de [...] miséria e fome”<sup>1403</sup> que o esforço de transformação social, oficialmente, realiza-se através das Caritas Diocesana e do Instituto Paulista de Promoção Humana, recentemente fundado. Ainda nessa dinâmica, a Linha 4 que refletia sobre a vida litúrgica da Igreja, o plano de pastoral, ante o moroso processo de recepção litúrgica no bispado, entre outros, sugere concretamente a formação de uma comissão diocesana de liturgia, que lidere “a reflexão e coordene toda a pastoral litúrgica na diocese.”<sup>1404</sup> Deve-se por fim mencionar que, embora tenha anunciado que abordaria todas as seis linhas do Plano de Pastoral de Conjunto na linha do proposto pelo regional da CNBB, o planejamento pastoral de Lins, nada reflete, apresenta ou debate sobre quinta linha, aquela que versava sobre o ecumenismo. O texto não dá razões, tampouco justificativa essa opção. Apenas não trata da questão da unidade dos cristãos. Esse fato, contudo, não desmerece o documento que se propunha, também, a “instaurar um processo de planejamento e não apenas fazer planos.”<sup>1405</sup> O que indica que nessa seara ainda seria possível, como se poderá verificar, fazer novos planejamentos.

Largos passos, o Plano de Pastoral da diocese de Lins, dentro de uma dinâmica processual catalisa as impressões, arregimenta elementos teológicos e aponta caminhos metodológicos no processo de atualização e construção da imagem da Igreja à luz do *aggiornamento* desejado pelo Vaticano II. O texto não é alheio à realidade diocesana, pois buscou ouvir os vários estamentos eclesiais e, muitas de suas conclusões são frutos de deliberações de comissões menores, responsáveis por elementos segmentados da vida diocesana, como Catequese, Liturgia, Vida Consagrada e Ação Social. Igualmente goza de uma mediação hermenêutica, inspirada pela teologia dos sinais dos tempos decorrentes da conjuntura eclesial que vivia sob a inspiração do Concílio assim como dos Planos de Pastoral de Conjunto da CNBB Nacional e do Regional Sul I. O Conjunto do material, que se configura como um marco referencial do processo de recepção do Concílio em Lins, foi arregimentado pelo Secretariado Diocesano de Pastoral. Nesse processo de

---

<sup>1403</sup> APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p.27.

<sup>1404</sup> APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p.46.

<sup>1405</sup> APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p.2.

recepção, o texto é emblemático do caminho que será percorrido ou perseguido nos anos seguintes no bispado que margeava os rios Tietê, Feio, Tibiriçá e Aguapeí.

Nota-se, à maneira de síntese, que no processo de recepção do Vaticano na diocese de Lins, particularmente nos passos iniciais do episcopado de Dom Pedro Paulo Koop (1964-1980) que a constituição do Secretariado Diocesano de Pastoral foi elemento medular para esse processo. Esse dispositivo, embora não constituído inicialmente pelo bispo holandês, foi potencializado por ele. Indubitavelmente, a tríplice coordenação, liberada para capitanear esse processo, favoreceu muito com que a divulgação, a chamada recepção canônica ou Kerigmática fosse implementada. Através das reuniões, dos cursos de mentalização, das formações catequéticas, das reflexões litúrgicas e do constante aprofundamento na temática conciliar foi-se desvelando o rosto renovado da Igreja sonhada pelo Vaticano, desejada pelo bispo diocesano e almejada por muitos dos seus diocesanos. Esse percurso concorreu para que, como quem colhe um fruto maduro, fosse possível conceber o primeiro Plano Diocesano de Pastoral. Esse documento, se não é prova inconteste do processo de recepção em toda sua plenitude, é elemento simbólico, marco claro de que o bispado caminhava em marcha, em ritmo, em compasso de busca de uma Igreja com acento e desejo de renovação conciliar. Buscava cumprir a ideia de se tornar “mais rápida e plenamente possível, a imagem da Igreja do Vaticano II, entrando num esforço de ação Pastoral Planejada e renovada,”<sup>1406</sup> tal como ansiava o clero e desejava o bispo diocesano.<sup>1407</sup> Descobre-se que Lins, de modo seminal ensaiava, passos de uma eclesiologia em modelo conciliar, infiltrada e consolidada na realidade diocesana.

## 2 ASPECTOS ECLESIOLÓGICOS DA RECEPÇÃO DO CONCÍLIO EM LINS: Igreja povo de Deus, colegialidade, promoção humana e liturgia.

A recepção de um Concílio, como se pode descrever a partir das afirmações de Gilles Routhier,<sup>1408</sup> não é um dado linear, unidimensional ou homogêneo. Antes o contrário, ele é elíptico e heterogêneo. Desenvolve-se sob uma perspectiva difusa, assimétrica, que leva em consideração condições sociais, marcos culturais, aspectos místicos/espirituais bem como o protagonismo dos atores e interlocutores no espaço e no tempo.<sup>1409</sup> Assim, ele é bem mais que um ato isolado, “um processo aberto[...] sempre em

<sup>1406</sup>ACDL - DIOCESE DE LINS. Conclusões do curso de renovação em Araçatuba de 22 a 26 de novembro de 1965. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p.1.

<sup>1407</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p.4.

<sup>1408</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 72s. 125s.

<sup>1409</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 70.76.

função de novos desenvolvimentos[...]”<sup>1410</sup> regido por condicionantes próprios e levado a cabo por personagens particulares no espaço e no tempo.

Conquanto seja a recepção um processo aberto e, de certo modo contínuo, é possível dividir como esse processo se desenvolve ao longo do tempo e definir etapas nessa construção. Numa perspectiva macro, pode-se falar em recepção Kerigmática e recepção Prática.<sup>1411</sup> A delimitação dessas duas fases, visto os condicionantes diversos que a influenciam, reclama uma periodização própria para cada Igreja local. Esse fato porque, para a constatação de qual fase (Kerigmática ou Prática) do processo de recepção de cada Igreja local está, é necessário que se observe “a história da Igreja local, a evolução de toda Igreja durante este período[pós-Concílio], bem com a história econômica, política, social e cultural do lugar em que está Igreja local esta inserida.”<sup>1412</sup> Portanto, caso se queira determinar em que fase do processo de recepção um Igreja local historicamente está, deve-se observar os fatores contextuais que a configuram. Ela pode, a um só passo, estar no nível Kerigmático em um determinado aspecto e no plano prático (que tem vários níveis), em outro. A singularidade da recepção, em certa medida, dá-se no campo de um processo que, embora contínuo, não é linear. Ele, contudo, é passível de interpretação e definição.

As duas grandes fases do processo de recepção podem ser tipificadas por elementos próprios visto que gozam de características peculiares e de elementos particulares. A fase, chamada Kerigmática, define-se como a do esforço feito pelos “pastores para dar a conhecer as decisões de um Concílio.”<sup>1413</sup> A denominada Prática “é o processo pelo qual uma declaração se infiltra e toma forma nas profundezas da vida eclesial,”<sup>1414</sup> não como uma simples aplicação, mas como uma simbiose, uma fusão que converge para uma nova síntese. Tanto uma como outra não são movimentos estanques, dicotômicos ou antagônicos. Existem marcos que as corporificam e lhes dão fisionomia, mas que não exclui uma da outra. Não raro, na realidade da Igreja local, elas são simultâneas e normalmente complementares. Reclamam-se e exigem-se mutuamente até que seja possível uma recepção prática completa, o que é um outro estágio, inserido num processo muito mais longo, laborioso e progressivo que, como um corolário, decorre das duas fases precedentes. Tanto uma como outra gozam de uma periodização própria.

---

<sup>1410</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 73-74.

<sup>1411</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 86. 87-91; 91-100.

<sup>1412</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 81.

<sup>1413</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 87.

<sup>1414</sup>ROUTHIER, Gilles. *La réception d'un Concile*. Paris: Cerf, 1993, p. 92.

Nesse sentido, no caso particular do bispado de Lins, sob o pálio da regência de Dom Pedro Paulo Koop, as fases Práticas e Kerigmática configuram-se e revelam os passos da questão da recepção sempre como um processo aberto e contínuo. Elas ocorrem sob a ação de vários atores situados no espaço e no tempo. No caso particular desta pesquisa, clero, leigos, religiosos e o próprio bispo, na região de Lins ao longo dos dezesseis anos que o prelado holandês esteve a frente do bispado. A rigor, deve-se dizer, tanto uma forma quanto outra de recepção são interdependentes e reclamam-se uma a outra. Do ponto de vista cronológico é possível nessa Igreja local estabelecer uma periodização para as duas etapas que, naturalmente, mesmo guardando similitudes, será diferente de outros processos de recepção em outras comunidades eclesiais. Isso porque fatores históricos, sociais, espirituais e culturais, com afirmado, influem nesse processo. E a diocese de Lins, situada no noroeste paulista possui uma indefectível história dotada de uma fisionomia própria, preche de elementos culturais, sociais e espirituais próprios.

Metodologicamente, para fins de tonar operacional o conceito de recepção no escopo desta tese, opta-se por estabelecer uma periodização desse processo de apropriação do Concílio sob a liderança de Dom Pedro Paulo Koop em Lins. Deve-se dizer que o período pós Concílio até quando foi exarado o Plano de Pastoral de Conjunto (1968) tem-se explicitamente a fase que se pode nomear de processo Kerigmático de recepção. Esse fato porque, como demonstramos na sessão anterior, antes desse plano houve grande concentração no sentido de fazer conhecidos os ensinamentos do Concílio, evidentemente que não em sua totalidade. Cursos, retiros, reuniões e formações foram oferecidas promovendo, além do clima de renovação, um ambiente de planejamento pastoral no bispado. Era um explícito desejo do ordinário local, como ele revelou em sua carta pastoral e em outros textos, mas também era expressão de um processo almejado por parcela relevante do presbitério.

Após a publicação do Plano Diocesano de Pastoral que se apresenta como objeto formal de uma estruturação pastoral do sólio Linense e que foi elaborado sob a chancela do Secretariado Diocesano de Ação pastoral, alguns elementos de uma recepção Prática (infiltração das ideias conciliares) começam a despontar. Notas do Concílio começam a ser palpáveis naquele bispado. Algumas, senão em definitivo, ao menos em projeto passam a ser vislumbradas. A própria ideia de uma pastoral construída em conjunto, organizada e criteriosamente estruturada soava com parte desse processo de *aggiornamento*. Havia um caminho traçado à luz da lufada renovadora do Concílio. O Plano de Pastoral, deve-se ponderar, é um marco desse processo, não necessariamente um

ponto exato em que um modo de recepção deixou de ser executado e passou a ser sucedido, natural e definitivamente por outro. Antes o contrário, ambos estágios ainda por bastante tempo irão conviver harmônica e pacificamente.

Nessa perspectiva, alguns eventos ocorridos na diocese de Lins nos anos imediatamente após redação do Plano de Pastoral de Conjunto do bispado, capitaneados pelo bispo Missionário do Sagrado Coração, confirmam a tese de que ideias conciliares progressivamente estariam se infiltrando na mentalidade da Igreja local situada no noroeste paulista. Alguns fatos, descritos e analisados a seguir, corroboram essa ideia. Dentre vários que poderiam ser listados, elegeu-se alguns que parecem ser mais representativos dessa reflexão, a saber: a instituição das Regiões Pastorais e seus consequentes conselhos e Vigários Episcopais; a insistência nas comunidades Eclesiais de Base, a resoluta decisão de fundar Institutos que visavam a promoção e o desenvolvimento humano, a elaboração do Folheto Todos Irmãos como recurso ao aprofundamento litúrgico; por fim, a supressão do Cabido em nome de um maior exercício de colegialidade.

## 2.1 Do Cabido ao Conselho presbiteral: Colegialidade Pastoral

No percurso histórico de recepção do Concílio Vaticano II no bispado de Lins a supressão do Cabido diocesano para dar lugar ao Conselho Presbiteral configura-se como um passo claro e um evento emblemático do processo de recepção das ideias conciliares. Esse fato, embora não previamente arquitetado pelo bispo diocesano, configura-se como uma amostra eloquente desse processo aberto e dinâmico de recepção que vai aprofundando-se de um nível chamado Kerigmático para um estágio mais adensado nomeado recepção prática. Mais ainda, configura-se como incremento de uma prática eclesial que divisa em mecanismos menos jurídicos e mais colegiados, um instrumental de serviço à pastoral e de representatividade eclesial.

O Cabido Diocesano de Lins foi uma instituição histórica, herdeira de um modelo eclesiológico que antecederia toda a movimentação conciliar. Ele é um instrumental, filho do seu tempo, útil à gestão e ao serviço litúrgico nos moldes de uma igreja pré-conciliar. Solicitado por Dom Henrique Gelain, encontrou no beneplácito do Papa Pio XII a autorização para seu funcionamento. A Bula *Cum Uniuscuiusque dioecesis* datada de 29 de novembro de 1955,<sup>1415</sup> oficializou o assentimento do pontífice a esse pedido e

---

<sup>1415</sup>Cf. AAS - ACTA APOSTOLICAE SEDIS. **CONSTITUTIONESAPOSTOLICAE**. a. XXXXVIII.28 Maii 1956 (Ser. II, v. XXIII), Typis Polyglottis Vaticanis, 1956. p. 245-247. Disponível em:

estabeleceu a fundação do organismo eclesial. No noroeste paulista, nas dioceses da província eclesiástica de Botucatu, Lins era a única que ainda não detinha um Cabido diocesano, naqueles idos da década de cinquenta. Tanto Assis, constituída diocese há mais de duas décadas como Marília, recentemente estabelecida, gozavam desse mecanismo eclesiástico. O bispado de Lins era, portanto, caudatário de um processo que já estava instituído em suas congêneres.

A instalação do Cabido catedralício foi feita no ano seguinte, sob delegação do nuncio, por ocasião da festa da Assunção da Virgem Maria,<sup>1416</sup> pelo bispo diocesano Dom Henrique Gelain. A própria Santa Sé nomeou como primeiro arceidiago, o Padre José Silveira Barbosa<sup>1417</sup> bem como arceipestre o Padre Lino Braz Bonnwart.<sup>1418</sup> O bispo diocesano deu pleno cumprimento ao reescrito e nomeou para assomar-se as duas dignidades eclesiásticas (arceipestre e arceidiago) outros seis sacerdotes para a função de cônegos capitulares, a saber: Luiz Gonzagga Passetto (teologal, também nomeado camareiro secreto do papa no mesmo ato), Vicente Francisco de Jesus (Penitenciário); Norberto Kondó, João Batista Tofolli, João Santucci e Orides Fraçoni.<sup>1419</sup>

Uma vez autorizado a instalação e dado cumprimento ao decreto que lhe outorgava o direito de funcionamento,<sup>1420</sup> Dom Gelain encerrou as atividades do colégio de consultores, suprimindo seu papel e transferindo essa competência para o Cabido da catedral.<sup>1421</sup> Esse organismo passou a gozar de vida regular no que tangia as suas competências, isto é, auxiliando o bispo diocesano no governo da diocese, apontando e buscando solver problemas e lides relativos à vida do bispado. O livro tombo registra frequentes reuniões do Cabido, além da assistência a celebrações litúrgicas. Os cônegos, por sua vez, desempenharam papéis relevantes na diocese. À guisa de exemplo, Padre José Silveira Barbosa, além do cargo no Cabido foi chanceler do bispado. Foi ele, também o primeiro a renunciar ao cargo de arceidiago, quando da chegada de Dom Pedro Paulo Koop. Outrossim, por ocasião da transferência de Dom Henrique Gelain para Vacaria (RS)<sup>1422</sup> no período de sede vacante do bispado, o Cônego teologal, monsenhor Luiz

---

<https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-48-1956-ocr.pdf>. Acesso em: 20 jun.2022.; ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**: Bula de Criação do Cabido Diocesano de Lins. Lins, 1959, p. 1v-2v.

<sup>1416</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 3-4; ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.75.

<sup>1417</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 4.

<sup>1418</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 4v.

<sup>1419</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 6. 7.

<sup>1420</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 6v-7.

<sup>1421</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 4.

<sup>1422</sup>Cf. ACDL - **Livro do tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988). p. 94.



Gonzaga Passetto<sup>1423</sup> tornou-se o capitular do sólio Linense até que Dom Paulo Koop fosse eleito para aquela diocese.

Nota-se que o bispado de Lins, à luz da lúdima tradição jurídica eclesiástica, embora tardiamente, consolidou o Cabido. A solicitação de Dom Henrique Gelain era caudatária de uma normativa da igreja pela qual ele tinha diligência e, através da qual, julgava poder cumprir melhor seu múnus de reger o bispado. Ao mesmo tempo, a instituição emprestava nome e prestígio tanto ao clero como à cidade. Prova incontestada deste último, foi o fato que quando da instalação do Cabido, a câmara de vereadores da cidade enviou uma comissão especialmente para o evento e o saudaram em sessão especial da casa legislativa.<sup>1424</sup> O Cabido, igualmente, cumpria sua função de ajudar no governo diocesano e, quando da vacância da *Sé* Linense, o uso de suas atribuições, concorreu para gestão do bispado até que o novo bispo chegasse. Em poucas palavras o Cabido era uma instituição relevante e importante no cenário eclesial daquela diocese que gozava de pleno prestígio e funcionamento.

A relação de Dom Paulo com o bispado de Lins, grosso modo, inicia-se por essa instituição. Ao vigário capitular, membro do Cabido, fora enviado, poucos dias após a notificação a Dom Paulo, uma carta da nunciatura que comunicava a nomeação do novo ordinário do bispado. Igualmente, são os membros do Cabido que vão dar corpo, como anteriormente afirmado, à posse por procuração do Bispo,<sup>1425</sup> visto que este havia partido para o Concílio logo após sua ordenação, em setembro de 1964. A membros desse mesmo colegiado, Dom Paulo confiou cargos, como o de vigário geral e de gestor do Jornal o Bandeirante. Nota-se, portanto, que em relação ao organismo enquanto tal, não havia animosidades ou rugas aparentes ou latentes entre bispo e cônegos. As motivações para supressão do Cabido decorrerão, desse modo, de uma progressiva renovação da compreensão eclesiológica da qual Dom Pedro Paulo era o principal defensor sobretudo do imperativo da colegialidade como via preponderante do exercício do poder e serviço na Igreja.

A primeira reunião oficial de Dom Paulo com o Cabido dos cônegos, dá-se quando do seu retorno para a diocese. Vencida a terceira Sessão do Concílio, sua visita a família - às suas irmãs religiosas na África - e aos bispos holandeses, Dom Pedro Paulo, fez sua entrada solene no bispado de Lins. O clima festivo e a excitação da chegada do novo

---

<sup>1423</sup>Cf. ACDL - Livro tomo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.100.

<sup>1424</sup>Cf. ACDL – Livro Tombo do Cabido Diocesano - Lins, 1959, p. 8.8v.

<sup>1425</sup>Cf. ACDL - Livro tomo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.102-104.

bispo traziam consigo inevitáveis especulações em torno de qual seria os *modus operandi* de sua atuação no sólio episcopal. O encontro, do bispo diocesano com os padres que compunham o Cabido, versou sobre temas ligados à vida interna do bispado.<sup>1426</sup> Nessa mesma oportunidade, o prelado Missionário do Sagrado Coração afirmou que iria iniciar um processo de reconhecimento e visita a sua diocese no afã de sentir a geografia e a vida eclesiástica do bispado.

Durante essa mesma reunião, embora ela goze de exíguo e lacônicos registros, o secretário do Cabido deixou claro o caminho sob o qual o ordinário do bispado queria reger a diocese. Expressou-se que conduziria o bispado sob o princípio da colegialidade, nas palavras do secretário: “sua excelência lembrou que o governo da diocese há de se realizar ‘*collegialiter*.’”<sup>1427</sup> Nessa mesma reunião, sob um outro registro, ficou dito que junto com o clero, gostaria de formar “uma verdadeira comunidade Pastoral e Fraternal.”<sup>1428</sup> Naquele momento histórico (março de 1965), a ideia de colegialidade, que já havia sido debatida desde a 42ª Congregação Geral,<sup>1429</sup> ainda no primeiro período conciliar, já tinha sido incorporada,<sup>1430</sup> na recém-aprovada<sup>1431</sup> e promulgada<sup>1432</sup> Constituição Dogmática *Lumen Gentium*.

Essa informação possibilita afirmar que ela, ao menos em tese, já devia gozar de alguma incidência nas ideias de Dom Paulo Koop. Anterior e ulterior a essa Constituição Dogmática e certamente fecundando e pavimentando uma eclesiologia renovada que marcou o titular do sólio Linense, pode-se colocar a Encíclica *Ecclessiam Suam* de Paulo VI que, entre outros, defendia o diálogo com a humanidade e uma renovada/aprofundada consciência da Igreja sobre si mesma enquanto Corpo de Cristo. Ademais Dom Paulo, ao final do Concílio, como anteriormente foi exposto, advogava que um dos fatores que tornava o Vaticano II um evento singular na história era a defesa da colegialidade Episcopal<sup>1433</sup> algo “muito além da publicação dos documentos.”<sup>1434</sup> Portanto, esse

<sup>1426</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

<sup>1427</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

<sup>1428</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de presbíteros – I** (1949- 1973), p.4.

<sup>1429</sup>Cf. AS II/2, 221-272.

<sup>1430</sup>Convém assinalar que a palavra colegialidade não figura no texto conciliar em momento algum. Seu sentido, contudo, é extraído, entre outras, das expressões colégio, colegial, corpo.

<sup>1431</sup>Cf. AS III/8, 407.

<sup>1432</sup>Cf. AS III/8, 780-781; 784-836 (Texto completo).

<sup>1433</sup> Sobre colegialidade Episcopal na América Latina, lugar onde Dom Pedro Paulo Koop viveu, pode-se ler: FERREIRA, Reuberson (2020). Que bispo na América latina? Uma leitura do ministério Episcopal à luz do conceito de colegialidade do Vaticano II. In. DI FIORE, André Gustavo; FERREIRA, Reuberson (Orgs). **Vaticano II. Olhares e perspectivas**. São Paulo, Recriar.

<sup>1434</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

conceito que cobra uma visão menos jurídica da Igreja e uma compreensão de comunhão enquanto pluralidade de ministérios (Povo de Deus, Corpo Místico), é certamente elemento distintivo que pode ter dado azo àquilo que, mais tarde, resultará na supressão do Cabido, visto que este organismo, além de mais jurídico, era menos representativo do presbitério diocesano e tinha menor possibilidade factível de substituição.

Deve-se afirmar que, conquanto Dom Paulo Koop tenha sido marcado pelo conceito de colegialidade, a supressão do Cabido diocesano enquanto sinal visível desse processo de recepção prática do Concílio resultou de uma caminhada processual, da assimilação progressiva e contínua dessa eclesiologia. Elementos outros vão convergir para essa resolução. Dentre alguns, a criação do Conselho de Presbíteros no bispado de Lins, no verão de 1969, durante reunião do presbitério contribuiu para esse desfecho.<sup>1435</sup> Esse conselho, assim como outros, era uma demanda reclamada pelo Concílio Vaticano II.<sup>1436</sup> O *motu proprio Ecclesiae Sanctae*<sup>1437</sup> do Papa Paulo VI e a *Carta Presbyteri Sacra* da Congregação do clero de abril de 1970 advogavam sua instalação nos bispados. Tratar-se-ia de uma admoestação para que fosse constituído um “órgão de conversa ou diálogo comum [...]entre o bispo e os sacerdotes.”<sup>1438</sup> Sob égide dessa ideia foi instalado o Conselho presbiteral em Lins.

Dom Paulo, em sua carta pastoral de 1967 já acenava para a urgência desse mecanismo.<sup>1439</sup> Igualmente, o Primeiro Plano de Pastoral diocesano orientava que a criação do Conselho de presbíteros, entre outros, seria um valioso instrumental de

<sup>1435</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.125.

<sup>1436</sup>CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum ordinis (PO)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 7 ou nota 41: “No direito em vigor já se fala do Cabido da catedral, como ‘senado e conselho’ do Bispo (C.I.C., c. 391), ou, na sua falta, do grupo dos consultores diocesanos (cf. C.I.C., cc. 423-428). Deseja-se, todavia, que estas instituições sejam revistas de tal modo que se providencie melhor às circunstâncias e necessidades atuais. É claro que este grupo de Presbíteros difere do conselho pastoral de que se fala no Decreto *Christus Dominus*, acerca do múnus pastoral dos Bispos na Igreja, 28 de outubro de 1966, nº 27, a que pertencem também os leigos e a quem pertence apenas investigar o que diz respeito às obras pastorais. Acerca dos Presbíteros como conselheiros dos Bispos, podem ver-se: *Didascalía*, II, 28,4 (ed. F. X. Funk. I. p. 108); *Const. Apost.*, II, 28, 4 (ed. F. X. Funk, 1, p. 109); S. Inácio M., *Magn.*6,1 (ed. F. X. Funk, p. 234, 10-16); Trall. 3, 1 (ed. F. X. Funk, p. 244, 10-12); Orígenes, *Adv. Celsum*, 3, 30: Os Presbíteros são conselheiros ou *Bouleytai* (PG 11, 957 d-960 A)”

<sup>1437</sup>Cf. AAS. **Motu Proprio Ecclesiae Sanctae**. v. 58 a.58. Typis Polyglottis Vaticanis n.15 §1-3, p. 766. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-58-1966-ocr.pdf>. Acesso em: 20 jun.2022.

<sup>1438</sup>CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Carta Presbyteri Sacra*. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_19700411\\_presbyteri-sacra\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_19700411_presbyteri-sacra_it.html). Acesso em: 20 jun.2022. (Tradução nossa)

<sup>1439</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério**. Lins, 1967, p. 9.

consolidação da unidade no bispado.<sup>1440</sup> Assim, no dia 29 de fevereiro de 1969 oficialmente foi constituído o Conselho Presbiteral da diocese de Lins.<sup>1441</sup> Nota-se que as definições do Concílio começam a penetrar a musculatura do bispado. Começa a ser desenhada com contornos concretos os postulados do Vaticano II naquela diocese ao noroeste do estado de São Paulo.

O Conselho de Presbítero, doravante passa a gozar de lugar particular no bojo da estrutura administrativa, organizacional e pastoral do bispado. Torna-se, desse modo, mais representativo do presbitério, pois além de gozar de padres das diversas regiões pastorais como seus membros ofertava a possibilidade de um número muito maior destes pois requeria alternância por eleição. A fim de cumprir sua missão, reuniões regulares são propostas e temas administrativos e pastorais são tratados. No interior das próprias reuniões, discutia-se a natureza do conselho. O bispo afirmava que ele era um órgão independente que poderia funcionar sem sua presença, mas em comunhão com ele.<sup>1442</sup> Os padres evitavam criar, inicialmente, regimentos e estatutos sob o medo de torná-lo um órgão burocrático e por isso lhe traçaram princípios normativos<sup>1443</sup> insistindo cada vez mais que o Conselho Presbiteral, ícone da colegialidade, se transformasse num instrumento de reflexão e planejamento pastoral. Nos termos do próprio Conselho:

O assunto avaliação e operosidade do conselho conclui que a colegialidade não foi órgão estanque. No entanto, era preciso tirá-lo da fixação de prevalentemente ser apenas órgão de consulta e transformá-lo em um instrumento de reflexão, de planejamento de tal modo que o presbitério saiba que o conselho em âmbito maior de atuação, particularmente em assumir as linhas de pastoral na diocese. Assim realizar os fins a que se destina e não se catalogar no rol de órgão insensível, de enfeite, com o rotulo de novidade em seu nome, sem expressão pastoral alguma de renovação da Igreja<sup>1444</sup>

No bojo do Conselho Presbiteral e à luz da necessidade de renovação dos mecanismos de gestão do bispado, numa reunião datada de 29 de maio de 1972 desponta a sugestão de suprimir o Cabido diocesano.<sup>1445</sup> Os membros do Conselho, ao buscarem

<sup>1440</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 68, n.7.

<sup>1441</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926 - 1988), p.125: “Foram eleitos ad Biennium – Coneg Orides Fraconi(31 votos); Padre João Pancot (22 Votos); Padre Luis Crescenti (20 Votos) Padre Huberto Rademakers (18 votos); Padre Vicente Vannin (14 votos). Para suplente, Padre José Claudio da Silva (12 votos); Padre José Meulén (10 votos); Padre José Oscar Beozzo (10 votos); foram considerados membros natos do Conselho o Vigário geral [Monsenhor Luiz Passetto] e o Coordenador da Ação Pastoral [Pader Victor Assuítii]”

<sup>1442</sup>Cf. ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de presbíteros – I** (1949- 1973), p. 14.

<sup>1443</sup>Cf. ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 14v.

<sup>1444</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973),38v.

<sup>1445</sup>Cf. **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973),42.

redigir o estatuto - antes preterido - desse mecanismo, entendiam que ele deveria, entre outras coisas, funcionar como “núcleo central do conselho pastoral” [...] bem como ser responsável “pela indicação do vigário capitular em caso de vacância da diocese”<sup>1446</sup> que até então competia ao Cabido. Dado que as reuniões do órgão que agregava os cônegos e seu conseqüente funcionamento haviam se tornado inusuais, sugeriu-se pedir que os “membros remanescentes do Cabido [...] renunciem ao seu título e ao bispo diocesano que peça a extinção do Cabido a Santa Sé.”<sup>1447</sup> Tanto a orientação como a sugestão, não sem algumas rugas – como falaremos adiante - , foram acolhidas.

Nota-se que no interior do Conselho de Presbíteros, constatou-se que o Cabido Diocesano, conquanto tenha sido uma relevante instituição do bispado numa época pré-conciliar, já não atendia mais um escopo plausível ou compatível com uma Igreja que buscava concretizar um espectro do *aggionamento* quisto pelo Concílio. Mais ainda, dentro do intento do fortalecimento do Conselho Presbiteral as decisões, esperava-se, seriam tomadas como fruto de uma reflexão eivada por um viés pastoral, sedimentado na realidade concreta do bispado, era um caminho natural que se aventasse a supressão do Cabido. Assim, respaldado pelo conselho e atendendo a sua intuição, Dom Paulo requereu da Santa Sé a extinção da instituição que arremontava os cônegos da diocese.

Na carta enviada ao Vaticano, as razões para a supressão do Cabido se tornam mais explícitas. Em missiva datada de julho de 1972, Dom Pedro Paulo Koop, argumenta que a proposta é uma opção deliberada do Conselho de presbíteros e que os cônegos, primeiros interessados, concordam e renunciam aos seus cargos e títulos. Outrossim, ele está consciente das deliberações da Congregação para o clero, particularmente na *Presbyteri Sacra*<sup>1448</sup> que recomendava a existência de um único organismo de governo que arremontasse maior número de representantes, bem como sugeria que se reformassem os Cabidos de catedrais. Mais ainda, estava o bispo ciente que tanto os cônegos como os presbíteros entendiam que não tinha havido renovação no Cabido do bispado nos últimos anos e que essa possibilidade era muito limitada, ao passo que num Conselho de Presbíteros, além de um organismo renovado, a representatividade do presbitério seria muito maior e mais dinâmica. Desse modo, como um corolário, Dom Paulo “pede reverentemente, a extinção do Cabido da cathedral, que seria substituído, *in*

<sup>1446</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 42.

<sup>1447</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 42.

<sup>1448</sup>Cf. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. *Carta Presbyteri Sacra*. Disponível em: [https:// www.vatican.va/ roman\\_curia /congregations/cclergy/ documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_19700411 \\_presbyteri-sacra\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/clergy/documents/rc_con_cclergy_doc_19700411_presbyteri-sacra_it.html). Acesso em: 20 jun.2022. (Tradução nossa)

*tantum*, pelo conselho de presbíteros,<sup>1449</sup> competindo a ele, inclusive a eleição, em caso de vacância, do vigário capitular, como a época era chamado, o hoje, administrador diocesano.

A Santa *Sé*, pouco menos de um mês da solicitação, respondeu a Dom Pedro dizendo que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil deveria ser consultada para arbitrar sobre a questão. Sua decisão deveria ser comunicada ao Vaticano que a ratificaria.<sup>1450</sup> Como orientado, foi executado. A presidência da Conferência recebeu a mesma solicitação em agosto daquele mesmo ano.<sup>1451</sup> Examinada a questão nos órgãos competentes da CNBB, a congregação para o clero foi notificada sobre o parecer favorável dos bispos. Por sua vez, assentiu a solicitação do bispo de Lins e do seu presbitério, suprimindo o Cabido Diocesano.<sup>1452</sup> Orientando, todavia, que se seguisse as determinações do motu proprio *Ecclesiae Sanctae* no que diz respeito a aplicação de novos conselhos.<sup>1453</sup> Estava, desse modo, supresso o Cabido diocesano de Lins e suas competências doravante passariam ao Conselho de Presbíteros que gozava de mais membros, representava todas as regiões e emprestava força a uma eclesiologia que se espelhava à do Vaticano II. Deve-se mencionar que, embora a ideia da extinção do Cabido tenha brotado do Conselho de Presbíteros, como qualquer outra decisão, houve vozes dissonantes. Entres os cônegos houve um que julgava a decisão inconsistente e açodada, por isso não concordou com a extinção, tampouco renunciou seu ofício.<sup>1454</sup> Tratava-se do cônego João Baptista Toffoli que mais tarde, incluso, se excardinará do bispado.

Percebe-se que a supressão do Cabido Diocesano do bispado de Lins decorre de uma clara opção por um mecanismo pastoral e colegial. Na ânsia de configurar sua diocese a uma fisionomia mais à altura da Igreja desenhada pelo Vaticano II, Dom Pedro Paulo insiste na consolidação do Conselho presbiteral. Subjaz em sua opção a aplicação da noção de Igreja enquanto Povo de Deus, organismo colegial, com sugeria o Decreto

<sup>1449</sup>ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 26-26v.

<sup>1450</sup>Cf. ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 44; ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 25v.

<sup>1451</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 27.

<sup>1452</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 28; ACDL – Carta da Sacra Congregatio pro cleris, 13 de januari de 1973 – Port. n. 141450/I **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 153, p.1.

<sup>1453</sup>Cf. AAS. **Motu Proprio Ecclesiae Sanctae**. v. 58 a.58. Typis Polyglottis Vaticanis n.17 §1-2, p. 767. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-58-1966-ocr.pdf>. Acesso em: 20 jun.2022.

<sup>1454</sup>ACDL – **DIOCESE DE LINS. Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 9.

*Lumen Gentium*.<sup>1455</sup> Igualmente urgia a sensibilidade pelas diretivas conciliares exaradas no Decreto *Christus Dominus*,<sup>1456</sup> pondo em prática a *Presbyterorum ordinis*<sup>1457</sup> e as normas pós-conciliares plastificadas em motu próprio como *Ecclesiae Sanctae*,<sup>1458</sup> entre outros.

O Conselho de presbíteros, nesse sentido, por ser uma demanda do processo conciliar e, ao mesmo tempo, um mecanismo mais dinâmico, pois ofereceria uma maior possibilidade de participação de mais membros do clero, diferente do Cabido diocesano, emprestaria maior vigor a uma ideia de corresponsabilidade com a vida da Igreja local. Esse instrumental, pode-se concluir, seria um exemplar emblemático do processo gradual e progressivo que o bispado de Lins vivia para transformar os postulados do Concílio em prática concreta. Tratava-se de um processo de infiltração das ideias conciliares na epiderme do bispado, seria uma migração de um estado de recepção Kerigmática para uma paulatina assunção de um conceito de recepção Prática.

Pondera-se, contudo, que não apenas pela criação do mecanismo se configura essa mudança, mas por sua ação. De fato, as atas das reuniões do conselho de presbíteros, analisadas ao longo dos anos revelam que ele se torna um órgão pujante para o bispado. Questões de ordem pastoral e auxílio no governo da diocese de Lins, paulatinamente serão por ele discutidos. À maneira de exemplo, pode-se citar que nesse conselho foi discutido e definido a questão da criação de um Vigário Episcopal para Pastoral.<sup>1459</sup> Nele igualmente debate-se e, incluso, contesta-se a construção do prédio do ITEL.<sup>1460</sup> Também nessa esfera discute-se a instituição da ordenação do diaconato permanente.<sup>1461</sup>

Um exemplo ainda mais eloquente de sua vitalidade, decorre do assumir, promover como pauta diocesana e com singular novidade o trabalho junto a mulheres

<sup>1455</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Consituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG). In: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n.7. 23.

<sup>1456</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decrceto *Christus Dominus* (CD). In: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n.27: “Entre os cooperadores do Bispo no governo da diocese, contam-se também os presbíteros que formam o seu senado ou conselho. Tais são os membros do Cabido catedral, o grupo dos consultores ou outros conselhos, segundo as circunstâncias ou a índole dos diversos lugares. **Estas instituições, de modo especial os Cabidos catedrais, sejam reformados**, na medida em que for necessário, para que se acomodem às necessidades hodiernas.”(grifo nosso)

<sup>1457</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum ordinis* (PO) In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, p.7.

<sup>1458</sup>Cf. AAS. **Motu Proprio *Ecclesiae Sanctae***. v. 58 a.58. Typis Polyglottis Vaticanis n.15 §1-3, p. 766. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-58-1966-ocr.pdf>. Acesso em: 20 jun.2022.

<sup>1459</sup>Cf. ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbiteros – I** (1949- 1973), p. 23v.

<sup>1460</sup>Cf. ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbiteros – I** (1949- 1973), p. 45v-46.

<sup>1461</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – I** (1973- 1977), p. 5v. 15.17. 18.

prostituídas. Tratava-se de um trabalho encampado, inicialmente, pelo Padre Hugo D'ans. Um belga doutor em teologia que, a convite de Dom Paulo e de Padre José Oscar Beozzo, veio ao Brasil trabalhar no ITEL e na pastoral diocesana. Em meados de 1978, já como membro do Conselho de presbíteros, o sacerdote belga, iniciou um trabalho junto as mulheres prostituídas de Lins, buscando resgatar a dignidade de muitas e ser uma presença eclesial junto à esse grupo.<sup>1462</sup> O projeto foi chamado, inicialmente, trabalho com “decaídas” e alterado para “Madalenas.”<sup>1463</sup> Dentre suas ações, construiu-se no local, a pedido das próprias mulheres, uma capela dedicada a Nossa Senhora Aparecida e passou-se a celebrar regularmente no local, incluso com a guarda de reservas Eucarísticas.<sup>1464</sup> Dentro do próprio conselho, o projeto foi criticado, pois parecia aos olhos de um dos membros, que “a capela lá poderia dar a ideia de legitimidade da ação.”<sup>1465</sup> Em defesa da ideia, o Padre Hugo disse que trabalhava em comum acordo com o bispo e que o serviço era “uma ideia pioneira na diocese, que poderá servir de inspiração”<sup>1466</sup> para outras dioceses e paróquias. O Conselho, ante a singularidade do trabalho e opondo-se às críticas daquele membro, arguiu que além de um trabalho singular, a igreja de Lins deveria fazer desse serviço uma constante em sua história. Sugeriu-se, então, a criação de uma paróquia ambiental para atender toda aquela população que era explorada sexualmente. O assunto deveria ser tratado, em conselhos próximos.<sup>1467</sup> A discussão prosperou, e constituiu-se a paróquia que funcionou por muito anos, lamentavelmente extinta tempos depois - *Sic transit glória mundi*. Esse debate, contudo, acena para a dimensão propositiva e para incidência pastoral que o conselho, paulatinamente, foi gozando na esfera eclesial em Lins. Mais ainda, reflete que os postulados do Concílio, mormente com sua incidência Latino-americana de opção pelos pobres, ganham contornos claros no bispado.

Enfim, para dizer que o Conselho não só por ter sido constituído configurou-se um lugar de exercício da corresponsabilidade, mas porque se tornou amplo espaço de decisão, debate e encaminhamento de questões administrativas e pastorais no bispado. Ele era signo de uma recepção prática. Fato que também acontecerá com outros

---

<sup>1462</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 10.

<sup>1463</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 10.13.

<sup>1464</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 13v

<sup>1465</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 20.

<sup>1466</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 20.

<sup>1467</sup>Cf. ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 20.



organismos como as Regiões Pastorais, os Conselhos Pastorais, os Vigários e a as Regiões Episcopais.

## 2.2 Regiões Pastorais, Vigararias (Regiões) Episcopais e Vigário Episcopal Pastoral: espectros da recepção kerigmática e pastoral

Outro elemento que pode ser analisado como simbólico do processo de recepção do Concílio em Lins, sob a intuição de Dom Pedro Paulo Koop, é a constituição das Regiões Pastorais com seus consequentes Conselhos Regionais e as Vigararias (Regiões) episcopais e, de modo, particular a figura do Vigário Geral Episcopal para Pastoral. Tratava-se de uma simbiose e de uma reformulação de mecanismos já existentes na Igreja com outros ainda a serem implementados sob o impulso do Vaticano II gozando ora de uma nova fisionomia, ora de um novo protagonismo.

Pouco menos de dez anos antes da posse de Dom Pedro Paulo Koop, o bispo diocesano de Lins, à época, Dom Gelain, ao elaborar seu relatório quinquenal à Santa Sé, descrevia com minúcias a estrutura da diocese.<sup>1468</sup> Nessa descrição, informava população, número de padres e religioso(a)s, os mecanismos de formação (seminários), as principais dificuldades e as atividades de sua diocese. No texto, o bispo residencial também acena, sem dizer onde e quais eram, para uma divisão diocesana. A região estava dividida em cinco vicariatos forâneos, agrupamento de várias paróquias para um atendimento mais descentralizado. O texto quase nada menciona da existência de vigários forâneos, tampouco os cita ou trata de suas competências, menos ainda relaciona atividades nesses ambientes desenvolvidas. Pode-se especular que não era o ambiente próprio para essas definições ou intuir que, bem mais que um órgão operacional, os vicariatos e os respectivos vigários, eram um instrumental canônico, jurídico com pouca incidência prático pastoral no bispado. Não obstante essa hipótese, pode-se dizer que na raiz daquilo que viriam a ser as Regiões Pastorais, estaria a noção de vicariatos forâneos. Igualmente os coordenadores das Regiões espelham a imagem do vigário forâneo. Evidentemente que ambas as funções, permeadas por uma perspectiva distinta, sobejadas pelas ideias oriundas do Concílio encerrado em 1965.

As regiões pastorais, efetivamente, despontam com Dom Pedro Paulo Koop em janeiro de 1967. Elas, aos olhos do bispo, ao lado do Secretariado Diocesano de Ação Pastoral e das Comissões diocesanas, compunham um grupo que vinha “há anos

---

<sup>1468</sup>Cf. ACDL – Quinquenal Relatio de Ecclesiae Linensis Statu Ad Sacntam Sedem Mitenda – In anno 1959. **Escatúla Dom Henrique Gelain**. f. 1, 22p.

envidando [...] os esforços para que [...] a Igreja de Lins responda [no] seu ‘presente’ aos apelos que o Espírito Santo [...] dirige através do Vaticano II.”<sup>1469</sup> Com o estabelecimento das Regiões Pastorais, ajuizava o Primeiro Plano de Pastoral, tornou-se “marcante as possibilidades que isso abriu para a realização de um trabalho pastoral mais planejado e eficiente.”<sup>1470</sup> O bispo diocesano, também, acreditava que esse organismo era um instrumental para que o clero melhor assumisse sua missão “unindo-se para uma pastoral de conjunto.”<sup>1471</sup> As regiões, portanto, surgem, sob este juízo, como mecanismo que concorreria para o processo de recepção prática do Concílio favorecendo a pastoral em conjunto.

As Regiões eram espaços territoriais destinados a dinamizar as atividades pastorais em áreas geográficas específicas visando responder “problemas globais e, [...] [assumirem], em conjunto soluções pastorais para esses problemas.”<sup>1472</sup> Desse modo, as sete Regiões Pastorais constituídas tinham uma sede que lhe emprestava o nome - em geral as cidades maiores daquela localidade - e abrangiam outras paróquias (normalmente cidades menores ou povoados) do bispado. A descrição das regiões pode ser assim observada: 1) Lins, como sede da região, comportava amalgamava a Catedral do bispado (Santo Antônio), São João Bosco, São José, Nossa Senhora de Fátima, São Benedito, Reitoria da Aparecida (em Lins); Guaiçara, Sabino, Getulina e Guaimbê; 2) Cafelândia, por sua vez, Pirajuí, Presidente Alves, Pongaí, Reginópolis e Guaratã; 3) Penápolis, a seu turno, abrangia Promissão, Avanhandava, Barbosa e Glicério; 4) Clementina, compendia Braúna, Piacatu, Gabriel Monteiro, Bilac, Luziânia, Alto Alegre; 5) Araçatuba, abrangia, São João Batista, São José Operário, Bom Jesus da Lapa, Sant’ana Santo Antônio, Coração de Maria (em Araçatuba), Coroados e Birigui. 6) Valparaíso era composta por Imaculada Conceição (em Valparaíso), Guararapes, Lavínia, Bento de Abreu, Mirandópolis; 7) Andradina, formada por Nossa Senhora das Graças, Bom Pastor (em Andradina), Guaraçaí, Murutinga do Sul e Castilho. Eram sete regiões que agregavam as mais de quarenta paróquias do bispado. Estavam dívidas por

---

<sup>1469</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p.4.

<sup>1470</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 68, n. 6.

<sup>1471</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes.** a.17, n.9. set. 1969, p. 792.

<sup>1472</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 68, n. 68.

afinidades culturais, geográficas ou econômicas. Tinham como objetivo, forjar uma pastoral ativa, dinâmica e corresponsável à luz do Vaticano.<sup>1473</sup>

A testa de cada Região Pastoral sob o epíteto de coordenador estava um presbítero. Os primeiros coordenadores foram escolhidos pelo bispo, para o período de dois anos, os demais, eleitos pelas próprias regiões. A ele competia articular as reuniões mensais do seu núcleo, mormente com os padres, mas também com os leigos, a fim de que, juntos, contemplando a realidade concreta de sua região, à luz do Vaticano II, pudessem propor soluções locais para intempéries próprias de cada lugar. No fundo, subjazia a ideia de descobrir, como propunha o Primeiro Plano Diocesano de Pastoral, citando o plano Regional de Pastoral do Sul I, até onde “na situação [da][...] realidade diocesana se realiza ou não a comunhão de vida dos homens com o Pai e entre si, em Jesus Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação da Igreja? Quais fatores impulsionam ou impedem a realização deste objetivo?”<sup>1474</sup> A Região Pastoral, potencialmente, seria a unidade menor onde se processariam discussões e debates acerca do caminho a ser trilhado na busca de um concreto exercício de evangelização a luz dos sinais dos tempos. Era para ser, portanto, um mecanismo de comunhão.

Como instrumental a serviço do bem da Igreja e da comunhão, celebraram-se nas regiões diversos cursos de formação (mentalização) de temáticas ligadas a eclesiologia conciliar. Seguindo a lógica de arregimentar o laicato, religiosos e clérigo por setores, o Cronograma de atividades do Secretariado Diocesano de Pastoral do segundo semestre de 1968 e do primeiro de 1969 registra, entre vários outros, cursos sobre as Comunidades Eclesiais de Base na Região de Penápolis, ou ainda, Cursos sobre o Concílio para leigos em Andradina e em Araçatuba.<sup>1475</sup> Nesse sentido e a título de exemplo, na região de Cafelândia, mais precisamente na cidade de Presidente Alves, foi ofertado pela equipe do Padre Victor Assutti,<sup>1476</sup> um curso ao laicato sobre a Igreja da atualidade. As conclusões do encontro, registradas pelo Secretariado, atestam que o objetivo de refletir nas regiões tinha como principal intenção levar leigos a assumirem o protagonismo da evangelização,

---

<sup>1473</sup>Cf. ACDL - SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 6.

<sup>1474</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 68, n. 22.

<sup>1475</sup>Cf. SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. Cronograma das atividades do Secretariado Diocesano de Ação Pastoral- julho 1968. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 26, p. 2.

<sup>1476</sup>Cf. ACDL - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. Curso de Preparação dos leigos na Igreja de hoje – Presidente Alves, junho de 1967. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 25, p. 1-4.

sentirem-se corresponsáveis pelo anúncio do Evangelho e pela sua Igreja. Nessa mesma linha, nas Regiões Pastorais por meio das diversas reuniões e estudos foi possível maturar nas bases do Primeiro Plano de Pastoral Diocesano.<sup>1477</sup> Corrobora-se desse modo, que as Regiões pastorais, a um só passo eram ambiente do processo Kerigmático de recepção bem como corporificavam um tipo de recepção prática do Concílio pois infiltravam as ideias conciliares no bojo do bispado de Lins.

As Regiões Pastorais, embora fossem uma lapidar intuição no sentido de aproximar e corresponsabilizar clérigos e laicato do processo de recepção do Concílio, também estavam sujeitas às vicissitudes desse processo, pois como atesta Gilles Routhier,<sup>1478</sup> toda recepção comporta variações e está sujeita a elementos como o protagonismo dos seus atores, os dados culturais, econômicos, sociais e espirituais do processo. Assim, mesmo sendo um elemento que se configurava com um claro espectro de favorecimento da recepção Kerigmática e Prática, ele estava sujeito a singularidades e dificuldades próprias. Nesse sentido, em 1970, três anos após a criação das Regiões Pastorais, o Secretariado Diocesano de Ação Pastoral constatou notórias dificuldades em relação àquilo que era proposto como objetivo das regiões. Dentre elas era inegável que nem todos os padres se comprometiam com o plano de sua região; que os coordenadores não se sentiam estimulados e conscientes de sua função por isso não desempenhavam seu papel; reuniões, inicialmente empolgantes, não se sustentavam mais; certas cidades como Bilac, Gabriel Monteiro, Piacatu, Clementina e Braúna não se integram enquanto região; somente a Região de Valparaíso estava realmente motivada para o trabalho e com perspectivas para o futuro.<sup>1479</sup> Esses dados confirmam que o processo de recepção não é retilíneo e uniforme. Ao mesmo tempo que ele avança em determinados aspectos, retrocede em outros e só progressivamente vai sendo decantado e assimilado na realidade concreta de uma diocese. Em decorrência desse processo, não obstante a insistência para que fossem constituídos conselhos regionais, composto por leigos, religiosos e

---

<sup>1477</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 68, n. 6: “Por isso, entre elaborar imediatamente um plano e propô-lo, preferiu optar por um processo mais lento, mas de participação mais intensa e de moiro co-responsabilidac(*sic*), colhendo durante o decorrer do ano de 1967, o resultado de reflexões e sugestões das **Regiões Pastorais**”

<sup>1478</sup>Cf. ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p.70.

<sup>1479</sup>Cf. SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 6-7

presbíteros, essa ideia só se consolidou em algumas regiões, no caso Andradina e Valparaíso.<sup>1480</sup>

Na esteira das Regiões Pastorais, despontaram as Vigararias<sup>1481</sup>(Regiões) episcopais no bispado de Lins. Embora seja árduo precisar uma data exata sua constituição, elas muito provavelmente consolidaram-se nos primeiros anos da década de setenta. Sua origem é o pedido explícito do bispo feito em março de 1971 de poder contar com três Regiões Episcopais, sem prejuízo das regiões pastorais, mas amalgamando-as. Ele entendia que elas seriam instrumentais uteis à unidade diocesana e que “a intensificação e animação da diocese, quanto a ação pastoral, é garantida pela próxima presença de um responsável com amplas faculdades episcopais e pela criação do respectivo Secretariado Regional de Pastoral.”<sup>1482</sup>Pode-se associar a preocupação do bispo, a sugestão do Secretariado Diocesano de Ação Pastoral, quando das dificuldades sentidas nas regiões pastorais, que propunha que ao coordenador das regiões “para desempenhar bem[...] [deveria ser] o responsável pela solução dos problemas e pelos serviços pastorais (crisma, dispensas etc).”<sup>1483</sup> Igualmente pode-se ligar ao projeto do bispo o que advogava o decreto *Christus Dominus* sobre a possibilidade de se constituir vigários episcopais para espaços territoriais ou ambientais de uma diocese.<sup>1484</sup> Dado essa indicação, a solicitação do bispo e certamente razões de ordem prático pastoral, constituíram-se Vigararias Episcopais que amalgamariam, cada uma delas, duas ou mais Regiões Pastorais e gozariam de seus próprios Vigários com as faculdades peculiares concedidas pelo bispo, que seria o responsável em escolhê-los.

Inicialmente, Dom Pedro Paulo Koop, sugeria apenas três regiões. Nos registros oficiais do bispado de Lins, embora saiba-se que mais tarde haverá quatro Regiões Episcopais, encontramos, documentalmente,<sup>1485</sup> a lista inicial de apenas de três vigários Episcopais: José Martinho Verhoeven (Região Araçatuba), Eugênio Geraldo Saleme (Região Alta Noroeste) e Clarêncio Gusson (Região Lins e Cafelândia). Um outro

<sup>1480</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1975-1979)**. Lins: s.e, s/d, p. 7; DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 6.

<sup>1481</sup>Vigararias é o modo como os documentos oficiais de Lins chamam as Regiões Episcopais.

<sup>1482</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 35.

<sup>1483</sup>SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p.7.

<sup>1484</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus* (CD). In: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 27.

<sup>1485</sup>Cf. ACDL - DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 1.

documento,<sup>1486</sup> mais tardio, refere-se a quatro nomes para as Vigararias Episcopais: Hugues Armand Odile Emeric d’Ans(Lins e Cafelândia), Cirilo Bergamasco, OFM(Penápolis); Lauro Araújo Franco, CFM (Araçatuba) Alberto Reis Mendes (Andradina).Essas informações, a um só passo, acusam a consolidação do pedido do bispo nos moldes por ele prescrito, o implemento dessa necessidade pelo conselho Presbiteral e a dinamicidade (na alternância de membros) desse organismo.

As Regiões (Vigararias) Episcopais no processo histórico de recepção do Concílio sob o pálio do episcopado de Dom Pedro Paulo Koop configura-se como um instrumental conciliar apropriado pela diocese. Tratava-se de mais uma instância colegiada. Não é possível afirmar se também era um mecanismo de decisão, mas certamente era um instrumento de serviço. A circularidade daqueles que ocupavam o ofício, como revelado em alguns documentos, indica o ideal de facultar a mais membros do presbitério, tal como no caso da fundação do Conselho de Presbíteros, ocuparem funções de corresponsabilidade e serviço no bispado.

Nessa mesma linha, um outro elemento, dentro desse aspecto de recepção e apropriação das ideias conciliares é a figura do Vigário Episcopal. Essa instituição enquanto tal, não é uma novidade. Ela existia em todos os bispados, mesmo antes do Concílio. Sua figura, entre outras, era de caráter jurídico e administrativo da Cúria. Com Dom Pedro Paulo, contudo, além da renovação que o Concílio propunha desse papel,<sup>1487</sup> o que ele fez, desponta uma nova personalidade, menos jurídica e mais pastoral gozando de direitos e poderes próprio do Bispo. Seria o “Vigário Episcopal Pastoral” ou “Vigário Episcopal itinerante”, como o prelado chamou.<sup>1488</sup>

A discussão sobre um Vigário Episcopal Geral Pastoral, embora encontre-se indícios que tenha sido gestada ao final de 1969,<sup>1489</sup> somente no segundo semestre de 1970 ganha corpo documental. Ao fim do retiro do clero de sua diocese, realizado em

<sup>1486</sup>Cf. ACDL - DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1975-1979)**. Lins: s.e, s/d, p. 1.

<sup>1487</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus (CD)*. In: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 27.

<sup>1488</sup>Cf. KOOP, Dom Pedro Paulo. Aos Padres, em julho de 1970(Retiro Espiritual). História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p.3; ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.131.

<sup>1489</sup>Na carta de apresentação do Vigário Episcopal, Dom Pedro Paulo assim se manifesta: “Já na Assembleia Geral dos Padres em Araçatuba [janeiro 1970] e, novamente, durante o retiro espiritual dos padres em Cafelândia, solicitei que me dessem um vigário Episcopal Itinerante, a fim de multiplicar contatos e estreitar laços entre o bispo e o povo.” Cf. KOOP, Dom Pedro Paulo. Do Bispo Pedro Paulo ao povo de Deus na Diocese de Lins. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 4, p.1; ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.136.

Cafelândia, sob a orientação do, a época auxiliar de Vitória, posteriormente, bispo de Campina Grande, Dom Luiz Gonzaga Fernandes, considerado por Dom Pedro Paulo Koop como um dos “melhores teólogos brasileiros”<sup>1490</sup> e certamente um dos paladinos das pequenas comunidades eclesiais de bases na Igreja do Brasil, que o bispo de Lins requereu de seu presbitério formalmente um Vigário Episcopal Pastoral.

Em uma mensagem dirigida aos padres,<sup>1491</sup> Dom Paulo Koop apresentou textualmente as razões do seu pedido. Para ele, o Episcopado, entre outras, gozava de duas características: “uma de caráter residencial, outra de caráter itinerante ou visitador.”<sup>1492</sup> O primeiro aspecto, afirmava o bispo, por ele era creditado ao Monsenhor Luiz Gonzaga Passetto, Vigário Geral, seu “*alter ego*”<sup>1493</sup> a quem ele delegou todos os poderes que lhe eram permitidos. Contudo, para o segundo aspecto – itinerante – o bispo de Lins requeria um Vigário Geral Episcopal para a Pastoral. Ele entendia, de acordo com o Concílio,<sup>1494</sup> que lhe era possível constituir um Vigário Episcopal. Mais ainda, ele reconhecia que sua agenda, sempre exígua de tempo e fadada a solver ocasiões emergenciais, “não lhe permitia abarcar sozinho todos os aspectos [...]do] múnus de bispo.”<sup>1495</sup> Por essa razão, insistia nessa figura como alguém capaz de fazer uma interlocução com as comunidades e tonificar a proximidade da autoridade episcopal com o povo em geral.

As competências atribuídas a essa figura, sob a intuição de Pedro Paulo Koop, além de crismar, pregar, visitar estabelecimentos e resolver problemas de consciência, seriam:

1. Em clima de liberdade e cordialidade estabelecer, de igual para igual, como entre irmãos, um contacto mais íntimo entre bispo, cúria pastoral e presbitério; ouvir o presbítero expor seus anseios, necessidades, preocupações, suas alegrias, esperanças e êxitos, seu método de pastoreio, qual o ambiente que o cerca, qual o tipo do seu campo de

<sup>1490</sup> Cf. KOOP, Dom Pedro Paulo. Carta aos Padres, Lins 08 de junho de 1970. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 15, p.1.

<sup>1491</sup> Cf. KOOP, Dom Pedro Paulo. Aos Padres, em julho de 1970 (Retiro Espiritual). História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p.1-5; ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.128-135.

<sup>1492</sup> KOOP, Dom Pedro Paulo. Aos Padres, em julho de 1970 (Retiro Espiritual). História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p.2; ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.130.

<sup>1493</sup> KOOP, Dom Pedro Paulo. Aos Padres, em julho de 1970 (Retiro Espiritual). História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p.2; ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.130.

<sup>1494</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus* (CD). In: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 27.

<sup>1495</sup> KOOP, Dom Pedro Paulo. Aos Padres, em julho de 1970 (Retiro Espiritual). História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p.3; ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.130.

trabalho e as possibilidades e dificuldades a êle(*sic*) inerentes etc. E também quais suas observações e críticas construtivas a respeito do bispo e da sua Cúria Pastoral.

2. No mesmo clima de mútua boa vontade o presbítero ouvir do Vigário Episcopal quais as diretrizes pastorais do bispo e da sua Cúria Pastoral, como melhor entrosar base e cúpula, quais os meios de que o bispado dispõe para auxiliar a pastoral local, quais as relações do presbítero local com o presbitério sub-regional, qual o entrosamento dos vários conselhos pastorais locais com os sub-regionais, etc.

3. Conversar sobre a implantação das diretrizes conciliares a respeito do ajiornamento(*sic*) ou renovação eclesial e das diretrizes do CELAM em Medellín, sobre a necessidade de uma pastoral de conjunto local, mediante a criação de um Conselho Pastoral paroquial, do qual o pároco é o presidente nato, e da Comissão Administrativa não presidida pelo Pároco, mas submissa ao conselho Pastoral e por este fiscalizada, com obrigação de uma prestação pública e mensal do movimento financeiro havido.

4. Contactar com o povo local, suas autoridades, seus movimentos de apostolado e respectivos dirigentes; pôr-se a par da situação social do lugar e da região; conhecer o que se faz alí em matéria de promoção social caritativa, evangelizadora, catequética e litúrgica.

5. Pôr-se a par também da organização e administração paroquial, na sede e nos núcleos dos bairros e do campo.

6. Estudar a documentação administrativa e patrimonial da paróquia, obter cópias das escrituras para constar no arquivo diocesano.

7. Conversar com os dirigentes e o povo sobre o futuro da Igreja, exortar a comunidade paroquial a que se interesse pelo problema vocacional e informar-lhe sobre o que a diocese, neste setor, poderá fazer.<sup>1496</sup>

Nota-se que, segundo a intuição de Dom Pedro Paulo Koop, o Vigário Geral Episcopal para Pastoral ou itinerante seria um homem de ação clara e definida. Com poderes nítidos de um Vigário Geral, mas com o acento particular para ação pastoral. O nome escolhido para essa função pelo próprio bispo foi o do coordenador de Pastoral Padre Victor Assuiti. O bispo, contudo, submeteu essa proposta ao conselho presbiteral que “aprovou unanimemente a nomeação.”<sup>1497</sup> Sob a operosidade dessa função não é possível afirmar muito, visto que o Vigário Geral Episcopal para pastoral faleceu prematuramente, em outubro de 1972<sup>1498</sup> e não consta que, nos mesmos moldes, alguém tenha sido nomeado para esse ofício. Esse fato, porém, não lança sombras a intuição do bispo de Lins, pois revela que seu projeto era tonar seu bispado o mais colegiado e dinâmico possível, fiel cada vez mais ao evangelho e ao modelo de Igreja desenhado pelo Vaticano II.

<sup>1496</sup>KOOP, Dom Pedro Paulo. Aos Padres, em julho de 1970(Retiro Espiritual). História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p.3-4; ACDL - **Livro do tomo da Diocese de Lins** (1926-1988), p.133-134.

<sup>1497</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbiteros – I** (1949- 1973), p. 23v.

<sup>1498</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.154-155.



Do exposto, percebe-se que no processo de recepção do Concílio, protagonizado pelo bispo ordinário de Lins em seu bispado, a consolidação de organismos e mecanismos pastorais são instrumentais decisivos desse movimento. Eles, embora por si só, não configurem uma recepção plena, despontam como intuições verdadeiramente filhas do Vaticano II. As regiões pastorais e seu caráter dinamizador das bases, não obstante tenham carregado limites próprios, viabilizaram um processo contínuo de formação, acesso a ideias conciliares e dinamização do bispado. As Vigararias (Regiões Episcopais) revelaram uma proposta de colocar em voga a colegialidade entre o bispo e o presbitério bem como o sentimento de mútua e contínua corresponsabilidade com a Igreja local, fruto de uma comunidade que se propõe ser a imagem do corpo de Cristo. Essas regiões, dentro do microcosmo que lhe formava, deveriam plasmar, com as devidas proporções, um universo similar ao da diocese, ou seja, um Secretariado Regional de Pastoral e suas diversas comissões correlatas amplificando a capilaridade da ação pastoral a luz do Vaticano II. Por fim, o Vigário Episcopal itinerante, *alter ego* pastoral do bispo, teria a pecha de aproximar, ainda mais, o nível de relação entre bispo, povo, religiosos e clérigos e fruir para um maior e mais profícuo trabalho de renovação da Igreja diocesana. Outra vez e progressivamente, divisa-se um processo dinâmico, histórico e crescente em busca de infiltrar os postulados do Concílio nas entranhas do bispado. Um passo a mais no caminho que vai de uma recepção Kerigmática a um conceito de recepção Prática. Fato que também pode ser percebido em outros ambientes, como no caso, a opção pelas comunidades eclesiais de base.

### 2.3 Comunidades Eclesiais de Base: uma forma de recepção da eclesiologia conciliar

Dentro do espectro da recepção conciliar produzida no bispado de Lins, as Comunidades Eclesiais de Base constituem um nicho particular nesse processo. Elas desenvolvem-se numa perspectiva processual e ascendente. Da ideia à consolidação das pequenas comunidades eclesiais, um longo processo de formação, conscientização e compreensão do que elas eram e a que se destinavam foi urdido. Tratava-se de transmigrar o conceito eclesiológico de Igreja enquanto Povo de Deus peregrino, mistério de comunhão, reafirmado durante o Concílio,<sup>1499</sup> para a realidade concreta da *Sé* Linense. Mais ainda, ansiava-se pela renovação da Igreja a partir das bases. À testa desse processo,

---

<sup>1499</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG). In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 8-9.

evidentemente secundado pelas diversas Comissões Diocesanas, está a figura do bispo diocesano, Pedro Paulo Koop.

Deve-se, para esclarecer a questão de fundo sobre as comunidades de base e a relação de Dom Paulo com a noção de CEBS, fazer uma breve digressão panorâmica sobre as origens desse conceito no Brasil. As pequenas comunidades de base floresceram no país no mesmo compasso que eclodiram os ventos renovadores que antecederam o Concílio. Elas despontam mediadas pela emergência de “um novo sujeito social[...]o sujeito popular, que ansiava a participação [e pela assunção] de um novo sujeito eclesial, portador de uma nova consciência na Igreja”<sup>1500</sup> que, em tese, desejava participar de maneira ativa e corresponsável da vida e da missão da Igreja. Experiências pontuais e seminais desse modelo eclesial, remontam a meados da década de cinquenta, em dioceses como a de Barra do Piraí (RJ) e a de Natal (RN).<sup>1501</sup>

Na confluência dessas experiências e da emergência desse novo sujeito social e eclesial, através do apelo de João XXIII, para que a Igreja na América Latina como um todo e no Brasil em particular, executasse uma pastoral planejada e eficaz, despontou no país o Plano de Pastoral de Emergência. Nele, veladamente, está semeada a ideia de comunidades vivas, plena de participação do laicato, dínamo de uma ativa vida paroquial.<sup>1502</sup> Concomitante ao Plano de Pastoral de Emergência, celebrou-se o Vaticano II e reafirmou-se o postulado básico de que a Igreja é Povo de Deus escolhido e peregrino, mistério de comunhão.<sup>1503</sup> Como um desdobramento do Concílio, ainda nos últimos passos desse evento, desponta o Primeiro Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB. Ele divisa na assunção de Comunidades de Base, mencionadas como mecanismo relevante em quase todas as seis linhas evangelizadoras, o primeiro passo de renovação da Igreja para dotá-la da fisionomia conciliar.<sup>1504</sup> Ainda nesse sentido e mais próximo da realidade de Lins, traduzindo para o universo paulista o Plano de Pastoral de Conjunto e as

<sup>1500</sup>CALIMAM, Cleto. **A eclesialidade das comunidades das CEBS**. Disponível em: <http://teologicalatinoamericana.com/?p=1999>. Acesso em 22 nov.2022.

<sup>1501</sup>Cf. TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **A Gênese das CEBS no Brasil**: Elementos explicativos. São Paulo: Paulinas, 1988, p. 56-67.

<sup>1502</sup>Cf. CNBB. **Plano de Emergência**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 33-25. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183649.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf). Acesso em: 02 maio.2021.

<sup>1503</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium (LG)*. In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 8-9.

<sup>1504</sup>Cf. CNBB. **De Pastoral de Conjunto (1966-1970)**. s/l: s/e, s/d, p.29.41.42.43.49.50.55. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183626.pdf](http://portal.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183626.pdf). Acesso em: 22 jun.2022.

diretrizes do Concílio, o Plano do Regional Sul I, igualmente percebe-se que as pequenas comunidades podem ser catalizadoras dessa Igreja que espelha o Concílio.<sup>1505</sup> Nota-se um movimento ascendente em torno das pequenas comunidades, desde experiências incipientes até uma deliberada opção por esse modelo eclesiológico.

Deve-se, desse modo, dizer que Dom Pedro Paulo Koop acompanhou ativamente esse processo. Já como Vigário Forâneo, como demonstramos no capítulo anterior desta tese, ele mergulhou na reflexão sobre o Plano de Emergência e propunha a renovação da comunidade Paroquial como um lugar de fé, culto e caridade.<sup>1506</sup> Igualmente, nas tratativas para fecundar as bases do bispado de Bauru, numa série de artigos, ele assume uma eclesiologia que contempla a Igreja como Povo de Deus, comunidade de fiéis, buscando superar a dicotomia clero-leigo.<sup>1507</sup> Num último artigo que antecedeu a fundação do bispado, o ainda vigário da paróquia Santa Terezinha em Bauru, desenha um projeto para a futura diocese, no qual o principal foco são as pequenas unidades paroquiais, forças vivas de uma diocese.<sup>1508</sup> Tratava-se de uma proposta que, ao menos em germe, tinha vulto similar ao das comunidades de base. Assim, como um corolário dessa reflexão era plausível que Dom Paulo advogasse, como fez em sua primeira carta depois de eleito para o sólio Linense, a mútua colaboração entre laicato e clérigos, reunidos como forças vivas em pequenas comunidades a fim de renovar a Igreja, as paróquias.<sup>1509</sup> A opção pela CEBS era, de certa maneira, um imperativo desse novo entendimento da vida paroquial gestado à luz dos movimentos de renovação pré-conciliares.

Mais ainda, deve-se dizer que na perspectiva de Dom Pedro Paulo Koop, o processo de renovação sugerido pelo Concílio deveria ser feito em pleno acordo com a CNBB e com o Regional Sul I (colegialidade). Assim, visto que ambos sugeriam uma deliberada opção pelas pequenas Comunidades Eclesiais, era natural que Dom Paulo arguisse sua diocese em vista de pôr em ordem de constituição as CEBS. Já na sua

---

<sup>1505</sup>Cf. CNBB-SECRETARIADO SUL I. **Plano de Pastoral regional sul I (1968-1969)**. São Paulo: s/e., 1968, p.85. 90.

<sup>1506</sup>Cf. ANUPHIS - REDAÇÃO. Introdução a uma Pastoral de Conjunto – Plano de Emergência – Renovação Pastoral – Do ministério Sacerdotal – Dos educandários – Comentários. **A Fé**, Bauru, 11 out. 1962, p. 6; ANUPHIS - REDAÇÃO. Plano de Emergência **A Fé**, Bauru, 1 set. 1962, p. 1.

<sup>1507</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 3-4.

<sup>1508</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto **A Fé**. Bauru, 17 mar. 1963, p. 3.

<sup>1509</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p. 4-5.

primeira Carta Pastoral, “documento histórico e orientador dessa arrancada”<sup>1510</sup> renovadora do bispado, ele argumenta em favor dessa nova instituição como mecanismo de renovação paroquial: “[...]é urgente empenharmo-nos na formação de nossos paroquianos e na criação de um clima em nossas paróquias de renovação, tendo em vista a organização das comunidades de base.”<sup>1511</sup> Percebe-se que o bispo de Lins, em comunhão com a Igreja no Brasil e no estado, à luz do Vaticano, urge pela consolidação das CEBS em sua diocese.

Além da comunhão com a Igreja, havia em Dom Paulo a convicção pessoal, repetida em vários momentos, da necessidade das CEBS serem assumidas com um imperativo de renovação. Ele entendia que era impossível, em grandes massas, “uma formação cristã profunda, que [preparasse] [o cristão] para celebração consciente da Eucaristia[...] e para real vivência do cristianismo, [...]deveria, por isso, partir] para os pequenos grupos,”<sup>1512</sup> comunidades eclesiais. Ademais, argumentava que as estruturas paroquiais, no modelo que vogava, era um dispositivo alheio a realidade de muitas pessoas, absoleta e incapaz de atingir em número e profundidade dezenas de batizados mal evangelizadas.<sup>1513</sup> Elas, ao ver do bispo, estavam fechadas em si mesma, centradas em uma postura de autopreservação, falando uma linguagem sibilina aos seus interlocutores e flutuando “sobre ondas diluvianas do mundo secular, qual arca trancada de Noé, limitando-se a cumprir uma missão de salva-vidas.”<sup>1514</sup> Como consequência dessa constatação, Dom Paulo afirma sua renhida decisão, junto à sua diocese de “caminhar para as comunidade eclesiais de base, células de um relacionamento humano, íntimo, onde há dialogo, participação pessoal ativa e efetiva e esforço comunitário.”<sup>1515</sup> Reconstruindo uma nova fisionomia paroquial, forçando-a a assumir sua vocação de “uma *comunidade de comunidades*, comunidade-cúpula que promova, interligue e ampare as comunidades menores ou de base.”<sup>1516</sup>

A concepção de Dom Pedro Paulo Koop sobre as pequenas comunidades é expressa em diversos dos seus pronunciamentos. Ele tem uma visão devedora de ideias

<sup>1510</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p.16.

<sup>1511</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 10. (grifo no original)

<sup>1512</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 10.

<sup>1513</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 799.

<sup>1514</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 798-799.

<sup>1515</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 798.

<sup>1516</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p.799. (Itálico no original)

conciliares e da busca de renovação da Igreja nos moldes que no Brasil era proposto. Para o bispo de Lins, dado a caducidade do modelo paroquial, fazia-se necessário criar as CEBS. Essas pequenas unidades, despontariam como modelo renovador das estruturas paroquiais. “Constituídas segundo a Imagem da Igreja universal e a [tornariam] visível *especialmente* pela presença de um *cooperador do bispo*.”<sup>1517</sup> Ao mesmo tempo seriam ambientes menores, aglutinadores de grupos pequenos onde seria possível, a um só passo, viver e aprofundar a fé, estabelecer laços afetivos e promover a dignidade humana.<sup>1518</sup> Nessa linha, sendo as comunidades de base imagem da Igreja universal, o bispo Missionário do Sagrado Coração, como consequência de sua concepção, entende que elas, como fruto de uma consciência cristã e eclesial bem formada, seriam um celeiro de onde brotariam vocações para os diversos ministérios decorrentes das necessidades eclesiais, incluso gestando condições para o surgimento de homens e mulheres capazes de assumir o ministério pastoral e sacerdotal (celibatários e casados).<sup>1519</sup> Nota-se que, Dom Paulo, entende que nas pequenas comunidades eclesiais, no espírito do Vaticano II, estaria a presença da Igreja universal.<sup>1520</sup> Trata-se de uma virada eclesiológica, de uma postura avançada e alinhada a mais lídima teologia conciliar, fruto de um processo de recepção que ele próprio havia consolidado para si e que queria ver aplicado em sua diocese. Em sendo esse mecanismo, presença plena da Igreja, por consequência, seria capaz de gerar ministérios, dinamizar comunidades, promover unidade e missionariedade. Assim, divisava o bispo de Lins e impingia ao seu bispado essa ideia.

Institucionalmente, não obstante se possa dizer que muitas comunidades de base tenham nascido antes, a opção pelas Comunidades Eclesiais no bispado de Lins, figura como uma deliberação explícita do Primeiro Plano de Pastoral de Conjunto.<sup>1521</sup> Tendo

---

<sup>1517</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p.800. (Itálico no original)

<sup>1518</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 799. 800.

<sup>1519</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 800; KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p.905-906.

<sup>1520</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium (LG)*. In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 26: “Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, que, unidas com seus pastores, são elas mesmas chamadas igrejas no Novo Testamento (86). Estas são, em se local o Povo novo chamado por Deus, no Espírito Santo e com plena segurança (cfr. 1 Tess. 1, 5).

<sup>1521</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 68, n. 25: “Antes de iniciarmos o detalhamento dos objetivos específicos, ressaltamos que a reflexão sobre a nossa realidade diocesana e da missão da Igreja determinou-se duas opções decisivas: 1- **Polarizar todos os esforços, em todos os objetivos específicos, para formação de Comunidades Eclesiais de base**; 2 - Na ação pastoral atingir, prioritariamente, o adulto (Negrito nosso).

em vista que esse plano, inspirado nas diretrizes regionais e nacionais, foi gestado nas diversas comissões e, mesmo redigido por assessores, pode-se dizer que era um imperativo de parte significativa de leigos, clérigos e religiosos, amalgamados nas Regiões Pastorais. Assim, a opção pelas pequenas comunidades, mesmo que tangencialmente, era também uma deliberação de todo corpo eclesial de Lins. Era uma decisão comunitária que visava, a um só passo, dinamizar a Igreja local e aprofundar a vivência da fé a luz do Concílio. Nesse sentido, o texto comemorativo do cinquentenário da diocese afirma sobre a opção pelas CEBS no contexto de renovação da Igreja em Lins:

Sobretudo houve decidida e eficiente atenção para a formação das Comunidades de Base, que exigem participação dos leigos nas iniciativas, nas decisões, nas eleições, na execução de atividades comunitárias num engajamento real e efetivo.<sup>1522</sup>

O processo de sedimentação desses mecanismos, embora houvesse clara opção do bispo e dos seus diocesanos, foi paulatino e processual. Obedeceu a uma lógica que, em termos de conceito operacional de recepção, migrou de uma seara de anúncio (Kerigmática) a uma de infiltração das ideias (prática). As pequenas comunidades, embora não previstas explicitamente nos textos conciliares, refletiam uma eclesiologia filha das ideias por ele gestadas. Progressivamente elas foram sendo semeadas e paulatinamente foram germinando o solo do bispado de Lins.

Como meio para execução de pequenas comunidades, diversos cursos de formação foram propostos. Eram iniciativas que, às vezes partiam do Secretariado Regional de Pastoral, mas muitas eram urdidas pelo Secretariado Diocesano em Lins. As Regiões Pastorais, como mecanismo nuclear da diocese, eram ambientes propícios para que essa ação se realizasse. Assim, consultando diversos cronogramas da diocese, nota-se que cursos sobre a CEBS foram aplicados pelo Secretariado diocesano de Pastoral entre os anos de 1968 e 1969. À guisa de exemplo, na Região de Penápolis, e na cidade de Guaratã (Região pastoral de Presidente Alves) realizaram-se cursos sobre as pequenas comunidades para o público em geral. Houve, também, nesse mesmo período inúmeras formações para nichos específicos da diocese, como para o clero (dirigido pelo Padre José Marins), para catequistas ou, ainda, para líderes de comunidades de base já constituídas.<sup>1523</sup> Igualmente a comissão diocesana de catequese dentro do seu programa

<sup>1522</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 16.

<sup>1523</sup>Cf. SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. Cronograma das atividades do Secretariado Diocesano de Ação Pastoral- julho 1968. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 26, p. 1-2; Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 211ss (Tese doutoral).

de formação, propôs um seminário continuado de Evangelização e Catequese nas comunidades de base.<sup>1524</sup> Esses exemplos corroboram a ideia que o primeiro movimento após a deliberada eleição das comunidades de base foi divulgar, difundir e popularizar o conteúdo a seu respeito bem como formar, leigos, clérigos e religiosos, tanto para dirigir, quanto para iniciar e estruturar esses pequenos núcleos.

O relatório das atividades do Secretariado Diocesano de Pastoral<sup>1525</sup> do ano de 1969 relata, em linhas gerais, o processo de implantação de comunidades eclesiais de base na Paróquia Santo Antônio, num distrito chamado Água Limpa, distante quinze quilômetros de Araçatuba. O texto diz que a pedido do pároco, Padre José Claudio, o Secretariado de Pastoral permaneceu atuando e trabalhando com formações e visitas, por diversos dias, para um grupo de mais de duzentas famílias. Essa ação convergiu para que fosse aguçada a consciência de que deveriam ser organizados núcleos de Base, nos quais pessoas pudessem estudar, refletir sobre a palavra de Deus e à luz das dificuldades e alegrias da vida (Sinais dos tempos) encontrar respostas aos seus anseios. Formou-se, portanto, quatorze núcleos com aproximadamente dez famílias buscando progressivamente criar um estilo de vida religiosa, com possibilidade de viver em profundidade a vida de fé.

Água Limpa tem hoje 14 núcleos com cerca de 10 famílias que se reúnem semanalmente. Aqueles que passam por maiores dificuldades financeiras são socorridos pela Comunidade a que pertencem. Como fruto do estudo e da convivência, criou-se verdadeiro espírito fraterno. Cada Comunidade tem um coordenador, um tesoureiro que recebe o dízimo e um visitador. A reunião da Diretoria é mensal e nos encontros semanais há estudo, uma pequena celebração e comunicados (aniversários e batismos).

Cada Comunidade prepara e realiza a 1ª Eucaristia e a catequese é permanente. Só são batizadas as crianças cujos pais estão integrados numa das Comunidades. Todas as semanas há missa numa delas. No sábado, há o encontro de todas as comunidades na Missa. Há participação de jovens e adultos e percebe-se uma consciência crescente da realidade local.<sup>1526</sup>

Nessa mesma linha, Dom Pedro Paulo Koop alude o nascimento progressivo, exorta a multiplicação contínua e cadenciada das comunidades que vão se tornando eclesiais de base em várias paróquias do seu bispado. Aponta igualmente para os

<sup>1524</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 68, n. 41.

<sup>1525</sup>Cf. ACDL - SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 3-4.

<sup>1526</sup>ACDL - SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 3.

benefícios que esse movimento estava desencadeando e apostava que, a partir delas surgiria um novo estilo de vivência da fé, de sentimento eclesial e de corresponsabilidade pastoral. Nas palavras do próprio bispo:

Na diocese de Lins, em várias cidades e paróquias, graças à atuação esclarecida de sacerdotes e leigos, partiu-se para a criação e animação de comunidades de base que, aos poucos, vão se tornando comunidades eclesiais de base. Pequenos grupos, em comunhão entre si, assumem a responsabilidade de conhecer e testemunhar a Jesus Cristo Ressuscitado dentro das comunidades humanas nas quais serão inseridos.

As experiências que empreendemos (por ex., na cidade de Andradina e outras) demonstram o acerto das reuniões que se promovem em torno das linhas da promoção humana, evangelização, aprofundamento e vivência evangélica, batismal e eucarística. Tais encontros tendem a se concretizar em unidades visíveis estáveis, em autênticas fraternidades que integram todos os seus membros numa participação ativa, comunitária e missionária. Criam um novo estilo de vida religiosa, eliminam as distâncias, restabelecem o relacionamento entre pessoas e a circulação da caridade do amor. A partir destas comunidades de base conseguiremos resolver o problema dos serviços eclesiais, notadamente o do ministério pastoral e presbiteral.<sup>1527</sup>

Ou

Essas comunidades são as que agem em profundidade, dotadas de intensa força propagativa e de automultiplicação (células de fé — igrejas populares e domiciliares). As Comunidades de base representam e realizam a própria razão de ser da Igreja: levar todos os homens à comunhão de vida com o Pai e entre si, por Jesus Cristo, pelo dom do Espírito Santo e a mediação visível da Igreja do Senhor. Elas encarnam e executam, sucessiva ou simultaneamente, as vias pastorais: promoção humana, evangelização, catequese, participação no mistério de Cristo, vida comunitária e convivência ecumênica. Aproveitam-se do relacionamento humano, nêle se entrosam, e introduzem a dimensão da fé, culminando na Eucaristia.<sup>1528</sup>

Na mesma perspectiva do Bispo, o relatório quinquenal da diocese (1972-1976) enviado a Santa Sé, apresentava:

Na publicação "Cinquentenário da Diocese de Lins", registramos o grande movimento de Grupos, que caminham para Comunidades e muitos já se apresentam Comunidades. O polo de unidade é necessário para que não haja a cisão, à maneira de grupos ou "seitas". A Paróquia poderia exercer esta coordenadoria. Comunidades ambientais ou categoriais esforçam-se por conhecer o Cristo e, em torno dele, na Palavra e na Eucaristia, oferecem a vivência batismal, evangélica e eucarística. Aparecem os serviços de comunidade no sentido do Povo que participa do múnus de Cristo; aparecem as lideranças que presidem

<sup>1527</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 800.

<sup>1528</sup>KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 854.



às assembleias e o Povo, participante, se torna comunidade, em que o ministério profético, litúrgico e pastoral se desenvolve.<sup>1529</sup>

Nota-se, embora fosse necessário um lastro maior de dados de análise para uma opinião mais cabal, que as pequenas comunidades eclesiais de base traduziam o conceito de Igreja enquanto novo povo da aliança e paulatinamente constituem-se mais que um anúncio do Concílio, uma prática de tessitura realmente conciliar assumida pela Igreja em Lins. O bispo, defensor inveterado desse modelo eclesiológico, na linha do que propunha a CNBB e o regional, em certa medida aplica uma interpretação própria do número vinte e seis da Constituição sobre a Igreja *Lumen Gentium*.<sup>1530</sup> Nela fala-se da presença da Igreja universal nas comunidades locais em comunhão com os seus pastores. O bispo, por seu turno usa a expressão em comunhão com um “*cooperador do bispo*”<sup>1531</sup> (Leigo, padre, religiosa) quer dizer que as pequenas comunidades seriam a imagem da Igreja universal desde que houvesse alguém, não necessariamente o bispo, que agisse em comunhão com ele.

Deve-se ponderar, todavia, que mesmo com toda a empolgação com as pequenas comunidades as argumentações do bispo em torno delas, ao menos em sua fase inicial, orbitam em torno de uma renovação eclesial interna, da criação de um ambiente fecundo a vivência comunitária da fé e a participação na vida sacramental (Eucarística). Raramente ou muito tangencialmente - embora Dom Paulo não se opusesse a essa dimensão - menciona-se o caráter sociotransformador ou político-mobilizador que mais tarde as comunidades de base vão adquirindo em particular no bispado. Há de se concordar que as CEBS não eram e não são organismos monolíticos e, em cada realidade onde foram constituindo, assumiram fisionomias diferentes.

Assim é possível intuir que, num primeiro momento, nesses pequenos núcleos, mormente em Lins, essa dimensão era incipiente, despontasse apenas de modo velado. Contudo, a situação de empobrecimento da região noroeste, o estado de exceção que o país progressivamente foi se aprofundando - com consequência inclusive para Lins - assomado a uma constante e progressiva formação de consciência e de classe nos

<sup>1529</sup>ACDL - DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 16.

<sup>1530</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG). In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 26: “Esta Igreja de Cristo está verdadeiramente presente em todas as legítimas comunidades locais de fiéis, **que, unidas com seus pastores, são elas mesmas chamadas igrejas no Novo Testamento**. Estas são, em se local o Povo novo chamado por Deus, no Espírito Santo e com plena segurança (cfr. 1 Tess. 1, 5).

<sup>1531</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p.800. (Itálico no original)

pequenos núcleos, dever ter influenciado a assunção desse necessário viés de formação política das pequenas comunidades. Exemplo histórico dessa perspectiva, no próprio bispado de Lins, é o despontar de, entre outros em Andradina, do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor(IAJES)<sup>1532</sup> responsável pela formação humana e social da população ou o Movimento de Mulheres de Andradina(MMA) ligados ao mesmo instituto que influíra no processo de redemocratização do país.<sup>1533</sup> Sobre Essas instituições, pode-se dizer que trata-se de um aprofundamento do conceito de recepção dos postulados conciliares, já não mais capitaneado pelas autoridade eclesiásticas, mas assumido pela própria comunidade. Essa dinâmica de recepção, também pode ser percebida em outros mecanismos consolidados em Lins a luz do Vaticano II, com foi o caso do Conselho Diocesano de Pastoral.

#### 2.4 Conselho Diocesano de Pastoral: representação comunitária, contribuição à pastoral diocesana.

Em continuidade ao processo de recepção das ideias conciliares em Lins, outro exemplo emblemático a ser analisado é a consolidação do Conselho Diocesano de Pastoral. Tratava-se de um mecanismo concebido como órgão colegiado de governo da diocese, composto por toda categoria de fiéis que deveriam ajudar o bispo em matéria de pastoral. Sua missão, “concretamente então, [...] é coordenar, sob a direção do bispo e do coordenador diocesano de pastoral, a reflexão diocesana em vista do planejamento pastoral.”<sup>1534</sup> Na diocese noroestina, esse mecanismo, para atingir o objetivo proposto, percorreu um caminho sinuoso até consolidar-se enquanto catalisador das atividades e problemas de ordem pastoral.

Já na Carta Pastoral de 1967, referência para o início de toda mobilização renovadora em Lins, aventava-se a constituição dessa unidade fundamental de gestão do

---

<sup>1532</sup>Sobre a relação entre CEBS e atuação política em Andradina, pode-se ler: COSTA, Marcos Sanches da. **O Povo, a Religião e a Política: experiências pastorais e participação popular em bairros de andradina/sp** (1976 – 1988). Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2017. (Dissertação de mestrado).

<sup>1533</sup>Sobre o Movimento de Mulheres do Instituto Administrativo Jesus Bom Pastor e a contribuição para o movimento de redemocratização pode-se ler: CRESCÊNCIO, Cintia Lima; OLIVEIRA, Mariana Esteves de. “Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher”: Movimento de Mulheres do IAJES, Movimento Regional de Mulheres e a luta por democracia no Brasil. **Anos 90, [S. l.]**, v. 26, p. 1–20, 2019. DOI: 10.22456/1983-201X.89908. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/anos90/article/view/89908>. Acesso em: 23 jun. 2022; Ou OLIVEIRA, Elenisia Maria de. **Movimento De Mulheres De Andradina: política, resistência e fé na redemocratização do Brasil**. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020. (Dissertação de mestrado).

<sup>1534</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério**. Lins, 1967, p. 12.

bispado. Tanto a Carta<sup>1535</sup> quanto o Primeiro Plano de Pastoral Diocesano,<sup>1536</sup> no cronograma estrutural com o qual se desenha a organização da diocese, evidenciam o lugar do conselho. Ele é colocado pouco abaixo das assembleias diocesanas, a serviço e em comunhão com o bispo e com o conselho presbiteral. Esses mesmos documentos, reclamam igualmente que esse dispositivo fosse instalado, ora como aporte a unidade eclesial,<sup>1537</sup> ora como mobilizador da ação pastoral.<sup>1538</sup>

O Conselho Diocesano de Pastoral, contudo, antes de uma ideia inovadora do bispo e ou do bispado é uma orientação do Vaticano II. O Concílio tanto por meio dos decretos *Christus Dominus*,<sup>1539</sup> e *Ad Gentes*<sup>1540</sup> como no Motu Próprio *Ecclesiae Sanctae*<sup>1541</sup> advogam a consolidação desse conselho como espaço de comunhão, participação e corresponsabilidade. Incluso, quando foi solicitado a Santa Sé a dissolução do Cabido Diocesano de Lins em favor da constituição do Conselho de Presbítero, no intuito de deixar claro a não participação de leigos nesse organismo, a Congregação para o Clero,<sup>1542</sup> recomenda o Conselho de Pastoral como lugar próprio da participação do laicato, religiosos e clérigos. Trata-se, portanto, de um mecanismo composto por todos os estamentos da diocese, expressão da corresponsabilidade de toda a comunidade de fiéis nas grandes decisões relativas à ação pastoral. A rigor, a consolidação de mais uma “estrutura colegial na Igreja.”<sup>1543</sup>

Não obstante o fato que, o Primeiro Plano Diocesano e a Carta de Dom Paulo, reclamem a existência do Conselho de Pastoral para toda diocese, a constituição desse organismo trilhou alguns largos passos até consolidar-se. O livro tombo do Conselho de presbíteros, em junho de 1971 registra que, Dom Pedro Paulo Koop insistia para que os padres em suas paróquias instituíssem os Conselhos Paroquiais de Pastoral com os quais

<sup>1535</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério.** Lins, 1967, p. 12.

<sup>1536</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 76.

<sup>1537</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 76.

<sup>1538</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério.** Lins, 1967, p. 10.

<sup>1539</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto *Christus Dominus (CD)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações.** Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n.27.

<sup>1540</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes (AG)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações.** Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 30.

<sup>1541</sup>Cf. AAS. **Motu Proprio Ecclesiae Sanctae.** v. 58 a.58. Typis Polyglottis Vaticanis n.17, p. 767. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-58-1966-ocr.pdf>. Acesso em: 20 jun.2022.

<sup>1542</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano.** Lins, 1959, p. 28.

<sup>1543</sup>LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II: em busca de uma primeira compreensão.** São Paulo: Vozes, 205, p.119.

se formariam as bases para um futuro Conselho Diocesano.<sup>1544</sup> Uma concepção lógica desse mecanismo, as bases deveriam convergir para fecundar esse dispositivo. Um ano depois dessa reunião, o mesmo grupo<sup>1545</sup> voltou a discutir a criação de um ambiente diocesano próprio que fosse encarregado pela pastoral. Desta vez, além da proposta foi apresentado um texto do à época bispo auxiliar da arquidiocese de São Paulo, Dom Lucas Moreira Neves.<sup>1546</sup> Tratava-se de um artigo elaborado por Dom Lucas, fundamentado nos textos conciliares, num estudo da Congregação para o clero sobre o assunto e numa publicação do Padre Albeto Antonizzi sobre a questão. O documento, sinteticamente, descreve a natureza do Conselho Diocesano, suas funções e sua relação com os demais organismos do bispado. Ao final, apresentava uma minuta de um estatuto para o órgão. Os conselheiros, munidos desse material deveriam engendrar passos para consolidar essa instituição no bispado.

Um documento arquivado na cúria de Lins,<sup>1547</sup> contudo, testifica que mesmo com esse material de base para estudo, a criação do Conselho Diocesano de Pastoral ainda teve que esperar algum tempo para ser constituído. Uma primeira tentativa efetiva de erigir esse órgão, foi provavelmente antes de 1975. Foram convocados dez leigos representantes de cada uma das quase cinquenta paróquias do bispado. A intuição soçobrou por falta de adesão e o projeto não deslanchou.<sup>1548</sup> Dado esse fracasso aparente, buscou-se outra metodologia a fim de instituir o conselho. Optou-se, então, como caminho, a celebração de duas Assembleias Diocesanas realizadas em 1975 para constituir esse mecanismo.

As Assembleias Diocesanas, a partir dessas duas primeiras, se tornariam na esfera do bispado, práticas ordinárias. Notórias por arregimentar leigos, clérigos e por se configurarem com um ambiente de comunhão e corresponsabilidade, palco de recepção dos postulados conciliares. Sob o episcopado de Dom Pedro Paulo Koop, foram celebradas quatro (duas em 1975; uma em 1978 e outra em 1980). Cada uma, como fruto da reflexão comunitária, elegeu suas prioridades.<sup>1549</sup> Em ordem decrescente, a de 1980 reafirmou, na esteira de sua predecessora, as CEBS como prioridade e assomou a isso a

<sup>1544</sup>Cf. ACDL - Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I (1949- 1973), p. 35. 35v.

<sup>1545</sup>Cf. ACDL - Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I (1949- 1973), p. 41v.

<sup>1546</sup>Cf. ACDL – NEVES, Lucas Moreira. Um conselho Pastoral Para a arquidiocese de São Paulo. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 15, p. 1-13.

<sup>1547</sup>Cf. ACDL. DIOCESE DE LINS. Estudo das competências dos vários organismos existentes na diocese (07.08.1977). **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p.1.

<sup>1548</sup>Cf. ACDL - DIOCESE DE LINS. Estudo das competências dos vários organismos existentes na diocese (07.08.1977). **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p.1.

<sup>1549</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 391 (Tese doutoral).

organização Popular com sua missão primeira; a de 1978 elegeu a família, os direitos humanos, o mundo do trabalho e as CEBS como mote de sua ação; a segunda de 1975 elencou a pastoral popular, novos movimentos e pastoral familiar como sua preocupação basilar; a primeira realizada nesse mesmo ano, elegeu Pastoral Popular como sua preocupação nodal. Cabe dizer, que estas duas últimas além dessas prioridades diocesanas tinham como objetivo principal criar o Conselho Diocesano de Pastoral e aprovar seu estatuto.

A primeira e a segunda Assembleias Diocesanas, realizadas em 1975, respectivamente 07 a 09 de fevereiro e 21 de abril, foram preparadas nas bases pelo Secretariado Diocesano de Ação Pastoral e realizada sob a coordenação do Padre José Oscar Beozzo.<sup>1550</sup> Estavam presentes cinquenta e oito membros, representando movimentos diocesanos e diversas paróquias do bispado.<sup>1551</sup> O objetivo específico da assembleia era “dar os primeiros passos para formação de um conselho diocesano de Pastoral.”<sup>1552</sup> Esse mecanismo seria o lugar “onde representantes de todos os grupos, movimentos e comunidades da diocese possam trazer sua contribuição para definição da linha de trabalho e para animação da pastoral diocesana.”<sup>1553</sup> A assembleia estava a serviço da consolidação de um mecanismo de comunhão. Conquanto seu objetivo fosse claro no bojo da reunião apresentou-se uma panorâmica da realidade diocesana e dos trabalhos desenvolvidos nas Regiões Episcopais, avaliando-os e concluindo que, mesmo em meio aos limites, havia sinais claros de uma “igreja que caminha e quer assumir de verdade a transformação iniciada por Cristo e apontada pelo Concílio Vaticano II.”<sup>1554</sup> Delegou-se ainda, a uma comissão a elaboração de um provável estatuto do conselho que seria votado durante outra assembleia, em abril de 1975.

A segunda Assembleia da diocese de Lins, por antonomásia, pode ser chamada oficialmente de nascedouro do Conselho Diocesano de Pastoral do sólio episcopal Linense. Reunindo representantes das pastorais, paróquia e movimentos no Instituto Teológico de Lins (ITEL) no dia 27 de abril, a pauta prioritária foi a aprovação do Estatuto

<sup>1550</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Primeira Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.7.

<sup>1551</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Primeira Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.7.

<sup>1552</sup>ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Primeira Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.1.

<sup>1553</sup>ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Primeira Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.1.

<sup>1554</sup>ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Primeira Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 4v-5.

do Conselho.<sup>1555</sup> O projeto estatutário definia natureza, finalidade, funcionamento e membros do órgão.<sup>1556</sup> A proposta foi aprovada. Doravante o conselho se constituiria como “representação do povo de Deus que vive na Igreja particular de Lins e expressão da corresponsabilidade dessa mesma Igreja.”<sup>1557</sup> Na sequência, três assuntos foram colocados pela assembleia como pautas prioritárias do mecanismo: Pastoral popular, Ministérios e Pastoral familiar. Foram ainda eleitos, para o Secretariado permanente<sup>1558</sup> do Conselho os professores Geraldo Aguiar e Therezinha Cintra, bem como o Padre José Oscar Beozzo como coordenador geral. Todos os membros da assembleia, até que fossem celebradas eleições para esse organismo, comporiam durante aquele ano o corpo do Conselho Diocesano de Pastoral.<sup>1559</sup>

Não só pela sua instituição, mas por sua atuação, o Conselho Diocesano de Pastoral configurou-se como um valioso instrumental de corresponsabilidade com a vida pastoral do bispado. Conseqüentemente, punha em voga e recepcionava, traços da eclesiologia conciliar, mormente a noção de comunhão e participação ativa. Com signo dessa atuação, as atas das reuniões do conselho registram diversas ações desse grupo. Nas reuniões subseqüentes à constituição, nota-se que o organismo se volta para uma demanda da assembleia, a questão da Pastoral Popular,<sup>1560</sup> entendida como ação da Igreja junto ao povo, particularmente às massas sobrantes, os marginalizados. O próprio conselho, refletindo por regiões, preconizou que fossem envidados esforços para que a Igreja estivesse junto aos marginalizados. Sugeriram, desse modo, que “1- A Igreja deve concentrar suas atividades na periferia das cidades e na zona rural; 2- Formação do conselho Diocesano de Direitos humanos com duas comissões: a) comissão sobre trabalhadores rurais volantes e lavradores rurais; b) comissão sobre trabalhadores

---

<sup>1555</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 15; CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Segunda Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 9.

<sup>1556</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Segunda Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 6v-9.

<sup>1557</sup>ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Segunda Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 6v.9v.

<sup>1558</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 15; CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Segunda Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 9v.

<sup>1559</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Segunda Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 9v.

<sup>1560</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da terceira reunião da 3ª Reunião do conselho diocesano de Pastoral. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.10v; Ata da Reunião de 5 de outubro de 1975. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.11v.

urbanos.”<sup>1561</sup> Em decorrência dessas propostas, buscou-se suscitar gestos concretos, dentre eles, aventou-se “colaboração para sindicalização dos boais frias” e um processo de conscientização “das empregadas domésticas quanto ao horário de serviço”<sup>1562</sup> e outros direitos. O Conselho pensava e articulava a ação pastoral.

Outro exemplo desse protagonismo do Conselho, a guisa de ilustração, diz respeito às demandas de formação de Lideranças para exercer a coordenação das Comunidades Eclesiais de Base, que também era uma demanda da Assembleia Diocesana. A solicitação foi feita, via carta, pela Equipe das Comunidades de Base. O texto,<sup>1563</sup> a rigor, requeria uma formação específica para coordenadores e meios para manutenção econômica desses líderes, de modo que pudessem estar liberados para essa função. Ao apelo da coordenação, o Conselho assentiu à proposta e advogou tanto a necessidade de formação teológica, missionária e pastoral como que as paróquias e/ou regiões pudessem sustentar esses líderes. Contudo, o conselho não aponta como seria a formação e de onde se auririam os recursos para amparar o laicato, devolvendo para a própria Equipe das comunidades de base a responsabilidade de apresentar dados concretos para fazer face à questão.<sup>1564</sup> Convém dizer que, não houve consenso sobre a questão nas bases, na Regiões.<sup>1565</sup> Assim embora tenha voltado ao debate a proposta,<sup>1566</sup> ela não se consolidará, exceto em poucas exceções. Nota-se nesse sentido que mesmo sendo um órgão colegiado responsável em animar a dimensão pastoral da diocese, nem todas os problemas da vida pastoral estavam ao alcance de sua esfera de resolução. Ou ainda que, ele mesmo reconhecendo a relevância da questão, teve que realizar uma síntese dialética entre aqueles que queriam e os que não queriam, e deixando a questão aberta para ser resolvida nas próprias comunidades. Associa-se a essa limitação outras de ordem estrutural como a não estabilidade de membros<sup>1567</sup> e a não representação de todos a

---

<sup>1561</sup>ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião de 5 de outubro de 1975. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.11v.

<sup>1562</sup>ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Avaliação do ano de 1975. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.14.

<sup>1563</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 12 de junho de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.20v-21.

<sup>1564</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 12 de junho de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.21.

<sup>1565</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 09 de outubro de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 24v.

<sup>1566</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 09 de outubro de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 24v.

<sup>1567</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Avaliação do ano de 1975. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.14.

Regiões Pastorais, movimentos e pastorais diocesanas, inclusive o representante do clero.<sup>1568</sup>

A constituição do Conselho Diocesano de Pastoral do bispado, não obstante as vicissitudes que experienciou para ser consolidada - quase dez anos desde o encerramento do Concílio - configura-se como um importante passo na formação do espírito Conciliar em Lins. Ele surge por desejo do Bispo,<sup>1569</sup> contudo precisa de passos até ser consolidado. Pode-se dizer, mesmo sendo uma intuição episcopal, que ele nasce das bases, das regiões, dos movimentos e seria composto por membros eleitos desses movimentos. Era uma concepção comunitária de conselho que contempla esse mecanismo como expressão da corresponsabilidade de toda a comunidade de fiéis nas grandes decisões relativas à ação pastoral. Esta concepção seria um modelo mais difícil de realizar, porém configurava-se como a que melhor concretiza o entendimento eclesiológico do Vaticano II.<sup>1570</sup> Tratava-se de uma ainda maior apropriação das ideias conciliares. As limitações iniciais e as dificuldades contingenciais decorrem de uma instituição seminal que precisava definir suas competências, atribuições e, também, firmar seus atores e delinear seu papel. Do ponto de vista da animação da vida diocesana, pode-se dizer que ele se consolidou como mais um canal de participação na diocese. Igualmente ficou explícito que a “tônica da Igreja passou a ser: mais povo de Deus, não mais jurídica, mais pastoral; mais comunitária.”<sup>1571</sup> Nesse sentido, mais parecida com a Igreja conciliar, conseqüentemente testificando um processo de recepção em curso. Nota similar desse movimento, também despontará em nível da vida litúrgica da diocese.

## 2.5 Liturgia: da letra ao Espírito conciliar no bispado de Lins

O processo de recepção das definições litúrgicas exaradas no Concílio por meio da Constituição *Sacrosanctum Concilium*, em Lins, antecede a figura de Dom Pedro Paulo Koop nesse bispado. A rigor, as próprias renovações litúrgicas nesse documento amalgamadas, precedem o Vaticano II e são devedoras de reformas menores que vinham

<sup>1568</sup>Cf. ACDL - Conselho de presbíteros – II (1973- 1977), p. 22v-23.

<sup>1569</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Avaliação do ano de 1975. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.14: “O Conselho nasceu da preocupação do Sr. Bispo Diocesano de associar, de modo mais direto, representações do povo e dos movimentos da diocese à vida da Igreja de Lins, chamando-os a uma corresponsabilidade mais afetiva a nível diocesano”

<sup>1570</sup>Cf. ANTONIAZZI, Alberto. "Estruturas de participação nas igrejas locais." In. ANJOS, Márcio Fabri dos (org.). **Bispos para a esperança do mundo: uma leitura crítica sobre caminhos de Igreja**. Paulinas: São Paulo, 2000, p.227-228.

<sup>1571</sup>ACDL. DIOCESE DE LINS. Estudo das competências dos vários organismos existentes na diocese (07.08.1977). **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p.4.



sido operadas pelo Papa Pio XII - muitas capitaneadas pelo movimento litúrgico - desde a primeira metade da década de cinquenta.<sup>1572</sup> Algumas dessas mudanças eram sentidas e vividas por Dom Paulo, quando ainda era Vigário Decano em Bauru, por conseguinte o abriam para uma visão mais consciente que um processo de renovação litúrgica estava em curso, como destacamos no segundo capítulo desta tese. Contudo é a frente do bispado de Lins que sua figura será chamada a dar azo a esse processo de infiltração das ideias conciliares com maior capilaridade.

A Constituição sobre a Liturgia, após acalorados debates na primeira sessão, foi aprovada em 4 de dezembro de 1963, na terceira sessão pública durante segundo período do Concílio.<sup>1573</sup> Tratava-se do primeiro documento ratificado pelos padres conciliares. Esse texto, contudo, já na primeira sessão e no período intersessional do Vaticano II, redundou desdobramentos que, mesmo tangencialmente, sobejavam a questão litúrgica, isto é, o debate sobre as vestes eclesiásticas.<sup>1574</sup> Inclusive essa foi a razão da primeira manifestação na aula conciliar do metropolitano<sup>1575</sup> da província eclesiástica da qual Lins era sufragânea.

Esse debate, embora marginal face as alterações que a Constituição sobre a Liturgia operará, pode-se dizer foi razão das primeiras modificações sentidas pelos fiéis da diocese de Lins oriundas do Concílio. Possivelmente, na segunda metade do primeiro semestre de 1963, Dom Henrique Gelain, em consonância com a CNBB e os demais bispos paulistas, facultou que em sua diocese os padres pudessem usar *Clergymam* em substituição à batina em atos públicos.<sup>1576</sup> A autorização, contudo, parece que causou polêmicas e interpretações distintas - no povo e nos clérigos - sobre o que concretamente significava aquela veste eclesiástica. Tanto assim, o vigário capitular, Monsenhor Luiz Gonzaga Passetto, contíguo a transferência de Dom Gelain para Vacaria (RS) e já tendo Dom Pedro Paulo Koop sido nomeado para Lins, serviu-se da imprensa diocesana para emitir um comunicado a fim de dirimir polêmicas no bispado sobre o assunto. Inicialmente o vigário deixou claro que o uso da veste, nos moldes prescritos pela autoridade diocesana, era uma legítima determinação da Igreja. Informação dada,

---

<sup>1572</sup>Cf. LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Vozes, 205, p.27.

<sup>1573</sup>Cf. AS II/6, p. 407-408; 409-437[Texto].

<sup>1574</sup>Cf. AS I/2, p. 631ss.

<sup>1575</sup>Cf. AS I/2, p. 645-646.

<sup>1576</sup>Cf. AITEL – REDAÇÃO. Clergyman, sim. **Bandeirante**. Lins, 26. set. 1964, p. 4. “Nesta diocese de Lins é permitido o uso do Clergymam, por benigna resolução de Dom Henrique Gelain, nosso saudoso Antiste”. (Grifo nosso)

certamente, para evitar algum mal-entendido entre o laicato em geral. Ao mesmo tempo e, crer-se dirigindo aos sacerdotes, pontificou: “parece-nos sumamente difícil, à luz da tradição da Igreja e dos termos que foi solicitada e concedida a faculdade do *clergyman* que se possa, em seu lugar, adotar o terno comum, civil leigo. O terno comum ou leigo não foi permitido pela Santa Sé”.<sup>1577</sup> O padre Luiz Gonzaga, estava cioso do estrito entendimento e prática do uso da veste sacerdotal pelos padres. A questão seminal da indumentária litúrgica denota que, não sem controvérsias, as ideias conciliares, particularmente litúrgicas, vão aportando na seara da diocese noroestina e que se as vestes suscitariam debates, muito mais as outras questões o fariam.

Na esteira da aprovação da *Sacrosanctum Concilium*, Paulo VI emitiu o decreto *Sacram Liturgia*<sup>1578</sup> com o qual estabelecia que entrasse em vigor imediatamente alguns aspectos da Constituição sobre a Liturgia e que se consolidassem comissões para sua completa aplicação. No Brasil, logo constituiu-se o Secretariado Nacional de liturgia sobre a regência de Dom Clemente Isnard e paulatinamente algumas mudanças são introduzidas na Igreja no país.<sup>1579</sup> O Episcopado Nacional, em julho de 1963 emitiu comunicado que legislava sobre o uso vernáculo no Brasil nas missas e orientava quais missais cotidianos eram oportunos para uso no país.

No bispado de Lins, Monsenhor Luiz Passetto ainda respondendo pela diocese, estabeleceu datas, normas e regras para que as missas fossem realizadas em vernáculo.<sup>1580</sup> Seguindo as diretrizes da CNBB, ele autorizou que as missas fossem celebradas em português, somente com a presença do povo. Sem estes, o rito deveria ser integralmente em latim. De igual maneira, arguia que todas as partes de missa, excetuando o prefácio e o pai-nosso, fossem inteiramente rezadas na língua vernácula, o que não deveria significar licença para qualquer alteração de fórmulas ou ritos. Recomendava, ainda, que até que os bispos dispusessem de um modelo único para todo o país, fosse adotado para a missa dialogada em português, o Missal cotidiano da edição *Lumem Christi* preparado pelo Mosteiro Beneditino do Rio de Janeiro (RJ). Anteposto a tudo isso, preconizava a nota, que se fizesse conhecer com “[...]as explicações necessárias [estas] resoluções do

<sup>1577</sup>AITEL – REDAÇÃO. Clergyman, sim. **Bandeirante**. Lins, 26. set. 1964, p. 4.

<sup>1578</sup>AAS - *Litterae Apostolicae Motu Proprio Sacram Oliturgiam* a. LVI. (Ser. III, v. VU), Typis Polyglottis Vaticanis, 1964. p. 139-149. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-56-1964-ocr.pdf>. Acesso em 27 jun.2022.

<sup>1579</sup>Sobre a Recepção da *Sacrosanctum Concilium* no Brasil e colaboração da CNBB, pode-se ler: ISNARD, Clemente. Recepção da *Sacrosanctum Concilium* no Brasil e o papel de CNBB. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, Petropolis, v. 11, n. 44, jul/set. 2003, p. 9-16.

<sup>1580</sup>Cf. AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 22. jul. 1964, p. 1.

Episcopado, aprovadas pela Santa Sé e promulgadas pela Conferência Nacional do Bispos do Brasil.”<sup>1581</sup> O dia trinta de agosto foi a data prevista para que, oficialmente, se procedesse ao menos uma das missas dominicais em vernáculo no bispado. Entende-se que, nessa fase, bem mais que uma apropriação de todas as riquezas e possibilidades que a constituição trazia sobre a liturgia, fazia-se uma transposição (tradução), sem profunda reflexão ou adensado conhecimento da liturgia tal como ela era celebrada no ordo da missa ordinariamente. Um processo incipiente de recepção havia sido iniciado, estava-se dando a conhecer as mudanças conciliares.

Entrementes a autorização do Monsenhor Luiz Passetto passava a vigor, processou-se a nomeação, a ordenação, a participação na III Sessão do Concílio, a posse e a entrada de Dom Paulo Koop na diocese. No que tange a Pastoral, num plano geral, o bispo holandês potencializou o Secretariado Diocesano de Ação Pastoral e por isso confiou muitos aspectos da mobilização da diocese a esse grupo, inclusive a liturgia. Como *modus operandi*, constitui-se uma Comissão que responderia por esse seguimento pastoral no bispado. A metodologia da ação seria na linha de formação do laicato e do clero para um correto entendimento do espírito renovado pelo Concílio da Sagrada liturgia.

Uma primeira avaliação sobre o andamento do processo de apropriação dos elementos da Liturgia conciliar é delineado, de modo mais ou menos sistemático pelo próprio Bispo em meados de 1967.<sup>1582</sup> Na opinião dele, de um lado, grassava uma certa apatia, um desconhecimento geral sobre o espírito e os fundamentos da liturgia. Igualmente ocorria, grosso modo, em muitas paróquias, um desleixo pelos objetos litúrgicos, pelas celebrações e, mais grave ainda, como herança de anos de uma formação deficiente, uma displicência em promover a participação qualificada do povo na missa. Aos olhos do bispo, boa parte desses problemas, fruía do desconhecimento que os sacerdotes tinham da matéria litúrgica, da pouca familiaridade com a Sagrada Escritura e da deliberada opção que alguns faziam de não se aprofundar no assunto. Ele também ponderava contra os excessos que eram prejudiciais ao rumo da reforma:

Há os abusos por excesso, os abusos contrários aos rumos da atual reforma e os abusos de antecipação dos que avançam o sinal. O

---

<sup>1581</sup> AITEL – PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante**. Lins, 22. jul. 1964, p. 1.

<sup>1582</sup> Cf. AC DL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 6-7

desrespeito das normas vigentes traz confusão e perturba o andamento da reforma litúrgica.<sup>1583</sup>

Paralelo a essa realidade e buscando fazer frente a ela, o bispado de Lins, mormente o Secretariado de Ação Pastoral e a Comissão de Liturgia, ofereciam cursos e formação a clérigos, religiosas e leigos sobre o Concílio, em geral; e sobre os fundamentos da reforma litúrgica, em particular. Entre 1967 e 1968 a agenda Pastoral da diocese,<sup>1584</sup> entre outras coisas, comportou diversos cursos sobre esse tema. A grande maioria das formações foi promovida pela Comissão Arquidiocesana de Liturgia Música e Arte Sacra (CALMAS) de Campinas, capitaneado pelo Padre José Antônio Moraes Buch que também era subsecretário do Secretariado Nacional de Liturgia da CNBB. Nesse mesmo período, como anteriormente afirmado, o frade capuchinho Wanderley José Fuschillo, OFM Cap (Frei Tomás Maria de Mococa), via organismos da diocese, foi enviado ao Rio de Janeiro para que, no recém fundado Instituto de Pastoral Litúrgica, pudesse aprofundar-se nas bases da liturgia renovada pelo Concílio,<sup>1585</sup> consequentemente ajudar a diocese no processo de apropriação e aplicação do tema litúrgico. Em 1969 o religioso Franciscano retornou ao bispado e buscou dinamizar o serviço de animação litúrgica. A vinculação desse sacerdote à uma ordem religiosa e estando os interesses de sua província acima dos do bispado, fez com que ele, não obstante o investimento despendido, fosse retirado de Lins, assumindo outro serviço em nome de sua ordem. O trabalho litúrgico em Lins, portanto arrefeceu enquanto coordenação. Novamente era um aspecto a ser dinamizado, era um elemento que caminhava a passos comeditos.

Nesse mesmo ano, escrevendo para um periódico, o bispo sintetiza o mesmo juízo outrora feito e reconhecia que a reforma litúrgica, embora principiasse passos, ainda não havia atingido sua finalidade. Faltava entender o espírito da reforma, urgia ter gente qualificada para dar dilatado espaço aos princípios da *Sacrosanctum Concilium*:

No VII Encontro Nacional dos Coordenadores Regionais constatou-se, melancolicamente, que a reforma litúrgica entre nós ainda não começou

<sup>1583</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 6.

<sup>1584</sup>Cf. ACDL - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. Cronograma das atividades do Secretariado Diocesano de Ação Pastoral- julho 1968. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 26, p. 1-3; SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p.5; APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 46.

<sup>1585</sup>Cf. ACDL - KOOP, Dom Pedro Paulo. Contacto 5: Do bispo de Lins ao seu presbitério. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f. 5. p. 4.

de verdade. É certo que houve aumento de participação. Houve mudanças de rito, de língua, algumas simplificações que motivaram essa maior participação. Mas muito apenas no exterior. De modo geral, o culto não constitui ainda expressão de vivência cristã, o que significa uma existência de dicotomia entre religião e vida. Sendo assim, será mais certa a conclusão de que o culto litúrgico não tem levado, pelo menos na intensidade ideal, o Povo de Deus a uma maior comunhão de vida em Cristo com o Pai e entre si. Isso tudo em âmbito nacional. A realidade diocesana de Lins não conta ainda com suficiente número de elementos capacitados para uma verdadeira renovação litúrgica. Há, porém, algumas experiências válidas em diversas paróquias.<sup>1586</sup>

Ainda nessa linha de avaliação, mas dando a entender como caminhava a assimilação das ideias sobre a pastoral litúrgica no sólio Linense, encontra-se o Primeiro Plano de Pastoral da diocese. O documento,<sup>1587</sup> sobretudo ao planejar a dimensão litúrgica (dentro da linha 4 da CNBB), atesta positivamente, que havia muitas experiências válidas em muitas paróquias e que a adoção do vernáculo, vigente desde 1964 em Lins, havia trazido, ao menos externamente, maior número de participantes, feito com que as celebrações fossem um pouco mais acessíveis e participativas. A missa dialogada, as funções litúrgicas dilatadas, as leituras em português concorriam para esse bom juízo. Igualmente, testemunha o documento, muitas comunidades foram levadas a uma experiência de simbiose entre fé e vida, entendendo que aquilo que era celebrado, deveria ser antes vivenciado.

Não obstante as experiências positivas, o Secretariado e as Comissões diocesanas sentiam, passado algum tempo de aclimatação das celebrações litúrgicas no vernáculo, que “a dificuldade de compreensão não [eram] só devido ao latim, mas a própria linguagem e até pelo próprio rito.”<sup>1588</sup> Igualmente, pontuava que a açodada e despreparada intenção de renovar havia suprimido, sem dar por isso um substituto consistente, celebrações tradicionais (novenas, procissões) causando uma espécie de confusão no povo, um sentimento de alheamento a própria fé. O processo de renovação litúrgica havia carecido de uma suficiente maturação teológica das opções pastorais, de uma insuficiente reflexão sociológica o que fez com que o povo não fosse levado “a uma liturgia vivencial.”<sup>1589</sup> Havia portanto, em todo processo de assimilação da reforma a

---

<sup>1586</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 791-792.

<sup>1587</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 44.

<sup>1588</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 44.

<sup>1589</sup>Cf. APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 45.

“necessidade de mudança de linguagem, adaptação e a aculturação.”<sup>1590</sup> Percebe-se na análise extraída do Plano de Pastoral que, embora a Igreja em Lins tenha mergulhado no processo de reforma da liturgia, fazem-se ainda aprofundamentos necessários, revisão da linguagem, atenção aos elementos culturais, sob pena de não sorver suficientemente a grandeza dos ensinamentos advindos do Concílio acerca dessa matéria. A recepção, enquanto processo de assimilação de uma nova mentalidade, não se apresentaria. Seria um involucro novo, assentado sobre uma concepção antiga, num aspecto assaz caricato.

Na confluência dessa indagação e ou da busca de uma implementação litúrgica que fosse verdadeiramente aculturada em Lins é que se pode encontrar a raiz das motivações para a elaboração do folheto Litúrgico Todos Irmãos. Esse folheto surgido no advento de 1971 foi publicado até final da década de oitenta. Sua proposta inicial era “oferecer subsídios para que as comunidades, mesmo sem padres, pudessem estabelecer com eficácia o diálogo da palavra de Deus-realidade humana.”<sup>1591</sup> Seu fundamento assentaria em uma “visão teológica segura, a partir da reflexão bíblico-pastoral constante, sempre aberta as situações em que vivem os homens e as comunidades.”<sup>1592</sup> A finalidade do texto, a um só passo, carregava uma aceção encarnada da Teologia dos sinais dos tempos, própria do Concílio Vaticano II. Assegurava que seu fundamento seria eminentemente bíblico-pastoral e, preconizava o uso do material, mesmo sem clérigos. Propunha-se, portanto, ser um filho dileto da teologia conciliar assentado no chão do bispado de Lins. Em curso estava uma mudança de linguagem, um assentimento sociológico e uma apropriação da liberdade concedida pela *Sacrosanctum Concilium*.

A testa desse projeto, secundados pelo bispo diocesano, estavam pessoas capacitadas. Entre elas, os leigos José Resende e Marilene Magri, futura prefeita de Araçatuba; bem com os padres, João Candido de Carvalho Coimbra e José Eduardo Augusti. Estes padres, ambos, eram do clero de Botucatu. O primeiro era um sacerdote experimentado acadêmico e bem formado professor que fundou a gráfica Todos Irmãos, no qual o folheto seria impresso; o Segundo, que havia sido preso pela ditadura militar e depois anistiado, quando ainda no clero de Botucatu, à luz do rito reformulado, redigiu um formulário próprio de missa para crianças.<sup>1593</sup> O folheto litúrgico, portanto, tinha em

---

<sup>1590</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 45.

<sup>1591</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 85.

<sup>1592</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 85.

<sup>1593</sup>Cf. FERREIRA, Reuberson; SOUZA, Ney. Dom Frei Henrique Golland Trindade e a recepção do Vaticano II na Arquidiocese de Botucatu. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 82, n. 322, p. 377-407, 21 jul. 2022.

sua gestão homens e mulheres experientes, cientes dos passos conciliares renovadores, comprometidos com a evangelização em uma nova perspectiva. Fato que, quiçá, concorreu para o estilo, o modelo e a tecitura do pequeno opúsculo.

O folheto *Todos Irmãos* possuía uma estrutura simples que ao largo dos seus anos de existência, foi se metamorfoseando. Sua composição basicamente gozava de Ritos Iniciais, Liturgia da Palavra, Prece dos fiéis e Oração final.<sup>1594</sup> Não tinha Liturgia Eucarística, configurando-se justamente como instrumento a serviço da celebração da palavra, uma das grandes riquezas do Concílio.<sup>1595</sup> O material seguia ao calendário litúrgico, acompanhava as normativas da Igreja, mas possuía temas próprios, calcados numa perspectiva de compromisso com o povo e com a realidade concreta.<sup>1596</sup>

A linguagem era simples, fruto da reflexão que o próprio bispado já vinha fazendo acerca da comunicação litúrgica visando um entendimento mais pleno do mistério celebrado. Não raro as traduções, inclusive dos textos do lecionário, eram livres, buscando o máximo possível lograr compreensão dos estamentos mais simples. Adaptava-se versões populares e contextuais da profissão de fé<sup>1597</sup> e da glória,<sup>1598</sup> por vezes, substituindo-o por salmos ou outros cantos. Em algumas fases da construção do material, ele passou a ser feito em mutirão, com sugestões de todas as comunidades, configurando-se ainda mais como um objeto a serviço da formação da igreja de base.<sup>1599</sup> Resplandecia uma fisionomia de unidade diocesana e comunitária.

<sup>1594</sup>Cf. AITEL - DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos! Lins, s.E, n.6, s/d.

<sup>1595</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. *Sacrosanctum Concilium (SC)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações.** Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 35.

<sup>1596</sup>AITEL - DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.E, n.6, s/d: “Tema: Natal de Jesus Cristo”; **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.E, n.13, s/d: “Tema: Autoridade do Cristão”; **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s. J, n.6, 15 fevereiro de 1981: “Tema: Amor fone de Justiça”; **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.L, n.16, 20 fevereiro de 1982: “Tema: Fraternidade e Educação”

<sup>1597</sup>Cf. AITEL - DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.E, n.13, s/d: “7 – **Profissão de fé:** C - Nós cremos em um Deus que fala através das coisas simples, através das pessoas desapegadas, simples e dos fatos da vida de cada dia **T**-Creio no Evangelho que é a boa nova que anuncia: Libertação aos prisioneiros, vista aos cegos, liberdade aos oprimidos (Lc 4,18). Creio nos Cristãos que constroem o mundo onde se combate a miséria e a cegueira da Ignorância onde toda pessoa humana é valorizada e respeitada, conde ressuscitamos para uma nova esperança. Amém! (Negrito no original)

<sup>1598</sup>Cf. AITEL - DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.E, n.13, s/d: “3 – **Hino de Louvor:** C - Louvor ao Nosso Deus, Senhor dos fracos e dos simples, dono de toda bondade que existe sobre a terra. **T** - **Gloria ao nosso Deus que cala a boca de todo homem que fala a maldade por mais poderoso que seja. Glória Jesus que cala a boca dos fortes com toda a sua fraqueza com sua palavra certa na hora certa. Glória ao Espírito Santo que através da união torna forte a comunidade [...]** (Negrito no original)

<sup>1599</sup>Cf. AITEL - DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, a. 1, n.1, jan 1975, p.4.

Pode-se dizer que a tônica do folheto *Todos Irmãos* era de um instrumental a serviço da unidade diocesana e da incrementação litúrgica. Em linhas gerais, pelas opções, pela linguagem e pelo estilo, os autores divisam um processo de inculturação e creditavam a essa perspectiva o poder de criar uma simbiose entre fé e vida, uma liturgia vivencial e existencial. O texto inegavelmente principiava de fundamentos de uma teologia encarnada, sobremaneira libertadora, tipicamente latino-americana. Trata-se aqui da apropriação das ideias litúrgicas com uma interpretação própria, da infiltração de teses, de uma recepção prática e encorpada do movimento conciliar.

A abrangência do projeto de formação litúrgica, rapidamente se espalhou. Atingiu outras dioceses em São Paulo e em outros estados do país, especialmente Goiás e Mato Grosso. Sua perspectiva pastoral de formação e conscientização, a luz dos sinais dos tempos, não passou despercebida pelas críticas. Durante o período militar, o crivo dos censores monitorava o folhetim e seus posicionamentos.<sup>1600</sup> Também, afirmavam os próprios relatores do folheto, por conta das escolhas do semanário “ele tinha sido sinal de contradição, difícil de ser compreendido pelas forças conservadoras da Igreja,”<sup>1601</sup> referindo-se aos clérigos. Na própria diocese, em particular alguns números do folheto causaram frisson entre pessoas, particularmente agropecuaristas da região de Araçatuba.<sup>1602</sup> À guisa de exemplo, a edição vinte e oito da série do folhetim que refletia sobre paz, trabalho e reforma agrária trazia uma ilustração onde bois, vacas e vasilhames de leite eram justapostos a uma mulher banhando-se numa piscina, ao lado de crianças franzinas, líridas, cadavéricas.<sup>1603</sup> A eloquência da imagem, no que pese sua verdade, crê-se deve ter provocado espécimes em pessoas insensíveis à justiça social, a justiça do reino. Acostumados a viver uma fé dissociada da própria realidade, justamente o tipo de cultura que o plano diocesano havia eleito como mote de oposição. Não obstante, essas intempéries, era um periódico em geral, útil a apropriação de uma nova liturgia e aceito pela grande maioria da igreja diocesana.<sup>1604</sup>

Ainda no aspecto litúrgico, deve-se mencionar o elemento da Pastoral Litúrgico Sacramental. Era deliberação diocesana que se privilegiasse, à luz do Vaticano II, metas

---

<sup>1600</sup>Cf. CARDONHA, José. *A Igreja Católica nos "Anos de Chumbo": resistência e deslegitimação do Estado autoritário brasileiro 1968-1974*. PUC: São Paulo, 2011, p. 272(Doutorado em Ciências Sociais)

<sup>1601</sup> DIOCESE DE LINS. *Cinquentenário da Diocese de Lins*. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 86.

<sup>1602</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. *A pedagogia da Formação dos leigos católicos*. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 267.

<sup>1603</sup>Cf. AITEL - DIOCESE DE LINS. *Todos os Irmãos: participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos*. Lins, s.E, n.28, s/d.

<sup>1604</sup>Cf. ACDL - *Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I* (1949- 1973), p. 40v.41.



comuns para problemas semelhantes,<sup>1605</sup> sobretudo em se tratando de preparação Sacramental. Dom Pedro Paulo, inclusive, menciona em sua carta pastoral que sacramentos como o batismo eram “feitos sem decoro na sacristia, [bem como insistia-se] na manutenção de classes de casamentos.”<sup>1606</sup> Assim era preconizado envidar esforços para que constituíssem cursos preparatórios para os sacramentos em geral, mas de modo especial para o matrimônio e o batismo. Nota-se que foi feito, por essa razão, a opção pelo catecumenato e pela evangelização, tal como dito, em pequenas comunidades. Em núcleos menores onde efetivamente era possível criar vínculos, laços e viver a fé com profundidade, num novo estilo de religiosidade. Num plano geral, em toda diocese efetivou-se uma catequese pré-sacramental e, para a crisma, estabeleceu-se a idade mínima de quinze anos para recepção do sacramento. Além de multiplicarem-se cursos de preparação para o matrimônio.

Sob a perspectiva litúrgica, os relatórios quinquenais do bispado, particularmente sobre a regência de Dom Pedro Paulo, formulam uma panorâmica bem realista da situação e do processo de recepção dos postulados da *Sacrosanctum Concilium* como um todo na diocese.<sup>1607</sup> Enumera-se os avanços e os benefícios da missa no vernáculo como participação e entendimento, contraposto ao ainda arraigado, culto supersticioso aos santos; fala-se da catequese sacramental como um caminho à vida comunitária e expressão de fé, contraposto a um espírito que dissocia a fé da via; insiste-se que dentro da missa, a homilia é recurso útil para alimento da fé, por vezes, contudo, não raro por imperícia ou falhas de linguagem, não informa ou alimenta vida cristã; o sacramento da confissão, que em tempos outros era frequentadíssimo, figura como um relegado e, as preparações comunitárias, parecem granjear espaço ao mesmo tempo que formam consciência da implicação comunitária do pecado; o Matrimônio, não obstante, a preparação instituída sob várias formas no bispado, padecia as intempéries de uma sociedade em mudanças; por fim, o sacramento da unção, conquanto haja esforços para mudança de mentalidade a seu respeito com formações e outros meios, ele seguia sendo desconhecido em seu valor real.

---

<sup>1605</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Contacto 4 - Do Bispo Lins ao seu presbitério, 22 de dezembro de 1968. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 11, p. 1.

<sup>1606</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 6.

<sup>1607</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 12-15; **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1975-1979)**. Lins: s.e, s/d, 13-15.

Essa panorâmica permite emitir um juízo que, sob o pálio do bispado de Dom Pedro Paulo, o processo de recepção nos moldes da definição de Kerigmatica e Prática, caminhou com passos firmes, mas marcado por adversidades. O trabalho de conscientização e de transposição das ideias conciliares iniciou-se de forma muito incipiente. Tratou-se apenas de transmigrar afirmações sem aprofundar-se no espírito conciliar. O frígido do tempo, a reflexão e a formação sistemática sobre as implicações da *Sacrosanctum Concilium*, permitiram com que o bispado concebesse uma liturgia com feição própria, marcada sobretudo por uma teologia latino-americana que apresentava um Cristo encarnado, celebrado nas pequenas comunidades. Deve-se ponderar que não se tratou de um processo homogêneo e por isso houve resistências, oposições foram gestadas. Esse fato, certamente, forçou que o aspecto litúrgico-sacramental caminhasse ora entre avanços, ora de maneira estática. Entende-se, então que, mesmo avançando do anúncio à prática, dado as vicissitudes históricas, ao espaço, ao tempo e aos atores não houve uma recepção definitiva do Concílio em Lins, sob a influência de Dom Pedro Paulo Koop. Esse fato, contudo, não impede de dizer que um vulto conciliar consistente tenha sido delineado no que tange a liturgia em Lins. Tal silhueta conciliar despontará em outras searas da vida diocesana, particularmente em nível de relacionamento da Igreja de Lins com o mundo, no que tange as alegrias, as tristezas, as angústias e esperanças do homem noroestino.

## 2.6 Ação sociotransformadora: IPPH, INTEC, CET e a Comissão Diocesana de Direitos Humanos

O desenvolvimento humano e a ação sociotransformadora compõem um particular ladrilho do amplo mosaico de recepção do Concílio principiado em Lins, sob o episcopado de Dom Pedro Paulo Koop. De fato, o bispo Missionário do Sagrado Coração, por muitos caminhos buscou dar vazão a ideia conciliar de que “as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo os pobres e de todos aqueles que sofrem,”<sup>1608</sup> também são as da comunidade dos discípulos de Cristo. Em muitos aspectos, refletindo a realidade sofrida e empobrecida do noroeste paulista, o titular do sólio Linense, buscou plastificar o desejo de favorecer com que nada impedisse a realização da “vocação humana e sobrenatural de todos os homens.”<sup>1609</sup> envidando, para

<sup>1608</sup>CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes. (GS)*In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n.1

<sup>1609</sup>AITEL – KOOP, Pedro Paulo. A estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29 ago. 1965, p. 4.

isso, todos os esforços de que dispunha e que lhe eram possíveis, na linha da realização humana tal como propunha alguns aspectos da *Gaudium et spes*.<sup>1610</sup>

Antes, porém de adentrar nos pormenores da recepção nessa perspectiva, deve-se fazer uma sucinta digressão para apresentar a preocupação de Dom Pedro Paulo Koop com a questão social, mais ainda, como percebemos que o movimento conciliar mudou, incluso sua percepção dessa questão. Antes do Concílio são notórios inúmeros trabalhos que testificam uma preocupação, nos moldes do tempo que vivia, com a promoção humana. Quando em São Paulo, por ocasião da época que viveu na Vila Formosa, como destacamos na primeira parte desta tese, empreendeu trabalhos como assistente religioso no Serviço Atenção ao Menor. Ainda no escopo de uma pastoral com traços de empenho social, Padre Paulo Koop, como assistente arquidiocesano da juventude operária católica feminina,<sup>1611</sup> contribuiu para a fundação de um restaurante popular que oferecia comida a preços módicos para o proletariado, sobretudo para as mulheres.<sup>1612</sup> Nessa mesma linha associado, a um grupo de mulheres, constitui a “Casa da Criança,”<sup>1613</sup> destinada a cuidar dos filhos dos operários, no contraturno da escola. Em Bauru, associado ao, à época Jornalista, Nicola Avallone Jr, consolidou um projeto de fundação de uma casa de acolhida de órfãos, nomeada Casa do Garoto.<sup>1614</sup> Em todos esses projetos, não se percebe críticas às causas dos problemas, tampouco se nota uma prática de reparação de injustiça social. Era um trabalho assistencial.

Essa perspectiva começa a recrudescer, na segunda metade da década de cinquenta, considerada como marco histórico do apoio da Igreja à reforma agrária.<sup>1615</sup> Progressivamente, a consciência assistencialista, à luz das transformações que ocorriam na sociedade e na Igreja, ganham novo acento que marcará o vigário Forâneo de Bauru. Em 1957, no auge da discussão sobre a reforma agrária no cenário nacional, Padre Paulo

---

<sup>1610</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. *Constituição Pastoral Gaudium et Spes. (GS)*In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 26; 41-42; 63.

<sup>1611</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>1612</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160.

<sup>1613</sup>APSNSSC - **Livro Tombo I**. São Paulo- SP, p. 9.

<sup>1614</sup>Cf. ROBERTO, Henrique: **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p. 160.

<sup>1615</sup>Cf. BRUNEAU, Tomas. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974, p.150.

Koop, através do jornal *A Fé*<sup>1616</sup> fez coro a urgência da reforma agrária executada sob princípios da Doutrina Social da Igreja. Na esteira desse posicionamento, menos de três anos depois, inspirado pela Encíclica de João XXIII, *Mater et Magistra* e pela Declaração do Episcopado Nacional sobre as reformas agrárias, o presbítero holandês, entre outras coisas, defende que no processo de desenvolvimento humano, deve-se submeter o progresso econômico à dignidade e qualidade de vida das pessoas colocando, no centro da economia o ser humano. Defende mais ainda que a equitativa distribuição de renda e de bens é o caminho único e plausível para “aumentar a paz social e [...]a riqueza comum.”<sup>1617</sup> Às vésperas do Concílio, vê-se um dilatar da preocupação com o desenvolvimento humano e social do sacerdote, ele defende mais a justiça social e luta contra as causas do empobrecimento do que uma atenção assistencial.

O Concílio, nesse sentido, pode-se dizer, se não é o único divisor de águas para Dom Pedro Paulo Koop, ao menos foi a chancela de uma nova perspectiva em relação à promoção humana que ele vinha nutrindo. De fato, a um dos seus colaboradores próximos ele confidenciou que o evento conciliar teria sido “uma verdadeira escola que converteu seu modo de pensar e de agir.”<sup>1618</sup> Essa escola, se não totalmente, lhe ofertou muitos elementos de compressão da relação Igreja e mundo, o que lhe permitia novos juízos e novas interrogações diante da realidade que, doravante, lhe tocava pastorear. Nesse sentido, entende-se que menos de seis meses de sua chegada a Lins, certamente fecundado por essa nova consciência e pelas mudanças que paulatinamente foi vivendo, ao contemplar o desenvolvimento esqualido e infra-humano de sua região, fez com que lamentasse a penosa situação. Ciente da inextricável relação entre desenvolvimento humano e vida religiosa, propunha encaminhamentos para criar, a longo prazo, uma nova realidade na região, com mais dignidade e desenvolvimento. Nas palavras do bispo:

Penosa impressão tivemos da situação da nossa população. Nossa zona noroestina que conheci, trinta anos atrás, prospera e pioneira, hoje sofre o impacto de uma lamentável depressão. Convictos que a religião recebe reflexos da situação socioeconômica, ardentemente desejamos a recuperação da região noroestina, vítima hoje de incompreensões, desuniões e desânimos. Resultado de nossos múltiplos encontros, e conversas é o encaminhamento de uma espécie de mercado comum noroestino, produtor e consumidor, mediante planejamento de um

<sup>1616</sup>Cf. ANUPHIS – REDAÇÃO. Brasil, brasileiro. *A Fé*. Bauru, 20. out. 1957.

<sup>1617</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Reforma Agrária. *A Fé*. Bauru, 11. fev. 1962, p.1.(itálico no original)

<sup>1618</sup>ACPMSC-SP- DANS, Hugues. Dom Pedro Paulo Koop: Pai e Profeta. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 3.

sistema cooperativista em escala regional e a colaboração cristã de todos os homens de boa vontade.<sup>1619</sup>

De fato, a região noroestina que Dom Pedro Paulo havia vivido como vigário em Pirajuí (1933-1936) e Presidente Alves (1936-1937) estava em um nível distinto e infinitamente mais empobrecido do que aquela que ele vivera. Com o declínio do café<sup>1620</sup> e a ascensão, partir da década de quarenta, da criação de bovinos com a consequente anexação das pequenas propriedades por grandes fazendeiros para constituição de pastos, criou-se na zona noroeste um processo vertiginoso de despovoamento, migração e êxodo rural. Como consequência, cresciam os latifúndios, gestava-se uma pauperização dos pequenos produtores rurais e inflacionava-se a quantidade de pessoas marginalizadas, desempregadas, subempregadas ou em condições análogas a escravidão nas periferias dos centros urbanos ou em cidades satélites. Faltavam oportunidades e qualificação à população; aviltava-se da região planejamento, formação e investimento em técnicas agrícolas. Criava-se, assim um cenário degradante, uma pobreza endêmica e uma sociedade em franco retrocesso. Diante desse cenário, o bispo, respaldado pelo magistério de João XXIII e da Igreja, pontificou e exortou através do jornal da diocese:

Nosso problema social rural é primordial e de enorme responsabilidade. Todo bem-estar em geral depende em primeiro lugar de uma lavoura sadia e prospera. A Igreja, através de suas encíclicas sociais, há tempos, apela para nosso senso de responsabilidade, coletiva e comunitária. É preciso reunir, cooperar, somar. Esta responsabilidade diz respeito não somente a nós, bispos e sacerdotes, mas a todos os homens públicos e particulares.

Colaboremos com a Igreja empenhada na criação de estruturas que permitam condições que não impeçam a vocação humana e sobrenatural de todos os homens, nossos irmãos. Da compreensão do problema e de entrosamento das nossas atividades, dependerá o advento de um mundo melhor que temos obrigação de promover a bem das novas gerações que despontam, numerosíssimas, ao nosso redor.<sup>1621</sup>

A preocupação de Dom Pedro Paulo ante a realidade que vivia o povo, certamente, foi ingrediente para diversas ações e instituições que foram se consolidando em seu bispado. A base e a fundamentação do *modus operandi* desses mecanismos, certamente está na leitura que o bispo fazia do magistério de João XXIII (*Mater et Magister*), nas contribuições da *Gaudium et spes* e na *Populorum progressio* de Paulo

<sup>1619</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. A estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29 ago. 1965, p. 1.

<sup>1620</sup> Segue-se nesse ponto as reflexões de: BEOZZO, José Oscar. Noroeste Paulista: Aspectos demográficos ou um caso típico de povoamento. **Revista Vozes**: Petrópolis. a. 63, n. 9, set. 1969, *passim*; KAMEYAMA, Nobuco. Histórico da ocupação e colonização do Oeste Paulista. **Revista Vozes**: Petrópolis. n. 8, set. 1968, *passim*; KAMEYAMA, Nobuco. Imagem Física do Oeste Paulista. **Revista Vozes**: Petrópolis. n. 8, set. 1968, *passim*.

<sup>1621</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. A estatísticas falam. **Bandeirante**. Lins, 29 ago. 1965, p. 4.

VI. Textos que redesenharam e alimentaram o conceito da atuação social da Igreja pós-Vaticano, particularmente na América Latina. Essa concepção fica clara em pronunciamentos do bispo. À guisa de exemplo uma entrevista a um jornal de Andradina – reproduzida pelo *Bandeirante* - ele defende, à luz dos documentos acima citados, uma intervenção nos rumos da economia noroestina, para além do capitalismo ou do comunismo, numa perspectiva que ele define como “solidariedade humana ou socialização cristã, capaz de unir os homens numa só família, onde o grande denominador comum é o amor ao próximo e o respeito à dignidade humana.”<sup>1622</sup> Para atingir tal fim, além de um plano já elaborado por ele, o primeiro passo seria despertar “no homem a consciência de sua autossuficiência e consequente autovalorização, assegurando seu futuro em sua própria capacidade realizadora.”<sup>1623</sup> A aposta de Dom Paulo Koop, nessa seara, é a formação das bases, intervenção direta no modelo econômico da região visando o desenvolvimento local e a dignidade humana.

Para concretizar essa ação na realidade local foi fundado sob a inspiração do bispo diocesano em primeiro de julho de 1967 o Instituto Paulista de Promoção Humana (IPPH).<sup>1624</sup> A rigor ele foi um desdobramento, em Lins, de um outro mecanismo ligado a diocese fundado por um grupo de leigos que inicialmente tinha o nome de Centro de Treinamento Agrícola (CTA). No primeiro, momento o grupo colocou-se sob a presidência de Dom Pedro Paulo Koop – “*Totius operis actor*”<sup>1625</sup> – do professor Franco Barusselli e da assistente social, Nobuco Kameyama, que eram, respectivamente, vice-presidente e diretora geral,<sup>1626</sup> além de outros membros que compunham seu organograma na condição de técnicos ou associados.

O objetivo do IPPH era “a integração da população no processo de desenvolvimento [atuando] em diversos setores da atividade humana, prioritariamente no educacional.”<sup>1627</sup> Essa definição primeira, paulatinamente, foi sendo aprimorada e em 1978 num informativo do próprio instituto ele se autodefine como um lugar de

<sup>1622</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Expansão Econômica da Noroeste segundo D. Pedro Paulo Koop – MSC. *Bandeirante*. Lins, 14 maio. 1966, p. 1.

<sup>1623</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Expansão Econômica da Noroeste segundo D. Pedro Paulo Koop – MSC. *Bandeirante*. Lins, 14 maio. 1966, p. 1.

<sup>1624</sup> Cf. AITEL – REDAÇÃO. Fundado em Lins Instituto Paulista de Promoção Humana. *Bandeirante*. Lins, 1 jul. 1967, p. 1.4; ACDL -. *Livro tomo da Diocese de Lins* (1926-1988). p. 115v.116.

<sup>1625</sup> ACDL -. *Livro tomo da Diocese de Lins* (1926-1988). p.116: “Autor de toda obra”

<sup>1626</sup> Cf. ACDL - KOOP, Pedro Paulo. *Carta Pastoral*: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p.19.

<sup>1627</sup> ACDL - *Livro tomo da Diocese de Lins* (1926-1988). p.116; KOOP, Pedro Paulo. *Carta Pastoral*: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p.19.

desenvolvimento pleno, afinado com as “perspectivas cristãs de uma visão libertadora e da verdadeira promoção humana.[...] decorrente dos direitos humanos respeitados e promovidos[...] [nos quais o mais fundamental] é a vida digna e [...] plena.”<sup>1628</sup> Dentro do corpo diocesano, à luz da linha seis do Plano de Pastoral de Conjunto da CNBB, o instituto apresentava-se como meio capaz “de dar ao homem condições de vida compatíveis com a dignidade do ser humano.”<sup>1629</sup> Seria ele, portanto o principal instrumental de promoção humana e da dignidade do povo nordestino.

Com o intento de consumir seu fim colimado a atuação do IPPH foi se firmando. Numa primeira fase, o Instituto ofereceu cursos de Educação de base formando mão de obra qualificada e despertando a consciência do homem rural para as suas próprias potencialidades e as de sua região. Contíguo a esse momento inicial, o IPPH passou a equacionar projetos mais concretos. Desse ponto, surge, *ad experimentum*, o plano de desenvolvimento das cidades de Guimbé e Lavinia, respectivamente, a trinta e dois e a cento e sessenta quilômetros de distância de Lins. Tratava-se de aplicar o conceito de desenvolvimento defendido pelo instituto, isto é, de que ele é “uma ação global de interferência, numa realidade que é profundamente interdependente nos seus aspectos sociais e econômicos sempre em mutação,”<sup>1630</sup> numa realidade concreta.

Nesse sentido, foram desenvolvidos projetos de ajuda comunitária, sobretudo entre aqueles pequeno produtores agrícolas e agropecuários. Igualmente houve um intenso programa de preparação de agentes de saúde, ao lado de uma formação para o engajamento prático e social de grupos de comunidades eclesiais de base. Por fim, prodigalizou-se um acompanhamento com os boias-frias, que se configuravam como grandes sequelados do processo de inversão da agricultura para a agropecuária extensiva,<sup>1631</sup> tal como algumas vezes foi estudado e debatido no Conselho diocesano de Pastoral.<sup>1632</sup> Assomaram-se a esses projetos formativos, ao longo do tempo, outros como de artesanato, farmácia comunitária e fundos rotativos para financiamento de roças comunitárias.<sup>1633</sup>

<sup>1628</sup>ACDL - IPPH. Apresentação do IPPH - Instituto Paulista de Promoção Humana. **Desenvolvimento**. Lins. a.1, n.1, maio.1978, p.4.

<sup>1629</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 27.

<sup>1630</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 73; DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 61.

<sup>1631</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1975-1979)**. Lins: s.e, s/d, p. 48.

<sup>1632</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.12.13.16v-18.

<sup>1633</sup>Cf. ACDL - IPPH. Apresentação do IPPH - Instituto Paulista de Promoção Humana. **Desenvolvimento**. Lins. a.1, n.1, maio.1978, p.3.

A julgar pela expansão do trabalho para outras regiões e das solicitações que ele fosse multiplicado em outros frentes e em outras áreas atinentes a vida humana,<sup>1634</sup> pode-se dizer que o IPPH respondia ao objetivo que se propunha. De certa maneira cumpria a missão de influir nos processos econômicos da região. Sua ação e postura, inspirada na concepção de desenvolvimento como “um processo [...] libertador a partir da consciência dos problemas que levam o homem, agente do próprio destino, a assumir uma atitude diante deles”<sup>1635</sup> configura-se, desse modo, como uma lufada concreta dos postulados conciliares. Mais ainda é ícone da apropriação particular desse evento assumido na América Latina.

Ao lado do IPPH e como instrumento emblemático dessa nova concepção de promoção social e desenvolvimento humano está o Instituto Noroestino de Trabalho, Educação e Cultura (INTEC). Precede a fundação desse organismo o processo de sindicalização iniciado na diocese de Lins em idos de 1961. Igualmente, num contexto de mudança dos ciclos de produção (agropecuária/agricultura) na região noroeste e do desejo de aferir aparato técnico aos trabalhadores rurais nasce, em 22 de maio de 1965, o Centro de Treinamento Agrícola (CTA) em Araçatuba,<sup>1636</sup> embrião do INTEC e também do IPPH – como já afirmado.

A fundação do CTA destinava-se a formar “líderes entre as novas gerações da população rural para que eles próprios fossem agentes de um processo de desenvolvimento econômico e social.”<sup>1637</sup> À frente desse projeto estavam o dirigente do sindicato dos trabalhadores da Agricultura de Araçatuba, Luiz Vignoli e Franco Baruselli, respectivamente diretor superintendente e presidente. Secundava-os, outros vinte sócios fundadores, entre eles Dom Pedro Paulo Koop, que mais tarde se tornaria presidente e presidente honorário da instituição.

Os trabalhos empreendidos pelo CTA, paulatinamente, foram se constituindo. Inicialmente as medidas foram de prospecção, buscando evidenciar quais projetos eram necessários ao desenvolvimento humano e social da região e para quais órgãos financiadores eles seriam destinados. A título de experiência, entre a data de sua

---

<sup>1634</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 78; DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 67.

<sup>1635</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 79; DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 68.

<sup>1636</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 89.

<sup>1637</sup>ACDL - KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério**. Lins, 1967, p.20.



fundação e a Carta Pastoral de Dom Paulo de 1967, o centro havia oferecido em módulos de trinta dias, cursos para mais de cento e quarenta e cinco jovens.<sup>1638</sup> A instituição configurava-se como pioneira na região em oferecer formação técnica e qualificada a líderes rurais com o objetivo de potencializá-los para uma transformação da própria realidade.

A partir de meados de 1972, o CTA, visto a ampla gama de atividades que açambarcava, alterou seu nome para Instituto Noroestino de Trabalho, Educação e Cultura (INTEC). A essa altura, além de formação e dos trabalhos de prospecção, oferecia treinamento nas áreas agrícola, agropecuária, sericicultura, industrial, cooperativa, cultural e vocacional. Cada um desses curso estava inserido dentro de um departamento do próprio INTEC.<sup>1639</sup> Com eles, atendia-se diversos segmentos da região noroeste, fortalecia-se o capital humano do lugar e concorria, de algum modo, para desenvolvimento social, econômico, político e cultural da população noroestina.

Os Institutos Noroestino de Trabalho (INTEC) e Paulista de Promoção Humana (IPPH), a despeito dos esforços que faziam para implementar uma concepção de desenvolvimento calcada num processo de intervenção na realidade a fim de transformá-las em favor da dignidade humana, nem sempre eram bem compreendidos. A título de confirmação, dois exemplos. O primeiro, em 1978, no desejo de apresentar seus trabalhos, o veículo informativo do IPPH defende-se de críticas feitas à comunidade de Guaimbê, quanto a redução de casamentos e ao fim das procissões, argumentando, que podiam “dizer tudo da Igreja de Guaimbê, apenas uma acusação não lhe pode ser feita: jamais ela deixou de ser solidária à casta dos boias-frias.”<sup>1640</sup> Percebe-se aqui, conquanto, seja justa e decorrente de uma fé cristológica a causa da defesa dos empobrecidos, haviam vozes que acusavam a Igreja do local de perverter sua expressão religiosa. A simbiose entre compromisso de fé e justiça social, não obstante os esforços, ainda era tênue.

O segundo exemplo é narrado por Franco Baruselli que durante muito tempo fora diretor do INTEC.<sup>1641</sup> Em tempos da ditadura militar, a posição do Instituto

---

<sup>1638</sup>Cf. ACDL - KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p.20; AITEL – REDAÇÃO. Instituto Paulista de Promoção Humana – IPPH. **Bandeirante**. Lins, 20 ago. 1967, p. 4.

<sup>1639</sup>Cf. BARUSELLI, Franco. **A vida é bela e la neve vá**. Barauna, 2015. p. 377-384; DIOCESE DE LINS. **Relatório quinzenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 59.

<sup>1640</sup>ACDL - IPPH. Apresentação do IPPH - Instituto Paulista de Promoção Humana. **Desenvolvimento**. Lins. a.1, n.1, maio.1978, p.6.

<sup>1641</sup>Cf. BARUSELLI, Franco. **A vida é bela e la neve vá**. S/l: Barauna, 2015. p. 101-106.

Noroestino reluzia, aos olhos do regime, traços de uma organização de acento comunista. O presidente da instituição, desse modo, nos meses iniciais do governo Médici(1969-1974), logo após a promulgação do AI-5, foi preso em sua casa, enviado para o quartel do exército em Lins e mantido por vários dias em regime fechado ao lado de outros presos militares, entre eles, professores e operários. No interrogatório feito ao professor Franco, o interesse nodal era saber quem compunha, onde se reuniam e quem financiava o INTEC. No auge das preocupações, interessava descobrir se o dinheiro vinha da Rússia e, portanto, se os coordenadores eram uma célula que desfraldava a bandeira vermelha e encampavam as ideias do país do leste Europeu. Percebe-se a renhida ideia de que o desenvolvimento humano e o compromisso com transformação social são consentâneos de comunismo.

Ainda no horizonte de instituições a serviço da promoção Social e do desenvolvimento humano, insere-se a Comunidade Educacional do Trabalho (CET). O projeto foi idealizado e criado por Elisabeth Berdina Maria Koop, uma dentre os quinze filhos do irmão de Dom Pedro Paulo, Jozef Petrus Koop. Els Koop, como ficou conhecida no Brasil, devotou sua história à causa social, atuando em Lins, associada ao seu tio e bispo, por mais de vinte e cinco anos.

A função do CET era similar à do IPPH e do INTEC, contudo sua abrangência restringia-se a cidade de Lins. Surgiu da constatação da realidade de que na cidade sede do bispado de Dom Pedro Paulo, jovens oriundos da zona rural não estavam suficientemente aclimatados à realidade urbana. Padeciam com a falta de emprego, de formação e qualificação profissional. Desse modo, a instituição surgiu com o objetivo de favorecer a formação, a capacitação e a promoção de jovens entre doze e dezessete anos.<sup>1642</sup>

A metodologia de atuação do Centro Educacional do Trabalho era, no contraturno das aulas na rede de educação regular, oferecer formação profissional a adolescentes. Associando a isso alimentação regular, instrução e orientação aos pais, além de encaminhamento ao mundo do trabalho, quando atingissem a idade necessária. O viés profissionalizante dirigia-se à preparação para atuação no campo da horticultura e avicultura. Dois segmentos de fácil absorção na realidade noroestina com garantia de possível subsistência e manutenção pessoal. Uma avaliação do trabalho, por falta de

---

<sup>1642</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 102; DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 72.

dados para quantificar seu impacto, é temerária. Contudo, a constituição desse instrumental, que ainda hoje desempenha seu papel com subvenções de benfeitores holandeses, como caminho de promoção, particularmente da Juventude, dentro do universo do episcopado de Dom Paulo e sob a sua chancela, reflete ainda mais a preocupação com a salvaguarda fundamental da dignidade humana.

Um último elemento que, dentro do bispado de Dom Pedro Paulo Koop, empresta robustez ao processo de recepção do Vaticano II, na linha dos muitos ensinamentos da *Gaudium et spes* foi a Constituição da Comissão de Justiça e Paz da diocese de Lins que, entre outros, lutava pela defesa e pela promoção dos direitos humanos. A título de contextualização, embora essa comissão surja somente em 1978, deve-se dizer que todo o trabalho pastoral da diocese de Lins, sobretudo na seara da promoção humana, pautou-se pela defesa dos direitos humanos. O próprio bispo, nos obscuros tempos da ditadura se fez solidário a perseguidos políticos, conseguindo para alguns liberdade, como foi o caso do Padre José Eduardo Augusti<sup>1643</sup> e para outros, como no caso de Nobuco Kameyama, um autoexílio no exterior, para resguardar a sua vida.<sup>1644</sup> Lins, irremediavelmente, movia-se por uma pastoral a serviço da inalienável dignidade das pessoas.

A Comissão Diocesana de Justiça e Paz e o Centro de Defesa dos Direitos humanos em Lins, enquanto instituição, surge como uma demanda do organismo colegiado do bispado, o Conselho diocesano de Pastoral, durante a Assembleia de 1978. A intuição dessa necessidade, contudo, foi aventada em novembro de 1977 pela Região Pastoral de Andradina, durante reunião que preparava a Assembleia diocesana do ano seguinte.<sup>1645</sup> Um pouco antes, março daquele ano, Padre José Oscar Beozzo, que era presidente do Conselho diocesano de Pastoral e membro do conselho de presbíteros da diocese, defendia que fosse criado um instrumental da defesa dos direitos humanos.<sup>1646</sup> Havia um clima de preocupação e percepção das injustiças praticadas na região e no país. Assim, durante assembleia em 1978, numa resposta clara à violação de direitos humanos e trabalhistas, elegeu-se, em igual nível de prioridade, a Pastoral Familiar e os

<sup>1643</sup>CORDÃO, Francisco Aparecido. 15 de agosto de 1968: um novo padre. E depois? In: AUGUSTI, José Eduardo. **A Igreja no Cárcere**. São Paulo: Giordanus, p. 212.

<sup>1644</sup>Cf. ROSA, Elisabete Terezinha Silva. **História e Memória em Serviço Social: a Trajetória de Profissional de Nobuco Kameyama**. São Paulo: PUC, 2016, p. 66.

<sup>1645</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da reunião realizada no dia 13 de novembro de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 27.

<sup>1646</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 39v.40: “Oscar [Beozzo] mencionou a questão dos direitos humanos, que deveria ser feito algo na diocese, talvez uma comissão que se comprometesse a acompanhar os casos de injustiças contra os direitos humanos”

Direitos Humanos como metas do bispado nos anos seguintes. Além, claro, de reafirmar as pequenas comunidades eclesiais (CEBS).<sup>1647</sup>

A definição dessa Pastoral, no bispado, era de “um trabalho a ser realizado pela Igreja tendo em vista devolver às pessoas marginalizadas, o seu devido lugar na sociedade, conscientizando-as à luz do evangelho, para defender seus próprios direitos.”<sup>1648</sup> Entre seus objetivos estaria em comunhão com a Igreja na América Latina, promover a classe marginalizada, dentro do processo de desenvolvimento do país e obter igualdade e respeito entre as pessoas. Essa opção justificava-se pois “o respeito aos direitos humanos é uma exigência evangélica”<sup>1649</sup> e que há muito ao povo é negada. Entre as sugestões concretas, a Assembleia propunha uma formação política antes das eleições de 1978, uso do folheto Todos os Irmãos para conscientização da população, grupos de estudo paroquial e formação de uma Comissão diocesana dos Direitos humanos em nível diocesano, “destinada a defender os direitos dos trabalhadores rurais, menores abandonados, delinquentes, presos comuns.”<sup>1650</sup>

A demanda colegiada e objetiva da Igreja em Lins, reunida em assembleia, reclamou a fundação de uma Comissão Diocesana de Defesa dos Direitos humanos. Assim, em doze de março de 1978, Dom Paulo<sup>1651</sup> constituiu a Comissão diocesana de Justiça e Paz com a finalidade de promover a defesa dos direitos humanos. A equipe que compunha esse organismo reuniu-se em abril daquele mesmo ano. Seus membros, ao menos inicialmente, eram os Padres José Verhoeven e Alberto Reis; os leigos Fernando Bonfim, Alberto Brom e os casais Franco e Neide Barusselli; Valdomiro e Cecília Franco. A primeira missão foi redigir uma mensagem aos trabalhadores por ocasião do seu dia a ser celebrado, dentro em pouco.<sup>1652</sup>

Ainda dentro do escopo da Comissão de Justiça e Paz, a reunião do Conselho Diocesano de pastoral celebrada na cidade de Birigui, em junho de 1978,<sup>1653</sup> confiou a

---

<sup>1647</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Assembleia Diocesana realizada nos dias 4 e 5 de março de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 35.

<sup>1648</sup>ACDL – Assembleia Diocesana: Prioridades Pastorais. Informando, Lins. a.4, n.1 mar.1978, p. 10.

<sup>1649</sup>ACDL – Assembleia Diocesana: Prioridades Pastorais. Informando, Lins. a.4, n.1 mar.1978, p. 11.

<sup>1650</sup>ACDL – Assembleia Diocesana: Prioridades Pastorais. **Informando**, Lins. a.4, n.1 mar.1978, p. 11.

<sup>1651</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 283 (Tese doutoral).

<sup>1652</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada no ITEL no dia de 16 de abril de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.40; ACDL - **Conselho de presbíteros – III (1977- 1983)**, p. 5.

<sup>1653</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada no dia 18 de junho de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.43v.

essa equipe que à luz dos documentos “Eleições a voz do povo” e “Exigências Cristãs de uma ordem política” fizesse uma mobilização em torno das eleições que se aproximavam. Em paralelo, a equipe iniciava um processo de captação de membros referenciais nas paróquias. Buscava-se criar uma rede diocesana de defesa dos direitos humanos, um trabalho conjunto, colegiado. Face as demandas que orbitavam na seara de questões agrárias, cogitou-se, sem uma efetiva consumação, que a Comissão fosse subdividida a fim de atender numa frente, questões relativas à formação política; noutra a questão agrária e numa terceira, o mundo do trabalho.<sup>1654</sup>

Entre 1978 e 1980 a comissão circunscreveu seu trabalho ao processo de formação de consciência. Confirma este fato, entre outros, seu empenho na promoção da celebração do trigésimo aniversário da Declaração dos Direitos Humanos por meio de vigílias e por uma semana de formação sobre essa conquista da humanidade.<sup>1655</sup> Na linha de uma concreta defesa de direitos, há registros de que a comissão tenha atuado no conflito entre posseiros e um dono de terra na Fazenda Primavera, defendendo o direito dos primeiros ante as ameaças do segundo.<sup>1656</sup> Também, via Comissão de Justiça e Paz, constituiu-se em Lins um Centro de Defesa dos direitos humanos.<sup>1657</sup> Um organismo próprio que acolhia denúncias em relação a desaparecimentos de pessoas, presos políticos, perseguições e violações de direitos humanos de qualquer ordem. O organismo foi vítima de intimidações, muitos dos seus membros foram denunciados. A situação tornou-se tão complexa que mereceu um posicionamento do conselho diocesano de Pastoral, uma moção de apoio ao centro,<sup>1658</sup> visto a temperatura que às denúncias atingiam.

A Comissão de Justiça e Paz do bispado de Lins, sob o episcopado de Dom Paulo Koop, encarnou a perspectiva da defesa humana, sobretudo num período em que mesmo dando sinais de abertura política, ainda havia claros traços do obscurantismo protagonizado pelo verde-oliva da caserna. Ela, nos anos posteriores terá um papel relevante na região noroestina e para além desse universo. No período da regência de o

---

<sup>1654</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada o dia 15 de outubro de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.52v.

<sup>1655</sup>Cf. CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada o dia 26 de novembro de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 57v.

<sup>1656</sup>Cf. CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada no dia 15 de outubro de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.51.

<sup>1657</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 284 (Tese doutoral).

<sup>1658</sup>CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada no dia 28 e 29 de março de 1981. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.96-100.

Bispo holandês, contudo, ela distinguiu-se por atuar na perspectiva da formação de consciência o que, a médio e longo prazo, representará um capital de atuação inestimável.

Dentro do amplo leque do processo de recepção dos postulados conciliares, nota-se que a dimensão do engajamento social e da promoção da dignidade humana, em Lins e sobe a regência de Dom Pedro Paulo Koop, passos concisos foram empreendidos. O IPPH, o INTEC, o CET e a Comissão de Justiça e Paz, juntas, são expressões emblemáticas de uma recepção ativa, que ultrapassou a marca do anúncio, do kerigma e corporificou a imagem do Concílio, na prática. Dom Paulo, sobretudo em se tratando de desenvolvimento humano, embebeu-se tanto das ideias conciliares como avançou e incorporou os postulados da Conferência de Medellín, inspirados na *Populorum Progressio*, assumindo que o desenvolvimento era o novo nome para a paz. Sua ideia era claramente influir na realidade econômica da região noroestina a ponto de propor um novo modelo econômico, longe do capitalismo e do comunismo, por ele mesmo chamado de “solidariedade humana ou socialização cristã”<sup>1659</sup> pautado no respeito a dignidade humana e na partilha dos bens. Nessa mesma linha, como corolário do seu compromisso com uma nova ordem econômica, a defesa dos direitos humanos, num contexto de contínua perversão protagonizada pelos militares, era o imperativo inegociável. Numa análise geral, em termos de recepção dos postulados conciliares, Dom Pedro Paulo Koop foi fiel à teologia latino-americana, assumiu o Concílio como um homem que sentia as dores e as esperanças do povo sofrido da região noroestina de São Paulo.

Urge questionar por que com a morte de Dom Paulo e do seu primeiro continuador e estreito colaborador, Padre José Eduardo Augusti, tanto o IPPH quanto o INTEC, soçobraram. Este transformou-se, após algumas suspeitas<sup>1660</sup> e quando ainda agonizava, no campus da Faculdade de Medicina Veterinária da UNESP em Araçatuba; aquele, por sua vez, encerrou sua atividade quase que completamente, restando apenas alguns prédios. A demanda de justiça e reparação social, pauta das duas instituições, ainda segue urgente na região noroeste. Contudo, os centros de promoção e desenvolvimento definharam. Esses fatos, na perspectiva do conceito de recepção

---

<sup>1659</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Expansão Econômica da Noroeste segundo D. Pedro Paulo Koop – MSC. **Bandeirante**. Lins, 14 maio. 1966, p. 1.

<sup>1660</sup> LOPES, Luís Carlos; CARMO, Antônio José. Misereor: um escândalo ainda maior. **O Estado de São Paulo**. Lins, 8 out. 1985, p. 12.

mostram-nos o dinamismo desse processo e a importância do contexto social, dos atores e das condições espirituais ao longo dessa caminhada. Certamente, a noção de desenvolvimento associado à nota de justiça social, ainda fecunda muitas pessoas no ambiente noroestino como fruto daquele processo de conscientização, mas já não há um efetivo e concatenado processo, desde um centro aglutinador e propulsor de transformação social. Recepção, necessariamente, não se identifica com resultados, mas com apropriação de conceitos.

## 2 **Ministérios e recepção do Vaticano II em Lins: Laicato e Sacerdócio**

A eclesiologia conciliar, entre outros, pelo seu arguto olhar para as fontes primitivas do cristianismo e pela imposição de um novo tônus teológico, protagonizou o eclodir de uma Igreja que, por ser povo de Deus em comunhão,<sup>1661</sup> sacramento visível e instrumento do Reino<sup>1662</sup> seria, também, pródiga em ministérios. Tal condição deveria superar, enquanto modelos antagônicos, o binômio leigo-clero filho da compreensão da Igreja como *societas perfecta*. Esse fato porque, o Concílio ao afirmar a incontestada participação de todos os fiéis no tríptico múnus de Cristo, em razão dos sacramentos de iniciação, ratificou a corresponsabilidade dos membros da Igreja. Seu primeiro e fundamental elemento, portanto, seria o povo de Deus e não as estruturas hierárquicas. Como resultado prático dessa concepção, a Igreja tendeu a desenvolver uma fisionomia profundamente marcada por múltiplos ministérios e não só o ordenado. Tais funções, entendidas não como posto ou cargo, tampouco, como concessão eclesiástica, mas como fruto da realidade intrínseca da Igreja. Constituindo-se assim, por natureza, uma Igreja toda ministerial.

Nessa perspectiva, no pós-concílio explodiu uma infinidade de “novos ministérios”<sup>1663</sup> mundo afora. A rigor, o evento conciliar preparou “o ambiente para a renovada consciência ministerial na Igreja.”<sup>1664</sup> A América Latina, também contemplou embevecida, o alvorecer, ao lado dos existentes, de novos ministérios que surgiram no

<sup>1661</sup>CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium (LG)*. In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 9.

<sup>1662</sup>CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium (LG)*. In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n.1,9,48; CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. *Decreto Ad Gentes*. In: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n.1,5.

<sup>1663</sup>Cf. ALSEGHY, Zoltan; FLICK, Mauricio **Como se faz teologia**. Introdução ao estudo da teologia dogmática. São Paulo: Paulinas, 1979, p. 69.

<sup>1664</sup>WELZENMANN, Mariano. Os ministérios na Igreja. **Teologia em Questão**. Taubaté. **Encontros** a.16, v.2. n.32. 2017, p.35.

bojo das pequenas comunidades eclesiais, expressão de uma Igreja servidora da humanidade onde todos são corresponsáveis pela evangelização. No Brasil e em especial no bispado de Lins, Dom Pedro Paulo Koop, conquanto não tenha sistematizado de maneira silogística uma reflexão sobre o assunto, ocupou-se ostensivamente da questão. Ele, embebido da eclesiologia conciliar dedicou-se profundamente a essa reflexão sobre ministérios não ordenados e ordenados. Exigia mesmo que a Igreja fosse toda ministerial em vista de sua missão.

Assim, constitui-se objeto de especial relevo, dentro do contexto da recepção conciliar no bispado de Lins, a questão dos ministérios. Dom Paulo, já antes de assumir o bispado, testificava em sua carta de apresentação aos diocesanos o papel que ele creditava ao laicato. Durante o Concílio, seu nome firmou uma inextrincável relação com o sacerdócio ministerial e após o Concílio, ele decupou em vários momentos alguns aspectos de seu entendimento sobre o sacerdócio ministerial e suas implicações nos tempos atuais. Principiemos, portanto, refletindo sobre o laicato na diocese Linense ou na perspectiva como seu bispo o entendia.

### 3.1 Laicato no bispado de Lins a partir de Dom Pedro Paulo Koop: Da esperança patente ao protagonismo latente.

Como afirmado, o laicato constitui um elemento chave e fundamental no processo de recepção das ideias e das ações do Concílio. Esse protagonismo, além da teologia conciliar que fecundou as bases dum novo modelo de leigo, já era auscultado, em vários níveis eclesiais, tanto no prisma teológico, quanto na prática pastoral. Nesse sentido, entre outros, o clássico texto do dominicano Yves Congar *Jalons pour un théologie du Laïcat* é um exponencial dessa reflexão. No caso da prática pastoral, nomeadamente no Brasil, as metamorfoses que movimentos como a Ação Católica sofreram, emprestavam força para uma nova concepção do laicato, conseqüentemente de seu papel e do ministério a ser vivido e desenvolvido na comunidade dos batizados.

Dom Pedro Paulo Koop vivenciou, direta ou indiretamente, aspectos desse processo o que concorreu para seu posicionamento diante do laicato. Ainda quando Vigário Decano em Bauru, em vários momentos, ele apresentava uma compreensão acerca dos leigos na qual eles eram vistos bem mais que meros assistentes eclesiais. Progressivamente sua concepção de laicato vai se adensando e o Vigário Decano empostando uma argumentação diferente acerca de um protagonismo laical. Particularmente nos anos entre o anúncio do Concílio (1959) e sua abertura (1962), o



futuro bispo de Lins defende uma eclesiologia de comunhão, uma paróquia calcada sobre o binômio sacerdotes e leigos como corresponsáveis da missão evangelizadora.

Em setembro de 1961, após o anúncio da futura criação da diocese de Bauru, a fim de arregimentar em todos os segmentos forças para a consolidação desse projeto, Padre Pedro Paulo reflete, entre outros, o papel do leigo na Igreja. Ao laicato, ainda que seja imputada a missão de verter esforços para galgar dividendos a fim de consolidar as estruturas do futuro bispado, a motivação para esse fim não é simplesmente de uma ação vicária à do clero, mas a de que os leigos podem e devem “[...] compreender e crescer rumo a participação completa [...] na vida e na manutenção da Igreja.”<sup>1665</sup> Mais ainda, essa condição eclesial deve levá-los a conviver com a Igreja, a identificar-se com ela “quer no plano mundial(universal) quer no plano regional, quer no plano paroquial[...].”<sup>1666</sup> Trata-se de uma exortação à identificação e à participação na comunidade eclesial. Pondera-se, contudo que ainda não se trata de uma perspectiva emancipadora do laicato, mas de uma exortação a uma identificação com a comunidade dos fiéis, conseqüentemente com as propostas da hierarquia.

Menos de um ano e meio dessa posição, já tendo o Concílio encerrado sua primeira sessão, bem como o Plano de Pastoral de Emergência já ter sido arrolado às dioceses, no contexto da renovação da vida paroquial, Padre Paulo Koop, apresenta novos argumentos sobre o laicato. Desta vez uma concepção arrojada, marcadamente influenciada por uma ideia de que “a Igreja é o povo de Deus. [...]”.<sup>1667</sup> Defendendo, assim a plena comunhão de todos os membros na Igreja. Tem-se aqui a premissa de uma eclesiologia de comunhão. Pela argumentação, sempre em vista da construção do novo bispado, o leigo seria o outro polo de equilíbrio de um eixo renovador da paróquia<sup>1668</sup> evitando-se, desse modo, a dicotomia clero *versus* povo ou, ainda, a noção de Igreja como *societas inaequalis hierarchica*. Nesse sentido, ele reclama de uma clericalização histórica da Igreja que contribuiu para que fosse “esquecida a verdade elementar que os leigos também são a Igreja viva, ativa e operante.”<sup>1669</sup> Dom Paulo, portanto, já nesse período e antes do

---

<sup>1665</sup> ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O papel dos Leigos. **A Fé**. Bauru, 03 set. 1961, p. 1.

<sup>1666</sup> ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. O papel dos Leigos. **A Fé**. Bauru, 03 set. 1961, p. 1.

<sup>1667</sup> Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 3-4.

<sup>1668</sup> Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 1.

<sup>1669</sup> ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Nós os leigos somos os guardas de nossos Padres? **A Fé**. Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.

episcopado, advoga uma nova compreensão de Igreja na qual todos, com as devidas atribuições, são membros e corresponsáveis pelo processo evangelizador.

A argumentação de Dom Paulo, conquanto seja uma convicção pessoal e expressão de sua confiança no laicato, é herdeira do momento histórico que a Igreja viveu e vivia em muitos níveis naquele período. Do final da década de cinquenta até o início da primeira metade dos anos sessenta, quando o Vigário Decano de Bauru apresenta sua argumentação mais concreta sobre o laicato, verificam-se profundas mudanças na vida da Igreja quer seja na sua organização, na sua prática pastoral ou nas suas relações com a sociedade<sup>1670</sup> o que, de certa maneira, incidirá na compreensão de laicato. Tais transformações decorrem de movimentos e experiências que vinham sendo vividas no interior da própria comunidade eclesial no Brasil. Entre os quais, deve-se destacar o ingresso – discutível – do Episcopado Nacional na luta pela reforma agrária e pelo campesinato; o nascimento da Conferência dos Bispos em 1952; a especialização da Ação católica na perspectiva e metodologia Belgo-francesa em categorias sociais diversificadas, o Movimento Mundo Melhor e o Plano de Pastoral de Emergência.

Desses movimentos, Padre Pedro Paulo Koop, exceto pela criação da CNBB, direta ou indiretamente tomou parte de todos e acompanhou elementos de seus desdobramentos. Ainda em São Paulo e depois na diocese de Botucatu, ele atuou junto a Juventude Operária Católica e acompanhou o Círculo Operário;<sup>1671</sup> em Bauru, ao lado de Dom Henrique Golland Trindade, entre outras coisas, desfraldou e defendeu a pauta da reforma agrária secundada pelos princípios da Igreja<sup>1672</sup> além de ter tomado parte do encontro do Movimento Mundo Melhor - o primeiro no Brasil- realizado naquele bispado em 1958. Por fim, ele foi entusiasta, na perspectiva da renovação paroquial, de uma valorização e uma nova compreensão do protagonismo leigo.<sup>1673</sup> Portanto, o sacerdote acompanhou e viveu esse processo, o que além de sua sensibilidade pastoral justifica sua argumentação na linha de uma renovação da Igreja pela via do laicato tal como as circunstâncias pareciam exigir.

<sup>1670</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. **A pedagogia da Formação dos leigos católicos**. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 63ss.

<sup>1671</sup>Cf. ACPMSC-SP - ROBERTO, Henrique Batista. “In Memoriam” Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 2, folha 2, p. 2; ROBERTO, Henrique: **Face a Face**: Os Missionários do Sagrado Coração. São Paulo: Editora Chevalier, 1996, p.160. ANUPHIS – REDAÇÃO. A Igreja e o problema operário. **A Fé**. Bauru, 15. out. 1950, p.1. REDAÇÃO. Círculo Operário – Definição, Finalidade e doutrina que observa. **A Fé**. Bauru, 30. jul. 1950, p.1.

<sup>1672</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Reforma Agrária. **A Fé**. Bauru, 11. fev. 1962, p.1; REDAÇÃO. Brasil, brasileiro. **A Fé**. Bauru, 20. out. 1957.

<sup>1673</sup>Cf. ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé**. Bauru, 03 mar. 1963, p. 1.

Desse modo, parece consequente que uma vez eleito ao s3lio Linense, embora o Conc3lio ainda n3o tivesse debatido suficientemente a *Apostolicam Actuositatem e a Lumem Gentium*, que Dom Pedro Paulo Koop em sua primeira carta aos seus diocesanos entre outras coisas, sugerisse um protagonismo do laicato. A missiva Pastoral do, 3 3poca rec3m-eleito bispo, toa 3 finalidade, mesmo que seminal, de ser program3tica do seu episcopado. A t3nica do texto 3 de ser um chamado a renova33o das estruturas eclesiais. No bojo dessa renova33o, antes mesmo de citar o clero, Dom Paulo conclama o laicato:

Queremos ver nossos leigos, desde aqueles que conduzem o facho da ci3ncia e do saber, at3 os mais humildes e simples que labutam nas lides pesadas do progresso, queremos todos engajados num trabalho espiritual. Ningu3m 3 t3o ocupado que n3o tenha uns minutos para seu Deus e seu pr3ximo. Ningu3m 3 t3o pobre que n3o tenha uma migalha para seu Deus e seu irm3o mais necessitado.<sup>1674</sup>

O perfil do leigo pensado pelo novo bispo de Lins, tamb3m 3 tacitamente delineado na carta. Ele, bem formado, 3 o d3namo de um processo paulatino e cadenciado de transforma33o do bispado:

Iremos por etapas. Mas repetimos, nada conseguiremos sem um Laicato imbu3do do novo esp3rito ecum3nico. Sejam descobertos os l3deres e sejam-lhes confiadas tarefas para que possam desenvolver suas potencialidades, no pr3prio ambiente. Em v3s, pois, Leigos da nossa Diocese, repousam nossas esperan3as. Olhamos para v3s como o semeador olha a messe rica de promessas. Se encontrarmos em v3s correspond3ncia para os nossos anseios, nada precisamos temer, porque, embora lenta, ser3 segura a edifica33o do Cristo Vivo em nossa Diocese, no Cora33o de Jesus - In Corde Jesu.<sup>1675</sup>

Por fim, Dom Paulo conclama o clero 3 renova33o da diocese, mas como caminho ele divisa a mobiliza33o do Laicato como meio para esse fim:

Por v3s, pois sacerdotes da diocese de Lins, esperamos poder movimentar e ativar as imensas energias que dormitam no zelo de nosso laicato, zelo, muitas vezes, condenado a in3rcia por n3o haver de nossa parte aquela compreens3o e aquela organiza33o que podem canalizar para um trabalho prof3cuo para as almas sumamente coadjuvantes aos sacerdotes.<sup>1676</sup>

Percebe-se j3 antes do Conc3lio e, qui33a em decorr3ncia do esp3rito suscitado por ele, que o laicato 3 divisado, por Dom Paulo, numa perspectiva adulta, aut3noma, comprometida e, por isso, correspons3vel pelo processo Evangelizador. Eles, formados

<sup>1674</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.4.

<sup>1675</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.4. (Grifo nosso)

<sup>1676</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964.In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.5.

sobre uma nova perspectiva, são centelha de esperança para transformar a diocese. Nessa categoria eclesial, portanto, assenta-se a premissa do *aggiornamento* que dever ser levado à cabo pelo Vaticano II.

O Concílio, por sua vez, ao ratificar uma concepção mais positiva do Laicato assomou força ao processo de reposicionamento dos leigos dentro do espectro eclesiológico. A Constituição Dogmática *Lumen Gentium*<sup>1677</sup> ao definir positivamente o leigo, em razão do batismo, como membro da Igreja e detentor do tríplice múnus de Cristo, embora não clérigo, e que tem seu lugar de atuação privilegiado no mundo estabeleceu o laicato como medula basilar da Igreja. A *Gaudium et spes*, por sua vez, afirmou ao assumir as dores, alegrias e angústias da humanidade, a vocação específica do leigo no mundo, a serviço de Deus e dos homens reafirmado o ambiente de atuação desses cristãos.<sup>1678</sup> Por fim, o Decreto *Apostolicam Actuositatem*, dando vazão a eclesiologia conciliar exposta na constituição dogmática e pastoral sobre a Igreja, atestou de maneira clara, a irremediável e absoluta necessidade do ministério leigo na vida da comunidade eclesial.<sup>1679</sup> O laicato, portanto, por vocação, é sujeito da ação da Igreja no mundo. Uma condição que não lhe é apenas concedida, mas constitutiva. O leigo é um membro pleno da Igreja que deve atuar no mundo na perspectiva da transformação da realidade.

O bispo de Lins respaldado pela reflexão conciliar sob o laicato, como membro pleno e constitutivo da Igreja, concebe e confia papéis e espaço a esse ente eclesial. Seus primeiros passos no bispado, como dito, foi potencializar o Secretariado Diocesano de Pastoral – instrumental a serviço da recepção conciliar – e materializar comissões diocesanas, fruto da demanda do chamado Encontro de Araçatuba,<sup>1680</sup> de modo a darem azo ao processo de renovação conciliar. Deve-se notar que nesses mecanismos diocesanos há uma presença vigorosa de leigos quer sejam como assessores quer sejam como destinatários do processo formativo. A comissão de catequese, vinculada ao Secretariado Diocesano de Pastoral, que exerceu peculiar papel no processo de recepção do Concílio, gozava em suas fileiras de leigos liberados para sua coordenação, como foi o caso de

<sup>1677</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG). In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 31.

<sup>1678</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes* (GS). In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n.1.

<sup>1679</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem* (AA). In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 1, 33.

<sup>1680</sup>Cf. ACDL - DIOCESE DE LINS. Conclusões do curso de renovação em Araçatuba de 22 a 26 de novembro de 1965. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p.1.

nomes como o das professoras Regina Stela Schimdt <sup>1681</sup> e Maria Giselda de Oliveira Aguiar,<sup>1682</sup> ambas formadas no Instituto Pastoral de Catequese (ISPAC) no Rio de Janeiro e na Bahia. Similar presença, encontra-se no Secretariado Diocesano de Ação Pastoral, na figura da Leiga Nobuko Kameyama,<sup>1683</sup> que também atuou no IPPH. Em regra, nesse momento inicial, quase todas as comissões do Secretariado gozavam de alguma forma da presença ativa de leigos. Tratava-se de visibilizar, potencializar o papel e a atuação desses fiéis. Caso se queira avaliar essa questão em termos de recepção, é um processo seminal, portanto, Kerigmático.

O papel do leigo, não só pela composição das comissões, era posto em relevo, mas também por um deliberado trabalho para constituir essa consciência. Uma das funções do Secretariado Diocesano de Pastoral era formar, nas diversas paróquias, os fiéis para uma assimilação dos postulados conciliares. Nesse sentido, cursos de diversas matizes sobre o Vaticano II eram oferecidos. O papel do leigo, não raro, era explorado. À guisa de exemplo, em junho de 1967, na cidade de Presidente Alves, sede de uma das regiões pastorais, é oferecido um curso sobre o papel dos leigos na Igreja de hoje. A julgar pelas conclusões<sup>1684</sup> que foram registradas do encontro, o objetivo da formação era imprimir nos fiéis uma consciência eclesial de que eles são parte constitutiva e ativa da Igreja, povo de Deus. Ao mesmo tempo buscava despertar para uma corresponsabilidade com o processo evangelizador, gerando com isso uma renovação da vida da comunidade a luz do Vaticano II e da consolidação de um conselho paroquial assaz comprometido com todos os níveis da animação comunitária. Tratava-se de gestar um imaginário coletivo acerca do lugar e do papel do leigo na comunidade.

O Primeiro Plano de Pastoral - marco a este juízo simbólico do processo de recepção - refletindo sobre o laicato dentro da linha 1 da CNBB que fala da unidade visível da Igreja, exorta que os leigos devem ser esclarecidos “de sua nobre missão[...] de tal forma que possam assumir seu papel real na Igreja.”<sup>1685</sup> Ao mesmo tempo que aponta

<sup>1681</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Contacto 2 – Do bispo de Lins ao seu presbitério. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 5, p. 3.

<sup>1682</sup>Cf. ACDL – ESCOLA DA TEOLGIA PARA LEIGOS. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 19, p. 11; SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 6.

<sup>1683</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.115.

<sup>1684</sup>Cf. ACDL - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. Curso de Preparação dos leigos na Igreja de hoje – Presidente Alves, junho de 1967. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 25, p. 1-4.

<sup>1685</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p.61.

para essa necessidade, constata que poucas são as iniciativas nesse sentido, pois há um “certo ‘medo’ de alguns presbíteros de que ‘tais leigos’ venham lhes transmitir ordens.”<sup>1686</sup> Não obstante essa parcimônia em relação ao papel dos leigos, há muitos que já sensibilizados pelos postulados do Concílio, reclamam seu lugar na Igreja e no mundo o que geraria “crises e certas ‘rupturas’ por não encontrarem respostas aos seus anseios e às suas descobertas.”<sup>1687</sup> Nota-se que o protagonismo do laicato é posto em evidencia, tanto na literatura pastoral diocesana como nos cursos e, nesse interim, alguns já buscam assumir a condição de protagonistas. Ela, contudo, é circunscrita por temor e insegurança quanto a esse papel por parte do clero. Esse fato atesta que, embora esteja em curso o processo de recepção de ideias conciliares, as condições históricas ainda não permitem que certas proposições se tornem uma regra assumida por toda comunidade.

Esse mesmo Plano de Pastoral, cosido pelo Secretariado Diocesano, respaldado no trabalho de prospecção das várias comissões que lhe compunham, concluiu que um dos desafios para que a Igreja refletisse a imagem desejada pela renovação conciliar era a formação dos fiéis leigos adultos. Faz-se assim, uma deliberada opção em formar o laicato adulto.<sup>1688</sup> Esse fato porque constatou-se que a evangelização, nos moldes que vinha sendo praticada, era incapaz de corresponder as necessidades e demandas do homem hodierno. De algum modo, ela tornou-se claudica e atingia de maneira incipiente apenas uma minoria. Optou-se desse modo por uma metodologia evangelizadora e catequética que não fosse apenas um lenitivo a religiosidade sacramental, mas sim um processo vivencial de uma fé comprometida com o Evangelho. Tal percurso deveria ser feito nos moldes do catecumenato.<sup>1689</sup> Dom Paulo, ciente dessa situação, descreve essa opção e apresenta o conteúdo que ela devia ter:

A diocese de Lins se prepara para começar a instituição do catecumenato a fim de proporcionar aos católicos em geral (e não somente a pequenos grupos de privilegiados) uma oportunidade de educação para a vida cristã, e uma possibilidade de deixar o infantilismo religioso e caminhar para o ideal do homem perfeito (Ef 4,13). Esta espécie de catecumenato para nossos católicos, jovens e adultos, deverá incluir como elementos indispensáveis: 1) o contacto com a Sagrada Escritura; 2) o hábito de orar e refletir; 3) a vivência em pequenos grupos para oração, reflexão, estudo e ajuda mútua; 4) o estudo dos

<sup>1686</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p.61.

<sup>1687</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p.61.

<sup>1688</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p. 25.

<sup>1689</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968, p.37.

temas básicos do cristianismo; 5) a inserção na comunidade; 6) a renovação consciente e livre da Aliança com Deus; 7) a celebração da Eucaristia como centro da vida.<sup>1690</sup>

Percebe-se nessa opção, uma preocupação ainda maior com o laicato. Diante da patente constatação que, não obstante o lugar que a Igreja ofertava ao Leigo a partir do Vaticano II, ainda havia superlativas massas que viviam à margem do próprio sentimento de fé. Conquanto participassem da Igreja, não gozavam de uma maturidade religiosa, alheavam-se às questões eclesiais e viviam uma dicotomia entre Igreja e vida privada. Assim, para o Bispo de Lins, somente uma formação (leia-se catecumenato) que não fosse “mera exposição de dogmas e preceitos, mas uma educação e um tirocínio de certa duração com o fim de unir seu discípulo com Cristo, seu mestre”<sup>1691</sup> seria o caminho para alçar o leigo, mesmo membro da Igreja, à condição de protagonista e corresponsável pelo processo evangelizador. Dom Paulo, queria atingir uma ainda mais ampla margem de leigos, queria formar uma mais difusa gama de membros da Igreja, dar-lhes plena e consciente cidadania eclesial através de um processo de educação na fé.

Associado a esse processo formativo oferecido ao laicato despontam as Comunidades Eclesiais de Base. Elas seriam o nicho específico desse processo ou a desembocadura natural daqueles leigos formados nos moldes do catecumenato. Convém recordar, como anteriormente afirmado, que era uma estrita deliberação da Igreja no Brasil a constituição das pequenas comunidades de base. Igualmente o era para o bispado de Lins, como testemunha o Plano Diocesano de Pastoral<sup>1692</sup> e exortava seu bispo.<sup>1693</sup> Na diocese, desse modo, tornou-se um imperativo a consolidação das pequenas comunidades de Base como lugar inicial de protagonismo do leigo. Na perspectiva do bispo diocesano, essas comunidades eram o ambiente para “ formação cristã profunda, que [preparasse] [o cristão] para celebração consciente da Eucaristia[...] e para real vivência do cristianismo<sup>1694</sup> pois “encarnam e executam, sucessiva ou simultaneamente, as vias pastorais: promoção humana, evangelização, catequese, participação no mistério de

<sup>1690</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 790-791.

<sup>1691</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 791.

<sup>1692</sup>APPGA - SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins**. Lins: s/e. 1968, p. 25.

<sup>1693</sup>Cf.ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério**. Lins, 1967, p. 10; KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 799; KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 871.

<sup>1694</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério**. Lins, 1967, p. 10.

Cristo, vida comunitária e convivência ecumênica”<sup>1695</sup> visto que catalisam em pequenos grupos, membros que podem viver e aprofundar a fé, estabelecer laços afetivos e promover a dignidade humana.<sup>1696</sup> Numa palavra, constituir-se Igreja. Portanto, as comunidades eclesiais de base seriam para o laicato adulto, bem formado e comprometido com a evangelização o lugar de vivência plena de sua eclesialidade com consequências para sua própria vida e para o mundo.

Nesse sentido e como uma decorrência lógica da atuação do laicato um pouco mais cômicos de sua posição na Igreja, nas pequenas comunidades eclesiais de base é que se acompanha o eclodir de uma pluralidade de novos ministérios não ordenados. Estes vistos como um bem à comunidade e em favor do evangelho no bispado de Lins. Tratava-se de um protagonismo dos leigos que se sentiam corresponsáveis pela Igreja e pela evangelização, em todos os níveis, incluso no campo secular, tal como previa o Concílio. Dom Paulo, indo pouco mais além da ebulição de novos ministérios, advogava que as pequenas comunidades seriam um espaço possível para resolver o “problema dos serviços eclesiais, notadamente o do ministério pastoral e presbiteral,”<sup>1697</sup> este último conferido a leigos, celibatários ou casados, reflexo das especificidades de suas próprias comunidades, eleitos por elas e atuando em regime de tempo integral ou parcial.<sup>1698</sup>

A questão dos ministérios não ordenados, no bispado de Lins, a julgar por uma reunião do Conselho Diocesano de Pastoral celebrada em Araçatuba em junho de 1979, um ano antes de Dom Paulo Koop tornar-se emérito, parece ter sido algo fecundo. Nessa reunião,<sup>1699</sup> o Conselho diocesano, constituído desde fevereiro de 1975 e formado por diversos segmentos do laicato Linense, ateu-se em debater sobre ministérios, ordenado e não ordenados. Excluída uma ligeira tensão em torno da uma imprecisão do que configuraria a definição de ministério não ordenado dentro da própria assembleia, elencou-se uma pluralidade de serviços eclesiais, entendidos como ministérios no bispado. Dentre os citados, constava:

---

<sup>1695</sup>KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 854.

<sup>1696</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 799. 800.

<sup>1697</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 800.

<sup>1698</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 875; KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Revista Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 911.

<sup>1699</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Reunião ordinária do Conselho diocesano de Pastoral realizada em Araçatuba o dia 17 de junho de 1979. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 65-68.



2.1 - Bispos, padres, diáconos(ordenados) 2.2. – Ministros da Eucaristia (com mandato). 2.3 Ministro extraordinário do Batismo (com mandato) 2.4 – Testemunha qualificada para o casamento (com mandato) 2.5 - Agentes de pastorais, respondendo pela animação de diferentes grupos: jovens, comunidades eclesiais de base, grupos de reflexão bíblica. 2.6 - Agente para cursos de preparação para o Batismo, Crisma, Primeira Eucaristia, casamento. 2.7 - Agentes de Pastorais de Saúde: visita aos enfermos, reflexão sobre a palavra de Deus, distribuição de Eucaristia. 2.8 - Animação do canto litúrgico. 2.9 – Catequista para criança, jovens e adultos. 2.10 Agente para celebração do culto. 2.11 – Capelães (rezadores: terço novena, práticas populares) 2.12 - Curadores (aliviam o sofrimento físico e mesmo curam em nome de Deus com recursos naturais e acessíveis ao povo) 2.13 - aconselhadores ( aliviam os sofrimentos morais, orientam com base na experiência) 2.14 – Agentes da Palavra( leitura dos fatos) 2.15 Agentes da comunicação. 2.16 – Agentes da Promoção Humana. 2.17 – Agentes da caridade.<sup>1700</sup>

A extensa relação de ministérios no bispado, denuncia uma variedade de serviços. Em relação aos ordenados, há uma quantidade muito maior de não ordenados. São serviços que caminham desde a seara litúrgica até a promoção humana passando pela formação, pelo compromisso com os frágeis. Claro que eles não são simétricos em todas as localidades do bispado e nem deveriam funcionar de forma homogênea em todos os níveis. Incluso o próprio conselho diocesano de Pastoral, apontam limites no exercício de alguns deles.<sup>1701</sup> Em regra, embora se repitam em campos similares, eles são gestados à luz da realidade e das necessidades de suas comunidades locais. Em tese, a predominância dos serviços é desenvolvida pelos leigos. São eles a cervical do processo evangelizador no bispado. Lins, no transcurso de uma década e meia sobre a liderança de Dom Paulo, testemunhou, pelo que aponta o relatório, o florescer de ministérios que só foram possíveis pela via do laicato, ciente do seu papel e imbuído, mesmo que tacitamente, de uma teologia da Igreja local, responsável pelo anúncio do evangelho e capaz de gerar ministério em favor da própria comunidade.

Entre outros elementos, esse pulular de novos ministérios e lideranças, inevitavelmente, concorreu para a necessidade de criar mais adensados e profícuos espaços de reunião e formação. Sob esse argumento, dentro do universo das grandes transformações conciliares, é que despontou o Instituto Teológico de Lins (ITEL) em 1974. Tratava-se de um projeto urdido pelo bispo diocesano<sup>1702</sup> em face do desafio de

<sup>1700</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Reunião ordinária do Conselho diocesano de Pastoral realizada em Araçatuba o dia 17 de junho de 1979. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 65-68.

<sup>1701</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Reunião ordinária do Conselho diocesano de Pastoral realizada em Araçatuba o dia 17 de junho de 1979. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 67-67v.

<sup>1702</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 81.

formar dirigentes para as comunidades. Um ano antes da fundação desse centro de formação, num artigo para a Revista Eclesiástica Brasileira (REB) o qual versava sobre o novo perfil de ministros ordenados, Dom Pedro Paulo argumentava em favor da constituição de Instituto teológico-pastoral em todos os bispados, composto por uma multidisciplinar equipe de professores que oferecesse sólida formação cultural, comunitária e pessoal para dirigentes e comunidades que, mais tarde, se candidatariam “ao exercício do ministério eclesial.”<sup>1703</sup> Em Lins, o ITEL corresponderia a essa descrição. Assim é lógico admitir que na raiz do instituto está a formação para o novo perfil de ministério, incluso ordenado. O ITEL deveria abrir “caminho para o surgimento de novos ministérios dentro da vida da Igreja diocesana. [...] [seria] uma espécie de novo seminário adaptado às circunstâncias atuais e ao florescimento das comunidades de base dedicando-se ao preparo de dirigentes de comunidades.”<sup>1704</sup>

O projeto do ITEL, conquanto filho das aspirações e demandas da vida da Igreja diocesana de Lins, foi pensado por Dom Pedro Paulo Koop. Ele entendia que a fundação desse mecanismo, associado à consolidação já efetivada do IPPH, conduziria naturalmente à formação das lideranças(leigas) para o diálogo entre fé e transformação social no espírito da linha seis do Plano de Pastoral de Conjunto.<sup>1705</sup> O bispo, portanto, queria formar leigos para atuarem na esfera eclesial, mas sobretudo naquilo que era seu ambiente natural como descrevia a *Lumen Gentium*<sup>1706</sup>, isto é, no século: na esfera política, social e econômica. Igualmente, como já afirmado, competiria ao instituto promover o desenvolvimento vocacional diocesano.<sup>1707</sup> Entende-se que seria um novo modelo de vocação, uma compreensão um pouco mais dilatada de toda e qualquer preparação para o ministério.

Explicitamente, a ata de fundação do Instituto endossa a postura do bispo e apresenta mais claramente os motivos, o objetivo e o papel, no espectro diocesano, do ITEL:

<sup>1703</sup>KOOP, Pedro Paulo. Uma nova Visão Pastoral? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 33, f. 132, dez. 1973, p. 852.

<sup>1704</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 81. (Negrito no original)

<sup>1705</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 40: “[Dom Paulo] explicou que aguarda substancial colaboração para construção nos altos de Fátima, do Instituto destinado a formação de lideranças cristãs na linha da pastoral e da promoção. Frisou que o IPPH e a Pastoral se integrarão assim na linha sexta do plano de Pastoral de Conjunto”

<sup>1706</sup>Cf. CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium* (LG). In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, n. 31.

<sup>1707</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 43.

1)A real necessidade da Igreja Particular em Lins ter um centro promotor e coordenador de estudos teológicos-pastorais, de atividades e trocas de experiências para a formação de lideranças cristãs em todos os níveis e em moldes de renovação e das exigências dos tempos; 2) o Povo de Deus deve ter instrumento de trabalho capacitado para lhe indicar a realidade da nossa região nos seus aspectos econômicos, culturais, políticos e de estudos, afinal, que envolve o homem situado pelas ciências humanas, pela filosofia e pela visualização cristã; 3)a mensagem cristã, transmitida pela palavra do Senhor e vivida pelas comunidades na doutrina, moral e sacramentos deve ser levada pela evangelização dentro das técnicas de comunicações e do treinamento de líderes e agentes pastorais; 3) <sup>1708</sup>

O livro tombo do Instituto, na linha do que intuía o bispo diocesano e o que reza a ata de fundação do organismo, atesta a intensa movimentação e a constante promoção de cursos formativos para lideranças cristãs. Na relação de suas atividades estão encontros de formação para jovens e estudantes,<sup>1709</sup> retiros e reuniões do clero,<sup>1710</sup> sessões do Conselho diocesano de Presbíteros e Pastoral,<sup>1711</sup> Cursos de atualização,<sup>1712</sup> Assembleias diocesanas<sup>1713</sup> e encontros formativos diversos.<sup>1714</sup> A partir de 1977 e até 1979, sob a orientação dos Padres José Oscar Beozzo, Hugo D'ans e Etienne Higuets, também serviu de seminário diocesano,<sup>1715</sup> numa experiência nova de formação para o ministério ordenado, na qual estudantes, seminaristas de algumas dioceses circunvizinhas (Bauru, Assis e Marília), faziam disciplinas filosóficas no Instituto e, no contraturno, frequentavam outro curso, numa das faculdades da cidade.<sup>1716</sup> Outros eventos, são relatados que tiveram como espaço no ITEL, com nomes de envergadura como o de Gustavo Gutiérrez e José Comblin.<sup>1717</sup> Conquanto gozasse de estrutura física, ele ainda promovia cursos de teologia para leigos em algumas cidades do Bispado<sup>1718</sup> e catalisava missões relevantes para a diocese como a animação e elaboração das atividades do ano

<sup>1708</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977), p. 4.

<sup>1709</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977), p. 4.

<sup>1710</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977), p. 5.7v

<sup>1711</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977) p. 6v.8v.9.

<sup>1712</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977), p. 12.

<sup>1713</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977), p. 9.

<sup>1714</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977), p. 6v.8v.9. 12.12v.

<sup>1715</sup>DIOCESE DE LINS. Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976). Lins: s.e, s/d, p. 24.

<sup>1716</sup>Cf. AITEL - Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977), p. 14ss.

<sup>1717</sup>Cf. AGUIAR, Geraldo Antônio de. *A pedagogia da Formação dos leigos católicos*. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 308.

<sup>1718</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976). Lins: s.e, s/d, p. 27; DIOCESE DE LINS. Cinquentenário da Diocese de Lins. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p.83; ACDL - Conselho de presbíteros – II (1973- 1977), p. 25v; AGUIAR, Geraldo Antônio de. *A pedagogia da Formação dos leigos católicos*. UNICAMP: Campinas, 1996. p. 308.

missionário<sup>1719</sup> e, para Igreja no Brasil, como a preparação do Concílio de Juventude de Lins<sup>1720</sup>

A título de exemplificar a envergadura da ação do ITEL, convém fazer uma ligeira digressão para, mesmo que panoramicamente, acenar aspectos do Concílio Nacional da Juventude em Lins realizado em 1977, em grande medida articulado por membros e assessores dessa instituição. Trava-se da segunda edição desse evento, uma outra já havia acontecido no Espírito Santo, na cidade de Vitória. O encontro, programado pela Pastoral da Juventude da diocese, secundado pelo Conselho Diocesano de Pastoral<sup>1721</sup> juntamente com a comunidade Taizé, tinha no ITEL seu ponto de sustentação. Esse acontecimento inseriu-se dentro do contexto do cinquentenário da diocese e no encerramento do ano missionário diocesano com o qual se vicejava o jubileu de ouro da criação do bispado de Cafelândia que, desde 1950, havia passado a chamar-se de Lins. O objetivo era congregar a juventude e oferecer-lhe uma experiência, a um só passo, de formação, mobilização e consciência da eclesial. Ao longo de uma semana – 16 a 24 de julho – cerca de três mil jovens de várias regiões do Brasil foram recebidos em oito cidades do bispado.<sup>1722</sup> Eles eram amalgamados em grupos por municípios, segundo interesses pessoais pelos temas de reflexão propostos pelo Concílio, a saber: o jovem e o mundo Rural, jovem e o mundo do trabalho, o Jovem e o mundo estudantil, o Jovem e a Igreja e o jovem e a transformação social. Eram temas cadentes que, de certo modo marcavam a conjuntura social e permeavam a realidade juvenil. A dinâmica do encontro era pautada por momentos de reflexão, partilha, atividades cênicas, missas e vigílias noturnas nas cidades onde estavam alojados os jovens. Houve, ainda, uma grande assembleia em Lins, no dia 23 de julho, onde as conclusões dos grupos menores foram debatidas em plenário.

À guisa de ilustração dos debates apresentados no imenso plenário constituído no penúltimo dia do Concílio, o grupo dos universitários, sediados em Lins, na síntese de suas conclusões pontuou questões cadentes da realidade universitária, estudantil e política do país; fez um forte brado contra a ditadura que, ilegitimamente mantinha-se nos poderes por meio de atos institucionais e alijava a participação da população dos mecanismos de

<sup>1719</sup>Cf. ACDL - DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 27.

<sup>1720</sup>Cf. AITEL - **Livro Tombo do Instituto Teológico de Lins (1974-1977)**, p. 11v.12; **Conselho de presbíteros – II (1973- 1977)**, p. 36.

<sup>1721</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 12 de junho de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.22-22v.

<sup>1722</sup>Cf. ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 12 de junho de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.22v; ACDL - DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 27.

decisão; questionou o modelo educacional universitário meramente profissionalizante dependente de padrões internacionais, que privava os estudantes do contato com a realidade e tolhia a formação do senso crítico. Protestou ainda, contra decretos de lei que impediam a articulação do movimento estudantil consequentemente que reivindicasse direito e constituição de princípios democráticos. Como contraponto a essa realidade e fruto da consciência desse processo de negação de direitos, os universitários urgiam uma posição, “caracterizada pelas atitudes evangélicas de firmeza, esperança e sinal de contradição, necessitando, para isso, de um grupo que sirva de base, o que implica na necessidade de um movimento organizado de Pastoral universitária.”<sup>1723</sup> Por isso, propunham:

- a) Que a Pastoral Universitária seja uma presença cristã organizada junto aos estudantes e as entidades já existentes, não formando grupos paralelos que venham dividir o meio estudantil. Isso implica na urgente formação de equipes atentas aos problemas reais da vida universitária para a partir da reflexão e estudos sobre a realidade brasileira lançar pistas de transformação baseada na fé cristã.
- b) Que a Pastoral Universitária se preocupe com a formação de grupos coordenados pelos próprios universitários.
- c) Que esses grupos mantenham contato entre si.
- d) Que se organizem novos encontros para avaliação troca de experiências, visando a criação de um organismo nacional de coordenação.
- e) Que cada um perceba seu compromisso pessoal de participação.<sup>1724</sup>

As propostas eram causticantes e primavam por uma organização densa que fosse capaz de, à luz de princípios cristãos arregimentar, conscientizar e posicionar-se frente a conjuntura política, estudantil e universitária. Em tempos de ditadura, uma proposta coerente com os princípios cristãos, mas temerária frente ao estamento político. Seguiu-se a esse momento, uma grande caminhada noturna por mais treze quilômetros de Lins à Guaiçara onde o Cardeal Dom Paulo Evaristo Arns, à época presidente do regional Sul I da CNBB,<sup>1725</sup> presidiu a missa de encerramento do evento nas primeiras horas da manhã.

O Concílio, deve-se dizer por arregimentar jovens de vários estados do país que debatiam temas cadentes da realidade política à luz de valores cristãos e por amalgamar

<sup>1723</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. Atitude Cristã e universidade -Documento do II Concílio de Jovens (Grupo Universitário. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p. 4.

<sup>1724</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. Atitude Cristã e universidade -Documento do II Concílio de Jovens (Grupo Universitário. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p. 4.

<sup>1725</sup>Cf. FERREIRA, Reuberson. Dom Paulo Evaristo Arns, a CNBB e o CELAM: elementos de uma vivência colegial. In: OTAVIANI, Edelcio; ULHOA, Bori Neff, MANZINI, Rosana. **Dom Paulo Evaristo Arns: Um franciscano apaixonado pelo Reino de Deus na cidade**. São Paulo: Educ, 2022, p 205; ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p. 176v.

membros da Igreja historicamente comprometidos com a defesa dos direitos humanos e da Justiça social, como o cardeal de São Paulo, foi vigiado de perto por agentes do regime militar, visto que naqueles anos vivia-se uma das mais duras décadas da ditadura militar. Há arquivos, no antigo e extinto Departamento Estadual de Ordem Política e Social de São Paulo, sobre o evento. Talvez, por essa razão, a mensagem final de Dom Paulo Koop aos jovens conciliares tenha sido, além de uma exortação a juventude para que tenha esperança, perseverança, coragem e fé era, também, um apelo a uma “resistência inquebrantável[...] aos poderes anônimos, às violências irracionais do mundo dominador, dividido e devorador.”<sup>1726</sup> Se não era uma explícita crítica ao estado de exceção, ao menos era uma admoestação para não sujeição a poderes despóticos e um convite claro que a juventude laica se posicionasse politicamente no mundo, predicado claro de um laicato sonhado pelo Concílio. Como fruto maduro do Concílio da juventude despontam passos de uma mais articulada Pastoral Universitária da qual, o grupo de Lins por muito tempo terá a missão de secretariar.<sup>1727</sup>

O emblemático caso do Concílio de Lins, ainda que parcialmente descrito, demonstra a capacidade de articulação que o ITEL, visto que muitos dos seus membros estavam a testa do evento, demonstrava. Ele, embora faltem dados para analisar todos os efeitos de sua ação, buscava cumprir a missão para a qual fora constituído, isto é, formar e coordenar lideranças leigas, comprometidas responsáveis, pelo evangelho e empenhadas como os destinos do mundo e da Igreja.

Largos traços, percebe-se que o laicato, sob o bispado de Dom Pedro Paulo Koop, malgrado experiências que não floresceram ou não foram suficientemente sorvidas, foi içado, paulatinamente, a uma cidadania eclesial. O bispo de Lins, pautado por mudanças pessoais de mentalidade relativas aos leigos bem como marcado por experiências eclesiais consentâneas ao momento histórico que viveu, divisou o protagonismo dos leigos como caminho de renovação da diocese. A experiência conciliar e o estatuto de membro constitutivo da Igreja enquanto partícipe do povo de Deus, fez com que ainda maiores expectativas fossem creditadas a esse ente eclesial. A prática pastoral e a realidade própria do bispado da Igreja no noroeste Paulista, confirmaram essa opção e esse lugar do laicato. Como fruto de um processo de formação e em decorrência dessa

---

<sup>1726</sup>ACDL - KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Bispo de Lins. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 7, p. 2.

<sup>1727</sup>ACDL - DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 35.

escolha de afiançar o protagonismo leigo, testemunhado nas pequenas comunidades ou na participação em conselhos, floresceram inúmeros novos ministérios na diocese que naturalmente precisariam de um ambiente aglutinador e formativo. O ITEL, surgido sob essa finalidade, deu cabo à missão de preparar os leigos para dirigirem suas comunidades e atuarem no universo político, social, econômico e cultural como testemunhas do Reino. Esse instituto, mesmo que tacitamente, cogitava preparar pessoas para o ministério sacerdotal, quiçá casados, mas certamente reconhecidos pela própria comunidade e ordenados pela Igreja. Não obstante a argumentação do bispo diocesano, essa realidade não se concretizou no período em que ele regeu a diocese, tampouco na atualidade, ela dá sinais de ser uma questão possível, mesmo que ainda haja debates acerca do tema.

Em termos de recepção deve-se dizer que a teologia do laicato delineada no Concílio, sob o pálio da regência de Dom Pedro Paulo, caminhou do anúncio a uma prática, do querigma à práxis. Condições prévias favoreceram, mas a progressiva e contínua abertura ao laicato possibilitou que muitos desses homens assumissem, como sua, a verdade já conhecida de que, sendo povo de Deus, em comunhão com toda a Igreja são corresponsáveis, no nicho que lhes é peculiar, pelo evangelho, incluso em iguais condições a dos ministros ordenados.

### 3.2 Ministério sacerdotal e Dom Pedro Paulo Koop: do debate ao perfil ministerial

Entre Dom Pedro Paulo Koop e a reflexão sobre o lugar e o papel do Ministério ordenado (Presbiteral), uma inextrincável relação foi selada. Ele, como atestou a história e tentamos demonstrar em fragmentos precedentes desta tese, mesmo tendo preparado cautelosamente sua proposta, consultado sacerdotes experimentados e outros bispos<sup>1728</sup> antes de a depositar na secretaria do Concílio, no derradeiro período da assembleia, ficou internacionalmente conhecido como o propositor de uma singular premissa sobre os ministros ordenados e o celibato. Esse fato, devido a sua proposta ter figurado - mesmo após Paulo VI julgar inoportuno *hic et nunc* o debate sobre o tema - com destaque na coluna de um jornal parisiense, assinada pelo jornalista Henri Fesquet<sup>1729</sup> e definida

<sup>1728</sup>ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 31, p.1.

<sup>1729</sup>Cf. FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, p. 964-966; FESQUET, Henri. En Marge de Vatican II: Mgr. Koop évêque brésilien, demande la cre'tion d'urgence d'un clergé marié en America latine. **Le monde**. paris, 12. out. 1965, p. 6.

“como uma das iniciativas mais ousadas já tentadas”<sup>1730</sup> para solver problemas relativos à falta de ministros ordenados na Igreja em geral, mas em específico na América Latina.

A rigor ele não era o único que sustentava essa ideia, havia outros bispos que defendiam o mesmo fim, com argumentos distintos, entre eles o patriarca Melchita Máximo V<sup>1731</sup> e o brasileiro, Francisco Austregésilo de Mesquita.<sup>1732</sup> Antes ainda deles e de outros, já na preparação do Concílio, a lei do celibato foi pautada.<sup>1733</sup> Questões menores, como já foi afirmado, como a reabilitação do diaconato permanente no terceiro período,<sup>1734</sup> a apropriação do debate pela mídia<sup>1735</sup> e textos que circulavam entre membros da assembleia conciliar<sup>1736</sup> fermentavam a discussão. O bispo de Lins, nesse sentido, tão somente adentrou na seara da discussão, pautou seus argumentos e apresentou uma resposta ao que ele chamava de tentativa de solução para “o problema religioso e sacerdotal da América Latina.”<sup>1737</sup>

A proposta de Dom Pedro Paulo Koop, conquanto não tenha sido debatida no interior do Concílio e muito menos ainda posta em prática na Igreja de rito latino, configura-se como um elemento singular no aspecto do processo de recepção das ideias conciliares defendidas pelo ordinário da diocese de Lins. Esse fato porque, entre outros, colocou em pauta a crise da falta de ministros ordenados na América Latina e debateu o modelo de ministério sacerdotal na Igreja de rito latino abrindo espaço para reflexões sobre a comum vinculação entre celibato bem como delineando um novo perfil

---

<sup>1730</sup>FESQUET, Henri. En Marge de Vatican II: Mgr. Koop évêque brésilien, demande la cre’tion d’urgence d’un clergé marié en America latine. **Le monde**, paris, 12. out. 1965, p. 6; Também: FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966, p. 964: “Le document restera dans l’histoire de Vatican II comme une des initiatives les plus audacieuses qui aient été tentées. Même si celle-ci n’est pas tout de suite suivie d’effet, elle participera dans une large mesure au mûrissement du problème.” (Tradução nossa)

<sup>1731</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II**: Chronique de la quatième Session. Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 304-305; CAPRILE, Giovanni. **II Concilio Vaticano II**: Quarto período. Roma: La Civiltà Católica, 1969 p.224-225.

<sup>1732</sup>MESQUITA, Francisco Austregésilo de, Interventus Domini F. A. de Mesquita, Episcopi Afogadensis de Ingazeiras in Brasília, Roma, die 10 mensis octobris anni 1965, 2 mimeo – FVatII/SP.

<sup>1733</sup>Cf. AA II/1, p. 312.316. (appendix)

<sup>1734</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II**: Chronique de la quatième Session. Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 301.

<sup>1735</sup>Cf. FAVALE, Agostini. **I Sacerdoti nello spirito del Vaticano II**. Turim: Elledici, 1968, p. 86.

<sup>1736</sup>Cf. WENGER, Antoine. **Vatican II**: Chronique de la quatième Session. Paris: Editions Du Centurion. 1966, p. 302-303; VELATI, Mauro. Il complemento dell’agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concilio Vaticano II**: Concilio di transizione – settembre – dicembre 1965. Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 243. 303-304.

<sup>1737</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concilio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p.1; KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Escatula Dom Pedro Paulo Koop 3** – Pasta Dom Pedro Paulo Koop: Tese do Exmo bispo diocesano no Vaticano II - estatutos. f. 15-30 p. 1.



ministerial. Essa postura, confirma um outro aspecto defendido por Gilles Routhier sobre o processo de recepção, isto é, de que ela não se confunde, em termos de identidade, com resultado e eficácia.<sup>1738</sup> Recepção é o processo de concretizar as ideias de um Concílio, ao passo que a eficácia é o viés verificador do estado da recepção em uma igreja local, se Kerigmática ou Prática. Nesses termos, Dom Paulo Koop pautou uma ideia conciliar, a questão do ministério sacerdotal que era um tema cadente do Concílio. Seu argumento principal – *ordenar vir probati*- não entrou na agenda do Concílio, mas causou reflexões e desdobramentos que posteriormente repercutiriam na Igreja não somente em Lins, mas no Brasil. Consequentemente, convergiram para lançar luzes sobre um novo perfil sacerdotal que era reclamado para um tempo novo. Nesse sentido, desencadeou um processo de recepção das ideias conciliares.

Ao final do Concílio, já tendo repercutido de maneira variada e em latitudes diversas o posicionamento de Dom Pedro Paulo Koop sobre a questão do ministério ordenado, ele voltou a discorrer sobre o tema. Ainda que veladamente, em sua já citada mensagem aos diocesanos, o bispo anuncia com entusiasmo que espera que a Igreja se posicione oficialmente sobre questões matrimoniais (leia-se, contracepção, natalidade) e que a discussão sobre o celibato sacerdotal, possa ser tratada num futuro próximo de maneira mais sistemática através de um sínodo especialmente convocado para esse tema. Nas palavras de Dom Paulo:

A comissão papal para questões matrimoniais não se pronunciou ainda. Também a questão do celibato não será tratada neste Concílio. Mas existe a real possibilidade e esperança de que estes assuntos sejam tratados a fundo no Sínodo dos Bispos.<sup>1739</sup>

De fato, comprova-nos a história, que tanto o tema das relações matrimoniais como o do celibato eclesiástico serão pautas de debates na Igreja. A primeira questão, nos anos imediatamente posteriores ao Concílio, foi plasmada na Carta de Paulo VI, *Humane Vitae*. Sobre essa encíclica, poucos meses após sua publicação, Dom Paulo juntamente

---

<sup>1738</sup>ROUTHIER, Gilles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993, p. 100: Il ne faut toutefois pas confondre la réception et l'effet produit. Le lien entre 'réception' et efficacité n'est pas un rapport d'identité. La réception est le processus d'effectuation ou de concrétisation d'un concile, alors que l'effet produit manifeste l'état de la réception dans une Église donnée. Cette distinction permet de ne pas conclure qu'il n'y a pas de réception si le résultat n'est pas proportionné à la déclaration conciliaire ou si l'effet produit s'exprime en terme d'opposition”

“No entanto, a recepção não deve ser confundida com o efeito produzido. A ligação entre ‘recepção’ e eficácia não é uma ligação de identidade. A recepção é o processo de efetuar ou concretizar um Concílio, enquanto o efeito produzido manifesta o estado de recepção numa determinada Igreja. Esta distinção permite não concluir que não há recepção se o resultado não for proporcional à declaração conciliar ou se o efeito produzido for expresso em termos de oposição.” (Tradução nossa).

<sup>1739</sup>ACDL - KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Bispo de Lins. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 7, p. 1.

com dois outros sacerdotes, assina um artigo na Revista *Vozes* no qual exara uma análise crítica sobre alguns pontos do texto. Nele, embora concordando com os princípios basilares da carta, o bispo pontua que os argumentos contidos na missiva repousam sob um prisma extremamente tradicional apresentando o casamento e o amor como algo “mais biológico que humano, mais procriador de prole do que união em nível de pessoas,”<sup>1740</sup> elemento que não persuadiria a inteligência do homem de fé moderno, conseqüentemente não se abriria a um diálogo mais profundo com ele. Sobre a segunda questão – ministério ordenado – mesmo que Paulo VI tenha, também, escrito uma Encíclica sobre o tema, maiores e mais amplos debates serão travados em vários níveis da estrutura eclesial (Diocese, CNBB, Sínodo), dos quais Paulo Koop, direta ou indiretamente, tomará parte desencadeando, no movimento pós conciliar, um alerta para, entre outras, a questão da falta de ministro no continente.

Um ano depois do fim do Concílio, ainda sob os albores da assembleia conciliar e em pleno processo de recepção das ideias do Vaticano II, Dom Paulo Koop volta a refletir e debater seu argumento central sobre a questão do ministério ordenado, isto é, a desvinculação entre lei do celibato e ministério ordenado, tendo como consequência lógica a ordenação de homens casados que poderiam suprir a carência de ministros em comunidades desassistidas como ocorria em muitos lugares, particularmente no Brasil e no seu bispado. Convém afirmar que é esse o cerne da reflexão do bispo de Lins, não a eliminação do sacerdócio celibatário(carismático), mas a convivência entre esses dois modelos. Nos seus escritos antes,<sup>1741</sup> durante<sup>1742</sup> e depois da assembleia de 1965<sup>1743</sup> há uma clara sustentação de que o celibato é um dom precioso e necessário à Igreja, mas que não precisa, por lei, estar vinculado ao exercício do sacerdócio ministerial.<sup>1744</sup> Assim, ante o expressivo dilema pastoral da escassez de sacerdotes célebes na América Latina e visto a explosão demográfica do continente, divisar uma saída para a falta de acesso de expressiva massa de fiéis à Eucaristia num curto prazo era uma questão premente. Por essa razão, o bispo diocesano de Lins, na esteira do que havia sugerido o próprio Concílio

---

<sup>1740</sup>KOOP, Pedro Paulo; RADEMAKERS, Huberto; BEOZZO, José Oscar. A Encíclica *Humane Vitae*: Análise dos argumentos. *Revista Vozes*, a. 68, nov. 2019, p. 993.

<sup>1741</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Carta Sobre o CELIBATO ECLESIASTICO. *A Fé*. Bauru, 29 out. 1961, p.1-4.

<sup>1742</sup>Cf.AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. *Concílio Vaticano II. Escatula 529*, fasc. Agosto 1965. p.8.912.

<sup>1743</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? *Vozes*. a. 60, nov. 1966, p. 905; Cf. KOOP, Pedro Paulo. Comunidade e Ministério. *Revista Eclesiástica Brasileira*. Pretopolis.v.30, f.118. jun. 1970, p. 364.

<sup>1744</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? *Vozes*. a. 60, nov. 1966, p. 905.

sobre o diaconato permanente, advogava que se fizesse o mesmo para o sacerdócio. Isto é, que para o bem da Evangelização pudesse “ser conferido, com o consentimento do Romano Pontífice, o presbiterato a homens de idade madura, que vivem há pelo menos cinco anos, no estado matrimonial”<sup>1745</sup>

A posição no interior do Concílio defendida por Dom Paulo, mesmo sofrendo inadvertidas reprovações<sup>1746</sup> e sendo contestada por várias pessoas,<sup>1747</sup> pôs em xeque na perspectiva da recepção do Vaticano II, entre outros elementos, a cadente questão da falta de ministros ordenados na América Latina e no Mundo. De fato, essa era uma preocupação sólida do bispo de Lins. Ela podia ser constatada com facilidade na realidade de sua diocese. Tanto que no seu primeiro posicionamento aos seus diocesanos, na carta programática de sua ação no bispado, afirmava que as vocações eram um tema urgente em suas preocupações.<sup>1748</sup> Convém dizer que preocupação similar, seu antecessor já havia apresentado, urgindo que se debatesse durante o Concílio, “a angustiante questão da falta de sacerdotes na América Latina.”<sup>1749</sup> Como em muitas outras regiões do Brasil e da América Latina, Lins carecia de ministros ordenados.

Após sua entrada no bispado em sua primeira visita às paróquias, a preocupação hipotética de Dom Paulo sobre a falta de ministros ordenados confirmou-se. Ele percebeu que várias das cidades da diocese precisariam de mais ministros ordenados,<sup>1750</sup> inclusive para desempenhar funções supra paroquiais, ambientais,<sup>1751</sup> confluindo para uma presença ainda maior da Igreja em vários estratos da sociedade. Assim, pouco antes de sua partida para a última sessão do Concílio, ele tenta sensibilizar os vários níveis de sua diocese para a falta de sacerdotes e lança um veemente apelo a todos os fiéis, pedindo:

---

<sup>1745</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.110.: “decernere spectat utrum et ubinam pro cura animarum presbyteratum conferri poterit, de consensu Romani Pontificis viris maturioribus aetatis, saltem quinque abhinc annis in matrimonio viventibus”; Também: KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato para homens casados. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 26, f. 4, dez. 1966, p. 915.

<sup>1746</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. A ordenação presbiteral de homens casados e o celibato eclesial: Intervenções episcopais desaparecidas dos Acta Synodalia do Vaticano II. A retomada do tema no Sínodo Pan-amazônico. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 79, n. 313, 20 set. 2019, p. 359-360.

<sup>1747</sup>Cf. AS IV/5, p. 295-299.

<sup>1748</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru. s/e: Bauru, 01.09. 1964. In: ACPMSC-SP - **Escatula Paulo Koop**. Pasta 5, folha 1, p.5.(Negrito nosso)

<sup>1749</sup>Cf. AA II / 7, p. 207-208:[...] 4-maxime tractandum erit de angustiis sacerdotum, praesertim in nationibus latino-americanis”

<sup>1750</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Cuidar do dia de amanhã, dever de hoje. **Bandeirante**. Lins, 21. Abr. 1965, p. 1: “Das nossas 35 paróquias, 7 estão sem padre residente! Porque não os há! Grandes cidades como Araçatuba, Andradina e outras necessitam urgentemente de ser subdivididas em mais novas paróquias”

<sup>1751</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Cuidar do dia de amanhã, dever de hoje. **Bandeirante**. Lins, 21. Abr. 1965, p. 1: Referindo-se a Araçatuba, maior cidade do Bispo, ele diz: “Urgente necessidade de criar pelo menos três novas paróquias; uma paróquia estudantil; e uma paróquia rural; maior presença da Igreja nos meio operário, agricultor, estudantil, universitário, assim por diante. O maior problema é o maior número de padres aptos e zelosos, piedosos”.

Cuidemos no dia de hoje do dia de amanhã. Não deixemos faltar aos que vêm depois de nós o que não deixaram faltar a nós nossos avós e nossos pais e avós. Estimulemos entre a mocidade de hoje a vocação divina do sacerdócio e da vida religiosa, a vocação apostólica vivida com exclusividade, sem divisões, e com generosidade total.

[...]

Caros diocesanos, vosso bispo veio para vós com a melhor das boas vontades: espera de vós uma prova de real boa vontade... esta: corresponder-lhe o esforço tremendo, a preocupação máxima do momento: padres para o dia de amanhã<sup>1752</sup>.

Entre outras coisas, a questão sacerdotal era pauta de acentuada relevância para o bispo de Lins, sobretudo pela singularidade que ele sentia em sua diocese bem como pelo que conhecia, através de literatura, da América Latina e do Brasil. Sua proposta ante tal problema, no universo do Concílio além do acurado argumento histórico de que a contingência perfeita (celibato) não é exigida pela natureza própria do sacerdócio, assentava-se, como demonstrou seu estudo que debatemos na sessão anterior desta tese, numa premissa de cunho sociológico. Dom Paulo,<sup>1753</sup> face às perspectivas de um vertiginoso crescimento demográfico no continente, o aumento de outras Igrejas com a consequente debandada de católicos e a morosidade do processo formativo sacerdotal pautou como resposta de emergência para dirimir a situação a ordenação de homens casados.

O tema, como reiteradamente já se afirmou, não se constituiu em uma diretriz do Vaticano II. Contudo, no processo pós-conciliar, ele virou foco de intensa reflexão na Igreja como um todo e em Lins, em particular. A publicidade dada a questão como ajuizava o Bispo holandês, contribuiu para “colocar no centro da atenção mundial um problema pastoral urgente - trágico até - que não deixou de impressionar profundamente

<sup>1752</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Cuidar do dia de amanhã, dever de hoje. **Bandeirante**. Lins, 21. Abr. 1965, p. 1-4.

<sup>1753</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 3: Resumindo: temos que enfrentar os seguintes fatores adversos: a progressiva falta de sacerdotes frente à perturbadora progressão demográfica e a das heresias e ideologias anti-cristãs; a urgência do tempo (prazo de 30 a 40 anos) no qual se decide a sorte religiosa católica de todo um continente; a lentidão das iniciativas vocacionais em curso que, por lei sociológica requerem pelo menos um século para atingirem o resultado apreciável a que aspiram. Será tarde demais. A batalha estará perdida.

A vantagem das seitas, dotadas de grande poder penetrativo, por agirem mediante instrumentos humanos, casados e profissionais, que vivem as condições populares e familiares, sociais e econômicas do povo, entre o povo, para o povo, oni-presentes e oni-atuantes;

a desvantagem da posição social do nosso sacerdócio atual, não só segregado do povo, mas também separado e distinto povo, ao passo que humanidade moderna não mais aprecia estruturas fechadas ou classes reconhece apenas igualdade de direitos para todos na vida pública, sem privilégios ou "dignidades"; reconhece somente a distinção daqueles que se habilitam pela sua prestação pessoal e sua utilidade social. (Sublinhado no original).

a opinião católica mundial.”<sup>1754</sup> A falta de ministros ordenados na América latina tornou-se, desse modo e em certa medida, uma preocupação de proporções globais e deveria ser debelada de algum modo. Associado a essa já latente crise, depois do Vaticano II, eclodiu, por inúmeras razões, uma grande debandada do ministério por expressivo contingente de sacerdotes<sup>1755</sup> convergindo ainda mais para buscar uma solução para esse grave problema.

Dom Pedro Paulo Koop, enquanto resposta ulterior à questão não era apresentada, buscou mitigar as dificuldades com a falta de ministros ordenados, recorrendo a ajudas internacionais e/ou experimentando confiar atividades pastorais a sacerdotes laicizados. Nesse sentido, recorrendo a contatos com bispos holandeses, conseguiu sacerdotes. Sua amizade com o primaz da Holanda, Cardeal Alfrink, rendeu-lhe, entre outros, o trabalho missionário em seu bispado dos padres Guillerme Antônio Boelens e João Guilherme Braem, este último secretário particular do primaz dos países baixos.<sup>1756</sup> Das tratativas com o bispo de Roterdã, Martien Jansen, recebeu o Padre João Geraldo Guilherme Lourenço Ham. Acolheu do mesmo país, os Padres José Martinho (Josephus Martinus) Verhoeven que tinha sido religioso,<sup>1757</sup> Geraldo Francisco Voskuilen e Geraldo João van der Aver.<sup>1758</sup> Também recorreu a outras congregações religiosas. Recebeu, particularmente os Monfortinos holandeses residentes em Moçambique que haviam sido expulsos do país pelo governo colonialista português,<sup>1759</sup> bem como padres irlandeses da Congregação do Espírito Santo<sup>1760</sup> além de alguns a mais de sua própria família religiosa e um número maior dos franciscanos, ambas, já atuantes na diocese.

Dentre alunos do *Collegium Pro América Latina* (COPAL), iniciativa dos bispos belgas, que formava sacerdotes para atuarem no continente latino-americano, acolheu particularmente para trabalhar na formação do laicato e de futuros sacerdotes nomes como Johann Konings e Etienne Higuët,<sup>1761</sup> que ficaram por um breve período; Hugo d’Ans<sup>1762</sup> e Eugênio Rixen,<sup>1763</sup> que permaneceram mais tempo no bispado. Este último retirou-se somente quando se tornou bispo auxiliar de Assis (SP). Igualmente aceitou em sua diocese, não só pela falta de clero, mas também pela crise que se instalou em Botucatu

<sup>1754</sup>KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? *Vozes*. a. 60, nov. 1966, p. 903.

<sup>1755</sup>Cf. SERBIN, Kenneth. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 195-200.

<sup>1756</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.117.

<sup>1757</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.123.

<sup>1758</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.124.

<sup>1759</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.117.

<sup>1760</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.117.

<sup>1761</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.172.

<sup>1762</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.171.

<sup>1763</sup>Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.190.

com a nomeação de Dom Zioni, os padres Rivaldo Dias Rosa, Claurêncio Gusson, João Cândido Coimbra de Carvalho, José Oliveira de Andrade, Geraldo Eugênio Saleme, Alberto Reis e José Eduardo Augusti, além do padre Ivo Doreto, do clero de Apucarana.<sup>1764</sup> Ainda contou, com a atuação de Josef Kanazawa, húngaro, missionário na diocese de Yokohama, Japão, que veio para o Brasil a fim de potencializar o trabalho da Pastoral dos nipo-brasileiros, da qual o bispo de Lins era grande entusiasta.

Outro caminho trilhado por Paulo Koop foi o de confiar paróquias a padres que haviam deixado o exercício do ministério sacerdotal. Assim ele o fez, particularmente em Andradina. Confiou aos padres dispensados das obrigações ministeriais, José Vanin Martins e João Carlos Olivieri, trabalhos nessas comunidades. Ambos, conquanto desempenhassem um fecundo serviço na diocese, por excessos da parte deles<sup>1765</sup> ou por oposição da parte de movimentos como os cursilhistas em Andradina, encontraram resistência no bispado e para alguns não se constituíam a solução definitiva para problema da falta de presbíteros.

As alternativas apresentadas, tanto com sacerdotes dispensados das obrigações ministeriais, como a presença de padres vindos a convite do bispo para Lins, indicavam que a falta de sacerdote era um problema naquela Igreja particular, assim como o era para muitas regiões do Brasil. As respostas tentadas pelo bispo, à época, eram um paliativo. Mitigavam, mas não resolviam o problema. A questão posta por Dom Paulo Koop, no universo conciliar, urgia uma resposta para toda a Igreja.

Dessa maneira, a pauta da falta de sacerdotes, para além das respostas mitigadoras que eram apresentadas, seguiu sendo uma preocupação da Igreja no Brasil. Assim, ao sínodo de 1971, que trataria do sacerdócio ministerial e da injustiça no mundo, creditou-se esperanças de uma resposta assertiva ao problema. Os bispos do Brasil, reunidos em assembleia em julho de 1969, ante o tema do Sínodo aprovaram por maioria de dois terços que fosse encaminhado à Santa Sé um pedido no qual, ante a constatada escassez de sacerdotes no país, majorada pela desistência de significativa parcela de presbíteros e pelo vertiginoso crescimento populacional, fosse reconsiderada a questão da ordenação de homens casados.<sup>1766</sup> De certa maneira, eram os argumentos do bispo de Lins em sua intervenção proposta ao Concílio.

---

<sup>1764</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.126.

<sup>1765</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 26: Os sacerdotes, que estavam dispensados das ordens sacerdotais, estavam celebrando a Eucaristia e atendendo confissões na Matriz paroquial

<sup>1766</sup>BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II**: participação e prosopografia - 1959-1965. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

Convém dizer que, Dom Paulo Koop, como de direito, tomou parte da Assembleia Geral dos bispos naquele ano e nela propôs duas intervenções, uma no dia vinte e cinco e outra no dia vinte e seis de julho. A do segundo dia era relativa aos seminários. Defendia que as vocações só poderiam surgir das pequenas comunidades, espaço fecundo para uma nova forma de viver o cristianismo, meio necessário para suscitar ministérios, incluso o presbiteral e conclui, dizendo, que a “a Comunidade de Base é igualmente o Seminário de Base.”<sup>1767</sup> Na intervenção do primeiro dia, o Bispo de Lins volta a refletir sobre o ministério sacerdotal e celibato. Argumentando que as mudanças do mundo e a pluriformidade da ação pastoral exigem um modelo plural de ministros ordenados. Esse fato, para concretizar um ministério multiforme, demandaria a “abolição do celibato como lei e disciplina (não como carisma) e a possibilidade de profissionalização do clero, respeitando as várias opções[...].”<sup>1768</sup> Koop, prementemente, advoga a constituição de um novo modelo de vivência sacerdotal no continente, ora pela falta de ministro ora pelo preceito da pluriformidade. Assim ele, concretamente sustenta que os bispos do Brasil, solicitassem, durante a assembleia sinodal:

- 1 - Desvinculamento da lei do celibato do exercício do ministério sacerdotal.
- 2.1 - O celibato torne-se facultativo:
  - a) para os já ordenados;
  - b) para os solteiros que se preparam para o presbiterato.
- 2.2 - Aos homens casados, a partir de comunidades de base e em função delas, faculte-se o acesso ao presbiterato.
- 3 - A critério do bispo diocesano, reintegrar no ministério os presbíteros dispensados do celibato, que provaram estar realizados no casamento e na profissão<sup>1769</sup>

E, no mesmo documento, urge que:

Aprovadas estas propostas, comunique-se que os bispos do Brasil optaram e decidiram-se pelo celibato facultativo e sobretudo para que os homens casados possam ter acesso ao presbiterato, em virtude de premências pastorais. Peça-se ao Pastor Supremo e Cabeça do Colégio

---

2001, p.221; Também: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 268.

<sup>1767</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Intervenção: Comunidade Cristã, Seminário Primogênito. Assembleia da CNBB, 2 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 1.

<sup>1768</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato e sua inserção na realidade: o Celibato – a profissionalização. Assembleia da CNBB, 26 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 22, p. 1.

<sup>1769</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato e sua inserção na realidade: o Celibato – a profissionalização. Assembleia da CNBB, 26 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 22, p. 1.

Episcopal assentir a essa medida em razão da necessidade de evangelizar.<sup>1770</sup>

É temerário afirmar que a proposta de Koop tenha sido a única e decisiva sobre o assunto, sobretudo porque não se tem acesso a mais intervenções da Assembleia dos bispos e pela ciência que já em Medellín, um ano antes, outros bispos brasileiros haviam se posicionado em favor da ordenação de homens casados.<sup>1771</sup> Não se pode, porém, negar que muito do que o Bispo de Lins propôs foi assumido como decisão de parcela do episcopado e que seria levado ao sínodo. Segundo fontes,<sup>1772</sup> Dom Aloísio Lorscheider, não sem oposições no interior do próprio episcopado brasileiro, apresentou o resultado das votações sobre o assunto e, particularmente, que a CNBB postulava, em decorrência dos anseios pastorais, que fosse tratado na assembleia sinodal a possibilidade da admissão de homens casados ao ministério presbiteral. A posição da Santa Sé, entretanto, continuou sendo de manter inalterada a disciplina do celibato na Igreja Latina, como antecipava Paulo VI, no encerramento do Sínodo, citando a *Presbyterorum Ordinis* “o celibato é... de toda a conveniência na vida sacerdotal... Pelo celibato observado por amor do Reino dos Céus, os Sacerdotes consagram-se a Cristo por um novo e excelso motivo[...].”<sup>1773</sup> Voltou-se a discussão em outros momentos e instâncias decisivas da Igreja (Sínodo de 1990), sem chegar-se, contudo, a termo. Ainda assim a discussão, a despeito do que

<sup>1770</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato e sua inserção na realidade: o Celibato – a profissionalização. Assembleia da CNBB, 26 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 22, p. 3.

<sup>1771</sup>HERNÁN, Parada. **Crónicas de Medellín**: Segunda Conferencia general del episcopado latino-americano. Bogotá. Indo-american press service. 1975.p.232: “También hizo su irrupción en este último Plenario, el discutido problema de "Celibato Sacerdotal", que venía adquiriendo notoriedad desde el Concilio y que había sido planteado, inicialmente, en la Conferencia através de una discreta moción del franciscano colombiano Luis Patiño. Sin embargo, en la Plenaria del martes 3 de septiembre, Monseñor Henríquez, Presidente dela Sub-Comisión de "Pastoral de las Masas", había formulado indicación, a fin de que en el Documento respectivo no se hiciera alusión a "curas casados". El Obispo argentino Tortolo había sido también del mismo parecer. El Nuncio en Argentina, Monseñor Humberto Mozzoni también apoyó este puntode vista.

**Apesar de tantos e tan poderosos adversarios, el joven Arzobispo de Paraíba (Brasil) Monseñor José María Pires insistió sobre el "pluralismo de la vida sacerdotal" y añadió, de paso, algunas consideraciones sobre Nuncios y Nunciaturas en AméricaLatina. Su discurso, en estos momentos finales, fue valiente y decidido y aún emocionó.** Sin embargo, no consiguió ningún resultado práctico. Sobre Pluralismo "el parecer de la Asamblea fue que tal 'Modo' fuera presentado a la Santa Sede en forma de carta privada, firmada por cuantas personas la consideraran oportuna, pero que no figurara en el texto de los documentos finales” (Negrito nosso)

<sup>1772</sup> BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II**: participação e prosopografia - 1959-1965. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p.221; Também: BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 269.

<sup>1773</sup>PAULO VI. **Discurso do papa Paulo VI no encerramento da II assembleia ordinária do sínodo dos bispos**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paulvi/pt/speeches/1971/november/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19711106\\_chiusura-sinodo.html](https://www.vatican.va/content/paulvi/pt/speeches/1971/november/documents/hf_p-vi_spe_19711106_chiusura-sinodo.html). Acesso em: 20 jul. 2022.



propunha Dom Paulo e assentia parcela do episcopado naquele momento, permaneceu e permanece a mesma, isto é, pela inconveniência da desvinculação do ministério ordenado ao sacerdócio, mesmo por graves razões pastorais. A crise da falta de ministros, também, permanece no mesmo nível.

Do exposto, nota-se que o processo de recepção do Concílio estava em curso no que diz respeito ao ministério ordenado e havia um grave problema nos anos pós-conciliares. Debatia-se sobre o modelo celibatário(vigente) e outras formas de sacerdócio, sobretudo pela falta de presbíteros. Manteve-se o primeiro e debateu-se muito sobre o segundo, sem, contudo, chegar a uma opção concreta sobre ele. Se o debate sobre o ministério era uma demanda legítima do Vaticano II e os bispos a faziam, em termos de teologia da recepção, a questão estava, a um só passo, em Kerigmática no sentido de que havia necessidade de debatê-la (falar, refletir sobre), e em nível de prática porque já era assunto corrente(tinha-se espaço para o debate), mesmo sem ter um ação concreta definida, ou talvez, a opção pelo modelo sacerdotal celibatário fosse o estágio prático. Koop, nesse sentido, dentro de uma visão de recepção, para que a questão fosse debatida, tanto em seu bispado quanto na Igreja do Brasil e, como ele mesmo dizia, a publicidade dada indevidamente a matéria por Heri Fesquet, muito favoreceu a discussão posterior e essa era uma forma de entender o ditado que muito lhe consolou quando incompreendido pela sua proposta: “Deus escreve certo por linhas tortas.”<sup>1774</sup>

Não só pautar o debate sobre a questão do ministério sacerdotal e a falta desses ministros para o processo de evangelização foi um elemento que caracterizou Dom Pedro Paulo Koop na reflexão sobre o sacerdócio. Além de pontuar o debate, ele delineou em seus escritos e em sua prática, um perfil sacerdotal para a Igreja, que ele julgava mais consentâneo com o momento histórico que era vivido. O modelo idealizado por ele, não prosperou na prática eclesial, contudo era uma aposta. Tratava-se de um perfil que, de algum modo, ele sonhava ver concretizado na Igreja e, por meio dele consolidaria o imperativo eclesial de atingir a todos com os sacramentos e cumprir o mandato evangélico de anunciar o evangelho a todos os povos. Acerca dessa ideia, em linhas gerais, o bispo de Lins tateou entre a proposição de um clero suplementar fundamentado numa necessidade pastoral, a um sacerdócio múltiplo constitutivo da Igreja, gerado e formado nas comunidades eclesiais de base.

---

<sup>1774</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 903.

Nesse sentido, deve-se dizer que no interior do Concílio e nos anos imediatamente posteriores ao evento, seus argumentos eram, sem privar-se de elementos teológicos, de ordem prática e concreta. Dom Paulo sustentava, como já mencionamos, que a elevada densidade demográfica, aliada à progressão de novas Igrejas, juntamente com a escassez de padres e ao longo processo formativo, convergiria para uma perda progressiva de fiéis por insolvência de recursos humanos para o anúncio do evangelho bem como para garantir acesso de todos a Eucaristia.<sup>1775</sup> Desse modo, ele advoga que houvesse uma multiplicação rápida e concentrada de ministros ordenados, o que não seria possível com o atual modelo de sacerdócio. Igualmente, a reabilitação do ministério dos diáconos, que muito ajudaria, não resolveria o problema que ele julgava central e elemento chave na renovação do catolicismo brasileiro, isto é, o acesso aos sacramentos, particularmente a missa.<sup>1776</sup> Por essas razões o bispo de Lins, propõe para a Igreja, sem excluir o sacerdócio celibatário, que se adotasse uma espécie de “sacerdócio supletivo para leigos casados.”<sup>1777</sup> Homens que, em regime parcial de tempo, pudessem dirigir pequenas comunidades oferecendo-lhes a Eucaristia e a Palavra, conduzindo-as na vivência da fé. Eles deveriam estar em comunhão e sob a supervisão de um clero superior celibatário que regeria o coligido de todas as pequenas comunidades.<sup>1778</sup> Neste primeiro momento, Dom Pedro Paulo Koop, ainda sob o pálio da primavera conciliar, defende somente de maneira tácita a desvinculação de celibato do ministério ordenado. A rigor, sua preocupação é criar um clero que resolva o problema da falta de acesso a Eucaristia, contando para isso com homens maduros bem formados e casados, indicados pelos padres ou da massa de ex-seminaristas que, por razões várias, não acederam ao ministério sacerdotal.

---

<sup>1775</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 3-4.

<sup>1776</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 7:” Gostaria de ser bem entendido. E da Santa Missa que falo ponto de partida para a conservação, restauração e sobrevivência do Catolicismo brasileiro e mesmo latino-americano. Ainda, entre nós, a Missa é fator decisivo de congregação católica, fator religioso-católicoinsubstituível. Ela tem seu prestígio social insubstituível. A Missa -pelos vivos, pelos defuntos, pelos aniversários natalícios, bodas de prata e de ouro, pela formatura desde o primário até o universitário, das datas civis e eclesiais de todo tipo e conteúdo, a Missa solene das cidades e a ruidosa dos arraiais; para ela o povo afluí e ao ceder dela se congrega respeitoso. Em nossa vida religiosa não há outro fator scio-religioso que possa competir com a Missa, com sua força de polarisar(sic) o sentimento religioso, convocativa, de uso enraizado, sem falar dos seus significados dogmáticos. Só a missa é válido ponto de partida para a revitalização católica”

<sup>1777</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 12

<sup>1778</sup>AAV – KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p. 12; KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 905.

O encerramento do Concílio e a repercussão do debate sobre o celibato, trouxe consigo, crer-se, um aprofundamento da reflexão de Koop sobre o sacerdócio. Apoiando-se inclusive na *presbyterorum ordinis*,<sup>1779</sup> onde é dito que o celibato por natureza não é constitutivo do sacerdócio, o bispo passa a defender explicitamente a dissociação de ambos. Em texto-entrevista em novembro de 1966, ele sustenta que tal distinção é legítima e advoga que se por nobres e históricas razões, celibato e sacerdócio foram “obrigatoriamente [...] vinculados um ao outro, por razões graves e urgentes poderão também ser desvinculados um do outro.”<sup>1780</sup> Durante a preparação para o sínodo de 1971, como já aludido, sua argumentação fica ainda mais explícita, pois ele defende o fim do celibato enquanto norma obrigatória, propondo-o como facultativo a todos os sacerdotes (já ordenados e em preparação) e reclama, outra vez, e por consequência a ordenação de homens casados. O celibato configurar-se-ia como um carisma próprio dentro da Igreja, um dom acolhido e escolhido livremente em favor do Reino.

Nota-se que a proposta de ordenação de homens casados, desloca-se de um argumento em socorro de uma necessidade pastoral, para um que o defende como constitutivo da Igreja, visto que sacerdócio e celibato, embora usualmente convivam, não se reclamam por natureza, sendo mais um dom do que uma imposição. Neste estágio, o assunto ainda que premido por uma questão pastoral, insere-se numa perspectiva eclesiológica, tratava-se de algo constitutivo e não mais supletivo. A igreja, como historicamente aconteceu, comporta espaço para uma vivência multiforme do ministério e, em decorrência da realidade plural que o mundo ora vive, defendia Dom Paulo, deve ter também “uma pluralidade no exercício do ministério sacerdotal, de acordo com a diversificação existente na sociedade hodierna”<sup>1781</sup>

Essa pluralidade de ministérios sacerdotais, segundo o conceito de Dom Paulo Koop, seria gestada dentro das pequenas comunidades. O bispo de Lins, possivelmente em decorrência do Plano de Pastoral de Emergência e do Plano de Pastoral de Conjunto,

---

<sup>1779</sup> Cf. CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum ordinis (PO)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968, p.16: **A perfeita e perpétua continência por amor ao Reino do céu**, recomendada por Cristo Senhor aceita com gosto e louvavelmente praticada por não poucos cristãos, no decurso dos tempos e também em nosso tempo foi sempre tida em alto apreço pela Igreja, de modo especial em favor da vida sacerdotal. [...] **Não que por sua natureza seja exigida do sacerdócio, como se evidencia pela praxe da Igreja primitiva** e pela tradição das Igrejas Orientais, além daqueles que com todos os Bispos, por dom da graça, escolhem observar o celibato existem igualmente os Presbíteros casados, de altíssimo mérito (Negrito Nosso)

<sup>1780</sup> KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 913.

<sup>1781</sup> ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato e sua inserção na realidade: o Celibato – a profissionalização. Assembleia da CNBB, 26 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 22, p. 1.

admitia que as pequenas comunidades seriam o istmo que ligaria as pessoas à vivência da fé de maneira mais profunda. Ele defendia que elas seriam o lugar adequado para uma formação profunda e o ambiente propício para a vivência da fé concreta de tantos cristãos.<sup>1782</sup> Ao mesmo tempo, facultaria a assunção de novas lideranças capazes de assumir o “encargo de liderar e presidir, de exercer o ministério profético, litúrgico e pastoral.”<sup>1783</sup> Ademais, o bispo via nessas pequenas organizações e na formação nelas vividas, elementos que ajudariam a “resolver o problema dos serviços eclesiais, notadamente o dos ministérios pastoral e presbiteral.”<sup>1784</sup> Noutra ocasião, ele advogou que, o problema vocacional e ministerial é, em última instância, “um problema das comunidades eclesiais”<sup>1785</sup> e que elas são “o seminário de base”<sup>1786</sup>, desse modo, lugar da gestação dos ministérios.<sup>1787</sup> Portanto, as comunidades eclesiais de base seriam o polo de vivência pessoal da fé, delas surgiriam os ministérios necessários para seu crescimento, para um mais concreto anúncio do Evangelho e, em razão de cada uma hipoteticamente ter seu próprio sacerdote, de comunhão Eucarística.

Nesse sentido, visto que a comunidade de base é lugar privilegiado para vivência da fé e que ela, por isso, reclama para sua sobrevivência ministérios, inclusive o sacerdotal, Dom Paulo postula um sacerdócio afeiçoado aos traços de cada ambiente, capaz de atender todas as especificidades que cada lugar exige, a rigor uma pluriformidade de maneiras de exercício no ministério sacerdotal:

Comunidade alguma de base funcionará sem o ministério sacerdotal que lhe seja inerente, quer se trate de comunidade tipo residencial (zonas rurais e urbanas, bairros e centros de capitais, favelas e arranha-céus, locais de recreio, praia, turismo), quer se trate de comunidades de tipo categorial (estudantes, operários, militares, professores, jornalistas, desportistas etc.).

Urge, portanto, diversificar e multiplicar o ministério sacerdotal. Haja presbíteros para todo o tipo de pastoral: residencial e categorial. Haja presbíteros para a pastoral especializada (promoção humana, evangelização, catequese, liturgia, formação comunitária e ecumênica).

<sup>1782</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 10; KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1967, p. 10; KOOP, Pedro Paulo. Comunidade e Ministério **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 30, f. 118, jun. 1970, p. 356.

<sup>1783</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 800.

<sup>1784</sup>KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 800.

<sup>1785</sup>KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 872.

<sup>1786</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Intervenção: Comunidade Cristã, Seminário Primogênito. Assembleia da CNBB, 2 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 2.

<sup>1787</sup>KOOP, Pedro Paulo. Uma nova Visão Pastoral? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 33, f. 132, dez. 1973, p. 851.

Haja presbíteros para todas as condições sociais, provenientes e participantes de seus próprios meio-ambientes, e que lhes sejam conaturais. Haja presbíteros conjugados (casados) e solteiros (celibatários), quer de tempo integral, quer de tempo parcial; de dedicação ora total, ora periódica ou ocasional, conforme as exigências e circunstâncias das respectivas comunidades.<sup>1788</sup>

Portanto, para Dom Paulo o ministério sacerdotal, gestado nas pequenas comunidades, por natureza deveria ser múltiplo, sobretudo para atender as necessidades dessa igreja local. Ademais, ele não seria simplesmente supletivo, mas constitutivo da realidade eclesial. Gozaria, por essa razão, de pacífica convivência com o ministério celibatário. Este último entendido não como uma imposição por força de lei, mas como um dom carismático que é “manifestação da presença e atuação do espírito na Igreja, capaz de suscitar, pra além de nossas leis e disposições, aquela livre doação a Deus.”<sup>1789</sup>

A fim de dar concurso a suas ideias, legitimamente inspiradas no Vaticano II, no bispado de Lins, Dom Paulo prodigalizou as comunidades eclesiais de Base, buscando favorecê-las em todas as paróquias, advogando que estas últimas deveriam ser articuladoras das primeiras, onde a fé seria vivida com intensidade.<sup>1790</sup> Ante o que ele julgava ser uma certa morosidade da Igreja do Brasil em implementar as pequenas comunidades, publicamente brandou contra isso reclamando: “nos é forçoso constatar que passados três anos[ do plano de pastoral de conjunto] nada ou quase nada ser realizou neste sentido, embora fosse a comunidade de base definida como meta prioritária e urgente.”<sup>1791</sup> Elas, não só para o bispado, mas para toda Igreja, a seu juízo, eram uma opção capaz de mimetizar o tempo a “verdadeira fraternidade inaugurada por Cristo”<sup>1792</sup>

Visto igualmente que o bispo de Lins entendia que das pequenas comunidades deveriam brotar os serviços eclesiais e os líderes das comunidades, como ocorreu em muitos lugares do Brasil, ele acompanhou e permitiu o florescer de inúmeros ministérios em seu bispado.<sup>1793</sup> Deles, Dom Paulo acreditava que seria possível extrair líderes que

---

<sup>1788</sup> KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 872.

<sup>1789</sup> KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 876.

<sup>1790</sup> KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 854; KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 800.

<sup>1791</sup> KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 871.

<sup>1792</sup> KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 871.

<sup>1793</sup> Cf. AC DL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Reunião ordinária do Conselho diocesano de Pastoral realizada em Araçatuba o dia 17 de junho de 1979. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 65-68.

deveriam ser bem formados e, em última instância, poderiam ser ordenados sacerdotes para atender as pequenas comunidades, sendo eles casados ou celibatários. Ele advogou que a CNBB autorizasse os bispos a começarem “o trabalho de preparação imediata de homens casados para o presbiterato, supondo a existência de comunidades de base e em função delas”<sup>1794</sup> Em base dessa intuição, defendida como plano para Igreja no Brasil,<sup>1795</sup> ele fundou o ITEL que em seu escopo deveria ser “uma espécie de novo seminário adaptado às circunstâncias atuais e ao florescimento das comunidades de base dedicando-se ao preparo de dirigentes de comunidades.”<sup>1796</sup> Koop, pode-se dizer, tencionava ordenar homens casados para o serviço da Igreja, aguardava contudo a anuência concreta da Igreja, para que sua ação não gerasse divisão, cisão ou celeuma.

Em síntese, Dom Paulo na perspectiva do ministério ordenado, trabalhou para que se consolidasse, à luz da lídima tradição eclesial, um novo perfil de ministério sacerdotal. Ele seria supletivo, conferido a homens casados que se dedicariam em regime de tempo de parcial ou total. Sua argumentação, baseava-se na desvinculação do sacerdócio e do celibato. Essa ideia, levou-o, incluso a propor o celibato como elemento optativo. Em seu bispado, tendo ante os olhos essa necessidade, trabalhou para que fosse concretizado seu projeto. Criou comunidades de base e estabeleceu um instituto formativo. A Igreja latina no Brasil e no mundo não deu os passos oficiais nessa direção, reafirmando o sacerdócio celibatário como modelo único de vivência do ministério sacerdotal. Esse fato, contudo, em termos de recepção acusam que Dom Paulo embebido de o Espírito conciliar pautou uma ideia. Ela foi debatida, mas não suficientemente sorvida. A questão ministerial, ao menos nos moldes propostos por ele, trafegou na esfera do anúncio, do kerigma. Na prática o que foi recepcionado, foi o modelo tradicional de ministério ordenado, preconizado pelo Concílio e não aquele defendido à luz da necessidade pastoral por Dom Paulo. O modelo conciliar estabelecido, deve-se ponderar, não foi detratado pelo bispo de Lins. Antes o contrário, foi instigado e cultivado pela criação de seminários, como foi o caso do instituído em Alto Alegre (SP) ou dos outros fixados no ITEL, entre 1977 e 1979 e, posteriormente em Marília(SP). Não se tratava de uma involução dos postulados

---

<sup>1794</sup> ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato e sua inserção na realidade: o Celibato – a profissionalização. Assembleia da CNBB, 26 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 22, p.1.

<sup>1795</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Uma nova Visão Pastoral? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 33, f. 132, dez. 1973, p. 846-853.

<sup>1796</sup>DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 81. (Negrito no original)

conciliares, mas de uma recepção, a despeito dos sinais do tempo, da letra da conciliar, daquilo que estava estritamente previsto no documento.

A tese de Dom Paulo, conquanto não se tenha aplicado, era um sonho que ele achava plausível:

"I have a dream". Eis o sonho que sonho de olhos abertos. Termino com uma profissão de fé e esperança. Creio firmemente que, ao fim de um processo missionário e educador de fé, assumido e conduzido nos termos da visão de uma Igreja participante da mediação profética, sacerdotal e pastoral de Nosso Senhor Jesus Cristo, tal como a descrevi neste trabalho, haverá de emergir das crises um reflorescimento dos estados cristãos de vida conjugal e celibatária, ambos de dedicação plena à Causa do Reino de Deus. Creio numa rica e multiforme floração de serviços e ministérios eclesiais. Creio que, no topo dessa floração, reaparecerá a mui delicada flor do presbiterato no estado celibatário. Creio também que o presbiterato, assumido no estado conjugal, não conseguirá vingar, manter-se e florir, sem o acompanhamento complementar do presbiterato do estado celibatário. Creio na virtude onipotente do Espírito que confere dons a todo batizado e crismado, mas é preciso saber recebê-los, detectá-los e desenvolvê-los. São talentos emprestados, dos quais deveremos prestar contas ao Doador. Deus anima, inspira, dota, sustenta, ajuda... mas nós fazemos. Um pastor falou.<sup>1797</sup>

#### **4 Vozes dissonantes a recepção capitaneada por Koop**

A recepção do Concílio Vaticano II, protagonizada por Dom Pedro Paulo Koop no Bispado de Lins, perpetrou uma intensa e profunda movimentação na epiderme e na musculatura da diocese, como demonstramos nas sessões anteriores. Desde a vivência litúrgica até o ministério ordenado, passando pela promoção humana e pelo protagonismo laical uma verdadeira convulsão de acontecimentos e fatos se sucederam, imprimindo marcas de uma Igreja com feição conciliar. De fato, mecanismos de colegialidade foram instituídos, o laicato foi alçado a um papel de protagonista; pequenas comunidades eclesiais de base surgiram e favoreceram o alvorecer de novos ministérios; a liturgia, não sem rugas, buscou desenvolver uma linguagem afeita e atenta a realidade noroestina e a dimensão socioeconômica foi confrontada a fim de buscar garantir o valor indelével da dignidade humana. Posturas que, em última análise, decorriam do Concílio e da interpretação dele operada pelo bispo residencial de Lins.

Essa interpretação, não obstante a fidelidade ao espírito conciliar, como presumível, não foi unânime tampouco homogênea e consensual em todos os estamentos

---

<sup>1797</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Uma nova Visão Pastoral? *Revista Eclesiástica Brasileira*. Petrópolis. v. 33, f. 132, dez. 1973, p. 853.

eclesiais e sociais. Oposições, vozes dissonantes, falas contrárias, interpretações avessas ou distorcidas daquilo que Dom Pedro Paulo Koop propunha ou queria, tornaram-se recorrentes. Não eram oposições na linha de diatribes ou debates na seara estritamente acadêmica, mas de posturas prático-pastorais opostas a do Bispo de Lins. Pessoas de dentro ou de fora da Igreja, grupos religiosos ou civis perpetraram, muitas vezes, rechaço ao bispo de Lins e aos seus posicionamentos. Era comum, para algumas instituições eclesiásticas, o titular do sôlio Linense ter que apresentar justificativas de seus atos. Para outros, mormente clérigos, eram flagrantes as dissensões que em algumas situações, o caminho era retirar-se da vida pastoral diocesana por desacordos com os rumos que o bispado trilhava. Enfim, eram posturas que reafirmam a irremediável condição de que todo processo de recepção exige condições socioculturais, disposição de seus atores e, em certo sentido, uma dimensão espiritual para acolher ou não aquilo que é entendido como um dom conciliar.

Nesse sentido, deve-se recordar que antes da proposição na Assembleia conciliar de sua tese, quando consultou o nuncio, via carta sobre seu projeto, foi contraditado em quase todos os seus argumentos<sup>1798</sup>. No interior do Concílio, a postura de Dom Pedro Paulo Koop foi tomada como inadvertida e imprudente ao defender a ordenação de homens casados. Talvez fosse vista como inapropriada e fora do escopo de um debate conciliar, sobretudo após Paulo VI ter retirado da pauta da assembleia e reservado para si a discussão sobre o celibato eclesiástico, assim como fizera com a questão do uso de contraceptivos, como a pílula. Diante da assunção do tema da ordenação de homens, à revelia da vontade do autor, num *pasquim* francês, o Episcopado Brasileiro reagiu de forma dura à tese do Bispo de Lins. Segundo testemunhas oculares,<sup>1799</sup> o bispo de Lins foi duramente atacado, acoimado e recriminado por envergonhar o episcopado do país com sua postura. Caudilho desse rechaço, entre outros, foi o arcebispo do Rio de Janeiro Dom Jaime Câmara Barros. Ele mesmo havia escrito a Paulo VI uma missiva, antecipando o interesse de Dom Pedro Paulo Koop em falar sobre o tema do celibato e contradizendo os dados que por ele seriam apresentados.<sup>1800</sup> A oposição e o natural

<sup>1798</sup>Cf. ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Nuncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 32-36, p.1-5.

<sup>1799</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II: participação e prosopografia - 1959-1965**. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001, p. 43.218-219. Nota 512; BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005, p. 266, Nota 63.

<sup>1800</sup>Cf. BEOZZO, José Oscar. A ordenação presbiteral de homens casados e o celibato eclesiástico: Intervenções episcopais desaparecidas dos Acta Synodalia do Vaticano II. A retomada do tema no Sínodo Pan-amazônico. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 79, n. 313, 20 set. 2019, p. 359-360.



rechaço à postura do bispo holandês, de maneira institucional confirmou-se pouco depois quando, ainda na última sessão do Concílio, liderados por Dom Castro Mayer<sup>1801</sup> e tendo a subscrição de vinte e seis bispos do Brasil, incluindo o presidente da CNBB, Agnelo Rossi, foi apresentada uma reflexão em que se urgia a manutenção do celibato. Para justificar afirmava-se que, uma vez mitigada essa norma, como acontece e testemunham alguns bispos das igrejas orientais, ainda assim seguiria faltando ministros ordenados. Igualmente, caso aumentassem, corria-se o risco de um clero dividido entre o labor pastoral e zelo familiar, cada vez mais esfuziante do ponto de vista econômico. Afirma ainda, que um sacerdote casado teria seu prestígio e seu valor sagrado esmaecido ante o povo e, num mundo cada vez mais marcado por uma cultura hedonista, corria-se risco quanto a fidelidade conjugal e, mais grave ainda, menor seria o atrativo do sacerdócio celibatário. Por fim derroga que seja oferecido qualquer facilidade a quem deixa ou pretender abandonar o sacerdócio, pois isso poderia convergir para uma decisão açodada da parte de alguns em renunciar ao ministério. Essa posição contraditava a todos os argumentos defendidos por Koop. Ademais, a quantidade de bispos que assinavam a intervenção, incluso o arcebispo de São Paulo que era presidente da Conferência Nacional dos Bispos, dava a entender que o titular de Lins havia falado somente em seu nome e não da Igreja no Brasil. A postura de Koop, não era compreendida, nem por aqueles que padeciam da mesma sorte, isto é, a escassez de ministros ordenados.

Em linhas menores e já no Brasil, mas ainda tratando da questão da ordenação de homens casados, multiplicaram-se as incompreensões acerca do que o bispo de Lins realmente pretendia com sua proposta. Na imprensa nacional, o assunto era tratado como se Dom Paulo Koop fosse um paladino do fim do celibato. Ele mesmo, em entrevista a revista de cultura da Editora Vozes, afirmava que “a imprensa latina, a brasileira inclusive, não foi correta para com a [...] [sua] pessoa e intenção. A publicação de trechos apenas de um texto, de per si já bastante condensado, não favoreceu a compreensão”<sup>1802</sup> Ante tal incompreensão, criou-se um arquivo dotado de recortes de jornais, do estudo completo do bispo sobre o ministério sacerdotal na América Latina e uma versão de sua intervenção em latim. O objetivo era ter à mão o máximo possível de dados para dirimir celeumas em torno da questão e, sobretudo, para aclarar o tema para aqueles que não tinham sorvido o real sentido da proposição, ou seja, a desvinculação da norma eclesiástica do celibato ao ministério sacerdotal.

---

<sup>1801</sup>Cf. AS IV/5, p. 295-299.

<sup>1802</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? *Vozes*. a. 60, nov. 1966, p. 903.

Não obstante esse recurso de tentar deixar claro para a imprensa a real intenção da intervenção não pronunciada no Concílio, muitas interpretações distorcidas ainda eram praticadas. À guisa de exemplo, Dom Paulo em visita ao cônego Ramires Lucena, cura da Catedral do Divino Espírito Santo em Bauru, certamente expôs seu ponto de vista sobre a questão do celibato eclesiástico, bem como deve ter falado sobre o catecismo holandês e, ainda sobre o Padre José Eduardo Augusti, que havia sido preso pela ditadura militar. Sobre a conversa, no registro do livro tombo, o cônego deixou anotado sua repulsa e oposição às ideias do antigo irmão de ministério, agora bispo de Lins, dizendo:

Esteve com o Cura da Sé o Exmo. Sr. Dom Pedro Paulo, Bispo de Lins. Está às voltas com o caso do Padre José Eduardo Augusti que foi processado e condenado a um ano de prisão. Segue os ventos da Holanda e defende até a obsessão a tese de padre casado. É preciso o conselho de Paulo a Timóteo: ‘foge também destes’<sup>1803</sup>

O cônego Ramires Lucena, à época vigário capitular de Bauru, por seu registro no Livro tombo da catedral, externa sua ressalva em relação a Dom Paulo. A crítica e a oposição embora não sejam explícitas e públicas, acusam um mal-estar ou uma incompreensão sobre as argumentações do tema. O cura da Sé Bauruense, a um só passo, revela não entender completamente a tese de Dom Paulo sobre o celibato sacerdotal (opõe-se a sua defesa) e ter um olhar indiferente ao caso do padre de José Augusti, preso pela ditadura militar, para quem o titular de Lins buscava reaver seus direitos que haviam sido ab-rogados.

Ainda nessa linha de incompreensões ou de interpretações aquém do que Dom Paulo propunha para a questão do sacerdócio suplementar, alguns exemplos são emblemáticos. Um colaborador, próximo ao bispo de Lins, vindo da Europa, ao receber a carta de aceite para que trabalhasse no bispado noroestino, estranhava que nas derradeiras linhas da missiva, o Bispo fizesse “uma ardente apologia do celibato eclesiástico.”<sup>1804</sup> No momento, o missionário não entendeu a postura do purpurado. O tempo, porém, revelou que se tratava, desde cedo, de reafirmar sua defesa do celibato eclesiástico, visto que muitos sacerdotes o buscavam por causa da inadvertida interpretação de sua posição que fora alçada ao mundo pelas páginas do jornal *Le Monde*, no período conciliar. Esse mesmo sacerdote, para confirmar que a postura do Bispo holandês era de uma defesa enfática do celibato, narra que certa vez “um padre que

<sup>1803</sup>Cf. ACDESB - Livro **Tombo – 3**. Bauru-SP, p. 167. (Negrito nosso)

<sup>1804</sup>ACPMSC-SP- DANS, Hugues. Dom Pedro Paulo Koop: Pai e Profeta. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 2.

pretendia casar-se veio com a namorada pedir uma bênção a Dom Pedro Paulo que ficou tão irritado que a negou. O padre, decepcionado, lembrou então que havia até bênções para cachorro... Mas não adiantou nada!”<sup>1805</sup> Era uma convicção que sua intenção não era abolir a lei eclesiástica do celibato, mas dissolver o aparente inextricável nexo entre vocação sacerdotal e regime celibatário. Como ele mesmo explicou:

Sacerdócio e celibato, elementos afins e mutuamente inspirativos, são distintos entre si. Se por razões altas poderão obrigatoriamente ser vinculados um ao outro, por razões graves e urgentes poderão também ser desvinculados um do outro.<sup>1806</sup>

O bispo de Lins tinha clareza do que propunha, ante a realidade que muitas comunidades viviam na América Latina pela falta de sacerdotes, conseqüentemente da Eucaristia. Sua posição, contudo, não previa o fim do sacerdócio ministerial celibatário. Ora defender o celibato eclesiástico e propor ordenar homens casados, como se faz ainda hoje nas Igrejas de rito oriental, são duas coisas diversas, distintas e não necessariamente contraditórias ou antagônicas. Essa postura, embora tempos depois conquistasse um significativo apoio na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, fez com que ele fosse estigmatizado e definido como um opositor do celibato eclesiástico. Incluso a nunciatura apostólica, em correspondência a ele enviada, em janeiro de 1967, tratando sobre a questão da possível ida de padres Espiritanos e da Sociedade de São Patrício atestava que estes últimos haviam declinado da missão, entre outros pela “interpretação pessimista das declarações que Vossa Reverendíssima fizera sobre o presbiterato para homens casados, e que ecoaram no mundo, ferindo ao que parece a sensibilidade irlandesa.”<sup>1807</sup> Supõe-se que pereceu muitas outras críticas<sup>1808</sup> e, não raro, foi marginalizado por seu

---

<sup>1805</sup> ACPMSC-SP- DANS, Hugues. Dom Pedro Paulo Koop: Pai e Profeta. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 2.

<sup>1806</sup> KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 913.

<sup>1807</sup> Cf. ACDL – Carta da Nunciatura a Dom Pedro Paulo Koop em 12 de janeiro de 1967. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 15, p.1.

<sup>1808</sup> Cf. ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop a nunciatura em 12 de janeiro de 1967. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 16, p.1: Sobre o que a nunciatura afirmou sobre o posicionamento de Dom Paulo ter repercutido ante a sensibilidade irlandesa, ele defendeu-se e mostrou sua reta intenção. Ao mesmo tempo, indagou se a suspeição era dos irlandeses realmente ou se era um rechaço da Pontifícia Comissão para América Latina ao seu posicionamento no Concílio, nas palavras do Bispo: “Do Padre Geral da Sociedade de São Patrício eu recebi uma carta, há pouco, dizendo-me que, por enquanto, não poderá atender ao Senhor Bispo de Lins por falta de elementos disponíveis. **Será mesmo por causa das minhas declarações julgadas extravagantes? Será também que estou sendo mal interpretado nisso pela Pontifícia Comissão para a América Latina? Nosso Senhor tenha piedade de mim.** Deus sabe que são retíssimos os motivos que me levam a propor uma solução que julgo válida, eficiente e urgente para nossa aflitiva situação pastoral. Espero encontrar em Vossa. Excelência um defensor dessa retidão e da ortodoxia das minhas declarações” (Negrito nosso)

posicionamento e tomado, por alguns, como justificativa para não vivência do celibato eclesialístico.

Ainda dentro do processo de recepção do Vaticano II e das opções e interpretações que Dom Paulo Koop imprimiu a esse evento, outras oposições despontaram. No eminente exercício de concorrer para que o bispado fosse marcado por uma fisionomia colegiada, a supressão do cabido gerou controvérsias, causou celeumas e revelou posições contrárias a esse procedimento. O conselho de presbíteros da diocese, fruto das deliberações conciliares surgiu em 1965. Ele apresentou-se como um instrumental a serviço da comunhão diocesana e por isso, como sucessor natural do cabido. Assim, visto que a legislação vigente assentia, entre outras coisas que agremiação dos cônegos deliberassem, em caso de Vacância da Sé diocesana, a constituição do vigário capitular, o Conselho Diocesano reclamou para si essa missão e a fim de dar curso ao seu intento, recomendou o fim do cabido.<sup>1809</sup>

Entre as razões que se arrolavam constava seu o caráter mais representativo, democrático e pastoral. Esse ato, demandaria que os cônegos renunciassem aos seus títulos. Não obstante no livro tomo do cabido, dizer que todos os membros tenham renunciado, em outros lugares diz-se que alguns não concordavam com a renúncia.<sup>1810</sup> Esse simbólico ato empresta base para afirmar que o entendimento de colegialidade do quarto bispo diocesano de Lins, não era unanime. Mais ainda que a supressão do cabido, não resultaria numa efetiva consolidação desse pressuposto conciliar. Essa postura singularizada no ato de não renunciar ao ofício, foi protagonizada pelo cônego João Baptista Toffoli. Esse sacerdote, tempos depois, embora não tenha manifestado por escrito sua contrariedade, revelou-a incluso excardinando-se da diocese de Lins e fixando-se na de Marília, na qual adentrou no cabido que lá não havia sido supresso. Também a figura do Monsenhor José Silveira Barbosa que tinha sido alçado a arcediogo e camareiro secreto do papa<sup>1811</sup> quando da instalação do Cabido, mesmo que num primeiro momento parecesse aceitar a extinção do cabido, também protagonizou episódios que podem ser lidos como oposição velada as ideias de Dom Paulo. Ele, embora não se tenha claro as razões, enquanto ainda se discutia a permanência do órgão dos

---

<sup>1809</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 28; ACDL –. Carta da Sacra Congregatio pro cleris, 13 de januari de 1973 – Port. n. 141450/I **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 153, p.1.

<sup>1810</sup>ACDL – DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 9.

<sup>1811</sup>Cf. ACDL – **Livro Tombo do Cabido Diocesano**. Lins, 1959, p. 4.

cônegos, resignou ao cargo de arcediogo. Tempos depois, afastou-se definitivamente de Lins, incardinando-se na diocese de Taubaté (SP). Os padres Toffoli e Silveira, emblematicamente, emprestam coró a ideia de que, a supressão do cabido, não se configura necessariamente um ode a uma perspectiva colegial.

As divergências entre aquilo que o titular de Lins potencializava enquanto elementos de recepção do Concílio e o que seus interlocutores aceitavam ou entendiam do evento conciliar, não raro, era palco para debates e discussões. Em alguns casos geravam intenso mal-estar e redundava em sacerdotes que se retiravam do bispado com profundas ressalvas ao estilo pastoral impresso por Dom Paulo. Diferente da postura dos cônegos acima mencionados, que ocupavam cargos de destaque e talvez ao verem suas posições e prestígios eclipsado e por isso serem tentados a saírem do bispado, havia sacerdotes que, enleados estritamente com o labor pastoral, assumiam posturas díssonas a do titular de Lins e, em extremo, abandonavam a diocese. Esse foi o caso, como registra o livro do Conselho de Presbíteros do frade que administrava a paróquia de Santo Antônio em Coroados (SP), Frei Fernando Maria de Vinhedo. Em menor escala, mas também opondo-se ao estilo pastoral, encontrava-se o holandês, membro do clero Linense, Padre Bernardo Braakhius que, à época, trabalhava na paróquia Nossa Senhora da Conceição, em Bilac (SP), distante pouco mais de noventa quilômetros da sede do bispado.

Na raiz do registro sobre os sacerdotes e sua posição contra o bispo está a metodologia pastoral. O membro da ordem Franciscana, do que se abstrai das atas do conselho, manifestava “total incompatibilidade na aceitação da pastoral da diocese”<sup>1812</sup> O livro do conselho não testifica quais aspectos da pastoral diocesana eram contestadas pelo sacerdote, contudo afirmava que a situação era tão notória que havia “flagrantes testemunhos de vários vigários”<sup>1813</sup> e de membros de sua própria ordem que atestavam sua descompostura em relação ao plano diocesano. O sacerdote permaneceu no bispado do final de 1966 à metade do primeiro semestre de 1972. Período em que se consolidou o Secretariado Diocesano de Pastoral; criaram-se as Comissões diocesanas (catequese, liturgia, religiosos); se urdiu o Plano Diocesano de Pastoral, formularam-se as Regiões pastorais, instituiu-se o Folheto Todos os Irmãos, estimulou-se a criação de conselhos pastorais paroquiais; fundou-se o IPPH, enfim, uma fase em que a diocese demonstrou inúmeros sinais de vitalidade pastoral à luz do Vaticano. Desse modo, a oposição do Frei, pode-se concluir, era ao modelo de Igreja gerado pelo Concílio, conseqüentemente ao

---

<sup>1812</sup>ACDL - Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I (1949- 1973), p. 38v.

<sup>1813</sup>ACDL - Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I (1949- 1973), p. 38v.

bispo que o propunha. Como resultado, o frade retirou-se do bispado indo atuar na diocese de São José do Rio Preto (SP). Queixa similar é registrada sobre o Padre Bernardo Braakhuis. Um ano após a saída do membro da ordem Franciscana, o conselho afirma que o sacerdote “pastoralmente está continuando o Frei Fernando”<sup>1814</sup> ou seja, opondo-se a pastoral diocesana nos moldes do Vaticano II. A resolução, antes de uma postura efetiva do conselho ou do bispo, seria uma conversa entre o padre e um dos membros do organismo que substituiu o cabido diocesano. Embora não seja possível determinar com exatidão a crítica feita a Dom Paulo ou ao seu projeto de uma diocese que espelhasse a imagem do Vaticano II, atesta-se que o modo como caminhava o bispado de Lins, aos olhos de alguns, não parecia ser a melhor maneira de dar curso a uma renovação, ou talvez, confirme que na raiz da oposição dos sacerdotes estava numa recusa àquilo que o Concílio havia gerado na Igreja.

Oposição um pouco mais acentuada e talvez mais articulada, ao bispado de Lins, conseqüentemente, a Dom Paulo Koop foi protagonizada pelo movimento do Cursilho de Cristandade. As críticas gravitavam em torno da opção por uma pastoral popular, de questões ligadas a ministros ordenados e a afirmação de que, parcela da Igreja – os mais ricos – haviam sido alijados de uma assistência pastoral e que tudo isso tinha a anuência do bispo. Embora os embates se dessem em várias paróquias, a cidade de Andradina foi o epicentro simbólico dessa cizânia. Dom Pedro Paulo, em sua carta pastoral de 1967, exortou que todas as associações e movimentos religiosos em seu bispado, incluso os cursilhistas, fossem potencializados e atualizados à luz do Vaticano II.<sup>1815</sup> Depositava esperanças neles. Contudo, já em 1969 o Conselho de presbíteros afirmava que os cursilhistas precisavam de reorientação “no sentido de evitar a desvirtualização do movimento.”<sup>1816</sup> A temperatura das observações, paulatinamente, foi aquecendo-se, sobretudo em razão dos cursilhistas não atenderem a orientação do bispado e se proporem ser uma pastoral de elites.<sup>1817</sup> Uma rusga com a linha pastoral diocesana de Lins foi se consolidando. Em consequência, o conselho detém-se a estudar o movimento<sup>1818</sup> e Dom Paulo defende que ele seja acompanhado,<sup>1819</sup> mas o desdobramento final é que fosse

---

<sup>1814</sup>ACDL - **Livro dos consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I** (1949- 1973), p. 50v

<sup>1815</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral:** Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1997, p.4.

<sup>1816</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – I** (1949- 1973), p. 21v.

<sup>1817</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – I** (1949- 1973), p. 47v.

<sup>1818</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 14v.

<sup>1819</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 24.

supressa todas as atividades do movimento por um tempo, a título de reformulação.<sup>1820</sup> As deliberações diocesanas foram muito pouco ouvidas, os cursos seguiram seu ritmo e o movimento caminhava alheio a muitas das diretrizes do bispado, conseqüentemente, opondo-se ao Concílio e as interpretações que dele eram feitas. Tempos depois se dirá que eles, como outros movimentos, se constituíram, “pastorais paralelas.”<sup>1821</sup>

Nessa linha o Cursilho de Crisandade, na cidade de Andradina, onde o movimento gozava de forte estrutura incluso com um subsecretariado próprio, as oposições cristalizaram-se e assumiram formas concretas, incluso com queixas a nunciatura. Ao que tudo indica, a opção da diocese de Lins por uma pastoral popular,<sup>1822</sup> causou dificuldades com muitos cursilhistas, não raro abastados.<sup>1823</sup> Em uma resposta de Dom Paulo aos cursilhistas, descobre-se que eles se ressentiam de terem sido abandonados, afirmavam que havia explícita crítica às classes sociais mais elevadas e defendiam que a opção pelos pobres fomentava uma espécie de luta de classes. Em conseqüência, deixaram de pagar o dízimo e passaram a fazer oposição e críticas aos padres que, conjuntamente, regiam as paróquias da cidade. Definitivamente uma opção pelos pobres parecia não ser aceitável em Andradina, mormente na paróquia São Sebastião, que estava no centro da cidade.

Somou-se a isso, o fato de que padres dispensados das obrigações ministeriais por deliberação do clero e do bispo, haviam assumido funções de coordenação pastoral na cidade. O excesso de alguns que, a despeito da orientação dada, presidiram a Eucaristia,<sup>1824</sup> causou ainda maior estupefação e forneceu maiores razões para críticas por parte dos cursilhistas. Dom Paulo, mesmo defendendo uma desvinculação entre ministério sacerdotal e celibato, sem deixar de manifestar apoio ao clero em Andradina reprovou a conduta. O cursilho, contudo, não satisfeito com a postura do bispo diocesano e, certamente, descrendo de sua idoneidade, levaram o assunto a ciência de Dom Antônio

---

<sup>1820</sup>Cf. ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Carta do Bispo de Lins ao secretariado diocesano de Lins dos Cursilhos de Crisandade sediados em Araçatuba. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 74, p.1-7.

<sup>1821</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – III** (1977- 1983), p. 32v.36.

<sup>1822</sup>ACDL – KOOP, Pedro Paulo. Carta do Bispo de Lins ao secretariado diocesano de Lins dos Cursilhos de Crisandade sediados em Araçatuba. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 74, p.1.5; ACDL – CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Primeira Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.7.12.

<sup>1823</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 33.

<sup>1824</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 26; KOOP, Pedro Paulo. Carta do Bispo de Lins ao secretariado diocesano de Lins dos Cursilhos de Crisandade sediados em Araçatuba. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 74, p.7.

Barbosa, bispo de Campo Grande - à época, divisa com Lins – ao secretário Nacional dos Cursilhistas e, por fim, à nunciatura apostólica.<sup>1825</sup> Esta última, inclusive, requereu explicações do ordinário do sólio Linense.

Em síntese, o caso dos cursilhistas em Andradina revelam um aspecto mais denso da oposição ao bispo de Lins. Não se trata de uma pessoa, mas de um movimento articulado, um grupo que concatenava suas críticas e tornava-as ainda mais ruidosas. Por entender a estrutura eclesial, denunciavam a bispos ao redor, a lideranças nacionais do movimento e, particularmente, à nunciatura. O modo de criticar, por um lado, e sobretudo para a representação pontifícia no Brasil, embora tivesse fatos, caminhava na direção de acusar o bispo de Lins de ser leniente com o ministério ordenados, com a eucaristia e com o celibato. De outro lado, a oposição reside, perpetrada por um grupo em geral rico, de rechaço da opção do bispado pelos empobrecidos. Soava inconciliável, ricos e pobres, codividindo a mesma Igreja, e particularmente se estes últimos tivessem protagonismo ou atenção.

Dom Paulo Koop também, enfrentou dificuldades e incompreensões no seu projeto de promoção e transformação social. Sua posição delineada nos moldes inspirados pelo Vaticano II, mas aprofundada na perspectiva Latino Americana foi rotulada como - muitos outros bispos também foram - de ater-se a propósitos comunistas, de defender teses marxistas. O bispo de Lins, em seu projeto, buscava interferir concretamente na realidade noroestina, criando processos de transformação dos aspectos sociais e econômicos da realidade,<sup>1826</sup> sobretudo na região que ele julgava espoliada pelas vicissitudes históricas, da mudança da agricultura para a agropecuária. O INTEC e o IPPH, constituíram-se desse modo, catalisadores desse processo de transformação social. Essa postura reafirmava a deliberada opção da Igreja em Lins por uma pastoral popular que tinha como foco os empobrecidos. Inevitavelmente, num período de florescimento da Teologia da libertação, a proposta da diocese noroestina consubstanciava-se nessa teologia contextual.<sup>1827</sup> As ações, decorrentes dessa opção, favoreciam uma emancipação das pessoas, uma consciência de deveres e direitos, uma crítica natural a sistema político e social. Para alguns isso, incluso na Igreja, soava como fermento a luta de classes, oposição entre grupos. Para outros, sobretudo mecanismos

---

<sup>1825</sup>Cf. ACDDL -KOOP, Pedro Paulo. Carta da Nunciatura Apostólica ao Bispo de Lins em 12 de Janeiro de 1978. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 155, p.2-3.

<sup>1826</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 73; DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 61.

<sup>1827</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 68.



da Ditadura Militar, comportava elementos de marxismo. Por essa razão, similar a muitos outros bispos brasileiros, Dom Paulo foi rotulado de comunista pela ditadura.<sup>1828</sup> O bispo de Lins, mesmo que tacitamente, defendia-se dessas críticas e argumentava sobre sua postura. No relatório quinquenal de sua diocese afirmou “quando se fala de teorias marxistas, ateístas e de pessoas que se põem a ordem política, no fundo o problema crucial é a INJUSTIÇA.”<sup>1829</sup> Bem mais que uma postura rubra no bispo diocesano, subjazia em seus interlocutores o medo de admitir seus pecados de cunho social. Contudo, era uma crítica que muitas vezes faziam às posturas assumidas pelo bispado situado a noroeste de São Paulo.

Não só críticas Dom Paulo havia recebido por sua interpretação do Concílio, mas interpretações alheias e estranhas ao queria ou propunha. Insere-se nesse perfil, entre outras coisas, a incompreensões quanto ao suscitar de novos modelos ministeriais, particularmente o sacerdotal. Algumas iniciativas caminhavam numa linha, por vezes, turva em relação ao que o bispo defendia. Como emblemático e ilustrativo dessa postura, podemos citar dois fatos. O primeiro, que amalgama dois episódios, é relativo à celebração da Palavra e da Eucaristia. O segundo, concerne à necessidade de ordenação sacerdotal para presidir o mistério Eucarístico. Numa comunidade do Bispado, na cidade de Araçatuba, um diácono, dentre os primeiros ordenados na diocese, ao final da celebração da palavra distribuiu Eucaristia a todos os presentes “inclusive a crianças de três e quatro anos.”<sup>1830</sup> O assunto foi pauta na reunião do conselho. Os membros achavam improcedente a situação. O bispo advertiu “que era necessário distinguir o pão comum do pão Eucarístico e que dar a todo mundo sem preparação era chocante, falta de respeito.”<sup>1831</sup> Urgia, por isso uma mais dilatada formação para os diáconos e para a comunidade. A outra ocorrência diz respeito à questão da presidência da Eucaristia por João Carlos (Giancarlo) Olivieri. Ele, que era religioso salesiano, havia deixado a congregação e atuava em Lins. Tempos depois, deixou o ministério e foi suspenso de ordens, contudo, continuou servindo ao bispado atuando na pastoral, incluso coordenando atividades em Andradina, para consternação dos membros do cursilho. Nessa condição,

---

<sup>1828</sup>SÃO PAULO. Secretaria de Segurança Pública. Informação Nº 97/74. Petrus Johannes Koop ou Pedro Paulo Koop (DOM), Data-22.03.1974. In DOSSIÊ DEOPS/SP-50-E-30, Doc. N. 277, pasta 03, ficha 50-Z-32:3466.

<sup>1829</sup>Cf. DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 43. (Destaque no original)

<sup>1830</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 24.

<sup>1831</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 24.

ele presidiu a Eucaristia na matriz sob o orago de Nossa Senhora das Graças.<sup>1832</sup> A ação repercutiu negativamente em toda diocese e para além dos umbrais do bispado.<sup>1833</sup> Dom Paulo consultou o conselho que se mostrou contrário a situação e urgia uma avaliação *in loco* do que havia acontecido. Como resolução, ele afirmou ao sacerdote suspenso de ordens que, embora ele desempenhasse grande papel pastoral, que ele “não está em condições de permitir, de acordo com as leis vigentes, que alguém dispensado de ordens presida a Eucaristia e a Penitência.”<sup>1834</sup>

O último fato foi protagonizado por Frei Pedro Nozela, OFM. Ele era membro do Conselho de Presbítero do bispado, vigário episcopal da Região de Penápolis e junto com o Padre Eugênio Saleme tinha sido enviado a Andradina que, além de dificuldades relativas à Eucaristia e a sacerdotes, vivia uma crise com os cursilhistas que acusavam a Igreja de se opor ao movimento, com já mencionado. Nesse contexto de falta de ministros, o frade questiona diretamente a Dom Pedro Paulo se realmente no futuro existiria um novo modelo sacerdotal. Assomou a sua indagação uma proposta, que se o frei não tinha ciência, antecipava o argumento de Schillebeeckx, contestado pela Congregação da Doutrina da Fé sobre a possibilidade, mesmo sem ser ordenados, de que leigos pudessem celebrar a Eucaristia.<sup>1835</sup> Nas palavras do Franciscano: “Por que não deixar os leigos assumirem [a presidência da Eucaristia].”<sup>1836</sup> O bispo, mesmo sendo um inveterado leitor do Jesuíta belga,<sup>1837</sup> refutou o argumento, opôs-se a tese do franciscano e reafirmou sua posição acerca do ministério sacerdotal e da lei do celibato:

Sr. Bispo [Dom Pedro Paulo Koop, M.S.C] refutou a opinião de Pedro [Nozela, OFM]. A presença do presbítero é necessária. Infelicíssima é a lei que vincula o celibato ao presbiterato. Leigos celebrar a Eucaristia é confundir os sacramentos.<sup>1838</sup>

Os três exemplos, não caracterizam uma oposição deliberada ao bispo de Lins, contudo revelam um entendimento equivocado do que ele e o Concílio pudessem estar propondo. O valor da Eucaristia e a necessidade do ministro ordenado nunca foram postos em xeque por Dom Paulo. A Eucaristia, na perspectiva do Bispo holandês, é o centro da

<sup>1832</sup>Cf. ACDL - Conselho de presbíteros – II (1973- 1977), p. 26.

<sup>1833</sup>Cf. ACDL -KOOP, Pedro Paulo. Carta da Nunciatura Apostólica ao Bispo de Lins em 12 de janeiro de 1978. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 155, p.2-3.

<sup>1834</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – II (1973- 1977), p. 26v.

<sup>1835</sup>CONGREGAÇÃO DA DOUTINA A FÉ. **Documenta**: Documentos publicados desde o Concilio Vaticano II até os nossos dias (1965-2016). Edições CNBB: Brasília, 2017. p. 250-251.

<sup>1836</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – II (1973- 1977), p. 33v.

<sup>1837</sup>Cf. ACPMSC-SP- DANS, Hugues. Dom Pedro Paulo Koop: Pai e Profeta. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha, 3.

<sup>1838</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – II (1973- 1977), p. 33v.

comunidade e marca distintiva de sua eclesialidade.<sup>1839</sup> Devem ter, por isso, todos os fiéis direito ao sacramento, ainda que mediado por uma preparação. O ministro ordenado é o viés de acesso a Eucaristia.<sup>1840</sup> Dom Paulo discutia o modelo de ministro ordenado e defendia que não existisse uma relação de causa e efeito entre ministro ordenado e celibato<sup>1841</sup> e, em alguns momentos, sustentava inclusive que o ministério poderia ser conferido a homens, mulheres, celibatários ou não, em regime parcial ou total de entrega a essa função.<sup>1842</sup> Nota-se que as ideias de Dom Paulo, conquanto claras, eram passíveis de interpretações que iam além do que ele havia proposto.

## 5 **Epílogo:** outra vez a colegialidade, a sucessão

Não por coincidência ou diletantismo, mas por uma consciência forjada pelo tónus conciliar, quando o debate sobre a questão da colegialidade ainda era seminal nos umbrais do Concílio, Dom Pedro Paulo Koop fez questão de dizer que gostaria de reger o bispado de Lins de maneira colegiada, “*collegialiter*.”<sup>1843</sup> Ao final do Concílio, entre outras coisas, o bispo holandês afirmava quase que de maneira ufanista, que o evento que se encerrara, havia se tornado um dos maiores da história, entre outras coisas, por vicejar o aspecto colegial da Igreja.<sup>1844</sup> Nesse sentido, não só por palavras, mais por gestos e atos, ele buscou dar curso ao que propunha, consolidar o que lhe parecia ser uma nota alvissareira redescoberta pela Igreja. Ora, mecanismos como o conselho de presbíteros, de pastoral ou assembleias diocesanas dotadas de voz ativa na condução do bispado ou ainda, a convocação de todas as forças vivas da diocese para deliberarem sobre seus passos, se não é colegialidade no sentido daquela atribuída aos bispos, o é no sentido da comum dignidade dos batizados que são chamados a codividir a responsabilidade pelo Evangelho e pela Igreja. Nesse sentido, pode-se dizer que o processo de recepção do Vaticano II, ao menos sob a chancela do Bispo Missionário do Sagrado Coração, em muitos aspectos foi marcado pela busca de viver uma colegialidade pastoral. Como

---

<sup>1839</sup>KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 874.

<sup>1840</sup>KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 874; KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 905.

<sup>1841</sup>KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados? **Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 913.

<sup>1842</sup>KOOP, Pedro Paulo. Uma nova Visão Pastoral? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 33, f. 132, dez. 1973, p. 854.

<sup>1843</sup>ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.106.

<sup>1844</sup>Cf. AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

derradeiro ato dessa opção, são emblemáticos os meandros da sucessão episcopal do sólio Linense.

Em agosto de 1976, quando Dom Pedro Paulo somava doze anos a frente do bispado e setenta e um de vida, iniciaram-se tratativas em vista de uma possível sucessão.<sup>1845</sup> Pode-se dizer que, há quatro anos da canônica necessidade de renunciar, subjazia uma tácita preocupação com a continuidade do trabalho, com a concretização do projeto de evangelização implementado nos anos após o Concílio. Um cuidado, talvez para que a recepção se tornasse, bem mais do que um anúncio, uma prática visto que este último nível requeria mais tempo. O projeto era solicitar à nunciatura um coadjutor com direito a sucessão. Preferencialmente alguém que conhecesse a realidade e estivesse envolvido com o universo particular do bispado de Lins. O escolhido deveria ser, ao menos ao que parece, um membro do presbitério diocesano ou alguém que tivesse uma relação com essa *Sé*.

No conselho de presbíteros, reunido em agosto de 1976 essa questão foi pautada.<sup>1846</sup> A discussão foi proposta pelo próprio bispo diocesano. Dentro do perfil presumido de alguém ligado a vida da diocese, foi indicado o presidente do conselho, Padres Orides José Fraçoni.<sup>1847</sup> Sua indicação decorreu de consulta que Dom Paulo fez ao seu presbítero. O padre indicado recebeu votos de todos os presbitérios da diocese, exceto o dele próprio.<sup>1848</sup> À época, o sacerdote era o vigário responsável pelas paróquias de Andradina (SP) e de Murutinga do Sul (SP), mas já tinha atuado como reitor do seminário, secretário particular de Dom Gelain, coordenador da Região Pastoral de Penápolis e fazia parte do grupo que renunciou ao cabido, quando da sua extinção. A julgar pelos predicados, era alguém enraizado na realidade da diocese de Lins, quisto pelo presbitério e comprometido com o processo que vinha sendo realizado no bispado. Perfil apropriado para uma sucessão tranquila e consentânea ao princípio da colegialidade e/ou da ideia de que a Igreja local pode e deve suscitar seus próprios ministros, incluso o bispo.

Ato seguinte à indicação foi a preparação do *Curriculum Vitae* do escolhido. Competiu ao Vigário Geral, Mons Luiz Passeto, delinear as linhas mestras da história do

<sup>1845</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 32v.

<sup>1846</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 32v.

<sup>1847</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 32v: “Finalizando o sr bispo levantou o assunto sobre sua sucessão como bispo da diocese. Vai apresentar o nome de Pe. Orides à CNBB e Nunciatura, como coadjutor com direito a sucessão. Mons. Luiz [Passeto, Vigário Geral] deverá fazer seu curriculum Vitae”

<sup>1848</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Aos Senhores bispos da CNBB- Sul I em reunião privativa durante a assembleia de 1977 em Itaici. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 172, p.1.

candidato que aquela altura contava com quarenta e nove anos e uma extensa lista de funções desenvolvidas na diocese. Em março de 1977, Dom Pedro Paulo Koop, apresentou ao núncio sua intenção de solicitar um coadjutor, na figura do Padre Orides, antes pedira o endosso do Regional Sul I da CNBB para seu candidato.<sup>1849</sup> Na estada na nunciatura, além de convidar o representante do Papa para presidir o encerramento do ano Missionário<sup>1850</sup> com o qual concluía o jubileu áureo da diocese, entregou-lhe o currículo do pretendido candidato ao múnus de coadjutor.<sup>1851</sup> Agregou a essa informação, como registrou livro do conselho de presbíteros que postura similar, isto é, a de comunicar sua decisão aos bispos do Regional em julho<sup>1852</sup> e a Congregação para os bispos em Roma.<sup>1853</sup>

Não obstante o pedido explícito de Dom Paulo Koop de gozar de um coadjutor com direito a sucessão fosse claro e tivesse um candidato apto e quisto para função pelo próprio presbitério, esse percurso seria um pouco mais longo. A excitação com processo de sucessão, naquele momento parece ter soçobrado, encontrado alguma dificuldade. O bispo de Lins, incluso em dezembro daquele mesmo ano que havia iniciado as tratativas com o núncio, comunicou ao clero que pediria “o cancelamento do processo de sua sucessão na diocese e pretende ficar como bispo diocesano até 1980.”<sup>1854</sup> As razões para essa desistência gozam de uma pequena documentação material e usufruem de testemunha ocular que narra os fatos que concorreram para que, ao menos temporariamente, a sucessão fosse suspensa.

Segundo um colaborador<sup>1855</sup> estrito de Dom Paulo, o assunto da sucessão do bispado de Lins, quando mencionado com o Núncio Apostólico, Monsenhor Carmine Rocco, causou confusões. O núncio, por deliberada opção ou por outras razões, entendeu ou aproveitou para entender, que o bispo holandês estava renunciando ao seu ofício na diocese. Apressou-se desse modo, em nomear um novo ordinário local para o bispado. Enviou uma carta afirmando a Dom Paulo que, por ocasião do encerramento do ano

---

<sup>1849</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Aos Senhores bispos da CNBB- Sul I em reunião privativa durante a assembleia de 1977 em Itaici. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 172, p.1: “Dois anos atrás, fiz consulta a todo o clero da minha diocese, durante assembleia geral do mesmo, pedindo que me indicassem três nomes de preferência para minha sucessão [...]Na votação, entretanto, o candidato que estou apresentando, o Padre Orides Fraçoni, tem um único voto contrário: o seu!”

<sup>1850</sup> Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 45v.

<sup>1851</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 38v.

<sup>1852</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 38v-39.

<sup>1853</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – II** (1973- 1977), p. 40v

<sup>1854</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – III** (1977- 1983), p. 1v.

<sup>1855</sup>Cf. FERREIRA, Reuberson. **Entrevista com José Oscar Beozzo sobre aspectos da vida de Dom Pedro Paulo Koop**. São Paulo, 14.ago.2019.

Missionário, iria a Lins para, a um só passo, celebrar o cinquentenário da diocese e dar posse ao novo bispo que seria o, à época auxiliar da Arquidiocese de São Paulo, Dom Benedito Ulhôa Vieira. Dom Paulo, por meio de carta dirigida ao núncio, demonstrou-se insatisfeito com as deliberações que ele propunha e insistia na sucessão nos moldes que ele havia sugerido, pois se “não houvesse candidato local, compreende-se escolher alguém de fora. Mas havendo um do porte do meu candidato, o Padre Orides Fraçoni, indicado na linha da orientação da Santa Sé, por corresponder às exigências do lugar”<sup>1856</sup> qual seria então a necessidade de um outro bispo, parecia indagar.

O ato era, canonicamente, anômalo, pois nem idade, tampouco fragilidade física poderiam ser arrolados como pretextos para retirar Dom Paulo. Fiando-se no seu colaborador que redigiu uma carta, enviou-a ao núncio recusando o indicado e desconvidando o representante do papa para o encerramento das festividades diocesanas. De próprio punho,<sup>1857</sup> acrescentou no texto o que já tinha posto no corpo da carta: *Memento Botucatu*. Aludindo a complexa sucessão ocorrida na sede da província eclesiástica, pouco menos de dez anos antes, na qual, por não ter sido respeitado a vontade do presbitério, gestou-se uma das mais agudas crises na Igreja, no interior paulista.<sup>1858</sup> De fato, nem o sucessor se apresentou, nem o núncio foi a Lins. A questão, ao menos naquele momento, era causa finita.

Dois anos após a malfadada tentativa de lograr um coadjutor e já na eminência de completar seu prazo para apresentar o pedido de renúncia, voltou à baila a discussão sobre a sucessão. Outra vez, Dom Paulo quis que o presbitério assumisse com ele o protagonismo dos novos rumos da diocese. Pediu-lhes, por isso que apresentassem, além do nome já sugerido – Padre Orides Fraçoni – indicações de bispos que pudessem assumir a diocese, pois julgava-se que podia haver interesse de que a nunciatura preferisse para Lins, bispos mais calejados.<sup>1859</sup> Em março de 1979 foi realizada uma reunião do conselho de presbíteros e foram indicados nomes para sucedê-lo. Entre os ventilados, foram citados os auxiliares de São Paulo, Luciano Mendes de Almeida, Angélico Sândalo Bernardino, Celso Queiroz e o titular de Santo André, Dom Cláudio Hummes.<sup>1860</sup> Esses nomes seriam

---

<sup>1856</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Núncio Apostólico, 08 de setembro de 1977. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 169, p.2.

<sup>1857</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Núncio Apostólico, 08 de setembro de 1977. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 169, p.3.

<sup>1858</sup>Cf. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes?** O caso de Botucatu. Editora Santuário: São Paulo, 1996.

<sup>1859</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – III** (1977- 1983), p. 24v.

<sup>1860</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – III** (1977- 1983), p. 16v.

ainda apresentados às regiões episcopais e, depois, ao bispo para finalmente irem para a nunciatura. Tratava-se de um processo longo, mas debatido em todas as instâncias do bispado, expressão de corresponsabilidade.

Em agosto desse mesmo ano, a questão volta a ser debatida. Dom Pedro pondera que ainda há tempo para finalizar esse processo. Não obstante, ele compromete-se em conversar com Dom Paulo Evaristo Arns sobre o assunto, pois três dos quatro sugeridos eram seus auxiliares.<sup>1861</sup> Em certa medida a celeridade com que o conselho queria discutir a questão era que, podiam estar em curso processos para indicar alguém para o bispado que “não está na escolha da diocese”<sup>1862</sup> visto que Lins era “visada.”<sup>1863</sup> De fato, a preocupação era real. O núncio, inadvertidamente, como já aludimos, tentou enviar um bispo alheio à vontade do bispo e do presbitério.<sup>1864</sup> Uma carta da congregação para os Bispos a Dom Paulo, logo após ele enviar a lista dos seus indicados e posteriormente cobrar a nomeação do bispo, deu a entender que, mesmo sem prescindir da sua sugestão deveria ficar claro que “o juízo do interessado – certamente muito respeitável – do bispo primeiramente interessado deve ser confrontado com o parecer dos outros bispos e principalmente com as diretrizes da Santa Sé.”<sup>1865</sup> Ajuntou à sua resposta uma cobrança acerca de cartas chegadas a Roma que davam conta das celebrações feitas e da assistência dada por sacerdotes dispensados das obrigações ministeriais em Andradina, já mencionadas. Ademais alertava que “pode acontecer que ao pensar-se na sucessão do pastor diocesano, a ideia de mudança ou correção de rumo deva prevalecer sobre aquela da continuidade na mesma linha.”<sup>1866</sup> Embora, no tempo, os padres não tivessem essas informações, intui-se que poderia haver vozes descontentes com o bispado de Lins que urdiam uma guinada centralizadora nessa Igreja, como se viu em toda América Latina a partir da década de oitenta. Sob esse temor que se ventilou o nome de mais um bispo, além dos do Estado de São Paulo, Dom Luiz Colussi,<sup>1867</sup> que à época era auxiliar de Londrina (PR).

---

<sup>1861</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 23v.

<sup>1862</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 23v.

<sup>1863</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 24v.

<sup>1864</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Núncio Apostólico, 08 de setembro de 1977. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop.** f. 169, p.2.

<sup>1865</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta da Congregação para os bispos a Dom Paulo, 12 de janeiro de 1978. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop.** f. 155, p.2.

<sup>1866</sup>KOOP, Pedro Paulo. Carta da Congregação para os bispos a Dom Paulo, 12 de janeiro de 1978. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop.** f. 155, p.2.

<sup>1867</sup>Cf. ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 24v.

Em setembro de 1979, Dom Paulo Koop, tratou com o cardeal de São Paulo os termos da sucessão, mormente por conta da indicação de alguns dos seus auxiliares. A questão foi arrolada para privativa dos bispos do regional.<sup>1868</sup> Na reunião, embora não se tenha acesso a atas ou a dados dela, pode-se dizer que os nomes indicados pelo bispo de Lins ganharam endosso do Episcopado do Regional, excetuando aqueles que auxiliavam a arquidiocese paulopolitana. Assim, em novembro daquele mesmo ano,<sup>1869</sup> foi enviada carta à nunciatura, com os seguintes nomes:

1. Dom Luiz Colussi, atualmente bispo auxiliar do Senhor Arcebispo de Londrina, Dom Geraldó Fernandes, C.M.F.;
2. Padre Mário Donato Sampaio, da Diocese de Sorocaba, atualmente Subsecretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Brasília;
3. Cônego Orides Fraçoni, da Diocese de Lins, atualmente Pároco em Andradina e membro do Conselho Presbiteral;
4. Monsenhor Geraldo Eugênio Saleme, da Diocese de Lins e, atualmente, Vigário Geral da Diocese de Lins<sup>1870</sup>

Na nova lista, volta a figurar o nome do indicado do clero, escolhido de Dom Paulo Koop. Dos outros, segundo correspondência enviada a nunciatura,<sup>1871</sup> apenas Dom Luiz Colusi era realmente novo, pois os demais já eram conhecidos da indicação feita anteriormente pelo bispo de Lins – a qual não tivemos acesso. O Auxiliar de Londrina, contudo, tinha assentido a proposta, gozava igualmente de total apoio do Regional Sul I, da Província Eclesiástica, restando apenas consulta ao Papa.<sup>1872</sup> A juízo do titular do sólio Linense, contribuía esses fatos para uma célere escolha e para um período de convívio entre os dois bispos facilitando a transição.

Não obstante esse cenário, Dom Carmine Rocco, propôs uma nomeação somente após Dom Paulo Koop completar setenta e cinco anos.<sup>1873</sup> Contra isso, o bispo de Lins bradou fortemente, exigia que pudesse fazer uma transição codividida e tranquila com o seu sucessor.<sup>1874</sup> A proposta do nuncio, muito embora repousasse num argumento sólido de que era necessário tempo para as devidas consultas, a exemplo do que fora feito quando

<sup>1868</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 25v.

<sup>1869</sup>ACDL - Conselho de presbíteros – III (1977- 1983), p. 27v.

<sup>1870</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Nuncio Dom Carmine Rocco, 16 de novembro de 1979. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 158, p.2.

<sup>1871</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Nuncio Dom Carmine Rocco 24 de dezembro de 1979. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 158, p.1.

<sup>1872</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Nuncio Dom Carmine Rocco 24 de dezembro de 1979. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 158, p.1.

<sup>1873</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta de Nuncio Dom Carmine Rocco a Dom Pedro Paulo Koo, 18 de dezembro de 1979. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 163, p.1.

<sup>1874</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Nuncio Dom Carmine Rocco 24 de dezembro de 1979. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 158, p.1.



do primeiro pedido, soava com uma tentativa de controlar o processo e evitar uma aproximação (influência) de Dom Paulo com o novo bispo. O anúncio do sucessor ainda levou três meses para ser finalizado. Em março de 1980, Dom Paulo foi informado que seu coadjutor havia sido escolhido. Não era, como sinais já vinham sendo dados, o escolhido do presbitério tampouco de Dom Paulo, mas também não era um alheio a sua lista quaternária. Tratava-se do último sugerido, primeiro da lista, Dom Luiz Colussi, auxiliar de Londrina.<sup>1875</sup> O ciclo sucessório, cumpria-se. Dom Paulo, daquele ponto, rumaria em viagem para Europa, celebraria seu jubileu de ordenação sacerdotal e depois voltaria para Lins, quando finalmente renunciaria e entregaria o ofício ao seu sucessor.<sup>1876</sup>

De fato, Dom Paulo partiu para Europa em 30 de julho para celebrar seu jubileu de ouro sacerdotal. Antes, deu posse no ofício de coadjutor a Dom Luiz Colussi em 25 de maio daquele ano,<sup>1877</sup> deixando-o a frente do bispado durante sua ausência. Retornou ao bispado, na primeira metade do segundo semestre do mesmo ano,<sup>1878</sup> transmitiu o cargo ao seu sucessor em dez de outubro<sup>1879</sup> e, no dia seguinte, publicou-se a notícia que o papa havia aceitado sua renúncia.

O processo de sucessão no bispado de Lins, a exemplo do dia em que Dom Paulo Koop adentrou na diocese, em março de 1964, caracteriza-se como emblemático epílogo da recepção conciliar. Pode ser lido com um derradeiro esforço, feito pelo bispo holandês, em favor dos postulados do Concílio. Ele queria que o processo fosse colegiado e que a Igreja local de Lins, na qual está a plenitude da Igreja universal, fosse capaz de gestar seus ministros, incluso seu próprio bispo. Para tal, consultou seu presbitério, logrou um consenso e apresentou à nunciatura sua proposta. Razões adversas, conjunturas eclesiais alterando-se resultaram numa primeira tentativa fracassada. Numa segunda tentativa, malgrado não ter sido escolhido o candidato proposto desde o princípio pelo presbitério, ao menos foi escolhido um dos indicados por eles, presentes na lista quaternária. O processo como um todo, aponta para uma iniciativa, embora frustrada no *modus operandi*, de consolidar um aspecto da recepção prática, avançando do anúncio (Kerigma) para uma ação concreta, isto é, transformando o discurso sobre colegialidade e a teologia da Igreja

---

<sup>1875</sup>Cf. KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Nuncio Dom Carmine Rocco, 25 de março de 1980. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 166, p.1.

<sup>1876</sup>Cf. ACDL - **Conselho de presbíteros – III** (1977- 1983), p. 28v.

<sup>1877</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.197.

<sup>1878</sup>ACDL - **Conselho de presbíteros – III** (1977- 1983), p. 28v.

<sup>1879</sup>Cf. ACDL - **Livro tomo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.200.

local, numa regra assumida de tal modo que ela se transformasse em algo constitutivo, algo próprio, conatural ao modo de ser e atuar da Igreja.

### 5.1 Seus últimos dias na “Amada diocese de Lins”

Após passar o cargo à Dom Luiz Colussi, Dom Pedro Paulo ainda permaneceu por mais três anos em Lins. Deixou o Palácio Episcopal para morar com a sua sobrinha Elisabeth Koop, no bairro do Junqueira em Lins. Nesse período testemunhou a precipitada e repentina saída do seu primeiro sucessor. Partiu, contudo, um pouco antes da nomeação do Salesiano Walter Bini, para a diocese. Retirou-se de Lins em oito de março de 1984. Sua saúde debilitada reclamava que buscasse tratamento mais eficaz. Regressar à sua terra natal soava como uma opção viável e necessária. Voltou, desse modo, para Holanda e foi residir na comunidade dos Missionários do Sagrado Coração em Tilburg, a mesma cidade que há mais de meio século, havia lhe acolhido como estudante no Seminário Menor (Escola Apostólica). Ele voltou para os países baixos e, doravante, colocava-se como membro da província que lhe formara e enviara para a missão.

Assim sendo, em março do ano passado (1984), forçado por mal cardíaco e idade avançada a partir do Brasil, com meio século de ministério pastoral nele, voltei à Holanda e escolhi para residência a Comunidade KBØ (para religiosos MSC idosos), em Tilburg, na Holanda. A meu pedido, o Padre Superior provincial da Província holandesa acolheu-me fraternalmente. Em minha isenção de bispo emérito de Lins, sem romper os laços que me prendem à diocese de Lins e à fraternidade especial (histórica) com a Província MSC brasileira, correspondo com todo amor de MSC à Província holandesa MSC.<sup>1880</sup>

Nesse período, não perdeu os vínculos com o Brasil. Estabeleceu intensa comunicação com o bispado de Lins, com a província Brasileira dos Missionários do Sagrado Coração. Dizia: “vivo de mente e coração voltados para o Brasil.”<sup>1881</sup> Por ocasião da visita *ad Limina* de Dom Walter Bini a Roma em Janeiro de 1986, Dom Paulo Koop foi a cidade eterna para conhecer seu sucessor, como ele narra a um dos seus confrades.<sup>1882</sup> Igualmente ligado a Lins, mantinha intensa correspondência com padres do bispado, sobretudo em vista de ajudar na captação de recursos para a formação de novos

<sup>1880</sup> ACPMSC-SP – KOOP, Pedro Paulo. Carata ao Padre Humberto Capobianco, Tilburg 16.12.1985. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 16, p. 1.

<sup>1881</sup> ACPMSC-SP – KOOP, Pedro Paulo. Carata ao Padre Humberto Capobianco, Tilburg 16.12.1985. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 17, p. 1.

<sup>1882</sup> ACPMSC-SP – KOOP, Pedro Paulo. Carata ao Padre Humberto Capobianco, Tilburg 16.12.1985. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 14-15, p. 1.

sacerdotes, como acusa correspondência com o Padre Claudiano em meados de 1986.<sup>1883</sup> Com sua congregação, além de inúmeras cartas recebidas e enviadas, esteve junto ao superior geral, visitou províncias vizinhas como a da Bélgica<sup>1884</sup> e, quando por um mês esteve no Brasil, em 1986, visitando sua sobrinha e a CET junto com benfeitores holandeses, privou da companhia de seus confrades holandeses do Rio de Janeiro(Niterói) e de São Paulo.<sup>1885</sup> Além disso, esteve presente na Inauguração da Biblioteca do ITEL da qual ele era o grande benfeitor.<sup>1886</sup>

Os contatos de Dom Paulo com o Brasil, como ele mesmo dizia, só dilatavam sua saúde. Assim, parcialmente recomposto de sua saúde e a convite de sua sobrinha, decide voltar para Lins, habitat onde viveu mais de dois terços de sua vida:

Tenho uma notícia a dar, a saber: meu possível regresso ao Brasil, para nele poder terminar o que me resta de vida ainda. Da Bondade de Deus espero bons anos ainda. Não consegui acostumar-me ao clima e ambientes holandeses. Aqui vivo como ave em ninho estranho ou peixe fora d'água. Também, depois de 53 anos de Brasil, como acostumar-me aqui! Há 20 anos reside em Lins, desde logo depois de minha nomeação para bispo de Lins, minha sobrinha Els Koop. Insiste ela comigo que volte para Lins e venha morar na casa que ela lá possui. E eu muito desejo aceitar a proposta. Se Deus quiser, seja para o fim deste ano ainda. Voltarei então para o "habitat "de dois terços de minha vida, de padre e bispo por lá. Se, Deus querendo, assim for, espero poder aguardar uma visita do Padre Henrique Roberto, visita saudosa! Como é bom sonhar essa graça possível. A você, Henrique e a todos os seus, minhas mais cordiais saudações.<sup>1887</sup>

Seu projeto concretizou-se e, em 26 de outubro de 1987 regressou para o Brasil, retornava à sua amada diocese de Lins.<sup>1888</sup> Seu intento de voltar ao seu habitat e viver o que lhe restava de vida neste país consumara-se. Em sua volta a diocese de Lins, encontrou-a outra vez vacante. Dom Walter Bini, tragicamente, havia morrido num acidente automobilístico. A eleição do sucessor não tardou. O salesiano Irineu Danielon, tornou-se o sétimo bispo de Lins, terceiro depois de Dom Paulo. O Bispo holandês,

<sup>1883</sup>ACDL - KOOP, Pedro Paulo. Carta a Dom Walter Bini, em 01 de julho de 1986. **Escatula Dom Pedro Paulo Koop 3** – Pasta Dom Pedro Paulo Koop: Tese do Exmo bispo diocesano no Vaticano II - estatutos. f. 4-8 p. 3.

<sup>1884</sup>Cf. ACPMSC-SP – KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Padre Henrique Roberto, Tilburg 09 de março 1986. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 3, folha 14-15, p. 1.

<sup>1885</sup>Cf. ACPMSC-SP – KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Padre Henrique Roberto, Tilburg 09 março de 1986. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 3, folha 14-15, p. 1.

<sup>1886</sup> Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.222.

<sup>1887</sup>Cf. ACPMSC-SP – KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Padre Henrique Roberto, Tilburg 15 de julho de 1987. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 3, folha 8, p. 1.

<sup>1888</sup> Cf. ACDL - **Livro tombo da Diocese de Lins** (1926- 1988), p.232.

testemunhou sua posse na diocese, mas nesse período, acossado pelos anos, sua saúde inspirava ainda maiores cuidados.

Seus dias finais em Lins foram acompanhados de perto por sua sobrinha, Elisabeth Koop, e por seus cuidadores no bairro do Junqueira, onde residia desde que retornara. Com a precisão de quem faz uma anamnese clínica, os últimos dias do bispo emérito de Lins, são narrados através de registros taquigráficos por um de seus acompanhantes.<sup>1889</sup> Em regra, o bispo acordava por volta das oito horas. Tomava medicamentos, ora para pressão, ora para olhos, além de outros para o coração. Em alguns dias, afirmam as anotações, acordava com aspecto abatido, em outros, mais disposto ou, por vezes, irrequieto. Em alguns momentos, permanecia recolhido no seu quarto, em outros caminhava, conversava, distraia-se. Alimentava-se com parcimônia. Resignado, submetia-se a jejuns, exames e consultas. Confiava-se a Deus em suas orações. Vivia, mesmo cercado de esperança e cuidados, dias marcados por um timbre gris, uma insípida penumbra.

A sua semana derradeira foi distinguida por sobressaltos. Às 00h:00 de segunda-feira, dia 22 de março, levantou-se irrequieto e “bravo querendo ver Dona Els.”<sup>1890</sup> No dia seguinte estava melhor. Nos dois dias posteriores viveu-os menos pressuroso, submeteu-se a exames e queixava-se de sua angina. Essa dor causada pela redução do fluxo sanguíneo no coração, na sexta-feira, 25 de março, por volta das 14h00, o levou para o Hospital Antônio Gelis em Lins, com urgência. Foi submetido aos primeiros socorros e internado. Acompanhado de perto por médicos e auxiliares, teve melhora leve e apresentou aspecto aprazível em sua fisionomia. A noite de sexta-feira, adentrando a madrugada de sábado, por conta do problema cardíaco que exigira sua internação, ficou muito agitado, “não queria de forma nenhuma tomar soro-antiangina.”<sup>1891</sup> O médico responsável, assentiu ao pedido. Passado algum tempo e já tendo recobrado a calma, Dom Paulo Koop serenamente “acabou nos deixando e seguindo em busca de Deus.”<sup>1892</sup> Era sábado, 26 de março, 02h00 da madrugada, véspera do Domingo de Ramos, início da Semana Maior dos Cristãos. O bispo emérito de Lins, ingressou, segundo a fé que lhe moveu, na Cidade Celeste, na Jerusalém do alto, contemplou face-a-face aquele que, em vida, ele amou e serviu com zelo no abnegado trabalho pastoral.

---

<sup>1889</sup> APJOB – Arquivo Pessoal do Padre José Oscar Beozzo. **Registro médico diário de Dom Pedro Paulo Koop.** Lins, 1988, p. 1-15.

<sup>1890</sup> APJOB – **Registro médico diário de Dom Pedro Paulo Koop.** Lins, 1988, p. 13.

<sup>1891</sup> APJOB – **Registro médico diário de Dom Pedro Paulo Koop.** Lins, 1988, p. 14v.

<sup>1892</sup> APJOB – **Registro médico diário de Dom Pedro Paulo Koop.** Lins, 1988, p. 14v.

Seu velório, desde as primeiras horas da manhã, ocorreu no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, onde era paroquiano, visto que vivia no seu perímetro. Fiéis pressurosos adentravam a Igreja e diante do corpo inerte daquele que tinha sido seu altivo pastor, vertiam copiosas lágrimas. Às 16h00, sob o badalar fúnebre dos sinos do templo, o corpo foi translado para a Catedral de Santo Antônio<sup>1893</sup> e seguiu sendo velado, acompanhado por preces devotadas de uma incontável parcela de fiéis. Às 19h00 pontualmente, era entoado o hino de abertura da missa de corpo presente. A multidão em coro acompanhava a canção e contemplava embevecida a procissão de entrada que se espraiava pelo corredor central do templo. Eram os bispos de toda província eclesiástica de Botucatu, inúmeros sacerdotes do clero diocesano, entre eles José Oscar Beozzo, fiel amigo de Dom Paulo – até bem pouco administrador diocesano do bispado - e Padre Henrique Batista Roberto, à época superior provincial dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil. Na presidência da celebração, o bispo diocesano de Lins, sucessor de Koop, há menos de um mês empossado, Dom Irineu Danielon.<sup>1894</sup> Percorria a celebração um tom nostálgico e pesaroso. Ao final da missa, membros do clero, confrades e leigos se sucederam em homenagens “ressaltando os valores e a pessoa de Dom Paulo.”<sup>1895</sup> Elas revestiram-se, narra o cronista da diocese, “quase que com um ar de festa, antecipando a ideia da ressurreição a ser celebrada, liturgicamente, daqui a uma semana.”<sup>1896</sup> Cessada as mensagens, o Superior dos Missionários do Sagrado Coração no Brasil, presidiu a encomendação do corpo. Sua proximidade com Dom Paulo, cobrava-lhe lágrimas que eram vertidas de maneira discreta, mas sincera. Logo após o rito fúnebre, candidamente, depositaram o corpo de Dom Paulo na cripta da catedral, a mesma que há vinte três anos lhe havia recebido como pastor diocesano.

### **Conclusão parcial**

Ao fim deste capítulo pode-se dizer que a ideia de apresentar o dinâmico processo de recepção do Vaticano II na diocese de Lins, sob a intuição de Dom Pedro Paulo Koop, ainda que panoramicamente, foi delineada. Buscou-se pontuar o modo como a diocese Linense, ao noroeste do Estado de São Paulo, apropriou-se das ideias do Vaticano II e como a postura de seu bispo, secundado por inúmeros outros atores do processo,

---

<sup>1893</sup>Cf. ACDL - Livro tombo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.246.

<sup>1894</sup>Cf. ACDL - Livro tombo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.246.

<sup>1895</sup>Cf. ACDL - Livro tombo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.247.

<sup>1896</sup>Cf. ACDL - Livro tombo da Diocese de Lins (1926- 1988), p.247.

articularam esse feito, acolheram como suas as normas conciliares, fazendo delas uma regra norteadora de sua ação.

As linhas redigidas ao longo deste capítulo, permitiram compreender, inicialmente, que o Vaticano II, configurou-se como um evento sem precedente na história da Igreja e na vida do Bispo de Lins. Ele delimitou, moldou e reestruturou a forma como o bispo concebia a teologia e, por extensão, a Igreja sua missão e sua relação com o mundo. Desse modo, a ação teológica planejada, a colegialidade episcopal (e pastoral), o protagonismo transformador do laicato constituíram, como tentou-se demonstrar, os pilares que fundamentariam a recepção do Vaticano, sob o pálio do Bispo Missionário do Sagrado Coração no bispado de Lins. Como ardil prático à recepção, Dom Paulo, constituiu o Secretariado Diocesano de Pastoral, elemento medular para esse processo. Através de reuniões, de cursos de mentalização, de formações catequéticas, de reflexões litúrgicas e do constante aprofundamento na temática conciliar, o Secretariado consolidou-se como um relevante instrumento a serviço da construção da Igreja plasmada pelo Vaticano, desejada pelo bispo Linense e almejada por muitos diocesanos. Do serviço concatenado e articulado do Secretariado, como quem colhe um fruto maduro, brotou o primeiro Plano Diocesano de Pastoral. Esse documento é elemento simbólico daquilo que se chamou de recepção em nível Kerigmático, pois se apresentou como o marco claro da caminhada do bispado de Lins em operacionalizar e receber o Concílio Vaticano II. Muitas das intuições demandadas nesse documento, em maior ou menor grau, transformaram-se como afirmamos, em prática pastoral na diocese, portanto, princípio de uma recepção prática.

Esse processo, em termos de recepção, constitui-se em elementos eclesiológicos corporificados de modo premente em práticas pastorais. A esse respeito atesta a opção pela colegialidade, a dissolução do cabido diocesano em favor da constituição do Conselho de Presbíteros. Na raiz da argumentação para abolir um mecanismo e consolidar outro, estava, como o texto apresentou, a maior participação do presbitério na condução do bispado. Nessa mesma linha de maior responsabilidade do presbitério com a Igreja diocesana, apresentam-se as regiões pastorais, que além de mecanismo de trabalho conjunto, eram esferas de decisão e consulta. As pequenas comunidades de base e o conselho presbiteral, ainda que toassem a objetivos distintos, configuraram-se uma ode à noção e/ou constituição de uma Igreja fruto da comum dignidade dos fiéis onde todos, com responsabilidades distintas, são artífices e corresponsáveis do anúncio do Evangelho e da missão da Igreja. A liturgia, dentro do processo de recepção conciliar empreendido

em Lins, além das transposições comuns ao processo de adaptação da liturgia renovada pelo Concílio, foi vanguardista de um processo de inculturação. Percebendo a abertura promovida pela constituição sobre a liturgia para um processo de apropriação de elementos culturais, concebeu um modo próprio de viver a ritualidade litúrgica, atenta à realidade local e marcada claramente por elementos de uma teologia libertadora, dotada de crítica social. A preocupação – notou-se – era consolidar uma liturgia atinente a realidade da população noroestina, numa linguagem que não fosse sibilina, mas sim inteligível pelo homem e a mulher locais e que os constituísse sujeitos da própria fé. Na esteira da liturgia, o trabalho de desenvolvimento humano foi outro elemento que representou o processo de recepção do Concílio em Lins. Admitindo uma nova forma de relacionamento com o mundo e na linha das interpretações conciliares prodigalizadas na América Latina, consolidou-se um trabalho de transformação socioeconômica na região do bispado de Lins. Projeto este fundamentado, como apresentado, na formação técnica e social do homem do campo e da cidade a fim de constitui-lo como condutor da sua história e do seu próprio desenvolvimento social. Os institutos promovidos pelo bispado são emblemáticos desse processo, dizem da preocupação com transformação e libertação social da média e alta noroeste. Evidentemente, todo esse processo, caminhou em passo ambivalentes, ora acentuava-se o aspecto Kerigmático da recepção, ora consolidava-se por práticas concretas. Atestando que, sob a regência de Dom Paulo, a recepção, embora caminhasse, demandaria muito tempo para que as práticas se consolidassem, se tornassem para toda Igreja local uma norma válida e aceita por todos.

Aspecto particular configurou-se à reflexão sobre os ministérios leigos e ordenados. Ambos, na perspectiva do bispo de Lins, de certa maneira parecem de tal modo e irremediavelmente ligados que urgiram uma reflexão comum. Como demonstrado, assim como na Igreja da América Latina, o bispado Linense foi pródigo em gestar e gerar ministérios. Eles eram fruto da deliberada opção pelas pequenas comunidades e da ideia que cada uma delas, sendo ambiente de vivência da fé, seria núcleo capaz de gerar ministérios, incluso ordenados. Dom Paulo, desse modo, favoreceu o eclodir de muitos ministérios e proporcionou, por meio do ITEL, ambiente fecundo de formação. Os leigos, maduros na fé e exercendo sua plena cidadania na Igreja, seriam os responsáveis pelos destinos da comunidade eclesial e do anúncio do Evangelho. Os ministérios ordenados, nessa perspectiva, seriam uma consequência natural das pequenas comunidades bem formadas. Nesse sentido já desde o Concílio, mesmo que tacitamente, Dom Paulo reclamava a desvinculação, por lei, entre sacerdócio e celibato visto que

ambos não se reclamam por natureza. Sua argumentação inicialmente pautava-se por uma perspectiva prático-pastoral, ele queria que os todos fiéis tivessem acesso a Eucaristia, por isso o ímpeto de multiplicar sacerdotes ordenando homens casados. As circunstâncias, contudo, deslocaram sua argumentação para uma dimensão constitutiva. A Igreja, plural nos seus serviços, para atender às necessidades das comunidades, deveria ter ministros ordenados múltiplos, casados ou celibatários. Todos deveriam ser delineados segundo o perfil de cada comunidade. Um modelo não excluiria o outro e, na perspectiva do bispo de Lins, o sacerdócio casado seria fonte fecunda para o surgimento de um sacerdócio celibatário, entendido como dom carismático à Igreja. A relação entre ambos, além da complementariedade, dar-se-ia pelas competências. Aos sacerdotes casados competiria cuidar das pequenas comunidades, nutrindo-as com a palavra e a Eucaristia. Aos celibatários caberia uma função de supervisionar e congregar os núcleos menores, constituindo com eles uma Igreja viva, além de ofertar-lhes o sacrifício eucarístico e o pão da palavra. Subjacente à argumentação de Paulo Koop, constatou-se que ele provocou uma intensa discussão sobre vigência do celibato enquanto lei eclesiástica e escancarou a grande lacuna de ministros ordenados no continente Latino-americano.

As proposições de Dom Paulo, conquanto plausíveis e pautadas por uma fecunda esperança de tornar o bispado de Lins uma Igreja à imagem daquela proposta pelo Vaticano II, foi palco de oposições. Seu discurso sobre a ordenação de homens casados causou, pela divulgação que a mídia ofertou, posições diametralmente opostas que reafirmavam o celibato obrigatório e negavam que sua supressão fosse solver o problema da falta de ministros ordenados. Alguns segmentos, por não entenderem sua real argumentação e preocupação estritamente pastoral, desmereceram sua proposição. Outros, por entenderem a seu modo o que ele propunha, abandonavam o celibato na esperança de encontrar apoio em Paulo. Nem uma nem outra postura, condizia com seu pensamento. Sua tese escorava-se numa necessidade pastoral e admitia a convivência pacífica entre sacerdócio celibatário e não celibatário. Os arroubos de colegialidade, sobretudo com a supressão do cabido, causaram oposição, assim como a opção pelas pequenas comunidades, pelo laicato adulto e comprometido, tornaram-se entrave para a permanência de alguns presbíteros em seu bispado, causando retiradas e deserções públicas do trabalho em Lins. Igualmente, sua perspectiva de desenvolvimento social, calcada na Teologia da libertação, fazia com que, por antonomásia, ele fosse visto como comunista. Por fim, havia aqueles que, embora apoiassem Dom Paulo, excediam na sua interpretação, particularmente, no que diz respeito ao ministério ordenado. Alguns



exigindo o casamento de padres ordenados e a permanência no exercício do ofício e outros sugerindo a total supressão da necessidade de ordenação para a celebração da Eucaristia. Enfim, Dom Paulo Koop, embora bem-intencionado, não gozava de unanimidade. Suas ideias, não raro estavam num compasso distinto de muitos dos seus pares ou interlocutores.

Por fim, pode-se dizer que o processo de recepção do Concílio, na perspectiva de Dom Pedro Paulo Koop, tem traços próprios. Ele tinha uma visão estritamente positiva do Concílio. Advogava que seus postulados eram um incremento à evangelização. Suas iniciativas, de um modo geral, caminhavam no sentido de fazer com que o Concílio migrasse, em termos de teologia da recepção, de um nível Kerigmático a um estágio prático. Deve-se por isso dizer que dado a dinamicidade desse processo de recepção, e o período que o bispo holandês regeu o sólio Linense, que uma recepção prática definitiva, sob o episcopado de Dom Paulo, não se deu totalmente. Não obstante, práticas conciliares fossem vividas, elas conviviam pacificamente, com a imperiosa necessidade de sempre anunciar os seus postulados, na busca de formar e moldar a comunidade diocesana para que assumisse como seu, intrinsecamente, as normas exaradas pela assembleia adjetivada por João XXIII, como novo pentecostes.

**A GUIA DE CONCLUSÃO GERAL:** constatações, interrogações e prospecções

Ao cabo desta empresa investigativa sobre a figura do bispo de Lins, Dom Pedro Paulo Koop, M.S.C e a Recepção do Vaticano II em sua diocese, faz-se forçoso operar algumas considerações finais sobre o tema pesquisado. Tais afirmações, bem mais do que conclusões cabais, são constatações. Elas decorrem do processo investigativo e, por essa razão, agregam valor ao objeto estudado sem pôr em clausura, inúmeros outros aspectos que ainda podem ser explorados, dentro da lúdica tradição acadêmica, sobre o tema. Elas tornam-se, destarte, bases para futuras pesquisas e ulteriores releituras dos dados apresentados. Abrem, assim, viés para o processo sempre contínuo e necessário de adensamento dos argumentos aventados ou de contestação dos dados arrolados.

Uma primeira constatação é que, embora pouco explorada, a biografia do Bispo de Lins é densa e goza de uma literatura, mesmo que de difícil acesso, capaz de permitir reconstruir seus passos, entender suas opções, discutir suas decisões e especular sobre suas ideias. O ambiente familiar notadamente católico em que nasceu Dom Pedro Paulo Koop bem como a convivência nas cercanias paroquiais foram catalisadores, dínamos, do despertar de uma vocação para vida religiosa - que tem no divino sua razão última. A opção pelos Missionários do Sagrado Coração, como apontado, deveu-se em grande parte à fama que essa congregação logrou na Holanda bem como a um dispositivo que permitia, naquela época, financiar estudos de adolescentes dos quais as famílias não podiam custear as despesas com a própria formação. Adentrando numa congregação missionária ele sabia que seu destino era singrar os oceanos e trabalhar em searas, nomeadamente, chamadas de “Terra de Missão”, como de fato foi. Já após o noviciado, nos anos de Filosofia e Teologia, esse aspecto era particularmente acentuado em sua formação. Koop, para além da opção institucional, fruía de desejo pessoal de ser missionário. Inicialmente estava destinado Filipinas, sua vinda para o Brasil, fora fruto de uma casualidade histórica. A formação recebida bem como o nível de resposta de Dom Paulo aos estudos, revelam que desde a primeira hora, mesmo sendo religioso, ele destinava-se ao ministério sacerdotal. Era comum, entre os Missionários do Sagrado Coração e de muitas outras congregações, que jovens que não atingissem o nível mínimo de aprendizado fossem, caso não dispensados, encaminhados pelos superiores à vida religiosa, na condição de irmãos, à época, feitores de atividades manuais, subalternos aos presbíteros religiosos, embora

membros da mesma família. Sobre os estudos, mesmo sem avaliar o conteúdo da formação recebida, percebe-se que Dom Paulo deixava-se embeber pela capacidade especulativa. Em todas as fases de sua vida, deixou-se tocar pela salutar tensão entre a fé e a explicitação inteligível dela no horizonte pastoral. Sua postura, desse modo, ao longo do tempo vai alterando-se a partir da reflexão(leitura) e fidelidade a Igreja. Nos anos iniciais de seu ministério sacerdotal, seus escritos e falas plasmavam uma perspectiva restauracionista - devedora da influência de Pio XII - sua compreensão de mundo padecia de um certo pessimismo e a Igreja era vista sob um prisma triunfalista. Todavia, nos anos imediatamente anteriores e posteriores ao Vaticano II, suas teses eclesiológicas alteraram-se, passando a pautarem-se pela busca do diálogo com o mundo e com a sociedade, pela capacidade da Igreja em “essencializar-se”<sup>1897</sup> em vista de cumprir sua missão de anunciar o Reino de Deus. Em síntese, a biografia de Koop, revela que ele era um religioso com profundo espírito missionário, dotado de inteligência singular e de uma fidelidade aguda à Igreja e aos desafios do seu tempo.

Outra constatação sobre Dom Paulo Koop é seu aspecto pragmático e sua efetividade na ação Evangelizadora. Essa postura aplica-se a toda sua história de vida e, no Concílio Vaticano II e posterior a ele, encontrou seu ápice em razão de diversos fatores. Deve-se dizer que essa postura não é, enquanto sentido, retilínea, uniforme ou homogeneizada em todas as fases de sua biografia. Ela, contudo, sempre se apresentou como uma constante no seu trato em tudo aquilo que lhe fora confiado, tanto como padre quanto como bispo. Nesse sentido, nas nomeações que recebeu de sua congregação, passando por cinco dioceses, desempenhando ofícios estritamente paroquiais ou serviços em níveis internos de sua família religiosa, seu senso prático e sua percepção da realidade tornaram-se uma marca aguda. Entre outros, quando nomeado coordenador de obras como a Pequena Obra do Sagrado Coração (mecanismo destinado a sustentar as vocações), a Revista de Nossa Senhora do Sagrado Coração ou encarregado de difundir na capital Paulistana a devoção à padroeira de sua congregação, com vista a atingir os objetivos colimados, serviu-se de instrumentos práticos e efetivos. Buscou, como era a práxis comum da época, ora jornais impressos ora rádios regionais para divulgar seu trabalho e amealhar dividendos concretos em favor do seu propósito. Emblemático, foi a Novena de Nossa Senhora do Sagrado Coração, irradiada para toda capital paulista e arredores ainda na primeira metade do

---

<sup>1897</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Dia para sempre memorável: 11.10.1962 A FÉ. Bauru, 11 out. 1962, p. 6.

século XX atraindo para a distante Vila Formosa pessoas de todas as partes. Igualmente, quando solicitado pelo Bispo de Botucatu, de encontrar meios para consolidar as bases do bispado de Bauru, ele serviu-se de todos os meios disponíveis para equacionar seu intento. Rádio, TV, jornal impresso e interlocuções *vis-a-vis* com vários segmentos buscou-os para lograr os meios para que a nunciatura consolidasse uma *Sé* diocesana naquele município ao noroeste Paulista. Tanto as bases do bispado Bauruense como os serviços congregacionais, parece que urgiam de uma objetividade para atingir sua finalidade. Assim, em nome da eficiência e da necessidade pastoral as ações de Koop eram realizadas e se justificavam. Desse modo, é possível compreender sua postura, quando dos ares renovadores do Vaticano II. O Bispo de Lins, viu nele a oportunidade de, consciente dos problemas enfrentados na Igreja no Brasil e em muitos lugares do mundo, propor uma alternativa à questão das vocações, a escassez de ministros ordenados. Ele mesmo ao consultar o núncio afirmava que seu objetivo não era causar problemas, mas que se a questão era realmente boa, ele não teria temor de enfrentá-la.<sup>1898</sup> Assim, cômico de sua responsabilidade como bispo e buscando uma resolução prática, célere e eficaz para o grave problema do sacerdócio na América Latina, Dom Paulo, após consultar outros bispos e fecundado pela discussão sobre o ministério presbiteral no Concílio, urdiu um estudo sobre a eventual possibilidade, dentro de critérios solidamente estabelecidos, ordenar homens casados para atender a necessidade de acesso a Eucaristia nas comunidades desassistidas por presbíteros. A proposta não posta em aula conciliar, mas publicizada por jornais, corroborava a preocupação essencialmente prática e pastoral do Bispo. Ele queria que o povo tivesse acesso a Eucaristia e como sob o modelo sacerdotal vigente era impossível sanar em curto prazo o problema, propôs uma espécie de clero suplementar. A proposta não foi acolhida nem debatida. Esse fato, não tolheu o imperativo da necessidade pastoral advogado por Koop, tanto que ao final do Concílio ele acreditava que, num futuro breve, esse modelo sacerdotal seria possível. Defendeu a proposta várias vezes na Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e, no seu bispado, constituiu um instituto que deveria inclusive formar os novos ministros ordenados para o bispado de Lins. Outras deliberações de Dom Pedro Paulo Koop, como a promoção humana, revelam sua objetividade e praticidade na consolidação de

---

<sup>1898</sup>ACDL – Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop.** f. 31, p.1.

mecanismo ativos que contribuiriam para o desenvolvimento social e a transformação da realidade.

A atenção aos Sinais dos Tempos é outra constatação palpável decorrente do que se escreveu sobre Dom Pedro Paulo Koop nesta tese. Embora a Teologia dos Sinais dos Tempos tenha sido prodigamente apontada como uma filha natural do Concílio, ela o precede - *avante le lettere*. Paulo Koop, em vários momentos de sua história, embora não use o termo e talvez não se flagrasse, agiu muitas vezes guiado por uma perspectiva de abertura aos sinais dos tempos. Ele, não raras vezes, foi capaz “de discernir nos acontecimentos e movimentos históricos as solicitações do Espírito[...]”<sup>1899</sup> Entre outros exemplos, seu compromisso com as Igrejas onde trabalhou tentando dar respostas, ao modo que era possível, nos diversos contextos que viveu, constitui-se expressão de um homem que contemplava a realidade e a ela buscava apresentar soluções. Assim, ele trabalhou com a juventude operária católica e contribuiu para que tivessem condições dignas de alimentação; empenhou-se para construir locais de abrigo a menores, tanto em Bauru como em São Paulo; dividiu no atendimento aos imigrante japoneses e seus descendente um nicho da ação evangelizadora pouco zelada pela Igreja no Brasil. No período imediatamente anterior ao Concílio, viu nos movimentos renovadores entre eles, o litúrgico e o social, uma oportunidade de à luz da fé, transformar a realidade, aproximar o povo do culto católico. No movimento pós-concílio e profundamente embebido do conceito de Sinais dos Tempos absorvido pela teologia conciliar, prodigalizou inúmeras ações como uma franca aposta de responder aos novos desafios dos quais a Igreja no Brasil e em Lins estavam adscritas. Nesse sentido, o Bispo de Lins dividiu as pequenas comunidades de base como unidade de renovação da igreja; contemplou a colegialidade como o modo claro, numa sociedade que cada vez mais exigia participação, de reger a Igreja; percebeu uma liturgia inculturada como resposta à necessidade do povo de experimentar uma liturgia vivencial; por fim, entendeu que a interferência concreta na realidade econômica como meio capaz de transformar um nicho social específico, no caso a região noroestina. Dom Paulo, portanto, em contextos distintos e sob significados diferentes, fez-se plenamente atento aos sinais dos tempos.

Uma última, dentre várias outras que poderiam ser arroladas, é a constatação de que o Vaticano II modificou profundamente Dom Paulo. Sua biografia, revela que sua formação foi marcada pela tônica de uma teologia manualística fortemente eivada

---

<sup>1899</sup>PINHO, José Eduardo Borges de. A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja. **Didaskalia**. Lisboa. a. XII, n.1. 2011. p.152.

de aspectos tomistas. Sua eclesiologia, portanto, era decorrente desses fundamentos e, não raro sua postura foi da defesa de uma Igreja triunfalista e de um pessimismo em relação ao mundo. Os anos imediatamente anteriores ao Concílio e os movimentos renovadores da Igreja, em certa medida, flexionaram sua postura. Entretanto é a partir do Concílio que muitos dos seus conceitos definitivamente vão se alterar. O bispo de Lins, não raro confidenciou a amigos<sup>1900</sup> ou publicou em artigos<sup>1901</sup> que o Concílio havia mudado sua percepção de mundo e de Igreja. Ele próprio o adjetivou como o “maior acontecimento do século XX” ou “um dos maiores[Concílios] da história da Igreja” ou ainda o de “maior repercussão e influência no curso dos séculos.”<sup>1902</sup> Entendia igualmente, citando indiretamente Karl Rahner e Paulo VI, que o “Concílio, [...] era mais um ponto de partida do que de chegada”<sup>1903</sup> e por isso sabia que o pós-Concílio seria tempo difícil, mas [que com] uma cooperação cordial entre hierarquia e fiéis [se] superaria todas as dificuldades.”<sup>1904</sup> Reconhecia, contudo que era sua missão movimentar a diocese e “criar condições para que a renovação se realizasse[...]”<sup>1905</sup> de acordo com o Concílio. Esse impacto causado pelo evento conciliar derivava da convicção que com ele havia sido gestado uma renovação teológica na Igreja ajudando-a a delinear uma imagem mais nítida de si mesma e condizente com o horizonte que a circundava, abrindo-a ao diálogo com o mundo, com as outras religiões e a uma corresponsabilidade maior do episcopado com a sorte da Igreja universal. Essa impressão, grosso modo, tornaram-se mote do modo como Dom Paulo Koop patrocinou a recepção do Vaticano II em sua diocese, isto é, criando mecanismo de colegialidade, estabelecendo um diálogo com a sociedade, proporcionando a assunção do protagonismo de agentes leigos como interlocutores da relação com o mundo, promovendo uma liturgia atinente às vicissitudes culturais do seu povo e, sobretudo, uma Igreja comprometida com as alegrias e esperanças de sua gente. Deve-se ponderar que, conquanto Koop tenha se esforçado para equacionar o Concílio, à luz da Teologia da Recepção, pode-se dizer que ele, dado o escasso tempo que teve para essa finalidade, em muitos aspectos não contemplou uma recepção prática profunda em seu bispado até porque inúmeros fatores influem nesse

---

<sup>1900</sup> ACPMSC-SP- DANS, Hugues. Dom Pedro Paulo Koop: Pai e Profeta. **Escatula Paulo Koop**. Pasta 1, folha 3.

<sup>1901</sup> KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados. **Revista Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 901;

<sup>1902</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1903</sup> KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados. **Revista Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 901;

<sup>1904</sup> AITEL – KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante**. Lins, 27. nov. 1965, p. 1.

<sup>1905</sup> DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora todos os irmãos, 1976, p. 7.

percurso, mas ele fez um processo de anúncio (Kerigmático) da recepção que, em muitos momentos, gozava de uma aderência prática, embora em níveis distintos.

Conquanto as constatações sejam invariavelmente comprovadas e positivas, convém fazer algumas poucas interrogações sobre a figura de Koop, sua relação com o Concílio e sua recepção. Os questionamentos embora não reclamem, neste espaço, uma resposta cabal ou talvez nem haja como serem respondidas plenamente, são perguntas que ajudam a ainda mais entender a relação do bispo de Lins com o Vaticano II. Uma primeira indagação é em que medida a condição de Dom Paulo, europeu, holandês e Missionário contribuiu para seu entendimento e sua recepção do Concílio. Segundo, quanto suas relações internacionais determinaram a manutenção de projetos de desenvolvimento humano ou favoreceram a presença de sacerdotes europeus em sua diocese. Outra perquirição é em que medida a relação com o bispado de Botucatu e com todo os movimentos de renovação pré-conciliar patrocinados por Dom Henrique Golland Trindade, foram decisivos para que Dom Paulo se apropriasse positivamente do Concílio e divisasse esse evento como uma visita ao “imenso tesouro evangélico e católico para a partir dele tirar ‘nova et vetera’, isto é: cousas(*sic*) novas e cousa(*sic*) antigas, estas apresentadas em formulas novas, e todas reformuladas [...], melhor respondendo ao espírito dos tempos modernos.”<sup>1906</sup> Mais ainda, pode-se interrogar-se o quanto da realidade noroestina, a situação de empobrecimento da região e da história da Igreja local, concorreram para as opções tomadas pelo bispo de Lins?

Uma resposta única e condensada à essas indagações, seria precipitada. Contudo, elas advogam, embora sumariamente, apontam uma característica clara do bispo estudado nesta tese: Dom Paulo Koop tinha uma inquebrantável fidelidade ao projeto do Reino de Deus e colocou, pela mediação institucional da Igreja concebida no espírito conciliar, todos os seus dons a esse serviço desse ideal. O fato de ser holandês abriu-lhe portas ora para literatura internacional, ora para uma visão mais dilatada de Igreja, ora para auferir condições para levar a cabo seus projetos, à luz do Vaticano II, no bispado de Lins. Ele serviu-se, portanto, dos seus predicados para emular um projeto eclesiológico, para dar corpo ao Vaticano II na Sé Linense. Igualmente, sua relação com o arcebispo de Botucatu, no exato momento em que a Igreja do Brasil e do mundo era acometida pelos ares renovadores - embora pudesse Paulo Koop ter postura adversa - configurou-se como uma oportunidade de transformar a Igreja em vista de cumprir sua missão de testemunhar Jesus

---

<sup>1906</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Senhor! Aonde Iremos? A Fé. Bauru, 15. jul. 1962, p.1.

Cristo entre os homens num mundo eivado em mudança.<sup>1907</sup> Claramente, aqueles movimentos, eram para o bispo uma chance única de Lins atualizar a face da Igreja, “rejuvenescê-la”<sup>1908</sup>, na sua expressão. Por fim, a questão da realidade noroestina. Convém recordar que quando nomeado, em pleno clima conciliar, ele testemunhou que foi chamado à renovar a Igreja em Lins.<sup>1909</sup> Tal renovação, naturalmente não poderia acontecer a despeito da realidade e das necessidades desse lugar. Assim é claro que muitas posturas de Dom Paulo foram mediadas pela realidade local em que ele viveu. Certamente em outros ambientes, tomasse postura diversas, visto que tivesse demandas distintas. Uma vez em Lins, sua posição foi secundada pela história daquela Igreja, pela sua situação sociocultural, histórica, política e econômica. A sensibilidade de Dom Paulo, foi catalisada pelos apelos daquela igreja local à luz do Vaticano II. Em todas essas questões, deve-se admitir que Dom Paulo, em se tratando do Concílio convocado por João XXIII, era indefectivelmente consciente que, para o seu tempo, as opções da assembleia conciliar eram as mais atinentes a necessidade de fazer a Igreja fiel à sua missão no contexto da modernidade.

Prospectivamente, a partir da relação de Dom Paulo Koop com o evento conciliar e sua recepção, pode-se aventar desafios que ainda hoje a Igreja não conseguiu server, debater ou conciliar. Partindo do que foi apresentado ao longo desta tese um primeiro desafio que pode ser mencionado é o reencantamento como o Vaticano II. Os atores e os protagonista do Concílio em sua grande maioria já desapareceram. A luta por seu sentido e sua interpretação logrou polos distintos. Alguns o contemplam no espírito que foi sonhado (*aggiornamento*, volta as fontes), outros o lêem no limite da letra e da lei, outros ainda, não o lêem e o contestam, ressentindo-se nostalgicamente de um passado que não viveram, mas pelo qual lutam creditando-lhe ser a panaceia para a Igreja atual. Urge desse modo, aprofundar e enriquecer estudos, práticas e pesquisas sobre o Concílio. A lufada renovadora da assembleia conciliar já decantada pelos tempos deve ser reassumida pela estrutura eclesial. O impulso dado ao longo do atual pontificado é uma força poderosa, mas ainda não é o suficiente para fazer deslanchar um ciclo completo de aproveitamento dos muitos aspectos que o Vaticano II ainda pode oferecer.

---

<sup>1907</sup>ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. *A Fé*. Bauru, 29 jul. 1962, p.1

<sup>1908</sup>Cf. ANUPHIS – KOOP, Pedro Paulo. Senhor! Aonde iremos? *A Fé*. Bauru, 15. jul. 1962, p.1.

<sup>1909</sup>ACDL – Arquivo da Cúria diocesana de Lins. Carta da Nunciatura ao Pe. Pedro Paulo Koop em 16 de julho de 1964. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 19, p. 2.



Ainda na linha da prospecção, um outro aspecto que à luz do que pensou Dom Paulo Koop no processo de recepção do Vaticano II, que precisa ser retomado é a questão da colegialidade. Atualmente, bem mais amplo do que colegialidade deveria se falar de sinodalidade. Ao longo do processo de recepção do concílio, o Bispo de Lins apostou no regimento colegial de todas os segmentos do bispado. Para tal criou núcleos descentralizados de poder, sem eximir-se de sua responsabilidade ou prescindir do seu papel de bispo. Apostou nas pequenas comunidades como lugar de culto, formação e gestão eclesial. Confiou nos Conselhos paroquiais, regionais e diocesanos como veios de condução da Igreja. Chamou em todas as instâncias, o presbitério e o laicato a corresponsabilidade eclesial, ao convicto senso de Igreja. As guinadas eclesiológicas posteriores dissolveram muitos desse mecanismos em Lins e na Igreja como um todo. Por vezes, muitos deles existem ao sabor do interesse de alguns ou como elementos decorativos. Nesse sentido, compete a uma Igreja ainda inspirada pelo Vaticano II recobrar a efetividade desses mecanismos. Bem mais do que incentivar que eles sejam constituídos, deve-se criar dispositivos para, sem matar o carisma que lhes é próprio, institucionalizá-las e fazê-las funcionar a despeito dos interesses eclesiológicos vigentes. Funcionar com autonomia, capacidade de autorregulação e gestão, sem prescindir do vínculo com a Igreja.

*Last but not least*, a questão da ministerialidade eclesial. Dom Paulo Koop, já no interior do Concílio pautou o tema dos ministérios ordenados. Em sua diocese, como ocorreu em toda a América latina, promoveu ministérios leigos, filhos das pequenas comunidades, nas paróquias do seu bispado. Nas Assembleias Gerais dos Bispos do Brasil, por mais de uma vez, arrolou a questão. Atualmente, contudo a reflexão sobre a questão ministerial, particularmente os ordenados, segue sendo um imbróglio. A questão é profunda e envolve repensar o modelo formativo presbiteral que, não raro tem gerado uma estrutura clerical. Igualmente, cabe pensar a atual formação oferecida a alguns estridentes movimentos leigos. A ambos se deve levá-los a crescer na percepção eclesiológica e a conceber a Igreja na perspectiva ministerial, tal como ela é, ou seja, dotada de uma pluralidade de ministérios que nascem a partir da consciência suficientemente formada e das necessidades da própria comunidade e não como expressão de poder eclesial. Cabe, nesse sentido, discutir novamente o modo como os ministérios são apresentados na Igreja. Mais ainda, particularmente, na Igreja de rito latino difundir a ideia de que o ministro ordenado não é, embora seja predominante,

necessariamente celibatário. Existe e há espaço para ministros ordenados celibatários e ministros ordenados não celibatários, tal como defendia Dom Pedro Paulo Koop.

Ao termo deste texto as constatações afirmadas, as indagações aventadas e prospecções aferidas aqui, são apenas algumas entre muitas que poderiam ser propostas. Elas colocam-se, desse modo, como passíveis de serem enriquecidas, ampliadas. A rigor trata-se, como próprio do campo acadêmico, particularmente o histórico-teológico, da consciente ideia de que não compete ao objetivo de qualquer pesquisa aportar axiomas definitivos, assertivas absolutas sobre o tema. Ao contrário deseja-se que o objeto discutido nesta pesquisa esteja aberto a releituras e a novas interpretações fazendo com que o conhecimento e a pesquisa cresçam e sejam ainda mais adensados.

## 6 REFERENCIAS BIBLIOGRAFICAS

### Fontes

- a) Arquivo da Casa geral dos Missionários dos Sagrado Coração – Roma – Itália

KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru.** s/e: Bauru. 01.09.1964.

- b) Arquivo da Província Holandesa dos Missionários do Sagrado Coração – Tilburg Países Baixos

KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru.** s/e: Bauru. 01.09.1964.

KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph.** Pasta 1, Folha 1.

- c) Arquivo da Província Nerlandesa dos Missionários do Sagrado Coração no Erfgoedcentrum Nederlands Kloosterleven - Sint Agatha - Países Baixos

KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru.** s/e: Bauru. 01.09.1964.

KOOP, Petrus Johannes Joseph. **Personal Card: Koop, Petrus Johannes Joseph.** Pasta 1, Folha 1.

Vragenlijst voor Postulanten. **Pasta Petrus Johannes Jozef Koop**, 1918, folha 41.

- d) Arquivo da Província de São Paulo dos Missionários do Sagrado Coração – São Paulo – Brasil

Ata do Conselho de 11 de agosto de 1964. **Livro das Atas do Conselho Provincial (1959-1965).**

Ata do Conselho de 12 de fevereiro de 1957. **Livro das Atas do Conselho Provincial (1952-1959).**

Ata do Conselho de 14 de maio de 1963. **Livro das Atas do Conselho Provincial (1959-1965)**

Ata do Conselho de 30 de julho 1963. **Livro das Atas do Conselho Provincial (1959-1965).**

Ata do Encontro de Pirassununga nos dias 2, 3, 4 de julho de 1946. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 1, folha 2, p. 12.

BROCKER, Adriano Van. Carta de Alfenas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 8, folha 1, p. 1-4.

Carta ao Superior Provincial Pe. Henrique Roberto, MSC em 15 de julho de 1987, Tilburg. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 9.

CARVALHO, Maria Isabel. Histórico de Bauru. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira III.** Pasta II, folha 1, p. 1-12.

CONSIGLIO GENERALI SOCIETAS. **Album Societatis Missionariorum SS<sup>mi</sup> Cordi Jesu.** Roma, 1923.

Contrato entre M.S.C.- Bispado de Campinas. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 1, folha 6, p.1, n. 2.

**Contrato entre os MSC e o bispado de pouso Alegre.** (Manuscrito).

Correspondência ao Rev. Provincial. Pe. Franciscus Janssen.MSC. Bauru.25.10.1959. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 4, folha 26, p. 1.

DANS, Hugues. Dom Pedro Paulo Koop: Pai e Profeta. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 1, folha 3. **Escatula Província Brasileira - Capítulo I.** Livro, 1 Folha 10.

**Historie M.S.C em Brésil:** Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne.

**Historie M.S.C em Brésil:** Visitas Canônicas - Province brésilienne - supérieurs de la mission brésilienne.

IERSEL, Adriano Van. “Les debut de la Congrégation au Brésil”. **Escatula - I Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 6, folha 4, p. 1.8.13 (Manuscrito).

KOOP, Pedro Paulo. Atualizações ao Curriculum Vitae. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 2 e 3.

KOOP, Pedro Paulo. Carata ao Padre Humberto Capobianco, Tilburg 16.12.1985. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 16, p. 1.

KOOP, Pedro Paulo. Carata ao Padre Humberto Capobianco, Tilburg 16.12.1985. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 17, p. 1-2.

KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Padre Henrique Roberto, Tilburg 09 de março de 1986. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 14-15, p. 1-2.

KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Padre Henrique Roberto, Tilburg 15 de Julho de 1987. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 3, folha 8, p. 1-2.

KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral Saudando seus diocesanos e despedindo-se da cidade de Bauru.** s/e: Bauru. 01.09.1964.

**Livro das Atas do Conselho Provincial (1952-1959).**

MULDER, Theodoro. História da criação da Província Brasileira e da Região holandesa. **Escatula Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 1, folha 1, s/p

PEREZ, Luis Xavier. Relatório Sobre Pedro Estrabelli. **Escatula Estrabelli.** Pasta 5, folha 3, p. 3.

ROBERTO, Henrique Batista. In Memoriam. Dom Pedro Paulo Koop, MSC – Bispo Emérito de Lins. **Escatula Paulo Koop.** Pasta 2, folha 2.

Sacra Congregationis de Religiosis – N.6026/49. **Pasta Província de São Paulo,** folha I, s/p.

VESTERS, Geraldo. Rapport van de Algemeen Braziliaanse Stichting van de Nederlandse Provincie op 1 november 1919. **Escatula – II Documentos históricos da Província Brasileira.** Pasta 4, folha 1, p. 1

e) Arquivo Apostólico Vaticano

Carta do Cardeal Léon-Etienne Duval ao Cardeal Secretário de Estado. Roma, 06 outubro 1965, **Escatula 529,** fasc. 06-16 outubro 1965.

COSTA, José Gonçalves. In Schema ministeris et vita presbyterorum. **Escatula 529,** fasc. novembro 1965.

KOOP, Pedro Paulo. Tentativa de uma solução para o problema religioso e sacerdotal da América Latina. **Concílio Vaticano II. Escatula 529**, fasc. Agosto 1965. p.1-15.

f) Arquivo do núcleo de pesquisa em História da Universidade Sagrado Coração (NUPHIS) – Bauru – São Paulo – Brasil

ARNS, Evaristo Paulo. Defendamos nossas Escolas. **A Fé. Bauru**, 06 abr. 1958, p.1.

ARNS, Paulo Evaristo. Ensino Gratuito ou pago? **A Fé. Bauru**, 01, maio. 1958 p. 1.

BAGGIO, Hugo. Encontro marcado. **A Fé. Bauru**, 21 out. 1962, p.1.

BAGGIO, Hugo. Ergue-te Bauru. **A Fé. Bauru**, 17 maio 1964, p. 1.

BAGGIO, Hugo. Temos Papa. **A Fé. Bauru**, 7 jul. 1963, p. 1.

BASTOS, Irineu. Prefeitura do Município de Bauru. **A Fé. Bauru**, 17 jul. 1960, p. 1.

BORGES, Ulisses Joaquim. Revdo. Padre Pedro Paulo Koop, D.D. Vigário Forâneo de Bauru. **A Fé. Bauru**, 16. dez. 1956, p. 2.

COSTA, Nilson. Câmara Municipal de Bauru. **A Fé. Bauru**, 28 out. 1962, p.1.

Curso de Teologia para Leigos. **A Fé. Bauru**, 8. mar. 1959. p.1.

DARIO, Silvio Maria. Clergyman com dignidade. **A Fé. Bauru**, 29 set. 1963, p. 1. (Grifo nosso)

Declaração da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. **A Fé. Bauru**, 15. out. 1961, p.1.

DIGENOUTS, Pedro. Novos Padres. **A Fé. Bauru**, 26. ago. 1951, p. 2.

DINIZ, Albino. Assim principiou o Concílio Ecumênico Vaticano Segundo. **A Fé. Bauru**, 28 out. 1962, p.1.

DINIZ, Albino. Crônica conciliar. **A Fé. Bauru**, 04 nov. 1962, p.1- 4,

ISBRIZIA, Arminda. Escola pública ou particular? **A Fé. Bauru**, 13 abr. 1958, p. 1.

ISBRIZIA, Arminda. Pais e Mestres **A Fé. Bauru**, 24 abr. 1958, p. 3.

KOOP, Pedro Paulo. Moda Feminina. **A Fé. Bauru**, 5 abr. 1959, p. 1:

KOOP, Pedro Paulo. Não sabem o que perderam. **A Fé. Bauru**, 2 mar. 1952, p. 2.

KOOP, Pedro Paulo. Protesto. **A Fé. Bauru**, 1 jul. 1956, p. 1.

KOOP, Pedro Paulo. Crônica das Santas Missões: o Maior espetáculo de fé jamais visto em Bauru. **A Fé. Bauru**, 5 jun. 1960, p. 1. 3.

KOOP, Pedro Paulo e KASAI, Mario. Terceira Concentração dos seus círculos católicos a Juventude católica nipo-brasileira-Brasileira. **A Fé. Bauru**, 07 jun. 1959, p. 2.

KOOP, Pedro Paulo. Conselho Paroquial: Bispado próximo...Em novos moldes...o Papel do dos Leigos na Igreja. **A Fé, Bauru**, 17 fev. 1963, p. 1.

KOOP, Pedro Paulo. A coleta dominical: **A Fé Bauru**, 22 out. 1961. p.1.

KOOP, Pedro Paulo. A Grande Promessa **A Fé. Bauru**, 17 jul. 1960, p. 1.

KOOP, Pedro Paulo. A Igreja Católica e a Comunidade Nipo-brasileira. **A Fé. Bauru**, 22 jun. 1958, p.1.2.

KOOP, Pedro Paulo. A Igreja e comunidade nipo-Brasileira. **A Fé. Bauru**, 6 jul. 1958, p.1.

- KOOP, Pedro Paulo. A Juventude Nissei. **A Fé.** Bauru, 20 jul. 1958, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. A presença católica no campo Político. **A Fé.** Bauru, 20 jul. 1958, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Alea Jacta Est! **A Fé.** Bauru, 24 Dez. 1961, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Ao povo. **A Fé.** Bauru, 3 maio 1964, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Aos leigos o que é dos leigos (1)! **A Fé.** Bauru, 4 mar. 1962, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Aos leigos o que é dos leigos (2)! **A Fé.** Bauru, 11 mar. 1962, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. As próximas missões. **A Fé.** Bauru, 8 mai. 1960, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Aviso. **A Fé.** Bauru, 09. dez. 1956, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Bauru cresce em profundidade. **A Fé.** Bauru, 19 abr. 1961, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Carta Sobre o CELIBATO ECLESIASTICO. **A Fé.** Bauru, 29 out. 1961, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Católico sabes o que é uma “paróquia?” o que significa ser “paroquiano” Paróquia e **A Fé.** Bauru, 14.fev.1954, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Católicos, a que chegamos? **A Fé.** Bauru, 03. nov. 1957, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Cinquenta Anos de Bauru. **A Fé.** Bauru, 24 nov. 1963, p. 1.3.
- KOOP, Pedro Paulo. Comunicado: a Imprensa, Rádio e demais Órgãos de Comunicação. **A Fé.** Bauru, 21 jun. 1959, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico da alta Idade Média. **A Fé.** Bauru, 22. nov. 1959, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de unir e abrir caminho para união. **A Fé.** Bauru, 5 ago. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Nova e Poderosa investida da Mensagem de Cristo. **A Fé.** Bauru, 29 jul. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Senhor! Aonde Iremos? **A Fé.** Bauru, 15. jul. 1962, p.1.4.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico Vaticano II: Solene encontro das Sagradas autoridades do Senhor: Unidade, santidade, universalidade, apostolicidade como princípio. **A Fé.** Bauru, 8 jul. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico: os reformadores. **A Fé.** Bauru, 29. nov. 1959, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico: Vaticano I. **A Fé.** Bauru, 13. dez. 1959, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé.** Bauru, 11 fev. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílio Ecumênico. **A Fé.** Bauru, 15. nov. 1959, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílios Ecumênicos: Os Concílios Reformadores. **A Fé.** Bauru, 2 nov.1959, p. 3.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílios Ecumênicos: Vaticano I – 1869/1870. **A Fé.** Bauru, 29 nov.1959, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Concílios Ecumênicos. **A Fé.** Bauru, 15 nov.1959, p. 3.
- KOOP, Pedro Paulo. Creado o Arcebispado de Botucatu. **A Fé.** Bauru, 8 jun. 1958, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Crônica das Santas Missões: o Maior espetáculo de fé jamais visto em Bauru. **A Fé.** Bauru, 5 jun. 1960, p. 1.3.

- KOOP, Pedro Paulo. D. Henrique G. Trindade. **A Fé**. Bauru, 24 ago. 1952, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Data Memorável. **A Fé**. Bauru, 4 jan. 1953, p. 1-2.
- KOOP, Pedro Paulo. Deus dá o crescimento. **A Fé**. Bauru, 04 ago. 1958, p.1.2.3.
- KOOP, Pedro Paulo. Dia para sempre memorável: 11.11.1962 **A Fé**. Bauru, 11 out. 1962, p.6
- KOOP, Pedro Paulo. Escolas paroquiais no Brasil, **A Fé**. Bauru, 19 jun. 1958, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Esperamos passar por isto... **A Fé**. Bauru, 21 fev. 1960, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Frei Carlos Josaphat. **A Fé**. Bauru, 18. fev. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Mais um Drama. **Diário de Bauru**. Bauru, 10 jan. 1962, p.4.
- KOOP, Pedro Paulo. Meditar. **A Fé**. Bauru, 27 jul. 1958, 1.4.
- KOOP, Pedro Paulo. Missão católica. **A Fé**. Bauru, 23 ago.1959, 1-2.
- KOOP, Pedro Paulo. Necessidade do Catecismo. **A Fé**. Bauru, 19 mar. 1961, p. 3.
- KOOP, Pedro Paulo. Nós os leigos somos os guardas de nossos Padres? **A Fé**. Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Nossa Semana. **A Fé**. Bauru, 27 out. 1957.
- KOOP, Pedro Paulo. O Bispo entre nós. **A Fé**. Bauru, 11 mar. 1951, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II: Tensão crescente - Padre Ricardo Lombardi – Esperança e temores – O Concílio em Marcha. **A Fé**. Bauru, 17 jul. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico Vaticano II. **A Fé**. Bauru, 17 jun. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. O Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 08. nov.1959, p.2.
- KOOP, Pedro Paulo. O Homem mais amado do mundo. **A Fé**. Bauru, 9 jun. 1963, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. O papel dos Leigos. **A Fé**. Bauru, 03 set. 1961, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. O povo católico de Bauru **A Fé**. Bauru, 17 maio. 1959, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. O que é o movimento Ecumênico? **A Fé**. Bauru, 22 jul. 1962, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Objetivos do Concílio. **A Fé**. Bauru, 17 jul. 1960, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Os Edifícios eclesiásticos **Fé**. Bauru, 24 set. 1961, p. 3.
- KOOP, Pedro Paulo. Os missionários do Sagrado Coração e a Paróquia do Divino Espírito Santo em Bauru. **A Fé**. Bauru, 14.dez.1952. p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Os Missionários e a ciência da fé. **A Fé**. Bauru, 7 fev. 1960, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Paróquia de Vila Falcão e Bela Vista ficará sob a direção dos Padres Franciscanos. **A Fé**. Bauru, 11 mar. 1951, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Paróquia e os Paroquianos. **A Fé**. Bauru, 19. abr. 1953, p.1;
- KOOP, Pedro Paulo. Paróquia Santa Teresinha. **A Fé**. Bauru, 4 jan. 1954, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. paróquia? **A Fé**. Bauru, 14.fev.1954, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto **A Fé**. Bauru, 17 mar. 1963, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (IX): O resto tudo é livre. **A Fé**. Bauru, 12 nov. 1961, p. 1.4.

- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (VI) **A Fé.** Bauru, 15 out. 1961, p.1. 3.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (VII): A coleta Dominical. **A Fé.** Bauru, 22 out. 1961, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (VIII): Espírito que vivifica. **A Fé.** Bauru, 5 nov. 1961, p.1. 3.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru (X): Lições do Código. **A Fé.** Bauru, 12 nov. 1961, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru: O papel dos Leigos. **A Fé.** Bauru, 3 set. 1961, p.1.4.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a criação do bispado de Bauru: Os edifícios eclesiásticos. **A Fé.** Bauru, 24 set. 1961, p. 2. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando a Criação do bispado. **A Fé.** Bauru, 24 set. 1961, p. 3.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando o Bispado (XI): Visita a São Sebastião Pederneiras. **A Fé.** Bauru, 10 dez. 1961, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando o bispado de Bauru (XI): Visita a paróquia de São Sebastião de Pederneiras. **A Fé.** Bauru, 10 dez.1961, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando o bispado de Bauru: Piratinga- Agudos – Cabrália Paulista. **A Fé.** Bauru, 5 maio. 1962, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Preparando o bispado: Sacerdotes e Edifícios. **A Fé.** Bauru, 17 set. 1961. p.1.8.
- KOOP, Pedro Paulo. Primeira advertência às Famílias Cristãs **A Fé.** Bauru, 24 ago. 1958, p. 3:
- KOOP, Pedro Paulo. Quis non Fleret?! **A Fé.** Bauru, 12 out. 1958, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Reforma Agrária. **A Fé.** Bauru, 11. fev. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Regresso a Deus.... **A Fé.** Bauru, 6 mar. 1960, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Renovemos a face da Terra!... **A Fé.** Bauru, 21 fev. 1960, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Restabelecer o eixo paroquial: sacerdote e Leigo. **A Fé.** Bauru, 03 mar. 1963, p. 1.4.
- KOOP, Pedro Paulo. Retrato de Vida Religiosa Brasileira. **A Fé.** Bauru, 24 fev. 1952, p.1-2.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (3). **A Fé.** Bauru, 14 fev. 1960, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (4): Esperamos passar por isto. **A Fé.** Bauru, 21 fev. 1960, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (5): Renovemos a face desta Terra. **A Fé.** Bauru, 06 mar. 1960, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (6): Regresso a Deus. **A Fé.** Bauru, 06 mar. 1960, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (7): Condições do êxito. **A Fé.** Bauru, 06 mar. 1960, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (9): Sugestões. **A Fé.** Bauru, 27 mar. 1960, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (10): Santa agitação. **A Fé.** Bauru, 03 abr. 1960, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões em Bauru. **A Fé.** Bauru, 5 jun. 1960, p. 1. 2
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões em Bauru (I). **A Fé.** Bauru, 31 jan. 1960, p. 1.



- KOOP, Pedro Paulo. Segunda advertência às Famílias Cristãs. **A Fé**. Bauru, 31 ago. 1958, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Segundo Bilhete do Vigário. **A Fé**. Bauru, 22 jul. 1958, p. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Senhor! Aonde iremos? **A Fé**. Bauru, 15. jul. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Serviço altamente patriótico **A Fé**. Bauru, 24 maio. 1959, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Tema do século: o Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 11 fev. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. o Concílio Ecumênico Vaticano II: Tensão crescente - Padre Ricardo Lombardi – Esperança e temores – o Concílio em Marcha. **A Fé**. Bauru, 17 jul. 1962, p.1.
- KOOP, Pedro Paulo. Últimos detalhes. **A Fé**. Bauru, 5 jun. 1960, p. 1. 2.
- KOOP, Pedro Paulo. Visita a paróquia de Santa Luzia de Duartina. **A Fé**. Bauru, 4 mar. 1962, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Voltam os Famosos Missionários. **A Fé**. Bauru, 11 março. 1950, p. 1.3.
- KOOP, Pedro Paulo. Vou ali... **A Fé**. Bauru, 16 abr. 1961, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Santas Missões (2): Missionários e a ciência da Salvação. **A Fé**. Bauru, 07 fev. 1960, p. 1-2.
- KOOP. Pedro Paulo. Alea Jacta Est! **A Fé**. Bauru, 24 Dez. 1961, p. 4.
- LOPES, Roberto Belarmino. A Voz de Deus **A Fé**. Bauru, 26. out. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Antes do Sacrifício. **A Fé**. Bauru, 14.set. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. As três orações. **A Fé**. Bauru, 08. fev. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. As vestes para o Sacrifício. **A Fé**. Bauru, 21.set. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. O jogo das Cores. **A Fé**. Bauru, 28.set. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Dai-nos a paz. **A Fé**. Bauru, 01. fev. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Ite, missa est. **A Fé**. Bauru, 08. mar. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Ite, missa est. **A Fé**. Bauru, 08. mar. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. O Altar **A Fé**. Bauru, 07.set. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. O Latim. **A Fé**. Bauru, 19. abr. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. O Ritmo dos Gestos. **A Fé**. Bauru, 05. out. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Ofertório. **A Fé**. Bauru, 16. nov. 1952. p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Padre Nosso. **A Fé**. Bauru, 04. jan. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Pão e Vinho. **A Fé**. Bauru, 30. nov. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Partes intermediárias. **A Fé**. Bauru, 09. nov. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Quando Começa a Missa **A Fé**. Bauru, 19. out. 1952, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Regresso ao Tema. **A Fé**. Bauru, 04. jan. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Supremo Milagre. **A Fé**. Bauru, 11. jan. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Última Lição. **A Fé**. Bauru, 01. mar. 1953, p.1.
- LOPES, Roberto Belarmino. Um prologo e três atos. **A Fé**. Bauru, 12. out. 1952, p.1.
- MAGALHÃES, Hélio Veiga. Ordem e disciplina. **A Fé**. Bauru, 22 ago. 1954, p. 1.

- MELLA, Antônio Natal. Viver a Paróquia. **A Fé**. Bauru, 19.jul.1959, p.1.
- MELLA, Antônio Natal. Tua resposta, Bauru? **A Fé**. **Bauru**, 31 jul. 1960, p.1.
- NEOTTI, Clarêncio. Novo Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 08. mar. 1959, p.1.
- NEOTTI, Clarêncio. Um só rebanho e um só pastor. **A Fé**. Bauru, 15. mar. 1959, p.1.
- PAIVA, Geraldo. Pastoral Litúrgica. **A Fé**. Bauru, 12.fev.1960, p.1.
- REBOUÇAS, Eduardo. Marco Visível de uma epopeia. **A Fé**, Bauru, 15. dez. 1963, p. 1.
- REDAÇÃO Pastoral Coletiva A Igreja ante os problemas atuais pastoral coletiva dos arcebispos, bispos e prelados residenciais no Brasil. **A Fé**. Bauru, 26. ago. 1951, p. 2.
- REDAÇÃO. “‘A Fé’ e o próximo ‘Concílio Ecumênico’” **A Fé**. Bauru, 30 set. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. “Pastor et Nauta”. **A Fé**. Bauru, 01 novembro 1958, p. 1.
- REDAÇÃO. A Igreja e o problema operário. **A Fé**. Bauru, 15. out. 1950, p.1.
- REDAÇÃO. A Igreja se prepara para o Concílio Ecumênico. **A Fé**. Bauru, 08. nov.1959, p.1.
- REDAÇÃO. A mais bela história do mundo. **A Fé**. Bauru, 14. maio.1950, p. 4.
- REDAÇÃO. A mais bela história do mundo: História bíblica do Velho e do Novo testamento. **A Fé**. Bauru, 14. maio.1950, p. 4.
- REDAÇÃO. A nova Semana Santa. **A Fé**. Bauru, 02. fev. 1956, p.1.
- REDAÇÃO. A Santa Missão Visa Renovar a Face da Terra, renovando o homem. **A Fé**. Bauru, 22 maio. 1960, p.1.
- REDAÇÃO. A verdade sobre o projeto de lei de diretrizes e bases da educação. **A Fé**. Bauru, 27 mar. 1960, p. 1.
- REDAÇÃO. Ameaça ao ensino. **A Fé**. Bauru, 06 abr. 1958, p.1.
- REDAÇÃO. As primeiras palavras do Papa Paulo VI ao mundo. **A Fé**. Bauru, 30 jun. 1963, p. 1.4.
- REDAÇÃO. Brasil, brasileiro. **A Fé**. Bauru, 20. out. 1957.
- REDAÇÃO. Cheque de 5 Milhões entregue para o futuro bispado Local. **Diário de Bauru**. Bauru, 24 out. 1963.
- REDAÇÃO. Círculo Operário – Definição, Finalidade e doutrina que observa. **A Fé**. Bauru, 30. jul. 1950, p.1.
- REDAÇÃO. Comunicado da Redação. **A Fé**. Bauru, 14 maio. 1950, p. 1.
- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Concílio de todos povos e problemas. **A Fé**. Bauru, 16 set. 1962, p.1.3.
- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Estamos as portas do Concílio – Coloquemo-nos em estado Conciliar. **A Fé**. Bauru, 23 set. 1962, p.1.3.
- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Estudo e propostas sobre temas conciliares. **A Fé**. Bauru, 19 ago. 1962, p.1.4.
- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Igreja em Estado Conciliar. **A Fé**. Bauru, 26 ago. 1962, p.1.4.
- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Notas e informações sobre o Concílio. **A Fé**. Bauru, 12 ago. 1962, p.1.4.

- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico Vaticano II: Próximo Concílio em Revista. **A Fé.** Bauru, 2 set. 1962, p.1.3.
- REDAÇÃO. Concílio Vaticano II: palavras do Papa Paulo VI ao cardeal Decano. **A Fé.** Bauru, 29 set. 1963, p. 1.
- REDAÇÃO. CONCLUSÕES DA REUNIÃO dos sacerdotes do decanato. **A Fé.** Bauru, 9. nov. 1958. p.1.
- REDAÇÃO. Crônica do Concílio: Entrevista de prelado Brasileiro. **A Fé.** Bauru, 17 nov. 1963, p.4.
- REDAÇÃO. Crônica do Concílio: Intervenção de Dom Trindade. **A Fé.** Bauru, 03 nov. 1963, p.4.
- REDAÇÃO. Crônica do Concílio: o Concílio e a América Latina. **A Fé.** Bauru, 03 nov. 1963, p.1
- REDAÇÃO. Curso de aperfeiçoamento católico. **A Fé.** Bauru, 21 maio. 1950, p.1.
- REDAÇÃO. Curso superior de Religião. **A Fé.** Bauru, 29 jan. 1956, p.1.
- REDAÇÃO. Diretrizes e Bases de Educação Nacional. **A Fé.** Bauru, 21 fev. 1960, p. 1.
- REDAÇÃO. Verdade sobre o projeto de lei de Diretrizes e bases da Educação. **A Fé.** Bauru, 27 mar. 1960, p. 1.
- REDAÇÃO. Estamos às portas do Concílio! – Coloquemo-nos em estado Conciliar! **A Fé.** Bauru, 23 set. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Extraordinário êxito alcançou a semana rural do clero de Botucatu. **A Fé.** Bauru, 17. ago. 1952, p. 1.
- REDAÇÃO. Grandiosa Quermesse, **A Fé. Bauru,** 1 jul. 1951, p.1.
- REDAÇÃO. Igreja em Estado Conciliar **A Fé.** Bauru, 26 ago. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Instalado o Concílio: a Igreja vive seus grandes momentos. **A Fé.** Bauru, 21 out. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Introdução a uma Pastoral de Conjunto – Plano de Emergência – Renovação Pastoral – Do ministério Sacerdotal – Dos educandários – Comentários. **A Fé,** Bauru, 11 out. 1962, p. 6.
- REDAÇÃO. O Episcopado nacional ouve Paulo VI. **A Fé.** Bauru, 17 nov. 1963, p. 1.4.
- REDAÇÃO. O Que é a Ação Católica. **A Fé.** Bauru, 15. out. 1950, p.1-2.
- REDAÇÃO. O Que é a Ação Católica. **A Fé.** Bauru, 22. out. 1950, p.1-2.
- REDAÇÃO. O Que é a Ação Católica. **A Fé.** Bauru, 8. out. 1950, p.1-2.
- REDAÇÃO. Para compreender a Semana Santa. **A Fé.** Bauru, 11. Mar. 1956, p.1.
- REDAÇÃO. Plano de Emergência **A Fé,** Bauru, 1 set. 1962, p. 1.
- REDAÇÃO. Por um mundo Melhor. **A Fé.** Bauru, 26. out. 1958, p.1.
- REDAÇÃO. Reforma do Cerimonial da Semana Santa. **A Fé.** Bauru, 2. fev. 1956, p.1.
- REDAÇÃO. REGISTROS. **A Fé.** Bauru, 8 jul. 1962, p. 2.
- REDAÇÃO. Retrato do Concílio Ecumênico. **A Fé.** Bauru, 11 out. 1962, p.1-12
- REDAÇÃO. Sal e Pimenta. **A Fé.** Bauru, 29 maio. 1960, p. 2.
- REDAÇÃO. Semana Eucarística. **A Fé.** Bauru, 6 maio. 1951, p.1.
- REDAÇÃO. Solene instalação de 3 novas paróquias de Bauru. **A Fé.** Bauru, 28 dez. 1952 p.1-2.

- REDAÇÃO. Solene Posse e Coroação do Papa Paulo VI. **A Fé.** Bauru, 7 jul. 1963, p. 1-2.
- REDAÇÃO. Sua Santidade Papa João XXIII. **A Fé.** Bauru, 1 novembro 1958, p. 1
- REDAÇÃO. A Igreja e os problemas da atualidade. **A Fé.** Bauru, 15 ago. 1954, p. 1.
- REDAÇÃO. A palavra de orientação da Liga Católica. **A Fé.** Bauru, 15 ago. 1950, p. 1.
- STRABELI, Pedro A Bíblia e Jesus Cristo. **A Fé.** Bauru, 18. mar. 1956, p.1.
- STRABELI, Pedro. “A BÍBLIA e a Igreja Católica”. **A Fé.** Bauru, 19. fev. 1956, p.1.
- STRABELI, Pedro. “A Bíblia e a Você”. **A Fé.** Bauru, 26 fev. 1956, p.1.
- STRABELI, Pedro. “A Bíblia e só a Bíblia”. **A Fé.** Bauru, 12. fev. 1956, p.1.
- STRABELI, Pedro. A Bíblia e salvação. **A Fé.** Bauru, 4. mar. 1956, p.1.
- STRABELI, Pedro. A ORIGEM DA BÍBLIA. **A Fé.** Bauru, 05. maio 1957, p.1.
- STRABELI, Pedro. A SANTA IGREJA e a leitura de Bíblias falsificadas. **A Fé.** Bauru, 14. mar. 1957, p.1.
- STRABELI, Pedro. Algumas Definições. **A Fé.** Bauru, 28. abr. 1957, p.1.
- STRABELI, Pedro. Bíblia e os apócrifos. **A Fé.** Bauru, 21. abr. 1957, p.1.
- STRABELI, Pedro. Bíblia e tradição. **A Fé.** Bauru, 4. mar. 1956, p.1.2.
- STRABELI, Pedro. Cristo não fundou uma Igreja Bíblica. **A Fé.** Bauru, 16 mar. 1956, p.1.
- STRABELI, Pedro. os Católicos sempre leram a Bíblia. **A Fé.** Bauru, 17. mar. 1957, p.1.
- STRABELI, Pedro. Os livros deuterocanônicos no antigo testamento. **A Fé.** Bauru, 12. maio 1957, p.1.
- STRABELI, Pedro. quem organizou a lista dos livros da santa Bíblia? **A Fé.**, Bauru, 14 abr. 1957, p.1.
- STRABELI, Pedro. Tradutores da Bíblia protestante. **A Fé.** Bauru, 31. mar. 1957.
- STRABELLI, Pedro. A Santa Igreja e a leitura de Bíblias falsificadas. **A Fé.** Bauru, 14 mar. 1957, p.1.
- STRABELLI, Pedro. Bíblia e a deslealdade protestante. **A Fé.** Bauru, 18 nov. 1956, p.1.
- STRABELLI, Pedro. Doutrina de Cristo e Doutrina de Cristo. **A Fé.** Bauru, 17 fev. 1956, p.1.
- STRABELLI, Pedro. leitura da Bíblia e os católicos. **A Fé.** Bauru, 10 mar. 1957, p.1.
- STRABELLI, Pedro. Tradutores da Bíblia protestante. **A Fé.** Bauru, 31 mar. 1957, p.1.
- TAKAMOTO, Yoshimatsu. A comunidade nipo-brasileira em Bauru. **A Fé.** Bauru, 7 jun. 1959, p.1.
- TRINDADE, Goland Henrique. O comunismo, o governo, a Igreja, o povo e cada um de nós. **A Fé.** Bauru, 26. ago. 1951, p. 2.
- TRINDADE, Goland Henrique. Uma obra a altura do Nosso tempo: A congregação das servas do Senhor. **A Fé.** Bauru, 19. out. 1952, p. 2.
- TRINDADE, Henrique Goland. Carta do Arcebispo ao Padre Pedro Paulo e seus leitores. **A Fé.** Bauru, 5 nov. 1961, p.1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Acidade Episcopal de Bauru. **A Fé.** Bauru, 11 jun. 1962, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – I. **A Fé.** Bauru, 18 nov. 1962, p. 1.

- TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – II. **A Fé**. Bauru, 25 nov. 1962, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – III. **A Fé**. Bauru, 09 dez. 1962, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Batina ou Clergyman com dignidade. **A Fé**, Bauru, 24 mar. 1963, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Concílio Continua. **A Fé**, Bauru, 03 mar. 1963, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Conosco, sem nós ou contra nós a reforma agrária se fará. **A Fé**. Bauru, 18 dez. 1960. p.1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Grande reunião para maior união. **A Fé**, Bauru, 19 ago. 1962, p. 3.
- TRINDADE, Henrique Golland. Montini, íntimo. **A Fé**, Bauru, 14 jul. 1963, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Pelo dia 12 de dezembro. **A Fé**, Bauru, 8. dez. 1963, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Provisão. **A Fé**. Bauru, 24 set. 1961, p. 4.
- TRINDADE, Henrique Golland. Reconquistemos o Domingo. **A Fé**. Bauru, 07.set. 1952, p.1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Vamos ao Concílio. **A Fé**, Bauru, 29 set. 1963, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – 1ª. **A Fé**. Bauru, 27 out. 1963, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – 2ª. **A Fé**. Bauru, 17 nov. 1963, p. 1.
- TRINDADE, Henrique Golland. Carta do Concílio – 3ª. **A Fé**. Bauru, 08 dez. 1963, p. 1.
- VOLANTE, Osvaldo André. Pedro Paulo Koop nomeado vigário Foraneo de Bauru. **A Fé**. Bauru, 10. maio. 1953, p. 1.
- ZAVALTARO, Felix. A identificação de um professor. **A Fé**. Bauru, 29 maio. 1960, p. 3.

g) Arquivo do Bispado de Bauru - São Paulo – Brasil

Histórico da Paróquia de Bauru. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Histórico, folha 1, p.1.

Missas Vespertinas aos Domingos, dias Santos e 1ª Sexta-feira – 29 de dezembro de 1954. **Escatula Paróquia Santa Terezinha**. Pasta Provisões, folha 1, s/p.

Provisão. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Provisões, p. 1.

Provisão. **Escatula Paróquia Divino Espírito Santo - Catedral**. Pasta Provisões, p. 4.

h) Arquivo do Bispado de Lins - São Paulo – Brasil

Ata da posse por procuração do Excmo e Revma Sr. Dom Pedro Paulo Koop, Bispo de Lins. **Livro tomo da Diocese de Lins (1926-1988)**

Carta da Nunciatura ao Mons. Luís Gonzaga Passetto em 29 de julho de 1964. **Escatula Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 185, p.1.

Carta da Nunciatura ao Pe. Pedro Paulo Koop em 16 de julho de 1964. **Escatula Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 185, p.1.

Carta da Nunciatura ao Pe. Pedro Paulo Koop em 29 de julho de 1964. **Escatula Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 185, p.1.

Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop.** f. 32-36, p.1-5.

Carta de Dom Pedro Paulo Koop ao Núncio Apostólico, Dom Sebastião Baggio em 28 de junho de 1965. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop.** f. 31, p.1.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL Ata da Reunião de 5 de outubro de 1975. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.10v-12.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Assembleia Diocesana realizada nos dias 4 e 5 de março de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 30-39.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Primeira Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, 1-7.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da reunião realizada no dia 13 de novembro de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 26-27.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada no dia 18 de junho de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.40v-44.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada no dia 15 de outubro de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.50-54.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada o dia 15 de outubro de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.50-54

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Reunião realizada o dia 26 de novembro de 1978. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.54v-57

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da Segunda Assembleia da Diocese. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 6v-10.

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata da terceira reunião da 3ª Reunião do Conselho Diocesano de Pastoral. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.10-10v

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 09 de outubro de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p. 24-26

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Ata reunião da Reunião de 12 de junho de 1977. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.20v-23

CONSELHO DIOCESANO DE PASTORAL. Avaliação do ano de 1975. **Livro de atas: Assembleia e Conselho diocesano de Pastoral (1975-1981)**, p.13-15.

DIOCESE DE LINS. Atitude Cristã e universidade -Documento do II Concílio de Jovens Grupo Universitário. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 1, p. 1-4.

DIOCESE DE LINS. Conclusões do curso de renovação em Araçatuba de 22 a 26 de novembro de 1965. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop.

DIOCESE DE LINS. Estudo das competências dos vários organismos existentes na diocese (07.08.1977). **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop, f.17. p.1-4

DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1972-1976)**. Lins: s.e, s/d, p. 73p.

DIOCESE DE LINS. **Relatório quinquenal da diocese de Lins (1975-1979)**. Lins: s.e, s/d, 52p.

FESQUET, Henri. En Marge de Vatican II: Mgr. Koop évêque brésilien, demande la creation d'urgence d 'un clerege marie en America latine. **Le monde**. paris, 12. out. 1965, p. 6.

IPPH. Apresentação do IPPH - Instituto Paulista de Promoção Humana. **Desenvolvimento**. Lins. a.1, n.1, maio.1978, p.4

KOOP, Dom Pedro Paulo. Aos Padres, em julho de 1970(Retiro Espiritual). História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop.

KOOP, Dom Pedro Paulo. Carta aos Padres, Lins 08 de junho de 1970.História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop

KOOP, Dom Pedro Paulo. Contacto 5: Do bispo de Lins ao seu presbitério. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop II** – Pasta História de Dom Pedro Paulo Koop.

KOOP, Pedro Paulo. Intervenção: Comunidade Cristã, Seminário primogênito. Assembleia da CNBB, 2 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 2, p. 1-2.

KOOP, Pedro Paulo. Aos Senhores bispos da CNBB- Sul I em reunião privativa durante a assembleia de 1977 em Itaici. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 172, p.1-3

KOOP, Pedro Paulo. Carta a Dom Walter Bini, em 01 de julho de 1986. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 3** – Pasta Dom Pedro Paulo Koop: Tese do Exmo bispo diocesano no Vaticano II - estatutos. f. 4-8 p. 1-5.

KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Núncio Apostólico, 08 de setembro de 1977. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 169, p. 1-3.

KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Núncio Dom Carmine Rocco, 16 de janeiro de 1978. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 158, p.1-2.

KOOP, Pedro Paulo. Carta ao Núncio Dom Carmine Rocco, 25 de março de 1980. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 166, p.1.

KOOP, Pedro Paulo. Carta da Congregação para os bispos a Dom Paulo, 12 de janeiro de 1978. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 155, p.1-3.

KOOP, Pedro Paulo. Carta da Nunciatura Apostólica ao Bispo de Lins em 12 de Janeiro de 1978. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 155, p.1-3.

KOOP, Pedro Paulo. Carta de Dom Pedro Paulo Koop, bispo Eleito de Lins. **Bandeirante**. Lins, 31 out. 1964, p. 2.

KOOP, Pedro Paulo. Carta de Nuncio Dom Carmine Rocco a Dom Pedro Paulo Koo, 18 de dezembro de 1979. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 163, p.1.

KOOP, Pedro Paulo. Carta do Bispo de Lins ao secretariado diocesano de Lins dos Cursilhos de Cristandade sediados em Araçatuba. **Escatúla Correspondência com a nunciatura - Dom Pedro Paulo Koop**. f. 74, p.1-7.

KOOP, Pedro Paulo. **Carta Pastoral**: Do bispo da Diocese de Lins, S.P ao seu Presbitério. Lins, 1997. 37p

KOOP, Pedro Paulo. Contacto 4: Do Bispo Lins ao seu presbitério, 22 de dezembro de 1968. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop.

KOOP, Pedro Paulo. Mensagem do Bispo de Lins. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop.

KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato e sua inserção na realidade: o Celibato – a profissionalização. Assembleia da CNBB, 26 de julho de 1969. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 22, p. 1-3.

**Livro do Conselho de presbíteros – II (1973- 1977)**

**Livro do Conselho de presbíteros – III (1977- 1983).**

**Livro dos Consultores diocesanos/ Conselho de Presbíteros – I (1949- 1973)**

**Livro Tombo da Diocese de Lins (1926- 1988).**

NEVES, Lucas Moreira. Um conselho Pastoral Para a arquidiocese de São Paulo. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop, f. 15, p. 1-13.

PASETTO, Luís Gonzaga. Governo Diocesano. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 3** – Pasta Dom Pedro Paulo Koop: Tese do exmo bispo diocesano no Vaticano II - estatutos. f. 10 p.1.

Quinquenal Relatio de Ecclesiae Linensis Statu Ad Sacntam Sedem Mitenda – In anno 1959. **Escatúla Dom Henrique Gelain**. f. 1, 22p.

REDAÇÃO. Anuncio-vos uma grande alegria! **Bandeirante**. Lins, 8 ago. 1964, p. 1.

SECRETARIADO DIOCESANO DE AÇÃO PASTORAL. Lins está semeando. História da Diocese. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. Curso de Preparação dos leigos na Igreja de hoje – Presidente Alves, junho de 1967. **Escatúla Dom Pedro Paulo Koop 2** – Pasta história de Dom Pedro Paulo Koop

SILVA, Francisco CARLOS DA. Diocese De Lins 95 Anos – 1ª Parte - Genealogia. In: DIOCESE DE LINS. **Livro de Tombo X**. Circular 042/2021.Prot. 055/2021.

i) Arquivo do Instituto teológico de Lins “Dom Pedro Paulo Koop” - ITEL

DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos**: participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.E, n.6, s/d.

DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos**: participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.E, n.13, s/d



- DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, a. 1, n.1, jan 1975
- DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.L, n.16, 20 fevereiro de 1982
- DIOCESE DE LINS. **Todos os Irmãos:** participação das Comunidades Cristãs nas Assembleias e grupos. Lins, s.E, n.28, s/d.
- GELAIN, Henrique. Mensagem proferida na Rádio Vaticana, na noite 11 de novembro, por D. Henrique Gelain, bispo de Lins. **Bandeirante.** Lins, 30. nov. 1963, p.1.
- GELAIN, Henrique. O Concílio Vaticano II na palavra de Nosso Bispo diocesano. Roma, 31 de outubro de 1963. **Bandeirante.** Lins, 16. nov. 1963, p.1.
- GELAIN, Henrique. Roma, 12 de outubro de 1962. **Bandeirante.** Lins, 16. nov. 1963, p.1.
- GELAIN, Henrique. Roma, 30 de setembro de 1962. **Bandeirante.** Lins, 27. out. 1962, p.1.
- KOOP, Paulo. Mensagem do Exmo. e Revmo. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante.** Lins, 27. nov. 1965, p. 1.
- KOOP, Paulo. Sr. Bispo se despede. **Bandeirante.** Lins, 4. set. 1965, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Ao povo de deus na Diocese de Lins. **Bandeirante.** Lins, 05. março. 1966, p. 1.4.
- KOOP, Pedro Paulo. As estatísticas falam. **Bandeirante.** Lins, 29. ago 1965, p. 1.4
- KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral. **Bandeirante.** Lins, 26 set. 1964, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral. **Bandeirante.** Lins, 17 out. 1964, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral. **Bandeirante.** Lins, 19 ago. 1964, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Carta Pastoral. **Bandeirante.** Lins, 24 out. 1964, p. 4.
- KOOP, Pedro Paulo. Cuidar do dia de amanhã, dever de hoje. **Bandeirante.** Lins, 21. abr. 1965, p. 1
- KOOP, Pedro Paulo. Expansão Econômica da Noroeste segundo D. Pedro Paulo Koop – MSC. **Bandeirante.** Lins, 14 maio. 1966, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. jubileu extraordinário. **Bandeirante.** Lins, 12. mar. 1966, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Liturgia e realidade. **Bandeirante.** Lins, 16. abril. 1966, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Notas do Sr. Bispo. **Bandeirante.** Lins, 10. abr 1965, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. O bispo agradece. **Bandeirante.** Lins, 27. mar 1965, p. 1.
- KOOP, Pedro Paulo. Perfis Conciliares - Bispo. **Bandeirante.** Lins, 26. mar. 1966, p. 1-2.
- KOOP, Pedro Paulo. Uma grande Benção do Concílio: Jubileu Extraordinário. **Bandeirante.** Lins, 05. março. 1966, p. 1.
- PASETTO, Luiz Gonzaga. Missa em português na diocese de Lins. **Bandeirante.** Lins, 22. jul. 1964, p. 1.
- PASSETTO, Luiz Gonzaga. Sagração do Exm. Sr. Bispo Diocesano. **Bandeirante.** Lins, 22 ago. 1964, p. 1.
- PINTO, Maria Lúcia Sampaio. O bispo de Lins e a intervenção que desejou fazer sobre o Celibato. **Bandeirante.** Lins, 11. dez. 1965, p. 1.

- PINTO, Maria Lúcia Sampaio. O bispo de Lins e a intervenção que desejou fazer sobre o Celibato. **Bandeirante**. Lins, 18. dez. 1965, p. 3.
- REBOUÇAS, Eduardo. Orientando. **Bandeirante**, Bauru, 7. dez. 1963, p. 1.
- REDAÇÃO, Clergymam, sim. **Bandeirante**. Lins, 26. set. 1964, p. 1.
- REDAÇÃO. A um passo do Concílio Vaticano II. **Bandeirante**. Lins, 30. jun. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Com a oração, participemos do Concílio. **Bandeirante**. Lins, 15. ago. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico a vista. **Bandeirante**. Lins, 27. jan. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Concílio Ecumênico na Igreja. **Bandeirante**. Lins, 7. fev.1959, p. 1.
- REDAÇÃO. Concílio ouve a palavra de um Leigo. **Bandeirante**. Lins, 24. out. 1964, p. 2.
- REDAÇÃO. Concílio realiza sua tarefa. **Bandeirante**. Lins, 28. set. 1964, p. 1.
- REDAÇÃO. Concílio realiza sua tarefa. **Bandeirante**. Lins, 28. set. 1964, p. 1.
- REDAÇÃO. Dentro do Coração do Concílio Ecumênico. **Bandeirante**. Lins, 15. set. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Deo Gratias. **Bandeirante**. Lins, 11. dez. 1965, p. 1.
- REDAÇÃO. Dom Pedro Paulo Koop, MSC, Bispo Diocesano de Lins. **Bandeirante**. Lins, 20. fev. 1965, p. 1.
- REDAÇÃO. Eis o grande Sacerdote. **Bandeirante**. Lins, 27. mar 1965, p. 1.
- REDAÇÃO. Há que renovar. **Bandeirante**. Lins, 3. out. 1964, p. 4.
- REDAÇÃO. O Dia das missões o Concílio Ecumênico. **Bandeirante**. Lins, 9. set. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. O Papa João e o Concílio Ecumênico. **Bandeirante**. Lins, 29. ago. 1959, p. 1.
- REDAÇÃO. O papa pede Oração do clero pelo Concílio. **Bandeirante**. Lins, 17. mar. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. O porquê do Concílio. **Bandeirante**. Lins, 1. set. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. O Texto sobre liberdade religiosa está melhor. **Bandeirante**. Lins, 18. dez. 1965, p. 3.
- REDAÇÃO. Provavelmente em outubro a abertura do Concílio. **Bandeirante**. Lins, 29. fev. 1962, p.1.
- REDAÇÃO. Prudência e Firmeza. **Bandeirante**. Lins, 14. ago. 1965, p. 1.
- REDAÇÃO. Resultados positivos. **Bandeirante**. Lins,7. set. 1964, p. 1.
- REDAÇÃO. Toma posse da Diocese de Lins O Exmo. e Revmo. Sr. Dom Pedro Paulo Koop. **Bandeirante**. Lins, 05 dez. 1964, p. 1.
- REOUÇAS, Conego. Orientando. **Bandeirante**. Lins, 04. set. 1964, p. 1.
- REOUÇAS, Conego. Orientando. **Bandeirante**. Lins, 05. dez. 1964, p. 1.
- TURKEY, Jaime. O Concílio Ecumênico e as esperanças de Unidade Cristã. **Bandeirante**. Lins, 18. ago. 1962, p. 4.

j) Arquivo da Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração- São Paulo - Brasil

ADMINISTRAÇÃO. Avisos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939, Campinas, p. 2.

Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 12. dez, 1939. São Paulo, p. 142-143.

Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun, 1941. São Paulo, contra-capas.

CAPOBIANCO, Humberto. A História continua assim. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 1, jan. 2010, p. 27.

CAPOBIANCO, Humberto. Diáspora. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 3, mar. 2010, p. 27.

CAPOBIANCO, Humberto. Em solo Brasileiro. **Revista de Nossa Senhora: Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 73, n. 2, fev. 2010, p. 27.

CAPOBIANCO, Humberto. Missionários do Sagrado Coração – 90 Anos de Brasil (1911-2001) **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 64, n. 5, maio. 2001, p. 9.

CAPOBIANCO, Humberto. Pe. Ludovico Kauling, o outro pioneiro. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 70, n. 9, set. 2017, p. 26-27.

CAPOBIANCO, Humberto. Pedro Paulo Koop, Paixão pelo Cristo. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 66, n. 20, out. 2003, São Paulo, p. 8-9.

CAPOBIANCO, Humberto. Professor até o fim: Padre Adriano Van Iersel (1879-1967) - Fundador da congregação MSC no Brasil. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 69, n. 3, mar. 199, p. 26-27.

CAPOBIANCO, Humberto. Um homem Manso e humilde de Coração. **Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. a. 67, n. 2, fev. 2004, p. 8

KOOP, Paulo. A devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul, 1943. São Paulo, p. 65- 98.

KOOP, Paulo. A formação do Missionário. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun, 1939. Campinas, p. 64.

KOOP, Paulo. A pequena obra do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out, 1941. São Paulo, p. 146.

KOOP, Paulo. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939. Campinas, p. 12-13.

KOOP, Paulo. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1939. Campinas, p. 60.

KOOP, Paulo. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun, 1941. São Paulo, s /p

KOOP, Paulo. As Bolsas de Estudo para futuros Missionários do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 8. ago, 1939. Campinas, p. 91.

KOOP, Paulo. Carta Mensal aos zeladores da Pequena Obra. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 2. fev, 1939. Campinas, p. 16.

KOOP, Paulo. Carta Mensal aos zeladores da Pequena Obra. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar, 1939. Campinas, p. 28.

KOOP, Paulo. O novo Altar. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 10. out, 1940. Campinas, p.155.

KOOP, Pedro Paulo; DINGENOUTS, Pedro. Alea Jacta est. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio. 1940. São Paulo/Campinas, p. 67.

KOOP, Pedro Paulo. Apresentando os Anais de N. Senhora do Sagrado Coração. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul. 1940. São Paulo/Campinas, p. 97.

KOOP, Pedro Paulo. Avisos. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan. 1939. Campinas, p. 2.

KOOP, Pedro Paulo. Brasileiros! Alerta! contra! **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 11. nov. 1945, Campinas, p. 12.

KOOP, Pedro Paulo. Campanha: pró-construção do Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração em vila formosa, na capital paulista. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 6. jun. 1940. São Paulo/Campinas, p. 84.

KOOP, Pedro Paulo. Católico ou Comunista. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 2. fev. 1945, Campinas, p. 26-27.

KOOP, Pedro Paulo. Chronica da Archiconfraria. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 8. agosto 1939. Campinas, p. 79.

KOOP, Pedro Paulo. Instalação festiva da primeira Parochia sob a invocação de Nossa Senhora do Sagrado Coração no Brasil. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. jan. 1940, Paulo/Campinas, p. 5-6.

KOOP, Pedro Paulo. Pirassununga: Impressões de um visitante”. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 8. agosto 1939. São Paulo, p. 96.

KOOP, Pedro Paulo. Preparando os Espíritos. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 3. mar, 1940. Campinas/São Paulo, p. 35.

KOOP, Pedro. Texto do Discurso pronunciado pelo Revmo. Pe. Pedro Paulo Koop, Missionário do Sagrado Coração. In: **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1940. São Paulo/Campinas, p. 141-142

REDAÇÃO. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. abr, 1939. Campinas, p.39

REDAÇÃO. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 4. maio, 1939. Campinas, p. 51.

REDAÇÃO. Apresentado os Anais de N. Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. Jul, 1940, São Paulo/Campinas, p. 97.

REDAÇÃO. Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 12. dez, 1939. São Paulo, p. 130-131.

REDAÇÃO. As festas em louvor de Nossa Senhora do Sagrado Coração em Vila formosa (02 de junho de 1940). **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 7. jul. 1940. São Paulo/Campinas, p.108.

REDAÇÃO. Bolsas Fundadas. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração** n. 7. jul, 1946. São Paulo, p.117.

REDAÇÃO. Bolsas Fundadas. **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 1. jan, 1939, Campinas, p.15.

REDAÇÃO. Crônica do Escolaticado. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração** n. 1. Jan, 1946. São Paulo, p.3-4

REDAÇÃO. O Escolasticado “Nossa Senhora do Sagrado Coração”. **Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 9. set. 1941. São Paulo, p. 140-141.

REDAÇÃO. Palestra: “A obra das vocações” e a “Pequena Obra do Sagrado Coração” **Annaes de Nossa Senhora do Sagrado Coração**. n. 5. maio, 1939, Campinas, p. 52.

k) Arquivo da Paróquia e Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração - São Paulo – Brasil

**Livro tombo I.** São Paulo- SP.

**Livro de Batismo I – 1939-1946.** São Paulo- SP.

l) Arquivo da Paróquia e Santuário de Nossa Senhora Aparecida - Bauru - São Paulo – Brasil

**Livro tombo I.** Bauru- SP.

m) Arquivo da Paróquia Nossa Senhora da Soledade - Itajubá – Minas Gerais – Brasil

**Livro tombo - 1.** Itajubá-MG

**Livro de Batismo.** Itajubá-MG,

**Livro de Casamento.** Itajubá-MG

n) Arquivo da Paróquia Parochie Sant. Martinus - Hillegom – Países Baixos

**Doopregister 1905 - Registro no livro de batismo: batizado de Pedro Paulo Koop.** – Anexo enviado via e-mail: [sechillegom@rkwb.nl](mailto:sechillegom@rkwb.nl). Acesso em: 22.jul.2019.

o) Arquivo da Catedral do Divino Espírito Santo - Bauru - São Paulo – Brasil

**Livro de Batismo,** 29 e 30. Bauru-SP.

**Livro de Casamento,** 09 e 10. Bauru-SP.

**Livro de Casamento,** 10 e 11. Bauru-SP.

**Livro Tombo – 1.** Bauru-SP.

**Livro Tombo – 2.** Bauru-SP.

**Livro Tombo – 3.** Bauru-SP.

p) Arquivo da Paróquia Santa Terezinha - Bauru - São Paulo – Brasil

**Livro tombo I.** Bauru- SP.

q) Arquivo da Paróquia São José - Campinas - São Paulo – Brasil

**Livro Tombo I.** Campinas-SP.

r) Arquivo da Paróquia Santa Cecília - Presidente Alves - São Paulo – Brasil

**Livro de Batismo VI.** Presidente Alves- SP,

**Livro de Batismo VII.** Presidente Alves- SP.

**Livro de Casamentos 1931-1940.** Presidente Alves- SP.

**Livro tombo I.** Presidente Alves-SP

s) Arquivo da Paróquia São Sebastião de Pirajuí - São Paulo – Brasil

**Livro Tombo I:** 1916 – 1954. Pirajuí-SP

t) Arquivo Pessoal do Professor Geral Aguiar - Lins – São Paulo – Brasil

SECRETARIADO DIOCESANO DE PASTORAL. **Primeiro Plano de Pastoral de conjunto (1968-1969) da Diocese de Lins.** Lins: s/e. 1968.

u) Arquivo Pessoal de Padre José Oscar Beozzo São Paulo – São Paulo – Brasil

**Registro médico diário de Dom Pedro Paulo Koop.** Lins, 1988, p. 1-15.

v) Arquivo público do Estado de São Paulo

SÃO PAULO. Secretaria de Segurança Pública. Informação Nº 97/74. Petrus Johannes Koop ou Pedro Paulo Koop (DOM), Data-22.03.1974. In DOSSIÊ DEOPS/SP-50-E-30, Doc. N. 277, pasta 03, ficha 50-Z-32:3466.

x) Entrevistas

BEOZZO, José Oscar. **Entrevista com Els Koop.** Lins 28 dez, 2005, s/p.

FERREIRA, Reuberson. **Entrevista com José Oscar Beozzo sobre aspectos da vida de Dom Pedro Paulo Koop.** São Paulo, 14.ago.2019.

### **Documentação conciliar**

ACTA DOCUMENTA CONCILIO OECUMENICO VATICANO II APPARANDO, *Antepreparatoria: América meridionalis.* Vaticanus: Typis Polyglottis Vaticanis, 1961. v. II, pars VII.

ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI II. *Periodus prima:* Vaticanus: Typis Polyglottid Vaticanis.v. I, 1970.

ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI II. *Periodus secunda:* Vaticanus: Typis Polyglottid Vaticanis. v. II, 1972.

ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI II. *Periodus tertia:* Vaticanus: Typis Polyglottid Vaticanis. v. III, 1975.

ACTA SYNODALIA SACROSANCTI CONCILII OECUMENICI VATICANI II. *Periodus quarta*: Vaticanus: Typis Polyglottid Vaticanis. v. IV, 1977.

CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Constituição *Sacrosanctum Concilium (SC)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Presbyterorum ordinis (PO)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Dogmática *Lumen Gentium (LG)*. In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968.

CONCÍLIO ECUMENICO VATICANO II. Decreto *Ad Gentes (AG)* In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Decreto *Apostolicam Actuositatem (AA)*. In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968.

CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. Constituição Pastoral *Gaudium et Spes (GS)*. In.: **Compêndio do Vaticano II: Constituições, Decretos e Declarações**. Petrópolis: Vozes. 8ª ed., 1968.

MESQUITA, Francisco Austregésilo de, *Interventus Domini F. A. de Mesquita, Episcopi Afogadensis de Ingazeiras in Brasilia, Roma, die 10 mensis octobris anni 1965*, 2 mimeo – FVatII/SP.

## Livros

ALBERIGO, Giuseppe (org) *História dos Concílios Ecumênicos*. São Paulo: Paulus, 1995.

ALBERIGO, Giuseppe (Org). *História del Concílio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anúncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962*. v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Lueven, 1999.

ALBERIGO, Giuseppe. **Ângelo José Roncalli, João XXIII**. São Paulo: Paulinas, 2000.

ALBERIGO, Giuseppe.; MELLONI, Alberto. **Fede, tradizione, profezia**: studi su Giovanni XXIII e sul Vaticano II. Brescia: Paideia, 1984.

ALSEGHY, Zoltan; FLICK, Mauricio **Como se faz teologia**. Introdução ao estudo da teologia dogmática. São Paulo: Paulinas, 1979.

ARAUJO, Betânia Libânio Dantas de; YORDAKY, Wagner. **Vila Formosa**. São Paulo: Arquivo Histórico Municipal, 2022.

BARROS, Raimundo Caramuru (Servus Mariae). **Para entender a Igreja no Brasil**: a caminhada que culminou no Vaticano II. Vozes: Petrópolis, 1994.

BATALHA, Maria do Carmo Siqueira - **História da paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus**: Bauru 1931-991. Bauru: s /e. 1996.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil no Concílio Vaticano II - 1959-1965**. São Paulo: Paulinas, 2005.

BEOZZO, José Oscar. **A Igreja do Brasil: De João XXIII a João Paulo II; de Medellín a Santo Domingo**. Petrópolis: Vozes, 1993.

BOURDIER, Pierre. **As Regras da Arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

BOVERNARS, Johannes Gerhardus. **Nuestra Señora del Sagrado Corazón**. Roma: Casa General MSC, 1997.

BRUNEAU, Tomas. **Catolicismo brasileiro em época de transição**. São Paulo: Loyola, 1974.

CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares: 28ª Circular – Roma, 7/8.10.1965**. t. 3 Recife: IDHeC; CEPE, 2009.

CAMARA, Helder. **Circulares Conciliares: 33ª Circular – Roma, 12/13.10.1965**. t. 3 Recife: IDHeC; CEPE, 2009.

CAPRILE, Giovanni. **II Concílio Vaticano II: Quarto período**. Roma: La Civiltà Cattolica, 1969.

CARDOSO, Wilker e SILVA, Jailson. **Silêncios nos Trilhos: Um capítulo das ferrovias sul mineiras**. Pouso Alegre: Univás, 2013.

CARVALHO, Augusto Jose de. **Polianteia Centenário de nascimento de Dom Octavio Chagas de Miranda**. Terceiro Bispo Diocesano de Pouso Alegre. Pouso Alegre: Tipolitografia Escola Profissional, 1981.

CHEVALIER, Julio. **Anais da Pequena Sociedade: relação dos manuscritos feitos entre 1869 e 1901**. In: FONTES M.S.C. Estudos do fundador e a tradição da sociedade. Roma, 1984.

CHEVALIER, Júlio. **Nossa Senhora do Sagrado Coração**. s/l: s/e. s/d.

CHEVALIER, Júlio. **Notas íntimas...Reflexão sobre o fundador e a tradição da Sociedade** (Não destinada a publicação.). In: FONTES M.S.C. Serie I. Obras de Júlio Chevalier, M.S.C, v.2 São Paulo, s.d.

CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris: Traditionisque Societas** (Non destinés La publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d.

CHEVALIER, Júlio. **Notes íntimes...Studia Fundatoris: Traditionisque Societas** (Non destinés à la publication). In: FONTES M.S.C. Serie I. Opera Jules Chevalier, M.S.C. Roma: s.e, s.d, p.

CNBB-SECRETARIADO SUL I. **Plano de Pastoral regional sul I (1968-1969)**. São Paulo: s/e., 1968.

CNBB. Declaração da Comissão Central da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Plano de Emergência para a Igreja do Brasil**. São Paulo: Paulinas, 1963 (Estudos da CNBB,1).

CNBB. Declaração dos Arcebispos e bispos presentes à reunião das províncias eclesíásticas de São Paulo. In: CNBB. **Pastoral da terra**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.

CNBB. **Plano de Emergência**. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2004. Disponível em: [http://portal.pucminas.br/imagdb/documento/DOC\\_DSC\\_NOME\\_ARQUI20130906183649.pdf](http://portal.pucminas.br/imagdb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20130906183649.pdf). Acesso em: 02. maio.2021.

CONGAR, Yves. **le concile au jour le jour**. Paris: Du Cerf, 1963.



- CALDEIRA, Rodrigo Coppe (Org.) **Concílio Vaticano**: Experiência e contextos. São Paulo: Paulinas/ Editora PUCMINAS, 2022.
- COSTA, Lia Renó. **Os 70 Anos dos Missionários do Sagrado Coração em Itajubá-MG**. Itajubá: Editora Chevalier, 1996.
- CUSKELLY, Eugenio. **Jules Chevalier: l'homme et sa mission (1824-1907)**. Roma: s.e, s.d.
- DENZINGER, Hünermann. **Compêndio dos símbolos, definições e declarações de fé e moral da Igreja católica**. São Paulo: Paulus/Loyola. 2006.
- DIOCESE DE LINS. **Cinquentenário da Diocese de Lins**. Lins: Editora Todos Irmãos, 1976.
- DORREN, Gabrielli. **Moved by the World: History of the Dutch Missionaries of the Sacred Heart (MSC)**. S/l: Verloren Publishing, 2010.
- ENGELKE, Inocêncio. Conosco, sem nós ou contra nós se fará a reforma rural. In: CNBB. **Pastoral da terra**. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1977.
- EPARQUIA MELQUITA NO BRASIL. **Igreja Greco Melquita no Concílio**: Discurso e notas do patriarca Máximo IV e dos prelados de sua Igreja no Concílio Ecumênico Vaticano II. São Paulo: Edições Loyola, 1992
- FAGGIOLI, Massimo. **Il vescovo e il Concílio**: Modello episcopale e aggiornamento al Vaticano. Bolonha: Il Miluno, 2005.
- FAVALE, Agostini. **I Sacerdoti nello spirito del Vaticano II**. Turim: Elledici, 1968.
- FERREIRA, Vonilton Augusto. **Arquidiocese de Pouso Alegre, MG – 50 anos**. Pouso Alegre: Pancron, 2012.
- FESQUET, Henri, **Le Journal du Concile**. Forcalquier: Robert Morel Editeur, 1966.
- FESQUET, Henri. **Fioeretti do Papa Bom**. Lisboa: Livraria duas cidades, 1964.
- FIGUEROA, João. **Pedra da Fé**: História da Igreja Católica no alto da Serra. Botucatu: Centro Cultural de Botucatu, 2018.
- FRANCO, Hiansen Vieira. **A História da Igreja no Sul de Minas**: A criação das dioceses de Pouso Alegre, Campanha e Guaxupé. Jundiá: Paco editorial, 2020.
- HOBBSAWN, Eric. **Era dos extremos**: o breve século XX- 1914-1991. São Paulo: Companhia das letras, 2009.
- JOAO XXIII. Encíclica Mater et Magistra. In: COSTA, Lourenco (org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 8.
- KERCK, J. **Cien años de vida Misionera**. Santo Domingo/República Dominicana: Editora amigo del hogar, s.d.
- KERCK, J. Júlio Chevalier: **O homem e sua ideia**. São Paulo: Loyola, 1987.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II** :Documentário pré-conciliar. Petropolis: Editora Vozes. v.1, 1962.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II** :Documentário pré-conciliar. Petropolis: Editora Vozes. v.1, 1962.
- KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II**: Quarta sessão (set.-dez.1965) Petropolis: Vozes, v.5, 1966.

- KLOPPENBURG, Boaventura. **Concílio Vaticano II**: Quarta sessão (set.-dez.1965) Petropolis: Vozes, v.5, 1966.
- LIBÂNIO, João Batista. **Concílio Vaticano II**: em busca de uma primeira compreensão. São Paulo: Vozes, 205.
- LIMA, Irma. **Missionários do Sagrado coração - MSC – Presença Centenária**. Bauru: s/e, 2013.
- LIMA, Rafael Zagato. **Paróquia São Sebastião**: Uma realidade no início do século XX. s.l: s.e, s.d
- LUSTOSA, Oscar Figueiredo. (org.), **Igreja e Política no Brasil**: do Partido Católico a L.E.C. (1874-1945), São Paulo: Edições Loyola/CEPEHIB, 1983.
- M.S.C. **100 Anos M. S.C**:1854 – 8 de dezembro 1954. São Paulo: s/e, 1954.
- M.S.C. **Nossa Senhora do Sagrado Coração**: a maravilhosa advogada das causas desesperadas. São Paulo: Gráfica e editora prelúdio. 1956.
- MELLONI, Alberto. **Como se elege um Papa: História do Conclave**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- MEYER, Jean. El celibato sacerdotal católico en los siglos XIX y XX. **Cide**: México, 2009. Disponível em: <http://repositorio-digital.cide.edu/bitstream/handle/11651/1031/94225.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em 20Jul 2022.
- MINISTÉRIO DE NEGOCIOS ESTRANGEIROS. **História dos Países Baixos**. Haia: s/e,1998.
- MISSSIONEIROS DEL SAGRADO CORAZÓN. **150 años testimoniando el amor de Dios**. República Dominicana: s.e, 2004.
- NERY, João Batista Corrêa. **Carta Pastoral Sobre a Ação do Clero nos tempos atuais**. Campinas, Typogrhafia Casa Mascote, 1913.
- O'MALLEY, John. **O que aconteceu no Vaticano II**. São Paulo: Loyola, 2014.
- O'MALLEY, John. **Quando os bispos se reúnem**: Um ensaio que compara Trento, o Vaticano I e o Vaticano II. Lisboa: Edições 70, 2020.
- O'MALLEY, John. **When Bishops meet**: Na essay comparing Trent, Vatican I and Vatican II. Cambridge: The Belknap press of Havard University press. 2019 (Ebook).
- OLIVEIRA, João Aristide. **A diocese de Pouso Alegre no ano jubilar de 1950**. Pouso Alegre: Tipolitografia Escola Profissional, s/d.
- OLIVEIRA, Pedro. A. Ribeiro. de. **Religião e Dominação de classe**: Gênese, estruturação e função do catolicismo romanizado no Brasil. Petrópolis: Vozes, 1985.
- ONICHI, Pedro. **Domingos Chohachi Nakamura**: O Apóstolo dos Imigrantes Japoneses. Marília: Gráfica Fragata Ltda, 2005.
- ORTIGÃO, Ramalho.A **Hollanda**. Lisboa: Parceia Antônio Maria Pereira Livraria e Editora,1924.
- PERLATTO, J. (Org.). **Pouso Alegre, Diocese Centenária**: 1900 - 4 de agosto - 2000. Pouso Alegre: Grafcenter, 2000.
- PIPPERON, Charles. **Jules Chevalier**: fondateur et premier supérieur général des missionnaires du sacré Coeur.Lille-Paris- Burges: Société Saint-augustin, Desclé, de Brouwer et cié, 1912.

- PINHO, José Eduardo Borges. **A recepção como realidade eclesial e tarefa ecumênica**. Lisboa: Didaskalia, 1994.
- RAVEL, Jacques. **Jogos de Escala: a experiência da microanálise**. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas. 1ª ed. 1998.
- RIZZINI, Irene e RIZZINI, Irma. **A Institucionalização de Crianças no Brasil: Percurso histórico e desafios do presente**. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio; São Paulo: Loyola, 2004.
- ROBERTO, Henrique. **Face a Face: Os Missionários do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora Chevalier, 1996.
- ROCHA, Vera Lúcia; VILA, Nanci Valença Hernandes. **Cronologia do rádio paulistano: anos 20 e 30**. São Paulo: CCSP/Divisão de Pesquisa, 1993.
- ROUTHIER, Giles. **La réception d'un Concile**. Paris: Cerf, 1993.
- SAVIANI, Demerval. **História das Ideias Pedagógicas no Brasil**. Campinas: Autores Associados, 2007.
- SERBIN, Kenneth. **Padres, celibato e conflito social: uma história da Igreja católica**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- SILVA, José Arioaldo. **O Movimento Litúrgico no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1983.
- SOUZA, Ney de (Org). **Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja católica Centenário da Arquidiocese**: São Paulo: Paulinas, 2004.
- SOUZA, Ricardo Luís. **Festas, procissões, romarias, milagres: aspectos do catolicismo popular**. Natal, Editora IFRN. Disponível em: <https://memoria.ifrn.edu.br/bitstream/handle/1044/1090/Festas%20Procissoes%20Romarias%20Milagres%20-%20Ebook.pdf?sequence=1>. Acesso em 25.abr.2020.
- STRABELI, Pedro. **A Santa Bíblia ante as mil seitas protestantes: esclarecimento aos católicos**. Juiz de Fora: Lar Católico, 1960.
- TEIXEIRA, Faustino Luiz Couto. **A Gênese das CEBs no Brasil: Elementos explicativos**. São Paulo: Paulinas, 1988.
- THEOBALD, Christoph. **A recepção do Concílio Vaticano. II. vol. I**. São Leopoldo: Unisinos, 2015.
- TRINDADE, Henrique Golland. Ação católica no Sertão. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 5, mar 1945.
- TRINDADE, Henrique Golland. **Primeira Pastoral: Corações ao Alto**. Petrópolis: Vozes, 1941.
- TRINDADE, Henrique Golland. **Quarta Pastoral: Não nos iludamos e trabalhemos**. Petrópolis: Vozes, 1948.
- TRINDADE, Henrique Golland. **Quinta Pastoral: Pró-Santificação do Dia do Senhor (um ano inteiro de trabalho)**. Petrópolis: Vozes, 1950.
- TRINDADE, Henrique Golland. **Segunda Pastoral: Ação católica no Sertão - Mensageiro da Fé**: Salvador. s.d.
- TRINDADE, Henrique Golland. **Sigamos a Missa!** Petrópolis: Vozes, 1938.
- TRINDADE, Henrique Golland. **Terceira Pastoral: últimas palavras a querida Diocese de Bonfim**. Petrópolis: Vozes, 1948.

- VERÍSSIMO, Érico. **Incidente em Antares**. São Paulo: Companhia das Letras. 2013.
- VERMIN, Henri. **Júlio Chevalier: Fundador dos Missionários do Sagrado Coração – Estudos sobre sua vida e suas obras (1824-1869)**: Roma: s.e, s.d.
- VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994.
- VITOR, Manoel. **Nossa Senhora do Sagrado Coração**. São Paulo: Editora nova Era. 1956.
- WENGER, Antonie. **Vatican II: Chronique de la quatième Session**. Paris: Editions Du Centurion. 1966.
- ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org.). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998.
- ZANLOCHI, Terezinha Santarosa. **Padres Rebeldes? O caso de Botucatu**. Editora Santuário: São Paulo, 1996.
- ZIZOLA, Giancarlo. **Il conclave, storia e segreti**. Roma: Newton Compton, 1993.

### Capítulos de Livros

- ABREU, Elza Helena. Concílio Vaticano II: tradição e renovação, exigência de uma hermenêutica conciliar. In: \_\_\_\_\_; SOUZA, Ney de (Orgs.) **Concílio Vaticano II: memória e esperança para os tempos atuais**. São Paulo: Paulinas/Unisal, 2014, p. 69-82
- ALBERIGO, Giuseppe. El Anúncio del Concílio: De la seguridade del baluarte a la fascinación de la busqueda. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concílio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962**. v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Lueven, 1999, p. 17-62.
- ANTONIAZZI, Alberto. "Estruturas de participação nas igrejas locais." In. ANJOS, Márcio Fabri dos (org.). **Bispos para a esperança do mundo: uma leitura crítica sobre caminhos de Igreja**. Paulinas: São Paulo, 2000, p.195-236.
- ARENDDT, Hannah. Ângelo Giuseppe Roncalli: um cristão no trono de São Pedro de 1958 a 1963. In: \_\_\_\_\_. **Homens em tempos sombrios**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 67-79.
- BARAUNA, Luiz. Análise dos “Vota” do Episcopado Latino-Americano: Brasil. In: Beozzo, José Oscar(org). **A Igreja Latino-Americana às vésperas do Concílio: História do Concílio Ecumênico Vaticano II**. São Paulo: edições Paulinas, 1993, p.146 –177.
- BATALHA, Maria do Carmo Siqueira - **Paróquia de Santa Teresinha do Menino Jesus**: In: ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 130-138.
- BELTRAMI, Arnaldo. Bispo dos Seminaristas, da Liturgia e Comunicação. In VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p. 113-117.
- BEOZZO, José Oscar. El clima exterior. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concílio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962**. v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Lueven, 1999, p. 331-372.

CALDEIRA, Rodrigo Coppe. Assembleia do povo de Deus (APDs): uma faceta da recepção do Concílio Vaticano II. In: BOSCHI, Caio Cesar; PINHEIRO, Luiz Antônio. **Arquidiocese de Belo horizonte e a Evangelização**. Belo Horizonte: Editora PUC Minas, 2014. 207-253.

CONGAR, Yves. A “Recepção como realidade eclesiológica”. In: \_\_\_\_\_. **Igreja e papado**. São Paulo: Edições Loyola, 1997, p.253-296.

FERREIRA, Reuberson (2020). Que bispo na América latina? Uma leitura do ministério Episcopal à luz do conceito de colegialidade do Vaticano II. In: DI FIORE, André Gustavo; FERREIRA, Reuberson (Orgs). **Vaticano II: Olhares e perspectivas**. São Paulo, Recriar, 2019.

FERREIRA, Reuberson. Dom Paulo Evaristo Arns, a CNBB e o CELAM: elementos de uma vivência colegial. In: OTAVIANI, Edelcio; ULHOA, Bori Neff, MANZINI, Rosana. **Dom Paulo Evaristo Arns: Um franciscano apaixonado pelo Reino de Deus na cidade**. São Paulo: Educ, 2022.

FOUILLOUX, Etienne. La fase antepreparatoria (1959 - 1960): el lento camino para salir de la inercia. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concílio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962**. v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Lueven, 1999, p.63-154.

GIUSEPE, Alberigo e MELONI, Alberto. Per la istorcizazione del Vaticano II. In: GIUSEPE, Alberigo. **Cristianesimo em nela storia**. Bolonha: s/e, v.13. 1992.

JOAO XIII. Humanae Salutis. In: COSTA, Lourenco (org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 15, p. 251-259.

JOAO XIII. *Paenitentiam Agere*. In: COSTA, Lourenco (org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 15, p. 284-295.

KOMANCHAK, Joseph. La lucha por el Concilio durante la preparacion. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **História del Concílio Vaticano II: El catolicismo hacia una nueva era. El anuncio y la preparacion – Enero 1959 – septiembre 1962**. v. 1. Ediciones Sigueme: Salamanca; Petters: Lueven, 1999, p.155-372.

KOMONCHAK, Joseph. L’e eclesiologia di comunione. In: ALBERIGO, Giuseppe (Org). **Storia del Concilio Vaticano II: La chiesa come comunione – settemre 1964 – setembre 1965**.– v. 4. Ediciones Il Mulino: Bolonha/ Petters: Lueven, 1999, p. 19-118.

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. (Orgs.). **Usos e abusos da história oral**. 5ª ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002, p.167-182

LORIGA, Sabina. Biografia como problema. In : RAVEL, Jaques (Org). **Jogos de Escalas**. Rio de Janeiro Editora Fundação Gétulio Vargas. 1998, p. 225-250.

MARINS, José. Recordando a Dom Henrique Golland Trindade. In: VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p.109-112.

MELLONI, Alberto. El comienzo del segundo período. El gan debate sobre la Iglesia. In: ALBERIGO, Giuseppe(org). **História del Concílio Vaticano II: El Concilio maduro -El segundo período e la segunda interssession**. Salamanca/ Leuven: Salamanca/Pieterer, 2006, p. 19-115.

PALÁCIO, Carlos. **Deslocamentos da Teologia: Mutações no cristianismo**. São Paulo: Loyola. 2001.

REIS, Marcelo Eduardo Baptista. A Paróquia do Divino Espírito Santo. In: ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 80-90.

ROSA, Carlos Antônio. Dom Henrique e os jovens operários. In: VIEIRA, José Celso Soares; ROSA, Carlos Antônio (Org.). **Sursum Corda: A vida de Dom Henrique**. São Paulo: Paulicéia, 1994, p.155-160.

ROUTHIER, Gilles. Portare a termine l’opera iniziata: La faticosa esperienza del quarto período. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concílio Vaticano II: Concílio di transizione – settembre – dicembre 1965**. Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno. 2001, p. 73-196.

SOUZA, Ney. Contexto e desenvolvimento do Concílio Vaticano II. In: GONÇALVES, Paulo Sérgio Lopes e BOMBONATTO, Vera Ivanise (Org). **Concílio Vaticano II: Análise e perspectivas**. São Paulo: Paulinas. 2.ed. 205, p. 17-67.

VELATI, Mauro. Il complemento dell’agenda conciliare. ALBERIGO, Giuseppe. **Storia del Concílio Vaticano II: Concílio di transizione – settembre – dicembre 1965**. Lieve/ Bolônia: Peeters/ Miluno, 2001, p. 197-284.

VILLANOVA, Evangelista, Alberto. Lá interssession (1963- 1964) In: ALBERIGO, Giuseppe(org). **História del Concílio Vaticano II: El Concílio maduro -El segundo período e la segunda interssession**. Salamanca/ Leuven: Salamanca/Pieterer, 2006, p. 301-381.

ZANLOCHI, Terezinha Santarosa e EPIFANIO, Décio da Silva. Paróquia de Nossa Senhora das Graças. ZANLOCHI, Terezinha Santarosa (Org.). **Trilhas da Cristandade: “A Igreja Católica em Bauru” – 1964-1994**. EDUSC: Bauru, 1998, p. 108-115.

### Verbetes

BRIGHENTI, Agenor. Pastoral. In: PASSOS, João Décio(org) **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus. 2015. p. 716- 724.

LIMA, Luiz Alves. Sínodo dos Bispo. In: SANCHEZ, Wagne; PASSOS, João Décio. **Dicionário do Vaticano II**. São Paulo: Paulus/ Paulinas, 2015, p. 911-912.

OLIVEIRA, Antônio Genivaldo. Presbyteriorum ordinis. In: PASSOS, João Décio(org) **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus. 2015. p. 772-774.

XAVIER, Donizete. Pedro Paulo Koop. In: PASSOS, João Décio e SANCHEZ, Wagner Lopes(org.). **Dicionário do Concílio Vaticano II**. São Paulo: Paulinas/Paulus, 2015, p. 514-515.

### Artigos de periódicos

ANTÓN, Ángel. La “recepción” en la Iglesia y eclesiologia. **Gregorianum**, Roma, v. 77, n. 1, 1996, p.57-96.

AQUINO, Maurício de. **A criação da Diocese de Botucatu e a ação romanizadora de seu primeiro bispo, D. Lúcio Antunes de Sousa (1909-1923)**. s/p. Disponível em: [http://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/AQUINO-\\_A-criação-da-Diocese-de-Botucatu-e-a-ação-romanizadora-de-seu-primeiro-bispo.pdf](http://estudoscolaborativos.sei.ba.gov.br/wp-content/uploads/2017/11/AQUINO-_A-criação-da-Diocese-de-Botucatu-e-a-ação-romanizadora-de-seu-primeiro-bispo.pdf). Acesso em: 05.jun.2020.

- BEOZZO, José Oscar. A ordenação presbiteral de homens casados e o celibato eclesial: Intervenções episcopais desaparecidas dos Acta Synodalia do Vaticano II. A retomada do tema no Sínodo Pan-amazônico. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 79, n. 313, 20 set. 2019, p. 349-368.
- BEOZZO, José Oscar. Medellín: Inspirações e raízes. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 58, fasc. 232, dez. 1998, p. 822-850.
- BEOZZO, José Oscar. Noroeste Paulista: Aspectos demográficos ou um caso típico de povoamento **Revista Vozes**. a.63, n.9. set. 1969, p. 772-787
- BOURDIER, Pierre. L'illusion biographique. **Actes de la recherche en sciences sociales**. v. 62-63, jun. 1986, p. 69-72.
- BRIGHENTI, Agenor. Processo de recepção de um concílio na Igreja: uma conceitualização teológica. **Encontros Teológicos**. Florianópolis. a.17, v.2. n.33. 2002, p.48-49
- CARVALHO, Nilmar de Sousa. O Social Catolicismo e a sua atuação no meio rural na segunda metade do século XX no Brasil. **Revista Faces de Clio**. – Revista discente do programa de Pós-graduação em História da UFFJ. v. 5, n. 10, Jul-dez. 2019, p. 106-130.
- CNBB. Declaração dos Cardeais, Arcebispos e bispos do Brasil. **Revista Eclesiástica brasileira**. Petrópolis, v. 22, fasc. 2, jun. 1962, p. 485 – 490.
- CODINA, Victor. O Vaticano II, um Concílio em processo de recepção. **Perspectiva Teológica**. Belo Horizonte, v. 37, n. 101, 2005, p. 89-104
- CONGAR, Yves. A recepção como realidade eclesiológica. **Concillium**, 1972, n. 7, p.p.886-907.
- COSTA, Patrícia Claudia da. Ilusão biográfica: a polêmica sobre o valor das histórias de vida na sociologia de Pierre Bourdieu. **Revista Linhas**. Florianópolis, v. 16, n. 32, set./dez. 2015, p. 51-71.
- CRESCÊNCIO, Cintia Lima; OLIVEIRA, Mariana Esteves de. “Constituinte pra valer tem que ter palavra de mulher”: Movimento de Mulheres do IAJES, Movimento Regional de Mulheres e a luta por democracia no Brasil. **Anos 90, [S. l.]**, v. 26, p. 1–20, 2019. DOI: 10.22456/1983-201X.89908. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br /index.php /anos90 /article/view/89908>. Acesso em: 23 jun. 2022.
- CRONICA ECLESIASTICA. Dom Frei G. Trindade, O.F. M, novo Bispo de Bonfim. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 51, mar-jun. 1941, p. 343-344.
- DOCUMENTAÇÃO. O Papa anuncia três acontecimentos de máxima importância. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v.19, f. 1, mar. 1959, p.162.
- DOCUMENTAÇÃO. Primeiras reações à convocação do Concílio ecumênico. Petrópolis. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v.19, f. 2, jun. 1959, p. 465-466.
- DOCUMENTAÇÃO. Solene Alocução de João XXII Aos Cardeais, anunciado o Futuro Concílio Ecumênico. Petrópolis. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v.19, f. 2, jun. 1959, p. 427.
- ELDERS, Leo. La vida espiritual de los católicos em los Países Bajos y las regiones adyacentes de alemania desde el principio del siglo XIX hasta mediados del Siglo XX. **XXIV simposio internacional de Teología de la Universidad de Navarra**, 2004, p. 371-381. Disponível em: <http://hdl.handle.net/ 10171/5974> Acesso em: 31jan.2020.
- ESTEBAN, Enrique Alonso De Velasco. la crisis de la Iglesia católica en los países bajos en la segunda mitad del siglo XX. **Anuario de História de La Iglesia**. v.20, 2011, p 263-291.

FERREIRA, Reuberson; SOUZA, Ney. Dom Frei Henrique Golland Trindade e a recepção do Vaticano II na Arquidiocese de Botucatu. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 82, n. 322, p. 377-407, 21 jul. 2022.

FONSECA, Sérgio César da, BRASIL, Elmir de Almeida. A Legião Brasileira de Assistência em São Paulo e a interiorização de políticas para a infância. **História de Educação (Online)**. Porto Alegre. v. 20, n. 49 maio/ago., 2016, p. 123-141. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/59433/pdf>. Acesso em: 20 jun.2020.

HERNÁN, Parada. **Crónicas de Medellín**: Segunda Conferencia general del episcopado latino-americano. Bogotá. Indo-american press service. 1975.

OTADUY, Javier. Discernir la recepción. Las acepciones del concepto y su relieve en el derecho. **Fidelium Iura**, 1997, n. 7, p.1-68. Disponível em: <[http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/6460/1/VII-Discernir\\_recepcion.pdf](http://dadun.unav.edu/bitstream/10171/6460/1/VII-Discernir_recepcion.pdf)>. Acesso em: 22 ago. 2017.

JOAO XXIII. Carta de João XXIII ao Episcopado da América Latina. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v. 22, f. 2, mar, 1962, p. 461- 463.

KAMEYAMA, Nobuco. Histórico da ocupação e colonização do Oeste Paulista. **Revista Vozes**: Petrópolis. n. 8, set. 1968, p. 684-700

KAMEYAMA, Nobuco. Imagem Física do Oeste Paulista. **Revista Vozes**: Petrópolis. n. 8, set. 1968, p.677-682.

KLOPPENBURG, Boaventura. Primeira sessão do Concílio Ecumênico. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 22, f. 4, dez. 1962, p. 905-936.

KLOPPENBURG, Boaventura. Quarta sessão e última do Concílio Ecumênico. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v. 25, f. 3, set. 1965, p. 425-488.

KOOP, Pedro Paulo; RADEMAKERS, Huberto; BEOZZO, José Oscar. A Encíclica Humane Vitae: Análise dos argumentos. **Revista Vozes**, a. 68, nov. 2019, p.987-995.

KOOP, Pedro Paulo. Comunidade de Base e Novo ministério Sacerdotal. **Revista Vozes**. a. 62, out. 1968, p. 868-876.

KOOP, Pedro Paulo. Comunidade e Ministério **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 30, f. 118, jun. 1970, p. 355-364.

KOOP, Pedro Paulo. Lins: Comunidade em renovação. **Revista Vozes**. a.17, n.9. set. 1969, p. 788-804.

KOOP, Pedro Paulo. Ordenação Sacerdotal para casados. **Revista Vozes**. a. 60, nov. 1966, p. 889-913.

KOOP, Pedro Paulo. Presbiterato para homens casados. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 26, f. 4, dez. 1966, p. 912-916.

KOOP, Pedro Paulo. Uma nova Visão Pastoral? **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis. v. 33, f. 132, dez. 1973, p. 826-854.

MACHADO, Maria Cristina Gomes; MELO, Cristiane Silva. O debate acerca do ensino público nas discussões sobre a lei de diretrizes e bases da educação nacional (1961). **Educação e Fronteiras**: Dourados, v. 2, n. 4, p.62-79, fev. 2012. Disponível em: <<http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/educacao/article/view/1558/937>>. Acesso em: 18 ago. 2020.

MARCHI, Euclides A Igreja do Brasil e o Plano de Emergência – 1952 /1962.**Revista de Ciências Humanas**. n. 30, out, 2001, p. 81-108. Disponível em: <https://periodicos.ufsc>.



br/index.php/revistacfh/article/download/25113/22127/81672. Acesso em: 03 de maio.2021.

OLIVEIRA, Alexandre Luís de. Dom Sebastião Leme e as estratégias de atuação do catolicismo nos anos de 1930. **Faces do Clio** – Revista discente do programa de Pós-graduação em História da UFFJ. v. 2, n. 2, jul/dez, 2016, p.88-98.

ONESTINI, Andrea. Diaconato Permanente: o complexo caminho de restauração no Concílio Vaticano II e sua importância para a renovação da Igreja. **Teologia em Questão**: Taubaté, n. 32, v.2, jul-dez, 2017, p.101-127.

PASSOS, João Décio. Paulo Evaristo Arns: Pastor do aggiornamento conciliar junto dos pobres e vulneráveis. **Revista Eclesiástica Brasileira**, v. 81, n. 320, p. 740-755, 16 dez. 2021.

PETRONE, Pasquale. A cidade de São Paulo no século XX: São Paulo transforma-se em metrópole industrial. **Revista de História**, 1955, p. 127-170. Disponível em: [periodicos.usp.br](http://periodicos.usp.br). Acesso em: 17. abr. 2020.

PINHO, José Eduardo Borges de. A leitura dos sinais dos tempos e suas implicações na vida da Igreja. **Didaskalia**. Lisboa. a. XII, n.1. 2011. p.151-171.

POLANCO, Rodrigo. Concepto teológico de recepción com vistas a su aplicación al desarrollo posterior al Concilio Vaticano II. **Revista Teología y vida**. v. 54, n. 2, 2013, p. 205-231.

PRIMOLAN, Emílio Donizete. **Catolicismo e Política: a participação da Liga eleitoral nas eleições de 1933**. p.1-9. Disponível em: <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pdf/st11/Primolan,%20Emilio%20Donizete.pdf>. Acesso em:17 maio.2020.

PRIMOLAN, Emilio Donizete. **Educação física e moda: campanha católica de moralização dos costumes no interior paulista**. In: 1º Encontro dos núcleos Paraná e Santa Catarina do GT de História das religiões e das religiosidades, 2009, Londrina. 1º. Londrina: editora da uel, 2009.

PRIMOLAN, Emílio Donizete. Expansão da escola Católica na cidade de Bauru-SP na década de 1950:do centro para a periferia Anais do III Encontro Nacional do GT História das Religiões e das Religiosidades – ANPUH, IN: **Revista Brasileira de História das Religiões**. Maringá (PR) v. III, n.9, jan. 2011.Disponível em <http://www.dhi.uem.br/gtreligiao/pub.html> Acesso em: 19 ago. 2020.

PRIMOLAN, Emilio Donizete. O triunfo do catolicismo romanizado: resistências e conflitos no caso de Bauru (1897 - 1914). In: História das Religiões: desafios, Problemas e avanços Teóricos, Metodológicos e Historiográficos, 2004, Franca, s/p. **Anais do VI Simpósio da Associação Brasileira de História das Religiões**, 2004.

RADEMAKERS, Huberto. A Devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração de Jesus. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v. 15, f. 1, mar, 1955, p. 35-54.

REDAÇÃO. Crônica eclesiástica: O conclave que elegeu o Papa João XXIII. **Revista Eclesiástica Brasileira**. v.18, f. 4 dez, 1958, p. 1096-1099

ROUTHIER, Giles. La ricezione del concilio: Mentalità, soggetti e tempo de un percorso laborioso. **Pixtis&praxis**. Curitiba. v. 4, n. 2, jul/dez. 2012, p. 475-501.

SCHIMIDT, Benito Bisso. O Gênero biográfico no campo do conhecimento histórico: Trajetórias, tendências e impasses atuais e uma proposta de investigação. **Anos 90**. Porto Alegre. n. 16, dez.1996, p. 165-192.

SHOJI, Rafael. Catolicismo japonês no Exterior: a Missão aos Nikkei no Brasil. **REVER**. a 12, n.1. Jan-Jun 2012, p.168-180. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/rever/article/view/10486>. Acesso em: 12 ago. 2020.

SILVA, Paulo Julião da. A Igreja Católica e as relações políticas com o estado na Era Vargas. **Anais dos Simpósios da ABHR**, V. 13 (2012). p.1300-1309. Disponível em: <http://www.abhr.org.br/plura/ojs/index.php/anais/article/view/456>. Acesso em: 13 nov.2018.

SOUZA, Ney de. Catolicismo em São Paulo Centenário da Arquidiocese (1908-2008). **Revista de Cultura Teológica**, [S.l.], n. 60, p. 101-152, jun. 2013. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15659>>. Acesso em: 17 abr. 2020.

SOUZA, Ney; GOMES, Edgar da Silva. Os Papas do Vaticano II e o diálogo com a sociedade contemporânea. **Teocomunicação**: Porto Alegre v. 44 n. 1, p. 5-27, jan, 2014. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/teo/article/view/18264>. Acesso em: 16 set 2020.

SOUZA, Pe. Ney de. Ação Católica, Militância Leiga no Brasil: méritos e limites. **Revista de Cultura Teológica**, São Paulo: n. 55, p. 39-59, maio 2013. Disponível em: <http://revistas.pucsp.br/culturateo/article/view/15033/11226>>. Acesso em: 20 jun. 2020.

SOUZA, Ney. Cardeal Rossi e a recepção do Vaticano II em São Paulo. **ATeo**. Rio de Janeiro, v. 23, n. 63, set./dez.2019, p. 730-749.

SOUZA, Ney. Lercaro e a Igreja dos pobres. **Revista de Cultura Teológica**. São Paulo, v. 23, n. 99, maio. /ago.2021, p. 11-23.

SOUZA, Ney. SOBRINHO, Felipe Cosme e Damião. Vaticano II e aspectos de sua Recepção no ABC paulista. **ATeo**. Rio de Janeiro, v. 19, n. 50, maio. /ago.2015, p. 355-372.

TERRAZAS, Santiago Madrigal. La recepción del Concilio Vaticano II. **Revista Iberoamericana de teología**. v.6, n.13, julho-dezembro 2011, p. 57-90.

WELZENMANN, Mariano. Os ministérios na Igreja. **Teologia em Questão**. Taubaté. **Encontros** a.16, v.2. n.32. 2017, p.13-37.

### Teses e Dissertações

BEOZZO, José Oscar. **Padres conciliares brasileiros no Vaticano II**: participação e prosopografia - 1959-1965. São Carlos: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. 2001. (Tese Doutorado em História Social)

CARDONHA, José. **A Igreja Católica nos "Anos de Chumbo"**: resistência e deslegitimação do Estado autoritário brasileiro 1968-1974. PUC: São Paulo, 2011. (Doutorado em Ciências Sociais)

COUTINHO, Sérgio. **"VERBALIZAÇÃO DO SAGRADO" EM TEMPOS DE FRONTEIRA**: A recepção do Concílio Vaticano II no Maranhão, 1959-1979. Goiânia: Universidade Federal de Goiás - Faculdade de História, 2015. (Tese de Doutorado).

COSTA, Marcos Sanches da. **O Povo, a Religião e a Política**: experiências pastorais e participação popular em bairros de Andradina/SP (1976 – 1988). Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2017. (Dissertação de mestrado).

DE OLIVEIRA, Elenisia Maria. **Movimento De Mulheres De Andradina**: política, resistência e fé na redemocratização do Brasil. Dourados: Universidade Federal da Grande Dourados, 2020. (Dissertação de mestrado).

FABRI, Fernanda Aparecida. **Um ponto fora da linha: a formação urbana do Município de Pirajuí (1900 – 1930)**. Bauru: UNESP, 2017. (Dissertação de mestrado).

GOMES, Edgar. **O Catolicismo nas tramas do poder: a estadualização diocesana na primeira república (1889-1930)**. PUC/SP, 2012. (Tese de Doutorado).

JOSEPH, Samuel Pulickal. **O sacerdócio ministerial no Decreto Conciliar Presbyterorum Ordinis: um enquadramento histórico-teológico**. Lisboa: Universidade católica portuguesa, 2014(Dissertação de Mestrado).

LEITE, Marjone Socorro Farias de Vasconcelos. **Dom Arcoverde: o Cardeal dos Sertões 1870 – 1922**. Recife: Universidade Federal de Pernambuco, 2004. (Dissertação de Mestrado). Disponível em: <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/7832>. Acesso em: 25 mar.2020.

MARCHINI, Welder Lancieri. **Descolonizando um Concílio europeu. A REB e a recepção do Vaticano II**. São Paulo: PUC, 2019. (Tese Doutorado em Ciências da Religião)

PRIMOLAN, Emilio Donizete. **Do catolicismo popular ao Romanizado: primórdios da Paróquia de Bauru (1897-1913)**. Jau: Faculdade de Filosofia, ciência e Letras de Jau, 1996 (Dissertação de mestrado).

PRIMOLAN, Emílio. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru (1948-1970)**. Franca: UNESP, 2011. (Tese doutoral).

RIGOLO FILHO, Pedro. **A romanização como cultura religiosa: as práticas sociais e religiosas de D. João Batista Correa Nery, Bispo de Campinas, 1908-1920**. 2006.(Dissertação Meestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e ciências Humanas, Campinas, SP. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/281873>>. Acesso em: 3 maio. 2020.

ROSA, Elisabete Terezinha Silva. **História e Memória em Serviço Social: a Trajetória de Profissional de Nobuco Kameyama**. São Paulo: PUC, 2016 (Tese de Doutorado em Serviço Social).

ROSA, Lilian Rodrigues de Oliveira. **A Igreja Católica Apostólica Romana e o Estado Brasileiro: estratégias de inserção política da Santa Sé no Brasil entre 1920 e 1937**. 2011. UNESP, 2011. (Tese de doutorado). Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/103109>. Acesso em: 25 mar.2020.

SCHIMIDT, Benito Bisso. **Uma reflexão sobre Gênero Biográfico: A trajetória do militante socialista Antônio Guedes Coutinho na perspectiva de sua vida cotidiana (1868-1945)**. Porto Alegre: UFRGS. 1996. (Tese doutoral).

SOFFIATTI, Elza Silva Cardoso. **Pio XII e as origens do Concílio Vaticano II**. Franca-SP: Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Humanas e Sociais, 2016.Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/144583>>. Acesso em: 17 set.2019. (Tese doutoral).

VELASCO, Larissa Augusto. **Além do túnel, uma vila - histórias e personagens do primeiro bairro-operário de Campinas**. Campinas: PUC-Campinas, 2005. (Dissertação de mestrado).

ZANIN, Edmilson Jose. **O clero de botucatu sob a influência do Concílio Vaticano II (1965-1985)**. São Paulo: PUC/SP, 2007. (Dissertação de mestrado).

### Jornais diversos (e on line)

CNBB. Declaração dos Cardeais, Arcebispos e bispos do Brasil. *L'Osservatore Romano*. Roma, 24. abr.1962, p. 8.

Consagração ao Coração de Maria a arquidiocese de São Paulo. *Legionário*, nº 675, 15 de julho de 1945, p. 1. Disponível em: [https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG\\_450715\\_Consagracao\\_Nossa\\_Senhora.htm#.XvH1vC-gRN0](https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG_450715_Consagracao_Nossa_Senhora.htm#.XvH1vC-gRN0). Acesso em: 24 jun.2020.

EXPEDIENTE DA CHANCELARIA. **Folha da Manhã**. São Paulo, 07.fev. 1946. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=23409&keyword=Koop&anchor=155317&origem=busca&pd=4426b3dee5ef0e73ae4e5c2fed7e9fb4>. Acesso em: 20 jun.2020.

Homenagem a D. Anita Costa, cujo nome foi dado a obra destinada a mulheres trabalhadoras. **Folha da Manhã**. São Paulo, 9.fev.1944. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22800&keyword=Koop&anchor=116897&origem=busca&pd=93163216218da2675fc305af8e4ef9c5>. Acesso em: 20 jun.2020.

**Juramento do povo Paulista a Senhora Aparecida**. Disponível em: [https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG\\_450715\\_Consagracao\\_Nossa\\_Senhora.htm#.XvH1vC-gRN0](https://www.pliniocorreadeoliveira.info/LEG_450715_Consagracao_Nossa_Senhora.htm#.XvH1vC-gRN0). Acesso em: 24 jun.2020.

Páscoa dos Cegos. **Folha da Manhã**. São Paulo, 20.jun.1946. p. 9. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=23519&keyword=Koop&anchor=199381&origem=busca&pd=d3ef8575786a44e69e058d6f044c0172>. Acesso em: 20 jun.2020.

Páscoa dos internatos do Abrigo de Menores **Folha da noite**. São Paulo, 1.jul.1946. p. 25. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=36178&keyword=Koop&anchor=5072387&origem=busca&pd=322164aec11f982452e567add2ad35df>. Acesso em: 20 jun.2020.

PINHEIRO, Breno. Pirajuhú: a derrubada das matas – os primeiros ranchos – a primeira fazenda da zona – a primeira missa – a cidade - a comarca. **A Noroeste**. Bauru, 15.jul.1930, n. 38.

SCHADEN, E. Os primitivos habitantes do território paulista. **O Estado de S. Paulo**, São Paulo, 25 jan. 1954, p. 9.

Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 13.fev. 1941. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21898&keyword=Koop&anchor=139509&origem=busca&pd=bbcebad61e9e7737e307626fb7faaf22>. Acesso em: 20 jun.2020.

Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 13.fev. 1941. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21898&keyword=Koop&anchor=139509&origem=busca&pd=bbcebad61e9e7737e307626fb7faaf22>. Acesso em: 20 jun.2020.

Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 15.mar. 1941. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=21924&keyword=Koop&anchor=158103&origem=busca&pd=97b059058f9eeaf99082ec4b692963b>. Acesso em: 20.fev.2020.

Vida Religiosa. **Folha da Manhã**. São Paulo, 6.jun.1943. p. 12. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=22605&keyword=Koop&anchor=220708&origem=busca&pd=d3d1c42e39ca3dc53c5f706101962a1f>. Acesso em: 20 fev.2020.

### Páginas da Internet

AAS - ACTA APOSTOLICAE SEDIS. **CONSTITUTIONESAPOSTOLICAE**. a. XXXXVIII.28 Maii 1956 (Ser. II, v. XXIII), Typis Polyglottis Vaticanis, 1956. p. 245-247. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-48-1956-ocr.pdf>. Acesso em: 20 jun.2022.

AAS. **Motu Proprio Ecclesiae Sanctae**. v. 58 a.58 6, Typis Polyglottis Vaticanis.n.15 §1-3, p. 766. Disponível em: <https://www.vatican.va/archive/aas/documents/AAS-58-1966-ocr.pdf>. Acesso em:20 jun.2022.

ARQUIVO NACIONAL DA PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA NO RIO DE JANEIRO. **Relação de Passageiro em vapores - Vapor Gelria- 04.10.1931**. BR RJANRIO BS.0.RPV, ENT.23836 – Dossiê. Disponível em: <http://sian.an.gov.br>. Acesso: 25.mar.2020.

CATOLIC HIERARCHY. **Diocese of Bauru**. Disponível em: <http://web.archive.org/web/20181201222834/http://www.catholic-hierarchy.org/diocese/dbaur.html#stats> acesso em 19 ago.2020

CATOLIC HIERARCHY. **Second Vatican Council**. Disponível em: <http://www.catholic-hierarchy.org/event/ecv2.html>. Acesso em 26 ago.2021.

CONGREGAÇÃO PARA O CLERO. **Carta Presbyteri Sacra**. Disponível em: [https://www.vatican.va/roman\\_curia/congregations/cclergy/documents/rc\\_con\\_cclergy\\_doc\\_19700411\\_presbyteri-sacra\\_it.html](https://www.vatican.va/roman_curia/congregations/cclergy/documents/rc_con_cclergy_doc_19700411_presbyteri-sacra_it.html). Acesso em: 20 Jun.2020.

GIOVANNI XXIII, **Giornale dell'anima**. Disponível em: [www.Papagiovanni.com/sito/images/pensiero/gda1958-1963.pdf](http://www.Papagiovanni.com/sito/images/pensiero/gda1958-1963.pdf). Acessado em: 15 set.2020

GROOT, Berdina. **Registro de Nascimento**. Civil registration births Geboorteakten van de gemeente Velsen, 1874, Velsen, archive 358.127, inventory number 11874, 17-08-1874, record number 120. A. Disponível em: [https://www.openarch.nl/nha:\\_143F6585-B451-4847-9F07-91D8D606A919](https://www.openarch.nl/nha:_143F6585-B451-4847-9F07-91D8D606A919). Acesso em: 16 fev.2020.

GROOT, Berdina. **Registro de óbito**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste, Hillegom, archive 0831A, inventory number 51, February 16, 1954, Overlijdensakten 1951-1955, record number 1. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:523df5ba-dfb2-3c07-94d1-1c684847f54>. Acesso em: 16 fev.2020.

IBGE. **Itajubá**. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/dtbs/minasgerais/itajuba.pdf>. Acesso em 02 mar.2020.

JOAO XXIII. **Carta Apostólica sob forma de Motu Proprio Consilium**. Disponível em: [www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu\\_proprio/documents/hf\\_j-xxiii\\_motu\\_proprio\\_19620202\\_concilium.html](http://www.vatican.va/content/john-xxiii/pt/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu_proprio_19620202_concilium.html). Acesso em: 09 mar.2021.

JOAO XXIII. *Princeps Pastorum*. In: COSTA, Lourenco(org.). **Documentos de João XXIII**. São Paulo: Paulus, 1998, n. 8, p. 89-120.

KOOP, Adriana Petronella. **Registro de Obito**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, archive 0831A, inventory number 44, October 28, 1918. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:64ec96f2-dddf-9051-575e-23d6acc07e2b>. Acesso em: 20 fev.2020.

KOOP, Geertruda Hendrika. **Registro de Nascimento**. Civil registration births Archief vande ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, archive 0831<sup>a</sup>. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:98eb07a2-92dd-ec2f-4cb3-42153fe219eb>. Acesso em: 16 fev.2020.

KOOP, Johannes Petrus. **Registro de Nascimento**. Civil registration births Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, archive 0831A, inventory number 11a. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:f6cd7d82-a92c-7edc-3099-435b1d6d156e>. Acesso em: 16 fev.2020.

KOOP, Jozef Petrus. **Registro de Casamento**. Civil registration marriages Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste, Hillegom, archive 0831A, inventory number 24, November27,1900, Huwelijksakten 1893-1902, record number 31. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:5bf0bb51-eb3a-251f-f1e5-09fc0514ee2b>. Acesso em: 16 fev.2020.

KOOP, Jozef Petrus. **Registro de Nascimento**. In: Civil registration births Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste. Hillegom, archive 0831A. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:29eebcd1-eba8-1ae9-c499-17b811664b6e>. Acesso em: 16 fev.2020.

KOOP, Jozef Petrus. **Registro de óbito**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste, Hillegom, archive 0831A, inventory number 47. Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:d43cb608-2206-3707-cddb-04443c7aadde>. Acesso em: 16 fev.2020.

KOOP, Maria Barbara. **Registro de Nascimento**. Civil registration deaths Archief van de ambtenaar van de Burgerlijke Stand van Hillegom met Bevolkingsregiste..., Hillegom, archive 0831A, inventory number 44, October 28, 1918 Disponível em: <https://www.openarch.nl/elo:2cd8d59e-14c3-b023-2e6a-19c883c72f2c>. Acesso em: 16 fev.2020.

LUQUE, Inma Montalbán. **Países Bajos**. Disponível em: <http://servicios.educarm.es/templates/portal/images/ficheros/etapasEducativas/secundaria/26/secciones/400/contenidos/6719/paisesbajos.pdf> Acesso em 30 jan.2020.

PAULO VI. **Motu próprio Apostolica Solicitud**. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/motu\\_proprio/documents/hf\\_p-vi\\_motu\\_proprio\\_19650915\\_apostolica-solicitud.html](http://w2.vatican.va/content/paul-vi/es/motu_proprio/documents/hf_p-vi_motu_proprio_19650915_apostolica-solicitud.html). Acesso em 11 out.2021.

PAULO VI. **Audiência Geral. 28 de julho de 1965**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1965/documents/hf\\_p-vi\\_aud\\_19650728.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/audiences/1965/documents/hf_p-vi_aud_19650728.html). Acesso em: 06 jul.2021.

PAULO VI. **Messaggio di Paolo VI - All' intera famiglia umana: Qui Fausto Die**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1963/documents/hf\\_p-vi\\_spe\\_19630622\\_first-message.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/it/speeches/1963/documents/hf_p-vi_spe_19630622_first-message.html). Acesso em: 19 jun.2021.

PAULO VI. **Solemne rito de la coronación homilía del santo padre Pablo VI**. Disponível em: [https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1963/documents/hf\\_p-vi\\_hom\\_19630630\\_incoronazione-paolo-vi.html](https://www.vatican.va/content/paul-vi/es/homilies/1963/documents/hf_p-vi_hom_19630630_incoronazione-paolo-vi.html). Acesso em: 19 jun.2021.

PAULO VI. **Discurso do papa Paulo VI no encerramento da II assembleia ordinária do sínodo dos bispos**. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/>

paulvi/pt/speeches/1971 /november/ documents/hf\_p-vi\_spe\_19711106\_ chiusura - sinodo.html. Acesso em: 20 jul. 2022.

PIO XI. **Lettera Enciclica Lux veritatis.** Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf\\_p-xi\\_enc\\_19311225\\_lux-veritatis.html](http://www.vatican.va/content/pius-xi/it/encyclicals/documents/hf_p-xi_enc_19311225_lux-veritatis.html). Acesso em: 06 abr. 2021.

PIO XII: **Discours du Pape Pie XII aux participants au I congrès mondial de l'apostolat des laïcs.** Disponível em: [http://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1957/documents/hf\\_p-xii\\_spe\\_19571005\\_apostolato-laici.html](http://www.vatican.va/content/pius-xii/fr/speeches/1957/documents/hf_p-xii_spe_19571005_apostolato-laici.html). Acesso em: 06 mar.2021.

## ANEXO I

### CRONOLOGIA

- 1871:** \*Jozef Petrus Koop, pai de Pedro Paulo, nasce em Hillegom, província da Holanda do Sul, Países Baixos, em 22 de fevereiro de 1871.
- 1874:** \*Berdina (Bernardina) Groot nasce na cidade de Velsen na província da Holanda do Norte, em 15 de agosto de 1874. Era filha de pais protestantes
- 1881:** \*Os Missionários do Sagrado Coração chegaram a Holanda. Eles estabeleceram-se, inicialmente, na casa de campo do bispado, chamada Vila Gerra.
- 1900:** \*Casamento de Berdina (Bernardina) Groot e Jozef Petrus Koop, na Igreja de São Martinho em Hillegom no dia 27 de novembro de 1900.
- 1905:** \*Nasce na pequena Hillegom, Província da Holanda do Sul, em 04 de setembro o filho do casal Jozef Petrus Koop e Berdina Groot: Petrus Johannes Jozef Koop
- \*Petrus Johannes Jozef Koop é batizado no dia 04 de setembro na Igreja de São Martinho em Hillegom pelas mãos do Padre Johannes Cornelius Gropel. Serviram de testemunhas, os padrinhos Saimons Adrianus Groot e Joanna Koop
- 1907:** \*Nasce Maria Barbara Koop em 31 de março a mais velha entre as mulheres da família Koop. Ela casou-se com Johannes Gerardus Christiaan van Dijk em 1932 na capital dos Países Baixos, Amsterdã.
- 1908:** \*Nasce Johannes Petrus Koop, em 9 de dezembro de 1908, o primeiro homem após Pedro Paulo Koop e o terceiro na contagem. Casou-se com Alida Christina de Groot.
- 1910:** \*Nasce Barbara Maria Koop, em 3 de agosto de 1910. Tornou-se Religiosa da Congregação da Irmãs Brancas de Nossa Senhora. Atuou como Missionária em Taganika, atual Tanzânia.
- 1911:** \*Os primeiros Missionários do Sagrado Coração chegam ao Brasil, na diocese de Pouso Alegre, Minas Gerais.
- 1912:** \*Nasce Geertruda Hendrika Koop, em 23 de março de 1912. Tornou-se Religiosa da Congregação da Irmãs Brancas de Nossa Senhora. Atuou como Missionária em Malawi, na África Oriental. O Padre Koop lhe visitaria na missão em 1961 e ao tornar-se Bispo, em 1964, após o fim da III sessão do Concílio Vaticano II
- \*Aos sete anos, em 1912, Paulo Koop, recebe pela primeira vez a Eucaristia e o Sacramento da Confissão.
- 1913:** \*Nasce Jacoba Koop, a quinta entre as mulheres, foi a sexta filha na contagem geral dos irmãos de Pedro Paulo Koop.



\*Em 12 de dezembro, os primeiros Missionários do Sagrado Coração chegam a Bauru e espriam-se servindo uma imensa região até a altura, na estrada de ferro, da chamada alta Sorocabana.

- 1915:** Nasce Jozef Petrus Koop, o mais novo dentre os homens. Ele teve quinze filhos. Dos seus filhos, Elisabeth Berdina Maria Koop, que viveu por mais de vinte cinco anos no Brasil, contribuindo no campo social com seu tio, assim que ele se tornou Bispo de Lins.
- 1916:** Nasce Berdina Maria Koop a penúltima dentre as mulheres, oitava entre os filhos. Manteve-se solteira, ficou junto da mãe – Berdina Koop - até quando esta morreu.
- 1918:** \*Pedro Paulo Koop ingressou no dia 18 de setembro no seminário da congregação religiosa dos Missionários do Sagrado Coração em Tilburg, Holanda, com apenas 13 anos, recém-completos.  
\*Nasce a última entre as mulheres e nona filha na contagem geral, Adriana Petronella Koop. Ela faleceu em 28 de outubro de 1918 com apenas 9 meses. Exatos quarenta dias depois que Paulo Koop havia ingressado na Escola Apostólica em Tilburg.
- 1924:** \*Pedro Paulo Koop, recebeu o seu hábito, conseqüentemente foi admitido ao noviciado chamado de primeira classe, pois destinava-se à formação de sacerdotes em 21 de setembro. O mestre de noviços foi o Pe. Willen Muijser e havia outros dezoitos companheiros de noviciado.
- 1925:** \*Paulo Koop emitiu votos religiosos simples de pobreza, obediência e castidade numa celebração Eucarística presidida pelo superior provincial da província Neralandesa, Mathias Nijsters, em 21 de setembro de 1925 na capela do noviciado de Arnhem, Holanda.
- 1925-1927:** \* Pedro Paulo Koop Cursa Filosofia
- 1927-1931:** \*Pedro Paulo Koop Cursa Teologia
- 1928:** \*Pedro Paulo Koop, Koop, fugindo a habitual prática do escolaticado recebeu em 19 de agosto duas das quatro ordens menores: ostiariato e leitorato.  
  
\*Em 21 de setembro de 1928, recebeu as outras duas ordens menores, exorcistato e o acolitato.
- 1929:**\*Paulo Koop recebe as ordens maiores: o subdiaconato e o diaconato, respectivamente nos dias 21 e 22 de dezembro.
- 1930:** \*A ordenação sacerdotal de Paulo Koop, no dia 10 de agosto de 1930. Ele foi ordenado sacerdote com vinte e quatro anos de idade por um conterrâneo e confrade, Arnoldus Johannes Hubertus Aerts. Segue para o último ano do curso de teologia.
- 1931:** \*Em 16 de setembro, Pedro Paulo Koop, partiu do porto de Amsterdã para o Brasil. Acompanhava-o nessa viagem o Padre Alberto Bernard Brandts. Era a vigésima

turma de Missionários do Sagrado Coração holandeses que viriam trabalhar no Brasil.

\* Em 04 de outubro, Paulo Koop chega ao Brasil. Permanece em Campinas para familiarizar-se com a língua do país.

**1932:** \*Pedro Paulo Koop desembarcou na estação ferroviária de Itajubá no dia 06 de janeiro. Tratava-se de sua primeira nomeação no Brasil. Sua estada na paróquia de Nossa Senhora da Soledade em Itajubá, encerra-se exatamente no dia 24 de dezembro.

**1933:** \*Pedro Paulo Koop recebe nova nomeação. Ele fora designado para a cidade de Pirajuí, na época, diocese de Cafelândia (SP). Tratava-se do seu segundo ano no Brasil e da sua segunda nomeação.

**1936:** \*O presbítero holandês, chega a Presidente Alves (SP) no princípio de julho de 1936. A sua provisão, transcrita no Livro Tombo da paróquia, é datada de 22 de agosto de 1936. Ele seria vigário substituto.

**1937:** \*Em julho, Paulo Koop é nomeado para Campinas (SP). Ele será incumbido de consolidar a capilaridade da Arquiconfraria de Nossa Senhora do Sagrado Coração, materializar a Revista Anais de Nossa Senhora do Sagrado Coração e expandir a Pequena Obra do Sagrado Coração.

\*Em quatro de julho de 1937, é investido do ofício de “vice-pároco” da Paróquia São José na Vila Industrial.

\*Falece vítima de um infarto fulminante, aos 66 anos, Jozef Petrus Koop, pai de Pedro Paulo Koop, em 16 de outubro. O Sacerdote já vivia no Brasil, trabalhava em Campinas (SP)

**1939:** \*Paulo Koop é nomeado para Capital Paulista. Sua missão é difundir a devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração e amealhar recursos para construção de um Santuário homônimo.

**1940:** \*Paulo Koop lança-se numa contínua atividade de propagação da devoção a Nossa Senhora do Sagrado Coração. Cria uma primeira campanha em vista da missão que deveria levar a termo. Tratava-se da confecção de uma novena que seria rezada pelas famílias e transmitida pela Rádio Excelsior pelo radialista Manoel Victor.

**1944:** \*Paulo Koop funda à rua Saião Lobato, 51 no Brás, em São Paulo, um restaurante popular que oferecia comida a preços módicos para o proletariado, sobretudo para as mulheres.

**1945:** \*Padre Paulo Koop, associado a um grupo de mulheres, entre elas educadoras, enfermeiras e donas de casa, fundou, na festa litúrgica da Assunção de Maria, a “Casa da Criança”, num lugar intitulado “Chácara Nossa Senhora do Sagrado Coração”

**1945 -1946:** \*Atuou como capelão do internato das Irmãs Salesianas no Brás, assistindo as religiosas e a comunidade educacional.

- \*Atuou como assistente eclesiástico do Círculo Operário
- \*Atuou como assistente arquidiocesano da juventude operária católica feminina.
- \*Assistiu a capelania da Casa Maternal Leonor Mendes de Barros
- \*Foi constituído assistente religioso do Abrigo de Menores e do Instituto Modelo.

**1946:** \*Em 13 de outubro é fundada a Província brasileira dos Missionários do Sagrado Coração. Nela Paulo Koop, afetiva e juridicamente, filia-se.

**1946:** \*Paulo Koop, após dezessete anos, regressa a sua terra de origem para visitar sua família.

**1947:** \*Início das atividades em Bauru (SP), Vigário da Paróquia Divino Espírito Santo e Reitor da Igreja de Santa Teresinha. Em 26 de março de 1947, o vigário da Paróquia do Divino Espírito Santo, em Bauru, solicitou ao bispado o uso de ordens para o Padre Pedro Paulo Koop.

**1948:**\*Padre Pedro Paulo Koop funda casa de acolhida de órfãos e jovens em situação de rua, intitulada Casa do Garoto.

**1950:** Em 14 de maio, Padre Pedro Paulo Koop faz voltar a circular o jornal “*A Fé*”. Que havia sido fundado em 1931, mas que desde 1937 não era mais publicado.

**1952:** \*A paróquia Divino Espírito Santo é desmembrada, dando origem a outras duas: Nossa Senhora Aparecida e Santa Teresinha. Para esta última, Paulo Koop é nomeado primeiro pároco.

**1953:** Dom Henrique Golland Trindade, nomeou e constituiu vigário Forâneo, *ratio personae*, Padre Pedro Paulo Koop em maio desse ano.

**1954:** \*Falece Berdina (Bernardina) Groot em 16 de fevereiro de 1954, aos 79 anos de idade. Koop já era Vigário Decano em Bauru. Sua mãe não chegou a vê-lo ordenado Bispo, fato que ocorrerá dez anos depois.

**1957:** \*Em setembro desse ano contribui para fundação de uma unidade do Círculo Católico Estrela da Manhã em Bauru, mecanismo de atuação pastoral junto aos migrantes japoneses.

**1959:** \*25 de janeiro, João XXIII anuncia a convocação de um Concílio. Futuro Vaticano II.

\*11 e 12 de julho Bauru sedia a III edição da concentração de Nisseis. Na condição de diretor Espiritual do Círculo Católico Estrela da Manhã, Padre Pedro Paulo, estava implicado na organização e preparação.

**1960:** \*Em 10 de Julho de na Igreja de Santa Terezinha Dom Henrique Golland Trindade, anunciou sua disposição em verter trabalhos para que fosse instalado um bispado em Bauru. Paulo Koop torna-se o principal articulador das condições para esta fundação.

**1962:** \*11 de outubro início do Concílio Ecumênico Vaticano II.

**1964:** \*Bauru é criada como diocese com bula datada de 15 de fevereiro. O anúncio oficial feito às vésperas da Páscoa, no sábado Santo, dia 28 de março, daquele ano que seria ainda marcado pelo golpe militar. Padre Paulo Koop teve papel importante para que essa diocese fosse concretizada. Para seu primeiro bispo, foi nomeado o auxiliar da arquidiocese de São Paulo, Dom Vicente Ângelo Marchetti Zioni.

\*27 de julho Padre Pedro Paulo Koop é nomeado bispo residencial de Lins em substituição a Dom Henrique Gelain, transferido para a Sé de Vacaria no Rio Grande do Sul. A notícia, torna-se pública em 01 de agosto.

\*08 de setembro Monsenhor Pedro Paulo Koop é ordenado Bispo. Dom Sebastião Baggio, núncio apostólico, foi o ordenante principal ao lado de Dom Henrique Golland Trindade e Dom Vicente Ângelo Marchetti Zioni que copresidiam a ordenação.

\*09 de setembro Dom Pedro Paulo Koop pontificou missa na Catedral do Divino Espírito Santo. Foi largamente homenageado por várias entidades católicas. Ao final da missa, despediu-se definitivamente de Bauru com vista a sua mudança futura para Lins.

\*10 de setembro parte para Roma onde deveria participar da III Sessão do Concílio Vaticano II.

\*Férias na Holanda, visita as suas duas irmãs religiosas na África

\*25 de novembro, através de procuração conferida ao Vigário Capitular, Cônego Luiz Passetto, Dom Pedro Paulo toma posse da diocese Lins.

**1965:** \*14 de março entrada na diocese de Lins.

\*15 de março reunião da província eclesiástica de Botucatu em Lins

\*22 abril reunião do Cabido diocesano, governo colegiado.

\*1 de abril a 19 de agosto: visitas pastorais na diocese de Lins. Trata-se de primeira grande visita ao seu bispado. Dela extrai um minucioso relatório da situação de sua diocese.

\*11 de setembro parte para Roma onde deveria tomar parte da IV e última sessão do Concílio Vaticano II.

\*11 de outubro, o jornal *Le monde* apresenta a partir de um esboço inicial, uma tradução em francês da intervenção de Dom Pedro Paulo Koop.

\*08 de março encerramento do Concílio Vaticano II.

**1966:** \*11 de fevereiro Dom Pedro Paulo retorna a sua diocese. Havia chegado ao Brasil no dia primeiro desse mês. Visitou a nunciatura, o CERIS e, então foi para o seu bispado.

\*Dom Pedro Paulo Koop recebe o título de cidadão Linense

**1967:** \*janeiro: Consolida-se o Secretariado Diocesano de Pastoral, composto pela Irmã Maria Theresinha Ferreira Cintra, pela assistente Social, Nobuko Kameyama e pelo Padre Victor Assuiti. Todos inteiramente liberados para esse ofício.

\*janeiro: cria-se com como um instrumental, de promoção e renovação da vida pastoral, as sete Regiões Pastorais (Cafelândia, Lins, Penápolis, Clementina, Araçatuba, Andradina e Valparaíso), com coordenadores escolhidos, ao menos na sua fase inicial, pelo bispo.

\*1 de julho Fundação Instituto Paulista de Promoção humana - IPPH

\*11 de agosto Carta Pastoral de Dom Pedro Paulo Koop ao seu presbitério, com a qual firma-se as linhas básicas de renovação à luz do Vaticano II da diocese de Lins – convite ao planejamento.

**1968:** \*Em março o primeiro Plano de Pastoral Diocesano é apresentado aos diocesanos como instrumental seguro para atividades pastorais a luz do movimento de *aggiornamento* conciliar.

**1969:** \*29 de fevereiro oficialmente foi constituído o Conselho Presbiteral da diocese de Lins. Seus primeiros membros, eleitos por dois anos, foram: Conego Orides Fraçoni os Padres João Pancot; Luis Crescenti; Huberto Rademakers, MSC; Vicente Vannin; Suplentes, José Claudio da Silva Padre José Meulén; Padre José Oscar Beozzo. Como membros natos, o Vigário geral, Monsenhor Luiz Passetto e o Coordenador do Secretariado Diocesano de Ação Pastoral, Padre Victor Assuiti.

**1970** \* Em julho Padre Victor Assuiti é constituído Vigário Episcopal Itinerante.

**1971** \* Em março Dom Pedro Paulo Koop, sugere ao Conselho de Presbíteros que compusessem três Regiões Episcopais (Vigararias) que amalgamariam as regiões pastorais e gozariam de um vigário Episcopal próprio.

\*Em dezembro, no primeiro domingo do Advento, publica-se o primeiro número do folheto litúrgico Todos Irmãos.

**1972** \* 07 de julho solicitação a Santa Sé da supressão do Cabido Diocesano

**1973\*** 13 de janeiro Comunicação da Congregação para o Clero de ratificação da posição favorável a extinção do Cabido Diocesano de Lins.

**1975:** \*Respectivamente, 07 a 09 de fevereiro e 21 de abril; Primeira e segunda Assembleia diocesana de Pastoral. Nela constitui-se o Conselho diocesano de Pastoral e aprova-se seu estatuto.

\*Cinquentenário da criação do bispado de Cafelândia que, posteriormente, teve sua sede e nome mudada para Lins (1950).

- 1974:** \*03 de maio Fundação do Instituto Teológico de Lins (ITEL). Tempos depois – 1990 - tornou-se Instituto Teológico de Lins “Dom Pedro Paulo Koop, M.S.C”. Uma justa homenagem ao seu idealizador.
- 1977:** \*18 a 24 de julho Concílio Nacional da Juventude. Reuniu mais de três mil Jovens de todo Brasil em Lins. O evento foi idealizado pela Pastoral da juventude diocesana e pela Comunidade de Teizé, no Brasil. O Instituto Teológico de Lins (ITEL) na figura de seus dirigentes e assessores teve papel capital neste evento. O Cardeal Evaristo Arns, à época presidente do Regional Sul I da CNBB, celebrou a missa de encerramento.
- \*Pede pela primeira vez um coadjutor à nunciatura. Indica com anuência do seu presbitério a figura do Padre Orides Frasoni, do clero de sua diocese. Ele obteve votação unanimidade entre os seus pares.
- \* dezembro desiste de solicitar um coadjutor, naquele momento, e anuncia que “pretende ficar como bispo diocesano até 1980”
- 1979** \*19 de novembro escreve ao Núncio indicando quatro nomes para serem avaliados como possíveis candidatos a função de coadjutor com direito a sucessão.
- 1980:** \* 25 de março Dom Paulo é notificado da nomeação do seu sucessor. A notícia torna-se pública em 02 de abril. O novo bispo é apresentado em 02 de maio
- \* 29 de abril recebe de Sua Majestade a Rainha Juliana dos Países Baixos, através do Consul no Brasil a condecoração de Oficial da Ordem de Orange de Nassau.
- \*24 de julho envia carta ao Núncio junto com ofício dirigido ao papa, no qual pede Renúncia do ofício de Bispo. Solicita dois favores ao Papa, que sua renúncia seja publicada até 12 de outubro e que ele possa gozar do título de “Bispo Emérito de Lins.”
- \*25 de maio, Dom Luiz Colussi assume o ofício de Bispo coadjutor de Lins.
- \*30 de julho, Dom Paulo Viaja para Holanda, celebra seu jubileu Sacerdotal
- \*04 de setembro Dom Paulo completa 75 anos de idade.
- \*10 de outubro, tomada de posse do ofício de bispo Diocesano de Dom Luíz Colussi.
- 1984:** \*Em 08 de março, debilitado em sua saúde, parte para Holanda em busca de melhor tratamento e qualidade de vida. Volta a tornar-se membro da província neerlandesa.
- 1986** \*Visita o Brasil de 01 a 30 de abril. Vai ao Rio de Janeiro, São Paulo e Lins. Acompanha a Inauguração da Biblioteca do ITEL para qual ele tinha contribuído captando recursos junto a instituições na Europa.
- 1987** \* 27 de outubro volta definitivamente para o Brasil, passa a residir em Lins.
- 1988:** \*26 de março, Dom Pedro Paulo Koop falece em Lins. É sepultado na catedral Diocesana de Santo Antônio.

**ANEXO II**  
**Registro de Batismo de Dom Pedro Paulo Koop**

			ANNO DOMINI
die mensis	Ego Johannes Cornelius Gropel parochus hujus ecclesiae baptisavi, (vel suo quique loco nominatus, sive necessitate urgente, baptisavi):		ex
30 Aug	Sacellanus Q. S.	Joannem Conradum	Martino Walkers et Apollonia van Noorden conj. huj. par.
3 Sept	J. de Boer Sacellanus huj. par.	Andream Jacobum	Joanna van den Berg et maria Schrama conj. huj. par.
4 Sept	Sacellanus Q. S.	Petrum Joannem Joseph	Joseph Petrus Koop et Berdisa Groot conj. huj. par.
10 Sept	N. H. de van Reyden Sacellanus huj. par.	Cornelien de Haan	Cornelio van Stavoren et Maria Spierings conj. huj. par.
10 Sept	Sacellanus Q. S.	Arend Cornelium	Arnoldo de Groot et Wilhelmina Brovener conj. huj. par.

[Cópia do Livro onde está assentado o batismo de Koop, na Paróquia St. Martinus, a época bispado Haallem. Na parte superior o nome do Padre que oficiou o Sacramento Johannes Cornelius Gropel. Na 3ª Linha de batizados, 04 de setembro, nome do neófito e dos seus pais]

1905	
Patrini fuerunt	
Joannes Conradus Terbrugge et Maria Walkers ambo huj.	
Hubertus Schrama et Joanna van Steen ambo huj.	
Simon Adrianus Groot et Joanna Koop ambo huj.	Sacerdos actus die 10 Aug. 1930, et consecratus episcopus 10 Septembris 1964, in curia "Beauvill", Status S. Pauli, in Brasilia
Petrus Jansen et Joanna Spierings ambo Revelaar	
Petrus Andreas de Groot et Joanna van Steen ambo Revelaar	Matriamorem contraxit cum Maria Ruggink in seal. St. Josephi Kellepen die 8 Jan. 1947.

[Na segunda parte, 3ª Linha nome dos padrinhos Saimons Adrianus Groot e Joanna Koop. Acrescido da anotação: Sacerdote em 10.08.1930; Bispo 05.09.1964]  
Fonte: Paróquia St. Martinus – Hillegom – Holanda

## ANEXO III

Marca página distribuído como Lembrança do envio Missionário de Padre Pedro Paulo Koop, M.S.C para o Brasil



**Na frente do Cartão (Direita):** Lembrança da minha viagem ao Brasil no Vapor Gelria, 16 de setembro de 1931, Piet koop, Missionário do Sagrado Coração.

**No verso do cartão (Esquerda):**

[...] meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e completar a sua obra. Vocês não dizem que daqui a quatro meses vem a colheita? Pois eu digo a vocês: levantem os olhos e veja os campos; já estão brancos para a colheita (Jo 4, 34-35)

Junto a cruz de Jesus estavam sua mãe (cf. Jo. 19, 25)

**Detalhe,** no cartão de envio missionária, logo após a citações bíblicas, a súplica: *Todos vós que me amais, rezai por mim e pelo meu apostolado*”

**Fonte:** Arquivo da Província Holandesa dos Missionários do Sagrado Coração.



## ANEXO IV

Marca página distribuído na ordenação e na primeira Missa de Padre Pedro Paulo Koop  
- Modelo I –



**Na frente do Cartão (Esquerda):** Imagem de Nossa Senhora com o menino Jesus e uma referência São Tomaz de Aquino.

**No verso (Direita):** Lembrança do meu presbiterato e da minha primeira Missa Solene. Stein, 10 de agosto de 1930 e Hillegom, 15 de agosto de 1930 - Paróquia de São José

**“Pai, chegou a hora. Glorifica o teu filho, para que o teu filho te glorifique pois lhe deste poder sobre todo o ser humano para que ele dê vida eterna a toso aqueles que lhe deste”. (Jo 17,1)**

*Embora a citação indique o versículo 1 do capítulo 17 do Evangelho de João, na Edição Pastoral da Sagrada Escritura o texto mencionado está no versículo 1 e 2.*

**“Maria, eis aí o seu filho” (cf. Jo 19, 27)**

*Embora a citação indique o versículo 27 do capítulo 19 do Evangelho de João, na Edição pastoral da Sagrada Escritura o texto mencionado está no versículo 26.*

**Fonte:** Arquivo da Província Holandesa dos Missionários do Sagrado Coração.

## ANEXO V

Marca página distribuído na ordenação e na primeira Missa de Padre Pedro Paulo Koop  
- Modelo II -



**Na frente do Cartão (Esquerda):** A Imagem de Santo Agostinho e a frase: “Dá-me aquilo que ordenas, ordena-me aquilo que queres.

**No verso (Direita):** Lembrança do meu presbiterato e da minha primeira Missa Solene. Stein, 10 de agosto de 1930 e Hillegom, 15 de agosto de 1930 - Paróquia de São José

**“Pai, chegou a hora. Glorifica o teu filho, para que o teu filho te glorifique pois lhe deste poder sobre todo o ser humano para que ele dê vida eterna a toso aqueles que lhe deste”. (Jo 17,1)**

*Embora a citação indique o versículo 1 do capítulo 17 do Evangelho de João, na Edição Pastoral da Sagrada Escritura o texto mencionado está no versículo 1 e 2.*

**“Maria, eis aí o seu filho” (cf. Jo 19, 27)**

*Embora a citação indique o versículo 27 do capítulo 19 do Evangelho de João, na Edição pastoral da Sagrada Escritura o texto mencionado está no versículo 26.*

**Fonte:** Arquivo da Província Holandesa dos Missionários do Sagrado Coração.

## ANEXO VI

PREPARAÇÃO ÚLTIMA O PLANO PROPOSTO<sup>1910</sup>

## I.

## A CONSTITUIÇÃO DAS COMISSÕES PERMANENTES

Pré-organizando o p.f. bispado de Bauru

**A. Em base Paroquial:**

1. Dividir as paróquias em quadras (ou lugares) *bem delineadas*.
2. Promover o levantamento demo, religioso e sócio-gráfico dos seus moradores.
3. Constituir sobre cada quadra uma *Equipe Mista*, responsável por ela sob o tríplice aspecto: pastoral, social e econômico. Se houver quadras e lugares pouco habitados e de território pouco reduzido, uma equipe mista pode tomar conta de dois, nunca mais de três. A Equipe é '*mista*' por constar de elementos diversos para o contato pastoral, catequética e social, e para a coleta do dízimo ou centésimo.
4. Constituir *sobre cada grupo* de *Equipes Mistadas de quadra* (+ 10) uma *Equipe Mista de Grupo*, constando de representantes de cada setor acima referido (pastoral-social-catequética e do dízimo).
5. Constituir: a) o Conselho paroquial; b) o Comitê administrativo; c) o Secretariado de assistência social para direção e tomada de contas das Equipes Mistadas de Grupo.

**B. Em base diocesana:**

Constituir a tríplice Comissão Diocesana, composta de elementos das respectivas cúpulas paroquiais mencionadas acima.

## II

## COMPOSIÇÃO E AÇÃO DAS EQUIPES MISTAS DE QUADRA

(N.B – onde se lê “quadra pode ser entendido “zona” - “bairrinho” - “Lugar” - conforme as circunstâncias)

1. Um casal assume a responsabilidade de tipo pastoral (paroquial) de uma *quadra* (de duas, no máximo de três, menos habitadas, mas *contíguas*), e nela promove, uma semana sim, outra não, um ENCONTRO de todas as famílias *nela residentes, numa casa sita na própria quadra*. Este '*Encontro Familiar*' constará de leitura bíblica, oração e diálogo (sempre em *comum*), dirigidos pelo Casal responsável (animador), anteriormente preparado para isso. O encontro realizar-se-á em dia, hora e local que mais convierem. (*Destes contatos em comum, poderão resultar contatos particulares sobre problemas familiares e pessoais!*).
2. Um (o mesmo) *Casal* promove, uma semana sim outra não, alternando (com as de cima) um ENCONTRO exclusivo com *todos os jovens*, de ambos os sexos, maiores de 16 anos, numa casa sita na própria quadra. O '*Encontro dos Jovens*' constará principalmente de *estudo em comum* dos interesses sociais e dos problemas morais de sua idade, sob a luz da Religião. Realizar-se-á em dia, hora e local que mais convierem nas

<sup>1910</sup>ANUPHIS - KOOP, Pedro Paulo. Preparação última: o plano proposto A Fé. Bauru, 17 mar. 1963, p.3-4 (Itálicos e negritos, no original); Também: PRIMOLAN, EMÍLIO. **Do catolicismo conservador ao Concílio Vaticano II: a transição do catolicismo nas dioceses de Botucatu/Bauru** (1948-1970). UNESP: Franca, 2011, p. 186-189(Tese doutoral).

condições acima. Destes contatos em comum, poderão resultar contatos pessoais, entre o casal e o (a) jovem.

3. Um(a) *catequista* (ou mais) marca semanalmente um ‘*Encontro Vivo*’ com as crianças da quadra em dia, hora e local que mais convierem na mesma quadra. Nesse encontro, conversa, brinca e reza com as crianças, conta histórias bíblicas e ministra noções vivas de iniciação ou desenvolvimento cristãos.

4. Um(a) *coletor* visitará mensalmente as residências da mesma quadra a fim de receber o dízimo (cêntimo) combinado e anteriormente preparado.

5. *Mensalmente*, haverá alguma forma de contato entre as *Equipes de quadra* e a correspondente Equipe de *grupo* para troca de impressões, avisos, conselhos e entrega do dízimo

### III.

#### COMPOSIÇÃO E AÇÃO DAS EQUIPES MISTAS DE GRUPO

1. Um *casal* assume a responsabilidade de tipo pastoral (paroquial) dos Casais de um grupo (+10) de Equipes de quadra, marcando com eles encontro *mensal* para o indispensável contato: ouvindo-lhes impressões, recebendo e transmitindo sugestões, avisos e soluções.

2. Um(a) *catequista* assume a responsabilidade dos(as) Catequistas do mesmo grupo de Equipes de quadra; e entre mensalmente em contato com eles(as), transmitindo programas, ouvindo, explicando etc.

3. Um(a) *Coletor(a)* trata da mesma forma com os coletores ou as coletoras do mesmo Grupo de Equipes de quadra.

4. Os *diversos membros* das Equipes de Grupo encontrar-se-ão, mensalmente, também, com as *Comissões* que lhes correspondem: os Casais e Catequistas com o Conselho paroquial ou com o Secretariado de assistência social conforme os casos encontrados e os setores de que cuidam. Os coletores e coletoras encontrar-se-ão com o comitê administrativo.

### IV.

#### COMPOSIÇÃO E AÇÃO DAS COMISSÕES COOPERATIVAS PAROQUIAIS

##### A. O CONSELHO PAROQUIAL

1. O Pároco é o chefe natural, o presidente nato do conselho. É assistido, principalmente, por um secretário leigo, possivelmente liberado.

2. O conselho compõe-se de um grupo de paroquianos (casados, solteiros e casais), mais velhos e mais jovens, escolhidos, inicialmente, por suas qualidades pessoais, pelo pároco. É completado depois pelos próprios leigos.

3. Sua missão principal é *dialogar com o Pároco e com o povo de Deus* (com este, mediante as Equipes mistas de grupo, de contato imediato). Em seguida: planejar, executar, coordenar, inserir, supervisionar, em nível paroquial (= pastoral e comunitária).

4. Seus membros representam camadas sociais e não determinadas organizações.

5. Estão sujeitos à lei da renovação (exceto o Pároco, à disposição do bispo).

6. O Conselho reúne-se mensalmente com os membros das equipes de grupo, para ouvi-los e transmitir-lhes diretrizes.

*Observação:* Nos lares completos, há pais, filhos e outros (hóspedes, empregadas e pensionistas). Na sociedade, temos chefes e servidores, patrões e empregados, professores e alunos, grande variedade de classes e posições, de culturas e profissões. *Na comunidade cristã*, não prevaleçam essas diferenças. Em toda humildade e cordialidade, cada um viva com seu irmão e o edifique de acordo com o dom recebido. Tanto os que têm capacidade para ensinar quanto os que devem receber ensino, dê e receba com humildade e

simplicidade. Está em jogo, sempre, a honra de Deus *e a salvação* nossa ligada à dos nossos irmãos.

### **B. O COMITÊ ADMINISTRATIVO.**

1. Cuida das finanças paroquiais. É o único responsável por elas. Administra os bens (edifícios, terrenos, ações) do patrimônio da paróquia. Atua em regime de administração pública, prestando conta ao bispo e ao povo. Promove a renda ordinária (dízimo, cêntimo) e a extraordinária (festas, campanhas). Conduz a propaganda educativa pró-Tributo Sacro.

2. O pároco é o chefe natural, o presidente nato do comitê. É assistido por um secretário geral e um tesoureiro geral.

3. O Comitê tem dois vice-presidentes que assumem a responsabilidade dos respectivos subcomitês, o da receita e o da despesa.

O da receita cuida da arrecadação, coletoria, propaganda. O da despesa cuida da administração, aplicação, balancete. Os vice-presidentes devem ser técnicos em contabilidade.

4. O subcomitê da receita inclui entre seus membros os coletores das Equipes de grupo e alguns especialistas de imprensa, rádio, TV e propaganda.

5. O subcomitê da administração inclui entre seus membros figuras expressivas dos meios comercial, industrial, agropecuário, liberal, cultural e sindical.

6. O Comitê administrativo manterá contato estreito com o conselho paroquial e o Secretariado de Assistência social.

### **C. O SECRETARIADO PAROQUIAL DE ASSISTÊNCIA SOCIAL**

1. Faz os bens da Caridade e Amizade Cristãs circularem entre todos os irmãos em Cristo: paroquianos, diocesanos, todos os filhos de Deus já realizados ou a se realizarem ainda, esse mundo de Deus afora, mas a *começar pelos da Casa e da sua da Fé*.

2. Seu campo específico é o das relações humanas, o da promoção das obras de justiça e misericórdia, de assistência social e auxílio mútuo, de partilha dos com haveres com os sem haveres, sob os ardores da divina caridade.

3. Seus membros são os que traduzem seu espírito de caridade em *atividades* assistências, lembrados do lado direito de Cristo no dia do Juízo (Mt, 25, 31).

4. O pároco é o chefe natural deste secretariado, assistido por um secretário e um tesoureiro.

(Plano Proposto pelo) *Pe. Pedro Paulo Koop, M.S.C.*

## ANEXO VII

Carta de Comunicado de Nomeação de Padre Pedro Paulo Koop ao Episcopado

SUB SECRETO SANCTI OFFICII

RIO DE JANEIRO, 16 de julho de 1964.

Reverendíssimo Senhor,

tenho o prazer de comunicar-lhe, que o Santo Padre Paulo VI se dignou benignamente nomeá-lo Bispo residencial de LINS, nesse Estado de São Paulo.

Congratulando-me vivamente com Vossa Reverendíssima pela sua elevação ao episcopado, peço-lhe o obséquio de me participar por escrito a sua aceitação. Entrementes, a presente notícia deverá ser mantida SUB SECRETO SANCTI OFFICII até ulterior comunicação desta Nunciatura Apostólica.

Aguardando uma solícita resposta, que antecipadamente agradeço, aproveito a oportunidade para apresentar-lhe os protestos da minha religiosa estima, com que me subscrevo atenciosamente,

de Vossa Reverendíssima,

\_\_\_\_\_  
 Revmo Sr.  
 Padre Pedro Paulo KOOP  
 DD.Pároco de Santa Teresinha  
 B A U R U - Estado de S.Paulo.

*Arvo em Cristo*  
 + *Benigno*  
*Nuncio Apostólico*

Fonte: Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).

## ANEXO VIII

Carta da Nunciatura no Brasil, acusando recebimento da missiva de Dom Pedro Paulo Koop – provavelmente sua resposta a nomeação – e indicando dia que a notícia se tornaria pública.



RIO DE JANEIRO, 29 de julho de 1964.

Reverendíssimo Senhor,

acusando o recebimento e agradecendo a sua prezada carta de 20 do corrente mês, apresso-me em comunicar-lhe, que no próximo sábado, dia 1º de agosto, L'OSSERVATORE ROMANO publicará oficialmente a notícia da sua nomeação para Bispo residencial de L I N S , nesse Estado.

A presente notícia deverá ser mantida SUB SECRETO SANCTI OFFICII até o meio dia de sábado, 1º de agosto, quando então poderá ser dada à publicidade.

Reiterando as minhas congratulações, e augurando-lhe um feliz e abençoado ministério em seu nôvo campo de apostolado, é-me grato expressar-lhe o testemunho da minha elevada estima, com que me subscrevo atenciosamente,

de Vossa Reverendíssima,

Revmo Sr.  
Padre Pedro Paulo KOOP, M.S.C.  
DD.Pároco de Santa Teresinha  
B A U R U - Estado de S.Paulo.

*afmo. em Cristo,*  
*[Handwritten Signature]*  
*Núncio Apostólico*

## ANEXO IX

Cópia de intervenção de Dom Pedro Paulo - Publicada no Le monde, pag. 6.  
12 de outubro de 1965

## EN MARGE DE VATICAN II

### Mgr Koop, évêque brésilien, demande la création d'urgence d'un clergé marié en Amérique latine

(De notre envoyé spécial.)

Rome, 11 octobre. — La question du clergé marié avance à pas de géant dans les esprits. L'influence de l'Eglise d'Orient n'est pas étrangère à cette progression. Mais il y a plus. L'épiscopat latino-américain, fortement pastoral, prend conscience de plus en plus aiguë de la situation catastrophique de l'Eglise dans ce continent. On peut dire sans exagération que si le nombre des prêtres n'augmente pas rapidement en Amérique latine dans des proportions importantes, c'en est fait dans quelques années de la présence de l'Eglise. Au reste, cette présence est déjà bien compromise, et il est bien tard pour réagir.

L'histoire religieuse prouve que l'Eglise n'a pas le goût du suicide. Elle tarde, il est vrai, le plus souvent à entreprendre les réformes nécessaires, mais elle finit par le faire. Il en sera vraisemblablement de même en ce qui concerne le clergé marié. La porte a été entrouverte par Vatican II, qui a institué un diaconat marié.

Voici l'essentiel de l'intervention de Mgr Koop :

Vénérables pères. Dès le début je vous dis ce que j'ai dans l'esprit, à savoir que pour sauver l'Eglise dans nos régions d'Amérique latine il faut introduire le plus tôt possible un clergé marié, formé d'hommes d'excellente réputation. Toutefois, la loi du célibat ecclésiastique resterait fortement en vigueur.

Il est prouvé par les statistiques que l'Eglise catholique recule progressivement dans le monde en général et spécialement en Amérique latine, étant données l'augmentation démographique, les attaques de l'athéisme, des sectes et des grandes religions non catholiques.

La cause principale en est le manque d'une quantité suffisante de prêtres et de vocations sacerdotales de célibataires. Ce manque augmente de jour en jour si l'on tient compte de la croissance démographique.

L'Amérique latine représente 33 % de l'Eglise universelle. Cependant elle n'a que 6 % de prêtres du monde entier. Dans trente-cinq ans, c'est-à-dire en l'an 2000, l'Amérique latine comptera six cent millions d'âmes. Comme elle constituera, elle, 50 % de l'Eglise catholique, elle aura besoin de cent vingt mille prêtres pour qu'il y ait un pasteur pour cinq mille âmes, compte non tenu de la superficie anormale du territoire de chacun de ces pasteurs.

La nouvelle discipline du diaconat diminue la gravité de la situation, mais elle n'y remédiera jamais. Pour des raisons surtout pastorales, pour sauver la foi de tant d'âmes, pour administrer le sacrement de pénitence et d'eucharistie, pour donner l'extrême onction, pour célébrer la liturgie de la parole, et spécialement pour le sacrifice eucharistique, nous avons un besoin urgent de prêtres.

Il est donc nécessaire et urgent de centupler en quelque sorte le sacerdoce, surtout de nos jours, pour que l'Eglise soit apportée aux hommes et qu'elle les trouve à leur domicile, d'autant plus que ceux-ci, surtout à cause du nombre insuffisant d'églises (en tant que bâtiments), ne peuvent trouver le chemin de l'Eglise.

Au Brésil, où il y a quatre-vingt millions d'habitants, soixante millions de fidèles ne sont ordinairement pas atteints par suite du manque de prêtres suffisamment

(1) On rapprochera de ce texte la note du Père Lyonnès de la Compagnie de Jésus, qui a été publiée voici un an dans « Trois questions brûlantes », aux éditions Grasset.

Le texte de l'intervention que l'on lira ci-dessous est celui qui devait être prononcé dans quelques jours, lors de la discussion du schéma sur les prêtres, par Mgr Pierre Koop, évêque de Lins (Brésil), appartenant à la congrégation des Missionnaires du Sacré-Cœur. Cet évêque est d'origine hollandaise et il est âgé de soixante et une ans. Deux autres évêques brésiliens avaient une intention similaire. L'intervention en question a été remise au secrétariat du concile, comme il est d'usage. Mais les modérateurs ont fait savoir à l'intéressé que l'on jugeait indésirable le fait de prononcer cet exposé oralement dans l'aula. C'est pourquoi Mgr Koop a, dit-on, préparé une autre intervention beaucoup moins circonstanciée que celle que nous publions.

Le document restera dans l'histoire de Vatican II comme une des initiatives les plus audacieuses qui aient été tentées. Même si celle-ci n'est pas tout de suite suivie d'effet, elle participera dans une large mesure au mûrissement du problème (1). — H. F.

proches du peuple socialement et communautairement... Vénérables pères et pasteurs très zélés ! En vertu du commandement divin, pour la conservation et la préservation de la foi, je vous propose que le concile offre la possibilité de conférer la prêtrise à des laïcs idoines, déjà mariés au moins depuis cinq ans. Après une préparation au sacerdoce pas trop longue ils exerceraient le ministère sacerdotal à titre de suppléants et d'aides ; ils présideraient au moins les petites communautés pendant leurs moments de liberté.

Cette solution est tout à fait la même que celle qui existe depuis l'origine dans les Eglises orientales, où se trouvent des prêtres

### UNE PERSONNALITÉ PROTESTANTE AMÉRICAINE CRITIQUE LES PROPOS DU PAPE SUR LE CONTROLE DES NAISSANCES.

Buffalo (Etat de New-York), 11 octobre (A.P.). — Le Dr Harold E. Fey, personnalité protestante et ancien rédacteur en chef de la revue *The Christian Century*, a critiqué les propos tenus par Paul VI devant l'Assemblée générale de l'O.N.U. concernant le contrôle des naissances.

« En exploitant la politesse exceptionnelle qui lui avait été faite, en lui permettant de parler devant les Nations unies pour énoncer une position sectaire, il a annulé dans une grande mesure le bon effet de ses propos sur la paix... »

Le pape, a-t-il dit, « a fait en sorte que l'on peut se poser la question de savoir si le même privilège sera à nouveau accordé au plus éminent porte-parole de la chrétienté, quelle que soit l'importance de la crise. Il a déçu les espoirs de millions d'êtres qui pensaient que désormais son Eglise soutiendrait, ou du moins ne s'opposerait pas, à une politique mondiale de parents responsable et a rendu inévitable une prolongation de la lutte contre la désintégration personnelle, familiale et sociale du fait de la surpopulation et de la famine et une intensification des souffrances qui en résulteront ».

Selon le Dr Fey, « l'obstacle le plus important » à un programme de contrôle des naissances est « la minorité qui contrôle la papauté et la machine gouvernementale de l'Eglise catholique romaine ».

mariés de grand mérite et vraiment apostoliques.

Les prêtres choisis parmi les hommes mariés apporteraient leur état conjugal, familial et économique-social qui sans aucun doute donnera une grande efficacité à leur ministère. Dépendant pleinement de l'évêque, ils agiraient, utilisant leur temps libre, dans des lieux déterminés, surtout en faveur de petites communautés. Rien ainsi ne sera changé. Mais un nouvel instrument pastoral sera créé, capable de remédier maintenant et pour l'avenir à notre condition religieuse affligeante.

Que les évêques ne se fassent d'ailleurs pas d'illusions : le sort de l'Eglise en Amérique latine est en grand danger. L'option est urgente : ou bien on multipliera le nombre des prêtres célibataires et mariés ou bien on attendra la chute de l'Eglise en Amérique latine.

Je propose donc aux pères, au paragraphe 14, à partir de la ligne 26 du schéma sur les prêtres, qu'on ajoute les phrases suivantes :

« Comme le nombre des prêtres célibataires dans d'immenses régions de l'Eglise est totalement insuffisant et tend peu à peu à diminuer en vertu de l'augmentation démographique disproportionnée, le concile, considérant le bien d'une multitude d'âmes à sauver, en vertu du commandement divin, décide : il appartient aux assemblées épiscopales territoriales compétentes, avec l'approbation du souverain pontife, de décider si et où, pour le bien des âmes, on pourrait conférer le sacerdoce avec le consentement du pontife romain à des hommes d'âge mûr vivant déjà depuis cinq ans au moins dans le mariage, selon les normes établies par l'apôtre Paul dans les Epîtres à Titte et à Timothée. »

Communiqué

### CIToyENS du MONDE

La demande de carte de citoyen du monde ne doit être adressée au Centre International du « Register » (55, rue Lacépède, Paris-5<sup>e</sup>) que si le pays du demandeur ne possède pas encore de centre national. Pour la France, tout courrier doit être adressé au Secrétariat Français des Citoyens du Monde, B.P. 88 - PARIS 15. Permanence : 91, rue du Faubourg-Saint-Denis, Paris (8<sup>e</sup>) (Tél. 824. 48-11 et 45-26) ou à ses centres locaux ou spécialisés.

Fonte: Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).



## ANEXO X

Estudo de Dom Pedro Paulo Koop, sobre a questão sacerdotal no Brasil. O estudo foi depositado na Secretária do Concílio. Não foi colocada nas Actas Conciliares, arquivada nua busta no Arquivo Apostólico. A cópia a abaixo, desfalcada da página 14 encontra-se no arquivo do Bispado de Lins (SP)

Tentativa de uma solução para

O PROBLEMA RELIGIOSO E SACERDOTAL DA AMÉRICA LATINA

Dom Pedro Paulo Koop M.S.C.  
Bispo de Lins - S.P.

1. Dados sobre a situação latino americana em geral e brasileira em particular.

A América Latina, de todas as áreas continentais, possui a população que mais cresce. Enquanto tinha cerca de 163 milhões de habitantes em 1950, previsões indicam que a população poderá alcançar 300 milhões em 1975 e poderá dobrar outra vez até o ano 2000. (Visão, 21/5 - 1965).

Em 1970, a população do Brasil deverá alcançar 94 milhões; já em 1975 o total subirá a 110 milhões de habitantes. A população brasileira está crescendo num ritmo de 3,1% ao ano. (Instituto Brasileiro de Economia. 1965).

É trágica a situação do catolicismo na América Latina devido à falta de sacerdotes. Se as cousas nos próximos 40 anos não mudarem de feição, sofrerá a Igreja uma crise mais séria do que a do Cisma Oriental ou da Reforma Protestante. (Roger E. Vekemans.S.J.)

A América Latina possui em média 1 sacerdote para 6000 católicos por 650 Km<sup>2</sup>.

O Brasil possui em média 1 sacerdote para 8000 católicos por 850 Km<sup>2</sup>.

Ordenam-se no Brasil todo, por ano, 350 sacerdotes.; morrem no Brasil todo 90 sacerdotes por ano. (Ceris-CNBB),

A América Latina toda tem menos seminaristas do que os pequenos países da Benelux. (D.O.C)

A América Latina, perfazendo 33% da Igreja mundial (200 000 000 de almas), possui apenas 6% dos sacerdotes existentes (35 000).

Na base de 1 sacerdote para cada 1000 habitantes no Brasil:  
faltavam em 1940 - 35 200 sacerdotes para 41 236 000 habitantes;  
faltavam em 1964 - 69 000 sacerdotes para 80 020 000 habitantes;  
faltarão em 2000 - 140 000 sacerdotes para 170 000 000 habitantes.  
(CRB - Outº 1964).

(NB; Outros estimam a população brasileira para o ano 2000 em 200 000 000 de almas) - Fontes várias.

Em 250 anos de apostolado, a porcentagem católica no mundo diminuiu da metade.

Se persistir este ritmo, daqui a dois séculos os católicos serão apenas 8% ou 10% da humanidade.

- - -

60 000 000 de católicos, no Brasil, mesmo se quisessem tomar parte na Santa Missa dominical, não o conseguiriam por falta de sacerdotes e templos.

Em 24 anos de atividades em prol das vocações, multiplicação e povoamento dos seminários (1940-1964), duplicou-se a falta de sacerdotes no Brasil. Nos próximos 36 anos o crescimento demográfico fará, no Brasil, duplicar-se esta falta. Em outros países americanos acontece o mesmo.

Todos sabem que, devido a isso, faltarão sempre mais sacerdotes e jamais teremos clero suficiente.

Damos 90% de nossa dedicação a 10% do povo que vem a nós. Damos 10% de nossa dedicação a 90% do povo que não vem a nós.

Em 80 anos de doutrinação, o comunismo domina a quinta parte da humanidade, inclusive milhares de pessoas de países tradicionalmente cristãos e redutos do catolicismo. (Citações do livro: "De olhos abertos para a realidade" - Centro Bíblico, cp. 10.545. São Paulo)

E as outras correntes?

O Protestantismo, nos últimos 45 anos, aumentou, no total dos países latino-americanos, seus prosélitos de 170 000 para 5 000 000.

O Culto protestante possui no Brasil um total de 20 058 templos entre sedes e auxiliares.

O número de membros inscritos nas seitas protestantes ascende no Brasil a 1 940 817. (IBGE, 1961)

O número de pregadores e ministros protestantes ascende, entre estrangeiros e nacionais, na América Latina, a 25 000.

Os adeptos do Espiritismo e da Umbanda, só no Brasil, são estimados em 7 000 000! A "Revue Spirite" de Paris, já em 1954, proclamou o Brasil como o "maior país espírita do planeta".

Espíritas e Protestantes apresentam cada ano no Brasil mais de 120 000 programas doutrinários através do rádio e televisão. ("O São Paulo" 1961).

A Igreja Católica no Brasil, segundo estatísticas dos últimos anos, está perdendo cerca de 1 000 fiéis por dia. A causa da Igreja naquele país, humanamente falando, não tem esperanças. (Cardeal Cushing, Boston, 13.8.1963).

- - -

## 2. Impressões e apreciações..

Donde tirar os 140 000 sacerdotes de que o Brasil, só o Brasil, necessitará para dentro de uma geração e meio?

E a América Latina que no mesmo prazo perfará a metade da Igreja Católica?

Protestantismo, Espiritismo, Umbanda, Marxismo, donde lhes vem o terrível fascínio, o incrível poder de penetração em nossos meios?

A pergunta se impõe: houve algum erro fundamental em nossos métodos apostólicos para a conquista das massas? Usaram-se de fato os melhores meios de difusão evangélica?

Anualmente 400 000 pessoas, batizadas na Igreja Católica, debandam para as mais variadas seitas, só no Brasil.

Nossas novas gerações não resistem às perigosas encruzilhadas. As seitas estão corroendo a medula do Catolicismo.

A Igreja não tem nenhuma garantia de que, na América Latina, o número de Católicos aumente em proporção com o aumento da população. (Cidoc. Rev. CRB. julho- 1965)

O problema que enfrenta a América Latina deve ter preferência sobre todos os demais. (Dom Helder) (Ibidem)

Como evangelizar 600 000 000 de habitantes que dentro de 35 anos povoarão uma América Latina completamente transformada? (Caderno Vocacional da CNBB, junho 1965)

Há paróquias que são verdadeiras dioceses territoriais, e em muitas partes do nosso continente a presença de um sacerdote constitui um verdadeiro oasis.

Nota-se também que a Igreja pode estar conônicamente presente, sem o estar psicologicamente e sociologicamente. O Cristianismo progride nas Igrejas mas regride na vida social. O ministério sacerdotal habitual permanece sem influência visual sobre um mundo que escapa cada vez mais ao Evangelho.

"Estar no meio do povo e estar o mais possível junto ao povo" - (Paulo VI aos Bispos do Brasil em 22.10.1963).

Se na América Latina a Igreja não providenciar imediatamente reformas sociais e religiosas, haverá a possibilidade de que um milhão de pessoas deixem o Catolicismo, por ano, na América Latina. Do ponto de vista espiritual o primeiro problema é a carência de sacerdotes. - (Cardeal Cushing, Boston, 1964)

Resumindo: temos que enfrentar os seguintes fatores adversos: a progressiva falta de sacerdotes frente à perturbadora progressão demográfica e a das heresias e ideologias anti-cristãs; a urgência do tempo (prazo de 30 a 40 anos) no qual se decide a sorte religiosa católica de todo um continente; a lentidão das iniciativas vocacionais em curso que, por lei sociológi

4.

ca requerem pelo menos um século para atingirem o resultado apreciável a que aspiram. Será tarde demais. A batalha estará perdida.

a vantagem das seitas, dotadas de grande poder penetrativo, por agirem mediante instrumentos humanos, casados e profissionais, que vivem as condições populares e familiares, sociais e econômicas do povo, entre o povo, para o povo, oni-presentes e oni-atuantes;

a desvantagem da posição social do nosso sacerdócio atual, não só segregado do povo, mas também separado e distinto do povo, ao passo que a humanidade moderna não mais aprecia estruturas fechadas ou classes e reconhece apenas igualdade de direitos para todos na vida pública, sem privilégios ou "dignidades"; reconhece somente a distinção daqueles -- que se habilitam pela sua prestação pessoal e sua utilidade social.

---

Não há dúvida que a América Latina está no foco da atenção mundial, tanto leiga como religiosa; que a Igreja também zela como pode - pelo futuro digno católico do nosso continente. Nossos povos dispõem-se para dar um verdadeiro salto de trampolim para adaptar suas estruturas às exigências de uma concepção religioso-político-social moderna, e sobretudo, integralmente justa. Nesta tarefa estão empenhadas forças o postas, talvez com um mesmo fim teórico, mas que, animadas de intenções antagônicas, podem provocar a salvação ou a ruína. Nesta obra de rápida transformação polifacética, nossa América vê-se freitada pelo lastro de obstáculos e forças desagregadoras. É-nos difícil competir com esses agentes adversos (ministros protestantes, chefes espíritas, cultores da umbanda, pregadores marxistas, pregadores e celebrantes de seitas exóticas), todos eles homens casados, com famílias, profissionais, líderes, com posição social definida, misturados ao meio popular, do qual não se distinguem; homens de boa fala, que se adaptam a qualquer nível social, e que empregam todo seu tempo livre na formação de células religiosas. Trabalham a varejo. E o povo aceita de bom grado a atuação religiosa desses casados que fazem dos lares seus santuários - passageiros onde pregam a palavra de Deus e presidem os Cultos. Com êxito.

Lutam contra nós as mutações sociológicas que não conseguimos acompanhar suficientemente; o crescimento demográfico; o desvio de sacerdotes para terrenos não-sacerdotais; o declínio vocacional fruto do declínio da fé e do espírito missionário; a orientação sexualista do nosso mundo recreativo; a imaturidade psíquica da nossa juventude moderna, ôca e sem rumo; a desfiguração da verdadeira face sacerdotal; os contrastes sociais, etc. etc.

Algo está se fazendo na redistribuição do clero, no expurgo da imagem sacerdotal, no entrosamento dos leigos, na melhoria dos seminá-

rios, na reanimação do interesse das famílias e da juventude pelo ideal do sacerdócio. Cresce a obra das vocações sacerdotais, fundam-se clubes vocacionais e institutos para vocações adultas. Tenta-se corrigir a ignorância religiosa, a crescente imoralidade juvenil, o desnível da condição econômica da carreira eclesiástica frente à condição econômica risonha e atraente das carreiras profanas, a falta de interesse pelas vocações mesmo entre sacerdotes, a falta de forças competentes nos seminários, o insuficiente nível científico dos mesmos seminários.

Urge, porém, fundar mais seminários preparatórios, seminários de cursos oficialmente reconhecidos, e materialmente à altura da época. Urge prosseguir o encaminhamento do clero estrangeiro embora em parte contraindicado por causa do seu desconhecimento do povo, da língua e dos costumes nossos.

Mas, tudo isto requer tempo dilatado e chegará a funcionar talvez tarde demais. Tudo isto nos faz pensar em trilhar um caminho diferente para provocar um drástico aumento de sacerdócio, a curto prazo, em tempo de salvar. Tudo o que se fez, se faz e se pretende fazer, mas, infelizmente, a longo prazo, em ritmo vagaroso, poderá, em futuro bem próximo, ser anulado pela perda da base...

Estamos diante de uma grave opção...

---

### 3. Mudanças e caminhos novos.

Estamos todos de acordo. Devemos salvar o nosso Continente para a Igreja. Salvar a Igreja em nosso Continente, único continente católico do mundo. A sorte da América Latina tem um significado de alcance mundial. Caldeirão de raças, com seus territórios imensos, suas enormes diferenças geográficas e climáticas, seus problemas de desenvolvimento, suas mudanças de formas e modos de vida, seu êxodo rural para a cidade, revolução social na zona rural, ação demolidora em escala progressiva por parte da imprensa, rádio, televisão; veículos de corrupção moral, ideologias marxistas, heresias e superstições, exige ela o funcionamento de um sacerdócio centuplicado para já, de penetração e difusão intensiva, detalhada, popular, onipresente e oniatuante.

Exigem a presença sacerdotal as paróquias com suas 10, 20 a 50 capelas, léguas distantes uma da outra; nossos municípios menores sem padre; nossas grandes fazendas, cooperativas e fábricas em plena zona rural sem padre; nossos bairros operários nas periferias das capitais, sentinelas do crescimento ciclópico; as corporações sociais e econômicas, os escritórios das empresas tentaculares; os hospitais e

6.

escolas com seu mundo de gente; os arranha-céus, êsses prédios gigantescos de 20 ou mais andares que equivalem a uma paróquia; colônias de férias e turismo; os grandes hotéis, todos êsses aglomerados humanos - onde raramente aparece um sacerdote, onde os sacerdotes não exercem a mínima influência.

Urge à Igreja deslocar-se dos templos com sua lotação inferior a 20% da população católica para os locais de densa frequência popular. Urge a Igreja operar nos mesmos campos e caminhos, e pelos mesmos métodos da sementeira intensiva, da difusão detalhada, da atuação celular, e nas mesmas condições sociais por que agem os agentes nossos opositores, que se confundem com o meio, com as famílias, com os lares, com as profissões, com as sociedades. Urge a Igreja, por seus sacerdotes, tornar a palavra de Deus ouvida e entendida em todo lugar onde se reúnem os homens, as famílias; tornar a Liturgia da Presença Real do Senhor Jesus, em ato de doação, uma Liturgia centrada, de contacto íntimo, pessoal e individualizado, em grupos de lares, em salões escolares, associativos e recreativos, nas capelas rurais, nos arranhacéus, onde o povo anseia pela presença de um sacerdote que nunca aparece, <sup>mas</sup> nunca procura onde está e vive. Urge a Igreja, com seus templos vazios em dias úteis, lotados com os 20% que podem caber (e sempre os mesmos) <sup>as reuniões</sup> promover reuniões sacras onde estão os 80% dos "inatingíveis", reuniões sacras em ambientes não sacros mas sagrados por um povo santo, reuniões em nome de Deus, em ambientes pequeninos, restritos por isso mesmo mais abertos a uma influência imediatizada, em que há pessoas conhecidas e não números. Reuniões regulares a domicílio, convocadas em dias, horários e locais a tempo avisados, que se iniciam com a Liturgia da Palavra e sua resposta, prosseguem com a oferta do pão e vinho consagrados no Sacrifício do Senhor e tomados em comunhão; tudo em louvor e honra ao Pai do Céu, por Jesus Cristo seu Filho feito nosso irmão, no vínculo do Espírito Santo.

- - -

Ninguém se assuste. Sejam realistas. Estamos entrando para uma fase de atividade creativa nova em todos os setores da vida humana, inclusive a religiosa que mais nos interessa. Esta gira tôda em torno da Liturgia da Palavra e da Eucaristia; dela nasce; dela se alimenta; dela se sustenta, consola e recreia. A nova Liturgia, porém, exige adaptação às novas situações comunitárias. Também em nosso continente a Igreja começa a perceber sua desagradável situação de marginalizada, na nova constatação social. Deve aprender agora das seitas como captar as ondas da sensibilidade popular, como adaptar-se às mudanças da estruturação comunitária e começar a celebrar em família, introduzir a Liturgia familiar.

7.

Deve aprender da força psicológica do rito familiar judaico. Esse rito é o segredo da conservação do povo judeu como comunidade própria num mundo hostil. Sua Liturgia familiar celebra a festa máxima da solenidade de pascal (donde nasceu a nossa) em família, no lar com pais e filhos, parentes, amigos e conhecidos. Nesta celebração todos desempenham santamente seu papel, até o filho caçula, de modo emocionante, segundo rubricas fixas.

E porque não faríamos o mesmo? Reconduzir nosso povo ao âmago - da vivência católica, implantando a liturgia familiar, não com práticas devocionais, mas com verdadeira Liturgia? Não seria possível que um estimado pai de família que trabalha durante o dia, ao cair da tarde ou noite, reúna a pequena comunidade e nela presida, em nome do Bispo, à Liturgia da Palavra e da Eucaristia?

A sociologia da atualidade nos ensina o fato e o poder da nova formação comunitária em curso, no meio das nossas aglomerações humanas em franca evolução. Devemos inserir a celebração da Palavra e da Eucaristia nestes fatores sociológicos e subir do menor ao maior, da célula ao grupo, do grupo ao corpo. Formem-se paróquias ou subparóquias, familiares, de vizinhança, classistas, que reúnam os homens, com suas famílias naturais, em comunidades com as quais se sentem ligados via suas famílias e profissões.

É da Liturgia que nascem as verdadeiras comunidades religiosas.  
É da Liturgia que brota o contacto vivo que liga as comunidades entre si.

- - -

Gostaria de ser bem entendido. É da Santa Missa que falo como ponto de partida para a conservação, restauração e sobrevivência do Catolicismo brasileiro e mesmo latino-americano. Ainda, entre nós, a Missa é fator decisivo de congregação católica, fator religioso-católico insubstituível. Ela tem seu prestígio social insubstituível. A Missa - pelos vivos, pelos defuntos, pelos aniversários natalícios, bodas de prata e de ouro, pela formatura desde o primário até o universitário, das datas civis e eclesiais de todo tipo e conteúdo, a Missa solene das cidades e a ruidosa dos arraiais; para ela o povo aflui e ao redor dela se congrega respeitoso. Em nossa vida religiosa não há outro fator sócio-religioso que possa competir com a Missa, com sua força de polarizar o sentimento religioso, convocativa, de uso enraizado, sem falar dos seus significados dogmáticos.

Não a Missa é válido ponto de partida para a revitalização católica. O povo nosso, por mais ignorante e afastado, considera a Missa - como o resumo e centro da Fé. Mas devemos aumentar e apurar a Missa co

8.

mo força unitiva, propulsora, instrutiva, de formação comunitária. Começar por celebrá-la como ceia íntima das pequenas comunidades em torno da mesa familiar, convidativa, presidida por quem é pai mesmo, amado e estimado, bem perto. Multiplicar êsses pequenos centros religiosos quais células de um corpo, que farão o povo passar da vida celular à vida do corpo maior, da Missa íntima à Missa solene, da restrita à pública, da mesa familiar à vida diária. "Exiit seminare". A Missa fará Cristo tornar-se o Cristo das multidões por via da extensão das mesas eucarísticas em todo lugar onde convívem suas ovelhas e O convidam para tomar parte em suas vidas para que elas possam tomar parte na Vida d'Ele. Daí espero a difusão penetrativa, a atuação vitalizadora dos nossos valores religiosos, personalizando a alimentação, tão necessária a êsse povo que sofre de anemia religiosa, com a Palavra e a Presença, real do Senhor, o Pão da Vida eterna. Assim haverá lugar para todos...

- - -

4. O Sacerdócio celibatário, de exercício pleno, solução primeira, absolutamente necessário, mas de prazo longo. Sua defesa e recomendação.

É o sacerdócio de exercício pleno, de responsabilidade integral. Abrange todos os três aspectos da missão salvífica e do ministério de Cristo Senhor: Mestre, Sacerdote e Rei; sacerdócio de ensino, santificação e governo do povo de Deus em nome do Senhor Jesus; sacerdócio de tempo integral, de empenho total, de doação plena e incondicional no estado do conselho evangélico da continência perfeita, no estado da perfeição cristã, do ponto terminal da Mensagem e Vida evangélicas, cujo instrumento de promoção é o mesmo sacerdócio instituído pelo Senhor. É o sacerdócio da continência perfeita, de espiritualidade virginal, de união exclusiva com a Igreja (Espôsa do Senhor), em nome do Senhor. É o sacerdócio recebido espontaneamente, livremente, na base de um estado de vida superior, de amor realizado, de tipo conjugal, já que o Sacerdócio objetiva desposar os fiéis com um só Espôso, na palavra do Apóstolo. É o Sacerdócio que vive antecipadamente à fase final da própria missão sacerdotal: o estado celeste onde nem os homens desposam - mulheres, nem as mulheres, homens (cf. Lc. 20,36).

- - -

A Igreja é senhora dos Sacramentos. Tem o direito e o poder de regulamentar a administração e recepção dos Sacramentos. No correr dos tempos resolveu, no rito ocidental, conferir o sacerdócio somente aos que se julgam capazes e se comprometem de exercer a missão sacerdotal



9.

na perfeição evangélica do carisma da continência perfeita, por amor - do Reino dos Céus. Motivo de Amor, estado de Amor. Isto não deixa de ser lógico, conveniente e justo, já que a missão sacerdotal é o instrumento por excelência de promoção do Reino dos Céus, cujo remate é a perfeição cristã formulada nos conselhos do Senhor. O Sacerdócio, plena-  
mente realizado o realizador, exige o Celibato que o faz viver, em mo-  
dêlo, a própria Mensagem que anuncia, a própria Vida que promove. Faz o que ensina, prova o que <sup>SERVE</sup> vive. Assim São Paulo no famoso capítulo 7 de sua Iª. Carta aos Coríntios. Quer a todos os discípulos, quanto -- mais aos sacerdotes, não casados:

- a) livres de cuidados e impedimentos, e não-divididos;
- b) para cuidar das cousas do Senhor e agradecer ao Senhor.

Dis a missão e linha sacerdotais, formuladas no b.: viver o que serve. São correlatos o Sacerdócio paternal e o Evangelho que gera o Povo de Deus.

- - -

É insustentável a tese contrária ao celibato sacerdotal, levantada, infelizmente, também por alguns sacerdotes. A própria razão de ser do sacerdócio é viver e fazer viver o Evangelho, na direção da sua perfeição, que é a própria perfeição cristã formulada nos Conselhos do Senhor. É indispensável viver o Evangelho, no estado de sua perfeição, aos Sacerdotes de exercício sacerdotal pleno e exclusivo, participantes do ministério de Cristo, Mestre e Pontífice, não somente, mas destacadamente, de ministério sacerdotal de Cristo: Cabeça da Igreja, Espôso da Igreja, Chefe de Sua Comunidade universal, Pastor de Seu Rebanho, Rei de seu Povo. O Celibato é indispensável aos Sacerdotes, chefes na tos da Igreja, cuja missão é reger, governar e dirigir a Igreja, cuja missão régia exige a exclusividade do coração não dividido (confer São Paulo), para que possam viver o mistério das núpcias de Cristo com a Igreja.

São os Bispos, Párocos, Reitores, Capelães, todos os Sacerdotes que, a título estável, de compromisso integral, com responsabilidade plena, e devotamento exclusivo, devem servir a Igreja em nome do Senhor.

Sem êstes Sacerdotes celibatários, livres, desimpedidos, não divididos, a Igreja não pode vingar, nem viver, nem sobreviver. Só êles poderão consagrar atenção integral à Igreja; engajar-se totalmentê na tarefa sacerdotal, pastoral e espiritual; suportar a responsabilidade última e suprema de uma comunidade de Cristo. Só nêles, os Sacerdotes de continência perfeita, o Sacerdócio do Senhor atinge seu sentido -- pleno e se vive exaustivamente.

Injúria afirmar que o Sacerdote celibatário é homem irrealiza-

do, "intermediado". A ciência relativamente moderna da Endocrinologia prova de modo irrefutável que não é a função que faz o órgão, que a castidade está perfeitamente de acordo com a natureza, é normal, possível, benéfica, e até, vantajosa é aconselhável, aos que se consagram a uma vocação espiritual, cultural, científica. Há os fracassados que não sabem ser homem, que não sabem realizar-se, quer no estado celibatário, quer no estado conjugal. Não é necessário ter a experiência vivida do casado para compreender os casados como pessoas e homens. Toda a diversidade de dons ajuda edificar a Igreja total. Desde a Vida de Cristo e de sua Mensagem, de fundo sobrenatural, o sentido do ser-homem e do ser-mulher superou os limites do natural. O "diálogo" entre homem e mulher que tende a completá-los mutuamente e a suprir sua mútua "imcompletude", desde Jesus Cristo, não mais se restringe ao Matrimônio. Soria fazer injúria à dignidade de muitos. A Lei do Evangelho que é a Lei da Graça, nunca destrói, mas completa a natureza humana, a de ser-homem e a de ser-mulher.

---

##### 5. O Diaconato muito ajudará, mas não resolve o problema.

No mundo não-europeu há uma clamorosa falta de Sacerdotes de continência perfeita. Em nosso Continente nominalmente católico, e em todo o mundo em estado de missão, há dramática penúria de Sacerdotes, pastores e missionários. Como, em breve prazo, centuplicar o Sacerdócio da Palavra de Deus e de sua Homília, da Liturgia eucarística e de sua comunhão? Está de pé tudo o que disse nos números anteriores, notadamente sobre a Missa como ponto de partida para a renovação católica e sobrevivência da Igreja Católica em nosso Continente latino-americano. Torna-se claro assim que o Diaconado, conferido a solteiros ou casados, embora muito possa ajudar, NÃO resolverá, nem agora nem depois, o problema posto acima. O Diaconado suprirá a ação sacerdotal em caso de Viático aos moribundos, de assistência na distribuição da Comunhão, na pregação do Evangelho, na Encomendação dos mortos, no ensino do Catecismo, etc. Mas é de Sacerdotes que precisamos! Aos Diáconos, além dos mencionados ofícios, deveriam ser reservados os ofícios de nossas formas modernas de caridade assistencial e da administração temporal das nossas comunidades eclesásticas. Com a graça de estado diaconal, desempenharão estas tarefas de modo excelente, Libertarão os nossos pastores de almas dos cuidados temporais, administrativos e caritativos. Mas..., com as exceções necessárias, este Diaconado deve ser vivido sem ônus econômico para a Igreja, devendo os Diáconos ter, no mundo sócio-econômico, sua própria posição definida, que os torne providos, e independentes, para si e suas famílias, do -

11.

ministério eclesiástico, ao qual se consagra em regime de tempo livre e não integral.

- - -

6. O sacerdócio supletivo para os leigos casados, solução complementar, viável, a curto prazo.

A situação religiosa, realmente grave no presente e próximo futuro, nos leva, para alívio de nossa consciência pastoral, a formular a seguinte pergunta: é hora de pensar na criação de mais uma instituição sacerdotal, a do sacerdócio a ser conferido a homens casados, a fim de suprir a tremenda falta de sacerdotes celibatários no presente, ainda muito maior no próximo futuro? Com exclusão da missão de reger, governar e dirigir, este Sacerdócio, embora seja, pela Ordem, idêntico em tudo ao Sacerdócio presbiteral, não poderia, no aspecto da Liturgia da Palavra e da Eucaristia, desempenhar o papel de um sacerdote supletivo e auxiliar, de função limitada e parcial, em regime de tempos livres, de empenho facultativo, dentro dos limites do possível? Quer parecer-nos que este sacerdócio de casados, de espiritualidade conjugal e familiar, vinculado às limitações conjugais e familiares, respeitadas a primazia do estado conjugal e da vida familiar como obrigação própria e principal, no entanto, se presta a resolver pronta e poderosamente a nossa situação pastoral religiosa, e ao mesmo tempo, não deixa de encontrar também apoio no senso de amor conjugal e de paternidade familiar, que é peculiar aos casados, com todas as suas implicações sociais e econômicas.

Concordamos que os dois estados, o sacerdotal e o matrimonial, não se contradizem, embora limitem o exercício pleno um do outro; porém, mesmo assim, se prestam mutuamente auxílio mais que notável. Estão na linha, no prolongamento, um do outro.

- - -

Será que, para não perder tão séria batalha pela sobrevivência do Reino dos Céus em nosso Continente, e para facilitar nossa adaptação aos novos caminhos pastorais face às mutações sociológicas da hora, não convinha instituir, ao lado do Sacerdócio celibatário de exercício pleno, outro, supletivo e auxiliar, a ser conferido, - também por amor ao Reino em grave perigo de perecer, a homens casados, aptos e recomendáveis? Muito já se disse e se fez sem sairmos da es

taca zero. A fria observação dos algarismos precedentes, que acusan - por exemplo, uma só vocação para 50 000 almas, com desanimadora porcentagem de perseverança, nos convence da necessidade desse sacerdócio supletivo. Não podemos refugiarmo-nos no apelo a milagres e orações somente. O Espírito Santo age por meio de nós, homens dotados de juízo, energia e responsabilidade.

Nada se modificaria na tradição eclesiástica, mas introduzir-se-ia um elemento novo, um sacerdócio de intensa difusão, de homens casados há dez anos no mínimo, que celebrariam a Liturgia da Palavra e da Eucaristia em comunidades menores, em regime de oferta de tempo livre, conservando intacta sua condição conjugal, familiar, profissional e econômica, em dependência do Bispo e Pároco e por estes dirigidos em tudo e por tudo. Não auferem estipêndios, apenas oferecem -- tempo, trabalho e recursos. Entram para onde o Sacerdotes "oficial" -- não consegue penetrar, por não aceito. Cuidam de sua pequenina célula paroquial, em base familiar, sem maiores implicâncias pastorais. Reunem-se de quando em vez, acompanhados de suas minúsculas comunidades, em concelebração com o Pároco ou com o Bispo nos templos oficiais. Exercem seu sacerdócio na base do puro zelo apostólico, independentem da Igreja economicamente. Enfim, satisfazem em tudo, e correspondem aos aspectos, que comentamos nos três primeiros números.

Não duvidamos de que esse sacerdócio seja campo fecundo de vocações para o sacerdócio celibatário ou de exercício pleno. Seus pais, sacerdotes auxiliares, sentindo por experiência própria a limitação imposta ao seu sacerdócio por seu estado conjugal, experiência essa confirmada pelas espôsas, exortarão seus filhos a seguirem o caminho do sacerdócio no estado de continência perfeita. Os filhos, crescendo nestes lares "sacerdotais", atraídos pela beleza do Sacerdócio, optarão pelo sacerdócio de coração não dividido, para não sofrer a divisão sentida pelo pai. O Sacerdócio supletivo será escolhido berço do Sacerdócio celibatário.

---

#### 7. Os leigos candidatos a este Sacerdócio.

Em toda a parte encontramos homens casados que correspondem aos requisitos mencionados nas Cartas do Apóstolo São Paulo, respectivamente a Timóteo I, 3, 1-14 passim e a Tito 1, 5-10.

São nossas reservas oriundas de um passado próximo de formação religiosa seletiva ministrada por nossos colégios católicos, congregações marianas, irmandades do Santíssimo, conferências vicentinas, ações católicas e, mais recentemente, por nossos movimentos familiares cristãos e equipes de casais de Nossa Senhora. São eminentes chefes -

13.

da família, líderes de movimentos sociais, homens que cresceram e prosperaram na dedicação, na responsabilidade, lealdade, honestidade e perseverança. São espôso e pais modelares, econômica e socialmente mais habilitados, que provaram saber dirigir seus lares, animar reuniões e liderar empresas de porte. Impuseram-se à estima geral. São dotados de cultura, inclusive religiosa. De fé viva e ardente, de zelo e capacidade fora do comum, possuem larga fôlha de serviços prestados à Igreja e à sociedade. Bons espôso e pais, levam exemplar vida conjugal e familiar. Espôso e espôsa, após 10 anos de matrimônio feliz, provaram que sua união é estável. Marido e mulher, psíquica e espiritualmente sincronizados, crescem um para o outro em fé e apostolado, ambos animados dos mesmos ideais cristãos, bem unidos aos seus filhos. A espôsa concorda e, de sua parte, prestará a colaboração que lhe convém, se eleito seu espôso para o apostolado sacerdotal. Consulto: porque êste homens, em vez de apostolado leigo, não poderiam exercer um apostolado sacerdotal em domingos e feriados, numa noite de domingo ou dia útil, saindo para bairros distantes, subindo arranhacéus, e laborando nos grandes centros urbanos como clero supletivo?

Não há um Pároco sequer que, consultado a respeito, não indique imediatamente três ou quatro homens nestas condições, julgando-os excelentes candidatos ao sacerdócio supletivo.

Ainda temos, como candidatos, a legião dos ex-seminaristas maiores que, inteligentes e capazes, piedosos e bem formados, julgando-se aptos e chamados ao sacerdócio, por circunstâncias várias, não renderam a coragem de enfrentar o estado celibatário. Hoje são homens maduros e experimentados, bem casados e bem colocados, que não perderam sua formação eclesiástica até às portas do sacerdócio. O desejo do Sacerdócio ainda não morreu em seus corações...

---

#### 8. Apologia pro sacerdote extra viam.

Compreendo perfeitamente a objeção feita pelo Bispo de Cuernavaca (México), Sérgio Méndez Arceo na 124ª Congregação do Concílio Eumênico Vaticano Segundo, contra a recusa em princípio de desligar da obrigação do celibato aquêles sacerdotes que, por razões graves e comprovadas, foram dispensados de sua condição ou dignidade sacerdotal. Há numerosos sacerdotes que, ordenados quando ainda imaturos sob o ponto de vista pedagógico e psicológico, não conseguiram acomodarse ao estado celibatário. Após muitas lutas, ora bem, ora mal sucedidas, não conseguiram sustentar o carisma do celibato, embora amassem a graça e missão sacerdotais. Aos 22 ou 23 anos, receberam o sacerdócio em estado de "infantilidade". Não eram adultos ainda. Foram víti-

15.

Apresento a opção: ou centuplicar para já o sacerdócio mediante o supletivo ou arcar com a responsabilidade de perder a batalha na Catolicidade da América Latina... e, olhando para mais longe, perder a batalha missionária nos Continentes da África, Ásia e da Oceania, contra o crescimento demográfico e os impulsos renovados dos adeptos de Maomé e Buda!

A opção é real e grave!

Lins, 27/7/1965.

Fonte: Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).

## ANEXO XI

## Carta Indicando nomes e solicitando um coadjutor

Trata-se, de uma segunda carta escrita a nunciatura, nela Dom Paulo Koop atende a orientação de, além de indicar três nomes de padres, apresente, entre eles o nome de um Bispo já ordenado. Sua escolha, recai sobre aquele que em 1980 será seu sucessor, Dom Luíz Colussi

Ao Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor  
Dom Carmine Rocco  
DD. Nuncio Apostólico no Brasil  
Caixa Postal 07-0153  
70200 - BRASILIA - DF.

Lins, 16 de novembro de 1979

Prot. 23.085  
Prot. 23.408

Caro Senhor Nuncio Dom Carmine Rocco  
Saúde e Paz em Nosso Senhor!

Chegado o tempo, a meu ver oportuno, retomo  
minha correspondência com Vossa Excelência.

Rogo a Vossa Excelência que consulte em  
seu arquivo suas cartas de 16.11.1977 (Prot. Nº 23.085) - e de  
20.12.1977 (Prot. Nº 23.408), às quais correspondem, respecti-  
vamente, minhas cartas de 07.12.1977 - e 03.01.1978.

Os últimos dois anos foram de silêncio so-  
bre o assunto que ora retomo.

Continuando a cumprir meu mandato de bispo  
diocesano de Lins, e tendo a íntima convicção de que o exerci e  
exerço com prudência e firmeza, cumpre-me agora tornar a insis-  
tir no meu pedido a Vossa Excelência no sentido de obter-me a  
benevolência da Santa Sê em conceder-me um bispo coadjutor com  
direito a sucessão na Sê episcopal de Lins.

Venho, portanto, apresentar a Vossa Excelên-  
cia a lista, de minha parte inalterável, de quatro pessoas con-  
sideradas "personae gratae" para candidatos a essa sucessão.

Pessoas gratas não só à Diocese de Lins, mas também aos Senhores Bispos da Província Eclesiástica de Botucatu que, em sua reunião privativa de 31 de outubro de 1979, realizada em Lins, deram pleno assentimento à lista apresentada.

Igualmente os Senhores Bispos do Regional Sul I da CNBB deram a melhor acolhida aos nomes indicados em sua reunião privativa de 12 de novembro próximo passado, realizada em Itaici, como atesta Sua Excelência Dom Vicente Marchetti Zioni, Arcebispo Metropolitano de Botucatu, em carta a mim dirigida.

Os quatro nomes são os que seguem:

- 1º Dom Luiz Colussi, atualmente bispo auxiliar do Senhor Arcebispo de Londrina, Dom Geraldo Fernandes, C.M.F.;
- 2º Padre Mário Donato Sampaio, da Diocese de Sorocaba, atualmente Subsecretário da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, em Brasília;
- 3º Cônego Orídes Fraçoni, da Diocese de Lins, atualmente Pároco em Andradina e membro do Conselho Presbiteral;
- 4º Monsenhor Geraldo Eugênio Saleme, da Diocese de Lins e, atualmente, Vigário Geral da Diocese de Lins.

Vossa Excelência notará como modifiquei meu pedido de 1977, acolhendo a sugestão de Sua Eminência o Senhor Dom Sebastião Cardeal Baggio, e a de Vossa Excelência, para incluir um nome de um Senhor Bispo.

Caro Senhor Nuncio, para maior clareza que evite qualquer malentendido, exponho o que segue:

Obtido o benévolo e paternal atendimento, quanto antes melhor, do meu pedido formulado em termos de um bispo coadjutor com direito a sucessão, escolhido entre os quatro candidatos mencionados acima, pretendo visitar minha região natal em agosto e setembro do próximo ano 1980, quando ali come



morarei (10.08.1980) meus cinquenta anos de Sacerdócio, praticamente todos gastos na Pastoral paroquial e diocesana no Brasil, - e ainda meus setenta e cinco anos (04.09.1980) de Vida Cristã, pois fui batizado no mesmo dia em que nasci.

Depois de regressar ao Brasil em fins (outubro) de 1980, e tudo tendo corrido a contento, de acôrdo com meu pedido, não terei dúvida em apresentar meu pedido de exoneração do mandato fielmente cumprido de bispo diocesano de Lins.

Em tempo, ainda bispo diocesano de Lins, enviarei a Vossa Excelência e à Santa Sé meu 3º Relatório quinquenal.

Acontecendo, então, o que espero venha a acontecer, prefiro não receber nenhum título de Igreja "in partibus infidelium", ficando apenas com o título de Bispo resignatário de Lins, continuando a guardar residência Canônica no País e a participar das atividades da CNBB.

Rogo a Vossa Excelência de tomar conhecimento dos "Anexos" que acompanham a presente carta.

Com sentimentos de minha sincera estima e amizade, subscrevo-me fraternalmente em Cristo Senhor,

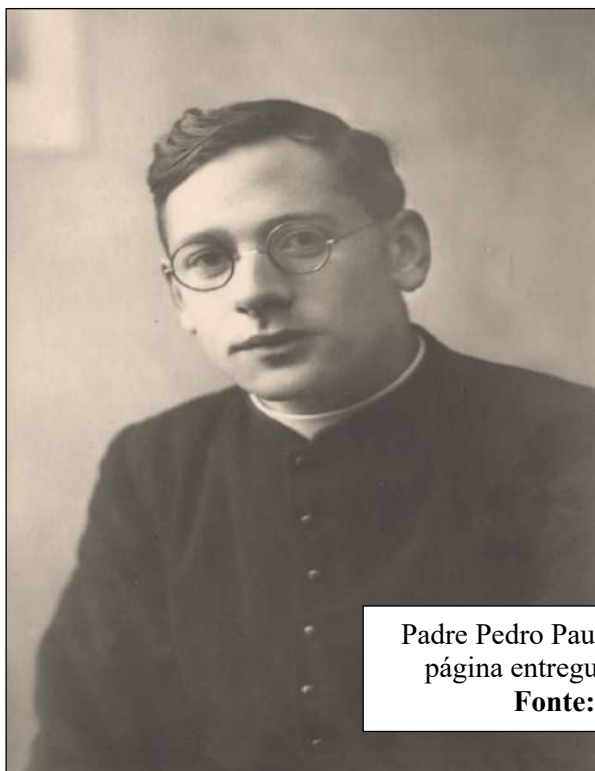
*+ Pedro Paulo Koop*

+ Pedro Paulo Koop, M.S.C. - *m. s.c.*  
Bispo diocesano de Lins.SP. *B.P.K.*

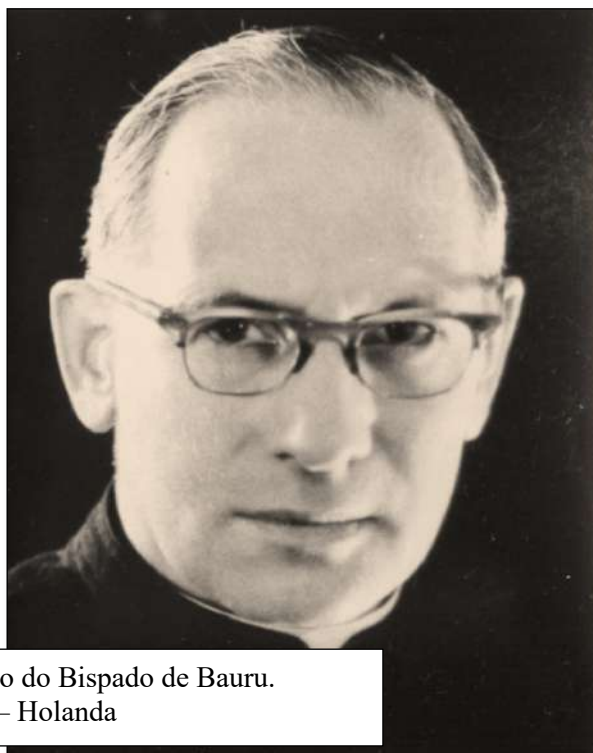
Fonte: Arquivo Mitra Diocesana de Lins(SP).

## ANEXO XII

## IMAGENS DIVERSAS



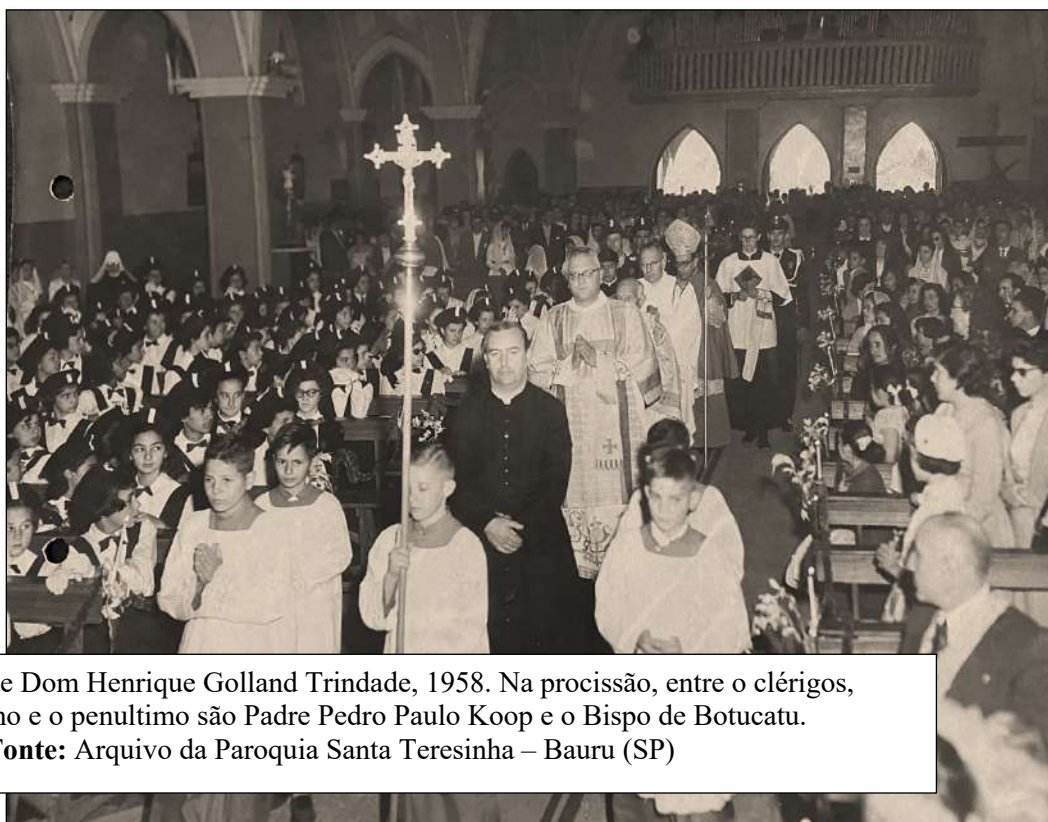
Padre Pedro Paulo Koop aos 24 anos. Foto que ilustrou o marca-página entregue aos fiéis quando de sua partida para o Brasil  
**Fonte:** Arquivo da Província MSC - Holanda



Padre Pedro Paulo Koop, 49 anos, Vigário Decano do Bispado de Bauru.  
**Fonte:** Arquivo da Província MSC – Holanda



Padre Pedro Paulo Koop, pároco da Paróquia Santa Terezinha por 16 anos, assistindo Matrimônio na sua matriz paroquial  
**Fonte:** Arquivo da Paroquia Santa Teresinha – Bauru(SP)



Visita Pastoral de Dom Henrique Golland Trindade, 1958. Na procissão, entre o clérigos, antepenúltimo e o penúltimo são Padre Pedro Paulo Koop e o Bispo de Botucatu.  
**Fonte:** Arquivo da Paroquia Santa Teresinha – Bauru (SP)



Batizado de Maria de Fátima, 01.02.1953 na paróquia Santa Teresinha  
**Fonte:** Arquivo da Paroquia Santa Teresinha – Bauru (SP)

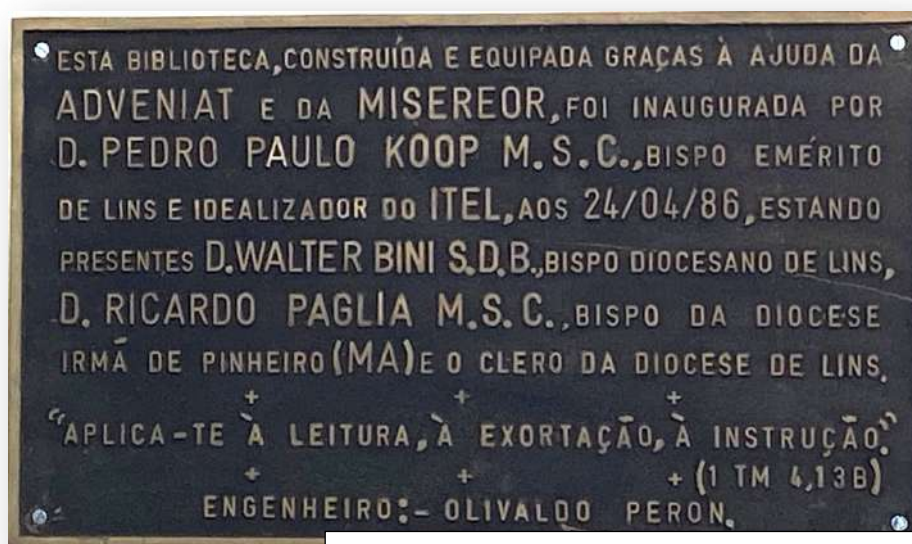


Padre Koop na Paróquia Santa Teresinha com catequista e catequisandos, sem registro de data.  
**Fonte:** Arquivo da Paroquia Santa Teresinha – Bauru (SP)



Lembrança da III Concentração do Círculos Católicos Estrela da Manhã em julho de 1959. O evento reuniu mais de cinco mil descendentes Japoneses em Bauru. A testa desse encontro estava Padre Pedro Paulo Koop, M.S.C. Na Ilustração a imagem da padroeira de sua congregação, Nossa Senhora do Sagrado Coração, com traços asiáticos.

**Fonte:** Acervo Pessoal de Padre Gilberto Gonçalves, M.S.C Delfim Moreira (MG)



Placa comemorativa posta na Biblioteca do ITEL em alusão a sua Inauguração. A obra, contou com o apoio de Dom Pedro Paulo Koop. Sua inauguração ocorreu em abril de 1986 por ocasião da visita do bispo Holandês, já emérito, ao Brasil.

**Fonte:** Arquivo pessoal do autor da Tese



Dom Pedro Paulo Koop, no dia da sua entrada na Diocese de Lins. 14.03.1965 – Detalhe, mão direita com chirotecoe (luvas).  
**Fonte:** Paróquia Santa Teresinha – Bauru (SP)



Dom Pedro Paulo Koop, oficiando missa Na catedral do Divino Espírito Santo (Bauru) no dia da sua ordenação, 09.09.1964 – Detalhe, sua mão com chirotecoe (luvas).

**Fonte:** Arquivo da Província MSC – Holanda

Dom Pedro Paulo Koop, foto oficial para divulgação de sua ordenação em Jornais.

**Fonte:** Arquivo da Província MSC – Holanda



Dom Pedro Paulo Koop, foto oficial para divulgação de sua ordenação em Jornais, jornal A Fé 08.09.2021. Detalhe, o bispo usando Ferraiolo.

**Fonte:** Arquivo da Casa Geral dos Missionários do Sagrado Coração – Roma - Itália



Placa inserida na entrada da Igreja de Santa Teresinha em  
Memória da ordenação de Dom Pedro Paulo Koop, M.S.C  
**Fonte:** Arquivo pessoal do autor da Tese

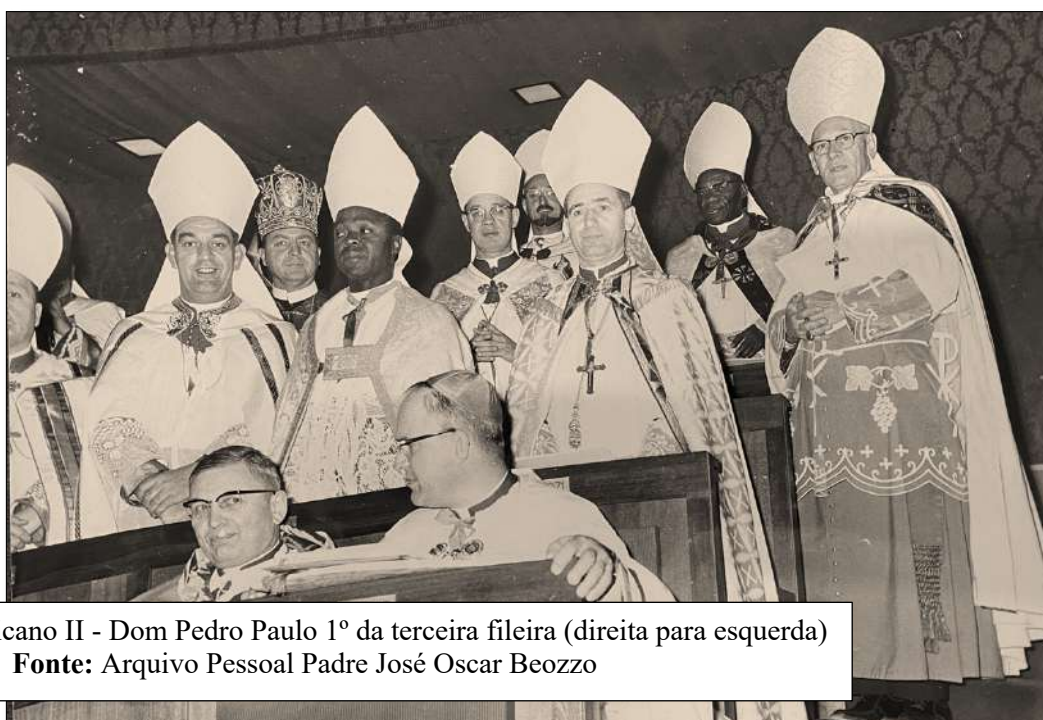


Paróquia Santa Teresinha - Diocese de Bauru(SP)  
**Fonte:** Acervo do Museu Histórico Municipal de Bauru





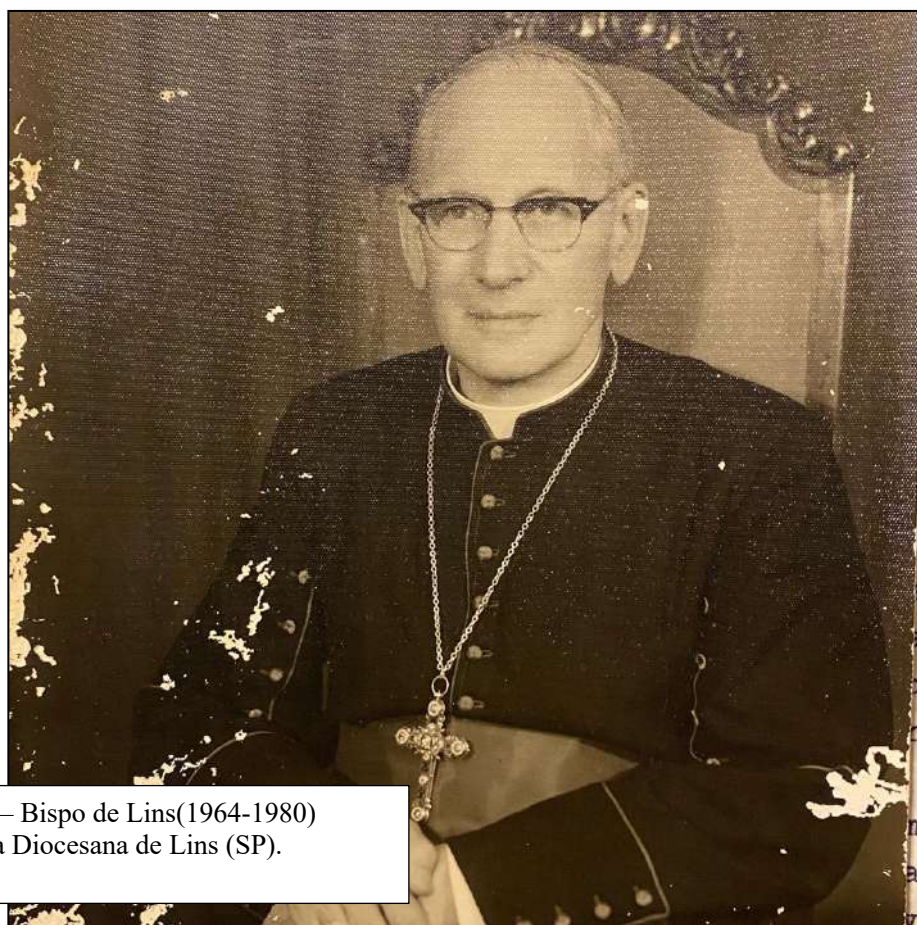
Concílio Vaticano II - Dom Pedro Paulo 1º da segunda fileira (da direita para esquerda)  
**Fonte:** Arquivo da Paróquia Santa Teresinha – Bauru (SP)



Concílio Vaticano II - Dom Pedro Paulo 1º da terceira fileira (direita para esquerda)  
**Fonte:** Arquivo Pessoal Padre José Oscar Beozzo



Entrada Solene de Dom Pedro Paulo Koop na diocese de Lins.  
Catedral Diocesana de Santo Antônio em Lins. 14.03.1965  
**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).



Dom Pedro Paulo Koop – Bispo de Lins(1964-1980)  
**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).



Pronunciamento do Bispo Diocesano de Lins Pedro Paulo Koop pela rádio Clube AM – Com o Jornalista Silvio Loddi – Década de 60  
**Fonte:** Flickr Memórias do Rádio em Lins.



Funcionários da Gráfica Todos Irmãos - Lins/SP. Da esquerda para a direita: Pe. João Coimbra (3º da esquerda para direita, de camisa branca e óculos), Pe. Francisco Claudino, Dom Pedro Paulo Koop, MSC e funcionários da Gráfica  
**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).



Dom Pedro Paulo com Jonkieen Quarker van Ufford e Albert Leopod Serruys -  
respectivamente Embaixador e Vice-cônsul dos Países Baixos (Holanda) Brasil.  
Inauguração dos prédios do IPPH em Lins (Bairro Junqueira) 25.09.1973  
**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).



Presidente do Instituto Nacional de Desenvolvimento Agrário Jerônimo Dix (3º da  
esquerda para direita) assinando contrato com a diocese de Lins em favor do IPPH  
**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP)



Bispos da Província Eclesiástica de Botucatu em Peregrinação a Cidade de Sete Lagoas (MG) em 1967. Dom Pedro Paulo Koop é o 6º da direita para esquerda em pé, de hábito branco.

**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP)



Dom Pedro Paulo Koop com os estudantes do primeiro e segundo ano do Seminário Interdiocesano de Filosofia das dioceses de Lins, Bauru, Marília, Assis e Presidente Prudente. Foto tirada no Instituto Teológico (ITEL) de Lins, 1978

**Fonte:** Arquivo Pessoal Padre José Oscar Beozzo



Dom Pedro Paulo Koop preside Missa dos Santos óleos em 1977  
**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).

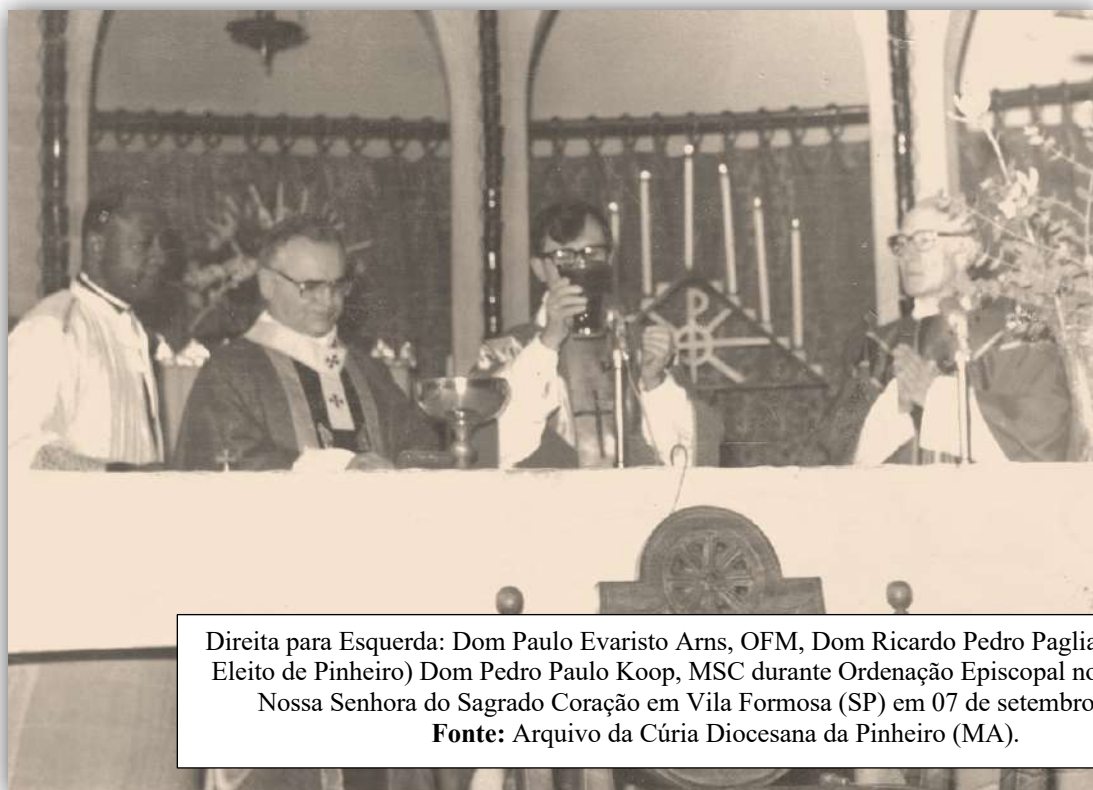


Dom Pedro Paulo Koop recebe Dom Paulo Evaristo Arns  
(primeiro a direita) no Concílio da Juventude em 1977  
**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).



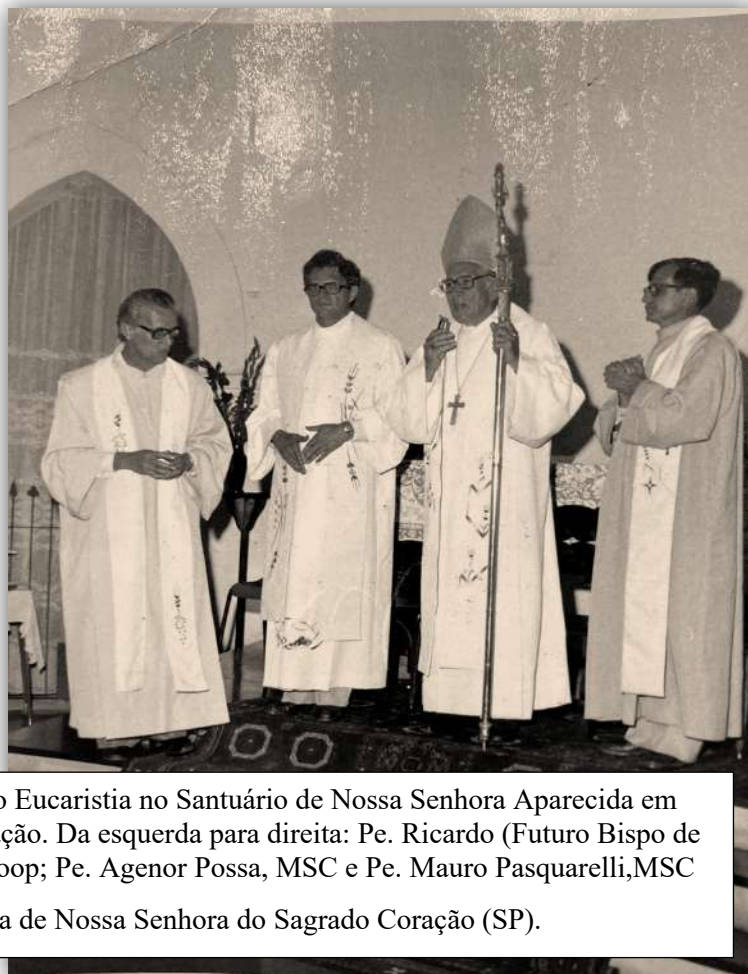
Direita para Esquerda: Dom Alfonso Ungarelli, MSC, Dom Paulo Evaristo Arns, OFM; Dom Pedro Paulo Koop, MSC durante Ordenação Episcopal no Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração Vila Formosa (07 de setembro de 1979)

**Fonte:** Arquivo Pessoal da Família Carneiro (SP).



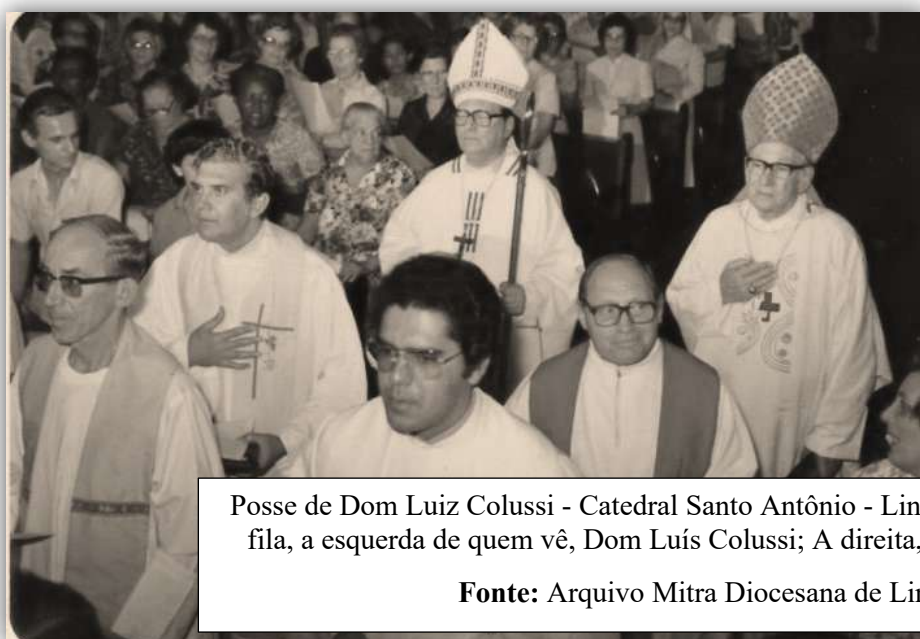
Direita para Esquerda: Dom Paulo Evaristo Arns, OFM, Dom Ricardo Pedro Paglia, MSC (Bispo Eleito de Pinheiro) Dom Pedro Paulo Koop, MSC durante Ordenação Episcopal no Santuário de Nossa Senhora do Sagrado Coração em Vila Formosa (SP) em 07 de setembro de 1979.

**Fonte:** Arquivo da Cúria Diocesana da Pinheiro (MA).



Dom Pedro Paulo Koop presidindo Eucaristia no Santuário de Nossa Senhora Aparecida em Bauru (SP), confiado à sua congregação. Da esquerda para direita: Pe. Ricardo (Futuro Bispo de Pinheiro-MA); Dom Pedro Paulo Koop; Pe. Agenor Possa, MSC e Pe. Mauro Pasquarelli, MSC

**Fonte:** Arquivo Revista de Nossa Senhora do Sagrado Coração (SP).



Posse de Dom Luiz Colussi - Catedral Santo Antônio - Lins - 11.10.1980. Ao final da fila, a esquerda de quem vê, Dom Luís Colussi; A direita, Dom Pedro Paulo Koop.

**Fonte:** Arquivo Mitra Diocesana de Lins (SP).





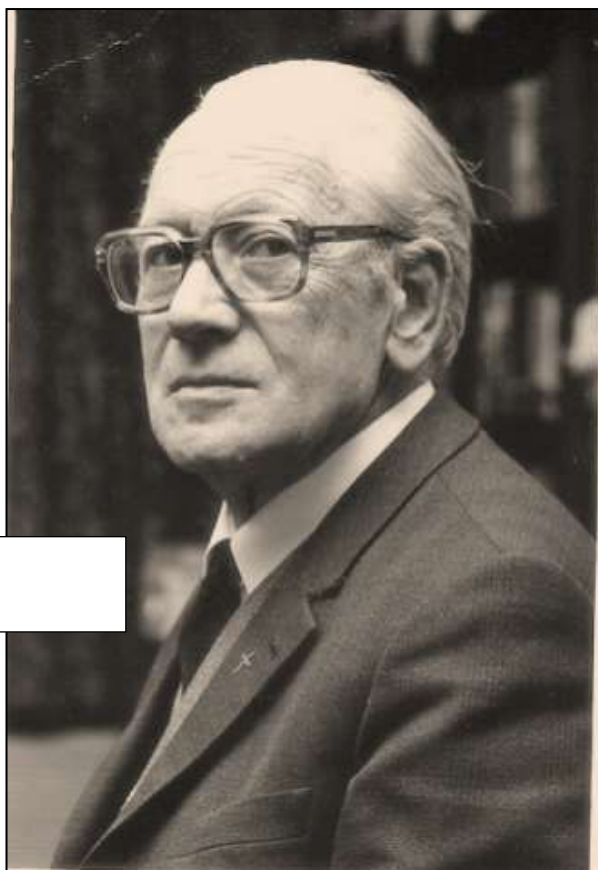
Cruz peitoral que pertenceu a Dom Pedro Paulo Koop, MSC

**Fonte:** Arquivo do autor da Tese



Cruz peitoral que pertenceu a Dom Pedro Paulo Koop, MSC é usada atualmente pelo bispo de Registo (SP) Dom Manoel dos Santos Junior, MSC.

**Fonte:** Arquivo do autor da Tese



Dom Pedro Paulo Koop, década de 70  
**Fonte:** Arquivo Pessoal Padre José Oscar Beozzo



Dom Pedro Paulo Koop, década de 80  
**Fonte:** Arquivo da Província MSC – Holanda